Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO — ISIDORO DUARTE SANTOS

ANO 3.º LISBOA, JANEIRO-FEVEREIRO DE 1942 N.º 15

O PODER MENTAL

FORMAS-PENSAMENTO E FORMAS ASTRO-MENTAIS. EGRÉGORAS

pelo Dr. António J. Freire

II

O termo genérico — *formas-pensamento* — ainda que vulgarizado por grande número de autores no seu significado global e totalitário, não é rigorosamente exacto na prática corrente das manifestações psíquicas da actividade humana no seu actual estágio evolutivo.

Sendo dado que a Humanidade é impulsionada profundamente no exercício do seu complexo psiquismo pelas emoções e paixões na maioria das suas manifestações intelectuais, conclui-se que as formas-pensamento em que só domine a substância mental na sua genuína pureza, não devem ser vulgares. Até mesmo as mais altas especulações abstractas, matemáticas ou filosóficas, não estão isentas da emoção inerente à natureza humana.

A maior parte dos nossos pensamentos são estimulados por emoções, sentimentos e desejos, determinados por estados de alma passionais, donde resulta organizar-se, não um simples pensamento projectado pela vibração do respectivo corpo mental, mas um *pensamento-emoção* de natureza mais complexa na sua dualidade. Esta entidade, com vida própria e autónoma, logo que seja projectada para o exterior (meio metetérico), é organizada pelas substâncias constitutivas dos corpos mental e astral (perispírito) e envolvida automàticamente pelas essências elementais correlativas aos mundos mental e astral.

Por êste motivo, alguns autores e clarividentes designam as formas ligadas simultâneamente às manifestações dos «pensamentos e das emoções» — *formas astro-mentais* — termo mais correcto por traduzir a sua dupla composição originária. Outros autores designam indiferentemente por *elementais artificiais*, tanto as formas-pensamento pròpriamente ditas, como as formas astro-mentais. Em geral, estas três designações são empregadas correntemente como sinónimas.

* * *

O estudo da origem, mecanismo e acção das formas astro-mentais abre novas vias

e uma extensa amplitude para o problema do conhecimento humano. É um dos capítulos mais proveitosos e fecundos em realizações práticas para todos aquêles que se interessam pela sua evolução individual, e queiram contribuir para acelerar o progresso espiritual da Humanidade. Ricos e pobres, sábios e incultos, podem prestar, independentemente do espaço e do tempo, os mais valiosos serviços à evolução individual e colectiva desde que saibam manejar a potentosa fôrça mento-emocional, apanágio de tôda a criatura humana, fazendo irradiar pensamentos de paz e de fraternidade, traduzidos em preces sinceras e fervorosas.

Todo o homem digno e honesto sabe medir e orientar os seus actos e palavras dentro duma impecável linha de conduta moral, mas, infelizmente, poucos são aquêles, por emquanto, que sabem compreender e avaliar devidamente a grande responsabilidade e nocividade dos maus pensamentos que julgam ficar recônditos no seu íntimo mais oculto. Por vezes, muitas vezes até, um pensamento impregnado de ódio ou de inveja, de vingança ou de ingratidão, tem uma acção incomparavelmente mais nefasta e duradoura do que os maus actos ou palavras, tal é o poder irradiante dos pensamentos-emoções recalcados e repetidos. Em geral, a malquerença e as pragas regressam, intensificadas, à sua fonte de origem. O estudo do dinamismo das formas astro-mentais explica cabalmente esta complexa trajectória, dando uma solução para a compreensão doutros fenómenos supranormais.

* * *

As formas astro-mentais, provenientes do dinamismo inerente à génese da infinita variedade dos pensamentos e emoções, são constituídas por três elementos fundamentais:

1.° — A projecção para o meio exterior atmosférico (metetérico) duma forma flutuante, variável nos seus contornos e coloração com a natureza do pensamento-emoção, constituída por substâncias fluídicas provenientes dos respectivos corpos mental e astral (perispírito);

2.° — Um envólucro de essência elemental atraída do meio ambiente;

3.° — Uma vibração propagando-se em todos os sentidos à semelhança das ondas hertzianas em que toma parte activa a essência elemental.

A essência elemental é, em última análise, uma degradação da essência monádica no seu arco descendente, impregnando e vivificando tôda a extensão dos mundos causal, mental e astral (1).

No ponto de vista geral, a vibração irradiando da forma astro-mental tem uma acção colectiva infinitamente superior pela sua maior amplitude à forma astro-mental pròpriamente dita. Emquanto as ondas vibratórias tendem a provocar pensamentos-emoções de natureza *análoga,* a forma astro-mental determina no percipiente ou receptor um pensamento e emoção *idênticos* aos emitidos pelo agente-emissor. Assim: as ondas vibratórias irradiando duma prece fervorosa a Jesus Cristo pela paz da Humanidade despertará o sentimento religioso próprio a cada indivíduo na sua esfera de influência e confissão religiosa: *idêntico* para os cristãos, *análogo* para os crentes doutras confissões religiosas — para os budistas despertará a sua adoração e anseio de paz por intermédio de Buda; para os muçulmanos por Alah; para os hindus Krishna; para os brâmanes Brama; para os judeus Jeová; para os parses Ahuramazda, etc. O conteúdo, a essência e a alma da entidade astro-mental desta prece a Jesus, pela sua natureza cristã, só poderá penetrar e fundir-se na aura dum devoto cristão por só nela encontrar a sintonia correspondente à identidade do seu pensamento religioso numa harmónica correspondência vibratória.

Compreende-se, assim, o alto valor da prece, independentemente da confissão religiosa a que pertençam os crentes, pelas correntes vibratórias de religiosidade que lançam através do espaço, despertando e vivificando o sentimento espiritual em todos os crentes seja qual fôr o seu credo religioso.

Essas vagas de religiosidade difundindo-se em todos os sentidos, de polo a polo, de mundo a mundo, não têm o condão de actuar sôbre materialistas, ateus e agnósticos de forma a operar conversões imediatas por não existir a afinidade psíquica, a receptividade indispensável para essa

(1) Coronel A. Powell — *Le Corps Mental.* trad. franc. Paris, 1929.

ordem de pensamentos entre crentes e ateus, estes, pela sua irreligiosidade, refractários e assintónicos a tôdas as correntes espiritualistas. Entretanto, as preces dirigidas a todos aquêles que não participam de crença ou sentimento algum religioso vão concorrer para a sua futura espiritualidade, despertando, embora lenta e gradualmente, a substância do sector religioso latente, inerte e embrionária nos seus corpos espirituais.

A ciência clássica, oficializada nas Universidades, «os espíritos-fortes», os livre-pensadores, (adoptando, aliás, por bandeira uma fanática e insubsistente irreligiosidade materialista), ridicularizando a prece e o sentimento religioso, mal se apercebem do seu complexo dinamismo e do efeito benéfico que exercem na intensificação religiosa da Humanidade, uma das bases fundamentais da sua evolução moral e espiritual, terrestre e supra-terrestre.

Não é dentro do negativismo e do ateísmo que podem radicar-se, florescer e frutificar as ideologias mais belas e sedutoras, seja qual fôr o seu valor intrínseco nos pontos de vista político, económico e social porque na sua execução prática só impera o egoísmo e tresloucadas ambições. O seu máximo rendimento, a marcha triunfante do progresso humano, sem colisões, sem dissonâncias, as legítimas reivindicações sociais e proletárias, só serão obtidas na plenitude das suas realizações e direitos quando os falsos condutores dos povos tiverem compreendido os dois polos onde gravita a evolução espiritual — *a liberdade e a fraternidade cristã* — quando a Humanidade compreenda, pela inteligência e pelo sentimento, o Divino Plano da Criação, visualizando a luminosa avenida que tem de percorrer através do reencarnacionismo e do karma a-fim-de atingir o seu destino glorioso e divino.

* * *

A vitalidade das formas astro-mentais e a amplitude das suas ondulações são variáveis no tempo e no espaço proporcionalmente ao esfôrço volitivo e à tensão emocional dos seus progenitores, podendo manter a sua energia e actividade, benéfica ou maléfica, durante anos e séculos, particularmente quando fundidas idênticas formas astro-mentais num mesmo núcleo, congregando-se e alimentando-se sinergicamente por pensamentos-emoções do mesmo grau e ritmo vibratório, constituíndo, assim, as *egrégoras*.

No seu significado moderno, as egrégoras são entidades mento-emocionais colectivas, aglomerando intimamente um número variável de formas astro-mentais provenientes de origens diversas, mas idênticas pela sua atracção sintónica, igual ritmo vibratório e a mesma finalidade, dispondo, por vezes, dum potencial de fôrça considerável durante séculos sucessivos.

As egrégoras são factores de capital importância nos resultados obtidos nas «cadeiras mágicas» e em grande número de fenómenos supranormais, anímicos e espiritas.

Em todos os tempos, tanto a magia branca (teürgia), como a magia negra (góecia), se serviram dêstes elementais-artificiais-colectivos para beneficiar a Humanidade, para acelerar ou retardar o progresso mundial. Lutas temerosas se têm travado, entre as egrégoras ao serviço do Astral superior e do Astral inferior nelas comparticipando, mais ou menos conscientemente, muitos dos habitantes terrestres, nomeadamente durante e depois das guerras contemporâneas.

Por vezes, as egrégoras formadas nas associações e colectividades humanas constituem o ponto de apoio para a acção benéfica ou nociva dos espíritos desencarnados que as ficam manobrando, insuflando-lhes nova energia, mas sem poderem alterar o seu objectivo.

Ao termo egrégora tem correspondido, no decurso dos séculos, significados os mais variados, confusos e incongruentes, nas escolas ocultistas antigas e modernas.

Henoch designava por egrégoras os Beni-Elohim, a que faz referência o cap. VI da Génesis mosáica, que, descendo à terra, desposaram as filhas de Set, procriando «Gigantes», transmitindo-lhes o conhecimento das artes magníficas da goécia.

Elifas Levi, talvez influenciado por Henoch, considerava as egrégoras como legiões de espíritos temerosos e malfazejos ainda que insuficientemente caracterizados. Mais tarde, E. Levi, tomando talvez em consideração o significado etimológico do termo egrégora — amparo, protecção, vigilância — definiu-as como uma hierarquia de espíritos superiores, de acção e de

energia, dirigindo as almas no seu progresso espiritual.

Algumas escolas ocultistas orientais consideram as egrégoras, umas vezes, como categorias de sêres cujo corpo fluídico e essência são tecidos de «Luz Astral»; outras vezes, como «sombras eterizadas» de espíritos planetários de ordem superior.

Para alguns autores as egrégoras correspondem aos Anjos da Guarda dos católicos.

Na literatura neo-espiritualista as egrégoras não correspondem a espíritos propriamente ditos, não tendo individualidade própria e original, nem duração indefinida, representando apenas a fusão de pensamentos e emoções, idênticos por natureza e finalidade, atraíndo-se por afinidades psíquicas e vibratórias similares, organizadas por substâncias mental e astral, tendo por envólucro as essências elementares correspondentes.

* * *

Se uma simples forma astro-mental de carácter individual, quando enunciada mentalmente com precisão e vigorosa tensão volitiva, pode produzir efeitos assombrosos, maléficos ou benéficos, quer pela idéia que a organizou, provocando no corpo mental do percipiente pensamentos idênticos e emoções similares no seu corpo astral, quer pelas vibrações que irradia influenciando todos aquêles que se encontram em sintonia dentro do seu raio de acção, fácil é comprender a acção dinâmica duma egrégora que, como entidade colectiva, actua como uma bataria de acumuladores mentais e emocionais na sua vasta esfera de influência.

Muito embora só visível aos clarividentes proficientemente treinados, êste potencial de fôrças mento-emocionais egregorizadas envolve nas suas ondulações tôda a Humanidade, que a seu turno, mais ou menos conscientemente, vai reforçando com as suas energias psíquicas, projectando para o exterior um manancial de imagens e de formas astro-mentais que vão influir na estrutura do seu carácter e na sua linha de conduta.

É neste oceano fluídico de imagens e de *larvas,* tecidas das substâncias mental e astral do perispírito, mais ou menos egregorizadas pelas suas afinidades psíquicas e ritmo vibratório, que todos nós vivemos e agimos, muitas vezes influenciados pela sua acção nociva que, infelizmente, prevalece na época presente devido ao atrazo moral e perversão geral que dominam o nosso planeta.

A estes centros irradiantes de fôrças emocionais, maléficas e nefastas, de efeitos reversíveis onde encontrem a mais insignificante brecha nas auras do seu campo de acção, só poderemos opôr uma barreira intransponível purificando os nossos pensamentos e sentimentos dentro dos preceitos cristãos e cultivando na vida íntima e social um elevado e nobre Ideal espiritualista. Desta forma, as auras psíquicas assim organizadas pela subtilidade e pureza das suas substâncias perispirituais saberão repelir todos os ataques das egrégoras ascendentes, provocadas e dirigidas por espíritos desencarnados ou encarnados, que serão vítimas do «choque de retôrno», e, assim, «o feitiço voltar-se-á contra o feiticeiro».

* * *

Todos os agrupamentos humanos, sociedades e associações, religiosas, científicas, políticas, comerciais, etc., possuem as suas egrégoras privativas resultantes da integração dos pensamentos e sentimentos similares dos seus fieis e filiados, reünidos em volta dum ideal comum. A comunhão de ideal ou de interêsses numa plena harmonia do conjunto, sem dissonâncias malévolas por parte dos membros de qualquer colectividade, em especial de carácter religioso, imprime um vigoroso e benéfico *elan* à correspondente egrégora que, assim, se transformará numa vigorosa fôrça de protecção e vigilância perante todos os associados, assumindo as proporções dum verdadeiro e dedicado Anjo tutelar, particularmente quando um espírito desencarnado toma a seu cargo a revitalização e direcção dêsse elemental colectivo. A discórdia ou malevolência entre os associados de qualquer colectividade pode provocar a desintegração e morte da egrégora privativa, podendo resultar dêsse facto graves prejuízos morais e materiais para os respectivos associados.

É sempre conveniente pedir o patrocínio dum espírito superior para padroeiro de

UMA HISTÓRIA DE MACACOS

pelo Coronel Faure da Rosa

LI, há tempos, num jornal que, no Estoril, um automóvel onde viajava um «senhor de importância», chocara com outro carro, tendo resultado um ferido de gravidade, pelo menos, dentre os passageiros do segundo veículo. O «senhor de importância» deu-se pressa em sair do automóvel e desatou a correr para a estação próxima do tramuei eléctrico. Nem olhou para trás, tão açodados andam sempre êstes «senhores de importância».

Eu pus-me, então, a recordar aquêle velho macaco babuíno que, após perigosa marcha, acorrêra à rectaguarda para salvar um meúdo da sua espécie, todo transido de pavor no pedregulho em que se alcandorara e que a matilha ameaçadora rodeava. Eis o caso.

Conta Axel Munthe (1) que, no Jardim Zoológico de Paris, havia uma espécie de «Aldeia de Macacos», onde, nas grades duma gaiola, se lia o seguinte dístico: *Babuíno — Velho macaco da Abissínia.*

O babuíno é um grande macaco de África, e dá o seu nome a uma das seis espécies conhecidas de cinocéfalos: quer dizer, de macacos cuja cabeça se assemelha à do cão. A parte superior do corpo é dum amarelo esverdeado e o focinho alongado tem o aspecto de carne lívida. A cauda é, geralmente, comprida. Acrescente-se a isto o ornamento dum par de suíças largas, esbranquiçadas, e poderá fazer-se idéia de quanto é cómica, risível, a figura do babuíno.

Os cinocéfalos vivem em bandos conduzidos por macacos machos, velhos. É notável a coragem com que se defendem tanto do homem como de todos os animais que os atacam.

Depois dos antropóides, os cinocéfalos são considerados os maiores macacos conhecidos. Alguns dêles chegam a atingir a altura de 1m,30.

Pois o *babuíno, velho macho da Abissínia,* estava sentado dentro da gaiola e parecia mergulhado em graves reflexões. De tempos a tempos, porém, lançava um olhar rápido em volta de si, um olhar inteligente onde se descobria uma ponta de malícia.

Quando o negro tratador se aproximava da gaiola, o babuíno mostrava-lhe uma fiada de dentes brancos muito pouco diferente da dêle. O negro, de quando em quando, aconselhava

(1) *Hommes et Bêtes.*

---

qualquer colectividade, sob invocação e preces dos seus filiados.

* * *

A influência das egrégoras tem uma prodigiosa acção na génese e estrutura, das qualidades e defeitos, de virtudes e vícios, de antipatias e simpatias, dos preconceitos e superstições, nas raças, nações e povos mundiais, provocando e alimentando pela sua potente acção vibratória pensamentos e sentimentos congéneres donde têm resultado os mais sangrentos conflitos raciais.

A egrégora ateísta e agnóstica, que ainda domina e obscurece o pensamento contemporâneo, é um exemplo clássico do poder acumulado pela actividade científica dos últimos séculos, continuando a reagir depois da refutação integral do materialismo por sábios de envergadura de Hans Driesch, Bergson, G. Geley, E. Bozzano, e tantos outros sábios de valor consagrado, baseados, em grande parte, nos fenómenos supranormais no domínio do Espiritismo e da metapsíquica. A Egrégora Crística certamente acabará por dominar a Egrégora materialista na sua íntima e fecunda aliança com a Egrégora Neo-espiritualista.

O triunfo do espírito sôbre a matéria está assegurado dentro do dinamismo evolutivo para que a Humanidade, expurgada da sua natureza animal e passional, possa ascender às suas possibilidades divinas através do altruísmo e da fraternidade humana, tendo por modêlo Jesus Cristo, o Homem-deus.

o público a não aceitar a mão rugosa que o velho macaco oferecia pelo intervalo dos varões de ferro, e, a-propósito, contava que o macaco traçara o dedo polegar duma velha dama que se entretivera a arreliá-lo com a sombrinha. Talvez por virtude desta recordação é que Axel Munthe ia sempre prevenido com um pedaço de açúcar...

Êste macaco, ¿seria descendente do heróico e velho babuíno que Brehm encontrou uma vez na Abissínia?

É a história da heroicidade dêste velho babuíno que vale a pena ler e meditar.

Um dia, durante uma das suas expedições científicas, Brehm — célebre naturalista alemão, autor da *Vida dos Animais* (1829-1884) — encontrou um grande bando de babuínos que marchavam ao longo dum estreito desfiladeiro em direcção a uns rochedos elevados. Ainda a guarda da rectaguarda desta tropa não tinha saído da estreita passagem, quando os cãis de Brehm se precipitaram para lhes cortar o caminho.

Ao verem o perigo, os babuínos, que já tinham alcançado os primeiros rochedos, vieram em socôrro dos atacados; e tais gritos soltaram que os cãis retiraram.

A tropa dos babuínos, em fila indiana, continuou a marcha interrompida; mas, de novo, os cãis se atiraram em sua perseguição. Entretanto, todos os macacos tinham atingido os rochedos, onde estavam em segurança, excepto um, pequeno, que ficara atrás. Os cãis rodeavam-no, de goela aberta, e o macaquito, com gestos aflitivos, lá conseguiu trepar para um pedregulho.

Então, um velho babuíno desce dos rochedos, sózinho, e, pela segunda vez, avança para o pedregulho a que o pequeno macaco trepara e se agarrava: acaricia-lhe as costas, ergue-o com carinho e leva-o, triunfantemente, ali mesmo, no nariz da canzoada, de tal forma surpreendida e impressionada, que nem tempo teve para se atirar a êle.

Não é necessário ter lido Darwin para nos convencermos de que êste macaco é um herói.

* * *

Axel Munthe tem observado que até os espectadores de «bom coração» têm o ar de quem não sente grande pena pelos macacos cativos. O macaco — escreve Munthe — desempenha na «menagerie» o mesmo papel que Dom Quichote na literatura: o observador superficial considera-o exclusivamente cómico e ri-se dêle. Mas, quem o observar com mais atenção, reconhece que a vida do macaco, detrás das grades da gaiola, é uma verdadeira tragédia como o livro imortal de Cervantes.

Quem observar o macaco engaiolado, com cuidado, sente uma terna simpatia misturar-se com os seus sorrisos. Há afinidades entre êsses dois tipos antiquados: «Dom Quichote continua a desempenhar o seu papel de herói errante muitíssimo tempo depois do desaparecimento da epopeia da cavalaria; e o macaco, de face velosa, fantasma do mundo animal transitório, reflecte já a alvorada do dia do nascimento do homem.

«O babuíno pode parecer muito feio, mas como a apreciação da beleza é um acto inteiramente individual, muitíssimo provável é que, por seu lado, o babuíno também nos ache a nós muito feios».

Quem não puder reprimir o riso quando olhar para êste macaco, evite que êle se aperceba, porque — como todos os macacos — o babuíno irrita-se se troçam dêle.

«Êsse velho babuíno é profundamente desgraçado: mais inteligente que os outros animais da «menagerie», a sua capacidade de sofrimento é maior, porque todos nós sabemos que o sofrimento é função intelectual. Só o macaco compreende a sua situação desesperada, e a sua actividade cerebral incessante, impede-o de se resignar com a sua triste sorte.

«Mas em compensação, o macaco possui um senso que falta aos outros animais. Êsse senso, que o não deixa cair na hipocondria, é o seu humor. Todos que têm podido observar o macaco em sociedade, quer no Jardim de Aclimação, em Paris, quer no Zoo, em Londres, sabem que o macaco nasce humorista. Êsse humor não abondona, até nem o pobre macaco solitário. Mais duma vez, depois de ter estado a olhar a cara expressiva do velho babuíno, eu preguntei a mim mesmo se êle não troçava de mim».

* * *

Parece que os macacos e outros animais, a que teimamos chamar «inferiores», praticam melhor a solidariedade do que os homens...

Entre nós humanos... é uma lei quási constante (1) passar-se metade da vida em guerra. Um francês chamado Laponge, calculou que de 1100 a 1500, a Inglaterra esteve du-

(1) André Marois: *Les Silences du Colonel Bramble.*

zentos e sete anos em guerra e duzentos e doze desde 1500 a 1900. Á França correspondem, respectivamente, cento e noventa e dois e cento e oitenta e um anos. Laponge calculou que a guerra mata dezanove milhões de homens em cada século. O sangue dêstes homens — afirma o mesmo escritor — encheria três milhões de tonéis de cento e oitenta litros cada um e alimentaria uma fonte sangrenta de setecentos litros por hora desde o começo da história.

É assim que os homens praticam a máxima de Jesus Cristo—«Amai-vos uns aos outros».

O espírito colectivo mais danoso, é o de raça, cujo princípio fundamental é a desagregação humana, a satisfação de interêsses pessoais à custa de outros homens de outras nações. A tendência do «espírito de raça» é necessàriamente destruïdora, portanto impeditiva da evolução e, como tal, contrária à doutrina cristã.

O ideal do Cristianismo está num cume demasiado elevado para que o homem de hoje o possa atingir. A inteligência humana compreende, mas de *maneira abstracta,* a beleza do ideal cristão, o qual quere que nós amemos os nossos inimigos; mas na vida corrente, o homem deixa-se conduzir pelo corpo do desejo e dá como desculpa da sua acção egoísta, ambiciosa, vingativa, a necessidade de proteger o organismo social...

¿Que vale um homem, milhares, milhões de homens?...

Bernard Show, o cáustico ironista, em *The man of destiny,* fantasia Napoleão em colóquio com um estalajadeiro que lhe diz:

— «Nós, os estalajadeiros, temos fartura de vinho e barato. Então, é-nos indiferente vazá-lo nos rios... Vós outros, grandes generais, tendes muito sangue ainda mais barato; por isso vos é indiferente derramá-lo».

—«O sangue não custa nada» — respondeu Napoleão; «ao passo que o vinho... êsse custa dinheiro».

¡Como os homens se *amam* uns aos outros! Oh!... A Civilização Cristã dos homens!...

A medicina precisa de caminhar. A dor humana varia ao infinito e necessitamos de meios, também infinitos, para atenuá-la, para minorá-la, o que será encontrado no estudo e no conhecimento da ciência espiritual.

Com a chave do Espiritismo e com a luz da experimentação, poderemos abrir as portas e iluminar êsse mundo infinito, não descortinado pelos nossos sentidos materializados.

Dr. Inácio Ferreira

Que estará para acontecer?

por Léo

NÓS não sabemos, não o sabe ninguém. Mas aquêles que acima de tudo respeitam a vontade divina, apercebendo-se que a vida, mais de que prazer e uma esperança é principalmente um dever, estarão prontos para o que vier. ¡Que a vontade de Deus seja feita! Porque se é certo que o mal nos vem da acção dos homens, certo deve ser também que o poder divino presidirá aos nossos destinos, e que se a tempestade desabou sôbre a terra com tôda a violência de que é capaz a brutalidade e a inferioridade humana, nem por isso a justiça de Deus nos abandonará. E aquêles que vivem mais pelo pensamento do que pela acção, já terão observado que o mal é necessário para trazer ou aproximar o bem. Não nos alarmemos, pois. Qualquer que tenha de ser o nosso sacrifício, estejamos prontos para recebê-lo, corajosamente, em nome de Deus, por amor de Deus.

A vida apresenta-nos constantemente as suas duas faces, tão opostas: a alegria e a dor. A primeira, quando chega até nós torna-nos leves, ligeiros, porque ela canta e sorri — e conduz-nos à inconsciência; a segunda, ao contrário, torna-nos pesados, sombrios, porque ela geme e chora — mas ensina-nos a pensar. E se, de momento, a primeira tem tôda a nossa simpatia, porém, depressa se afasta, nada mais deixando do que uma desilusão, a dor, pelo contrário, se é suportada com paciência, com a convicção dum dever que se cumpre, além da consoladora sensação que nos dá todo o sacrifício consciente e resignado, tem beleza, tem elevação.

Infelizmente, não costumamos ter o espírito em condições de suportar o sofrimento sem essa lamentação dolorosa de vítimas inocentes, — quando não é com desespêro ou com revolta. Mas felizes daqueles que impregnados de Fé e de amor divino, de beatífica aspiração, se comprazem com a amargura, convictos, certos de que nesse martírio está a sua purificação. Efectivamente, em cada mágoa sofrida, em cada angústia suportada com devoção piedosa, ¡quanto benefício para a nossa alma, e que gigantescos passos teríamos avançado no caminho da libertação! Tudo nos prova que o martírio traz em si,

A REENCARNAÇÃO

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

I

DEPOIS de *O Problema da Morte*, no qual analisámos uma parte do livro *A Morte*, de Maurice Maeterlink, assim como *A Crise da Morte*, de Ernesto Bozzano, vamos agora completar êsse estudo palpitante com o presente artigo, como complemento natural da análise às considerações, nem sempre justas, que o citado autor belga fez aos estudos psíquicos empreendidos com notável êxito pelos autores espiritas e teosóficos de todos os continentes.

Acentuámos que Maeterlink era um filósofo martirizado pela dúvida e que, dando largas ao seu pensamento admirável, se mostrava insaciável de infinito, porque tôdas as hipóteses neo-espiritualistas, por mais audaciosas que fôssem, não o satisfaziam por completo.

Dissemos também que êle era honesto nos seus processos críticos, colocando-se sempre à margem de tôdas as filosofias ou religiões, não se filiando em nennhuma dessas correntes, para melhor perscrutar a verdade entrevista em tôdas elas.

Esta atitude só honra quem a assume, como o tem feito aquêle grande pensador flamengo.

Todavia, êle presta homenagem aos esforços titânicos dos investigadores neo-espiritualistas e confessa que «*ainda não chegou a hora de se tirarem conclusões*» duma ciência nascida há menos de um século.

Uma confissão destas, feita por um intelectual dos mais categorizados da literatura mundial, só nos desvanece e incita na pesquisa de novas verdades para se completar o quadro, já vastíssimo, do panorama científico do psiquismo moderno.

Afirmámos também no último artigo que seria difícil qualificar Maeterlink como escritor e filósofo, mas aventámos que êle poderia ser classificado como um crente vencido mas não convencido, em virtude das provas esmagadoras e insofismáveis que o Espiritismo lhe forneceu, embora não satisfizessem por completo o seu espírito torturado pelas dúvidas inquietantes.

Em todo o caso, o facto dêle se inclinar para a nossa hipótese explicativa é a prova da superioridade dos nossos postulados e o reconhecimento da honestidade dos nossos processos de investigação, neste domínio da ciência.

Dissemos também que Maeterlink tratava

---

oculto sob o seu feio manto negro, um facho de luz.

É todavia certo que a angústia moral como o padecimento cruciante do nosso miserável corpo, custa muito a suportar; mas custará incomparàvelmente menos se em vez de nos lamentarmos, considerando-nos desgraçados, nos dispusermos a receber essa prova como remédio purificador, como libertação dum mal que nos tolhia o passo, que nos impediria de alcançar o bem, a felicidade, a paz. Um sofrimento que sendo inevitável para nos libertar dum pesado fardo, não deveria ser aceite de má vontade, mas ambicionando a coragem de o tolerar até ao fim com estoicismo, com fervor religioso. Porque o melhor está para vir.

Antes, porém, nós teremos, talvez, que nos revestir de paciente resignação. Dêmos então a esta vida o seu verdadeiro sentido, como passagem, que é, para a depuração das nossas almas, e não como é costume pretender-se que seja, uma estação de prazeres e de bem-estar.

Disponhamo-nos a sofrer, para ganhar; para depois nos regosijarmos de ter sofrido e sabido sofrer.

Nós não viemos buscar a dor, mas se ela nos fôr imposta, tenhamos a coragem de a receber com um belo gesto espiritual, em que haja grandeza.

¿Como adivinhar o que nos caberá desta magia negra que o desvario fez cair sôbre a terra?!

admiràvelmente do assunto da Reencarnação no seu livro já citado, e que êsse têma seria o alvo dêste artigo. É o que vamos agora tentar e para êle pedimos a benevolência dos leitores, atendendo a que ainda estamos muito longe de possuir a competência desejada para enfrentar um têma tão importante e de tantas responsabilidades, como o da Reencarnação.

Entretanto, confiados nessa benevolência, vamos, desde já, sem mais delongas, entrar nesse capítulo, um dos mais interessantes e talvez de mais vastas repercussões nos sectores infensos, que o Espiritismo sustenta e defende perante tôdas as filosofias e religiões predominantes na Europa e na América.

As experiências do Coronel De Rochas

Maeterlink demora-se com certo prazer intelectual na análise das provas científicas da palingenésia e da transmigração das almas, mas omite os argumentos de ordem moral ou sentimental que todos os escritores espiritas põem em relêvo, como conseqüência da aplicação prática dêsse postulado.

Quanto às provas deduzidas das aptidões inatas do génio ou mesmo de certas crianças-prodígios, aptidões para êle *bastante inexplicáveis,* e que relega para *as leis desconhecidas da hereditariedade»;* quanto a essas provas acumuladas pelo labor paciente de todos os investigadores, repetimos, a Maeterlink nada interessam e prefere aplicar a conspiração do silêncio.

O que o surpreendeu e quási convenceu foram as experiências interessantíssimas do coronel De Rochas com o adormecimento de certos sensitivos e, por meio de passes magnéticos longitudinais, fazer-lhes subir todo o curso da existência, ou seja o que vulgarmente nós chamamos a regressão da memória.

Depois, cita um dos casos mais simples: o duma rapariga de 18 anos, chamada Josefina residente em Voiron, na Isère, França. Sonambulizada, ei-la volvida ao estado de criancinha, amamentada pela mãe. Os *passes* continuam e já não pode falar; temos o grande silêncio da infância, ao qual parece suceder outro silêncio, quiçá mais misterioso. Josefina só responde por sinais; ainda não nasceu, flutua na escuridão. De Rochas insiste nos passes magnéticos e, de repente, do fundo daquêle sono, eleva-se a voz dum velho aborrecido e desconfiado. Interrogam-no. Recusa responder; está ali, fala, mas não vê nada, porque se encontra na escuridão. Redobram-se os *passes* e a sua confiança no experimentador acentua-se. Chama-se João Cláudio Bourdon. Conta então a sua vida. Nasceu na comuna de Polliat, em 1812. Fez o serviço militar e narra as suas façanhas mavórticas, emquanto o sensitivo faz o gesto de retorcer o bigode imaginário.

A experiência continua. Agora é o morto que fala e as suas revelações de além-túmulo não são sensacionais, acentua Maeterlink. Sente-se sair do seu corpo, mas ficou-lhe ligado por bastante tempo.

Depois, tem a idéia de reencarnar, e aproxima-se daquela que será sua mãe (a mãe de Josefina, o sensitivo).

De Rochas tenta tornar a experiência mais interessante e, após uma magnetização de quási três quartos de hora, reconduz o velho João Cláudio ao estado de criança. Novo silêncio. Depois, outro ser desconhecido e inesperado surge daquêle mundo misterioso e desta vez é uma velha má e sofredora. Envolvem-na densas trevas e fala dificilmente; porém responde com certa ligeireza às preguntas que lhe fazem, e declara chamar-se Filomena Carteson. Já não sofre, parece muito calma e responde secamente. Nasceu em 1702, casara em 1732 e teve dois filhos.

Antes da sua encarnação, Filomena fôra uma rapariguita, falecida em tenra idade; antes disso, tinha sido um homem que fôra assassino; por isso, sofrera muito na escuridão, ainda depois da sua vida de criança, em que não tivera tempo de fazer mal, para que expiasse o seu crime.

De Rochas não prolongou mais o sono magnético do sensitivo, porque êste estava esgotado e as suas crises incomodavam o experimentador e os assistentes desta quási inverosímil experiência pelo mundo do Além-túmulo.

Bastavam estas experiências do Coronel De Rochas, como as de Colavida e outros investigadores, para demonstrar que a teoria da Reencarnação não é uma invenção adrede para embelezar a nossa doutrina; não, é um facto demonstrado e confirmado por inúmeros psiquistas. A sua veracidade torna-se cada vez mais axiomática e dentro de pouco entrará no domínio público com as mesmas honras de outras descobertas, que foram im-

pugnadas pelos seus opositores mais acérrimos, como, por exemplo, o magnetismo, a electricidade, o vapor e tantas outras invenções maravilhosas, que demonstram a actividade do pensamento e a iniciativa formidável dos obreiros da ciência criadora contemporânea.

Maeterlink quer provas

Para Maeterlink, porém, agarrado ainda à teoria muito contingente da influência da memória latente no subconsciente do *médium*, — não obstante os argumentos sôbre êsse capítulo estarem já bem estudados e impugnados por todos os metapsiquistas — para Maeterlink, continua a sugestão inconsciente a pesar muito no seu ponto de vista.

Porém, esmagado pela evidência dos factos, o seu espírito flutua entre as duas hipóteses antagónicas e parece que a nossa sobrepuja a contrária. É o que se deduz dêste passo do seu livro precitado:

«É muito para lastimar que os argumentos dos teósofos e dos neo-espiritualistas não sejam peremptórios; pois nunca houve crença mais bela, mais justa, mais pura, mais moral, mais fecunda, mais consoladora, e, até certo ponto mais verosímil que a sua. Só ela, com a sua doutrina das expiações e das purificações sucessivas, dá conta de tôdas as desigualdades físicas e intelectuais, de tôdas as iniqüidades sociais, de tôdas as injustiças abomináveis do destino. Mas a qualidade duma crença não é documento de verdade. Ainda que essa crença seja a religião de seiscentos milhões de homens, a mais próxima das misteriosas origens, a única que não é odiosa e a menos absurda de tôdas, ser-lhe-á necessário fazer o que não fizeram as outras: exibir testemunhos irrecusáveis. O que ela nos exibiu até aqui, é apenas a primeira sombra de um começo de prova».

Eis como Maeterlink, já octogenário, a quem devem preocupar bastante estes problemas, se pronuncia sôbre a reencarnação.

Já dissemos que êste seu livro *A Morte* foi editado há muitos anos, e por isso as suas convicções acêrca dos estudos psíquicos devem estar muito modificados. A prova disso é o seu conto infantil *O pássaro azul*, trasladado para o cinema colorido e exibido últimamente em Lisboa, constituindo um autêntico êxito. Nesse filme admirável, um verdadeiro mimo de literatura e inocência infantil, — pois que quási todos os intérpretes são crianças — o assunto predominante e em foco é exactamente o problema da reencarnação, que o seu autor trata e desenvolve magistralmente a contento de leigos e crentes.

Eis porque, actualmente, Maeterlink, pode ser classificado como um espirita, embora não militante.

Diz-nos êle que a nossa hipótese explicativa necessita de «*exibir testemunhos irrecusáveis*» para se poder impor às outras religiões. Pois bem: é isso mesmo que vamos agora tentar fazer, escudando-nos em outros autores não citados por Maeterlink, o que demonstra *a priori* que êle não compulsou nem analisou — ao menos perfuntòriamente — a abundância de *testemunhos irrecusáveis* disseminados em tantas publicações da literatura neo-espiritualista.

Outro facto que se não deve esquecer é o de Maeterlink, neste seu livro em causa, nunca se referir ao ternário do homem, defendido e demonstrado pelos tratadistas espiritas. É por isso que nunca encontrámos nas páginas do seu trabalho a palavra perispírito.

Dêste modo, desprezando o principal elemento para nos explicar a técnica das materializações que, afinal, não são mais que reencarnações temporárias, ¿como poderia Maeterlink compreender cabalmente a reencarnação? Assim se explica o insucesso das lucubrações do seu espírito genial, porque parte de premissas erradas, e, quando estas estão erradas, as conclusões enfermam do mesmo mal. É o que ensina o silogismo.

A evidência dos factos

Vamos agora aos testemunhos irrecusáveis que provam exuberantemente a teoria da reencarnação.

Podíamos aqui citar muitos autores, mas não nos seria possível referir todos os factos até agora por êles coligidos, nem os limites dêste artigo os comportariam, porque êles são tantos que já constituem legião. Limitemo-nos a dois: um, o espanhol Fabian Palasi, redactor da revista *Lumen;* outro, o bem conhecido engenheiro Gabriel Delanne, um dos maiores pioneiros do Espiritismo em França, e que procurou sempre enquadrar os fenómenos mediúnicos como factos científicos, e demonstrá-los pelos mesmos métodos que a ciência oficial preconisa, a-fim-de os tornar acessíveis à compreensão de todos os investigadores honestos e sem *parti-pris*.

O livro de Delanne, a que nos vamos referir, é intitulado *A Reencarnação*, recentemente traduzido e publicado pela Livraria da F. E. Brasileira. Alguns passos dêsse belo trabalho literário já nós lemos numa palestra

realizada no Centro Espiritualista Luz e Amor.

Em catorze capítulos, o autor analisa a teoria da reencarnação e descreve-nos ao mesmo tempo os factos demonstrativos dêsse belo postulado, defendendo-o com fina observação e entusiasmo.

Primeiro, lança um golpe de vista sôbre a teoria das vidas sucessivas na antiguïdade, desde a Índia até aos druidas; depois, demonstra cientificamente a existência da alma e do perispírito, como ponto de partida para a aceitação da teoria palingenésica.

Depois consagra alguns capítulos ao estudo da alma animal e às faculdades supranormais dos nossos irmãos inferiores.

Analisa ainda a questão da hereditariedade, bordão a que muitos opositores da nossa doutrina se encostam.

Sabemos que a hereditariedade, segundo Ribot, se classifica de diferentes formas: a hereditariedade directa, que consiste na transmissão, às crianças, das qualidades paternas e maternas; a hereditariedade colateral ou indirecta, muito mais rara que a precedente, como o seu nome indica, é a em linha indirecta do sobrinho ao tio, da sobrinha à tia. Finalmente, é necessário citar a hereditariedade telegónica, muito rara, sob o ponto de vista fisiológico, e de que não há, talvez, no moral, um só exemplo probante. Consiste na reprodução, nas crianças nascidas de um segundo casamento, de algumas qualidades próprias do primeiro cônjuge. É isto o que nos elucida o supracitado autor francês no seu livro *L'Hérédité*.

Mas não nos esqueçamos de que esta hereditariedade é mais, senão absolutamente, morfológica que psíquica. E se há excepções, elas são tão raras que não excluem a regra estabelecida pela observação dos factos. Eis por que o argumento da hereditariedade, tão aproveitado pelos materialistas, como ariete demolidor da crença das vidas sucessivas, cai pela base, como inconsistente e incapaz de solucionar êste problema capital.

¿Como se explicariam as crianças-prodígios e as faculdades de inteligência tão vincadas nuns e tão mediocres noutros homens que roçam pelos selvagens botocudos?

Cedamos a palavra a G. Delanne:

> Em suma, a hereditariedade morfológica é a lei, pôsto que apresente tão numerosas excepções para os caracteres secundários, que não há quási nunca identidade entre os progenitores e seus descendentes.
>
> No ponto de vista intelectual, dá-se inteiramente o mesmo, porque existe considerável número de exemplos de grandes sábios, que saíram dos meios mais ignorantes. Foi assim por exemplo, que Roger Bacon, Berkeley, Berzélius, Blumenbach, Brewster, Comte, Copérnico, Claude Bernard, Descartes, Galileu, Galvani, Hegel, Hume, Kant, Kepler, Locke, Malebranche, Priestely, Réaumur, Rumford, Spinosa, Xisto Quinto, Young e outros, nasceram em meios pouco cultivados, e nada podia fazer prever as notáveis faculdades que os distinguiram em grau tão eminente.
>
> Reciprocamente, existe um número tão considerável de grandes homens, cujos descendentes foram abaixo de mediocres. Péricles procriou dois tolos, — Paralos e Xantipos. O sábio Aristippe deu nascimento a um furioso como Clínios; do grande historiador Tercídides, nasceu o inepto Milésias.
>
> Sócrates e Temistocles só tiveram filhos indignos. Entre os romanos, vê-se o mesmo. Cicero e seu filho, Germânico e Calígula, Vespasiano e Domiciano: Cómodo. Na história moderna, o filho de Henrique IV, de Luís XIV, de Cromwel, de Pedro o Grande, como os de La Fontaine, de Goethe e de Napoleão, dispensam outros exemplos.
>
> Melhor ainda: as crianças-prodígios provam-nos, com evidência indiscutível, que a inteligência é independente do organismo que a serve e isto porque as mais altas formas da actividade intelectual se mostram entre aquêles cuja idade não atingiu a maturidade plena. É esta uma das melhores objecções que se podem opôr à teoria materialista.

É assim que o insigne escritor francês põe o problema, e de forma tão clara e concisa, que dificilmente os materialistas, ou mesmo os teólogos, o podem refutar sem recorrerem aos argumentos sofísticos das suas inermes teorias. Isso, porém, nunca invalidará os nossos argumentos irrefutáveis, apoiados nos factos, cada vez mais evidentes e numerosos em nosso favor.

É pena que o espaço de que podemos dispôr não seja suficiente para desenrolar, perante os olhos dos leitores de *Estudos Psíquicos* todos os casos compilados por Delanne; ainda assim, não resistimos à tentação de citar alguns, para correspondermos ao desejo de Maeterlink.

No capítulo dos meninos-prodígios, a história fornece-nos muitos, em que a precocidade artística, sob todos os aspectos, só pode ser explicada pelas vidas sucessivas.

Assim, temos, por exemplo:

No século XVII, Haendel, com 10 anos, compunha motêtes, que se cantavam na igreja de Hoele.

Mozart, aos 4 anos, executou uma sonata e aos 11 compôs duas pequenas óperas.

Beethoven, aos 10 anos, distinguia-se por seu notável talento de executante.

Delanne conta que teve o prazer de ver, no congresso de psicologia de 1900, o jovem

PELA VITÓRIA DO ESPÍRITO

pelo Dr. Fred

V

A TERRA

Notas gerais

O nosso globo é um planeta como os outros. Foi formado da mesma maneira e adquiriu o mesmo destino. Só lhe podemos ver a forma pela sua sombra, quando, na ocasião do eclipse, se desenha a sua silhueta redonda sôbre a lua. A forma da Terra é aproximadamente um elipsóide tetraédrico, mas os cientistas geodésicos consideram uma superfície ideal e que chamam *geóide*. Os seus eixos polar e equatorial medem, valores médios, 6356 km e 6378 km.

As superfícies dos mares e dos continentes estão na proporção de 7 para 3. A densidade média do nosso globo é de 5,5. A temperatura sobe de 1° C em cada 33 m de profundidade, calculando-se que seja duns 20.000° C no núcleo.

Os movimentos

Distinguimos doze movimentos diferentes da Terra: a rotação em volta do seu eixo (24 horas); a translação em volta do Sol (trajecto anual de 936 milhões de km); a pressão dos equinócios (cf. adiante); o deslocamento dos polos, 430 dias (balanceamento da Terra pela evaporação das águas); o movimento global de arrastamento dentro do sistema solar em direcção à estrêla Vega da constelação de Hércules (20 km); algumas irregularidades da inclinação e excentricidade da eclítica; os outros movimentos resultam das influências combinadas do Sol e da Lua (Terra e Lua giram em volta do centro de gravidade do conjunto situado a 1770 km abaixo da superfície terrestre; Terra e Sol giram pràticamente em tôrno do Sol), e assim resulta que a extremidade do eixo terrestre descreve uma certa curva em novêlo.

As leis mais importantes que regem os movimentos dos astros são as mesmas que regem os da Terra: as leis de Kepler e da atracção universal de Newton. Sabemos que por esta lei, a Terra atrai os corpos à sua superfície. Quanto mais perto do centro de gravidade da Terra, tanto mais são atraídos, ou, como dizemos, tanto maior pêso têm. O pêso dum corpo varia, pois, com o seu local, ao contrário da massa, que fica constante.

Pepito Ariola, que, aos 3 anos e meio, tocava e improvisava ao piano árias variadas.

Isto na música. Vejamos agora na pintura. Miguel Ângelo, aos 8 anos, já conhecia suficientemente a técnica do seu ofício, e tanto, que seu mestre Ghirlandajo afirmou que nada mais havia a ensinar-lhe.

Marcel Lavallard expôs o seu primeiro quadro no *Salon* aos 12 anos.

Van de Kefkhore, de Bruges, quando faleceu, com 10 anos e 11 meses, deixava 350 quadros!

Agora na literatura, na poesia e na ciência:

Pascal, no século XVII, aos 13 anos, descobriu as primeiras proposições de Euclides.

Gauss de Brunswick, astrónomo e matemático. resolvia problemas de aritmética, quando tinha, apenas, 3 anos.

Vítor Hugo, a criança sublime, já versificava magistralmente aos 13 anos!

William Hamilton, aos 13 anos conhecia 12 línguas e aos 8 já o consideravam o primeiro matemático do seu tempo.

Em 1837, um pastor muito moço, Vita Magiamel, quási uma criança, atraía os sábios de todos os países pela sua incomparável faculdade de cálculo.

Um matemático preguntou-lhe:

— ¿Qual o número que, elevado ao cubo e adicionado da soma de cinco vezes o seu quadrado, é igual a 42 vezes êle próprio mais 40?

E o pastor respondeu em menos de um minuto:

— É o número 5.

Delanne ainda apresenta muitas outras crianças-prodígios, mas somos forçados a ficar por aqui, quanto a êste autor.

Desta sorte, como êle afirma, só a hipótese espírita da preexistência do homem dá uma explicação lógica das maravilhosas faculdades reveladas por essas crianças excepcionais.

Por isso, os corpos pesam mais na planície do que nas altitudes, e mais nos polos, do que no equador, isto é, os pêsos aumentam com a latitude (e a fôrça centrífuga diminuindo também, mais acentua a diferença).

A Terra, no espaço, é livre e as fôrças que a atraem podem agir tanto melhor, quanto maior fôr a massa do planeta, fôrça, porém, enfraquecida pelas grandes distâncias interplanetárias. Para cada ponto da Terra devemos considerar uma atracção especial; mas, como os planetas são pequenos, comparados com as distâncias que os separam, assemelhamo-los a pontos materiais, isto é, supomos que tôda a sua massa está concentrada num ponto, — o centro de atração gravítica.

A idade da Terra

¿Em que estado de evolução está a Terra?

Ora, está quási no apogeu... que atingirá daqui a alguns milhões de anos (1). A crosta da Terra já atingiu a espessura média de 125 km que as correntes de enorme temperatura (20.000° C.) perfuram. Estas correntes é que outrora formaram um grande manto de vapor de água à superfície terrestre, do qual, por condensação, resultaram os mares, cuja temperatura nos tempos idos era de 3750° C. Júpiter ainda hoje tem êste manto de vapor.

¿Quando se formou a crosta da Terra? Voltaire chamou à Terra uma «cocotte» que, habilidosamente, esconde a idade...

Mas a Terra não pode ocultar os anos porque o seu diário está gravado na concentração dos sais dos mares e nos terrenos estratificados. Determinou-se a idade destas formações poderosas, conforme os tempos que levavam a destruir-se os elementos radioactique as constituia. Sabe-se, por exemplo, que 100 gr de urânio produzem num ano $\frac{1}{80.000\,000}$ gr. de chumbo, elemento final desta «desintegração» do urânio. Na Terra encontra-se muito chumbo e pouco urânio.

Como a vida média do urânio é muito grande e os produtos da desintegração ainda se recombinam em maravilhososo equilíbrio, nem daqui a 15 milhões de anos estará destruída a quarta parte do urânio existente. Preguntamos: ¿Há quanto tempo, então, se desagrega o urânio? ¿Terá já havido outro metal de muito maior pêso atómico que o urânio, metal já desaparecido e transformado todo neste último? Um dia desaparecerá assim também o urânio, não sendo impossível que o chumbo se comece a desagregar em átomos menos pesados, tais como, tálio, mercúrio, ouro, etc. ¿Que idade terá a Terra nessa altura? De acôrdo com a percentagem de chumbo existente na Terra calcula-se a evolução desta nuns dois milhões de anos (2). Êste resultado é confirmado por outros métodos, pela pesquisa das quantidades de hélio nas inclusões das rochas radioactivas, pela espessura das camadas sedimentares, pela avaliação do arrefecimento da Terra. A rocha mais velha foi avaliada em 1.500 milhões de anos e a idade do carvão de pedra em 320 milhões de anos. Nesse tempo o Sol ainda ali não penetrara, devido aos vapores de água e às chuvas quentes que, depois, formaram os mares. Quando o Sol rompeu... foi o primeiro dia.

Não só o estudo geológico da crosta que nos mostra as diversas camadas sobrepostas e nitidamente separadas (cuja espessura varia entre poucos centímetros e além de 100 metros, sendo a mais superficial o humus, devido às matérias orgânicos de excrementos), não só a constituïção da crosta nos ajuda a determinar a idade da Terra e a reconstruir a sua evolução, mas também as investigações paleontológicas. Desde que, além das planícies horizontais (3), encontrámos planos inclinados com pedras sôltas, pudemos concluir que o solo sofria violentas revoluções. Muito importantes se tornam estas investigações, quando, nos terrenos sedimentares, se encontram fósseis de animais e vegetais, às vezes petrificados. Estes trabalhos paleontológicos são, freqüentemente, aprovados pela psicometria, visto que os sensitivos podem fàcilmente estabelecer relações psíquicas com os objectos impregnados de fluidos antiquíssimos.

A Terra e o Mar

Muitos discutem ¿«qual apareceu primeiro: o ôvo ou a galinha?» Também muitos preguntam se apareceu primeiro a água ou a Terra, porque, para alguns, em volta da crosta terrestre havia o mar primitivo. Resta saber se nesse tempo as camadas terrestres já se tinham destacado para formarem continentes.

Aliás, a Terra pareceria uma bola de água. Ainda hoje se destacam camadas, (as rugas da velhice), originadas pela atracção lunar. Que idade terá o mar?

O primitivo, — já com leito, devido à contracção da Terra cujas pressões laterais já tinham originado deslocamentos, montanhas e vales, o primitivo,

---

(1) Segundo Buffon, a Terra, dentro de cem mil anos, perderá tanto calor — embora constantemente aquecida pelo Sol — que já estará resfriada, como hoje se encontra a Lua.

(2) Segundo os ensinos da teosofia, a terra passou com a humanidade — raça anterior à nossa, a raça atlântida, o meio de tôda a evolução cósmica: está, portanto, agora na 5.ª raça da 4.ª ronda da 4.ª cadeia. A matéria dos planetas não pertencentes à cadeia da terra é constituída de matéria astro-mental. Venus está no fim da 7.ª ronda da 5.ª cadeia. Os seus adeptos eram e são os nossos mestres.

(3) Por largo tempo cobertas de água, podiam depois encher-se de raízes por vegetação, embora essas águas tenham depositado, além de terras gordas, as areias, que deviam ter levado aos desertos.

repetimos, tinha menos ou poucos sais, cujas percentagens só mais tarde aumentaram com a evaporação progressiva e com a lavagem das rochas pelos rios. Estas e os sais permitem avaliar a idade da Terra em 2.000 milhões de anos. Quando a Terra chegou a êste grau de resfriamento, em que a água já podia existir em forma líquida, os vapores de água que a Terra incandescente tinha vaporizado, foram comprimidos e liquifeitos à temperatura de 370° C. e sob alta pressão atmosférica. Como os vapores que rodeavam o globo também compreendiam vapores metálicos, as águas que caíram na Terra (dilúvio crítico) levaram já dissolvidos estes metais, o que explica o estado mineralizado dos mares.

Constituïção da Terra. Clima e Atmosfera

A massa da Terra é de 589.10^{19} toneladas. A maior parte do interior terrestre consiste em ferro (estado magnético da Terra, composição ferrosa da lava) e em níquel, e, em menor quantidade, em chumbo, mercúrio, e metais nobres. Todos estes metais estão no estado de fusão, fazendo parte do *magma*. O núcleo, porém, em comparação com o resto da Terra, e devido à sua enorme compressão, tem uma densidade muito maior, explicando-se assim que seja sólido. Em volta da chamada barisfera, jaz a litosfera, constituída, nas baixas camadas, por materiais plásticos e outros, de crómio, de silício, magnésio, e, mais acima, alumínio, etc. A crosta é formada pelas rochas, umas de origem vulcânica (granito, pórfiro, basalto, pedra pomes, etc.), outras de origem sedimentar, devido a depósitos feitos pelas águas (argilas, cascalhos, areias, calcáreos de origem mineral ou orgânica, etc.). Depósitos vegetais formaram então os carvões (lenhite, antracite e turfa) por compressão e asfixia. A evaporação dos mares aumentou a concentração salina. Finalmente, a pressão transformou o quartzo em quartzito, os calcáreos em mármores, as argilas em xistos. Do resfriamento, da contracção da Terra e da atracção mútua luno-solar resultaram movimentos tectónicos, rompendo-se o equilíbrio isostático e levando — também por processos de cristalização expansiva — a fracturas da crôsta, levantamentos, enrrugamentos, depressões, curvaturas e dobras.

Tôda a nossa Terra é radioactiva. Encontramos rádio sobretudo na *pechblenda*, urânio e minerais semelhantes (na Áustria, Congo Belga, Canadá, Portugal): além disso, quási todos os metais leves (até ao cálcio) são fracamente radioactivos. Também as águas minerais são mais ou menos radioactivas pela presença dum produto de desintegração do rádio: a emanação de rádio ou *radon*, que se evola quási todo em 48 horas, depois de sair da fonte. A emanação pode ser extraída por ebulição ou agitação. A matéria radioactiva, quando se desintegra, liberta calor e sabemos pelos cálculos feitos que a quantidade de calor desenvolvido na desintegração permanente de tôdas as substâncias radioactivas terrestres, devia vencer o resfriamento, aumentando assim a temperatura média do nosso globo.

O **clima** da Terra está sujeito a várias influências: variações de pressão atmosférica, de temperatura, de tensão do vapor de água na atmosfera, de intensidade do campo magnético, perturbações causadas pelas manchas solares, as fases da Lua, as posições relativas do Sol, a intensidade e inclinação dos seus raios e os movimentos próprios da Terra.

O albedo da Terra, isto é, a quantidade de luz solar reflectida em comparação com a recebida, é de 0,35.

Em volta da Terra está a **atmosfera**, cujas camadas em contacto com a crôsta pertencem à chamada *biosfera*. Na atmosfera, as camadas mais baixas — até 11 km (1) — denominam-se *troposfera*, que acompanham o movimento rotatório; sem esta, o nosso céu pareceria sempre escuro. Ora a troposfera está melhor estudada que a litosfera. A Terra está envolvida por um campo electro-magnético cuja intensidade se deve em grande parte a correntes eléctricas da crôsta, chamadas correntes telúricas.

Arrhenius afirmou que a formidável carga electrostática do Sol (250 mil milhões de *coulombs)* criou um campo eléctrico suficiente para explicar que a Terra, girando nêle, seja sede dum campo magnético; aliás, a sua boa condutibilidade eléctrica (constituintes metálicos) favorece o fenómeno.

O núcleo da Terra gira como o induzido dum dínamo entre dois polos dum imã, formando-se assim verdadeiras correntes de Foucault; juntam-se as correntes eléctricas originadas pelas matérias cósmicas da corôa solar, carregadas negativamente, ionizando a atmosfera terrestre. É a descarga dêstes corpúsculos cósmicos que, chegando à alta atmosfera rarefeita produz a ionização do vapor de água, resultando luminosidades, como as produzidas num tubo de gás rarefeito, chamadas *auroras polares*. Todo o nosso céu seria escuro mesmo de dia se as radiações solares não sofressem uma difusão na atmosfera ionizada. A côr do céu resulta da difusão da luz branca nas partículas em suspensão no ar, fragmentos minerais, tecidos vegetais, bactérias, etc.

Quanto menor fôr o comprimento de onda das radiações, maior será a difusão. As moléculas gasosas difundem a maior parte das radiações da região violeta, originando assim o nosso céu azul.

Se todos os raios forem difundidos, devido à forte condensação do vapor de água, que absorve quási tôda a radiação ultravioleta, o céu torna-se encoberto.

---

(1) Nos polos, 11 km.; no equador, 16 km.

A refracção da luz solar nas diversas camadas atmosféricas de densidade variável, que se comportam como diferentes meios ópticos, faz com que vejamos o Sol e a Lua antes do seu nascer no horizonte e ainda depois do seu ocaso; anàlogamente se explica o fenómeno da miragem, nas regiões muito quentes.

As *correntes eléctricas* produzidas pelo Sol associam-se às correntes telúricas; é claro que a superfície da Terra é electrizada negativamente por captação dos electrões emitidos pelo Sol. Os gases são electro-isoladores, mas a baixa atmosfera é condutora, já pelas radiações corpusculares enviadas pelo Sol, por outro efeito produzido pela luz solar (o efeito foto-eléctrico), já pela ionização do ar, devido à radio-actividade natural do Sol; influem ainda os produtos vulcânicos, chamas, acções mecânicas naturais, como quedas de água, ondas e ventos. O campo eléctrico terrestre mantem-se sensìvelmente constante pela influência reguladora das manchas solares.

As núvens electrizam-se positivamente por influência.

A atmosfera elèctricamente negativa estimula a nossa actividade espiritual e as funções vitais, conquanto a positiva as paralize. A neutralização electrostática entre as duas electricidades da atmosfera, produz a descarga a que chamamos raio, trovoadas, fenómenos muito importantes para a combinação do oxigénio, do azoto, de vestígios de hidrogénio recenformado, resultando a formação de compostos amoniacais tão necessários para os adubos.

É também a faísca eléctrica ou relâmpago, que polimeriza o oxigénio na sua variedade alotrópica, o ozono, gás azulado que também influi na côr azul do céu e a que se deve o cheiro característico do ar depois das trovoadas.

As *radiações electromagnéticas* solares interferem freqüentemente com as ondas hertzianas emanadas dos postos radiotelegráficos, quando ambos os comprimentos de onda estão sintonizados (êste facto, aliado à ionização do vapor de água atmosférico atrás citado, explica os fenómenos do «fading» em T. S. F.). A propagação das ondas electromagnéticas acompanha a curvatura da Terra, o que se explica de duas maneiras: ou são difractadas por partículas microscópicas ou reflectidas totalmente na alta camada atmosférica condutora, chamada *«camada de Heaveside»*. As ondas electromagnéticas transmitem-se melhor de noite, por ambas as causas produtoras da interferência se fazerem sentir muitíssimo menos; efectivamente, não há, por exemplo, ionização atmosférica produzida pela radiação ultravioleta.

As correntes dos fluídos magnéticos invertem-se de noite, acumulando-se na superfície terrestre, fazendo com que os vegetais — ao contrário do que sucede durante o dia — absorvam o oxigénio pela raiz e eliminem o gás carbónico para a atmosfera. Devido à atmosfera, recebemos as radiações solares filtradas, principalmente as fortes radiações actínicas ultravioletas, e bem assim os raios cósmicos que chegam à Terra em segunda mão.

O ponto mais alto da nossa Terra é o Monte Everest, chegando quási à *estratosfera*, que começa a partir de 11 km de altitude (os balões-sondas já atingiram 30 km, altura em que o excesso de pressão gasosa interior os faz rebentar). A esta altitude reina temperatura quási estável (equilíbrio isotérmico) de 55° C. negativos, devido à fraquíssima capacidade calorífica dêsses meios gasosos. Sabe-se que nestas altitudes domina uma grande tenuïdade, só se encontrando hélio, hidrogénio e geocorónio, faltando o oxigénio, tão preciso para a respiração, para as funções da assimilação e para a vida da célula (1).

Em virtude da deficiência do oxigénio nas altas camadas atmosféricas, são ali difíceis as combustões, dificultando o emprêgo de motores de explosão; por isso, o oxigénio é comprimido e transportado em garrafas de ar líquido, mudança de estado que se consegue a temperaturas mínimas que dependem da pressão.

Na altura de 30-40 km encontramos uma *camada ozónica* que é importante, visto que absorve os raios ultravioletas, protegendo-nos assim contra os efeitos fotoquímicos.

De 50 km para cima, começa, então, a *ionosfera*, onde já reinam pressões atmosféricas da ordem de 1/10.000 da pressão atmosférica normal e, devido ao ar fortemente dilatado, também a densidade é muito baixa. É a altura-limite em que se propagam as ondas curtas de T. S. F.

Mais acima, até 125 km, é a zona das nuvens de pó vulcânico e das *auroras boreais* que se manifestam nos polos pela acção magnética da Terra e a temperatura já chega a 100 graus negativos. A uns 300 km aparecem as *estrêlas cadentes* que são luminosas devido à incandescência causada pelo atrito; caindo nas camadas oxigenadas e à alta temperatura a que vêm, podem arder ou explodir, para o que contribui o hidrogénio absorvido e arrastado.

As eras e a formação da Terra

Como já mencionámos, as formações das diversas camadas deram-se sucessivamente.

Distinguimos: A era proterozóica (arquaezóica, agnostozóica, azóica), dividida nos períodos arcaico, precâmbrico e algonquico ou laurentiano (períodos que melhor seriam classificados como era própria,

(1) Na troposfera, o oxigénio constitui 21 % do nosso ar, sendo a outra parte constituída por 78 % de azoto, pouco anídrido carbónico, vapor de água e os «gases raros» do ar.

era de transição, por já terem vida); a era primária ou paleozóica, dividida nos períodos câmbrico, silúrico (inferior, ordoviciano e superior, gothlandiano), devónico e antracolítico; a era secundária ou mesozóica, dividida nos períodos triásico, jurásico e cretáceo; a era terciária ou cenozóica (neozóica), dividida nos períodos numulítico (épocas: eoceno e oligoceno), neogénio (épocas: mioceno e plioceno) e quartenário; e a era quartenária ou antropozóica, dividida nos períodos post-plioceno, quartenário médio, pleistoceno (inferior, médio e superior) e holocénico ou actual.

A duração dos períodos peleo, mezo e cenozóico está em relação de 8 para 3 para 1.

Na era *proterozóica*, a crôsta da Terra constituiu os granitos, um dos primeiros produtos da fundição. Sôbre êles formaram-se as outras camadas sob pressão a temperatura muito elevada, não sendo ainda estratificadas.

Com o resfriamento, algumas substâncias atmosféricas tornaram-se líquidas e precipitaram-se nas fendas da Terra, constituindo os futuros filões de ferro, enxofre, cobre, chumbo, etc.

Do período arcaico (era de *transição)*, possuímos, debaixo das camadas câmbricas e silúricas, sedimentos rochosos e vulcânicos que se encontraram nos territórios dos índios canadianos, chamados algoncinos. Por isso, esta época também se chama algónica.

O seu fim foi um grande cataclismo, em que tôda a crôsta terrestre sofreu grandes abalos vulcânicos, levando-a a enrugamentos e levantamentos do terreno. Esta época é denominda a revolução lorentiana. Pelas ruturas da crôsta borbulhou o *magma* originando as chamadas rochas eruptivas (basalto, pórfiro, etc.); devido à actividade vulcânica espalharam-se poeiras finíssimas na atmosfera, fazendo com que os raios solares fôssem absorvidos, abaixando por isso a temperatura da Terra e levando às chuvas e gêlos já mencionados (dilúvio crítico). Como a Terra também tem as suas leis, as revoluções não poderiam levar à completa destruïção, devido ao chamado princípio isostático que regula as relações dos volumes das massas com as suas densidades (menor volume para a mesma massa, maior densidade).

Os primeiros seres surgiram, tais como os zoófitos unicelulares (bactérias), formas rudimentares de transição entre a planta e o animal. Nasceram as talófitas uni e policelulares (algas) e os protozoários (monéras, rizópodos, esporozoários, flagelados e infusórios.

Na era *paleozóica* os gases que depois haviam de constituir o nosso ar, libertaram-se mais e mais das matérias pesadas e as águas tomaram profundidade, embora pouca, porque cobriam quási tôda a superfície do globo. Começavam já os raios solares a penetrar na atmosfera purificada, de forma que, junto com o aparecimento de terrenos sedimentosos apropriados para a vida, facilitavam o surgimento dos primeiros metazoários, fitozoários e artozoários (vermes) assim como de outras criptogâmicas, liquenes, musgos, fungos, fetos, etc.

Mais adiante falaremos do nascimento da vida, como o princípio vital subconsciente passou do mineral ao vegetal e ao animal, sendo, depois, semi-consciente, acompanhado no homem pelo princípio intelectual e moral. Os materialistas vêem a sede dêste na célula, embora hoje já se encontrem seres vivos pre-celulares chamados ultra-virus, cujo fluido vital orgânico não será localizado numa célula.

Os seres vivos do período arcaico eram sobretudo marinhos que se davam bem em águas pantanosas, cuja vegetação floresceu muito, em virtude do ácido carbónico libertado da atmosfera. No silúrico aparecem os artrópodos e os insectos. Devido ao excesso do ácido carbónico e ao calor existente, nasceu uma vegetação riquíssima, da qual a humanidade ainda hoje aproveita o oxigénio para as suas funções de combustão. No período câmbrico e silúrico, predominavam os xistos e rochas calcáreas. Graças à elevada temperatura, à pressão das diversas camadas, à umidade intensa e aos diferentes sais depositados, os vegetais começaram a fermentar e a queimar-se lentamente em presença do oxigénio (40 % dos materiais do solo), formando a hulha. Nos tempos carboníferos, já aparecem peixes anfíbios e moluscos e mais tarde, no chamado pérmico, há abundantes formações de hulha (período antracolítico). No período silúrico, os artiozoários estão no auge e aparecem moluscos e peixes que estão, no período devónico, em plena abundância. Na época carbonífera aparecem os anfíbios e na época pérmica os primeiros répteis (sáurios). No período antracolítico há abundantes formações de pórfiros, sal gema e gêsso e aparecem as primeiras gimnospérmicas.

Na era *secundária* a temperatura começa a diminuir (período glaciar do post-pérmico) e a vegetação atrasa a sua evolução. Há depósito de rochas còradas, calcáreos, argilas e coralinas. O desenvolvimento dos materiais calcáreos nesta época, dá predomínio aos animais de conchas, foraminíferos, amonites e belemnites e, um pouco mais tarde, aparecem os sáurios, os mais antigos mamíferos, os cetáceos (baleia) e os primeiros pássaros no período jurásico e cretácio). Dos mais característicos animais desta era, em que já aparece a greda branca, conhecemos os monstruosos ruminantes, especialmente, o ictiosáurio e o dinosáurio, que atingiram 25 m. de altura. No fim desta época, muito extensa, surgiram, então, os primeiros mamíferos terrestres, que na vegetação gorda encontraram as suas condições de vida orgânica. Do lado vegetal, nascem as angiospérmicas (primeiras árvores de fôlha), que completam a flora fanerogâmica já existente, desenvolvida no anterior paleozóico: gimnospérmicas.

Nesta era secundária era tal a distribuição geográfica, que no hemisfério norte se encontravam dois

grandes continentes, separados por um mar, em cujo centro dormia a nossa Europa. No hemisfério Sul, um grande continente reünia a actual América do Sul à Africa, antes da existência do Oceano Atlântico, já se distinguindo, porém, a Oceânia prestes a emergir.

Com a era neozóica, encontramos uma nova fase da evolução terrestre. A Terra tinha sofrido revoluções internas violentas que modificaram, tanto a forma exterior, como as condições de vida, sendo possível que quási todos os seres fôssem destruídos. Como as massas incandescentes do interior terrestre perfuraram, com violentas explosões, a crosta que as comprimia, as rochas graníticas estalavam, formando os terrenos vulcànicos, montanhas, vales, donde resultaram as grandes bacias que receberam os oceanos, formando ilhas e continentes. Depositaram-se então as areias dos rios, o basalto, as fenolites, as argilas, o âmbar, e, sobretudo, a lenhite.

Já abundam palmeiras e ciprestes pantanosos (mono e dicotiledóneas). Como o clima é bastante quente, permite a vida a novos animais terrestres, mastodontes, macacos e, mais tarde, no chamado plioceno, aos mamiferos gigantescos: mamute, hipopótamo, rinoceronte e elefantes.

Começou, então, a era *quaternária* com um enorme cataclismo chamado dilúvio do tempo glaciar, mencionado na Bíblia. Os raios solares devem ter enfraquecido muito; e, segundo rezam as Escrituras, devia ter sobrevivido um único homem: Noé.

Então, quando é que êle apareceu?

Os geólogos dividem a época diluvial, em três sub-períodos: pleistoceno inferior, médio e superior, imediatamente ao período post-plioceno. O homem devia ter surgido no pleistoceno inferior.

ERRATA IMPORTANTE DO ÚLTIMO ARTIGO (IV) Na pág. 50, último período: água líquida incompatível nas suas condições com a existência de vida. Na pág. 51, terceiro período: Temos a temperatura de 180°. Na pág. 52, segundo período: também se admite a existência outrora doutro planeta entre a Terra e Marte. Pág. 53, terceiro período: «As caudas dos cometas são transparentes... tirem «são transparentes» e quarto período e fechem o parêntese atraz de oxigénio e segue: e vapores (sódio, etc.) e último período: Se o Cosmos (finito e *ilimitado*)...

Essa alma misteriosa que tudo invade, emergirá da sombra, no futuro, qual gigante, e a ciência lhe determinará a anatomia, o funcionamento e a evolução. A nova medicina trará o factor psíquico aos primeiros planos e enfrentará o estado patológico, com meios coercivos, mais ou menos violentos.

De «A Grande Síntese»

OS FACTOS ENTRE NÓS

Casa «assombrada»

Há tempos, o nosso confrade e assinante sr. António de Matos, de Rosmaninhal de Mação, escreveu-nos, informando-nos acêrca duma «casa assombrada» daquela localidade e cujos moradores vinham sendo tenazmente perseguidos pelos invisíveis. Pediu-nos que auxiliássemos aquêles humildes camponeses, a-fim-de obter a sua libertação.

Após havermos realizado algumas sessões no grupo «Reper-Siam», entregámos o caso ao Grupo Espirita Paz, Humildade e Caridade, integrado no Centro Espiritualista Luz e Amor e dirigido pelo nosso prestante confrade Eduardo da Silva Tavares, 2.º secretário do mesmo Centro.

O tempo passou. Os perseguidores invisíveis reagiam de várias formas ao assédio, feito a distância, pelos médiuns daquele Grupo.

Agora, chegam-nos notícias do nosso correspondente, em carta que passamos a transcrever, para edificação de todos os que nos lerem.

Rosmaninhal de Mação, 19 de Dezembro de 1941.

Ex.^{mo} Confrade:

É Romaninhal de Mação uma aldeia de agricultores que humildemente amanham a terra que lhes dá o pão. Há cêrca de quatro ou cinco anos, um dos seus habitantes, de nome José António de Matos, sentiu em casa fenómenos estranhos: ruídos sem causa aparente, deslocação e modificação de objectos, luzes, etc. Estes fenómenos começaram de maneira insignificante. Três anos depois, haviam a tal ponto aumentado de intensidade, que, mesmo de dia, magoavam grandemente os pobres inquilinos, que eram marido, mulher, uma filha e um neto.

Os ruídos iam de pancadas fortes e secas à produção de som muito semelhante à vibração de cordas de viola. As luzes consistiam em nuvens, globos luminosos ou simples resplendor. Os objectos eram levitados e deformados.

Além disso, os locatários sentiam autênticos choques eléctricos, a-pesar-de ali não haver energia eléctrica, e completa inibição de movimentos, quando repousavam no leito.

Assim viveu esta família, no meio de terríveis manifestações, sofrendo em silêncio, com receio de que os visinhos os apodassem de loucos ou visionários, até que consultaram bruxos e cartomantes da região, mas sem o mínimo resultado.

Houve, até, quem os aconselhasse a exorcismar, a exconjurar a casa. Mas — ó surpresa! — os invisíveis redobraram de violência nos seus malefícios, sobretudo depois das cerimónias de exconjuração, feitas pelo pároco da freguesia.

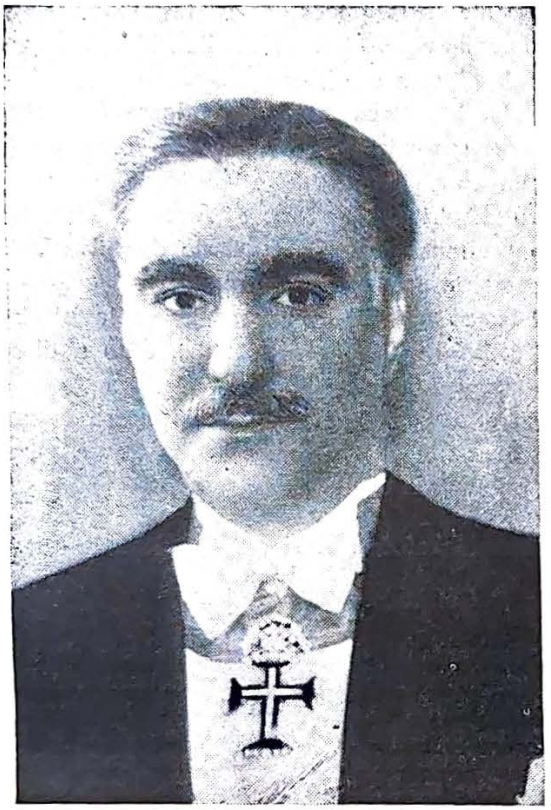
Eu não intervinha no assunto. Os sofredores vieram, porém, ter comigo — pois todos sabem que professo idéias espiritas — pedindo-me que obtivesse a condescendência dum Centro Espirita, no sentido de os libertar da perseguição.

Como não podia deixar de ser, lembrei-me logo do

O EVANGELHO DO CRISTO

por Fernando da Cruz Ferreira

II



FERNANDO DA CRUZ FERREIRA

Já estava composto e paginado o último número, quando nos chegou às mãos a fotografia de Fernando da Cruz Ferreira, motivo por que não pudemos ilustrar a primeira parte dêste artigo e dizer algumas palavras acêrca do autor.

Cruz Ferreira é um verdadeiro apóstolo do Espiritismo. Tôdas as suas idéias e os seus actos tendem à dignificação da nossa doutrina, ciente de que só com bons exemplos se obtêm triunfos positivos. A Causa tem nêle uma espécie de cavaleiro-andante, um acérrimo defensor, sempre pronto a auxiliar aquêles que trabalham sinceramente.

Ainda há pouco editou uma obra bem interessante, intitulada «Amor, Vida e Evolução» e onde reüniu três conferências, das muitas que tem realizado Portugal em fora, onde quer que encontre ambiente para espalhar as Verdades Reveladas, objectivo principal da sua evangelização. Com verdade lhe poderemos chamar o pregoeiro da Boa-Nova, à luz do Espiritismo.

O Centro Espiritualista Luz e Amor e a revista *Estudos Psíquicos* têm nêle um amigo devotado, a quem devem assinalados serviços. Por isso o saüdam, fazendo votos para que os mensageiros do Senhor o auxiliem, a-fim-de que êle possa continuar, como é seu desejo, a ajudar estas duas entidades, que trabalham e vivem para o Ideal, com a mesma acrisolada fé com que trabalha e vive tão útil e nobre pioneiro.

Que apresentação nos é dado fazer de Jesus, senão aquela feita por êle mesmo? Consideremos, pois, a sua apresentação:

O Baptista enviou dois dos seus discípulos ao Senhor para preguntar: És tu aquêle que há-de vir ou havemos de esperar outro? Quando estes homens chegaram a Jesus disseram: João Baptista enviou-nos a indagar de ti se és o Cristo esperado.

Na mesma ocasião Jesus curou a

---

ilustre director desta revista, por reconhecer nele o carácter e a dignidade que o não deixariam indiferente ante pedido de tamanha responsabilidade. Êle acedeu com tanta vontade, solicitude e carinho, que imediatamente recomendou êsses trabalhos a um Grupo de curas do Centro Espiritualista Luz e Amor. Os efeitos sentiram-se imediatamente, ainda que de maneira leve, acentuando-se, porém, cada vez mais, consoante os esforços empregados. E hoje a família importunada vive sossegadamente. Os incómodos visitantes deixaram de ali fazer o seu campo de manobras, mercê dos trabalhos realizados naquele Centro.

Aqui fica, pois, um testemunho para os indecisos e descrentes na Doutrina Espirita. Que Deus conceda a êsses obreiros da Seara tôda a luz e o amor necessários para continuarem a sua proveitosas sementeira, são os votos que lhe enderêço, com o preito da minha maior gratidão.

Creia-me confrade muito atento e grato

(a) *António de Matos*

Ao nosso prezado correspondente agradecemos os termos da sua carta. Pode estar certo de que todos aqui trabalham com os olhos fitos no Ideal e sem esperar a minima recompensa. Doutra forma, o nosso esfôrço seria inútil. É com factos desta natureza que o Espiritismo se irá impondo na sociedade. Para o conseguir, não recuaremos ante os maiores sacrifícios.

muitas e várias moléstias, de flagelos e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos. Depois disto, respondeu-lhes: ide contar a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem, os côxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, aos pobres se lhes anuncia o Evangelho; e bem-aventurado é aquêle que em mim não achar motivo de tropêço.

Tal é o Cristo: o amigo e defensor dos humildes e dos oprimidos, dos sofredores.

O objecto da sua paixão é o pecador. A individualidade humana representa para êle um valor infinito.

Deus é pai dos pecadores. Quanto mais abatidos e vexados pelas dores físicas e morais estiver o homem, mais interêsse lhe desperta.

Haja em vista estes dois exemplos: o leproso e a mulher adúltera.

Os leprosos, no tempo em que Jesus passou pela terra, eram corridos à pedrada das cidades e aldeias.

A lei de Moisés os condenava à lapidação, se tentassem entrar nos povoados. Sôbre a crueldade dessa lei que tinha por fim evitar a propagação da lepra, havia ainda a superstição com carácter religioso, segundo a qual os leprosos eram réprobos a quem Deus punia com o terrível mal.

¿E o que fez Jesus com relação àquêles infelizes? Curou-os. As chagas humanas não lhe causavam repugnância, nem pavor, mas comiseração e piedade.

E não só as mazelas do corpo lhe inspiravam aquêles sentimentos, como também as da alma.

Seu gesto pela mísera adúltera apupada pela horda dos fariseus, aliado à sublime lição contida no «aquêle que se julgar isento de culpa, atire a primeira pedra», é outro atestado eloqüente do quanto lhe interessava a sorte dos pecadores, particularmente dos aflitos e oprimidos.

O cristianismo é a história do Cristo junto do pecador. Na sua maneira de agir está a sua doutrina.

Contou-me um missionário que esteve 20 anos na India, que naquêle país, quando se fala em Cristianismo, o povo se mostra completamente desinteressado e céptico. Quando, porém, se faz referência à vida do Cristo no seio da humanidade, defendendo os explorados, suavizando angústias, ensinando ao povo o meio de viver feliz, então os índios se tornam atenciosos e, cheios de curiosidade, pedem com avidez que se fale mais nesse Jesus amorável e bom.

Êste facto é muito significativo. Quer dizer que as lendas forjadas pelas escolas sectárias em tôrno da doutrina cristã comprometem o surto daquêle credo. Cumpre, portanto, pôr de lado as teorias e anunciar Jesus-Cristo tal como êle é, tal como êle mesmo se apresentou aos emissários do Baptista, sarando os enfermos e anunciando aos humildes o Evangelho do amor.

E bem-aventurados aquêles que se não escandalizarem nesse Jesus que é o real e verdadeiro Cristo de Deus.

Não estamos no tempo das teorias, mas na era dos factos. O cristianismo não é uma teoria: é o mesmo Cristo revelando à humanidade as Leis Divinas.

Jesus é um facto histórico e, ao mesmo tempo, uma necessidade de todos os momentos, porque êle sintetiza, na moral em si mesmo personificada, a solução de todos os problemas da vida humana.

O método para ensinar a verdade religiosa é o mesmo que se emprega para ensinar a verdade científica: dedução e indução. Ora temos que partir dos factos para seus efeitos, ora dêstes somos levados a remontar àquêles. Não podemos mais impor crenças; temos que convidar o povo a raciocinar connosco. A fé que pretende impor-se tem seus dias contados; não tem prestígio moral, não tem vigor, jaz de há muito na esterilidade.

O momento reclama uma religião que melhore o mundo. Jesus não é inimigo da sociedade. Conviveu com os homens, tomando parte nas suas reüniões e festividades.

Êle é adversário do vício, do crime, da corrupção e da maldade.

Senão tivermos desde já o céu em nós mesmos, não poderemos encontrá-lo depois da morte.

Jesus não veio livrar-nos dêsse inferno localizado não se sabe onde: veio tirar o inferno de dentro de nós. Como? Ensinando-nos a conhecer e a vencer as paixões egoístas e animalizadas que nos torturam o espírito e aviltam o carácter.

Jesus curava e prevenia as enfermidades. Sua terapêutica era curativa e preventiva. «Não peques mais».

A saúde do corpo e do espírito é a lei da natureza, é o normal. As doenças físicas e morais são a anomalia, o distúrbio da vida. Sarando o leproso, Jesus não fez milagre: restabeleceu no pecador a ordem natural. As curas maravilhosas que operou fôram tôdas no sentido de fazer voltar à natureza, o que dela estava divorciado.

O pecado está na vida anormal que o homem leva no mundo. Jesus veio normalizá-la. Sua fé é um cântico de louvor à natureza.

Outra característica peculiar a Jesus é a sua atitude de servidor da humanidade. «Não veio para ser servido, mas para servir»: todos os seus actos comprovam esta frase. Sua vida terrena foi tôda de dedicação pelo homem. Viveu para outrem. Viver para outrem como êle viveu, não é uma teoria: é um facto que impressiona profundamente os pensadores. Seus próprios adversários — Strauss e Renan — analisando seus passos, acabaram rendendo-se à evidência do seu altruísmo e de seu poder de atracção, reconhecendo em tudo que êle fez, o fruto do seu imenso amor pela humanidade.

O imperialismo na esfera religiosa, está em franca decadência. Jesus quer ser o que êle é e não o que alguns credos religiosos pretendem à viva fôrça que êle seja.

Jesus revela-se por si mesmo àquêles que o procuram. Precisamos de sair do paganismo, buscando com Jesus a saúde, a pureza, o valor, a bondade, a alegria de viver e a imortalidade.

Êle é o modêlo que devemos imitar. Êle é o médico do corpo e da alma. Êle é o pastor dêste rebanho. Onde houver lágrimas a enxugar, chagas e dores a lenir, aí está Jesus no desempenho da sua missão.

Êle é por excelência o servidor da humanidade. «Vinde a mim vós todos que vos achais aflitos e sobrecarregados e eu vos aliviarei».

Ecce homo!

Esta frase de Pilatos tornou-se célebre. ¿E a quem se referia o pro-cônsul romano?

A Jesus açoitado, escarnecido, trazendo aos ombros um manto de púrpura como usavam os reis, à cabeça uma corôa de espinhos e nas mãos uma cana, à guisa de cetro.

O Cristo de Deus assim ultrajado e envilecido, sangrando pela fronte e pelo dorso, coberto de pó, a escorrer suor e sangue, todo em desalinho, foi conduzido ao pretório, e dali apresentado ao poviléo enfurecido, pelo representante de César na Palestina.

Essa figura trágica do Filho do Homem, sendo uma realidade manifesta, é também um eloqüente símbolo.

Antevejo atrás daquela matéria flagelada, daquele corpo contorcido, chagado e lastimoso, refulgir em todo o seu esplendor um espírito varonil que se alteia imponente e sublime sôbre os troféus da carne abatida e mortificada.

Jesus vilipendiado é a imagem dum soldado que regresse duma encarniçada luta, descalço, magro, olhos encovados e febris, maltrapilho, mas vitorioso, repassado de glória, sobraçando ridentes louros colhidos através da sua bravura, do seu heroísmo mil vezes comprovado no ardor das refregas e dos combates cruentos.

Realmente, em síntese, o que nos veio ensinar e o que nos exemplificou tão ao vivo o mestre excelso, senão a luta do espírito com a matéria, o que equivale a dizer da vida com a morte?

Ciumes, invejas, rivalidades e ambição; orgulho, pruridos de domínio, de ostentação e de grandeza; luxúrias, comodismo, ócios intermináveis, prazeres que só gratificam os sentidos, inclinações que tendem para a materialidade; vícios que deleitam e embriagam, que fascinam, mas que desfibram e amolentam o carácter, cortejo de ministros da morte, devem ser tragados na vitória.

Imitar a Jesus — é servir a humanidade; ter a vida é permanecer no seu ideal, é vencermo-nos a nós mesmos à viva fôrça.

Imitar Jesus, é penetrar o reino dos ceus, que é o reino do espírito, portanto, o da imortalidade.

O Ecce homo de Pilatos tornou-se uma frase de renome, cumprindo assinalar que é ao mesmo tempo profundamente simbólica, pois na realidade só deve ser apresentado como homem aquêle que venceu.

Jesus foi um precursor. Se êle tivesse vindo a êste mundo depois de Copérnico e Galileu, talvez nos tivesse aberto verdadeiramente o céu. À medida que o saber aumentar no nosso planeta, a religião se esclarecerá e desenvolverá. Grandes espíritos surgirão no futuro para o progresso da humanidade. Só há uma verdade: a verdade astronómica, a realidade universal dos mundos e dos seres. A religião do futuro será a religião da Ciência, reünindo em seu seio todos os seres pensantes.

Camille Flammarion

Bibliografia

por J. D. S. e S. E. M.

MILITANCIA ESPÍRITA, por *S. Paz Basulto* — Ediciones «Progreso». La Habana. 183 páginas.

S. Paz Basulto é fogoso publicista que acompanhamos há muitos anos com real interêsse, pois os seus artigos aparecem periòdicamente em *Rosendo*, de Cuba, e noutras revistas espiritas sul-americanas.

O livro que acabámos de folhear é uma colectânea de artigos publicados pelo autor e agora reünidos em volume. Nêle estuda o marxismo e o fascismo à luz do ideal espirita e trata dos problemas do nosso tempo e das directrizes actuais do movimento espirita mundial, com verdadeira independência e sentido das realidades. Eis algumas frases:

«Se os marxistas manejam a flexibilidade dialética para dinamizar a sua rígida estrutura materialista, os fascistas presumem de espiritualistas para introduzir a sua velha mercadoria». «No marxismo, o indivíduo desaparece na massa gregal; no fascismo, o Estado absorve-o e aniquila-o moralmente». «No Espiritismo, o indivíduo ocupa um lugar tão proeminente, que podemos afirmar que sem o soberano princípio de Justiça não poderia existir esta ideologia».

Vem a seguir, uma série de biografias de vultos espiritas, que muito valorizam a obra em questão.

TRABALHOS DO GRUPO «ISMAEL», compilados por *Guillon Ribeiro*. Edição da Federação Espirita Brasileira. 299 páginas.

OS capítulos desta interessante obra de divulgação experimental já foram publicados no *Reformador* e são quási todos do nosso conhecimento. Achamos absolutamente justa a sua publicação em livro, visto que ali se encontram muitos conselhos práticos dirigidos àquêles que se dedicam à catequização de desencarnados, além de esclarecimentos elucidativos e apreciações oportunas dados por alguns Guias do Grupo «Ismael», tais como, Richard, Bittencourt Sampaio, Bezerra de Meneses, Romualdo e António Saião.

O volume insere também um relato de Pedro Richard acêrca do Grupo e dos primeiros alvores do Espiritismo no Brasil, donde ressalta o esfôrço de Bezerra de Meneses para congraçar os espiritas daquele tempo e dar novo impulso à Federação, que fôra terrìvelmente abalada por ocasião da revolta de 6 de Setembro de 1903.

Emfim, trata-se duma colectânea de preciosos e utilíssimos ensinamentos bem dignos de meditação nos tempos que decorrem, cheios de perturbações e de incertezas.

JUDAS DE KERIOTH *(Reparação duma injustiça)* por *Clotilde Veiga de Barros*. Edições Síntese, da União da Juventude Espirita de Minas Gerais.

ÊSTE livro, que nos chegou às mãos com amável dedicatória do prof. Leopoldo Machado, que nele colabora com um acto radiofónico intitulado «Judas aos olhos do mundo», ao lado de Óscar Noronha Filho, Eugénio Carlos Monteiro, Noraldino de Melo Castro, Rubens Costa Romanelli e da editora, Clotilde Veiga de Barros, estuda a figura de Judas com elevado critério, para chegar à conclusão de que êste discípulo do Cristo nunca foi traidor. Erros de tradução espalharam falso conceito acêrca de Judas de Kerioth, pois as versões latinas registam o verbo *tradere* (entregar, transmitir, passar às mãos de) tomado em sentido muito diferente do de *trair, atraiçoar*. «Se tivesse havido traição — lê-se numa *Nota* a pág. 100 — esta se teria verificado anteriormente ao acto de entregar, isto é, desde que Judas concertara com os sacerdotes o plano de lhes entregar Jesus. Nesse caso, *traição* não significaria *entrega*, mas na entrega estaria a consumação da traição e, portanto, o desfecho apenas dum plano premeditado».

Obra de revisão histórica, atinge o seu objectivo através de rigorosa análise, em que predomina o sentimento de justiça.

HISTÓRIA DE CATARINA *(dedicada às crianças das escolas dominicais espiritas)* por *R. Hermindo*. Edição da Federação E. Brasileira. 77 páginas.

ÉIS um livrinho que merece a maior divulgação entre as crianças das escolas espiritas e as famílias que desejem educar os filhos segundo os princípios neo-espiritualistas.

É a história singela duma órfã entregue aos cuidados de sua serva Catarina, pessoa de extrema bondade

e grande discernimento que deu à tutelada todos os atributos requeridos pelas mulheres modernas. Eugénia, porém, — assim se chamava a órfã — deixou radicar na alma os germes naturais da vaidade e do orgulho, que tanto obliteram o carácter feminino, e só mediante um sonho em que se viu no Além, levada pelo seu Guia, conseguiu esforçar-se por imitar a tutora, nas suas obras de bem-fazer. Foi-lhe mostrada a situação que esperava uma e outra; e em presença do contraste flagrante, em aparente contradição terrena, Eugénia aprendeu as verdades fundamentais do Espiritismo e ficou sabendo que esta vida é transitória e que dela só levaremos as boas acções que praticarmos.

O livrinho, cheio de sentimento e ternura, tanto podia intitular-se «História de Catarina», como «História de Eugénia». Mas isto pouco interessa ao caso. O que se impõe afirmar é a verdade do seu valor intrínseco, é o seu real merecimento. Temos a maior satisfação em escrever estas palavras. Pela maneira suave e correcta como está escrito, pelas gravuras que contém e pela cartonagem que o envolve, é asado para prémio escolar aos alunos que se distinguem.

I. D. S.

O DESTINO HUMANO, pelo *Dr. A. Lôbo Vilela* — Edição da Editorial Inquérito — Rio de Janeiro — 1941.

DEPOIS do «*Problema da Sobrevivência*» aparece-nos agora outro volume, do consagrado escritor espirita Dr. Vilela, não menos digno de atenção e estudo pelos nossos leitores.

Esta obra, pelas teses magistralmente defendidas, pelos problemas científicos postos em equação e resolvidos segundo o critério do autor e os postulados espiritas, pode considerar-se um complemento da obra anterior.

«*O Problema da sobrevivência*», dá-nos a síntese da doutrina espirita baseada na ética cristã e na certeza da imortalidade da alma; o «*Destino Humano*» dá-nos a análise dêstes mesmos princípios, transportados para a psicologia experimental. Postos, assim, em evidência pelos métodos científicos vulgares, resistem heròicamente aos dardos contundentes da crítica zoila e impotente.

Compõe-se a obra de um prefácio e onze capítulos. Todos êles estão escritos numa linguagem adquada e vibrante de convicção, e constituem um autêntico tratado de Espiritismo Moderno. A sua leitura é aliciante e convincente. A-pesar-de alguns assuntos um tanto ingratos pela exaustiva citação de fontes e notas explicativas, os últimos três capítulos, sobretudo, empolgam-nos pela sua clareza e concisão literárias.

O assunto palpitante que o autor aborda neste livro, duma maneira clara e racional, é o da palingénese, fulcro principal, em volta do qual se debatem as filosofias oficiais, sem encontrarem uma solução completa e aceitável, que satisfaça a tôdas as inquietações espirituais do momento.

O «*credo quia absurdum*» imposto pela fé católica não resolve nem ao de leve o problema, nem resiste à mais simples análise crítica.

A hipótese teológica é, pois, vulnerável e absurda; a hipótese evolucionista é insuficiente, porque subordina e confunde a evolução anímica com a fisiológica.

Portanto, para resolver êste problema máximo do destino humano, só nos resta a hipótese palingenésica, apoiada nas três provas: a racional, moral e experimental, como afirma o autor.

São exactamente os três últimos capítulos, intitulados *conhecimentos inatos, o problema do mal* e *regressão da memória*, que analisam êste magno problema da nosso doutrina incomparável. Para êles remetemos os leitores de *Estudos Psíquicos*.

Diz o Dr. Vilela que «recusar o estudo dos fenómenos que surgem, é atraiçoar a ciência. Tôdas as teorias, por mais amplas que pareçam, são sempre estreitas, porque o domínio da realidade é mais vasto ainda».

Estas palavras podem ser endossadas a todos os nossos opositores, que se recusam sempre a abrir os olhos para não verem e a entricheirarem-se nas suas convicções rançosas, com a preguiça mental que os caracteriza.

Os factos, porém, falam mais alto e melhor que tôdas as teorias explicativas inventadas e propaladas pelos nossos inimigos. São estes factos a bandeira e o ariete, com que demoliremos a fortaleza do adversário. O futuro, como sempre, pertence à verdade, e a verdade neste mundo, ainda não pôde ser implantada por nenhuma teoria falaz, por mais aliciante e convincente que à primeira vista nos pareça. É semelhante à máscara de tragédia, muito linda, é facto, mas sem o senso comum, segundo diz Fedro.

Bem hajam os pioneiros como o nosso eminente e douto confrade. Para êle vão os nossos mais entusiásticos parabens. Que a sua pena continui a produzir obras semelhantes à que acabámos de citar nestas colunas.

URÂNIA, por *Camille Flammarion* — Edição da Federação Espirita Brasileira — 1941 — 253 pág.

CAMILLE Flammarion, o poeta da *astronomia*, como por todos nós é conhecido, neste livro admirável desenvolve de tal modo as coisas, as idéias, as ciências, a filosofia e a própria moral, que, após a sua leitura, preguntamos a nós mesmos:

¿Mas então, se os problemas máximos que a humanidade terrena ainda não conseguiu desvendar, são susceptíveis de resolução, desde que, desapaixonada-

Notas & Comentários

Jôgo de Palavras...

Psychic News, de 17 de Janeiro, refere-se ao facto da Senhora S^t. Clair Stobart e do reverendo G. Maurice Elliot, que dirigem a Bournemouth's church of the Confraternity, terem substituido neste centro a palavra «espiritista» por «psiquista», visto acharem que «a palavra «espiritista» se presta a equívocos entre clero, pastores e outras eminentes entidades, muitas das quais simpatizam com o Espiritismo».

E Psychic News comenta, muito judiciosamente:

«O alvo daquela Irmandade é estabelecer ligação entre espiritas e pastores e leigos de tôdas as religiões. Todavia, o seu fim não deve ser aceitar auxílio, mediante a substituïção dum titulo sob o qual têm trabalhado e suportado a oposição, feita em larga escala, por cristãos ortodoxos.

«Além disso. ¿como justifica aquela Irmandade o título de «cientistas psíquicos»? É um centro, não é um laboratório. As suas sessões têm carácter religioso e os seus oradores, quando ali vão predicar, devem levar sobrepliz, em vez de misroscópio».

E depois de afirmar que, há perto dum século, a palavra «espiritista» tem servido para denominar os que se dedicam a provar a sobrevivência, pregunta, com justificada razão:

— ¿Não será deshonroso pretender mudar um título que foi motivo de orgulho e pelo qual se sofreu perseguição—precisamente porque «o clero, os pastores e outras eminentes entidades de Bournemouth simpatizavam mais com as ciências psíquicas? Pois, em vez de perder tempo em jôgo de palavras, tratemos de enfrentar a grande missão que nos aguarda. Se alguns há que temem freqüentar os nossos centros, devido à repugnância que sentem pela palavra «Espiritismo», que se vão embora. Ainda não estão preparados para aceitar a nossa verdade. Felizmente, há milhões de indivíduos que se não assustam com esta palavra e que a procuram, a-fim-de obter o confôrto, o conhecimento, a inspiração e orientação que ela lhes fornece.

«Nós sentimos orgulho de ser «Espiritista».

É assim mesmo. ¡Aqui, também sentimos orgulho de ser espiritas e combateremos tôda a idéia de modificação do vocábulo. Não é a palavra que deshonra. O que deshonra é o procedimento de quem não sabe dignificar a palavra. ¡Saibamos honrar a memória daquêles que se sacrificaram, em holocausto às verdades eternas do Espiritismo!

Emprêsa gráfica «Mundo Espirita»

Os leitores sabem. «Mundo Espirita», o magnífico semanário de Henrique de Andrade que todos os sábados faz gemer os prelos no Rio de Janeiro, esteve prestes a desaparecer, devido à sua inscrição no Departamento de Imprensa e Propaganda, como «folheto de propaganda religiosa», que lhe cerceava o direito de inserir anúncios ou qualquer outra matéria paga.

Desde Março de 1941, Henrique Andrade não tem

---

mente os ataquemos sem nos prendermos aos preconceitos científicos ou religiosos, porque se embaraça e combate, em vez de facilitar e estimular quem se consagra a tentar resolvê-los?

Porque a clareza e a exposição dos factos desenvolvidos através das páginas aliciantes dêste livro mágico é tal, que *nós*, simples mortais, nos *sentimos* alados e semi-deuses.

— Segundo a teoria atómica, diz-nos Flammarion, «o Universo, as coisas e as criaturas, tudo quanto vemos, é formado de átomos invisíveis e imponderáveis. O Universo é um dinamismo. Deus é a alma universal: *in eo vivimus movemur et sumus*» (Nêle vivemos, nos movemos e existimos).

Tal é, em síntese, a doutrina que Flammarion advoga nos seus livros.

Aos que julgam que a ciência já explicou tudo, que nada existe que não esteja dissecado e sabido. Flammarion contrapõe esta observação muito lógica e oportuna: «*Há muitas coisas que somos forçados a admitir, sem de nenhum modo poder explicá-las. Negar o que não se pode explicar seria pura demência*».

«*Urânia*», livro vazado nos moldes românticos, visto que nêle, para amenizar a transcendência do assunto, existe um fiozinho de amor entre dois personagens principais e únicos, é digno de atenção e leitura pelos nossos confrades. Dessa leitura muitos conhecimentos advirão para fortalecer os nossos pontos de vista em face da ciência oficial. Ninguém, a não ser êsse espírito infatigável que se chama Camille Flammarion, seria capaz de expôr, tão claramente, problemas áridos e massudos.

Dir-se-ia que o Universo não tem segredos para êle. E diz-nos tudo com tanta convicção e calor; com tanta sinceridade e autoridade científicas, que duvidar das suas deduções e dos seus corolários seria o mesmo que duvidar da existência de Deus...

S. E. M.

descansado um só momento, apelando para todos, no sentido de aumentar o número de leitores, única forma de manter a publicação, sem solução de continuïdade. Mas êsses onze meses de propaganda não lhe trouxeram a carta de alforria que o libertasse do jugo económico, cada vez mais rigoroso, cada vez mais dilacerante para quem empunhava um facho de luz espiritual e sentia a vergastada dos ventos contrários, dificultando a sua marcha gloriosa. Os donativos que lhe enviavam não eram suficientes, não resolviam a questão nas suas linhas fundamentais, como se vê dos seguintes passos do «Manifesto aos Espiritas» publicado na sua edição de 11 de Outubro:

«O certo, porém, é que não poderíamos continuar a nossa existência jornalística alimentados apenas da generosidade da ajuda alheia. Humildes batalhadores da imprensa espirita, não escondemos também um certo pudor, ante o desejo de conseguir uma estabilidade económica para o jornal que fundámos com amor e até aqui conduzimos com devotamento, sem outra preocupação que não fôsse a de estarmos cumprindo o nosso dever».

Depois, é exposta a idéia da Emprêsa Gráfica Mundo Espirita, como medida urgente:

«É por isso, precisamente, que tomámos a deliberação de organizar uma sociedade comercial — Emprêsa Gráfica Mundo Espirita — ou outra melhor designação que fôr sugerida, destinada, não só a assumir a responsabilidade da circulação regular de «Mundo Espirita», como do quinzenário «Aurora» e bem assim de outras publicações que de futuro sejam úteis e necessárias ao fomento da doutrina e à difusão dos seus princípios».

O Dr. H. Andrade julga necessário realizar o capital de 200.000$000 reis, divididos em 2.000 cotas ou acções de 100$000 reis cada uma.

Êste manifesto produziu bom resultado, como era de esperar. Uma grande tipografia explorada por sociedade que atraísse a publicidade espirita, de jornais, revistas, livros e impressos, não deixaria de compensar os sacrifícios feitos nesse sentido.

Em sua edição de 25 de Outubro, «Mundo Espirita» publicou a relação dos primeiros accionistas, que já atingiam três dezenas, com o total de 102 acções.

Era desejo do Dr. Andrade iniciar na segunda quinzena de Novembro o lançamento oficial da projectada organização por meio de subscrição pública, de forma que a sociedade pudesse ficar definitivamente constituída nos termos da lei.

Como ainda não recebemos os jornais brasileiros relativos a Novembro último, ignoramos o resultado obtido pelo manifesto.

Fazemos os mais ardentes votos pelo triunfo da emprêsa, que, a materializar-se, evitará o desaparecimento de dois órgãos de grande circulação nos meios espiritas brasileiros.

Marco Postal

Tiveram a bondade de nos enviar directamente a importância das suas assinaturas os seguintes confrades, aos quais agradecemos muito reconhecidos:

Albano António Ribeiro, do Pôrto, até o n.º 18; *António Constantino Brites*, do Cartaxo, até o n.º 18; *Tomaz Domingues de Oliveira*, de Pôrto de Mós, até o n.º 18; *Tadeu Henrique Pinto*, de Coimbra, até o n.º 18; *José Nasciso Vieira*, de Lagos, até o n.º 18; *Torcato Cardoso Ferreira*, de Almeirim, até o n.º 18 e *João Marçal*, da mesma vila, até o n.º 20; *José Morais Dias*, de Braga, até o n.º 18.º; *Manuel Urbano Alves*, de Faro, até o n.º 18.

Mário Comenda — *Luanda* — Por intermédio da nossa irmã Sr.ª D. Alda Godinho, recebemos vinte escudos relativos à sua assinatura do 1.º ano de *Estudos Psíquicos*, faltando pagar o 2.º e 3.º anos. Aguardamos a remessa dessa importância, o que antecipadamente agradecemos. Os nossos cumprimentos, extensivos ao confrade sr. Aguilar.

D. Alda Godinho—*Sá da Bandeira*—Angola— Recebemos a sua estimada carta, bem como os selos de correio. De futuro, deve mandar selos de pouco valor, devido à dificuldade de se obter a sua venda. A irmã D. Maria Pinheiro está bem e envia saüdações. Seguem alguns exemplares da revista para propaganda. Os trabalhos decorrem com animação e proveito. Cumprimentos nossos e àvante pela Causa. O caminho é para a frente. Só lutando venceremos. Espere notícias.

REFLEXÕES

Não procureis dar largas aos vossos sentimentos rancorosos. Procurai, antes, extirpar de vós essas larvas daninhas. O rancor leva-nos à prática dos maiores crimes.

Quem fôr capaz de levar a sua cruz sem murmurar, êsse já tem o seu galardão.

Procurai dentro de vós mesmos o caminho a seguir. A vossa consciência vo-lo ditará.

¿Quem será aquêle que quer seguir o seu destino? A maioria dos homens procuram fugir-lhe, e daí vêm as suas quedas.

Nº 15, Jan./Fev./42

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

A conversão dum jornalista canadiano

A ignorância é o pior dos males que ataca a humanidade. E quando é acompanhada de vaidade satisfeita, o mal aumenta ainda mais e só um violento sôpro de realidade repõe as coisas nos seus devidos termos. O homem pode duvidar disto ou daquilo, sem abandonar o equilíbrio das suas funções mentais. A dúvida é legítima, sobretudo para quem estuda, para quem analisa, para quem indaga, tentando descobrir incógnitas e remontar às causas. Mas se êle expõe a sua dúvida com desdém pelo caso em aprêço, mantendo-se enfatuadamente no seu trono de sábio indiscutível; se êle nega, porque nega, sem argumento lógico, sem base científica; se êle defende o seu misoneísmo, como quem pretende conservar o «espaço vital» dos seus interêsses utilitaristas, então, a dúvida é moralmente ilegítima e reverte em prejuízo individual.

O exórdio vem a propósito duma sessão experimental realizada no outono em Toronto, Canadá, à qual assistiu B. J. Fairley, redactor do semanário *Flash* (Relâmpago) e que enfileirara na hoste dos cépticos, até encontrar a luz que «mudou todo o curso da sua vida».

Eis o que êle escreveu, como prólogo de «reportagem» acêrca da referida sessão:

«Se antes era céptico, agora estou absolutamente convencido de que é possível comunicar com o espírito daqueles que morreram. Estou igualmente convencido de que está perto o dia, em que poderemos falar com êles, quasi tão fàcilmente como falamos com os nossos semelhantes».

A sessão foi dada pelo médium Ram Singh, de quem o jornalista diz que tem sido exposto à perseguição e ao ridículo, sendo acusado de fraudes e trapaças, embora tais acusações nunca pudessem ser mantidas. O próprio *New York Times* foi obrigado a confessar que se tratava dum homem sério e honesto.

Uma trombeta de oito polegadas, formada por meia dúzia de tiras de alumínio pintadas a côres luminosas, serviu para os trabalhos daquela noite. Aberta a sessão, a trombeta descreveu grandes círculos no quarto e o jornalista «sentiu o frio do objecto, quando êste lhe tocou na fronte». Depois, ouviu a voz do Espírito-Guia a dizer-lhe:

— Não te atemorizes. Tu és um dos que nós queremos visar esta noite. Não te rales com a almofada (referia-se a um livro de apontamentos que êle tinha no joelho).

Logo que a trombeta parou, apareceu uma luz no meio do aposento, «a princípio nebulosa e depois tomando a forma duma pilastra erguida no soalho». E novamente se ouve o Espírito-Guia (Felice), dirigindo-se a Fairley:

— Isto é para ti. Tua espôsa julga que podes tapar a brecha existente entre o vosso mundo e o nosso. Escuta-a cuidadosamente e acredita.

E o jornalista escreve:

«A pilastra de luz tomou a forma humana, resplandecendo como estátua de mármore banhada pelo luar. Em seguida, voltou lentamente a cabeça, olhando na minha direcção. Com extraordinária nitidez, reconheci então as feições de minha mulher Eunice. Olhou para mim, a sorrir. Havia nela espantosa vitalidade. O rosto iluminou-se-lhe de felicidade e eu tive consciência das alterações do seu semblante, correspondentes a solicitude, amor e triunfo. Aquela deliciosa figura extinguiu-se, então, em luminosa neblina e a trombeta dirigiu-se novamente para mim... Eu examinava algumas palavras sôltas que de lá provinham, até que, inesperadamente, uma voz se me dirigiu com a mesma inflexão e qualidade da de minha mulher:

— *How are you, «Jan»?* (Como estás, «Jan»?) «Jan» era um deminutivo usado pela espôsa do jornalista e só por ela.

«Parece incrível — acrescenta êle — que qualquer dos assistentes pudesse ter ouvido aquilo». A seguir, a voz continuou:

— ¡«Tenho tanta coisa que te contar e o tempo é tão pouco! A maior parte da tua vida passa-la connôsco, passa-la comigo. A ilusão, para ti, é quando estás acordado; a realidade é quando dormes».

Eunice falava como se estivesse a explicar um pequeno problema a uma criança:

— «Os sonhos são rápidos, como relâmpagos. Representam êsse período de transição, quando o teu próprio espírito volta ao corpo material. Se despertas repentinamente, tens a sensação de choque, por vezes a sensação de lágrimas. É a volta do espírito ao corpo. Outras vezes, despertas com vaga lembrança de felicidade. Isso significa que o teu espírito era particularmente feliz noutras paragens.

«A vida terrena é semelhante a um *filme* em movimento desenrolando quadro por quadro, emquanto a nossa é como o *filme* desenrolado que podemos movimentar à vontade, para diante ou para traz.

«Nós viajamos em função de tempo. Virtualmente, aqui não há distâncias. O mesmo te sucederia, se pudesses viajar com a velocidade da luz».

Depois de falar de assuntos particulares, a voz de Eunice extinguiu-se abrutamente.

Eis como o redactor do *Flash* termina o seu relato:

«Ram Singh despertou do transe pouco depois e declarou não ter a mínima lembrança do que se passara».

Êste médium, que vive a maior parte do tempo em Nova-York, nunca aceitou um centavo pelo seu trabalho.

— O que eu tenho é um dom de Deus — diz êle — e um dom não se pode vender...

E, para terminar, transcrevemos as palavras com que o jornalista abre o seu artigo:

«Há menos de uma hora, num quarto escurecido do King Edward Hotel, em Toronto, ouvi a voz inconfundível de minha mulher, Eunice, falecida há sete anos e de quem eu tive um vislumbre momentâneo... quando voltou do outro lado do túmulo... para me falar da vida eterna...»

Factos desta natureza deitam abaixo tôdas as opiniões preconcebidas, tôdas as dúvidas erguidas pela ignorância dos que, por sistema, se opõem ao livre caminhar de verdades irrefragáveis. Por isso, o Espiritismo desafia tôda a ciência oficial ou oficializada a impugnar os factos, sôbre os quais assentam os seus firmes postulados.

Um grande sanatório em S. Paulo

O movimento espirita brasileiro continua a progredir constantemente, afirmando-se em obras tangíveis que desafiam o tempo e a felonia dos seus adversários. Queremos hoje referir-nos a uma emprêsa verdadeiramente grandiosa, digna de conhecer-se e louvar-se, atentendo ao fim a que se destina.

Trata-se do Sanatório Beneficente Jesus de Nazaré, que a Sinagoga Espirita Nova Jerusalém, de S. Paulo, está a construir em Suzano, próximo da cidade bandeirante, a quinhentos metros do caminho de ferro central do Brasil. Construído sôbre uma colina, tem à direita o oceano e à esquerda as serras da Cantareira e de Mogy que vão dar aos contrafortes de Campos de Jordão. Os ares são magníficos, apropriados à cura da tuberculose.

Para fazermos idéia da grandeza dêste sanatório, diremos que a área em que êle fica é de noventa mil metros quadrados, aproximadamente.

Segundo os dados que extraímos de *Alvorada de uma Nova Era*, de Janeiro de 1941, vê-se que a parte que naquela data estava sendo construída era de três mil e oitenta e sete metros quadrados, sendo a construção geral de cinco mil cento e setenta e três metros quadrados.

O autor do projecto é o confrade António J. Trindade, director daquela publicação e fundador da Sinagoga, o qual visitou o estrangeiro, a-fim-de estudar um modêlo de sanatório que pudesse ser copiado com proveito para os doentes.

Nesta construção, foram eliminados os grandes salões. Os doentes ficam reünidos dois a dois em cada quarto, para não assistirem ao espectáculo de enfermos que tossem ou vomitam. Os quartos, por sua vez, dão para *solariuns* espaçosos. Mas, além dêstes, há outros *solariuns* ainda maiores, pertencentes a cada corpo do Grande Sanatório e para os quais os doentes se poderão transportar na própria cama, sem serem obrigados ao menor movimento.

Os *solariuns* têm trinta e oito metros de comprimento por três de largo, ou seja, cento e catorze metros quadrados. Ao todo, há oito *solariuns*, de forma que os doentes não necessitam de cansar-se para gozar o ar puro e receber o calor do sol, que deve ser regulado convenientemente, conforme a hora do dia e a sua intensidade.

O Sanatório tem 150 quartos, cada um para dois doentes, 8 enfermarias, 6 salas de visitas para doentes, 20 banheiros divididos pelos vários corpos do edifício e 30 dependências para lavabos.

Além disto, há biblioteca, sala de operações, sala de diatermia, sala de raios X, ambulatório geral, seis consultórios, gabinete dentário, farmácia, três refeitórios para pessoal, médicos, etc., oito grandes refeitórios para doentes, quatro salas de repouso, rouparia, padaria, espaçosa cozinha, lavandaria, armazém-despensa, etc., etc.

Há também dependências para o pessoal da casa, enfermeiros, médicos e demais pessoal de serviço, localizadas no alto do vasto edifício, em quinze enormes quartos.

Finalmente, há um grande salão para conferências e reeducação de doentes, de forma que possam voltar ao trabalho sem as extranhezas e mutações do costume.

É possível que as obras desta extraordinária construção já estejam em parte concluídas. Infelizmente, não podemos fornecer mais pormenores, em virtude da irregularidade com que recebemos a publicação acima mencionada. Prometemos, no entanto, voltar ao assunto, logo que nos cheguem notícias de fonte autorizada.

O que aí fica é suficiente para que o Espiritismo seja olhado com atenção e respeito por todos os homens de bem. Obras demoníacas não se compadecem

com as mais altas virtudes que exornam o coração humano.

Não obstante os motejos e sarcasmos com que nos mimoseam certas religiões dogmáticas, de braço dado com a ciência enfatuada, o govêrno brasileiro vai subsidiando com centenas de contos algumas associações espiritas, consideradas de utilidade pública, pela maneira como exemplificam a Doutrina.

É a recompensa dum trabalho contínuo de amor ao próximo, inspirado por idéias altruístas, orientadas em elevados princípios de caridade bem compreendida.

As revelações de Rosemary contadas por um profano

Mundo Argentino, de Buenos Aires, publicou em Setembro de 1940 um artigo de Lucas Terra acêrca das revelações curiosíssimas de Rosemary, médium muito conhecido, em virtude das experiências feitas pelo Dr. Wood e narradas por êste escritor num livro intitulado «O Milagre do Egito».

Embora o escritor argentino desconheça o Espiritismo, não deixa de ser interessante ver como êle expõe o caso aos seus leitores. Vamos, por isso, resumir o artigo, de harmonia com o espaço reservado a esta secção de *Estudos Psíquicos.*

O articulista começa por dizer que o caso mais extraordinário de Rosemary é entoar canções em idioma do antigo Egito, segundo informação dum sábio egiptólogo da Universidade de Oxford, pois nas palavras proferidas descobriam-se as vogais perdidas nos hieroglifos. As «recordações» de Rosemary, reveladas através da «escrita mecânica», como lhe chamam os espiritas, anunciam que apareceu no mundo como princesa síria, prisioneira na côrte de Amenhotep II, pai de Tut Ank Amon. Depois, foi escrava, no tempo de Nero. Mais tarde, viveu como peregrina e por último foi aristocrata em França, no tempo da Revolução Francesa.

Eis como, segundo o articulista, o Dr. Wood se refere às «mensagens psicográficas» da jovem de Blackpool:

— Estamos convencidos de que as mensagens são de *Nona,* princesa egípcia, identificada como Telika, segunda espôsa de Amenhotep III e que Rosemary recebe em estado de transe. Embora o nome de Telika não venha mencionado nos anais históricos, há provas de que aquêle faraó casou com essa princesa. Durante o seu reinado, Amenhotep enviou à Síria um exército comandado pelo general Rama que, depois de saquear algumas cidades, regressou ao Egito com grande número de escravas, entre as quais uma princesa chamada Vola. Estamos certos de que Rosemary é a moderna reencarnação dessa princesa síria e podemos afirmar que *Nona,* cuja voz ouvimos através de Rosemary, é a própria rainha Telika.

O Dr. Wood explica como Vola, pequena e inofensiva, atraiu a atenção de Telika, que adoptou e levou ao templo de Karnak, para convertê-la em sacerdotiza. Os ciumes e as intrigas provocaram a morte das duas mulheres, vitimadas numa emboscada.

Eis como Rosemary descreve a reencarnação seguinte:

— Lembro-me vagamente duma côrte real completamente diferente daquela em que vivi no Egito e cujo chefe era o imperador Nero. Eu era escrava de Popeia, a imperatriz. Aquilo era um verdadeiro inferno. Durante o dia, tinha que dar maçagens à imperatriz; à noite, aguardavam-na suplícios inenarráveis. Eu própria ditei a minha sentença de morte, refutando altivamente as apreciações desprezíveis que ela fizera da religião cristã. Num abrir e fechar de olhos, fui levada a um pátio e açoitada até ao último suspiro, emquanto Popeia contemplava duma janela o meu tormento.

Rosemary é considerada pelos espiritas como «psicógrafa mecânica, — continua a escrever Lucas Terra, — a-pesar-de em certas ocasiões falar em voz alta e entoar canções, esquecidas há milhares de anos. Mas, falando ou escrevendo, acompanha as duras consoantes com tôdas as vogais duma estranha linguagem. Escrevendo em inglês, apresenta o equivalente fonético numa linguagem quási incompreensível. A primeira vez que essa particularidade se manifestou, em estado de transe, foi numa aula de música, quando ela exclamou:

— *Ah-yita-zhula!*

Depois, aturdida e envergonhada, acrescentou:

— Que palermice! Vou ficar doida.

O Dr. Wood tomou nota das palavras pronunciadas pela médium e obrigou-a a escrevê-las, concluindo que havia descoberto o esbôço de vocábulos do antigo Egito. Nesta conformidade, apresentou Rosemary ao egiptólogo Dr. Hulme, da Universidade de Oxford, compilador de uma gramática egípcio-esperanto, e viu confirmadas as suas previsões.

— Eram vocábulos do antigo Egito, — disse o Dr. Wood — relacionados com o reinado de Amenhotep III. Aquilo era mais do que uma simples descoberta; era o ressurgir fonético duma língua falada naquela época e cujo descobrimento se fez, graças à pedra Rosetta, encontrada em 1799, com uma inscrição em três idiomas, dois do quais já conhecidos. A inscrição foi traduzida e conhecidas as consoantes; mas as vogais permaneceram ocultas à ciência moderna.

Tal omissão foi devida aos escribas e sacerdotizas inventores da escrita egípcia, que saltavam as vogais,

a-fim-de poupar espaço, tempo e trabalho. Semelhante negligência ocasionou a perda fonética daquele idioma.

Eis o que o Dr. Wood afirma, no tocante às declarações da célebre médium, segundo as quais ela fôra, em determinada época, a princesa Vola:

— Muita gente se rirá de tais afirmações. Todavia, quando está em transe, Rosemary descreve com precisão a história, costumes, características, vida, música e religião dêsse reinado. As suas recordações encheriam um extenso volume. Ela descreveu pormenorizadamente o templo de Karnak, onde foi sacerdotiza, bem como a letra e a música dos hinos e as antigas danças religiosas dos rurais e palacianos, sob o domínio faraónico. Revelou, igualmente, alguns segredos acêrca da Esfinge e das pirâmides e referiu-se a túmulos ainda não descobertos.

Realmente, como diz o articulista, não se pode admitir que, na sua curta existência, Rosemary tenha acumulado tantos conhecimentos acêrca da história do Egito para inventar as suas estranhas narrativas. Há também quem admita a possibilidade da médium receber, telepàticamente, aquelas mensagens. Todavia, poucos seriam aquêles que as poderiam transmitir, e muito menos no caso de as vogais serem exactas.

No seu livro citado, o Dr. Wood comenta o facto de, em certa ocasião, *Nona* ter comunicado a Rosemary que futuros descobrimentos a respeito do Egito provariam que ela era Telika Ventiu, a segunda mulher de Amenhotep III.

— Sei como se poderiam fazer êsses descobrimentos — continua o Dr. Wood —. Em dado momento, será encontrado um túmulo egípcio. Pelo que me disse *Nona*, creio que a descoberta será feita por cientistas estrangeiros, provàvelmente franceses, sob as ordens do govêrno do Cairo. O túmulo aparecerá por acaso, devido a um desmoronamento de pedra e areia, quando os cientistas estiverem entretidos com outras pesquisas, e surgirá debaixo de areia vermelha e quási argilosa. Ali se encontrará um papiro, com a história completa da morte de Telika Ventiu e de Vola.

Eis as palavras com que Lucas Terra termina o seu artigo:

«Se um túmulo e um papiro semelhantes forem encontrados, os que escarnecem das «mensagens» e declarações de Rosemary serão obrigados a reconhecer a veracidade dêste fenómeno estranho e sem explicação, que preocupa os arqueólogos e os eruditos. Além disso, abrirá caminho a uma nova ciência, de probabilidades infinitas».

Embora o articulista encare a questão do ponto de vista profano, verificando-se na sua análise algumas deficiências, provenientes da sua ignorância acêrca do Espiritismo, não resta dúvida de que procedeu conscienciosamente, motivo por que lhe fizemos larga referência.

A desencarnação da médium Margery

Devido a ter-nos chegado a notícia, já depois de paginado o último número, só agora podemos comunicar aos leitores a desencarnação de Mrs. Crandon, a célebre médium Margery, como era conhecida em todo o mundo. Soubemo-lo pelo importante semanário *Psychic News*, de Londres, que defende galhardamente o Espiritismo, sob a direcção do admirável pioneiro que é Maurice Barbanell.

MARGERY E SEU MARIDO, O DR. CRANDON

Foi em 1 de Novembro de 1941 que se deu o acontecimento. Mrs. Crandon, de quem continuaremos a falar em futuras edições, é considerada a maior médium do mundo, tais foram os fenómenos que se obtiveram, mercê das suas poderosas faculdades.

Margery (era o seu nome de solteira) começou a desenvolver a mediunidade há cêrca de vinte anos, em sua própria casa, algum tempo depois do trespasse de seu irmão Walter, que tinha sido engenheiro de máquinas e se tornou o director espiritual dos seus trabalhos mediúnicos. Vivia em Boston com seu marido, o Dr. Crandon, médico muito conhecido nesta cidade pelos esforços que dispendeu na clínica gratuita destinada às classes pobres. Êste facultativo, que seguira interessadamente as experiências do Dr. Craw-

ford, realizadas em Belfast, decidiu fundar um grupo familiar e prestes reconheceu em sua mulher extraordinários dons mediúnicos. O primeiro espírito a manifestar-se foi Walter, falecido em conseqüência dum desastre. Resolveu demonstrar a sobrevivência e guiar a irmã através dos variados graus da mediunidade, que ela galgou com decisão e galhardia. Primeiro, vieram os «raps» e movimentos de objectos sem contacto; depois, veio o transe, vieram os «apports», a produção de ectopasma, a materialização, a escrita directa e a correspondência cruzada enviada a três grupos distanciados entre si por muitos quilómetros. Ligando essas frases sôltas, obtiveram-se comunicações completas.

Alguns anos depois, Walter preguntou o que deveria fazer, a-fim-de provar a sobrevivência da alma. Tendo-lhe sido respondido que as impressões digitais seriam a prova mais evidente, o comunicante pediu que trouxessem cêra e água quente e começou a apresentar as impressões do polegar, as quais foram identificadas com as que êle deixara numa navalha de barba de que se servira nos últimos dias da sua existência.

Para afirmar insofismavelmente a sobrevivência, deu um aspecto curioso às novas impressões digitais fornecidas. Primeiro, eram positivas, como seria natural; depois, eram negativas, isto é, transformou em saliências as reentrâncias da pele do polegar e vice-versa. Estas impressões continuaram a aparecer, não obstante a mais apertada fiscalização dos assistentes. Agora, eram propositadamente invertidas, para serem analisadas ao espêlho.

Margery sujeitou-se a rigoroso contrôlo: Ataram-lhe os pulsos e os tornozêlos, meteram-na num gabinete com paredes de vidro e aberturas por onde enfiava as mãos, que ficavam à vista dos assistentes, e as impressões digitais continuavam a aparecer tão perfeitas, que as próprias ampliações denunciavam os mais ínfimos pormenores anatómicos da epiderme. Tôdas estas impressões obtiveram confirmação nas repartições oficiais de Washington, Boston, Berlim, Munich, Londres (Scotland Yard) e Viena.

Na noite em que a sua parente Frances Gray faleceu em Búffalo, Walter produziu as impressões digitais da falecida, exclamando: «— ¡Eis as impressões dos polegares de Frances Gray!». No fim da sessão, o Dr. Crandon telefonou para Búffalo, pedindo ao marido da sua parente que lhe enviasse as impressões digitais dos polegares da morta. Recebidas elas, os peritos declararam que umas e outras eram absolutamente iguais.

Margery trabalhou perante muitos espiritas de valor, tais como Oliver Lodge e Conan Doyle, que foram seus hóspedes e amigos.

Para controlar os fenómenos de voz directa produzidos por Margery, o Dr. Richardson inventou certo aparêlho munido de bocal em ligação com determinado reservatório. Quando a médium soprava no bocal, fazia subir uma coluna luminosa, observada por todos os assistentes. Durante êsse tempo, a voz de Walter ouvia-se distintamente.

Não obstante a fiscalização a que se sujeitou, Walter conseguiu realizar tôdas as experiências propostas a sua irmã e conseguiu fazer um discurso que foi radiodifundido e ouvido em milhões de lares. E quando alguns assistentes duvidaram de que uma só impressão digital pudesse demonstrar a sua identidade, o Espírito-Guia mergulhou as duas mãos na cêra.

Por intermédio de Margery, o espírito de Conan Doyle autografou um dos seus livros. A assinatura era perfeitamente igual à que usava o famoso escritor.

Margery e seu marido tornaram-se verdadeiros mártires, sofrendo perseguições revestidas de aparente cortesia. A sua casa era apontada nos jornais como «casa de má fama». Pois, a tudo isto Margery respondia com sorrisos de bondade, continuando a abrir as portas a muitos que, não querendo admitir, por teimosia e má fé, a verdade dos fenómenos maravilhosos que presenceavam, a caluniavam sem rebuço, dizendo que ela fraudava. Margery nunca fraudou. Sujeitou-se a todo o contrôlo possível e a todos os *tests* que lhe propuseram. Jàmais aceitou remuneração pelos seus trabalhos. Ao contrário, ela e seu marido espalharam muito dinheiro pelos necessitados.

O Dr. Crandon desencarnou em Janeiro de 1940. Um ano depois, Margery ia juntar-se ao marido e a Walter. Só o *Daily Telegraph* anunciou a sua morte.

Eis como «Silver Birch», guia do Centro de Hannen Swaffer, descreve a entrada de Margery no mundo espiritual:

— Ela foi recebida por milhões de espíritos, incluindo os grandes instrumentos *(médiuns)* do passado, que a vieram felicitar por ter empunhado na terra o facho da fé espirita.

O fim do Espiritismo é desenvolver as inclinações superiores da alma — e conduzi-la pela mão da Ciência — à verdade; por intermédio da moral — à caridade; pela influência da arte — à beleza; através da religião — ao Criador. É o amor do verdadeiro, é o amor do bem, é o amor do belo, é o amor de Deus!

Carlos Imbassahy

Devido à falta de espaço, tivemos que retirar alguns artigos já compostos, entre os quais «Carta aos Irmãos de Lisboa», de Henrique Magalhães, e «Ecos da Imprensa Espirita». No próximo número esperamos normalizar esta situação.

Por êsse mundo...

— O Dr. Francisco Klöres Werneck, do Rio de Janeiro, está a traduzir as obras do escritor francês Henri Regnault, entre as quais, «Il n'est pas mort», «Léon Denis et l'experience spirite», «Seule le Spiritisme peut renover le monde», «La realité spirite», «Tu reviveras», etc. Êste incansável obreiro é um dos maiores vulgarizadores do Espiritismo, através de oportunas traduções que edita por sua conta, sem fins lucrativos e com o único objectivo de tornar conhecidas as verdades que informam a nossa doutrina.

— O grande semanário espirita inglês *Psychic News* que, a-pesar das inúmeras dificuldades das comunicações marítimas, tem chegado regularmente à nossa redacção, informa que tem feito larga distribuïção de exemplares nas fileiras do Exército e da Armada. Como já tivemos ocasião de dizer, mantém um *Fundo* permanente, destinado a custear as remessas, quer de exemplares das suas edições (já distribuiu 56.000), quer de livros espiritas (já distribuiu 4.500 volumes). Tanto jornais como livros, têm sido enviados gratüitamente.

— A Associação «Asas Brancas» de Estudos e Culto Cristão, de Buenos Aires, encerrou em Dezembro último os trabalhos doutrinários relativos à Cátedra Cristã, que tão belo efeito produziram no espírito daquêles que a freqüentaram.

De 29 de Setembro a 5 de Outubro, realizou-se na mesma sociedade a primeira exposição pública de quadros pintados a ólio, obtidos mediünicamente, quatro dos quais de Leonardo Da Vinci e cinco de Rafael Canzzio. Esta exposição foi visitada por considerável número de pessoas, desde o humilde estudioso ao mais exigente académico.

— Em Newcastle-on-Tyne, acaba de fundar-se uma Sociedade de Investigações Psíquicas.

— A famosa médium Eileen Garrett é agora directora de *Tomorrow* (Amanhã), nova revista mensal, editada em New York City. Acaba também de escrever um livro, intitulado «Telepathy; In Search of a Lost Faculty» (A Telepatia. Estudo duma faculdade perdida).

— Próximo de Londres, abriu um novo Liceu Espirita, que funciona no Golders Green Sanctuary of the Spirit.

— Em Dover, há uma médium que sabe quando os *raids* aéreos estão eminentes. É Mrs. Dawes. Quando, há tempos, foi visitada por um soldado espirita, ouviram um forte *rap* (pancada) no aparador, seguido de aviso acêrca dum *raid* aéreo. A senhora Dawes explicou, então, que os seus espíritos amigos lhe diziam que não tivesse mêdo. «Se ouvirmos dois ou três *raps* — acrescentou — sabemos que estamos para ser bombardeados».

— Vai aparecer um novo semanário espirita americano intitulado *New York Spiritualist Leader,* dirigido por Margaret Blake Hall, jornalista com vinte e cinco anos de experiência em lides doutrinárias. «A-pesar-de nova em Espiritismo — declara ela — sinto que poderei contribuir muito para a difusão desta doutrina (como ciência, filosofia e religião), entre os milhões de novos conversos que surgirão durante os próximos cinco anos».

— Em Hampshire (Inglaterra) acaba de fundar-se uma nova associação espirita. Mesmo sob os ataques da *Luftwaffe,* os médiuns continuam a trabalhar e a confortar os tristes que só nas verdades espiritas encontram lenitivo para as suas mágoas.

— O médium Trevor Davis, natural do País de Gales, deu uma sessão em casa de Mr. John Butler, de Fleetwood, Lancashire, onde se produziram diferentes materializações e algumas entidades se dirigiram aos donos da casa em voz directa. Um porta-jantar flutuou sôbre a cabeça dos assistentes, iluminado por luz especial, para que todos observassem o fenómeno. Finalmente, o médium foi levitado na sua cadeira, deslisando em roda da sala, onde se realizava a sessão.

— Mary Taylor tem grandes faculdades mediúnicas, embora seu marido não acreditasse nelas. Um dia, porém, numa sessão, um espírito falou pela senhora Taylor e comunicou numa língua que a médium ignorava. Era a língua havaiana. O espírito lembrou, então, ao marido incrédulo que, na última guerra, êste estivera em Havaï, a bordo dum navio, e, a-propósito, contou-lhe um incidente que se dera nesse tempo. A médium ignorava que seu marido tivesse estado em Havaï.

— *Psychic News* de 13 de Setembro conta que Helen Spiers, há pouco desencarnada, foi uma das poucas médiuns a quem não surpreendeu a declaração de guerra. Em 1931, tivera uma visão, segundo a qual haveria guerra entre a Inglaterra e a Alemanha e que a primeira não estaria preparada. Em 1935, relatou a visão dum *raid* aéreo, acrescentando que lhe parecia ser em Londres.

— Os espiritas da capital de Minas Gerais estão a construir o «Abrigo de Jesus», educandário destinado a abrigar um cento de crianças desvalidas, dando-lhes alimentação, educação cristã e instrução, sobretudo profissional. Só o terreno vale 60.000$000 reis.

— A Livraria da Federação Espirita Brasileira editou no ano de 1940/41 278.300 volumes, no valor de 176.644$590 reis.

Noticiário

O espírito de Firmino da Assunção Teixeira comunica-se no Centro Espiritualista Luz e Amor

No dia 7 de Dezembro de 1941, realizou-se no nosso Centro a costumada sessão experimental, com o auxílio da médium sr.ª D. Maria Santana Pinheiro, que à nossa obra tem dispensado o seu precioso concurso. Era, precisamente, o dia em que se realizariam eleições de corpos gerentes na Federação Espirita Portuguesa e a sessão efectuou-se três ou quatro horas antes daquele acontecimento.

Feita a prece inicial, seguida de breve palestra pelo director da sessão, a médium cai em transe e dá uma interessante comunicação, firmada pelo grande benemérito do Espiritismo, o saüdoso Firmino da Assunção Teixeira, a qual foi captada por uma senhora presente.

Publicamos esta mensagem com grande prazer, não só pelo assunto que ventila, como, também, por o espírito comunicante haver sido identificado pelo médium vidente António Alves Bartolomeu, que assistia à sessão e desconhecia inteiramente o autor das belas palavras que passamos a transcrever:

Que a paz esteja convosco, irmãos. (Dirigindo-se ao director da sessão) Fui atraído pelas tuas palavras e aqui estou a manifestar a minha profunda tristeza por ver a Causa quási abandonada por aquêles que tão alto a ergueram e hoje são acossados por quem devia ter em melhor conta os interêsses do Espiritismo... (Pausa. Depois, com intensidade crescente):

¿De que serviu o esfôrço que empreguei? Não soube evitar a derrocada daquela casa, que foi construida para fins bem diferentes... Não soube preservá-la, de modo a que a obra não pudesse ser deturpada. Por isso, sofro horrivelmente.

Agora é que eu sinto bem a vibração da vida espiritual e leio na alma dos homens.

Oh Deus! Todos erram e eu também errei, porque me não lembrei a tempo de formular disposições que ninguém pudesse deturpar.

¿Para que consentiram que se fechassem aquelas portas?

É necessário que todos se imponham para que elas se tornem a abrir, a-fim-de que se reünam de novo debaixo daquelas telhas, que eu deixei para êsse fim.

Espiritas! Uni-vos e voltai para aquêle templo. Lembrai-vos sempre daquele que sofre no Além por semelhante abandono. Lembrai-vos do que deixei escrito para todos os Centros que fazem propaganda espirita.

Os tempos são chegados. É necessário que a matéria se vá modificando e aperfeiçoando, através do sofrimento. Para isso, é necessário que se dispam do egoismo e da vaidade.

Perdoai aos que erram. Não os detesteis. Não lhes aponteis o castigo, mas sim o êrro em que caíram. Perdoai-lhes. Eu já lhes perdoei e oro a Deus por todos.

¿Quando vos tornarei a ver debaixo daquele telhado? Êsse dia será para mim de grande prazer, mas hoje sofro horrivelmente. Peço transmitais o meu sofrimento e a minha vontade: quero que essa casa volte ao que era dantes.

(Para o director da sessão) Irmão, trabalha, que Deus te ajudará. Põe de parte as ofensas recebidas. Não te voltes contra os culpados. Pede a Deus por êles ,que têm de reparar os erros que cometeram. Desgraçados dos que lutam na maldade!

Aquêle templo! Eu não queria ver nele o gôzo material, o gôzo da fantasia, pois era um templo de gôzo espiritual. Para isso é que eu leguei os meus bens.

¿Para que fiz eu isso tão tarde?

Nunca me lembrei que tinha de partir. Julguei que a minha vida material duraria mais algum tempo. Se todos pensassem na partida, disporiam tranqüilamente de todos os meios para impor a sua vontade. Tudo o que fiz foi pela Causa Espirita, pelo progresso espiritual. E sofro pela maldade dos homens... E ainda sinto e tenho lágrimas (o médium chora convulsivamente)... Mas para que serve, a-final, o meu sofrimento?

Quando poderei descer àquele templo para falar a todos os irmãos espiritas?

Não se pode abandonar aquilo que vos deixei. De lá tem de sair a propaganda para tôda a parte.

(O director da sessão responde com algumas palavras de esperança) Obrigado pelas vossas palavras. Tenho fé em que os erros cometidos serão reparados e que aquêle templo — que devia ser apenas espiritual — reabra para abrigar sob o seu teto tôda a família espirita portuguesa.

Logo que principiou a comunicação, o médium vidente António Alves Bartolomeu pediu uma caneta ao confrade sr. tenente João da Cruz para registar a sua vidência. Quando terminou a sessão, confrontou-se o registo feito com a fotografia de Firmino da Assunção Teixeira, verificando-se, absolutamente, a identificação. A médium D. Maria Pinheiro também viu claramente o espírito de Firmino da Assunção Teixeira.

A seguir a esta comunicação, veio o espírito do tenente José Carlos da Assunção Almeida, com seus modos característicos, demonstrando o seu prazer por se encontrar en-

tre velhos amigos e dizendo que também dera o seu quinhão de esfôrço para erguer a Federação. Como se encontrasse na sala a filha do comunicante, sr.ª D. Ernestina de Almeida, deu-se uma cena patética entre pai e filha, cena que deixou a assistência consternada.

Os que nos deixam

No dia 3 de Dezembro passado, desencarnou no Pará o nosso velho confrade Severiano Ivens Ferraz, capitão de fragata da Administração Naval na situação de reserva e que há muitos anos fixara residência no Brasil.

Severiano Ivens Ferraz foi um missionário na verdadeira acepção da palavra. Durante mais de trinta anos serviu o Espiritismo cristão, convencido de que esta doutrina estava de harmonia com o ensino do Novo Testamento.

Em 1932, regressou de Londres a Portugal, incumbido de aqui representar a «Greater World Christian Spiritualist League» (Liga Espirita Cristã «O Mundo Maior»). A instâncias suas, *O Mensageiro Espirita*, então dirigido por Amélia Cardia, começou a publicar as alocuções de «Zodíaco», transmitidas pela médium Miss Winifred Moyes e traduzidas por êle. Pouco depois, apareceu uma edição bimestral dessas comunicações, intitulada *O Mundo Maior* e de que se encarregou a revista *Ideal Cristão*, sob a direcção do nosso confrade sr. Fonseca Baptista.

Passado algum tempo, Ivens Ferraz visitou o Brasil, onde, como dissemos, fixou residência. Ali traduziu mais de cento e vinte alocuções de «Zodíaco».

Severiano Ivens Ferraz era filho duma senhora inglêsa e irmão dos srs. general Ricardo Júlio Ivens Ferraz e almirante Guilherme Ivens Ferraz.

Que êle encontre na pátria espiritual a paz e a felicidade que merece, são os nossos votos, os votos de quem muito o admirou e estimou, na sua peregrinação terrestre.

Jornais e revistas

Em virtude da guerra mundial, que dificultou extremamente as comunicações, temos recebido poucas publicações estrangeiras, motivo por que o nosso noticiário diminuiu, como não podia deixar de ser. Desde Novembro passado, que não chegam aqui jornais brasileiros. Os argentinos também se ausentaram, assim como outros das repúblicas sul-americanas. De Inglaterra, apenas chega o *Psychic News*, visto que os outros não querem permutar, no desejo de «fazer economias», coisa que não chegamos a compreender, sobretudo tratando-se duma revista como a nossa, com larga projecção e desejosa de abarcar tôdas as informações de interêsse espirita.

Eis as que entraram nesta redacção, nos últimos três meses:

Cristianismo, órgão da Associação Cristã «Providência»; *Revelacion*, órgão da Associação «Alas Blancas»; *Claridad del alma*, órgão da Associação Espiritista Claridad del alma, tôdas de Buenos Aires; *En la Senda de Jesus*, órgão do Centro Espirita Allan Cardek, de Avelaneda, Argentina; *Psychic News*, de Londres; *Além, Luz e Caridade*, *Região de Leiria*, *Gazeta do Sul* e *Comércio de Leixões*, tôdas de Portugal.

A uns e outros, as nossas saüdações fraternais.

Referências

Eis como o *Comércio de Leixões* se referiu ao n.º 14 da nossa revista:

«*Estudos Psíquicos* — Temos presente um excelente número — o 14 — desta preciosa revista de estudos psíquicos e neo-espiritualismo experimental, que se publica em Lisboa, sob a direcção do sr. Isidoro Duarte Santos. O seu primeiro artigo — «Os Fenómenos do Espiritismo» — subscrito pelo seu director, constitui um aturado estudo sôbre êsses fenómenos, para demonstrar a veracidade da doutrina e impô-la aos olhos dos profanos».

Ao *Comércio de Leixões* os nossos agradecimentos.

Sociedade Espirita de Lagos

Por intermédio do nosso confrade José Narciso Vieira, de Lagos, tivemos conhecimento da fundação da Sociedade Espirita de Lagos. Aguardamos pormenores, a-fim-de elucidar os leitores.

Auxilio a «Estudos Psíquicos»

Enviaram donativos os seguintes confrades, a quem penhoradamente agradecemos:

Frederico Pereira, de Lisboa.....	5$00
Antônio Constantino Brites, do Cartaxo	3$00
Tomaz Domingues de Oliveira, de Pôrto de Mós.....	5$00
José Morais Dias, de Braga, em intenção do saüdoso confrade Dr. Alfredo Mota	10$00
Grupo Allan Kardec	13$80
Total	36$80

Programa dos trabalhos do Centro nos meses de Março e Abril de 1942

Dia 8 de Março, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 15 de Março, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 22 de Março, às 16 horas — Palestra pelo Capitão Carlos A. de Castro Paiva, intitulada «Astral Inferior».

Dia 29 de Março, às 16 horas — Sessão experimental a cargo dos grupos «Allan Kardec» e «Joana de Arc».

Dia 5 de Abril, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 12 de Abril, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 19 de Abril, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «Influência do materialismo no espírito».

Dia 26 de Abril, às 16 horas — Sessão experimental a cargo dos grupos «Allan Kardec» e «Joana de Arc».

Dia 3 de Maio, às 16 horas — Conferência pelo Dr. António J. Freire, intitulada «Entidades artificiais do mundo astral».

Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO — ISIDORO DUARTE SANTOS

ANO 3.º LISBOA, MARÇO-ABRIL DE 1942 N.º 16

DIVERSÕES DUM CRÍTICO

A-PROPÓSITO DUMA CONFERÊNCIA

por Isidoro Duarte Santos

OS ideais tiveram sempre propugnadores e opositores. À medida que a picareta desbrava, o abrôlho surge a entravar a sementeira. É a luta entre o bem e o mal, luta de séculos, luta de gigantes, porfiosa e temível, quantas vezes sem quartel e penetrando o âmago das paixões, quantas vezes ardilosa, servindo de esteio ao interêsse oculto ou ao egoísmo desembuçado. E uns e outros apelam para fôrças ignotas, atraíndo pensamentos afins, formando egrégoras adequadas, no sentido de alcançar hegemonias utilitaristas ou de atingir objectivos elevados.

O Espiritismo é o ideal que maiores paixões tem suscitado; e assim como ilumina os justos pela revelação de faculdades latentes no indivíduo, capazes de modificar, integralmente, a personalidade, leva outros à oposição sistemática, inadvertida, — íamos a dizer inconsciente — ...

É natural. Nem podia ser doutro modo, na fase actual da nossa evolução.

O Espiritismo Moderno é uma corrente ideológica que ainda não atingiu o centenário. Está, por assim dizer, no início da sua carreira. Tenteia passos, mede fôrças, perscruta horizontes. Ensaia os primeiros vôos e verifica a solidez dos alicerces. A-pesar-disso, já é árvore frondosa, a cuja sombra se acolhem muitas dezenas de milhão de adeptos. E porque o seu fim é estudar os mais transcendentes problemas que preocupam a humanidade, tais como, a origem dos seres e seu destino; porque o seu fim é estudar a pre-existência e a sobrevivência da alma, bem como a comunicação entre os vivos e os chamados mortos, está exposto aos mais rudes e traiçoeiros ataques do materialismo, êsse Pantagruel que se abeira das verdadeiras fontes espirituais para as inquinar e destruir, que limita a idéia, dissolve o carácter e afoga o sentimento, cerceando o campo da investigação científica, que deve abarcar tôdas as latitudes do pensamento.

O Espiritismo enfrenta uma sociedade anarquizada, sujeita a tôdas as intempéries. O mesmo se deu com o Cristianismo, nos tempos de Tibério César. Uma e outra corrente tiveram os seus heróis e os seus mártires. Ambas souberam vencer pela fé num poder mais alto, ambas se impuse-

ram pela justiça que se desprendia do seu apostolado.

O Espiritismo, dirige-se principalmente às inteligências e apoia-se em factos que vêm comprovar a verdade da sua doutrina. O Espiritismo faz-nos sentir um novo campo de acção em que vivem e se agitam milhões e milhões de inteligências, trabalhando e agindo em relação com os habitantes da Terra. Se a sua influência no progresso fôsse diminuta, não sofreria ataques como sofre. Não se daria por êle. Mas, assim, não. Agora, o caso muda de figura.

Há anos, o materialismo ria-se e desprezava êste pigmeu quási imperceptível. Mas êle tomou fôlego, criou alento, imitando a pulga, que faz coçar a orelha ao elefante... E o materialismo já não ri, já não despreza. Que faz êle, então?...

* * *

O refugiado político belga Pierre Goemaere passou a tarde de 20 de Março no Teatro de S. Luiz, arengando ao público sôbre um trampolim com a seguinte legenda deveras sugestiva:

«*Os mortos voltam? Os fantasmas do Espiritismo desmascarados na tela*».

Os jornais falaram no acontecimento. Publicaram anúncios retumbantes, em que o nosso hóspede era guindado à categoria de conferencista internacional e citavam, *una voce*, o seu livro «Chez les evocateurs des fantômes», para demonstrar a autoridade de quem ia «desmascarar na tela» os «fantasmas do Espiritismo».

Se a imprensa elevada e construtiva se destina a orientar a opinião pública acêrca das questões que interessam à sociedade; se, para tanto, é necessário estudar, judiciosamente, todos os assuntos, para que se não induza em êrro quem procure alargar conhecimentos, desvendando incógnitas, por vezes inacessíveis, a publicidade feita em tôrno daquela «conferência» deve considerar-se lamentável. Porque os indivíduos que encheram o S. Luiz, ali acorreram fiados na categoria intelectual do reclamado, julgando que iriam assistir a uma conferência. ¿Não tinham os jornais propalado — embora através de anúncios pagos — que Pierre Goemaere se especializara no estudo do Espiritismo, dando a entender que era a pessoa indicada para reduzir a pó todos os fenómenos mediúnicos?

Por dever de ofício, esportulámos os 12$50 do bilhete e assistimos ao espectáculo, curiosos de ver como aquêle velho conhecido iria interpretar, em Portugal, um papel que tantas vezes tem desempenhado noutros palcos e noutros países.

Recebido com salvas de palmas, começou a falar sem nervosismo e com certa fluência comunicativa que dispunha bem os ouvintes. Mas a respeito da impugnação dos fenómenos, relativamente aos médiuns citados nos anúncios, nem uma palavra convincente, ou, pelo menos, que calasse no ânimo do auditório.

Limitou-se a «distraír» espectadores ávidos de *coisas sérias* e que, a-final, lamentaram o rico dinheirinho que lhes franqueara o salão em que um elegante palrador discreteara a respeito de *coisas... fúteis*.

Ao contrário do que os jornais haviam anunciado, Pierre Goemaere não analisou nem discutiu teorias metapsíquicas. Gastou muito tempo a saltitar de assunto para assunto, sem nada dizer de importante, fazendo alusões vagas em guisa de facécia e dando-se ares de mentor em questões que, segundo verificámos, ultrapassam os limites da sua competência.

Conhecemos Goemaere e o seu... rico livro. Assim, podemos dizer que tão reclamado aranzel foi a pedra de toque que nos revelou a sua verdadeira «cultura espirita». E é pena. Goemaere discorre com elegância e devia aproveitar êsse dom natural para servir a Verdade, em vez de a deturpar conscientemente. Seria mais harmónico e impor-se-ía sem esfôrço algum. Seria mais humano e teria satisfeito a «viva curiosidade» de quem o ouviu, esperando encontrar bases científicas que desmantelassem velhas convicções firmadas em muitos anos de estudo.

* * *

Goemaere falou de vários médiuns e exibiu velhas fotografias, ou, antes, fotografias velhas, cheias de defeitos, para nelas descobrir a fraude mediúnica e expô-la aos seus ouvintes, com ares triunfadores. Não o conseguiu. As suas críticas eram débeis, eram medíocres. Mas, admitindo que descobrisse alguma fraude, pre-

guntamos, com o grande naturalista Paul Gibier:

—¿Que provam as fraudes? ¿A medicina não tem os seus charlatães? ¿A ciência não tem falsos devotos? ¿Os Bancos não têm falsificadores que imitam as suas notas? ¿A imitação dum fenómeno destrói êsse fenómeno?

Nós próprios combatemos a impostura, mas sabemos que a fraude mediúnica é o reverso da verdadeira mediunidade. Lá porque há joio no trigo, nem por isso deixamos de ceifar com alegria.

Pierre Goemaere teve, apenas, um objectivo: dar combate ao Espiritismo, usando processos que lhe são familiares. Criticou Allan Kardec pelo facto dêle ter assinado as suas obras com um pseudónimo e admirou-se de estarem traduzidas em tôdas as línguas. Ora, apreciações dêste género estão abaixo de tôda a discussão. ¿Pois não houve tantos escritores que usaram pseudónimos para subscrever as suas obras? Quem já se lembrou de censurar Máximo Gorki e Pierre Loti, Anatole France e Júlio Diniz, George Sand e M.me de Stäel? E se êle reconhece que em Portugal não há médiuns profissionais, nem indústria organizada para ludibriar incautos, ¿a que veio, então, a sua «conferência»?

Allan Kardec, que aos vinte e dois anos era doutor em medicina, não foi um *Denizard Rivail qualquer*, como Goemaere insinuou. Foi uma individualidade de extraordinária cultura, diplomado por três faculdades e conhecedor profundo de muitos idiomas. Antes de codificar o Espiritismo já tinha escrito vasta obra didática, adoptada oficialmente na Universidade de França. Era professor e pensador, tendo-se distinguido como o melhor discípulo e continuador de Pestalozzi, com quem trabalhou durante muito tempo, chegando a substituí-lo algumas vezes.

Depois de expor a seu talante o que entendia por Espiritismo, deu-nos a medida exacta da sua mentalidade. Falou de Stanislava Tomczic, a célebre médium polaca com quem o doutor Julien Ochorowics realizou interessantíssimas e memoráveis experiências, que ficaram para sempre ligadas à obra do sábio de Lemberga. Falou de Eva Carriere, Eusápia Paladino e Helen Duncan, mas fê-lo em termos pejorativos, como quem diz a última palavra, como quem lavra uma sentença definitiva, destinada ao juízo da História. E nenhuma referência a William Crookes, Charles Richet e Oliver Lodge, grandes luminares da ciência moderna; nenhuma referência a Zoellner, Aksakof, Lombroso, Imoda, Baraduc e Darget!...

Repetimos: nem um argumento científico, nem uma prova de estudo sério. «Negócio», tudo «negócio», desde o preço dos bilhetes, ao ardil da falácia. Goemaere foi o único que *fraudou*.

* * *

Os argumentos do exilado belga não chegam para beliscar uma doutrina que se dirige ao raciocínio e à inteligência e avança a passos de gigante em tôdas as latitudes. Por isso, êle não atingiu o alvo, embora houvesse, talvez, refeito a bôlsa, mercê da inadvertência dos papalvos. Outros de maior cultura a têm atacado, sem lhe causar dano, acabando, quási sempre, por se renderem à evidência. Podemos, mesmo, afirmar que os seus melhores propagandistas de hoje foram, ontem, os seus mais terríveis adversários.

O Espiritismo escuda-se em nomes eminentes e possui uma copiosa bibliografia. Merece, pois, a atenção dos sábios e das pessoas judiciosas.

William Thompson disse um dia:

—A ciência é obrigada pela lei da honra a encarar de frente e sem receio qualquer problema que lhe apresentem.

Assim é, com efeito. O objectivo da ciência é pesquisar a Verdade, para onde deve caminhar sem receio.

Se Goemaere imitasse os sábios, em vez de cultivar a pantomina, melhor seria a sua posição no mundo literário. As fraudes desmascaram-se com demonstrações conscienciosas. Os problemas resolvem-se com estudo e experiência pessoal. As alegações palavrosas não bastam.

— Tudo isso é pilhéria! — respondem os levianos a quem lhes pregunta se já estudaram Espiritismo.

— Eu não caio nessa! — respondem os imprudentes a quem lhes pregunta se já fizeram axperiências psíquicas.

¿Que conceito devemos fazer de tais pessoas, sem autoridade moral e desprovidas de espírito científico?

Felizmente, os Goemaeres, a-pesar-de muitos — tantos, como os tolos — não contam na oposição ao Espiritismo. O público sente-se cada vez mais atraído para os problemas do ser e do destino humano, que tanto preocupam as almas ansiosas e sedentas de redenção espiritual.

Como escreveu Richet, «os sábios deviam estudar o Espiritismo, em vez de fingirem ignorá-lo, pois é necessário que físicos, químicos, fisiologistas e filósofos estejam ao corrente dos factos espiritas. Embora seja preciso um longo e difícil estudo, êle será, indubitàvelmente, fecundo».

Lombroso, o sábio criminalista convertido ao Espiritismo por Eusápia Paladino — médium a quem Goemaere também ataca — escreveu na *Lettura:*

— Sou obrigado a reconhecer que os fenómenos espiritas têm enorme importância e que a ciência deve imediatamente estudar essas manifestações.

J. Maxwell, doutor em medicina e esclarecido cientista, escreveu no seu livro «Les Phénomènes Psychiques»:

— O Espiritismo veio na hora própria e corresponde a uma necessidade geral. A extensão desta doutrina é um dos mais curiosos fenómenos da nossa época. Assistimos ao que me parece o nascimento duma religião sem clero, nem ritual, mas com assembleias e práticas. Pela minha parte, sinto o maior interêsse por essas reüniões e tenho a impressão de assistir a um movimento religioso de largo e glorioso futuro.

Russel-Wallace declarou também, na sua obra «Miracles and Modern Spiritualism»:

— Eu era tão perfeito materialista, que não encontrava no meu pensamento lugar algum para a concepção duma existência espiritual. Mas os factos são coisas obstinadas... Os factos venceram-me.

O Dr. Hodgson Richard, que, durante muitos anos, fôra adversário encarniçado do Espiritismo, fez a sua profissão de fé nos «Proceedings», em 1897:

— Há doze anos que estudo a mediunidade da senhora Piper. A princípio, só me interessava descobrir a fraude, o embuste. Quando iniciei com ela as minhas experiências, era profundamente materialista e o meu intuito resumia-se em desmascará-la. Hoje, digo, apenas: Acredito!... A demonstração que obtive arrancou-me tôdas as dúvidas.

Isto, no tocante aos sábios e pesquisadores. E para terminar esta pequena resenha de opiniões, juntemos-lhe a do maior prestidigitador dos tempos modernos, Robert Houdin, que trabalhou muitos anos na imitação dos fenómenos mediúnicos, sem conseguir o êxito desejado. Eis o que êle escreveu, em carta dirigida ao Marquês E. de Mirville:

— Vim extremamente maravilhado desta sessão espirita e persuadido de que é inteiramente impossível que o acaso ou a habilidade possam jámais produzir efeitos tão admiráveis. A minha arte de prestidigitador é incapaz de reproduzi-los.

* * *

O sr. Pierre Goemaere citou, também, a opinião dum indivíduo, segundo a qual sessenta por cento da população dos manicómios provinha de espiritas, ou, pelo menos, havia adquirido a psicose em sessões de Espiritismo.

De tôdas as afirmações do exilado belga, esta foi a mais gratuita, a mais descabelada e grotesca. ¿Em que estatísticas se baseou o ilustre autor para dizer tamanha sandice?

Goemaere não insistiu muito no caso, valha a verdade. Lançou a frase à sorte, a ver se a coisa pegava. Entre tantos ouvintes, talvez houvesse dois ou três que acreditassem.

O Espiritismo não produz a loucura, como alguns propalam. O Espiritismo cura a loucura, sobretudo quando é causada pela obsessão de espíritos desencarnados. E mais de setenta por cento dos loucos são vítimas de obsessões. Os restantes trinta por cento são-no em virtude de várias lesões orgânicas motivadas por embriaguês, sífilis ou toximania.

Temos normalizado muitos enfermos vítimas de perturbações mentais julgadas incuráveis por alguns grandes médicos psiquiatras, razão por que falamos com conhecimento de causa, embora sem desprimor para a medicina.

O Dr. Webster, da *Associação Médica Americana, Secção Mental,* declarou:

— Muitos dementes têm sido tomados por loucos incuráveis e que, no entanto, se acham subjugados à acção opressora

dum espírito ou duma falange de espíritos. Muitas vezes temos verificado, *post-mortem*, que nem no cérebro, nem no sistema nervoso de tais pessoas, existia a menor desordem física.

E, por último, vamos arquivar o testemunho dum psiquiatra brasileiro. É o Dr. Inácio Ferreira, redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos* em Uberaba e director do Sanatório Espirita daquela cidade:

«Em Uberaba, Estado de Minas Gerais, existe um Sanatório Espirita. Sua construção ficou, pouco mais ou menos, em quinhentos contos de réis. Tem 17 quartos para mulheres, 17 quartos para homens e 10 isolamentos para os doentes mais furiosos. Sim, meus amigos, para os doentes mais furiosos, pois que o hospital é para o internamento de loucos. Talvez não cause admiração a ninguém, pois que é voz corrente que todo o espirita acaba ficando louco e natural, portanto, é que tratem dos seus próprios interêsses... Por isso, só loucos poderiam aventar a idéia da construção dum hospital de tamanho vulto, com capacidade para 44 doentes, sendo a média de 35 gratuitos, aos quais o hospital até fornece roupas e medicamentos, sem que, para tanto, conte com auxílios governamentais.

«Emfim, cada louco com a sua mania.

«O hospital foi construído e funciona há cinco anos e por êle já passaram cêrca de 1.000 doentes, com a média de cura de 60 %!...

Desde a sua fundação (1933) até o momento presente (1940), isto é, há quási 7 anos, só foram internados 10 espiritas...

«Será que a loucura tem predisposição para algumas seitas?

«Até agora, repetimos, apenas 10 espiritas ali foram internados, a-pesar do hospital servir uma zona imensa — Minas, S. Paulo, Goiaz, Mato Grosso...»

Estas palavras podem ler-se na obra «Espiritismo e Medicina», da autoria do citado psiquiatra. Da mesma obra, extraímos mais os seguintes parágrafos:

«Nas primeiras páginas fizemos um apêlo aos nossos colegas, lembrando-lhes que um pouco mais de critério na classificação dos doentes internados nos hospícios de loucos, faria descer muito a percentagem geralmente atribuída aos espiritas.

«Se de boa vontade êles quiserem dar um passo de gigante na cura dos loucos, procurem estudar essa ciência sublime — o Espiritismo.

«Procurem o auxílio dum médium vidente, de médiuns de incorporação e de médiuns curadores. Não façam isso, porém, às cegas. Existem médiuns e existem exploradores.

«Procurem um centro de confiança pelo conceito de que gozem os seus dirigentes e estes lhes fornecerão, gratuitamente, todo o auxílio necessário...

«Organizem uma sessão de doutrinação, cercada de todos os cuidados e vigilância e verão que muitos casos que nos dão trabalhos e cuidados, causando, por vezes, o desânimo, serão curados com relativa facilidade.

«Estamos chegando ao tempo em que teorias e nomes arrevesados nada representam perante os factos.

«Ponham o orgulho de lado. Revistam-se de boa vontade, da argúcia do cientista, do esfôrço em desbravar o desconhecido, e tentem, com o auxílio de bons médiuns, a cura dalguns doentes .

«Não experimentem um caso apenas, ou mesmo 10, mas 50, 100, se fôr preciso, e verão que a medicina ficaria a marcar passo, emquanto não se preocupasse com o tratamento espiritual.»

Não necessitamos de mais transcrições. Os leitores, que ajuízem da afirmação de Goemaere e do indivíduo que êle citou. Afirmar, não basta. É preciso que as afirmações estejam escudadas na experiência, na solidez dos factos incontrovertíveis.

* * *

...Eis o que faz o materialismo, perante um pigmeu que tomou fôlego, criou alento, imitando a pulga, que leva o elefante a coçar a orelha...

Procura embrulhar os problemas, em vez de os resolver conscienciosamente. Insinua, deturpa e combate, em vez de estudar, meditar e aprender. Alicia os fraudulentos... para impingir a fraude. Gosta do barulho do escândalo, em vez do silêncio do trabalho.

Êle sabe que um grande movimento se exerce em todo o mundo, objectivando o resgate mental e espiritual da humanidade. Os hermetismos passaram e dêles nada resta, além de vaga lembrança, diluída pelo racionalismo dos novos tempos.

Como disse Jesus, «nada há oculto que não venha a ser conhecido».

Bem sabemos que a teimosia sistemática é o principal refúgio dos comodistas a quem a luz do Espiritismo prejudica. Mesmo que sejam ofuscados por ela, continuam a negá-la a quatro pés, como aquêle matuto da história que Leopoldo Machado nos conta em «Pigmeus contra Gigantes»:

Um matuto, teimoso em extremo, viajava certa noite com o filho e apontou-lhe uma grande mancha branca, à distância, mal se divisando sob a luz do luar.

— Lá está um lago, meu rapaz.

— Aquilo, meu pai, é areia. Conheço-o bem, porque há poucos dias passei por lá.

— É água, estou-lhe dizendo, rapaz.

— É areia, meu pai.

— Não teime comigo, que sei o que estou dizendo. É água. Para lá vamos. Verás.

E para lá se foram. E lá chegaram. O môço, enchendo as mãos de areia, mostrou ao pai:

— Eu não disse, meu pai, que era areia?

— É água.

— É areia, veja.

E despejou, irreverentemente, a areia pela cabeça abaixo do velho, que, irritado e a limpar-se, protestava:

— Desaforado, que me estás a molhar com esta água fria!

A-pesar dos inúmeros matutos que existem por êsse mundo, e quer queiram, quer não queiram, o Espiritismo é e será a luz do mundo que traz a palavra de vida, consolando os aflitos e dando-lhes a certeza da imortalidade.

Pode a charlatanice arengar às massas, repetindo os écos das palavras de Goemaere no S. Luiz. A verdade não tem pés e anda. A Verdade acaba sempre por triunfar da insídia e da mentira.

Há vozes que, por mais que gritem, não chegam ao céu — como disse, espirituosamente, um estimado confrade.

A de Goemaere, por mais que se esforce, por mais que se amplifique, através-de *megafones* ou de belfas opiladas, nunca passará da... biosfera. Será um sino que tange, mas não ecoa.

"A METAPSÍQUICA E O ESPIRITISMO À LUZ DOS FACTOS"

A parlenga de Goemaere sugeriu-nos a idéia duma conferência, realizada em qualquer cinema de Lisboa, por quem dispusesse da verdadeira autoridade cultural e moral.

Para esta emprêsa convidámos o nosso estimado colaborador sr. coronel José Augusto Faure da Rosa, que tantos serviços tem prestado ao Ideal Espirita, através de notabilíssimos trabalhos, reveladores de sólidos conhecimentos.

Faure da Rosa desempenhou-se admiravelmente da incumbência, cheia de dificuldades e responsabilidades e vai apresentar o seu trabalho no Cinema Condes, no dia 17 de Maio, às 18 horas.

Os seus ouvintes ficarão sabendo se, na verdade, «os mortos voltam» e se a morte continua a ser o «mistério de Deus», como lhe chamou Goemaere.

Como esta conferência implicará despesas consideráveis, pedimos aos consócios e leitores que façam dela a maior propaganda, acorrendo desde já à bilheteira do Condes, a-fim-de marcar os lugares.

«A Metapsiquica e o Espiritismo à luz dos factos» será acompanhada de projecções luminosas.

Temos a certeza de que êste acontecimento marcará uma época e provará à evidência a necessidade de estudar as ciências psíquicas, tão mal compreendidas pelo grande público.

INFLUÊNCIA DO NATURISMO NO ESPÍRITO

pelo Coronel Fauce da Rosa

I

O Naturismo de que pretendo tratar é o da *vida-natural*, ou, segundo a expressão antiga, a *vida que quer seguir a Natureza*, a vida que quer viver em conformidade com as leis naturais, que o mesmo é dizer com as leis de Deus.

Êste objectivo não implica, certamente, que busquemos na ordem exterior a regra da nossa conduta; se assim não fôsse teríamos de pautar o nosso procedimento pelo dos animais inferiores e até pelo das próprias coisas. Obedecemos à lei da ordem física, de-certo; mas obediência subordinada à nossa razão, ao nosso livre-arbítrio sem o qual não haveria, não poderia haver, responsabilidade dos nossos actos.

A fórmula antiga *seguir a natureza, viver em conformidade com a natureza*, é cheia de grandeza e de sabedoria, mas é preciso entendê-la bem.

Procuremos conhecer a nossa estrutura, o móbil dos nossos actos, os motivos da nossa acção e, dentre êles, indaguemos os que mais se coadunam com a nossa finalidade de humanos. O facto de móbil e motivos provirem da natureza, não é razão para que os adoptemos a todos indistintamente, porque, tanto os mais abjectos como os mais nobres, todos êles existem na natureza.

Em síntese, o naturismo que defendo procura manter a saúde do corpo físico e dar-lhe vigor por processos naturais. Ora, como o corpo físico é o instrumento de que o Espírito se serve para exteriorizar o Pensamento, fàcilmente se compreende a importância da integridade somática para que a exteriorização possa ser cabal e perfeita.

Dizei ao mais exímio violinista que toque, por exemplo, a Sinfonia Incompleta num violino rachado: a-pesar de a música ser soberba e o artista admirável, nem música nem artista poderão ser compreendidos, porque a execução sôa... a rachado.

A música fala a todos os homens seja qual fôr a raça, a religião ou a posição social. Quanto mais evoluído estiver o espírito, mais clara e expressiva será, para êle, a linguagem da música. Até a alma do selvagem não escapa à sua influência.

Imaginemos que um violinista, artista de raça, de mãos ágeis e firmes, calçou umas luvas leves para tocar o violino. Notamos, imediatamente, que o som não é o mesmo, que a expressão da música afrouxou. Se a êste primeiro par de luvas o violinista ajuntar um outro mais espêsso, a actuação dos dedos é de tal maneira constrangida que provoca notas falsas. Se calçar ainda outro par de luvas e mais espêssas, o violinista de raça sente-se incapaz de tocar seja o que fôr e quem o não tivesse ouvido pensaria, naturalmente, que êle nunca soube tocar, sobretudo quem ignorar que o violinista tem as mãos como que paralizadas.

É o que acontece com o Espírito: cada passo, cada descida na matéria mais densa, mais espêssa, — é para êle o que a junção dos pares de luvas, foi para o músico do violino.

Vida natural não quer dizer que regressemos aos tempos primitivos em que o homem vivia nas cavernas, tempos em que as primícias de tôda a espécie pertenciam sempre ao mais forte, embora fôsse o mais injusto, o mais violento, o mais cruel. Na verdade, a respeito de violências não podemos dizer que tenhamos avançado grande coisa: a fôrça bruta volta a querer imperar com requintes de ferocidade.

Por *vida natural*, acho eu, devemos entender a vida que nos põe em contacto com a Natureza: banhos de água e de sol;

campismo — compreendendo exercícios, ar puro e nudismo — e alimentação entrofológica. Banhos de água para manter a permeabilidade da pele; ar puro para beneficiar os pulmões e a própria pele.

Um dos preceitos do Livro da Lei de Manu — um dos livros sagrados da Índia — é o das abluções diárias antes das refeições e a exposição do corpo ao ar e ao sol.

Os banhos de água ajudam a conservar a saúde do corpo e, por isso, devem ser usados com freqüência. A transpiração, seja ou não perceptível, arrasta para fora do corpo mais matéria sólida que qualquer outro intermediário.

É por esta razão, certamente, que algumas religiões — a hindú, por exemplo, como já referi — preceituam o uso cotidiano das abluções, que favorecem a saúde e purificam o corpo físico. Pela mesma razão as religiões estabelecem os jejuns: dão ao estômago o repouso de que carece e permitem que o corpo elimine os materiais que já não podem servir e, se não forem muito freqüentes nem demasiado prolongados, também favorecem a saúde.

Dizia o dr. Amilcar de Sousa que «o Doutor Sol provoca todos os milagres conducentes ao renascimento orgânico... Tudo se transforma e evoluciona pela acção do Sol, princípio vivificante de todos os seres... Nós homens, sem o seu influxo, não existiríamos um segundo sequer. Somos filhos do Sol».

A fôrça vital do sol que nos envolve no estado de fluido incolor, é absorvida pelo corpo através da sua parte éterica. Espalha-se ao longo dos nervos através de todo o corpo físico. Esta fôrça vital está para o sistema nervoso como a electricidade está para o telégrafo. Se os fios, os aparelhos e os telegrafistas estiverem prontos a funcionar e a corrente eléctrica não faltar, a mensagem pode ser expedida. O Espírito, o cérebro e o sistema nervoso podem estar, aparentemente, em perfeito estado: se a fôrça vital que deve transmitir a mensagem do Espírito aos músculos, por intermédio dos nervos, vier a faltar, o corpo ficará inerte porque o fluido solar deixa de circular. É o que se produz na paralisia.

Quando o indivíduo está são, o seu corpo etérico assimila um excesso de fôrça vital que, depois de ter passado pelo corpo físico, radia para a periferia, em tôdas as direcções, exactamente como os raios dum círculo partindo do centro. A falta de saúde enfraquece o corpo etérico cuja capacidade de assimilação está na razão directa do enfraquecimento. Em todo o indivíduo malsão há, pois, uma redução de fôrça de expansão. Quando há saúde, o poder considerável das radiações arrasta consigo os germes e os micróbios nocivos; mas em caso de doença, quando a fôrça vital está enfraquecida, as radiações não eliminam tão fàcilmente os germes patogénicos. Dêste modo, o perigo de contrair uma doença é muito maior num indivíduo fraco do que num indivíduo robusto.

Ninguém ignora que a alimentação influi poderosamente no desenvolvimento físico do homem. E como o corpo físico é, como sabemos, o instrumento de que se serve o Espírito para objectivar os seus comandamentos, se dêle não cuidarmos acertadamente, a objectivação será defeituosa e pode até não se produzir.

Há uma máxima que é, ao mesmo tempo, uma grande verdade da Natureza: «dize-me o que comes, dir-te-ei o que tu és».

Todos os carnívoros, quer animais quer hominais, são irritáveis, coléricos, sanguinários.

No reino vegetal também há carnívoros: a drósera e o drosófilo, por exemplo: quando um insecto poisa nas suas fôlhas, estas — ou os seus pêlos — reviram-se e prendem, esmagam o insecto que digerem.

Mas o homem é o mais sanguinário de todos os carnívoros: ao passo que os animais, a que chamamos inferiores, só matam para se alimentarem, o homem mata pelo prazer de matar, mata para se divertir... caça.

Diz um escritor que a caça é a maior das crueldades do homem com a criação animal. Em regra, é pelo amor do dinheiro que se matam os animais e que os criam para os matar. Os fanáticos pela caça abatem criaturas sem defesa, só com o fim de satisfazerem a vaidade.

Custa a compreender como pessoas que parecem sensatas e boas, podem, em dado momento, reprimir os seus melhores sentimentos e regressar a uma selvajaria sanguinária para matarem sòmente pelo desejo de sangue, pelo prazer de destruir.

Não matarás — prègava Jesus. E, entretanto, não há desobediência mais flagrante. É ver as guerras que os homens se fazem constantemente.

O pior de tudo isto é que compelimos os nossos semelhantes a matar: pagamos-lhes

A REENCARNAÇÃO

pelo Dr. Sebastião Elvico Martins

II

A memória dos acontecimentos passados conserva-se armazenada no *eu causal*, com as recordações da vida presente, no perispírito ou subconsciente e ali os encontra a alma quando desencarna.

A prova disso é o sonâmbulo que, submetido à experiência do magnetizador, ao voltar ao estado de vigília, não conserva nenhuma recordação do que disse ou fêz.

Isto significa que o corpo somático ou físico é o túmulo do espírito, que dificilmente se pode exibir se não houver uma causa que force ou modifique, o estado de clausura constrangida em que se encontra.

Além disso, há uma certa razão moral para que o olvido se faça, atendendo às muitas conseqüências que daí adviriam.

Fabian Palasi, o autor espanhol atrás citado, apresenta um caso em que demonstra a necessidade do esquecimento das vidas passadas. Ei-lo:

Um jovem recluso da cadeia de Zaragoza, havia cometido um crime de homicídio. Durante a sua prisão tomou contacto com a doutrina espírita e converteu-se. Antes de saír do cárcere, depois de 8 anos cumpridos, assaltaram-lhe os temores de regressar à sua aldeia, por recear o *estigma social* que o vulgo ignorante e odiento lhe lançaria, amargando-lhe a vida e impedindo-o de viver na aldeia com sua família.

— «Ay, don Fabian!», lhe dizia o recenliberto, é muito triste, depois de conhecer uma doutrina tão racional e consoladora, ir viver entre os meus rústicos camponeses, exposto a sofrer as suas injúrias e expôr-me ao seu escárneo, denegrindo a minha reputação! Isso levar-me-á talvez a cometer um novo delito para defender a honra ultrajada.

E acrescentava:

— ¡Se ao sair dêste edifício eu pudesse correr um espesso véu, de modo que ninguém se recordasse do meu passado! Quão diferente seria a minha conduta, e quanto mais proveitosa a minha actual existência!

Infelizmente, as coisas sucederam-lhe como previra e por isso decidiu, poucos meses depois de regressar à sua aldeia, embarcar para a Argentina, onde viveu pacificamente como colono de uma granja, muito querido e apreciado por tôda a gente.

Êste caso é bem eloqüente para que ainda tenhamos qualquer dúvida sôbre a vantagem do esquecimento das vidas anteriores.

O caso das duas Alexandrinas

Há, todavia, muitas excepções; e tanto Delanne, como Fabian Palasi e muitos outros autores, registam casos que confirmam a lembrança de vidas anteriores.

---

para que o façam, aproveitando-nos da sua necessidade económica.

Alguns países há onde ainda existe a profissão de carrasco; mas em nenhum falta — excepto nos raros onde ainda não tenha entrado a chamada civilização europeia» — em nenhum falta a de magarefe, à qual incumbe abater os animais de maior porte para repasto dos que se dizem civilizados.

E veja-se esta incongruência: mulheres que se crêem bondosas, que se dizem sem coragem para matar um simples galináceo — tal é o dó que sentem pelos *pobres animaizinhos!* — acham deliciosas as iguarias preparadas com os cadáveres dos *pobres animaizinhos!* — mulheres que se dizem bondosas, assistem e divertem-se em touradas e lutas de galos, gozam com o sofrimento dos nossos irmãos inferiores. Mulheres que se dizem bondosas, gostam de ver sofrer os próprios homens, assistindo e aplaudindo lutas de *box*, corridas extenuantes de bicicleta, operações que enriquecem os empresários à custa do depauperamento dos actores.

¡E Deus sabe quantos dêles terão de se constranger para se adaptarem a tais misteres, únicos que encontraram para ganhar o pão de cada dia! Pobres dos pobres!

Além do caso de Laura Raynaud, descrito pelo Dr. Durville, — já exposto no artigo atrás citado — há o das filhinhas gêmeas do Dr. Samona que, em carta dirigida ao director da revista italiana «Filosofia della Scienza, descreve pormenorizadamente as circunstâncias que precederam a reencarnação da jovem Alexandrina.

Depois de reencarnada, a nova Alexandrina apresentava o mesmo aspecto físico da vida anterior, o que levou seu pai a dizer que ela era uma cópia fiel da primeira Alexandrina.

A-pesar-das críticas publicadas em revistas, tentando pôr em cheque êste caso extraordinário, o facto mantém-se e só a teoria palingenésica o explica cabalmente. E Delanne acrescenta:

«Nenhuma dúvida razoável é possível; a identidade das duas Alexandrinas, física e intelectualmente, afirma-se com tal evidência, que creio inútil insistir no assunto. Foi o mesmo sêr que, por duas vezes, veio ao mesmo lar.»

Além dêstes, há muitos outros casos de avisos antecipados de reencarnação, e os livros espiritas estão pejados dessas descrições.

No livro «Renascimientos» de Fabian Palasi encontrámos uma série de casos análogos e que nós, devido à falta de espaço, somos forçados a omitir agora.

É do conhecimento dos espiritas militantes que a teoria reencarnacionista, a-pesar-da cópia de argumentos aparentemente irrefutáveis e da evidência dos factos, não é aceita, em absoluto, na Inglaterra. E assim, como entre os espíritos se manifesta a mesma variedade de opiniões e crenças que se encontram entre os homens, porque a morte não é um abismo, verificamos que alguns desencarnados, que naquele país se manifestam nas sessões experimentais, encontram dificuldade em explicar a teoria das vidas sucessivas.

É o que constatámos no livro de Artur Findlay «No limiar do etéreo», a pág. 173, quando êste investigador, servindo-se do médium Sloan, em Glasgow, numa série de preguntas feitas à entidade comunicante, a respeito do *modus vivendi* dos espíritos no mundo invisível, obteve a seguinte resposta, ao inquirir se reencarnamos na terra:

«É esta uma questão para cuja resposta encontro dificuldades. Não sei de ninguém que o tenha feito. Vim para aqui há muitos anos e vejo que me rodeiam aquêles que viveram na terra há milhares de anos. É tudo o que posso dizer, porque meus conhecimentos não me permitem dizer mais».

Esta resposta não invalida, porém, os testemunhos irrecusáveis, doutros espíritos que afirmam a existência desta teoria.

Lembremo-nos que a resposta foi dada por um espírito de conhecimentos muito limitados e que, a-pesar-de viver há muitos anos no Outro Lado, não estudou ainda êste caso, tão conhecido por muitos outros, que o têm comunicado e confirmado aos encarnados neste planeta.

A reencarnação é uma crença antiqüíssima em todo o oriente. Annie Besant, a conhecidíssima escritora teósofa, no seu livro «A Reencarnação» escreve as seguintes linhas, no capítulo das provas desta hipótese explicativa:

«A-pesar-de, para mim, não haver a mais pequena dúvida de que a existência da Reencarnação é um facto de Natureza, limito-me a apresentá-la aqui como uma hipótese racional, e não como um teorema demonstrado; pois escrevo para aquêles que procuram a evidência nos actos da vida e da história humana. Os que sabem que é uma verdade, não necessitam doutros argumentos».

De facto, se milhares de casos são positivos, ¿não os devemos aceitar, a-pesar-de um ou outro ser negativo? ¿As excepções à regra anulam, proventura, os factos axiomáticos demonstrados por essa regra? Cremos que não, e por isso a crença nas vidas sucessivas tornou-se uma verdade incontestável, tal a abundância de investigações plenamente comprovadas.

¿Como se explicaria a existência dum Platão? dum Dante? dum Bruno? dum Shakespeare? dum Newton? dum Camões? ¿Donde vieram êles, êsses génios que assombraram a humanidade?

O dogma do pecado original é impotente

É ainda a pluralidade das existências que nos explica as desigualdades sociais e as injustiças, de que tantos se queixam. É ela que nos diz o motivo por que existem enfermidades espantosas: achacosos de nascimento, cegos, côxos, corcundas, surdos-mudos, cretinos, idiotas, dementes, cancerosos sofrendo misérias horríveis e pobreza extrema; ao lado dos felizes, instalados na vida, dos

que gozam uma saúde de ferro ou as benesses da riqueza.

Para uns uma sorte constante a bafejá-los durante uma vida despreocupada e optimista; para outros a luta incessante contra o destino despótico e aparentemente deshumano, a ponto de se descrer na bondade e na omniciência de Deus.

As lutas fratricidas, quer sociais, quer religiosas que a história registou são-nos agora explicadas pela teoria palingenésica.

O ódio do proletário ao patrão, do pobre ao rico, do inferior ao superior, desaparecerão da face da terra quando esta doutrina sublime estiver vulgarizada e compreendida por todos os homens que se sentem vítimas do arbítrio e da iniqüidade.

Só a hipótese da pluralidade das vidas e o Karma lhes poderão demonstrar a justiça imanente que preside às desigualdades que se notam nas sociedades civilizadas.

Daqui se infere, bem compreendida a reencarnação, que o rico deve minorar o sofrimento do pobre e não ser indiferente às vicissitudes alheias ou cultivar o egoísmo, escalracho do coração humano.

O dogma do pecado original não explica nada, porque a ortodoxia religiosa só admite a teoria da vida única, e impõe um castigo igual para todos os homens, como responsáveis pelo pecado de Adão.

Sem a preexistência ou crença nas vidas anteriores não se compreende o que é o homem, donde vem e para onde vai. Pelo contrário, adoptando a doutrina dos renascimentos, tudo se explica maravilhosamente e o pecado original torna-se claro, pois demonstra apenas que é o resultado das faltas pessoais de um passado, que o encarnado tem de redimir na presente ou futura existência planetária.

É assim que podem compreender-se as palavras de Jesus ao paralítico de Cafarnaum: «Filho, tem confiança, perdoados te são os teus pecados» (Mateus, IX, 3.) E mais elucidativa ainda, como conseqüência da lei de causa e efeito, é a pregunta que os discípulos de Jesus lhe fazem em presença do que nasceu cego: «Mestre, ¿que pecado fêz êle, ou fizeram seus pais, para nascer cego?» (João, IX, 2.) E a resposta de Jesus é clara, quando interpretada em espírito: «— Nem foi pecado que êle fizesse, nem seus pais, mas foi para se manifestarem nêle as obras de Deus».

Daqui se deduz que a doutrina do pecado original, para justificar a origem do mal é absurda e tirana. Os pecados dos pais não podem recair sôbre os filhos, logo as crianças nascem inocentes.

Além disso, a ciência já demonstrou que o relato bíblico sôbre a suposta falta de Adão é um mito. A sua existência é fixada no ano 6.000 antes de Cristo, quando a-final os estudos paleontológicos demonstram que já existiam sêres humanos há mais de 200.000 anos. Êstes preadamitas, numerosíssimos no tempo de Adão, estão implicitamente ilibados das faltas posteriores ao seu nascimento. E o autor espanhol, que estamos seguindo, afirma com certa lógica: «Se se admitir o pecado adamita como original, nem os preadamitas nem os seus descendentes têm qualquer mancha a lavar no baptismo. Porém, dada a antiguidade dos preadamitas e a sua multiplicação, é quási certo que nós, a maioria dos seus descendentes, descendemos dêles e não do suposto Adão hebraico.»

Mas para destruir a lógica ortodoxa não são necessários argumentos tão convincentes; basta-nos o estudo da História Universal, onde se verifica a existência de civilizações florescentes na época em que o «Génenis» diz que Jeová criou o primeiro homem à sua imagem, de quem nos querem fazer descendentes.

Amicus Plato, sed magis amica veritas

Não obstante a demonstração positiva da teoria reencarnacionista, ela ainda tem muitos detractores, quer no sector religioso, quer no materialista. Os espiritas encontram-se sós no seu reduto, cercados pelos ardorosos combatentes das falanges infensas. Os ataques dos seus inimigos são por vezes furiosos e persistentes, mas o reduto mantem-se incólume e cada vez mais fortalecido pela fôrça indestrutível da sua lógica e da sua razão. Ás vezes, alguns dos seus inimigos, convencidos dos seus esforços infrutíferos, após mea culpa, rendem-se com armas e bagagens, e decidem engrossá-lo.

É assim que a bola de neve se transformará em avalanche. A verdade não necessita de sofismas nem argumentos capciosos para se impor. Impõe-se naturalmente como a luz do Sol que nos ilumina e aquece.

O Dr. Gustavo Geley, director do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, afirma que a filosofia palingenésica nos dá

a chave de uma multidão de inigmas de ordem psicológica, como por exemplo o talento e o génio inatos; as desigualdades psíquicas consideráveis entre pais e filhos, entre irmãos, entre dois gémeos até, nascidos e criados nas mesmas condições e ambiente moral e especialmente a diferença capital entre a hereditariedade física e psíquica, já tratada acima.

E depois, perante a incapacidade da ciência oficial em resolver êstes problemas, pregunta:

¿«Quais são as explicações que a psicologia clássica tentou dar a estes enigmas? Explicações derisórias, reduzidas a meias hipóteses sem começo de demonstração. Ela invocou variações, declaradas imperceptiveis e inapreciáveis, do tecido cerebral; cousas inconcebíveis; influências diversas, patológicas e outras durante a vida intra-uterina; condições ignoradas do geramento ou da hereditariedade; formações genealógicas complicadas, etc., etc. Em suma, nada de preciso, nada de positivo. Inteiro fracasso da biologia clássica».

Compare-se agora como a teoria das vidas sucessivas resolve êstes problemas insolúveis, e ver-se-à como tudo é claro, simples e natural, como tudo quanto nos inspira a sabedoria e misericórdia divinas...

Razão tinha Platão com as suas idéias inatas, a-pesar-de contraditadas pelos filósofos peripatéticos da Idade Média e por Locke, que lhe opôs a célebre tábua rasa.

Platão, discípulo continuador da filosofia socrática, foi um formidável continuador e pesquisador da moral perfeita. A Natureza, para êle, era um livro constantemente aberto, e onde lia os segredos do eterno.

Moralista rígido, a influência das suas idéias foi tão grande, que o seu nome se repercute ainda hoje com intensidade. Os seus discípulos deturparam-lhas, mas os doutores da Igreja, servindo-se delas para a defesa e propaganda do cristianismo, deram-lhes alento, vigor e beleza. Por isso Platão é o mais descutido de tôda a plêiade de filósofos que Atenas alimentou em seu seio.

A sua célebre frase *amicus Plato, sed magis amica veritas,* como homenagem à verdade, acima da autoridade dum nome respeitável, pode aplicar-se ao Espiritismo. Esta ciência impõe-se dia a dia pela obra que realiza e pela proficiência dos seus adeptos, mas acima da idéia que êle representa está a Verdade dos factos que se impõe a todos, e que mais tarde ou mais cêdo serão aceitos por gregos e troianos.

É também ainda de Platão a expressão *aprender é recordar* e essa afirmação é verdadeira. Mesmo na nossa presente existência estamos sempre a esquecer e a recordar factos e conhecimentos úteis às nossas profissões. Não nos é possível ter tudo presente na memória do que já aprendemos. Ás vezes chegamos a esquecer por completo o que estudámos na juventude. Se, porém, retomarmos os livros de que então nos servimos, ficamos maravilhados com a facilidade com que compreendemos e fixamos êsses conhecimentos ocultos no vasto arquivo do subconsciente.

Êste facto que todos nós pessoalmente podemos comprovar, demonstra o papel do perispírito como impulsionador da *idéia directora* de que fala Claude Bernard ao referir-se à harmonia e disciplina de todos os elementos anatómicos do embrião quando êle envolve e se transforma nos organismos dos sêres vivos.

Ê pois pelo princípio renovador do perispírito que nós, a-pesar-de materialmente estarmos sempre a reencarnar, devido à constante substituïção das células por causa das funções de nutrição do corpo físico, mantemos o nosso tipo definido e a nossa individualidade característica, que nos torna inconfundíveis, como nos mostra a dactiloscopia, empregada nos arquivos de identificação.

É êsse corpo espiritual que arquiva todos os factos e sensações da nossa vida e que, no momento ou após a morte física os faz desfilar na sua tela maravilhosa. É o que Bozzano chama, com certa propriedade, a nossa *visão panorâmica.*

De tudo isto se conclui a importância que tem para nós o estudo do perispírito para compreendermos o mecanismo das materializações e reencarnações.

É êle que possui a faculdade, após a morte, de se materializar, e de reconstituir, integralmente, o organismo físico que no planeta possuiu. Segundo Delanne, os sêres materializados não são desdobramentos do médium, como pretendem alguns dos nossos opositores, pela simples razão de que o médium, acordado, conversa com êles como Florence Cook falava com Katie King. Logo o conhecimento do perispírito é o fecho de tôda a explicação das vidas sucessivas. Cada nascimento significa um antigo espírito que

ESPIRITUALISMO

(ALMA ESPIRITUAL)

por Léo

Creio eu que ser espiritualista é ter a alma espiritualizada, atraída para o Alto, para tudo que de lá nos atinge e que ela, recebendo e compreendendo, transmite à nossa personalidade. Ser espiritualista será pôr acima de tôdas as paixões animais, de todos os prazeres do Mundo e de todos os interêsses materiais, como de tôdas as nossas conveniências por mais solicitas que se apresentem as necessidades, o nosso amor a Deus, o respeito e a ternura pelas divindades, a ansiedade de atingir o espírito divino, de comunicar com a essência purificada, e dêsse privilégio fazer a principal razão da sua vida. Só isto será, de facto, espiritualismo, que quer dizer: o espírito dominando a matéria.

Creio que haverá muito candidato a espiritualista; estou porém convencida de que serão poucos aquêles que de verdade se podem designar assim. Ser espiritualista é ter já dado os primeiros passos sôbre a Estrada do Bem, aquela que conduz a Deus, o que só se consegue depois de ter galgado todos os rochedos, saltado e vencido todos os precipícios; o caminho todavia é ainda difícil, porque para o percorrer é necessário um longo e paciente esfôrço. Dar-nos-á porém a consoladora certeza de que para além da vida que nós conhecemos existe uma outra, de que apenas teremos pressentido os efeitos. É tão difícil chegar a êsse estado de desenvolvimento espiritual que entre nós um apenas é conhecido, e êsse popularmente: o Padre Cruz. E vejamos com que afecto o próprio povo o trata, o respeito carinhoso que a sua personalidade inspira através da sua simplicidade. É uma qualidade que se impõe, só por si. A sua pureza, a sua sublimidade, não precisa de grandezas, nem de reclamos ou hipérboles, — nem admite confusões.

Cristãos de tôdas as «nuances», ou de qualquer outra religião ou crença que sejam — todos poderão ser espiritualistas. Entre tôdas, porém, a crença Espírita — temos que o confessar — é aquela cuja direcção espiritual tem mais lógica e mais beleza. É a religião nova, harmonizada com as leis científicas, adaptada a todos os velhos e novos conhecimentos; tem para os nossos sentidos a atracção do que se revela com clareza e com lógica. Além de ter, facilitada, a ciência experimental, que constitui a sua maior fôrça. É a religião dêste século. Mas como sempre, quando se trata do espírito, no seu círculo hermética e fortemente fechado apenas os iniciados conseguirão, a pouco e pouco, ir captando as grandes provas reveladoras; essa mesma dificuldade que através-de tôdas as crenças sòmente pode ser vencida pela fôrça irresistível duma fé pura.

Negar a possibilidade de chamarmos a nós os espíritos, é negar a regilião católica, que nos afirma que pela oração conseguiremos atrair o espírito do Cristo, da Virgem e dos Santos. E se tôdos êles foram habitantes da Terra como nós, ¿porque razão não poderemos, pelo mesmo processo, invocando-o, fazer aproximar qualquer outro espírito? ¿Porque a sua situação não é igualmente elevada? De-certo que não; mas isso não os impedirá de serem constituídos da mesma essência fluídica e de pelo mesmo processo receberem a nossa influência. ¿Essa aproximação será menos favorável, poderá mesmo ser prejudicial? É naturalíssimo que assim seja, e por certo que aí está o mal que pode advir das comunicações provocadas por aquêles que não estando preparados, não estarão em condições de as receber.

Ser espiritualista é crer no poder espiritual

---

reencarna para colher os frutos do bem ou do mal que praticou em vidas pretéritas.

Se ainda houvesse dúvidas da existência do perispírito, as moldagens, as impressões digitais, as marcas de mão de fogo e sobretudo a fotografia excluíria de vez essas dúvidas. A fotografia, especialmente, não pode estar sujeita às alucinações colectivas, como último argumento dos anti-espiritas. Pelo exposto, se pode calcular a importância e o papel que o perispírito desempenha na reencarnação, objectivo dêste artigo.

Era pelo estudo das funções e propriedades do perispírito que Maeterlink devia ter começado, para que as conclusões a que chegou a respeito da reencarnação não estivessem erradas e o satisfizessem por completo.

dominante e, portanto, dêle tudo esperar e tudo tentar pelo seu desenvolvimento e não, pelo contrário, virar-lhe costas, à espera que a morte — que pertence a Deus, certamente, como a vida, como tudo que existe — no-lo venha revelar. Êsse, se teimam em chamar-lhe assim, é um espiritualismo de tendências antiquadas, sem aspirações e sem beleza, um espiritualismo de roupão, chinelos, e barrete de dormir. Já não pode agradar senão a burgueses comodistas.

Se todos aquêles que chamam a si a responsabilidade da sua crença, tomassem também sôbre si o dever de se examinarem, escutando a sua consciência com atenção, e atendessem cuidadosamente às sugestões recebidas, aos pequenos e grandes acontecimentos por vezes inexplicáveis, a tudo que em volta de si se passe e em sua volta sintam ou pressintam sem poderem explicar, não lhes seria difícil chegar à convicção — falo duma observação inteligente, desanuviada e ponderada — de que negar a acção de fôrças psíquicas consciente e inteligentemente dirigidas, é uma prova de ignorância, de imbecil snobismo ou de caprichoso despotismo.

Quando Jesus se transfigurou na presença dos três apóstolos escolhidos, tomando o corpo astral — «o seu rôsto ficou resplandecente como o sol e os seus vestidos fizeram-se brancos como a neve», diz a Bíblia — e permitiu que êles assistissem à sua comunicação com Moisés e Elias, provou aos homens, mais uma vez, que os espíritos descem à Terra por sua livre vontade ou atraídos pela nossa. Êste facto, como muitos outros, absolutamente espírita, e que nenhum espiritualista negará, provam que os que se foram podem comunicar connosco por sua iniciativa ou chamados por nós, se as circunstâncias o permitirem. Tudo dependerá de certos factores.

Eu não me dirijo àquêles que se contentam com o que lhes ensinaram em pequenos, sem interêsse de compreenderem; dirijo-me aos que, sentindo a necessidade de se explicarem a si próprios e ambicionando conhecer o que de mais alto nos domina, tenham a ansiedade de encontrar o seu Deus para melhor o amarem; a êsses, eu aconselho que em todos os momentos difíceis ou indecisos da sua vida chamem por Jesus, chamem pela Virgem Maria, ou por qualquer santo da sua devoção, mas não o façam apenas com palavras saídas dos lábios, chamem-nos com um desejo ardente, saído do coração. E afirmo-lhes que êsse apêlo, formulado nestas condições, será sempre atendido. Certamente, quando não se trate de exigências egoístas ou de sentimentos menos louváveis. Habituem-se a recorrer a essa fôrça, apelando para Êles, para a Sua misericórdia, e pouco a pouco o vosso espírito se irá afazendo ao contacto com as divindades, que o irão melhorando, adoçando, e insensìvelmente acabareis por reconhecer que a vossa alma, purificada, aliviada, como todo o vosso sêr, se terá modificado; e não ficará um só de entre os que nestas condições se encontrem, que passado certo tempo, — segundo as suas aptidões — duvide da intervenção divina junto de si, duvide da comunicação dos espíritos.

Deixemos a matéria aos materialistas, que com ela se satisfazem. A nós, a quem essa matéria indiferente e muda nada revela, só nos resta investigar o espírito, pois é nêle que reside a ciência que nos guiará, neste mundo como no Além. Persiste-se todavia em procurar desfazer no espírito do público civilizado a revolução que o Espiritismo provocou com as suas manifestações científicas, não fàcilmente, mas possìvelmente demonstráveis. Nessa intenção o Senhor Pierre Goemaere fêz há pouco a sua conferência sôbre «soi-disant» Espiritismo. Desconhecendo completamente o assunto, teve porém a gentileza de com a sua facilidade de expressão, a sua graça muito à francesa, fazer rir os novos. E teve o espírito de nos preparar, a nós, os mais velhos e conhecedores da matéria, o seu «truc». Com um título chamariz, chamou-nos a si o Senhor Goemaere, que lhe enchemos o teatro — para não nos dizer absolutamente nada. Intitulando-se espiritualista, esperávamos que depois de ter apontado as fraudes de certos médiuns, o que é sobejamente sabido, o conferente nos revelasse os seus conhecimentos. Afinal, acusando médiuns de qualidades incontestáveis, como a Paladino, a quem homens de alta intelectualidade e alta categoria científica com tanto interêsse estudaram, controlaram, examinaram e aceitaram, Pierre Goemaere limitou-se a fazer como os médiuns vulgares e sem categoria: fraudou.

Mas nós, portugueses, recebemos sempre amavelmente os nossos hóspedes. E êste, que não é um espiritualista mas um espirituoso, tem o seu país invadido e é um refugiado de guerra. Por isso, o nosso espírito admirou-se; a nossa inteligência repontou; o nosso saber, irritou-se; mas o nosso coração perdoou-lhe, Senhor Goamaere.

O EVANGELHO DO CRISTO

por Fernando da Cruz Ferreira

III

Disse S. Paulo: «Rogo-vos pois irmãos que apresenteis os vossos corpos como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus», pois em tal importa o culto racional».

Disse Jesus:

«Aquêle que quiser salvar a sua vida, perdê-la-à; e o que quiser perder a sua vida por minha causa, achá-la-à. ¿Pois que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida ou causar dano a si mesmo? ¿Ou o que dará o homem em troca da sua vida?»

Tudo progride. A evolução se confirma tanto na ordem material como na espiritual. Outrora a humanidade pretendia ser agradável a Deus, oferecendo-lhe vítimas, animais incinerados em altares de pedra especialmente preparados para tal fim.

Imolavam-se continuamente novilhos, vitelas, bodes, cordeiros, rôlas, conforme a natureza dos pecados a resgatar, ou segundo outra ordem de motivos que determinava as ofertas. Nos dias festivos multiplicava-se assombrosamente o número de vítimas sacrificadas ao culto divino.

Mais tarde, Jesus foi apresentado como a hóstia imaculada e pura que espontaneamente se ofereceu para ser imolada em propiciação dos pecados do mundo. Deixou portanto de prevalecer dali em diante a necessidade de novos e repetidos sacrifícios.

Hoje, o Espírito Santo nos vem advertir que os holocaustos não fôram extintos, mas transformados.

Deixaram de ser materiais como nas primitivas eras do mosaísmo, porém espiritualizados agora, continuam em pleno vigor e são de absoluta necessidade para a nossa salvação.

Os altares de pedra fôram substituídos pelos nossos corações. As vítimas que aí devem ser imoladas, sem interrupção, são as nossas paixões rasteiras, os nossos vícios, as volições e arrastamentos da nossa natureza inferior.

Nossos corações convertidos em braseiros de amor ardente devem consumir o nosso orgulho, o nosso egoísmo, a nossa hipocrisia, as nossas vaidades, as nossas ambições ilegítimas, a nossa luxúria, para que, assim purificados, nos elevemos aos páramos de Luz, aos tabernáculos eternos, onde nos esperam aquêles que já se depuraram neste mesmo altar de redenção.

Outra espécie de sacrifício, que se pretenda render a Deus, será rejeitado, nenhum aproveitamento trará para a obra da salvação.

Um só culto racional existe: apresentarmo-nos a nós mesmos como um sacrifício vivo, escoimados de impurezas e maldades.

Tudo o mais é vão e, como tal, inútil.

* * *

Tendo os fariseus preguntado a Jesus quando viria o Reino de Deus, êle respondeu: «o Reino de Deus não vem com mostras exteriores. Por isso ninguém poderá dizer: eil-o aqui ou eil-o acolá, pois o reino de Deus está dentro de vós». Concluo da resposta do Mestre, que o Reino de Deus está em nós próprios.

Não obstante, é Êle mesmo que assim nos adverte: «buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a Sua Justiça; tudo o mais nos será dado por acréscimo».

Como? ¿Buscar aquilo que está em nós? ¿depender dessa pesquisa todo o nosso bem?

A explicação nos é dada pela seguinte parábola: «o Reino de Deus é semelhante a um tesouro oculto no campo, que foi encontrado por um homem, o qual, movido de grande gôzo, foi vender tudo o que possuía e adquiriu aquêle campo».

Agora já podemos entender: o Reino de Deus está no nosso espírito, porém oculto e ignorado.

Possuirmos e ignorarmos que possuímos, equivale a não possuir. Termos e não saber-

mos que têmos é como senão tivéssemos. Daí a necessidade de o procurar. E, pelo dizer da semelhança, é de inestimável valôr êsse tesouro ou Reino de Deus.

Tanto assim, que todo aquêle que o descobre, o coloca imediatamente acima de tudo o mais.

Esta afirmativa é corroborada por outra parábola: «o Reino de Deus é semelhante a um negociante de pérolas que, encontrando uma de subido valor, foi vender tudo o que possuía e a comprou.

Já sabemos alguma coisa de importante sôbre o caso. ¿Mas, o que será, a-final, o Reino de Deus e que idéia devemos fazer dêsse tesouro oculto no nosso Espírito?

O Reino de Deus é o conjunto de inergias e faculdades que jazem latentes na nossa alma. É o Reino da vida, da imortalidade e do poder, do qual só nos apercebemos depois de começarmos a sentir em nós as vibrações da vida espiritual, cuja actividade se manifesta através do Amor e da Justiça, empolgando o nosso ser.

Que é, de facto o reino da fôrça que tudo vence, nô-lo confirma êste outro apólogo:

«O reino de Deus é semelhante a uma semente de mostarda, que um homem semeiou no seu campo. A qual semente é, na verdade, a menor de tôdas; depois, porém, de haver crescido, torna-se a maior das hortaliças, e se faz árvore frondosa em cujos ramos vêm fazer seus ninhos as aves do Céu».

É assim que o Mestre Divino revela a incomparável energia de acção e de expansão que se oculta no Reino de Deus.

E que essa acção se verifica através do sentimento da Justiça, sabemo-lo por esta admoestação do Senhor: «se a vossa justiça não fôr superior à dos fariseus e dos escribas, não possuïreis o Reino de Deus».

O roteiro, portanto, que conduz ao tesouro oculto, é um só: o cumprimento do dever, a prática do Bem, a conduta recta.

Em virtude das formalidades necessárias exigidas pela conferência a realizar no Cinema Condes, tivemos que atrasar a saída dêste número, do que pedimos desculpa aos leitores.

m|GH 42

UMA CONFERÊNCIA

pelo Coronel Fauce da Rosa

VIM desiludido da propalada conferência que o sr. Pierre Goemaere — «escritor e jornalista belga, conferencista de raça» — fêz no teatro de S. Luiz, na passada sexta-feira 19 de Março, sôbre êste assunto palpitante: «Les Morts reviennent-ils?»

Esperava argumentação potente, cerrada, prodigiosa, até, que destruísse ou invalidasse as inúmeras experiências levadas a cabo, nas mais rigorosas condições de contrôlo, algumas delas com aparelhagem especial, por homens como Crookes, Richet, Osty, Oliver Lodge, Myers, William James, Crawford...

Mas, nada disto. O «conferencista de raça» limitou-se a tomar atitudes zombeteiras de imitador cómico e a apresentar amostras risíveis de pseudo-sessões espiritas, com o único objectivo de divertir a assistência. E deve tê-lo conseguido, em parte, ao que parece, a avaliar pelo parco riso da plateia que, a espaços, se ouvia, raramente contagiado aos balcões e camarotes.

Conhecedor do poder do ridículo, o sr. Pierre Goemaere soube tirar partido da galhofa com que expôs certos casos espiritas, cuja embustice era autenticada com a sua autoridade.

É sempre possível descobrir facetas cómicas no que quer que seja, mesmo nas maiores tragédias da vida: depende do valor histriónico do comediante. Ora, o sr. Goemaere tem, realmente, qualidades...

As fotografias que fêz projectar no «écran» são velhas e relhas. Uma delas representa a médium polaca Stanislawa Popielska apanhada a fraudar em uma sessão experimental, fotografia obtida por meio de dispositivos mecânicos especiais adoptados por experimentadores do Laboratório do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, e que revistas da especialidade e vulgares publicaram, entre elas a «Revista de Espiritismo» (n.º 3 de 1932, pág. 122) e o *Je sais tout* de Junho do mesmo ano.

O «conferencista de raça», porém, esqueceu-se de aludir à origem desta fotografia e que a fraude foi denunciada pelos próprios metapsiquistas.

Nem a Metapsíquica nem o Espiritismo jámais ocultaram que há simulações mais ou menos hábeis, mais ou menos grosseiras dos fenómenos espiritóides e supranormais. Tanto metapsiquistas, como espiritistas, têm interêsse em desmascarar os médiuns fraudadores que — nunca é demais repeti-lo — o podem ser conscientemente, é certo, mas que, muitas vezes, o são inconscientemente, actuados por espíritos inferiores desencarnados, os quais se comunicam com mais facilidade, apegados como estão aos hábitos e

costumes que tiveram na Terra. Assim, o sr. Goemaere ainda do Além há-de procurar, e, com certeza, encontrará, a afinidade apropriada para continuar na Terra as suas conferências humorísticas de maledicência espirita.

As outras fotografias são anódinas, não provam nem deixam de provar embustes: tanto podem servir para documentar factos espiritóides, como para demonstrar a sua simulação; tudo depende dos comentários de que as fizerem acompanhar. O sr. Goemaere, está claro, conforme a sua orientação, utilizou-as como documentação de fraudes.

Em duas horas, se tanto, o «conferencista de raça» reduziu a terra, pó, cinza, nada... tôda a metapsiquica experimental e tôda a fenomenologia espirita tratadas em centenas de volumes por sábios, cientistas, estudiosos vários, e escritos em quási tôdas as línguas do mundo em dezenas de anos de trabalhos aturados. Portentoso homem, êste «conferencista de raça»!

A casa do S. Luiz, cheia como estava, deve ter produzido um rendimento de contentar o «conferencista de raça», emigrado político belga, que, como todos nós, precisa de ganhar a vida.

Há cêrca de dezóito anos — em 1924 — o belga Henrique Fernando Marcelo Dulier, artista lírico — patrício, portanto, do sr. Goemaere — desgostoso com a sua profissão que o não libertava da pobreza, resolveu decorar-se com o nome de Allan Kardec (1) e transformar a mulher e a filha em médiuns.

Em 1924 o Dulier-Kardec fêz distribuir profusamente, pelas várias terras de França, por onde andou, um prospecto-programa, em que se atribuía as mais extraordinárias faculdades mediúnicas, além de expementador celebrado pelas principais faculdades de medicina europeias. Nestas circunstâncias, convidava o público a assistir à «representação de gala pelo célebre médium e sugestionador dr. Kardec, doutor em medicina, ex-major médico do exército francês e neto de Allan Kardec»...

Mas os espectáculos não tiveram o resultado que o Dulier esperava. Os cépticos são numerosos e o ilusionismo é difícil.

As salas tiveram pouca freqüência. Os próprios espiritas desertaram, irritados com a usurpação dum nome que lhes é querido.

Furioso, o Dulier organizou coisa melhor. Mudou o registo à arenga. Ia apresentar a mesma espécie de fenómenos, mas em vez de afirmar que eram verdadeiros, dizia-os falsos:

— Vêde o que os espíritos tomaram como manifestações do Além! O meu médium é um médium falso, como, de resto, todos os médiuns o são. Todos aquêles que se servem de médiuns, fazem o mesmo que eu. A única diferença é que eu revelo os meus truques e êles não.

A verdade acêrca do Espiritismo! Como êles mentem!

Público! Ajudai a obra de salubridade moral empreendida pelo célebre orador Kardec com todos os meios ao vosso alcance, principalmente assistindo em massa a estas sessões.

No assistir é que estava o busilis, porque a entrada era paga: *passez à la caisse.*

Com grande satisfação do comediante Dulier-Kardec, as salas encheram-se. A procura de bilhetes foi tal que o Dulier teve de repetir algumas sessões. Estava, pois, feita a prova: o público pelava-se por coisas destas.

Na verdade, o prospecto-reclamo do sr. Pierre Goemaere não teve as proporções espaventosas do seu patrício Dulier-Kardec. Nada que se parecesse. Os anúncios são caros, a vida está difícil e a grande imprensa, que regateia sempre o espaço disponível, limitou-se a chamar-lhe «ilustre», «conferencista de raça» e a considerar «sensacional» o seu livro «*Chez les Évocateurs de Fantômes*».

Se, como o Dulier-Kardec, o sr. Goemaere tivesse anunciado uma conferência demonstrativa de fenómenos espiritóides, como, por exemplo, a imortalidade da alma, a sobrevivência da personalidade e a possibilidade de os viventes da Terra comunicarem com os viventes do Além, o S. Luiz teria ficado às moscas ou, quando muito, teria assistência tão deminuta que o rendimento mal chegaria para os encargos.

O sr. Goemaere bem sabe que a maledicência, demais a mais jocosa, é guloseima que tôdas as multidões gostam de saborear.

---

(1) Nos prospectos-programas usava, apenas, as iniciais A. K.

NÃO TEMAIS A MORTE

Lares amigos, ricos e pobres, orgulhosos e humildes, visitados pela *morte* e que viveis mergulhados na dor e na desesperança de jàmais poder abraçar de novo os vossos entes queridos, não desespereis. Não deixeis que as vossas lágrimas e os vossos tormentos testemunhem a dor dos vossos corações, que sangram junto das sepulturas.

Não permitais que as vossas revoltas e os vossos lamentos confranjam, mais ainda, o coração bondoso do meigo Nazareno. Isso será prova de que ainda não confiais na grandeza, na justiça e na sabedoria divina.

Dr. Inácio Ferreira

PELA VITÓRIA DO ESPÍRITO

pelo Dr. Fred

VI

Acabemos, primeiramente, a descrição da formação da Terra, que sofreu outra grande mudança devido ao dilúvio: grandes montanhas (México, etc.) se levantaram e fizeram saír as águas dos seus leitos, invadindo tudo, criando novos depósitos, arrancando e arrastando rochedos graníticos inteiros, chamados depois blocos erráticos.

¿Explicar-se-á, assim, o desaparecimento completo da Atlântida? ¿Teria ela existido? É natural, visto que nos Açôres, na Madeira, em Cabo Verde e nas Canárias se encontra flora e fauna do continente africano; e a costa oriental americana adapta-se perfeitamente à oriental africana; além disso, as sondagens feitas quási confirmam a sua existência.

Na época glaciar, o gêlo só cobria parte da Terra, onde os grandes glaciares se começaram a espraiar, devido aos levantamentos orográficos das grandes montanhas: pulsações do sopé das serras fizeram-nas perder o seu equilíbrio isostático, de forma que subiram de altura, aumentando a percentagem de neve nos seus cumes e diminuindo no sopé (também devido ao abaixamento da temperatura).

O aparecimento do Homem

Como nesta era os polos terrestres se cobriam de gêlo, por motivo da descida súbita da temperatura, que surpreendeu os sêres sem lhes dar possibilidade de fuga, devia ter havido uma causa grave que produzisse tão violentas mudanças. Restabelecido o repouso e a normalidade na erra, brilhando de novo o Sol, reaparecendo a flora, também voltaram os animais. Mencionamos nesta era os depósitos de lôdo, turfa, argilas e cascalhos. Predominam os mamíferos: mamute, elefante, urso, rena, rinoceronte, rangifer, veado gigante, almíscar, etc. e — nascido entre dois períodos glaciares — o homem. Segundo a Bíblia, êste existiu antes do dilúvio. Dizem que a espécie humana representa o último exemplar duma cadeia de sêres ancestrais desaparecidos, pre e parahumanos. A-fim-de resolver a questão da origem do homem, importa saber em que parte da Terra êle terá surgido pela primeira vez. Há hipóteses, segundo as quais teria sido na Ásia, no Vale do Indo (povos prediluvianos sumerianos), na Mesopotâmia e na Caldeia; há outras indicativas de que o berço da humanidade teria sido no Egito, visto que a civilização do país do Nilo teria precedido a da Ásia — opinião, entretanto, aceita como errada. É natural que a cultura egípcia evolucionasse mais ràpidamente, o que se prova pelos vestígios de civilização encontrados nos terrenos caldaicos, que foram habitados pelos sumerianos, antes da era da florescência egípcia. Ora, o que é certo é que na Ásia foram descobertos muitos esqueletos de antropóides, outros se encontrando na África e na Europa (Vale do Danúbio). Os terrenos formados entre o terciário e pleistoceno inferior, contam descobertas de ossos e eolitos com sinais de uso. Estes foram identificados como sendo de elefantes e macacos; e as pedras, que pareciam terem sido usadas em trabalhos domésticos, podiam ter adquirido certas formas, parecendo instrumentos, pela pressão das águas terrenciais e das camadas estratificadas.

O pleistoceno também se chama paleolítico, porque segundo algumas pesquisas arqueológicas, os homens trabalhavam então com instrumentos primitivos de pedra, e mais tarde, de dentes, ossos e chifres. Só depois, no alúvio ou neolítico, se empregaram instrumentos já pulidos, destinados à arte da cerâmica e à fiação de tecidos. Dêste alúvio, temos bastantes documentos: animais domésticos, primeiros cereais, habitações lacustres estacadas, sepulcros de pedra, entulhos e despojos encontrados na costa dinamarquesa. Só muito mais tarde o homem começou a usar instrumentos feitos de cobre, bronze e ferro.

Era difícil para a ciência dizer a idade do homem, tomando apenas em conta os restos da indústria humana aparecida nos terrenos do pleistoceno. Mas eram precisas mais provas. Foi então, em 1807, descoberto o chamado Homo Heidelbergensis, ou melhor, apenas uma maxila inferior encontrada nesta cidade alemã. Mais tarde encontraram-se, em Piltdown, restos de crâneos e uma mandíbula do chamado Eoantropus Dawson de Piltdown, espalhados à distância. Claro que não basta encontrar restos de ossos em camadas terciárias, para poder concluir da existência do homem nessa época. Não se podem aqui expôr os diversos pontos de vista morfológicos, segundo os quais êstes ossos pertenciam a homens e não a macacos-chimpanzés. Pouco mais tarde, no pleistoceno médio, aparecem mais documentos, esqueletos inteiros encontrados na Ásia e na Europa. Dos caracteres físicos dêstes homens, de atitude vertical, já podemos formar uma idéa nítida.

Mais tarde, no pleistoceno superior, as descobertas permitiram distinguir três tipos humanos, unidos na

espécie do chamado Homo Sapiens: o tipo negroide Grimaldi; o tipo branco Cro-Magnon (raça Atlântida) e o tipo Chancelade. Recentemente descobriram mais um tipo desta espécie, na França, chamado Homo Aurignacenses, que já usava armas feitas de dentes de mamutes e de chifres de rangifer.

Foi então encontrado um esqueleto que nos dá a melhor possibilidade de reconstituir a primitiva espécie humana; chama-se a êste fóssil o Homo Neandertalensis, que, semelhante ao chimpanzé e ao gorila, é diferente, no ponto de vista morfológico e intelectual, dos tipos encontrados mais tarde: o *Homo Sapiens* (1). Não se tem até agora achado qualquer tipo intermediário entre o *Homo Neandertalensis* do pleistoceno médio e o Sapiens do pleistoceno superior *(missink link* ou anel perdido da cadeia evolucionista). Ainda hoje reconhecemos, entre a população da Rodésia, tipos muito semelhantes ao do Homo Neandertalensis. Mais tarde descobriram-se também esqueletos desta raça no Sul da França, em Le Monstier, na Áustria, na Palestina e em Espanha.

Os homens do pleistoceno médio e do superior foram bastante diferentes: o *Homo Neandertalensis* vivia ainda com certa bestialidade e o *Homo Sapiens* do neolítico já trabalhava, já modelava ossos e pedras, já não era simples pastor e pescador, mas sim agricultor, escultor e pintor, dedicando-se à arte e organizando a sua faina. Como — repetimos — não há transição entre um e outro tipo, há só duas possibilidades: ou entre estes dois houve qualquer revolução forte, qualquer mutação que extinguiu o tipo intermediário, ou o *Homo Neandertalensis* foi uma linha àparte, de maneira que o *Homo Sapiens,* tal como o actual, deriva de um tipo anterior, cuja evolução no pleistoceno médio nos é ainda desconhecida, É então possível que o *Homo Neandertalensis* tivesse evolução colateral, àparte, derivando, ou, melhor, sendo parente dos grandes semi-primatas e símios que teriam a sua forma de tradição num tipo recentemente descoberto em Java, chamado Pithecantropus e num outro encontrado na China, o *Sinantropus Pekinensis* (2).

Junto dêste último esqueleto, foram postas a descoberto várias lareiras e instrumentos industriais e domésticos, feitos de quartzo, bem como provas de fogo e restos de comida. Estes tipos são semelhantes aos gibões.

Admite-se a possibilidade do homem ser parente do macaco, visto a embriologia ensinar a semelhança de feto humano com o do macaco (os membros superiores mais compridos e desenvolvidos do que as pernas, que mal podiam aguentar o pêso do corpo recemnascido, a cauda do embrião e mais tarde a atitude semelhante de locomoção). De tudo isto resulta que os antropologistas nada sabem de positivo e nem adivinham se o homem primitivo existiu na Europa ou nos outros continentes.

É natural que os dois ramos de homens se desenvolvessem paralelamente, ficando ainda por esclarecer se alguma vez se reüniram. Todos devem, pois, descender da mesma origem, dos sub-primatas, sendo seu irmão o macaco, animal evolucionado ao máximo na sua espécie de mamífero trepador, ignorando-se o pai de ambos. São parentes, tal como o cão, o lôbo e a raposa são descendentes dum cão primitivo desconhecido. Dos macacos antropóides resta também um fóssil do terciário, o *Proptiopitecus*. ¿Será êle o antepassado comum dos homens e antropóides?

Portanto, o homem não descende do macaco (3), mas a sua alma vem dêle por um percurso animal.

Revoluções da Terra

Antes de nos preocuparmos com a evolução da alma e estando no fim da descrição da Terra, perguntamos: ¿Haverá ainda grandes revoluções terrestres? ¿Quando e como acabará a Terra e a vida?

Além dos movimentos terrestres, de rotação e translação, há um terceiro pelo qual o eixo terrestre muda de inclinação num período de 26000 anos, movimento chamado precessão dos equinócios. Ainda se sabe, da escola, o que são os equinócios: No início da Primavera e do Outono, quando os raios solares são perpendiculares ao equador e iluminam igualmente os dois hemisféricos terrestres, dizemos que a Terra se encontra num equinócio.

Mas como a obliqüidade do eixo terrestre muda gradualmente, bem como a posição do equador em relação à eclítica, hão-de mudar igualmente os instantes dos equinócios. Esta leve mudança na inclinação do eixo conserva-se, pela atracção luno-solar sôbre a zona equatorial, diferente nas duas metades da Terra, porque esta, não sendo esférica nem homogénea, não tem o seu centro de gravidade exactamente no centro geométrico. O eixo faz com a eclíptica um ângulo de 66°,5 mas gira constantemente, gerando uma

---

(1) Semelhante descoberta foi feita em Chapelle-aux-saints.

(2) (Recentemente, em Sterkfontein, Middleton Shaw, encontrou semelhante esqueleto pre-histórico. Em 1920, nas sessões de Estudos Psíquicos de Varsóvia, houve manifestações dêstes Pithecantropus).

(3) Diz Mendes Corrêa (em «Homo», modernos estudos sôbre a origem do homem) muito bem: «Há razões ponderosas para crêr que em nenhuma forma actual de Primatas esteja o antepassado humano, embora se reconheçam algumas como parentes colaterais do Homem, muito próximos».

O autor chama à concepção haeckeliana da antropogénese uma especulação mesmo infantil.

Graças à intervenção do corpo astral — arquivo ancestral — o embrião humano passa por tôdas as fases animais, na sua evolução. A ontogenia, diz Haeckel, é a recapitulação rápida da filogenia.

superfície cónica, ao cabo de 26000 anos, de forma que o polo celeste se desloca entre as estrêlas. A cauda da «Ursa Maior» estará perpendicular daqui a 500.000 anos e o seu trapézio deformado.

Daqui a 10.000 anos também a nossa estrêla polar, que faz agora parte da «Ursa Menor», há-de encontrar-se em «Vega».

A êste conjunto de movimentos periódicos, chama-se avanço do equinócio, cuja amplitude anual é só de 25",7.

Com o decorrer dos séculos, o equinócio da primavera, por exemplo, verificar-se-á em Fevereiro; depois, muito mais tarde, em Janeiro e assim sucessivamente. Então, com êste desvio, as estações hão de intermudar-se, até a eclítica ficar, novamente, perpendicular ao equador, o que leva, nem mais nem menos, do que 25.868 anos. Dentro de 6.000 anos, a linha dos equinócios coïncidirá com o grande eixo da órbita terrestre, desaparecendo a desigualdade das estações e as conseqüentes diferenças meteorológicas.

Esta precessão dos equinócios é importante para a astrologia, porque a Terra, no seu movimento em tôrno do Sol, vai ocupando mensalmente outro signo zodiacal, e estes signos avançam de tal modo, que quem tiver nascido em Fevereiro não ficará sob o mesmo signo de quem tiver nascido no mesmo dia e mês, embora há muitos séculos.

O movimento cónico do eixo modifica não só o fundo dos mares, como também vai inclinando a linha dos polos para o Sol, alterando, portanto, a distribuïção das linhas isotérmicas. Pois bem; a Terra há de mudar, visto o fluxo e o refluxo das marés tender a neutralizar a rotação da Terra, prolongando o dia. O estado interior da Terra não é muito susceptível de originar grandes revoluções, visto que a crosta, já espêssa e solidificada, pode resistir mais às elevadas pressões e temperaturas; mas não excluímos a possibilidade de comoções telúricas com deslocamentos parciais dos continentes e mares.

O que a humanidade comum mais receia são os choques da Terra com cometas, facto, entretanto, pouco de esperar, visto a probabilidade de tal choque ser muitíssimo pequena e entre os milhares de estrêlas um acaso incalculável. Mesmo que se desse um choque com a cabeça de um cometa, as dimensões desta, bem como a sua velocidade e massa, relativamente pequenas, apenas destruïriam uma cidade. Um choque com a cauda (o que parece já ter acontecido) não deve ter conseqüências, visto que a mesma cauda, pela sua natureza ultra-gasosa, passaria pela Terra como uma nuvem de 300 milhões de km.

Ainda que a matéria terrestre aumentasse à custa da energia solar, o mais certo seria que a Terra diminuísse, secasse e extinguisse o seu fogo. Outrora, a quantidade de água era muito maior e a atmosfera mais espêssa, através da qual e antes mesmo da existência de nuvens, irradiava calor, dando origem à formação de estepes e desertos, como em Marte.

O fim da Terra

A Terra e a vida que nela se exerce serão destruídas pela acção dos vapores atmosféricos e águas substerrâneas, pelo ar e pelos ventos, pelas erupções vulcânicas e produtos de combustão das indústrias que, saturando o ar de carbono, a levarão à morte, embora esta massa gasosa proteja o nosso globo contra o resfriamento que o Sól, então, já não compensará. A altitude média dos continentes, que é de 700 metros, perde 1 cm em 100 anos; assim em 7 milhões de anos os mares tê-los-iam submergido. Segundo Helmoltz, o Sol terá perdido o seu calor (1) ao cabo de seis milhões de anos, de forma que a Terra ficará à temperatura de zero absoluto (2). Tôda a civilização, tôdas as nossas grandes e pequenas lutas, o amor, o trabalho, as idéias, as ciências, todo o nosso orgulho, tôda a nossa ambição, tôda a nossa vida, emfim, de nada terão servido.

Antes do términus desta evolução, todos os planetas físicos se terão transformado em hélio e hidrogénio, liquefeitos; atingindo-se, bruscamente, o zero absoluto, tôda a matéria se extinguiria, desmaterializada. Nesta transformação em energia, liberta-se calor. ¿Será isto o ponto de partida para novo ciclo, nova materialização, integração de novas nebulosas, de novos mundos? (*Perpectum mobile* do Universo).

Em certo livro, a Terra é comparada a uma gôta de água, em que giram vivamente micróbios de $^1/_{40}$ mm, os quais estão sujeitos à fome e ao amor. Quando a gôta começa a evaporar-se, o mundo dos micróbios diminui; há excesso de população, falta de «espaço vital»; caminham para o centro, para não secarem, mas o seu destino é inevitável, ninguém o pode deter.

Para onde vai a vida humana

¿Para onde vai, então, a vida, após a sua extinção?

¿O homem emigrará para outros mundos?

¿A vida irá para os astros, cujo resfriamento tanto impede a albumina de se coagular? — preguntam os materealistas. ¿O germe vital será trans-

(Continua na pag. 118)

(1) O Sol pesa hoje menos 350.000 milhões de toneladas do que outrora, diminuindo assim a sua fôrça de gravitação e afastando-se da Terra.

(2) Jeans avalia a habitalidade da Terra em mais um trilião de anos.

EXORTAÇÃO E AVISO

por Reper-Siam

Que Jesus vos ilumine, já que a vossa tarefa necessita de muita inteligência, de muita perspicácia, de muita ponderação, para ser levada a cabo sem perigos, nem contratempos. A-pesar da vossa posição ser equilibrada e sólida e dar incentivo ao trabalho que dela se requer, não hesitamos em repetir o que vos temos dito noutras emergências: é preciso resistir e avançar; é preciso encarar de frente a situação; é preciso deitar abaixo os obstáculos que retardam a marcha, pois só vence quem labora e produz em benefício do Ideal. Não vos amedronteis, nem deserteis, que a vitória é certa. Emquanto estiverdes ligados à promessa feita antes de reencarnar, sereis auxiliados e vencereis sempre. Portanto, mãos à obra, que o tempo urge. Não vos admireis da grandeza e extensão da luta. Para qualquer parte que vos volteis, encontrareis o trabalho a solicitar a vossa actividade. Trabalhai, pois, sem desânimo, sem desfalecimento, para que seja boa a recompensa.

Nada espereis dos homens, mesmo daquêles que parecem ter em elevado gráu o sentimento de justiça. A recompensa do vosso sacrifício tê-la-eis aqui, quando regressardes da jornada, cansados mas glorificados. ¡Felizes dos que vencem, dos que podem lutar por uma causa tão bela como a nossa!

Não vos lastimeis da vida atribulada que levais. Os tempos são de luta. Quem cruzar os braços, será tragado; e quem trair a obra moral a que lançou ombros, será esmagado pelo remorso, quando lhe fôr dado reconhecer o êrro que praticou. De resto, nós velamos. Contai sempre com a nossa vigilância, com o nosso auxílio.

Dai tudo o que puderdes. Esforçai-vos por defender o que foi confiado à vossa guarda.

O aviso que há tempos vos démos está a confirmar-se aos vossos olhos. Mais vereis ainda; todavia, como das demais vezes, a borrasca passará e os vencedores consolidarão o reduto, tornando-se mais fortes do que antes. Não percais tempo em discussões estéreis e a alimentar pensamentos de receio. Quem trabalha e conta com o nosso auxílio, nada deve rceiar. Na hora própria, tudo se conjugará para desmascarar o mal, onde quer que êle esteja.

Tanto vós, como a vossa obra, estão sendo vítimas da maior intriga que se pode conceber. Inteligências que bons frutos produziriam, se trabalhassem na seara do Bem, preparam a teia, onde esperam enredar-vos. Insensatos, que não evitam tão grande resvaladouro! Vós, porém, não caireis no ardil, se souberdes ser fortes e resistir aos maus pensamentos.

Atendei bem no que vos dizemos: A intriga fervilha e fervilhará, mas será destruída pelas armas dos próprios intrigantes.

Sêde perspicazes, que os lôbos já não se limitam a espreitar. Os lôbos estão em campo. Todos os meios lhes servem. As mesmas armas que foram movidas contra outros sectores, estão agora assestadas contra vós.

Os fracos, que se deixarem dominar pela fadiga ou pela intriga, pela inércia ou pela traição, ficarão para a outra vez, já que agora não souberam ou não quiseram esforçar-se, dando tudo o que estava ao seu alcance. Vós, porém, sereis fortes. Se alguns cairem, serão substituídos com vantagem Em vós confiamos, em vós depositamos tôdas as nossas esperanças, a-fim-de que êsse baluarte se eleve cada vez mais, para glória e triunfo da nossa Santa Causa e alívio do próximo, abrindo o caminho mais puro que pode conduzir à felicidade.

* * *

Os tempos não são propícios a quem tem sôbre os ombros uma tarefa como a vossa. Não penseis, pois, em repouso. Olhai para

tantos sacrificados que na terra se debatem para bem da humanidade. Segui o seu exemplo e desprezai tudo o que ennegreça os caracteres e exalte os prazeres mundanos e as felicidades efémeras da matéria.

Os iluminados souberam sempre manter-se acima das frivolidades que vos cercam.

Sabemos qual é a vossa resposta. Que sois fracos e atrazados. Sim, irmãos; mas, para subir um gráu na craveira do espírito, há que ensaiar a vida dos iluminados. Despi-vos de comodismos, afastai-vos de tudo o que não seja estritamento espiritual, confiai no nosso auxílio e dedicai-vos de alma e coração à tarefa que iniciastes e haveis de concluir, custe o que custar.

Tendes de viver exclusivamente para a vossa missão, arrostando com a malquerença de uns e a inveja de outros e até, porventura, com a traição dalguns que vos acompanham. Mais que vós, sofreram outros, que talvez não dispusessem do mesmo auxílio. Para a frente, pois! Que os ataques vos temperem as energias, que as calúnias fortifiquem as vossas almas e que as intrigas não tenham poder algum em vós. Couraçai-vos contra todos êsses bicharôcos daninhos que se alapardam em peitos de alguns que se julgam mais elevados. O que é preciso é manter espírito alegre e cara sorridente.

Afastai para bem longe as preocupações e tudo o que concorra para amolecer e destruir. Cultivai as virtudes que levam á glória. Procurai ter boa disposição. Calcai aos pés a intriga. Desprezai tudo o que vos inquietar a alma. Preocupai-vos apenas com o que fôr construtivo. Trabalhai e vigiai. Defendei o que está à vossa guarda. Espalhai à vossa volta a confiança que os triunfadores devem depositar em si próprios e no destino que os guia.

Irmãos, corações ao alto e inteligência aguda para guiar e orientar o barco, da melhor maneira possível. Que o coaxar das rãs vos não roube nem um só momento do precioso tempo que devereis dedicar ao trabalho. É preciso aproveitar a maré.

Não tenhais receios, porque os receios quebrantam as energias. Não tenhais preocupações descabidas, nem deis ouvidos a ameaças. Tôdas as vossas energias devem ser dedicadas ao trabalho. Tendes que pensar sòmente no vosso trabalho, na vossa tarefa. Cuidai da vossa saúde física e moral, de modo que estejais sempre apetrechados para a luta.

Irmãos, fé e esperança. Só os fortes, os bons e os enérgicos conseguem vitórias. Os fracos ficarão para atender os caluniadores, emquanto os fortes chegarão ao fim da vitória que os espera.

Corações ao alto!

5 de Março de 1942.

Pela Vitória do Espírito

(Continuação da pág. 116)

portado por bactérias que se aclimatem a tôdas as condições e temperaturas e cuja vitalidade as torne capazes de se conservarem durante séculos e sendo levadas da Terra pela pressão dos raios solares na sua superfície? Será assim? — preguntam os realistas, que se admiram de nunca terem podido apreender sinais alguns de vida orgânica nos astros, a-pesar dos telescópios, cujo poder de ampliação podia bem dar a conhecer grandes objectos e pontos luminosos em movimento.

Alguns astrónomos, entre os quais Camilo Flammarion, preocuparam-se muito com os sinais luminosos, querendo tentar comunicar pela T. S. F. com os habitantes dos astros, especialmente de Marte. Os maiores refractores da Califórnia e de Arizona e o chamado telescópio Yerkes, com lentes de 101 cm de diâmetro, pertencendo ao astrónomo Barnes, nunca proporcionaram a verificação de qualquer sinal de vida; e até as melhores provas da existência de vida em Marte — os chamados canais marcianos — foram declarados simples ilusões ópticas, em 1924, ano da maior aproximação daquêle planeta.

Pois bem; voltando ao assunto, preguntamos, novamente: *¿Donde veio o homem? ¿Donde vem a vida?*

¿Haverá barreiras entre a matéria inanimada e a matéria viva? ¿Haverá realmente, como os indígenas indianos dizem, os chamados «proselmos» que já povoaram a Terra antes da formação da Lua? ¿Donde provieram os monumentos gigantescos da «Osterinsel», ilha da Páscoa, as epígrafes nas rochas do Colorado? ¿Como souberam os mexicanos da crucificação de Jesus Cristo, antes da época de Colombo?

O nosso programa será, então:

¿Que é a vida?

¿Quando surgiu e qual é a sua origem?

¿Como se exerceu a vida no homem?

¿Onde reside a vida no homem? — o que nos levará a discutir as leis da hereditariedade.

¿Para onde vai a vida? — o que nos levará a estudar a influência dos astros na nossa vida.

m/at/42

ESPIRITISMO E TEOSOFIA

por Haydi de Tebelen

I

O incitamento é um grande factor de trabalho e progresso material e moral. Foi subordinada a êsse misterioso impulso que viemos a estas colunas trazer o nosso quinhão de estudo acêrca de duas doutrinas elevadas que muito prezamos e às quais muito devemos: Teosofia e Espiritismo. São o complemento uma da outra, tanto assim, que fazem parte da chamada Sabedoria Antiga.

A princesa Helena Petrowna Blavatsky, a Dr.ª Annie Besant, o bispo Leadbeater e o grande Allan Kardec, de-certo que no Além concordam com a nossa maneira de apreciar as belas doutrinas que, com tanto amor, espalharam na terra em prol da humanidade.

Os fundadores da Sociedade Teosófica iluminaram o mundo ocidental, divulgando essa Sabedoria Antiga, mas fizeram-no de maneira também a dividir a humanidade, aconselhando a não utilização de fôrças ocultas. É certo que o fizeram num sentimento muito louvável, para que delas não fizessem uso os mal-intencionados.

A Teosofia trouxe à luz do dia todos os conhecimentos tendo o cuidado de o fazer de maneira a poderem ser compreendidos sòmente pelos que já tinham sido chamados para o Caminho, que ela nos aconselha apenas pela meditação.

Alan Kardec foi mais longe, na sua missão de amor. Ensinou-nos a maneira de nos servirmos dessas fôrças ocultas para comunicarmos com o Além, e de facilitar a êste de vir até nós nas suas multiplas manifestações.

Helena Blavatsky, A. Besant e Leadbeater foram grandes, mas dividiram a humanidade; Allan Kardec foi sublime, porque uniu os dois mundos: o Visível e o Invisível.

Repetimos, pois: a Teosofia e o Espiritismo completam-se, porque estão ligados e são indispensáveis um ao outro. A Teosofia é a ciência, e o Espiritismo, a prática. Assentam estas duas doutrinas nos mesmos princípios, cujo fim é a evolução da humanidade.

Vejamos o que nos ensina a Teosofia:

1.º — Que tudo o que percebemos em volta de nós, sob qualquer forma que seja, não são senão modos duma só Vida, de que cada um sente fazer parte. Pelo que podemos saber, pois esta Vida de que cada um comparticipa é universal. Ela é o Ar, a Terra, a Água, o Fogo. São todos os reinos da natureza; é o universo e os próprios céus.

2.º — Que esta Vida é Una. Em qualidade essencial é a mesma por tôda a parte, mas os seus aspectos variam quási até ao infinito.

3.º — Que esta Vida está em tôda a parte, em via de desenvolvimento e num número quási infinito de graus, por exemplo, nos elementos e nos reinos da natureza.

4.º — Que o desenrolar desta vida se opera segundo uma lei e segundo uma ordem imutáveis:

a) Lei do Govêrno Inteiro dos Mundos, segundo a qual as Leis da Vida evoluindo são administradas por seres que são a encarnação dessas Leis.

b) Lei do Tempo ou do reajustamento segundo a qual a vida em evolução mergulha constantemente na matéria para se ajustar gradualmente à realidade e para adquirir um sentido exacto da realidade dos Valores. Chama-se-lhe às vezes Lei da Reencarnação.

c) Lei da Causalidade, ou Karma, segundo a qual tudo é percebido como acontecimentos numa cadeia ininterrupta de crescimento progressivo em cada um; ao mesmo tempo, é herança dum imenso passado, e criador de todo o futuro. Esta lei contradiz pois a idéia do Acaso e proclama ao mesmo tempo a supremacia duma Justiça perfeita, e a inivitabilidade dum perfeito Fim.

d) Lei da Individualização, segundo a qual as Leis do Tempo e da Causalidade resolvem o universal Fogo da Vida nas suas centelhas componentes ou individualidades, e as transforma no decorrer do tempo, em chamas e fogos, sob a fricção da dualidade causa-efeito.

e) Lei da Adaptação, pela qual tôda a centelha está em relação com as mudanças do seu meio, suficiente a si própria, pelo que diz respeito ao seu desenvolvimento. Por outras palavras: cada individualidade é de facto um ser em si, e possui plenamente o necessário para alcançar o próximo nível de desenvolvimento. A Vida não recusa nada a seus filhos do que pode servir para a sua ascensão.

¿Não serão estes também os princípios da teoria espirita? Ninguém o ousará negar.

¿Onde está então o ponto divergente que separa teósofos e espiritas?

Em que estes se utilizam da *mediunidade* para entrarem em relação com o Outro Mundo.

Emquanto uns se limitam e encontram satisfação sòmente no belo ideal teosófico, outros fazem da teosofia uma ciência-positiva, e temos então o Espiritismo.

Estão pois traçados os dois caminhos: o teosófico com a meditação podendo à semelhança do místico elevar-se às altas culminâncias espirituais, e o espirita procurando nas revelações dos habitantes do Astral, e nos fenómenos que êle nos proporciona, um estudo mais concreto da Verdade que buscamos.

Entra-se em plena polémica. Há quem acuse a Teosofia de ser uma ciência abstracta, como há quem acuse o Espiritismo de ser uma fábrica de loucos. Repito: uns e outros têm razão, e igualmente não a têm. Parece um paradoxo, mas é verdade.

A Teosofia praticada em alto grau leva ao desenvolvimento de faculdades psíquicas, que põem o praticante em relação directa com o Astral.

O Espiritismo utilizando-se da mediunidade cria um traço de união mais perfeito entre os dois mundos, pois facilita no máximo as comunicações do Além com o Aquém, e vice-versa.

Objectam os teósofos que o uso da mediunidade leva à loucura. Também se pode acusar os teósofos de enlouquecer, pois também os tem havido que se têm entregado com fanatismo à prática do psiquismo, e, mal orientados se têm tornado neurasténicos, e mesmo maníacos. De-certo que em tudo é necessário muita prudência; e tôdas as experiências passadas ao crivo da nossa razão. Dizem que o uso da mediunidade leva à loucura, mas até hoje ainda não foi provado que grandes médiuns como Swendenborg, Cahanet, Eusapia Paladino, Eva, Mistress d'Esperance, Miss W. Mayers, etc., tivessem dado indícios de alienação mental.

Mas por êsse mundo fora, ¡quantas curas por meio da mediunidade têm restituído a razão a tantos infelizes para sempre considerados incuráveis!

Se as práticas espíritas gerassem loucos não se consagravam a estudá-las sábios como os cientistas Prof. Crookes, Alfred Russel Wallace, Sir Oliver Lodge, Sir Arthur Conan Doyle, Rev. Newton, Rev. Sálvage, William Stead, Camille Flammarion, Dr. Aksakof, Engenheiro Gabriel Delanne, Dr. Baraduc, Dr Pierre Janet, Prof. Charles Richet, César Lombroso, Dr. Hodgson, Dr. I. K. Funk, Prof. James, Prof. Hyslop, Dr. Carrington e muitos outros.

O Dr. Thomas J. Hudson, autor de «As leis dos fenómenos psíquicos», escreveu: — «O homem que hoje negar os fenómenos do Espiritismo não deve ter qualificativo de céptico e simplesmente o de ignorante.»

De-certo que estes homens de ciência, benfeitores da humanidade não deixaram loucos os médiuns que lhes facilitaram as suas experiências com o Além. Que a mediunidade não gera a loucura, atesta-o o seu grande desenvolvimento com fins altruísticos em países mais avançados que Portugal.

Os médiuns curadores exercem em todo o mundo a sua acção benéfica. Nos países anglo-saxões e no Brasil, onde o Espiritismo tem tomado grande incremento, já se chegou a fundar um sanatório espírita, na cidade de Uberaba, o qual funciona desde 1933, tendo curado ou dado alívio a centenas de doentes.

As faculdades psíquicas não devem ser reprimidas, porque, além de provocarem o desiquilíbrio, originam doenças nervosas, que os médicos da terra desconhecem e consideram incuráveis.

A mediunidade é cultivada desde a mais remota antiguidade; das criptas do Himalaia às florestas da Gália. Na Caldéia, no Egito, na Índia, na Grécia, em Roma e na Gália, dando-nos as pitonisas, as sibilas, os oráculos, as vestais e as druídas.

Ulisses, Orfeu, Hermes, Krishna, Pitágoras, Enéas, Plutarco, Plínio, o Antigo, Sócrates, Zoroastro, Platão, Moisés e os grandes profetas hebreus Isaías, Ezequiel e Daniel, tivenam comunicações com os espíritos. Seria longa a lista de nomes célebres que vos poderia citar, através de vários países e nas diversas épocas da história da humanidade, de entidades que recorreram às práticas mediúnicas.

Os profetas hebreus dão-nos, na história de Israel, o mais belo poema mediúnico. No Conselho dos Anciãos, Jeová aparece a Moisés no Tabernáculo, envolto numa nuvem, ou seja num começo de materialização.

Saúl e Ram, conhecedores do valor da mediunidade transcendental, instituiram escolas de profetas, isto é, agremiações em que os seus membros se iniciavam nos mistérios da comunicação. Estas escolas eram instaladas de preferência em lugares solitários, na contemplação das belezas da natureza, no estudo e no silêncio. O discípulo-profeta podia assim preparar-se para, sob o belo e límpido céu do Oriente, receber o influxo do Alto.

Nestas escolas admitiam-se discípulos — profetas e discípulos — videntes dos dois sexos. Os colégios sibilinos existiam nas cidades sagradas.

Os principais eram os de Vhar, de Ammion, de Delfios, de Cumes, d'Eritréia, de Samos, de Cumes na Eólida, de Gergitas, na Troade, de Ancyre, na Phrigia, de Tibirte na Itália, de Rane ou de Roum na Ásia, de Tauryn, a antiga Belgrade, e emfim os templos celtas de Varaha, depois Bibracte, até à ilha de Sein, depois Lyn-Dyn, Londres; até aos templos da Irlanda, da Escóssia, e da ilha de Man.

Na antiguidade aceitaram e falaram da arte sibi-

(Continua na pág. 122)

UMA CURA INTERESSANTE

HÁ muito que no Centro Espiritualista Luz e Amor funciona o *Grupo Reper-Siam,* cuja missão é a cura psíquica daqueles a quem a medicina oficial julgou incuráveis. Há muito que ali se realizam trabalhos interessantes que demonstram à evidência os poderosos efeitos da terapêutica magnética.

Temos ocultado muitos factos comprovativos que não deixam lugar à dúvida. Hoje, entendemos dever publicar tais factos, não só porque são verdades que se apregoam, mas porque reforçam uma doutrina ainda mal compreendida e quási sempre deturpada e menosprezada, sobretudo — é curioso! — por aquêles que a desconhecem e teimam em não estudá-la.

Júlia Maria de Oliveira Rebeca, natural de Anifana — Rossio de Abrantes — é mulher de vinte e sete anos, forte, saüdavel, de boa aparência e mãe de dois filhos robustos. Fazia tôda a lida da casa e os serviços do campo, sem o mínimo cansaço, sempre alegre e comunicativa. Em meados de Dezembro último, sofreu uma entorse no carpo direito e desde então apoderou-se dela enorme mal-estar, acompanhado de vertígens, vómitos e falta de apetite, que causavam sérias apreensões à sua família, em especial a seu marido sr. Manuel Cardoso Rebeca, condutor de camionetas na mesma localidade.

Começou aqui o calvário da pobre mulher. De médico para médico, não obtinha melhora alguma. Consultou o Dr. Jorge Donato, de Abrantes, que diagnosticou fraqueza geral e lhe receitou o que a ciência costuma aconselhar em casos dessa natureza. Consultou o Dr. Farinha Pereira, da mesma cidade, que diagnosticou *cisma,* declarando que a doente... não tinha doença alguma. Para descargo de consciência, receitou-lhe uma caixa de comprimidos. Consultou o Dr. José Guedes de Campos, médico conhecido que a submeteu a análises de expectoração, para pesquisa de bacilos de Kock, tal era o estado em que a doente se encontrava. Consultou o Dr. Cabral de Andrade, que declarou não haver doença. E receitou-lhe brometos em comprimidos.

Mas o estado da enferma era verdadeiramente lastimoso. Ninguém lhe dava muitos dias de vida. A consumpção aumentava, o fastio mantinha-se. A família chegou a preparar-lhe a mortalha.

Nisto, procuraram um especialista, a conselho dum dos médicos que a haviam tratado.

Foi o Dr. Eduardo Coelho, de Lisboa, que receitou várias drogas e duas caixas de ampolas Cardial-Efredina.

Os raios X entraram em acção: uma radioscopia em Abrantes e outra em Lisboa, ambas sem resultado positivo. Era inútil continuar, pensavam aquelas pobres almas, olhando para o monte de receitas aviadas.

As despesas feitas nestes 60 dias de inúteis diligências, atingiram o montante de 4.000$00 (quatro contos de reis), despesa incomportável para indivíduos pobres.

A doença zombava da medicina e dos ilustrados médicos. A doente já não podia dar um passo, até que um assinante de *Estudos Psíquicos* os aconselhou a virem ao Centro E. Luz e Amor. Talvez aqui encontrassem a cura que os médicos não puderam dar-lhe. E vieram. Vieram no dia 18 de Fevereiro. Dois homens e três mulheres apresentaram-se no Centro, às quatro horas da tarde, onde foram recebidos com as maiores atenções e carinhos.

Fomos postos ao facto da doença e logo iniciámos os trabalhos, com o auxílio da médium do *Grupo Familiar Allan Kardec,* que nessa ocasião se encontrava no Centro. Vimos tratar-se duma obsessão.

As restantes sessões realizaram-se no *Grupo Reper-Siam,* com a presença da sua médium — D. Maria Santana Pinheiro — que muitos serviços lhe tem prestado. Houve duas catequizações de obsessores e seis sessões de terapêutica magnética. E, desde o primeiro dia, a enferma pôs de parte todos os medicamentos que lhe haviam sido receitados. Só passes magnéticos e água magnetizada.

Júlia Maria, que fôra levada ao Centro num *taxi,* mercê do seu enorme depauperamento, sem fôrças para erguer um braço, ao terceiro tratamento parecia transfigurada. Já não era aquêle farrapo humano que ali fôra conduzido poucos dias antes, de olhar abstracto e sem contrôlo físico. Era uma mulher desempenada, de bela aparência, com ânsia de viver e tratar dos filhos.

As sessões continuaram. À quinta sessão as melhoras acentuaram-se de tal modo, que a podíamos considerar curada. Entretanto, sobreveio-lhe um ataque de gripe, cujos efeitos tivemos que dbbelar. E à oitava sessão — graças ao poderoso auxílio dos nossos guias — Júlia Maria de Oliveira Rebeca regressava à sua terra com o marido, agradecendo a Deus os benefícios que lhe foram prestados e cho-

rando os quatro mil escudos que gastara em 60 dias de doença.

Estávamos a 5 de Março. O tratamento e a cura haviam durado *dezoito dias* e as despesas no Centro limitaviam-se à simples inscrição de sócio e ao pagamento da cota mensal de 3$00, com recepção gratuita desta revista.

Em 12 de Abril, ou seja 37 dias depois, recebemos uma carta (que mostraremos a quem nisso tiver interêsse), informando-nos de que Júlia Maria se encontra perfeitamente curada, sem nada que a apoquente.

Eis um caso interessante de cura psíquica, na qual os ilustres médicos deviam meditar.

No dia em que os médicos estudarem o Espiritismo — como muito bem diz o Dr. Inácio Ferreira — a medicina encontrará o seu verdadeiro rumo, sobretudo no ponto de vista da psiquiatria.

É com trabalhos dêstes que o Espiritismo se dignificará e imporá ao respeito da sociedade. É esta a sua melhor propaganda.

ESPIRITISMO E TEOSOFIA

(Continuação da pág. 120)

lina: Aristóteles, Plutarco, Plínio, Marcianus Capela, Solin, Eliano, Strabão, Varrão, Ovídio, Virgílio, Propércio, Tibúlio, Lucano, Juvenal, Chrysippe, Névius, Pisão, Appolodore, Erathostene, Heraclide de Pont, Pausanias, Ausone, Cícero, Tito-Lívio, Florus, Tácito, Suétone, Suidas, Eusébe, Diodoro de Sicília, Valério Máximo, Ammien Marcellin, Macrobe, Coelius Rhodigius, Denys, d'Halicarnasse, Aulu-Gelle, Servius, Saint-Clement d'Alexandrie, Saint-Agostinho, St. Jerónimo, St. Ambrósio, Justino, Lactâncio, Nicetas, Zonare, Euthynius, Zigabenus, etc.

Aí por 1880 ela era apenas sàbiamente cultivada nos santuários do Tibet, no Himalaia, e nas populações a que os chineses chamam os montanheses. Presentemente ela está bastante divulgada, tanto no Ocidente como no Novo Mundo.

Basta-nos lêr com atenção a Bíblia, para encontrarmos em cada texto afirmações que realçam a mediunidade em todos os seus graus e aspectos.

Moisés era médium vidente e auditivo; êle viu Jeová, o espírito protector de Israel envolto numa nuvem, ou seja num começo de materialização. Era também médium escrevente. Escreveu as Tábuas da Lei, ditadas por Elohim; médium activo e magnetizador poderoso, fulminou com uma descarga fluídica os hebreus revoltados no deserto; era médium inspirado, e assim entoou o seu maravilhoso cântico após a derrota do Faraó.

Samuel era muita vez despertado por vozes que lhe anunciavam coisas futuras.

Lendo-se a vida de Job vê-se que ela é tôda de iluminações e de inspirações mediúnicas. Saúl também foi um médium «do Senhor», mas em conseqüência de faltas graves da sua vida desordenada, tornou-se instrumento de espíritos inferiores. E a Bíblia referindo-se a êle diz: «Em sua alma um espírito maligno se introduz», o que prova que as obsessões já eram conhecidas na antiguidade.

Bibliografia

por Isidoro Duarte Santos

NARRAÇÕES DO INFINITO, por *Camille Flammarion* — Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira, 191 pág. 1941.

MAIS uma joia de inestimável valor, a juntar às restantes editadas pela Livraria da Federação Espirita Brasileira, da Colecção Camille Flammarion.

Êste livro, vazado no estilo inconfundível do grande astrónomo e escritor francês, apresenta um problema curiosíssimo, talvez único no género: uma viagem sideral realizada pelo espírito recem-desencarnado que continua a usar de tôdas as suas faculdades, relativamente à existência actual e às suas vidas anteriores.

Tal problema é estudado pelo autor do livro, em virtude de propriedades da luz que permitiriam às almas a conservação das imagens relativas aos lugares onde viveram.

Como se vê, Flammarion mais uma vez aproveitou os seus cabedais científicos para arquitetar uma narrativa verosímil, de feição absolutamente espirita, em cuja leitura se encontra a consoladora certeza da sobrevivência, com a respectiva via de redenção moral e espiritual.

Narrações do Infinito é livro para ler e reler e ninguém se arrependerá, com efeito, do tempo que gastar a percorrer as suas páginas.

OBRA E INSPIRACIÓN, por *Bartolomé Rovira Pehuajó* — F. C. O. y Pcial Año 1941. 63 páginas.

EMBORA de pequeno fôlego, êste opúsculo é interessante e revela da parte do autor faculdades de vidência e clarividência muito desenvolvidas. Nele trata do *processus* da reencarnação e desencarnação, segundo as suas observações pessoais, estudando quatro casos particulares com bastantes e variados pormenores, obtidos pela sua vidência.

Além disto, menciona curiosas observações acêrca *de desdobramento espiritual, situação espiritual dos terroristas, atracções funestas, sensualismo*, etc., etc.

Esta obra é útil e de boa propaganda.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Um aviador da Royal Air Force explica o mistério da sua morte e dá provas de sobrevivência

O facto que passamos a narrar foi rebuscado de *Psychic News* pelo nosso confrade Dr. Sebastião E. Martins. Lamentamos não o poder transcrever na íntegra, em virtude da sua extensão ultrapassar o espaço de que dispomos.

As provas de sobrevivência a que alude a epígrafe desta nótula obtiveram-se numa sessão espírita realizada em casa de Maurice Barbanell, com o médium Joseph Benjamim e a que assistiram um oficial aviador e a actriz de rádio e cinema Frances Day, amigos do espírito comunicante.

O médium desconhecia os interessados e o aviador apresentou-se civilmente, para não dar nas vistas.

— Nada prometo, — disse Barbanell —. Não me digam o que desejam saber. Se «êle» se comunicar, reconhecê-lo-eis fàcilmente.

O aviador não foi apresentado a Barbanell. Nenhum dos dois visitantes foi também apresentado a Benjamim, que apenas conhecia Frances Day pelas fotografias dos jornais.

Depois de cair em transe, o médium falou do recente falecimento dum aviador, descrevendo-o com o seu uniforme, acrescentando que voara sôbre a Alemanha. Em seguida, pormenorizou-lhe a «morte», cujas particularidades não podem ser reveladas, e indicou o paradeiro dalguns aviadores mortos em combate, o que, até então, constituía verdadeiro enigma.

O espírito informou que estivera na R. A. F. e descreveu os trabalhos de que fôra incumbido, o que provou claramente a sua identidade.

O aviador-espírito e o aviador-assistente haviam sido companheiros antes da guerra. Assim, o médium descreveu a vida social dos dois amigos, os seus planos e a forte emoção do amigo sobrevivente, ao saber da sorte do companheiro.

O comunicante declinou o nome, descreveu a sua casa no Canadá, indicando a cidade onde vivia. O seu amor pelos cavalos, o bom-gôsto no trajar e a predilecção pelas bugigangas foram novas provas de identificação.

Referiu-se também a uma festa, a que êle, Frances Day e o seu amigo haviam assistido. Fixou o momento da sua desencarnação e mencionou o facto dos dois amigos terem encontrado dificuldade na aquisição do bilhete, quando um dia foram ver representar Frances Day. Afirmou também ao seu amigo que o vigiaria e auxiliaria nas suas pesquisas espíritas. Para tanto, daria sinal de si, por meio de pancadas numa mesa.

O oficial aviador nunca tinha assistido a sessões espíritas e ficou muito impressionado com tudo o que presenceou.

Frances Day é espírita convicta e achou excelentes as provas de identificação recebidas através do médium Benjamim.

Antes da publicação dêste relato, Frances Day mostrou desejo de assistir a nova sessão, a-fim-de se inteirar melhor dos factos relatados pelo espírito.

Maurice Barbanell acedeu, Convocou a médium Bertha Harris para uma sessão em casa dêle. Quási no início dos trabalhos, o mesmo espírito declinou o sobrenome.

— Êle está muito comovido — declarara a médium —. Diz que esperava esta oportunidade há muito tempo. A senhora tem estado a pensar nele...

— É verdade — respondeu Frances Day, que viera sòzinha à sessão.

Bertha Harris descreveu, então, a morte do aviador, indicando o local e a data. Depois, disse que o espírito tinha nas mãos cravos encarnados, o que levou Frances Day a explicar:

— Foram as últimas flores que êle me enviou.

— Ligadas a uma mensagem — acresecentou a médium.

— É verdade.

— Foi a última vez que a senhora o viu.

— Exactamente — exclamou a actriz.

Para tornar mais evidente a sua sobrevivência, o espírito nomeou o amigo que acompanhara Frances Day à sessão do médium Benjamim, seguindo-se uma série de comunicações para realçar os laços que haviam ligado, na terra, os dois amigos.

A parte principal da sessão foi a referência feita a um acidente, muito conhecido da actriz e do seu amigo e sucedido entre a primeira e a segunda sessão: o aeroplano tripulado pelo amigo fôra metralhado, durante operações militares. Êle sofrera ferimentos muito graves.

O espírito referiu-se a êste incidente, mencionando até o ferimento duma perna. E acrescentou:

— Estou satisfeito por isso não ter grande importância. Mas êle podia ter ficado sem a perna. Agora não pode andar, porque a tem ligada. Brevemente estará restabelecido.

Voltou a falar sôbre o destino de certos objectos de seu uso pessoal, tal como fizera pelo médium Benjamim, supondo-se que algum mistério pairava sôbre êles.

Maurício Barbanell disse tratar-se duma sessão dramática, visto os acontecimentos da guerra terem servido de cenário a estas cenas sangrentas. Havia ali três pessoas, duas vivas e uma «falecida», ligadas entre si por interêsse recíproco.

— O «trio» transformou-se em «dueto» — declarou o espírito à famosa cantora que, em duas sessões, verificou bem o principal objectivo do Espiritismo: provar que a vida continua além da morte.

Fenómenos inexplicáveis

Há coisas tão extraordinárias e impressionantes, que o homem hesita em formular hipóteses explicativas, limitando-se a meditar nos mistérios insondáveis que existem para lá dos humanos conhecimentos. Pensando nisto, lemos em *Constância*, de Buenos Aires, o relato de alguns fenómenos inexplicáveis publicados no diário *La Nacion* e que vamos transcrever, em breve resumo.

Primeiro, referiu-se ao caso de Paul Kern, de Budapeste, ferido na cabeça durante a guerra mundial e que, desde então, nunca mais voltou a dormir e sem que esta circunstância tenha afectado a sua saúde. Depois, citou o caso não menos curioso do espanhol Godinez, verdadeiro «isolador» eléctrico, visto que uma corrente de sete mil vóltios passava através do seu corpo, como se fôsse aragem leve e acariciante...

Semelhante descarga pode dar origem a conseqüências estranhas. Como exemplo, cita um menino espanhol que estava no campo com seu pai e foi ferido por um raio, em dia de grande trovoada. O pai morreu electrocutado e o filho apenas desmaiou. Quando, porém, recuperou os sentidos, via através dos corpos opacos, como se verificou experimentalmente.

Uma camponesa de Devonshire teve certa enfermidade incompreensível para os médicos. Como não podia falar, pediu, por meio de sinais, que lhe dessem uma ardósia e um lápis. Em seguida, escreveu alguns caracteres que ninguém conseguiu decifrar. Julgaram que se tratava dum idioma desconhecido, mas de-pressa notaram que a rapariga, desde aquela doença, escrevia ao contrário e nunca conseguiu escrever doutra maneira. Quando o médico lhe pediu que escrevesse a palavra «policeman», escreveu «namecilop» e ficou muito admirada da surpresa dos assistentes.

O mistério da italiana «luminosa» também não chegou a ser esclarecido. Esta mulher emitia luz azul, quando estava deitada. A-pesar-de se ver claramente essa luz, com as lâmpadas apagadas, os homens de ciência jamais conseguiram fotografar o fenómeno. A luz era visível a ôlho nu, mas a placa sensível não a registava.

Um dos mais recentes e profundos enigmas da ciência é o apresentado por uma menina de doze anos, chamada Ilga Kirps, de Riga, que, incapaz de ler um livro, lia fàcilmente o pensamento. Repetia qualquer coisa que outra pessoa lera em silêncio, instalada na mesma habitação, embora fôsse difícil o tema da leitura. Lia as palavras estrangeiras com a mesma acentuação das pessoas que estavam a ler.

A propósito, vamos contar um caso igualmente espantoso e que publicámos há dez anos numa revista da especialidade, sendo possível que alguns leitores se lembrem dêle.

Os jornais do Rio Grande do Sul inseriram uma uma notícia muito curiosa acêrca dum estudante de medicina que vivia nos subúrbios do Rio de Janeiro. Vinha assinada pelo Dr. Luiz Wiedman, médico e secretário da Sociedade de Psicologia e que ficou admirado de ouvir apregoar a um vendedor de jornais:

— ¡Olha o homem que faz diagnósicos a mil léguas de distância!...

Comprando o jornal, leu com espanto: «Luiz Barros Torres, académico de medicina, residente em Ramos, subúrbio do Rio, há muito que tem o dom de ver à distância. Concentrando-se, o futuro médico empalidece e, dois minutos depois, diz tudo o que se está a passar em nossa casa, embora esta fique situada a enorme distância. Há cêrca de um ano, Luiz Torres começou a fazer diagnósticos e a indicar tratamento. Diz que faz tais diagnósticos, não baseado em fenómenos telepáticos, mas na faculdade que possui de ver através-de florestas, montanhas, corpos de animais, de homens, etc.

No dia seguinte, o Dr. Wiedmann visitou o estudante, na companhia dos drs. Sá Pinto, Ernesto Varela e Luiz Godoy. Foram recebidos por um rapaz de 30 anos, moreno, baixo, magro e imberbe. Era o estudante a que aludia a notícia.

— Não dou consulta a ninguém — disse êle, ao ser interpelado. Não me é permitido, nem quero explorar uma faculdade que Deus me deu. Apenas respondo a algumas cartas, quando vejo que se trata de caso sério. E isso mesmo...

Quando lhe disseram que eram médicos, prontificou-se logo a fazer uma experiência. Concentrou-se e debruçou-se sôbre a mesa. Depois, exclamou:

— Fala-lhes a minha alma, que tem o poder de abandonar o corpo e viajar com a velocidade da luz.

— Então, — disse o dr. Wiedmann — veja se os meus órgãos estão perfeitos.

Luiz Tôrres fêz um esfôrço e respondeu:

— Vejo os seus órgãos muito melhor do que através duma radiografia. A sua vesícula biliar tem um cálculo. O seu ventrículo esquerdo está dilatado, em virtude de insuficiência das sigmóides aórticas.

O dr. ficou pasmado. Depois, coube a vez ao dr. Godoy.

— Vá a Porto Alegre — disse êle — ver se minha irmã está boa.

E deu a rua e o número da casa. Dois minutos mais tarde, veio a resposta:

— Sua irmã não está em casa. Vejo lá uma criada e uma menina loira, com cicatriz na testa.

— É minha sobrinha! — exclamou estupefacto, o dr. Godoy — Ela tem alguma coisa?

— Tem anginas e o engraçado é que o médico trata-a de amigdalite banal. Se não tomar ainda hoje o sôro anti-diftérico, morrerá amanhã de manhã.

O dr. Godoy ficou aflitíssimo e quis retirar-se. Mas os drs. Wiedmann e Varela pediram-lhe que esperasse.

— Sr. Barros, — disse o dr. Varela — estamos satisfeitos. Só queria que me dissesse como passa minha mãe no Hotel de Garanhus, Estado de Pernambuco.

— ¿Num hotel próximo da Estação? ¿Como se chama sua mãe?

— Chama-se Hortênsia e está no hotel Mota, perto da Estação.

O estudante fêz uma pausa.

— Sua mãe está em preparativos de embarque. Além do sofrimento antigo — ovarite e insuficiência pulmonar — tem uma hérnia recente que estrangulará dentro de quatro dias. Convém operá-la.

Em face do que tinha ouvido, os médicos resolveram sair, agradecendo a demonstração que lhes fôra feita.

E o dr. Wiedmann conclui assim o artigo:

«No mesmo dia fui ao hospital onde presto serviço e submeti-me a exame radiológico e electro-cardiográfico. Tenho, de facto, um cálculo na vesícula, dilatação do ventrículo esquerdo e insuficiência das sigmóides aórticas. O que êle disse ao dr. Varela foi confirmado. A sobrinha do dr. Godoy morreu no dia seguinte ao das anginas, por êrro do médico que a tratava. ¿Qual será, pois, a causa dêstes dons tão poderosos e tão raros? A natureza tem os seus segredos. Muitos outros médicos e estudantes de medicina verificaram o caso. Barros Tôrres e todos são unânimes em afirmar que *diagnostica e cura qualquer* moléstia a milhares de quilómetros de distância dos enfêrmos, bastando-lhe o nome e o enderêço do interessado».

Por emquanto, todos êstes fenómenos são inexplicáveis, não obstante os esfôrços da ciência em desvendar tantos e tantos mistérios indognoscíveis.

Fotografia psíquica

The Greater World, de Londres, tem publicado muitos artigos acêrca de fotografia espirita. Uma das mais interessantes e sugestivas foi reproduzida na sua edição de 20 de Agôsto de 1938 e obtida pelo médium E. T. Evans, de Swindon. É a fotografia da senhora E. Hobbs, da mesma localidade. Em carta dirigida

FOTOGRAFIA DA SENHORA HOBBS, VENDO-SE ALI UM «RXTRA». É O ESPÍRITO DE SEU PAI

àquela revista, a senhora Hobbs diz que o médium lhe era quási desconhecido e nada sabia a respeito da família da fotografada. Ali se vê um «extra» que a mesma senhora afirma ser de seu pai, o qual auxilia o grupo espírita da filha, dando-lhe directrizes e amparo.

Segundo a mesma revista, muitas teorias têm sido aventadas para explicar os processos usados pelos espíritos na produção destas fotografias, mas o fenómeno permanece, mais ou menos, em mistério. Não há comunicações que resolvam, materialmente, o problema.

O antigo médium Robert Boursnell viu freqüentes vezes os espíritos que iam aparecer na chapa. De facto, em muitas ocasiões, êle só abria a objectiva, quando a entidade estava completamente «construída».

Com outros *fotógrafos psíquicos,* as vibrações são diferentes. Há médiuns que têm visto espíritos amigos em tôrno dêles, durante a sessão, sentindo um dêles a querer manifestar-se, só para demonstrar que o «extra» era de qualquer outro que não tinha sido visto clarividentemente. Uma coisa, porém, é certa: o retrato psíquico deve ser produzido no éter e projectado na placa sensível, em virtude de emanações para nós desconhecidas. Mas êste processo só pode ser operado na presença dum médium que auxilie a fôrça que vem do Alto, destinada à obtenção do fenómeno.

Provas da reencarnação

O problema reencarnacionista tem sido estudado por muitos sábios e experimentadores de nomeada, do oriente e do ocidente; e tão convincentes são as provas apresentadas em abôno da teoria, que os adeptos aumentam constantemente, a ponto de constituirem verdadeira legião.

O engenheiro francês Gabriel Delanne foi um dos que mais profundamente estudou o assunto, no seu livro «A Reencarnação», traduzido em muitas línguas e editado em português pela Federação Espírita Brasileira.

O Dr. Gustave Geley também se dedicou a êste problema. O seu depoimento, no inquérito do Dr. Innocenzo Calderone, acêrca da reencarnação, é qualquer coisa de notável e coloca o antigo director do Instituto Metapsíquico Internacional numa posição de verdadeiro equilíbrio científico.

O *Reformador,* de Outubro de 1941, publicou um artigo de Cristiano Agarida, subordinado ao título desta nótula e que vamos transcrever, na parte referente ao fenómeno observado.

Depois de falar da reencarnação e dum primo que, aos cinco anos de idade, relatava coisas referentes à sua família anterior, escreve:

«Trata-se duma senhorita de 23 anos e a quem chamaremos Helena, filha do nosso amigo relator, cuja espôsa ainda vive e goza de boa memória. Chamaremos Francisco e Aïda aos pais da jovem. Médico, o nosso amigo e sua espôsa assistiram à morte duma pessoa muito querida, madrinha dum filho do casal, vitimada por tuberculose da laringe. Já nas vascas da agonia, falando penosamente, a moribunda prometeu à comadre que, ao cabo de dez meses, renasceria como sua filha.

— «Sei que vou morrer — disse ela —, mas prepara-te para me receber como tua filha, daqui a dez meses.

— «É possível, — retorquiu Aïda —. ¿Mas de que modo poderemos verificar a verdade de tudo o que ocorrer? ¿Como reconheceremos que tu e minha filhinha sereis a mesma personagem?

— «Quando a menina puder falar, ela te contará muitas coisas da minha vida actual.

«Morre a comadre e dez meses depois nasce Helena que, aos dois anos e meio de idade, começa a contar espontâneamente coisas da sua vida anterior. Dirige-se a sua irmã Carlota, que nada sabia da promessa da morta, e diz-lhe:

— «Quando eu era grande e tu eras pequena, muitas vezes eu carregava contigo, Lota.

— ¿Quando tu eras grande? — interrogou Carlota, rindo.

— «Naquele tempo, eu não morava aqui. Morava lá longe, onde há muitas vacas e muitos bois e laranjeiras e animais parecendo cabras.

«Era uma boa descrição da residência dos pais da morta, a 20 quilómetros da casa dos meus amigos. Ao chegarem a casa, Carlota conta ao pai as estranhas idéias da irmãzinha.

— «Minha filhinha, — diz o pai, dirigindo-se a Helena — eu nunca morei lá onde indicas.

— «É; mas naquele tempo eu tinha outro pai, — respondeu a pequena.

«Outra irmãzinha, zombando, pregunta:

— «E tinhas lá uma negrinha, como esta que nós temos? (Referia-se a uma pretinha órfã, recolhida pelos meus amigos como filha adoptiva).

«Helena não se embaraça e responde:

— «Não. A nossa negrinha já era grande, já cozinhava; mas nós tínhamos um negro pequeno e quando êle não trazia água, papai batia nêle.

— «Nunca bati em negro algum, minha filhinha — observa o meu amigo.

— «Mas era o outro meu pai quem batia — responde Helena.

— «E depois que acontecia? — pregunta Francisco, o meu amigo.

— «Êle me gritava: — «Sinhazinha me acuda!» e eu pedia a papai e êle não batia mais e o negrinho corria e ia buscar água na fonte.

— «¿Êle apanhava a água no rio? — interroga Francisco.

— «Não; lá não tinha rio; êle ia à fonte.

— «Quem era Sinhá, ou Sinhazinha?

— «Era eu mesma.

«Outra criança pregunta:

— «Teu nome era Sinhá?

(Realmente a família dava a Helena, na encarnação anterior, o nome íntimo de Sinhá).

— «Era, mas eu tinha ainda outro nome. Chamava-me Helena e mais outro de que me não lembro.

«Além dêstes diálogos, tôda a actividade intelectual da criança revelava a amiga morta. Lembrava-se

Noticiário

Jornais e revistas

Entraram na nossa redacção os seguintes jornais e revistas, com os quais gostosamente permutamos:

Além, do Pôrto; *Luz e Caridade*, de Braga; *A Rosacruz*, de Leiria; *Comércio de Leixões*, de Matosinhos; *Vítimas da Guerra*, de Lisboa; *Região de Leiria*, de Leiria; *Vida Mundial*, de Lisboa; *Gazeta do Sul*, de Montijo; *Traz-os-Montes*, de Lisboa.

Região de Leiria continua a publicar uma secção permanente de factos espiritas, contribuindo assim para a difusão da Doutrina, que vai grangeando adeptos em tôdas as camadas sociais. *Vida Mundial* é o magnífico semanário de actualidades internacionais, superiormente dirigido por José Cândido Godinho, temperamento jornalístico de elevada intuição e cuja tenacidade é a razão de ser da sua obra.

Também nos visitaram os seguintes colegas estrangeiros:

Psychic News, semanário londrino, dirigido por Maurice Barbanell; *Constância*, de Buenos Aires. órgão da associação espirita do mesmo nome; *Cristianismo e Revelación*, igualmente de Buenos Aires; *Evolución*, órgão do «Centro Léon Denis», de Barquisimeto, Venezuela. Continuam a faltar os jornais brasileiros.

A todos, os nossos cumprimentos de afectuosa camaradagem.

---

de ter morrido, de haver sofrido muita dôr de garganta, de haver dormido num rancho, onde apanhou um resfriamento que acabou por vitimá-la.

«Certa feita, preguntou, abruptamente, ao afilhado da morta:

— «Carlos: ¿que fizeste das duas vacas que te deixei, quando eu era Sinhá?

«Doutra vez, vendo o silhão de sua mãe, exclamou:

— «Êste silhão é igual ao que eu tinha, quando eu era Sinhá.

«Na verdade, os dois silhões eram iguais e haviam sido comprados no mesmo dia.

«Durante três anos e sete meses, Helena falava acêrca da sua vida, quando era Sinhá. Reconheceu uma afilhada da morta e disse, sem hesitação:

— «Tu eras minha afilhada».

Após algumas considerações a respeito da comunicação com os chamados mortos, o autor termina o artigo com os seguintes parágrafos:

«Um só caso de reencarnação, nítido e indiscutível como êsse ocorrido em família amiga, lança por terra todos os sofismas seculares de filósofos negativistas». «Felizmente, a reencarnação não será demolida pelos discursos errados dos homens. Contra factos, não há argumentos».

Ecos da Imprensa Espirita

Psychic News de 8 de Novembro publica um editorial intitulado «Roses for un overcoat» e que poderíamos traduzir por «Aparências que iludem».

Vamos extrair dêle alguns parágrafos. A questão ali apresentada é familiar a tôda a gente. Todos nós devemos ter meditado nela, uma vez ou outra, na nossa peregrinação terrestre...

Você não é o seu corpo. Quando a morte chega, já o corpo tem cumprido o seu dever. E pomo-lo de lado, como se faz a um sobretudo. Mas o seu verdadeiro «eu» continua a viver como ser espiritual. Está provado que você sobrevive como espírito.

A morte não o transforma em espírito. Você foi sempre espírito.

Você não é o seu corpo. Você não é os músculos, o sangue, os tendões, as células e os ossos. Você não é o coração, os pulmões, os braços e as pernas. O rosto que você vê no espêlho não é você. Você é o seu corpo, como o piano é o pianista, o dactilógrafo a máquina de escrever ou a pena o escritor. A destruïção do piano não significa a destruïção do pianista.

O segrêdo da vida não está nos materiais constitutivos do seu corpo. Se os cientistas têm poder para reünir êsses materiais, não o tiveram para criar um ser vivo.

A vida é espiritual, não é material. Todavia, há milhões de pessoas que ainda não verificaram esta verdade fundamental.

¿«Como está você?» — pregunta-lhe um amigo —. «Estou constipado» — é a sua única resposta. *Você* não está constipado; o seu corpo é que está. Parece ridículo, mas é verdade. *Você* não pode sofrer constipações. *Você* não está sujeito a achaques, mal-estar ou enfermidades.

Inúmeras pessoas visitam os cemitérios, julgando que ali estão os seus entes queridos. — «Não visite a minha sepultura» — disse uma vez Raymond a seu pai —. Eu nunca estive na sepultura». Por isso o famoso cientista *(refere-se a Oliver Lodge)* nunca visitou o lugar onde o corpo de seu filho estava enterrado.

Inúmeras pessoas colocam flores nas sepulturas, perpetuando a crença de que os desaparecidos estão debaixo da terra. Devíamos olhar com piedade para a mulher que, após a desencarnação do marido, lhe pegou no sobretudo e o cobriu de rosas, rodeando-lhe os sapatos de crisântemos e miosótis para estabelecer um laço entre o «defunto» e a viúva. Nem sobretudo,

nem sapatos, nem coisa alguma já pertence ao marido, nem mesmo o corpo que jaz na sepultura. ¿Para que perpetuar essa inútil superstição?»

Grupo de curas «Reper Siam»

Está tomando enorme incremento o Grupo de Curas «Reper-Siam», devido à afluência de doentes desenganados da medicina que se acolhem ao Centro, na esperança de obter alívio para seus males. Em virtude dêste estado de coisas, somos obrigados a desdobrá-lo, para não termos de recusar assistência a tantas almas que anseiam pela normalização das suas faculdades físicas e psíquicas. Assim, daqui para o futuro, passará a funcionar também às terças-feiras, à mesma hora (21,30).

Caixa de propaganda

Um irmão	2$00
António Joaquim Gomes, de Cabaços	35$00
Grupo Allan Kardec	10$00
SOMA	47$00

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

D. Maria Margarida Soares, de S. Tiago de Castelões ... ... 20$00

A uns e outros subscritores, agradecemos os donativos que nos foram enviados.

As nossas conferências

Nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março últimos, realizaram-se as conferências indicadas nos respectivos programas e que atraíram muitos confrades à sede do Centro.

Relevamos o facto duma dessas conferências («Espiritismo e Teosofia») ter sido realizada pela senhora D. Yvone de Sousa e cuja primeira parte vai publicada noutro lugar dêste número. A nossa prestante colaboradora soube expor o assunto com elevação e propriedade, pelo que merece os nossos agradecimentos, bem como os restantes conferentes.

Extra programa, realizou uma conferência em 26 de Março o nosso confrade sr. Fernando da Cruz Ferreira, a qual foi de-veras concorrida. Falou acêrca de «O Evangelho do Cristo» e mais uma vez demonstrou o cunho moral que imprime a tôdas as suas obras doutrinárias.

Em virtude da escassez do espaço, não podemos fazer maior referência aos trabalhos realizados neste Centro, do que pedimos desculpa aos leitores.

Allan Kardec

Em 29 de Março realizou-se na nossa sede uma sessão solene comemorativa da desencarnação do grande Mestre Allan Kardec, na qual falaram os seguintes confrades: Coronel Faure da Rosa, Isidoro Duarte Santos, Manuel Tavares, Joaquim Estêvão Rodrigues e Eduardo Fernandes de Matos.

Cada um apreciou a obra kardeciana debaixo de aspecto especial, tendo-se seguido uma sessão experimental, a cargo dos grupos «Allan Kardec» e «Joana de Arc».

Sociedade Espirita de Lagos

Como prometemos no número anterior, damos hoje alguns pormenores acêrca desta Sociedade Espirita que trabalhou durante muito tempo com carácter particular, antes de entrar nesta nova fase, em virtude do aumento constante de associados.

Segundo informação do nosso amigo José Narciso Vieira, o respectivo alvará acaba de ser passado pelo Govêrno Civil de Faro.

A Sociedade tem por fim estudar o Espiritismo, sob o ponto de vista religioso, por não dispor, actualmente, de elementos com capacidade para o seu estudo científico. Objectiva, igualmente, a propaganda evangélica à luz do Espiritismo e o exercício da caridade que os seus recursos permitirem.

Tem realizado também algumas curas psíquicas.

A sua sede provisória é na Travessa do Paço, Lagos, mas estuda o problema da sede definitiva.

Direcção

Presidente — José Narciso Vieira
Vice-Presidente — António da Conceição Santos.
Tesoureiro — José João Matias Baptista.

Assembleia Geral

Presidente — Albertino Paula Santos.
1.º secretário — Raul de Sousa Fonseca Castelo Branco.
2.º secretário — António J. Gonçalves.

À nova associação, apresentamos os nossos cumprimentos, com votos de progresso espiritual.

Programa dos trabalhos do Centro nos meses de Maio e Junho de 1942

Dia 10 de Maio, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 17 de Maio, às 18 horas — Conferência do coronel Faune da Rosa, no Cinema Condes, intitulada «A metapsiquica e o Espiritismo à luz dos Factos».

Dia 24 de Maio, às 16 horas — Conferência pelo Dr. Fred, intitulada: «Espiritismo Místico ou Científico?»

Dia 31 de Maio, às 16 horas — Sessão experimental, a cargo do grupo *Allan Kardec*.

Dia 7 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 14 de Junho, às 16 horas — Palestra pelo coronel Faure da Rosa, intitulada: «Fenómenos Espiritóides».

Dia 21 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 28 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental, a cargo do grupo *Allan Kardec*.

Dia 5 de Julho, às 16 horas — Conferência pela Ex.ma Sr.ª D. Yvone de Sousa, intitulada «O Espiritismo, emancipador da mulher».

nº 16, Manuel Oliveira

Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO — ISIDORO DUARTE SANTOS

ANO 3.º LISBOA, MAIO-JUNHO DE 1942 N.º 17

O NEO-ESPIRITUALISMO NA SUA MARCHA E ELEVAÇÃO CRISTÃ

por Adolfo Ramires

VENHO dar hoje satisfação ao encargo que tomei, sôbre convite que há tempos recebi de quem, com muita inteligência e invulgar dedicação, dirige esta notável revista de *Estudos Psíquicos*. Já me pesa a demora no tempo decorrido, e mais me pesaria faltar ao compromisso tomado. Não corresponderei eu ao que de mim talvez se esperava, nem sequer, no que deixarei escrito, o mérito da espontaneidade, — nada mais que cumprir um encargo, dizendo o que penso sôbre uma nova orientação do Espiritualismo, considerada hoje superior doutrina.

O Espiritualismo é o culto do Espírito acima da matéria; admirando em tôdas as suas manifestações a obra da Criação, é a religião da Natureza. Não é porém, na forma da sua religiosidade, como na sua moral e filosofia, o panteísmo de Spinosa — embora nêste o princípio de que a Natureza é Deus — nem o velho panteísmo oriental, e muito menos o panteísmo alemão de Fichet, de conceito inferior, inteiramente errado.

O Neo-espiritualismo uma religião é, pois assim se diz de tudo que se segue com elevado culto; vai porém além do vulgar Espiritualismo, porque tem no seu domínio o conhecimento de fenómenos supranormais, e, pelos preceitos que encerra, constitui bem uma doutrina, que devemos fielmente seguir, pois fundamentalmente há nela o culto do que, como perfeito, só está em Deus, — o culto dessa outra trindade sublime que é a Verdade, o Bem e a Justiça. Não se diz o Belo, porque êste, através dos nossos sentidos ou da nossa razão, dentro do Bem está, pela feliz impressão que deixa na alma.

Ligada a uma filosofia que lhe é própria, daí vêm para o Neo-espiritualismo conclusões de singular importância, — pois ela analisa, aprecia e encadeia conhecimentos que não escapam ao Neo-espiritualismo, e de que êle tira proveito. Como religião, doutrina, filosofia e moral, tem em si fonte inesgotável de confôrto para a alma, e de estímulo à inteligência. De confôrto seguro em ocorrências que, por assás estranhas, nos parecem incompatíveis com a Justiça divina, ameaçando a nossa Fé,

e com ela a Esperança, o último refúgio dos aflitos.

Na verdade, fóra do verdadeiro Espiritualismo, sòlidamente religioso, quantas vezes nascerá a dúvida, vendo alguém que, praticando o Bem nêste mundo, o atravessa sempre como um desgraçado! Quantas vezes ela virá, vendo a fome e a ruína caírem sôbre criaturas que nenhum mal fizeram — tanto no homem isolado como em multidão — nas lutas e nas guerras que assolam a Humanidade.

Mas, no conhecimento da Reencarnação e do Karma encontramos a explicação de tudo, pensando que, em seu destino nesta existência, a justiça de Deus agrupa, vindos de tôda a parte, e em novo envólucro carnal reüne, aquêles que contas têm a saldar para a sua evolução, — para a passagem por outra mais feliz existência.

¿Qual a religião ou doutrina, fóra do Neo-espiritualismo que tudo isto nos explique, destruíndo a tormentosa dúvida, mantendo-nos a Fé, a confiança absoluta na Justiça divina? É êsse o ponto fraco, insanável, de outras religiões—nada pode resolvê-lo — e ainda aqui se vê o firme alcance desta religião e de seu corpo doutrinário. Para a propaganda do Neo-espiritualismo, é êste um dos argumentos mais importantes, pois, por mais voltas que se lhe dê, é êle em absoluto irrefutável.

Noutras ocorrências, não raras nesta vida, inteiramente obscuras na sua causa, tão estranhas também são, abre-nos o Neo-espiritualismo a razão e fornece a explicação que fóra dêle não atingiríamos. ¿Que psicologia poderá explicar-nos o proceder do homem que, tendo sido tôda a vida honesto, sem taras hereditárias que nêle incidam, um dia veio em que deixou de o ser? ¿O amigo sempre leal ao seu amigo, que em dado momento o enganou e traíu? ¿O casal, durante anos sempre feliz, aí dominando a lealdade e a ternura, passa a uma vida infernal, sem motivo real ou aparente? E, mais raro, criatura homem ou mulher que a outra criatura se consagra — fóra do instinto carnal, se esta é mais idosa — aquela mostrando-se piedosa e boa com o seu semelhante, exercendo a caridade... e, tempo passa, vindo também dia em que, sorrindo-lhe sempre, com mil subterfúgios procura iludi-la, e por fim a abandona?

Nenhum ramo da ciência das Faculdades pode explicar casos desta natureza, em que freqüentemente a ciência nova reconhece estados de obsessão, que ela pode fazer desaparecer.

Fora dêsse campo psíquico, há males estranhos que afectam o corpo, sem sinal sintomático, sem sindroma que esteja dentro da patologia corrente ou, se lá está, não consegue a medicina resolver. Chamam-lhe *desequilíbrios,* — palavra vaga em que a ignorância se esconde, e que nada explica, nada nos diz, porque de desequilíbrios orgânicos ou não orgânicos vêm todos os males.

Não são, felizmente, freqüentes estes casos, mas de facto existem — sem taras que os justifiquem — e quando de investigação minuciosa, recorrendo a todos os meios de análise, o resultado vem negativo, ainda aqui é quási seguro tratar-se também de estados semelhantes de obsessão, produzindo graves desarranjos, que a medicina corrente não pode reconhecer nem remediar. Como nos outros, conhece-os esta nova ciência e, por processos que lhe são próprios, sabe curá-los, e assim tem feito, — de tudo havendo positivas provas, e delas segura documentação, que causa o espanto a quem a êstes conhecimentos é estranho.

Obra de feitiçaria? ¡Santa feitiçaria essa que estes espiritualistas exercem, invocando em meio do tratamento ao doente, um anjo tutelar, erguendo as mãos ao Céu em ferverosa prece!

Por tudo isto se vê a sua acção moral e, no valor dos seus conhecimentos, o vasto alcance dos seus recursos, — já claramente se descortinando hoje o lugar elevado que o Destino lhe reserva, a bem da Humanidade.

O Neo-espiritualismo não é incompatível com os progressos da ciência materialista, —aquêles que são úteis ao bem-estar físico. Nós não sabemos até onde êle entrou na crença de todos os homens que, por seu génio, têm concorrido para êsse bem-estar do corpo, como Hertz, Roentgen, Branly, Curie e outros; sabemos porém que na antiguidade um se destacou — Paracelso — o maior de todos os tempos, que larga obra deixou na Medicina e outros ramos do saber humano, e que muito elevado espiritualista se revelou, — como Goethe nos séculos dezoito e dezanove,

como Steiner no século actual, e recentemente Lakhovsky, já assás conhecido pelo novo horizonte que abriu à ciência, na sua teoria da «Oscilação Celular», e que em perfeito Neo-espiritualismo aparece numa das suas obras *(L'Éternité, la Vie et la Mort)*.

Entre tantos espiritualistas que na ciência e na literatura lugar de destaque conquistaram, citamos estes porque, se o último ainda não é, a esta hora, de conhecimento geral, raro é fazer-se referência aos outros, não obstante a elevação do seu pensamento e valor da obra que nos legaram.

O Neo-espiritualismo avança, e tempos virão em que êle dominará a razão e o sentimento. O que a nós cumpre, acima de tudo, é mostrar que se êle veio do espiritismo antigo, nascido no Oriente, freqüêntemente grosseiro e especulativo, hoje é bem, na sua orientação e amplitude, uma forma mais elevada ao serviço da Humanidade, — ou seja, superior doutrina, e nela a cultura do espírito, primeiro que tudo, no âmbito e caminho da sua elevação moral: como tal tem tido o aplauso de notáveis e elevados sacerdotes da Igreja católica.

Vê-se pois que, felizmente, se vai reconhecendo o vasto alcance dêste moderno culto, do qual, em uma das suas práticas mais importantes para a vida e vôos do espírito, foi Allan Kardec, como se sabe, o pontífice máximo no seu progresso e expansão ocidental. A Teosofia, de origem mais recente, veio cientìficamente consagrá-lo, naquilo que com êle tem de comum, destacando-se aí nomes notáveis, como o de Annie Besant, entre tantos, e mais recentemente, ainda em maior destaque, o do grande Rodolfo Steiner, — êsse espírito extraordinário, cuja visão supranormal, incidindo também na ciência materialista, nela introduziu novos conhecimentos, não lhe escapando, como médico, a Fisiologia e a Medicina.

Para sua expansão por todo o mundo cristão se trabalha, mostrando que o objectivo do Neo-espiritualismo, acima de tudo, é o culto da obra do Criador, em todos os seus designíos, em tudo que dêle nos aproxima. É no seu alto significado, o culto do Bem, da Verdade e da Justiça, nos nossos deveres de fraternidade evangélica, repelindo tudo que com ela é incompatível, — em maior repulsa pois, o ódio, a inveja, a soberba e a mentira.

A mentira, na vida social, de todos os lados nos rodeia, freqüentemente como fruto de uma viciosa educação, quando não tem mais grave determinante. Basta reparar no que se passa todos os dias no meio em que vivemos, em que são vulgares afirmações de uma simpatia ou estima que se não sente, de sentimentos afectivos que não existem ou, pelo menos, no grau em que êles se afirmam — todos nós disso temos sido vítimas—e quando inconfessável interêsse tal determina, está aí a hipocrisia, parente próxima da traição. Grave falha essa é, das mais graves, e aquêle que nela insiste pesadas contas tem a dar ao supremo juiz de tôdas as nossas acções.

Mas, aberta uma vez a consciência em auto-observação severa, se ela fôr verdadeiramente severa, de cima lhe promoverão quando menos espere, o encontro de alma superior que o ampare e guie, com o tino que, na marcha da vida dão a lucidez e a idade. E então, que a ela se consagre com firmeza, sem essa triste volubilidade que, na Terra, caracteriza a fragilidade humana, bem prejudicial à nossa evolução.

Em plena juventude, para estes lados da Terra, o homem tem a sensibilidade aberta a outras impressões bem diferentes que a suscitam. Não é o mesmo numa parte do Oriente; dali, onde o Redentor nasceu, nos têm vindo úteis lições, pois em alguns países, um dos primeiros sentimentos que se cultivam é o de inspirar aos novos a ternura pelas crianças, e o respeito e ternura pelos velhos, satisfazendo quanto possível as suas necessidades e desejos. Tem-se aí a crença, que de origem superior terá vindo, de que o desprêzo pelas crianças e a falta de piedade, a mentira, a duplicidade, para com os velhos, serão sempre castigados em seus autores ou na sua descendência.

Há nisso na verdade piedade, que no espiritualista deve andar acompanhada de tolerância para com as fraquezas alheias, — regulada tolerância naquilo que não fira sentimentos de dignidade, nem atinja a Justiça, acompanhando-a sempre de suave ensinamento, que entre na razão e acorde a consciência. Nunca eu esqueci lição que sôbre êsse sentimento a um velho e muito querido amigo ouvi, fóra da cátedra, pro-

fessor dos mais ilustres de Direito, e como homem sempre inalteràvelmente direito na vida.

O Neo-espiritualismo marcha em todos os países do Ocidente: vai devagar, pois está fóra de todo materialismo, mas caminha sempre — o firme conhecimento que disso tenho e sua importância me inspiram estas linhas — e, no dia em que se estenda a todo mundo, estará realizado o seu ideal cristão. Extintos todos êsses sentimentos inferiores que têm orientado uma parte da Humanidade — além do ódio, da inveja e da vaidade, a desordenada ambição — não mais haverá motivo legítimo de lutas, não haverá castas, — aquelas que vêm do triunfo material, tantas vezes nascidas de pais incógnitos no valor, ou de adultério em transações de lucros inconfessáveis, — respeitando-se sempre e animando as que são filhas legítimas do valor moral, da inteligência e do saber.

Para isso porém temos de trabalhar, pela palavra escrita, pela palestra, — devendo nesta a exposição ser clara, acessível, pondo de parte expressões que nem todos entendem, lançadas por certo auto-magnetismo de eloqüência; e nessas conferências ou familiares palestras, devemos levar bem ao espírito de todos a Fé e a Esperança — aí é que tem todo o alcance a eloqüência oratória — sem as quais, nestes tempos de dificuldades de tôda a ordem, nascem e se propagam a amargura e o desânimo, quando não é, para fóra, pessimismo como aquêle que orientou tôda a obra de Schopenhauer, e o ateísmo e espírito de reacção em tudo de Nietzsche.

Muito por certo se deve ao materialismo científico, mas só em parte limitada do nosso bem-estar físico, pois, reparando bem, veremos logo que os progressos da electricidade e da mecânica, pricipalmente, aperfeiçoando e embaratecendo a produção, multiplicaram por tôda a parte o desemprêgo, — e dêsse caminhar veloz, cada vez maior, desgraçado futuro virá para a Humanidade, armada a fome na luta da miséria. Êsse mal, que certo capitalismo agrava, procurando a legislação especial em alguns países evitar, êsse mal só o Espiritualismo poderá no futuro corrigir ou atenuar.

Reparemos ainda que a ciência materialista, de todo dêle isolada, tem servido, na aplicação das suas descobertas, muito mais para destruir que para edificar, — e dêsse tortuoso avanço visão clara teve, há pouco mais de um século, êsse grande espiritualista que foi Goethe, génio dos maiores da Humanidade, reconhecendo com tristeza o caminho errado em que seguia a ciência. Ás conseqüências dessa infeliz orientação estamos nós assistindo agora, vendo bem que a novas descobertas, a novas invenções, se deve a morte, a ruína, a devastação sem precedentes da guerra actual.

Quem escreve estas linhas, no rumo que seguiu na vida, seu pensamento durante longos anos quási só de materialismo se ocupou. Perdeu tempo? Não. Se o que o estudo lhe deu de alguma coisa serviu, para marchar no caminho que o destino lhe traçou, mais serviu para ficar sabendo hoje que essa ciência a que se consagrou bem pouco vale, isolada, para o futuro da Humanidade.

Não será julgada irreflectida esta conclusão, pois o acolhimento generosamente dispensado cá e lá fóra (só em refôrço dela se faz agora referência) a quem escreve estas linhas, no que tem dado a público, deve-o muito menos ao que o seu estudo valha — bem pouco isso é — que ao rigor que o autor costuma pôr nas suas conclusões. Esta afirmação oferece àquêles que a esta hora, por ignorância, ainda ousem sorrir do Neo-espiritualismo.

Não temos de que nos admirar. Em todos os tempos, aparece o sorriso, levanta-se a reacção sempre que surge uma idéia nova, por sua natureza inteiramente afastada do que até ali cabia no pensar humano. Na antiguidade, chegou isso a feroz perseguição, ninguém o ignora; e, no nosso tempo, todos se lembram da forte incredulidade com que foi recebida a fundamental descoberta de Pasteur, de que nasceu tôda a Microbiologia; o mesmo há meio século com a dos «raios x»; o mesmo com as sensacionais revelações de Mesmer, e depois também com o hipnotismo, etc. Sempre por tôda a parte o sorriso, o desdém, a ironia.

Também eu — funda saudade me liga a êsse tempo que passou — não pouco me ri do Espiritismo, até ao momento em que nos seus mistérios me iniciou uma ilustre senhora da nossa primeira sociedade, espí-

rito culto e superiormente lúcido, que tive a fortuna de conhecer na linha de Cascais, onde ela veraneava. Deixei então de rir, atribuíndo porém aquilo que observei a reacções ainda desconhecidas da matéria, inteiramente fora da ciência actual, que um dia ela desvendaria. Anos decorridos, a um dos nossos sábios médicos — mentalidade superior, daquelas que mais têm trabalhado, com notável brilho, pelo Neo-espiritualismo em Portugal — para êle chamou tôda a minha atenção, e nessa superior religião-doutrina lhe fiquei eu devendo o meu baptismo. Não o esqueço; não o esquecerei nunca.

Entre nós, sobretudo, mas também lá fóra, ainda há, até é vulgar, quem olhe para tudo isto com desdém. Não será assim àmanhã. Dentro do Neo-espiritualismo, no seu campo experimental, numerosas observações se têm colhido, como atrás se disse, e da sua coordenação uma nova ciência se vai formando, — e tal é ela que um dos maiores sábios dêste século, o prof. Charles Richet — já a êle aqui nos referimos, tão ilustre destaque tem o seu nome — não hesitou em declarar no prefácio de uma obra alemã sôbre doutrina espirita, estarmos à beira de uma ciência nova, ao pé da qual, aquela que se conhece, a começar pela sua (disse êle) vale zero.

Semelhante nota, lançada a todo o mundo por um sábio materialista dos de mais alta reputação, que à Fisiologia humana tantos conhecimentos novos deu, alguma coisa é, alguma coisa em que todos os que hoje sorriem devem meditar, de tão alto ela vem.

Em seu avanço no mundo, o Neo-espiritualismo, modificando taras hereditárias do instinto animal, freqüentemente em alucinada luta pela vida, elevará a resignação, uma das grandes defesas da alma em meio da desventura. Mas, tem êle de se expandir, formando apóstolos que nos mostrem o caminho do Bem, e ensinem a ler e a ouvir a Verdade, que está por tôda a parte em volta de nós, porque está na Natureza, e, sabendo nela ler e ouvir, perto estamos de Deus.

* * *

A Natureza! Observando-a bem, suave confôrto em nossa alma entra, — o confôrto que nos dá, em nossas crenças, a obra sublime da Criação. Várias são as formas e aspectos que ela à vista nos oferece, na admirável lição que nos dá, e que todos devem querer ouvir. Lição é, porque sítios há neste mundo que levam o espírito a salutar meditação, e esta vem sobretudo quando em nós surge recordação de alguma coisa emocionante que na nossa memómia desperta, tendo ficado guardada no segredo do subconsciente.

Nunca eu estive nessa parte do Oriente onde o Cristo veio ao Mundo e nosso Espiritualismo nasceu; nunca percorri as margens do Jordão ou do Eufrates, cuja memória ficou sagrada na História; e, também, nunca meu corpo repousou à sombra dêsses notáveis cedros do Líbano. Mas, já muita vez meu pensamento por aí e por todo o Oriente andou — evocando o que está tão longe de nós, no espaço e no tempo — e, se os olhos do corpo por lá não passaram, já cá viram, no Ocidente, alguma coisa que admirar, no que, *in vivo* nos dá a Natureza, aquilo a que bem chamamos «reino vegetal».

Em certos momentos, condições particulares da sensibilidade nos levam a reparar nessas árvores colossais, que ao sopé de altas montanhas se destacam por sua grandeza, atestando em vigorosa vegetação tôda a fôrça que ali atingiu a vida, e nos vales, em contraste de porte, essas pequenas plantas floridas, onde, como nas grandes árvores, ao desabrochar da flor, um cântico se adivinha, — cântico do amor de que está cheia a Natureza! ¿Pois a flor não tem em si órgão que outro órgão de sexo diferente atrai, para sua união, para a formação de novo ser?

Todos êsses segredos, êsses insondáveis mistérios, suscitam a nossa admiração, e momentos há para a nossa alma em que nessa bíblia verdadeira que é a Natureza — um grande poeta nosso, se não erro, já lhe chamou assim — podemos ler um pouco do que de mais belo para nós, neste mundo, escreveu o génio do Criador.

Sôbre essas revelações, tudo tem sido muita vez sentido, e banal é citá-las. Para certos espíritos *fortes*, isso não é mais que sentimentalismo de almas românticas; mas não é sentimentalismo pensar que o vigor dêsses gigantes arbóreos como, nas pequenas plantas, todos os matizes de côr e perfume das flôres, vieram de bem modesta e humilde semente, — êsse misterioso con-

A REENCARNAÇÃO

pelo Dr. Sebastião Elvico Martins

III

(Conclusão)

A persistencia duma antiga crença

COMO já dissemos acima, a teoria da reencarnação foi sempre um postulado das antigas religiões reveladas e viajou do oriente para o ocidente, com a emigração dos povos. Nos três primeiros séculos do cristianismo, a transmigração das almas fazia parte dos mistérios revelados a um certo número de iniciados.

Sem falarmos no sempre citado diálogo entre Jesus e Nicodemos, já o historiador judaico Josefo fazia a sua profissão de fé na reencarnação.

Plotino, da Escola neo-platónica de Alexandria, também defendia a pluralidade das existências, como condição da evolução da alma.

Uma pregunta pode aflorar aos lábios dos nossos leitores:

¿Se essa doutrina era aceita e propagandeada na antiguidade, porque não subsistiu até aos nossos dias?

Pondo de parte as perseguições religiosas, essa crença quási desapareceu, porque estava na posse de alguns iniciados; era por isso esotérica. Foi necessário o concurso dos Espíritos para que ela ressurgisse como facto científico, demonstrável pelos métodos da ciência actual.

Se esta resposta ainda não basta, busquemos outra em Fabian Palasí no seu citado livro «*Renacimientos*»:

«Quando alguns filósofos de Alexandria intentaram explicar o dógma da vida futura, depois de uma lição dada por Hegesias, na cidade de Cirene, os seus discípulos suïcidaram-se para se libertarem da vida terrestre e entrar na que o mestre lhes prometia. Cleombroto, um dos discípulos, lançou-se do mais alto da torre para mais depressa gozar o futuro que as lições lhes vislumbraram. Do mesmo modo Catão, depois de ler o «Fedon», aniquilou a sua vida».

Isto faz lembrar a influência que a leitura do «Werther», de Goethe, fêz na Alemanha: Um sapateiro apareceu morto, agarrado a êsse célebre romance.

Durante a idade média, também era perigoso ensinar à humanidade ignorante e mística as bases reencarnacionistas. Os filósofos não se preocupavam com ela, porque a escolástica dominava naquêles tempos obscurecidos, e a influência da Igreja preponderava em todos os sectores da vida social.

Assim permaneceu oculta entre os iniciados,

---

junto celular, onde está oculto o grande segrêdo da Vida.

¿Qual é o espiritualista verdadeiro que, uma vez ao menos, não tenha nisto meditado? Sua alma aberta a tudo que é belo e grande, êle sente e sabe escutar o que os olhos admiram, por êles colhendo impressão que o domina, — como aquela que nos vem dessas montanhas a pique que, em certos estados da nossa imaginação, nos lembram, por sua elevação e grandeza, a harmonia forte de uma orquestração de Wagner, — como no silêncio religioso de noites estreladas julgaremos às vezes ouvir suave melodia distante: uma *Sonata* de Beethoven ou uma *Ave-Maria* de Gounod ou de Schubert.

Na verdade, há estados de emotividade, particularmente no sangue latino, pelos quais de aspectos que vêm de fóra surgem na nossa capacidade evocativa, impressões como as que dão a música e também imagens como aquelas que criam a poesia. Estão fóra do frio positivismo materialista, mas não as rejeita o Neo-espiritualismo, porque um pouco concorrem, pelo que significam, para o culto da Natureza, para a elevação do espírito humano.

preparados para a receberem sem se suïcidarem como os alunos da Escola de Alexandria.

Hoje, à luz da interpretação do Espiritismo, ela ressurge radiosa e bela como nunca para consôlo e refrigério de todos nós.

Tudo vem a seu tempo. Jesus disse que «muitas coisas tinha para ensinar, mas que os seus discípulos as não compreenderiam». O Espírito Consolador por êle prometido está a concluir a obra iniciada pelo Nazareno. A Igreja Católica supõe que o Espírito Consolador é individual e não colectivo, como nós, espiritas, o interpretamos, e por isso o considera vindo no dia de Pentecostes, após 50 dias da morte do Cristo. Pregunta-se:

¿Era em 50 dias que a humanidade estava apta a compreender o que o Cristo não explicou? A lógica diz-nos que não.

Novos horizontes...

Vamos concluir a nossa tese. Num pálido resumo, pusemos em destaque o estado actual dos estudos reencarnacionistas e o valor do seu conhecimento como base da evolução e aperfeiçoamento moral da humanidade.

Novos horizontes se rasgam, mais vastos e mais belos. A morte deixa de ser o fantasma torturante, para ser a continuação da vida, que renasce das cinzas, como a Fenix da lenda. Nem as ortodoxias religiosas nem as filosofias são capazes de satisfazerem as eternas inquietações espirituais do homem. A predestinação e a graça não satisfazem já a fome de conhecimentos que êle sente ante a incerteza do seu destino.

Como diz Léon Denis, depois de séculos de silêncio, o mundo invisível descerra-se. Das profundezas estreladas baixam à terra legiões de espíritos que se associam aos nossos trabalhos, lutando ao nosso lado pelo resgate e ascensão da alma humana.

Em resumo: a teoria das vidas sucessivas satisfaz plenamente as aspirações das nossas almas nas penosas probações do seu resgate.

Ela tem um grande alcance social a desempenhar no futuro. Se os detentores dos bens materiais se lembrarem de que na encarnação subseqüente poderão enfileirar nas classes desprotegidas, interessar-se-ão pelo bem-estar relativo dos que nada possuem, e estes, conformados com a lei imanente de causa e efeito, não forjarão revoltas nem fomentarão ódios inextinguíveis.

...que o futuro confirmará...

No momento actual desenha-se uma doutrina social e económica que,—¿quem sabe?—talvez seja o alvorecer da preparação do ambiente necessário à evolução e aceitação dos princípios reencarnacionistas, sob o ponto de vista espiritualista que partilham tôdas as correntes neo-espiritualistas.

Nesta época de contrastes e surpresas que se verificam a cada passo, nada nos admirará que esteja para breve a oportunidade da chegada à estrada de Damasco desta humanidade sofredora e contrita dos seus erros milenários.

Notemos o tom dos discursos dos estadistas responsáveis pelos destinos dos seus países; auscultemos os desejos ardentes de paz que os povos martirizados manifestam; analisemos o conteúdo das idéias expressas nas promessas dum mundo melhor, *post bellum*, formuladas e reiteradas pelos condutores dos povos em conflito; tentemos compreender tôdas essas idéias embrionárias e aliciantes lançadas pela rádio, pelo jornal, pelos milhares de prospectos de propaganda insistente e infatigável, e depois de tudo isso analisado, pesado, amadurecido à luz meridiana do nosso raciocínio, verificaremos a concomitância de todos estes fenómenos sociais superficialmente aqui apontados.

Em oposição a essa nova teoria que debilmente se desenha no horizonte do planeta, comparê-mo-la com a do materialismo histórico, defendida pelo judeu Karl Marx no seu famoso livro «O Capital», e tiremos depois as conclusões que a lógica nos impõe.

Os problemas que até hoje as religiões e as filosofias deixaram insolúveis, resolveu-os o Espiritismo com o seu poder de síntese maravilhoso, de forma a apagar todos os pontos de interrogação, acumulados pelas eternas dúvidas que os diversos sistemas filosóficos nos legaram até hoje.

Desta sorte, diremos como S. Paulo:

«*Se os mortos não ressuscitam, então Cristo não ressuscitou; e, se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é vã*». *(Coríntios, XV-13-14)*.

¿Querem os nossos caros leitores melhor prova de reencarnação? ¿Porventura estas palavras do grande apóstolo não são claras e evidentes no seu significado?

Ressurreição e Reencarnação são sinónimos que se completam, desde que os tomemos, não à letra como as ortodoxias imperantes os tomam e propagam, mas como certamente o

próprio S. Paulo os quis interpretar, na linguagem daquêles tempos, em que a Humanidade estava na infância da sua evolução.

Transportemos êsses dois versículos de Paulo de Tarso para a exegese actual, após a análise dos fenómenos psíquicos que assombraram o mundo, e encontraremos neles, sob o veu da letra, a confirmação dos postulados revelados pelos Espíritos.

Nêsse caso, ¿quem está com o Cristo, nós, que procuramos compreendê-lo à luz meridiana dos seus actos e palavras, pondo de parte o miraculoso ridículo que se não conforma com a ciência que tudo quer profundar e esclarecer; ou aquêles que exaltam apenas como santo milagreiro, a quem se pede o possível e impossível; com fé cega e irreflectida?

Que nos respondam os amigos da verdade e da ciência, sem peias de qualquer espécie.

Um apólogo anedótico...

Êste artigo já vai um pouco longo. Temos de lhe pôr o indispensável ponto final. Antes disso, porém, não resistimos à tentação de transcrever, nestas colunas, o significativo apólogo, anedótico, inserto no livro atrás citado de Fabian Palasí, «*Renascimientos*», a propósito da teoria da Reencarnação, objectivo primordial por nós agora escolhido. Com êle, terminaremos o nosso modesto trabalho.

Segue-se o apólogo:

«Um príncipe oriental, tão sábio como rico, e tão bom como sábio, mandou construir um sumptuoso e vasto palácio, rodeado de extensos parques e formosos jardins, com artísticas cascatas e jogos de águas, superabundando por tôda a parte a beleza. Naquêle palácio, construído pelos hábeis artistas, acumulou o príncipe tôdas as suas riquezas, que eram imensas, quási fabulosas, assim como um grande tesouro em obras de arte.

Terminada a construção, ausentou-se o príncipe com os operários que haviam construído a mesma, e o misterioso palácio permaneceu desde então fechado e silencioso durante longuíssimos anos, e assim teria continuado para sempre se em certo dia não viesse um sábio estrangeiro, o qual, reparando para uma lápide colocada sôbre a fachada da única porta de tão encantadora mansão, observou que, em caracteres de arcaica e desusada língua se lia o seguinte anúncio: «*O príncipe e senhor destes reinos lega em perpétua propriedade a todos os seus súbditos êste maravilhoso palácio com tôdas as suas dependências, para que lhes sirva de estudo e recreio; mas com condição expressa de que têm de procurar a chave da porta, que o seu proprietário, ao ausentar-se, determinou fôsse oculta nestas imediações. Será inútil escalarem os muros e entrar por meio de assalto: nêste palácio só se entra pela porta. Quem encontrar a chave será o seu guardião, mas o palácio ficará desde então aberto para todos*».

A tradução deste anúncio difundiu-se ràpidamente por todo o país; mas como sempre sucede, tão fagueira promessa produziu naqueles habitantes mui diversas impressões e atitudes. Os impacientes começaram a experimentar com febril ansiedade tôdas as chaves que lhes chegaram às mãos, emquanto que os apáticos e receosos se retiravam desalentados, pensando que, por mais que se procurasse, nunca se encontraria aquela misteriosa chave; e até houve alguns que, mais desconfiados, propalaram a insídia de que talvez o dono a tivesse destruído ou a tivesse levado consigo. Só uns poucos, uma ínfima minoria, tendo sempre presente a auréola de bondade e de veracidade que do tal príncipe conservavam a tradição, opinaram que a tarefa de procurar a anhelada chave, não seria emprêsa vã, e, decididos desde o primeiro momento, dedicaram-se com perseverante esfôrço a remover a terra daquelas imediações e os tanques próximos. Muito tempo se passou em estéreis trabalhos e canseiras, mas por fim, uma tarde, revolvendo e esquadrinhando o fundo dum tanque, encontrou-se uma chave que, apesar de simples na aparência, se ajustava tão bem na fechadura, que com ela, sem exercer a menor violência, se pôde abrir a porta daquele encantador edifício, no qual, desde logo, todos quantos penetraram, puderam admirar a sua beleza e as suas riquezas fabulosas. .

Os habitantes ingénuos daquêle país, os de procedimento recto e boa intenção, ficaram desde aquêle momento convencidos de que se tinha encontrado e se possuía a «verdadeira chave» do palácio, e assim o proclamaram satisfeitos aos quatro ventos, mas outros mais suspicazes, ou invejosos de não serem êles os depositários e possuídores de tão precioso objecto, se bem que não negassem a sua descoberta, em compensação mostraram dúvidas e ainda negaram que fôsse aquela a verdadeira chave, construída expressamente para tal fechadura; e como muitos dos impugnadores faziam parte da «*Academia dos Pseudo-sábios*» da terra, mandaram comparecer

ante a sua presença o afortunado achador e possuïdor da chave e disseram-lhe:

«*Nós, como representantes do saber dêste país, negamos que seja essa a verdadeira chave do misterioso palácio: ¿Como poderás tu provar-nos o contrário*»?

O interpelado ficou muito surpreendido com tão estranha como audaz e mal intencionada pregunta, mas, não obstante, sem perder a serenidade, contestou com simplicidade e aprumo:

«*Senhores, não poderei provar directa e matemàticamente se é esta a verdadeira chave, visto que não assisti à sua fabricação; no entanto, digo que como a missão que lhe foi cometida não era outra que não fôsse a de abrir a porta e franquear a entrada, e como esta chave conseguiu iso, reputo-a desde já como bôa e legítima: ¿que outra coisa poderia fazer a «verdadeira chave» mais que abrir a porta*»?

E Fabian Palasí, ao terminar êste interessantíssimo apólogo, comenta:

«Recomeçamos, pois, que a hipótese reencarnacionista é a «chave» que abre a porta do arquivo dos nossos destinos, já que por esta hipótese, aceita como lei, se explicam satisfatòriamente os factos da vida que outras hipóteses deixam no mistério. Observemos também, de passagem, quão bem se adapta aqui aquela sábia sentença de que, «*quando uma proposição é verdadeira, tudo concorda para a estabelecer e provar*» Sim, certamente, tudo: até a fábula ou o apólogo»!

NÃO CHOREIS OS MORTOS

Não choreis os vossos mortos! Êles continuam a viver ao vosso lado e continuam a amparar-vos nos tormentos e nas provações...

Êles não morreram. Apenas, terminadas as provações, com as quais se engrandeceram, voltaram ao verdadeiro mundo das sombras amigas.

A bondade Divina, dentro da sua grandeza e da sua justiça, vos dará a alegria, e sereis felizes por reencontrá-los, após essa existência material e passageira.

Não os choreis.

Elevai-lhes, sim, preces — essas preces formuladas pelo coração, fortalecidas pela fé e revestidas pela sinceridade.

Não os choreis.

Elas são a linguagem muda na confabulação de espírito a espírito, levando as vossas mensagens e transmitindo as vossas saüdades.

¿Não sentis, por vezes, uma alegria íntima e feliz, um bem-estar indefinível, quando, no silêncio das horas e desprendidos das coisas terrenas, o vosso espírito parece confabular com alguém que não vêdes, mas sentis, e o vosso corpo parece elevado às regiões divinas?

¡São os vossos mortos que vos afagam e acariciam!

Êles não estão mortos e êles voltam...

Não os choreis!...

Dr. Inácio Ferreira

"ESTUDOS PSÍQUICOS"

Tendo recebido ultimamente algumas sugestões no sentido de dar carácter mensal a esta revista, embora com menor número de páginas, comunicamos o facto aos nossos assinantes e leitores, esperando que uns e outros se manifestem, enviando-nos a sua opinião.

No caso de se adoptar a modalidade mensal de dezasseis páginas, o preço anual da assinatura será de 20$00, atendendo a que aumentará o papel da capa relativo a seis números e despesas com as franquias postais.

Escusado será enumerar os grandes benefícios de tal emprêsa. A Causa seria defendida com maior freqüência e nenhuma ocasião como esta para iniciar semelhante empreendimento.

Nunca, como agora, o Espiritismo foi tão ferozmente atacado. Nunca, como agora, se nos impôs maior vigilância e espírito de defêsa.

Pela nossa parte, estamos prontos ao sacrifício. ¿Estarão igualmente prontos assinantes e leitores?

Da forma como êste alvitre fôr acolhido, dependerá a nossa decisão final.

A CAMPANHA DAS «NOVIDADES» CONTRA O ESPIRITISMO

A conferência de Faure da Rosa no Cinema Condes, cheia de elevação e de verdade, deu alentos novos ao Espiritismo e demonstrou exuberantemente o interêsse que o povo nutre pelos grandes problemas da vida e da morte, que nos preocupam cada vez mais, a-pesar-da propaganda insidiosa de muitos, a quem estas verdades amedrontam.

A campanha das *Novidades*, embora o não confessem, teve origem no êxito daquela conferência, a que a grande imprensa deu o devido relêvo, em notícias que atravessaram o império, provando, a-final, que o Espiritismo é alguma coisa de muito sério e destinado a despertar a humanidade dum sono de milénios.

Uma notícia de *O Século*, relativa à conferência do Dr. Fred, realizada no Centro Espiritualista Luz e Amor, foi o pretexto para o ataque, mas, no fundo, a causa era outra, a causa era a conferência retumbante promovida por *Estudos Psíquicos*. E por isso a investida surgiu impetuosamente, martelada dia a dia, num crescendo afrontoso e odiendo, mal velado por atitudes farisaicas.

As *Novidades* encheram-se de pavor e gritaram e gesticularam e reclamaram contra o «horrível crime» duma publicação que ousava defender os seus ideais desassombradamente, à luz meridiana. ¡Como se Portugal não fôsse dos portugueses, como se para tanto fôsse necessário obedecer a outros poderes, além dos constituídos, que sabem o que querem, porque são formados por homens judiciosos e conscientes, amigos da pátria e da família... ¡Como se esta revista não fôsse uma alavanca de rejuvenescimento espiritual, absolutamente integrada nos princípios sociais que regem a Nação!... ¡Como se nós, que a dirigimos e orientamos, não fôssemos um elemento de ordem ao serviço da causa pública, com passado íntegro, ermo de felonias e de traições!...

Nós sabemos muito bem do que são capazes certos escribas, quando se julgam irresponsáveis, a coberto de pretensas imunidades, que, a existirem, tanto vexariam quem as outorgasse, como quem as recebesse. Conhecemos-lhe a fôrça e o valor... Assim, não nos admira que, durante muitos dias seguidos, as *Novidades* bolsassem contra o Espiritismo e contra nós os maiores impropérios.

Oh! a conferência do Condes estava-lhes atravessada na garganta! Não os deixava dormir, nem alimentar.

* * *

Nas suas catilinárias, as *Novidades* tocaram uma tecla tão velha e relha, que já não sensibiliza ninguém. Confundiram propositadamente Espiritismo com Maçonismo e Comunismo, julgando que nos intimidavam, que nos faziam cair de joelhos ante o seu *poder majestático*, poder que se esboroa à medida que os tempos passam. E em 31 de Maio enviámos-lhe a seguinte carta, que foram obrigados a inserir em 3 e 4 de Junho:

Sr. Editor do jornal «Novidades»:

Tendo as «Novidades» de 26, 27, 28 e 30 do corrente inserido locais tendenciosas sob o título geral «Os Psíquicos», que atingem não só o signatário, como também o Centro Espiritualista Luz e Amor, a cuja direcção presido, e a revista «Estudos Psíquicos», de minha direcção e propriedade, peço a publicação das seguntes linhas, nos termos do artigo 53.° do decreto n.° 12.008, de 29 de Julho de 1926:

DESAFRONTA

Há ataques que excedem os limites da dignidade humana e levam os alvejados a justa e legítima desafronta. Um dêles é o que «Novidades» vem fazendo há dias contra indivíduos e pessoas morais que merecem o respeito de tôda a gente honesta.

É lamentável que êste jornal dê tão triste idéia da religião que defende. Jesus não ensinou a enredar e caluniar, mas a amar o próximo como a nós mesmos.

«Novidades» apoiou-se levianamente numa notícia incompleta publicada no jornal «O Século» e urdiu uma campanha tendenciosa, com o fim de atingir entidades que trabalham na espiritualização do homem, procurando afastá-lo de lutas mesquinhas e degradantes. «O Século» já esclareceu a notícia e fê-lo espontaneamente, numa atitude digna do maior aprêço. Honra lhe seja.

«Novidades» atacou com truculência e má fé:

1.° — Uma doutrina que não estudou, ou, se estudou, teima em desconhecer completamente.

2.° — Uma colectividade, uma revista e um homem que não conhece.

Mais: apontou uns e outros à execração pública e aos poderes constituídos, insinuando tratar-se de comunistas, mações ou simpatizantes com ideologias subversivas.

Isto é grave. É grave e anticristão. Afirmações destas não se fazem em letra de fôrma, sobretudo quando não há provas para manter a acusação.

«Novidades» não conhece a idoneidade moral dos atacados. Mas deve conhecer de sobra o seguinte mandamento: «Não dirás falso testemunho contra o teu próximo» (Êxodo, 20, v. 16) e as sete coisas que o Senhor aborrece: «Olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que maquina malvadíssimos projectos, pés velozes para correr ao mal, testemunha falsa que profere mentiras e o que semeia discórdias entre irmãos» (Provérbios, 6, vv. 16-19).

Deve também saber que lhe falece autoridade para julgar: «Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados» (Lucas, 16, vv. 37-38).

¿Com que autoridade, pois, e em nome de que princípios morais, racionais ou sociais, levantou «Novidades» tão negregada campanha?

Diz o articulista de «Os Psíquicos» (edição de 26-5-942):

«Ninguém vê que a maçonaria e o comunismo têm os seus pontos de contacto com o Espiritismo. Na base, está a mesma negação da existência de Deus; como finalidade, a mesma destruïção de tôda a espiritualidade superior.»

Como ensinar os ignorantes é uma Obra de Misericórdia, informamos «Novidades» acêrca das bases fundamentais do Espiritismo, aprovadas no último Congresso Internacional de Glasgow:

1.° — Existência de Deus, Inteligência Suprema e Causa Primária de tôdas as coisas.

2.° — Imortalidade da alma e sua evolução contínua para a perfeição, através de ciclos sucessivos.

4.° — Possibilidade de comunicação pela mediunidade, entre o mundo visível e o invisível, quer entre vivos ou os chamados mortos.

5.° — Responsabilidade individual e colectiva entre todos os seres humanos, segundo a Lei de Causalidade e de Justiça Retributiva.

Espiritismo e Comunismo? ¿Onde os seus pontos de contacto, sr. Editor das «Novidades»?

O comunismo é essencialmente materialista. O Espiritismo é reencarnacionista. ¿Como conciliar, filosòficamente, duas doutrinas inteiramente opostas?

Ouçamos o que uma revista brasileira escreveu em resposta ao padre Arlindo Vieira, quando êste acoimou o Espiritismo de doutrina perigosa, com base no comunismo:

«O comunismo revolucionário prega a igualdade pela violência; o Espiritismo, pela sua filosofia reencarnacionista, justifica as desigualdades sociais, demonstrando a impossibilidade das criaturas humanas viverem tôdas nas mesmas condições.

«O espirita sabe que nenhuma reforma transformará radicalmente o mundo, nem implantará a felicidade na Terra, emquanto o homem se não transformar espiritualmente e não se cumprir todo o curso da lei divina. O Espiritismo é, pois, um antídoto contra todos os ismos *de violência.*

«O Espiritismo não aceita nenhum credo

extremista, porque a sua doutrina não pode aceitar reivindicações insufladas pelo ódio. A luta de classes, a desigualdade humana e o problema do estômago só podem compreender-se com o conhecimento da reencarnação. Só o Espiritismo esclarece suficientemente a causa das desigualdades e dos sofrimentos, mostrando a ineficácia das lutas.

«É contrasenso querer conciliar comunismo com Espiritismo, quando ambas as doutrinas estão em campos antagónicos: uma, é matéria; outra, é espírito. Uma, crê na fôrça; outra, crê no amor. Uma, não admite Deus; outra, vê em Deus a Causa Primária da criação.»

Portanto, nada há de mais falso do que as afirmações das «Novidades».

O comunismo é contra Deus, a Pátria e a Família; o Espiritismo é por Deus, pela pátria e pela Família. O comunismo é violento e antinatural; o Espiritismo integra o homem na verdadeira posição moral e social a que tem direito. O comunismo é uma aberração digna de combate permanente; o Espiritismo é uma filosofia racional e científica escudada nos Evangelhos.

Nestas circunstâncias, sr. Editor das «Novidades», «a sombra de Pina Manique» nada tinha, nem tem que fazer no Centro Espiritualista Luz e Amor, a cuja direcção tenho a honra de presidir e onde se faz obra cristã e altruísta, dentro das normas estatutárias.

Afirmamos, portanto, sem receio de desmentido:

— O crítico sem base das «Novidades» foi ignorante e tendencioso, falseando a verdade e induzindo em êrro os seus leitores.

* * *

O mesmo crítico sem base atacou a revista «Estudos Psíquicos», dizendo que nas capas desta publicação se faz o «reclamo de várias obras escandalosamente imorais». Em nome da moralidade e da verdade, repto o cronista sem base das «Novidades» a provar a acusação. «Estudos Psíquicos» é uma revista elevada que dignifica, não só o ideal que defende, mas também os seus colaboradores, que se sentem honrados, enviando-lhe as suas produções.

Sem o saber, «Novidades» ataca a digna Comissão de Censura, que conhece melhor do que ninguém o que interessa à sociedade e à Nação. Ora, a Comissão de Censura nunca implicou com «Estudos Psíquicos». Basta ser composta de militares, para que inspire confiança na observância dos direitos individuais.

«Estudos Psíquicos» não ataca o catolicismo, nem qualquer outra religião. Exerce o seu direito de análise e de crítica, mas fá-lo sempre com lealdade absoluta e sem idéia preconcebida, o mesmo sucedendo com o Centro Espiritualista Luz e Amor, onde alguns conferentes já têm feito justiça à religião católica e a certos doutores da Igreja.

A frase do crítico das «Novidades»: «sabe-se que em sessões espiritas têm ocorrido cenas de baixa imoralidade», não atinge êste Centro, que se impõe pela sua obra meritória. Deve tratar-se, indubitàvelmente, de baixo-espiritismo, *de capelinhas* espirito-católicas *sem responsabilidade moral ou cultural, espiritismo charlatanesco que nós próprios combatemos, no interêsse do verdadeiro Espiritismo.*

«Novidades» afirma que o Espiritismo serve «para perturbar os espíritos, para desagregar a unidade nacional subsistente no catolicismo e para disfarçar propaganda dissolvente», bem como «para minar os fundamentos da ordem social». Quer dizer: os espiritistas são elementos perturbadores e indesejáveis que devem ser postos fora da lei.

É necessário perder todo o sentimento de responsabilidade para fazer semelhantes afirmações; e só a certeza da impunidade pode levar indivíduos que se jactam de cristãos a promover escândalos próprios do Anticristo.

Não, sr. Editor. Não se calunia impunemente. Como homem e como militar que me prezo de ser, repilo energicamente os seus ataques e exijo pública reparação pelos danos causados. Repto-o a provar o maçonismo e o comunismo de Isidoro Duarte Santos, director de «Estudos Psíquicos» e presidente da Direcção do Centro Espiritualista Luz e e Amor. Se o não provar, os seus leitores o ferretearão.

* * *

«Novidades» escreveu em 28 do corrente, sob a mesma epígrafe de «Os Psíquicos»:

«O espiritismo, tal como existe, se pratica e se propaga em Portugal, tem um único fim em vista: destruir a religião católica. Para o atingir, vai arruïnando e combatendo tôdas as idéias e instituïções em que se baseia a própria ordem social».

Novas calúnias de «testemunha falsa que profere mentiras» e de «pés velozes para correr ao mal». O Espiritismo não combate religiões, o que não sucede com «Novidades» que, além de as combater, preconisa um estado social tutelado pelo seu catolicismo. Felizmente, há em Portugal alguém que sabe mandar e que permite a liberdade de crenças a todos os portugueses dignos dêsse nome. Felizmente, há em Portugal uma censura que respeita os direitos alheios e se dignifica pela sua obra equilibrada e séria.

O Espiritismo, longe de arruïnar as idéias e as instituições em que se baseia a ordem social, fortalece-as e consolida-as, visto que é um precioso agente de ordem social e moral.

Sossegue o crítico de «Novidades», que a sua voz não chegará ao céu. Se o incremento da doutrina espirita o envergonha ou amesquinha, então, diga-o francamente e não insinue, como os fariseus hipócritas, que «coavam mosquitos e enguliam camelos», que atentavam «no argueiro do vizinho e não reparavam na trave que tinham no seu».

«A árvore conhece-se pelo seu fruto (Lucas, 6, v. 44). No Brasil, por exemplo, o Espiritismo tem realizado uma das maiores obras sociais do mundo, fundando albergues, asilos, escolas, hospitais e sanatórios, a ponto de o govêrno federal considerar de utilidade pública muitos centros e federações, com direito a subsídios permanentes do Estado, como a Federação Espirita Brasileira, a Liga Espirita do Brasil e outras.

Não desça, pois à escrevinhação insolente e desbocada. Não agrida quem o não agrediu e lembre-se dêste versículo do Mestre: «Amai a vossos inimigos e fazei bem aos que vos aborrecem». (Lucas, 6, v. 27) Ao menos, seja correcto e verdadeiro. Defenda a sua religião, sem atacar as dos outros. Enalteça-a com bons exemplos e não desça a ataques soezes, próprios de quem «semeia discórdias entre irmãos».

«Sois mestres em Israel e não sabeis estas coisas»?

Lisboa, 31 de Maio de 1942.

Rua do Salitre, 149, 1.º.

Isidoro Duarte Santos

Como resposta, inseriram uns comentários insulsos, próprios de quem não tem que responder, mas que deixavam transparecer ainda o mesmo sentimento que animou aquêle diário, ao abrir a negregada campanha.

Dias depois, escrevíamos-lhe nova carta. E como êles, nos seus comentários à primeira resposta, se lamentassem seràficamente de que tínhamos «abusado da Lei de Imprensa», não voltámos a invocar a lei e apelámos para a «sua lealdade jornalística».

Eis a nossa segunda carta:

Sr. Editor das *Novidades:*

A-pesar-de ter invocado a Lei de Imprensa para a publicação da minha carta de 31 de Maio último, o seu jornal transgrediu aquela lei, pelos seguintes motivos:

1.º — A inscrição da resposta devia ter sido feita duma só vez e na página em que as locais fôram publicadas.

2.º — A publicação devia ter sido feita integralmente, sem omissões, nem alterações.

Eu podia obrigá-lo fàcilmente à republicação da minha resposta. Não o faço, para lhe evitar vexames e por os meus objectivos terem sido inteiramente alcançados.

Há, porém, uma omissão que eu desejo que fique patente aos olhos do leitores. É a seguinte:

«Sem o saber, Novidades *ataca a digna Comissão de Censura que conhece melhor do que ninguém o que interessa à sociedade e à nação. Ora, a Comissão de Censura nunca implicou com «Estudos Psíquicos». Basta ser composta de militares, para que inspire confiança na observância dos direitos individuais».*

Desta vez, não invoco a lei, pois que,

pelo visto, não é necessário. Invoco apenas a sua lealdade jornalística. Veremos se essa lealdade existe.

Antes de entrar no assunto das suas Notas de Redacção insertas em 3 e 4 do corrente, em seguida à minha resposta, quero desfazer duas gralhas dactilográficas: «contra-censo» e «espiritas-católicas». O que eu costumo escrever é «contrasenso» e «espírito-católicas». Também foi involuntàriamente omitido o 2.º postulado aprovado no Congresso Internacional Espirita de Glasgow, visto o N.º 2 ter saído em lugar do N.º 3. Ei-lo:

2.º — Existência da alma, ligada, durante a vida terrena, ao corpo físico, por um elemento intermediário chamado perispírito ou corpo fluídico.

Agora, vamos ao resto.

As citações do Levítico e do Deuteronómio referem-se aos mágicos e aos adivinhos, como tôda a gente viu. Moisés — também o sabe tôda a gente — condenou essas práticas, por constituirem grave perigo social que atingia a própria consciência das multidões ignaras, obscurecendo nelas a idéia de Deus. O Espiritismo Moderno, ou Neo-espiritualismo, combate, igualmente, a necromância (adivinhação pela intervenção dos espíritos), as chamadas mulheres de virtude, os bruxos e os cartomantes e todos aquêles que se dedicam a práticas supersticiosas.

Tais citações estão, portanto, prejudicadas.

Em resposta a outra afirmação das Novidades, direi que todos os espiritas estão de acôrdo, relativamente às bases fundamentais da doutrina que professam. Se acreditassem em dogmas, isto é, nos dogmas das Novidades, seriam católicos, não seriam espiritas. Mas, pelo facto de termos uma concepção diferente acêrca da idéia de Deus, ninguém pode afirmar que negamos a sua existência.

A citação de Georges Surbled, que não sabemos quem seja, é falha de valor científico e por isso não lhe fazemos a mínima referência. Trata-se, evidentemente, duma opinião pessoal que, pela forma como está exposta, não é susceptível de ser tomada a sério.

O articulista das Novidades admirou-se de não termos escrito uma linha a respeito da maçonaria. ¿Para que gastar cera, se ela está tão cara? Temos ouvido falar de maçonaria e de mações, mas não sabemos bem o que isso seja. Sempre combatemos a idéia de sociedades secretas. Secretas, porque? Se tinham fins elevados, para que ocultavam os meios de os conseguir?

As Novidades não citam o nome das obras escandalosamente imorais anunciadas em Estudos Psíquicos. ¿Porque não elucida os seus leitores, como fêz a respeito do «Parnaso de Além-Túmulo» e «Funerais da Santa-Sé»? Se a obra atingida pela sua excomunhão é imoral, então a História Universal é o maior escândalo de todos os tempos e deve ser condenada pelo Index. Mas a obra incriminada não é imoral. Se assim fôsse, não profligava as imoralidades de certos indivíduos que deshonram as colectividades a que pertencem e as religiões que servem. O simples enunciado do título seria bastante para inferir do seu conteúdo. E tôdas as pessoas sensatas fariam imediatamente o seu juízo O sr. editor sabe-o tão bem ou melhor do que nós. Não vale a pena ir mais além...

Quanto às «cenas de baixa imoralidade praticadas em sessões espiritas», só agora diz ter bebido a informação no livro de Des Mousseau, «Les Hauts Phénomènes de la Magie». Devemos convir que não era para obras de magia que devia remeter os leitores estudiosos, visto que o Espiritismo combate a magia. Era para obras de verdadeira investigação insuspeita, como a do reverando Nielsson e a do Dr. Laponni, que foi médico do Papa.

Nesta altura, cabe uma palavra no tocante ao «Caso de Leiria», já que pede a minha opinião. De tôdas as locais publicadas pelas Novidades, esta foi, certamente, a mais infeliz, não só devido à linguagem usada, como pelos juízos temerários emitidos. ¿Quem será o articulista — ou a articulista — que fala ex-cathedra e sentenceia em ar de axioma? Gostaríamos de lhe ver o nome por baixo dos arrazoados...

O «Caso de Leiria», tal como foi exposto, não destrói o carácter científico do Espiritismo. Ainda que o relato seja verdadeiro, é óbvio que se trata de pura charlatanice, com a qual nada temos, nem queremos ter. O Espiritismo condena as intrujices que se praticam em seu nome. Sempre as condenou e condenará, nada mais podendo fazer, visto que os espiritas têm

livre arbítrio e não há medidas coercitivas que possam impedir tais dislates. Se *o Espiritismo fôsse responsável pela obra dos* impostores, *também a medicina o seria pela dos* falsos médicos *e o próprio catolicismo pela dos maus prelados. Sabemos que há muitos embusteiros por êsse mundo fora e o Espiritismo não poderia fugir ao seu influxo.*

Quanto aos críticos do Espiritismo, diz Allan Kardec:

«O Espiritismo só admite como crítico sério aquêle que tiver visto, estudado e aprofundado tudo com paciência e perseverança de observador consciencioso, que possua tanto conhecimento dêle, como o espirita mais esclarecido e possa, conseqüentemente, refutar com argumentos mais peremptórios e dar causa mais lógica aos factos observados. Êsse crítico ainda não apareceu».

Respondemos sumariamente às Notas da Redacção *das* Novidades. *Para terminar, apresentamos-lhe um pequeno alvitre, que, além do mais, talvez leve alguns vintens aos cofrezinhos do seu jornal:*

¿Quer que lhe prove imediatamente que os Evangelhos são um verdadeiro código de Espiritismo, com premonições, telepatia, visões proféticas, aparições, levitações, etc, etc.? Provar-lhe-emos imediatamente, à luz dos textos sagrados, *que o Espiritismo não é obra diabólica e rebateremos, com raciocínio e lógica irrefutável, as diatribes dêsses* doutores *que atacam sem critério científico, como quem esgrime contra moínhos de vento. Nessa altura, lhe agradeceremos a propaganda que tem feito da nossa Causa, para a qual se têm passado muitos católicos nos últimos dias, não fascinados pela «sereia espiritualista», como dizia há pouco* A Voz, *mas enojados por campanhas insidiosas que desacreditam os jornais que as levantam.*

Valeu? Quer aceitar o convite?...

Lisboa, Rua do Salitre, 149, 1.°.

Isidoro Duarte Santos

Cumprimos o nosso dever de espírita militante. Aparámos o golpe e respondemos serenamente. Temos a consciência tranqüila. Não injuriámos, não caluniámos, não insultámos. Esforçámo-nos por ser dignos de nós próprios e da causa que defendemos. Julgamos ter atingido êsse fim.

Agora, podem as *Novidades* continuar a sua campanha. Ela só beneficiará a doutrina espirita. Quanto mais gritarem as *Novidades* e o seu untuoso acólito *A Voz,* mais consolidarão o nosso sector. Tenham a certeza disso. Plena certeza.

Não basta atacar, empilhando frases tonitroantes, bem cheias de lastimosa vacuïdade... Mas êles atacam, porque a conferência de Faure da Rosa lhes aluíu a posição. E começam a sentir o desequilíbrio do terreno e tremem à simples idéia de serem tragados pela onda racionalista que enormes brechas vai abrindo nas suas fileiras.

A Voz, por exemplo, queixou-se de que muitos católicos se deixam fascinar pela «sereia espiritualista». E avisa-os do «perigo» que os ameaça, se não obedecerem incondicionalmente às determinações da igreja. Quer dizer: a campanha dêstes dois jornais tem uma causa: *receio de desagregação;* e um objectivo importante: *impedir a propaganda espirita.* Para tal conseguir, usam de todos os meios ao seu alcance: Vociferam, insinuam, exteriorizam hipocrisia e até chegam a censurar as autoridades por estas lhes não facilitarem determinados vôos à *terra de ninguém,* com intuitos bem conhecidos... E quando lhes batem o pé, lembrando-lhes que um «poder mais alto se levanta», armam em vítimas inermes. Foi o que sucedeu com as *Novidades.* Como tiveram de publicar a nossa «Desafronta», aqui del-rei que violámos a Lei de Imprensa.

Viva Deus, que há quem nos defenda da língua de certos escrevinhadores insolentes e irresponsáveis. Se assim não fôsse, ¿que seria daqueles que não podem, a tanto por linha, revidar ataques traiçoeiros?

SÍNTESE

Facultando o conhecimento da composição do espírito e tornando, por assim dizer, tangível a parte fluídica de nós mesmos, o Espiritismo projectou viva luz nesses meandros aparentemente inabaláveis, de vez que permite abarcar em uma vasta síntese todos os factos da vida corporal e intelectual e mostrar-nos as relações, até aqui desconhecidas, entre uma e outra.

Gabriel Delanne

O EVANGELHO DO CRISTO

por Fernando da Cruz Ferreira

IV

«Nem todo o que me diz «Senhor! Senhor!» entrará no reino de Deus, mas sòmente aquêles que fizerem a vontade de meu Pai. Naquêle dia, muitos me dirão: Senhor, em teu nome nós profetizamos, expelimos demónios e obramos maravilhas. Mas eu lhes direi abertamente: Não vos conheço; apartai-vos de mim, vós que vivestes na iniqüidade.

«E naquêle dia apartarei os cabritos das ovelhas e direi a estas: vinde, benditas de meu pai; possuí como herança o reino que vos está destinado desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me deste de comer; tive sêde e me deste de beber; era forasteiro e recolheste-me; estava nu e vestiste-me; enfermo e prêso e visitaste-me. «Preguntarão então as ovelhas: ¿quando, Senhor, te vimos com tais necessidades e te assistimos? E o Senhor responderá: em verdade vos digo que quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequenos, a mim o fizestes.»

Sabemos, portanto, o que é o Reino de Deus, onde se oculta e o que devemos fazer para o possuir.

Não hesitemos, pois, e metamos agora mesmo mãos à obra, punhamos agora mesmo o pé no caminho que se nos abre diante dos olhos, com resolução e firmeza.

Sabemos que êle é estreito e penoso mas que no fim encontraremos as regiões divinas onde a Luz e a Paz resplandecem eternamente.

Jesus reúne em si mesmo as duas naturezas: humana e divina. Humana porque, como disse Paulo, se apresentou na terra em semelhança da carne do pecado. Divina, porque desceu do Céu: não era dêste mundo.

Jesus Cristo humano é a imagem do homem atingindo o supremo grau de perfeição na escala hominal: é o homem sublimado. Daí por diante cessa a escala humana e começa a divina; extingue-se o hominal, consumando-se a ressurreição do espiritual.

À medida que o hominal diminui, cresce o espiritual que acaba por o absorver. Jesus é o modêlo, é o arquétipo dessa metamorfose sublime. É o espelho que foi dado ao homem para que êle pudesse ver, num reflexo vivo, a transição do humano para o divino.

Para se tornar como se tornou, «o Caminho, a Verdade e a Vida», Jesus realizou no cenário terreno, aos olhos da humanidade, a trajectória que o homem há-de realizar na conquista gloriosa dos seus altos destinos.

Bendito seja o Filho de Deus que para salvar o mundo não mediu sacrifícios.

Baixou lá do alto, nivelando-se aos cá de baixo; e, mesmo na baixeza humana, tomou o derradeiro plano, nascendo num estábulo e morrendo numa cruz.

¡Como é bela, meus Jesus, a tua palavra!

¡Como é encantadora e persuasiva, deliciosa e convincente!

Tua palavra, Senhor, consolida a razão e sensibiliza a alma: fala à mente e fala ao sentimento. Ela diz tudo e tudo esclarece. Não há mistério que não revele, nem problema que não solucione. Não há refôlhos nem escarninhos ocultos nos meandros do coração, que ela não penetre. Não há labirintos e dédalos misteriosos da consciência humana que ela não percorra, deixando atrás de si uma esteira luminosa!

Tua palavra, Senhor, é a maior das maravilhas, tem encantos e magia que se não descrevem na linguagem dos homens.

É balsamo que mitiga as dôres, é Luz que aclara o entendimento, é fôrça que reanima, é vida que rejuvenesce.

É também poesia que encanta, música que arrebata, verdade que empolga, fé que redime.

Tua palavra, meu Jesus, modifica, corrige, transforma e converte. Atrai como o imã, aquece como o Sol, refrigera como o orvalho, inebria como os perfumes, purifica como o fôgo, diviniza como o Amor.

À mágica influência da tua palavra, ó Cristo, converte-se a fraqueza de Simão, na coragem heróica de Pedro; a sordidez do publicano na generosidade de Zaqueu; a volúpia de Madalena no sublime e incomparável

A Conferência do Coronel Faure da Rosa no Cinema Condes

CONSTITUIU um verdadeiro acontecimento a conferência que, em 17 de Maio, o nosso colaborador Faure da Rosa realizou no Cinema Condes, perante selecta e numerosa assistência. *Estudos Psíquicos* ufana-se de haver promovido a conferência e escolhido o nome prestigioso e honrado dêsse velho pioneiro, certo de que êle saberia desempenhar tarefa de tão grande vulto, ultrapassando mesmo a nossa espectativa.

¿E porque escolhemos Faure da Rosa para esta emprêsa?

Por dois motivos respeitáveis. Primeiro, porque desejávamos homenagear publicamente um homem que há muitos anos tem mourejado a nosso lado, sem a mínima quebra de lealdade, demonstrando sempre a mais bela camaradagem, coisas raríssimas nesta época de egoísmos e de traições. Segundo, porque ninguém melhor do que êle representaria a Causa Espírita em qualquer salão da Capital. Faure da Rosa impõe-se pela sua presença. A sua atitude e a sua figura austera traduzem elegância e infundem respeito. Vê-se logo que se está em presença dum grande valor moral. E como é de valores morais que o Espiritismo necessita, não houve uma única voz discordante nos arraiais espíritas, quanto à idoneidade do conferente.

Foi, pois, um triunfo, um grande triunfo, cuja lembrança ecoará, por muito tempo, no nosso espírito.

O Espiritismo fôra atacado no S. Luís por um jornalista belga sem autoridade no assunto e logo pensámos numa resposta séria, não à pseudo conferência do jornalista, mas às preguntas silenciosas de muitas pessoas que assistiram depois à verdadeira conferência do Coronel Faure da Rosa.

Foram muitas as diligências, foram muitos os obstáculos, dir-se-ia que influências ocultas se mancomunavam para o fracasso da tentativa. Mas a nossa têmpera não conhece limites, quando se trata de defender a Doutrina. E os colaboradores apareceram, dentre os quais queremos citar três nomes que não poderão ser esquecidos: a nossa colaboradora *Léo*, que trabalhou incansàvelmente na consecução do nosso objectivo; Joaquim Estêvão Rodrigues, que se revelou duma tenaz persistência e verdadeiro espírito de compreensão, e António Joaquim de Amorim, que nos acompanhou constantemente, demonstrando a melhor boa vontade, no sentido de que o acontecimento resultasse o mais possível brilhante.

Para estes preciosos elementos, vão as homenagens e os agradecimentos de *Estudos Psíquicos*.

Foi a primeira vez que um conferente espírita subiu a palcos lisbonenses, a-fim-de expor abertamente os nossos postulados. Esta circunstância assume alto significado, se atendermos ao momento que atravessamos.

Mais uma vez se confirma o ditado: *há males que vêm por bem*. Sem os ataques feitos ao Espiritismo, não teríamos ensejo de alcançar esta vitória. É caso para desejarmos novos ataques, venham êles donde vierem, certos de que êles nos proporcionarão novos meios de propaganda.

Os espíritas portugueses podem estar tranqüilos, quanto à vigilância de *Estudos Psíquicos*, sentinela avançada que não deixará penetrar os inimigos neste sector, seja qual fôr o rótulo que os caracterize.

Estudos Psíquicos não quer apenas ser órgão duma ou outra agremiação. Quer ser órgão do Espiritismo, já que nas suas colunas se defende o Ideal e os seus elementos dignos.

---

idealismo de Maria de Betânia; o fanatismo feroz de Saulo, no liberalismo e abnegação de Paulo!

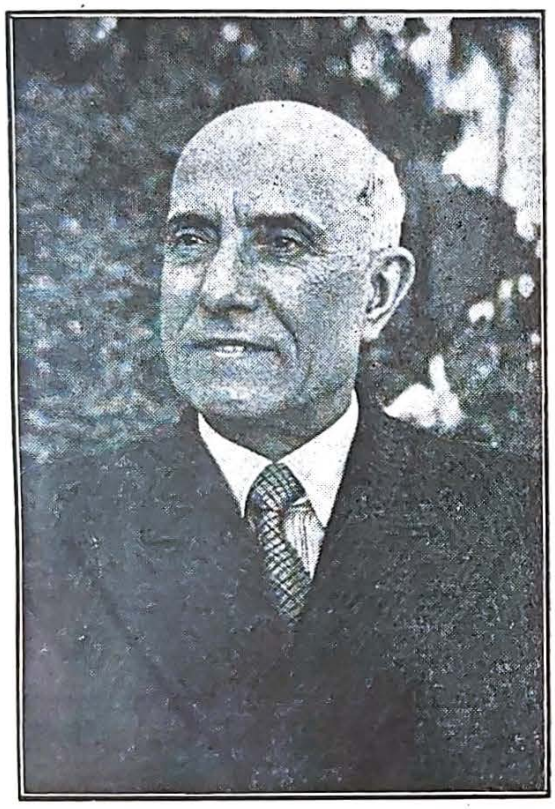
Ao encantamento de tua palavra, meu Jesus, serenam-se as tempestades, os côxos e os paralíticos se locomovem, os cegos vêem, os surdos ouvem, os leprosos ficam limpos, os mortos ressuscitam e aos pobres se faz justiça!

E como não não ser assim, Senhor, uma vez que a tua palavra é o mesmo verbo de Deus que se faz ouvir neste mundo?

Todos aquêles que servirem nobremente a Causa, encontrarão aqui todo o apoio que merecem.

A conferência

Às 18 horas do dia 17 de Maio, enorme multidão se aglomerava à porta do Cinema Condes, aguardando pacientemente a hora da conferência. Vimos muitas pessoas conhecidas, tais como, velhos confrades que abandonavam a tôrre de marfim para assistir ao



Coronel Faure da Rosa

novo acontecimento, espiritas militantes de vários sectores, teósofos, naturalistas, católicos, materialistas, professores, engenheiros, médicos, advogados, em cujos olhares se notava qualquer coisa de ansioso, pelo que iam presencear. E também havia muita gente humilde, êsse povo modesto e honrado que procura conhecer os grandes problemas do Espiritismo, doutrina tão combatida por materialistas e agnósticos, mas que resiste a todos os embates das hostes adversas.

Às 18,30, abriram-se as portas e aquela avalanche humana foi entrando paulatinamente, a-fim-de ocupar os seus lugares.

Qualquer coisa de imponderável nos envolvia a todos. Um frémito de alegria perpassava na alma dos crentes. A atitude dos outros era de espectativa.

Que se iria passar? Que diria o sr. Coronel Faure da Rosa?...

Assim passaram dez minutos, até que o acender das luzes anunciou a chegada do conferente. Palmas estrepitosas reboaram em todo o teatro, onde numerosíssimo público se instalara, de ouvido à escuta, atento às palavras do velho batalhador espirita, cuja presença se impôs a todos, pela rara distinção do seu porte e pela sua elegância verbal, que deixou nos ouvintes a mais bela das impressões.

O trabalho de Faure da Rosa foi, a espaços, interrompido por aclamações espontâneas, tal o interêsse que despertou a sua exposição, que vai ser publicada em separata com todoo relêvo que o assunto merece.

A repercussão na imprensa

Uma das nossas maiores preocupações é o sentimento da justiça. Fazer justiça a quem quer que seja, mesmo que êsse alguém não comungue nas nossas idéias, é um grande prazer espiritual que nos acalma e tranquiliza. Assim, não poderemos olvidar a inexcedível correcção do *Diário de Notícias* que, além de notícias de relêvo acêrca da conferência, que publicou na primeira e segunda página, prontificou-se a entrevistar o coronel Faure da Rosa, tal como fizera a Pierre Goemaëre, só o não levando a efeito, em virtude daquêle nosso colaborador se encontrar fora de Lisboa.

Consignamos-lhe, pois, o nosso indelével agradecimento, na pessoa do sr. coronel Pereira Coelho, seu digno Secretário Geral.

Eis como o *Diário de Notícias* se referiu à conferência, em sua edição de 18 de Maio:

«A METAPSÍQUICA À LUZ DOS FACTOS»

A conferência do sr. coronel Faure da Rosa no Cinema Condes

A revista Estudos Psíquicos *escolheu o sr. coronel Faure da Rosa para inaugurar a série de conferências que ela vai promover, tendentes a provar a sobrevivência da alma humana.*

A conferência realizou-se ontem à tarde no Cinema Condes, perante auditório numeroso e selecto, e teve por tema «A metapsíquica à luz dos factos».

O sr. coronel Faure da Rosa tratou o assunto, cuja transcendência é ocioso assinalar, com profundo conhecimento e grande clareza. A sua dissertação, bem ordenada, suscitou, nalgumas das suas passagens, vibrantes aplausos.

Estabeleceu a diferença entre metapsíquica e espiritismo. Criticou, com desassombro e elegância mental, o que classificou de baixo-espiritismo, que aceita tudo quanto falsos médiuns lhe pretendem inculcar. Os charlatães, que à sombra do espiritismo pretendem exercer a sua condenável actividade, merecem-lhe o maior desprêzo. E igual desprêzo sentia por aquêles que, por ignorância ou má fé, confundiam o verdadeiro espiritismo com certas práticas charlatanescas.

Narrou casos impressionantíssimos de telepatia, de clarividência e de lucidez.

Fundamentou tôdas as suas afirmações em opiniões de cientistas eminentes. Frisou que o Além e o mundo físico se interpenetram. Os seres, no Além, vivem em meios etéreos e devem mover-se com a rapidez do pensamento.

Criticou o materialismo dialético ou moderno. E apontou o facto dum dos seus representantes mais ilustres, Marcel Prenant, professor da Sorbonne, reconhecer a existência de manifestações psíquicas em animais inferiores.

Afirmou o seu respeito e a sua devoção pela ciência, mas de nenhum modo aceita que o sábio seja indiscutível, principalmente quando vai além do que não deve, nem pode afirmar ou negar.

E acentuou:

— Há sábios que dizem, em vez do que sabem, o que imaginam saber.

Ocupou-se, depois, dos médiuns. Os charlatães são mais numerosos do que os outros. Declarou que há também entre os falsos médiuns casos de inconsciência. E elogiou um dos bons médiuns que teve Portugal: — Fernando de Lacerda.

Aludiu à importância do movimento espiritista, que conta, em todo o mundo, mais de 300 sociedades e 100 jornais em tôdas as línguas. Descreveu o que foram os seus congressos internacionais celebrizados pela sobriedade dos seus debates, pelo valor mental dos que neles tomaram parte e ainda pelo alto merecimento científico e filosófico das teses de grande, de inultrapassável transcendência neles discutidos.

Afirmou a existência de fantasmas, comprovada por experiências dum indiscutível rigor científico e os termos de reprovação que o sábio professor Richet, prémio Nobel, aplicou à ignorância atrevida dos que, com a mais gratuita das audácias, a negavam. E sôbre o assunto dissertou com grande brilho. Uma grande e prolongada salva de palmas sublinhou as suas últimas palavras. .

Eis como O *Século* apresentou o seu relato:

«A Metapsíquica à Luz dos Factos» pelo sr. coronel Faure da Rosa

A convite da revista Estudos Psíquicos, *órgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, o sr. coronel Faure da Rosa fez ontem no Cinema Condes uma conferência intitulada «A Metapsíquica à luz dos factos», que resultou do maior interêsse, não só para os numerosos ouvintes já convictos da intervenção cotidiana dos espíritos na vida humana, como também para os descrentes dessa teoria.*

Mantendo na sua exposição um ritmo meramente didático e informativo e sem controvérsias, o conferente juntou inúmeros argumentos demonstrativos do cepticismo do homem em fenómenos de carácter puramente material que, a-final, se transformaram, com o andar dos tempos, nas bases da ciência e do progresso, concluíndo que a incredulidade daqueles que atacam a possibilidade das manifestações do Além através dos espíritos se apoia em alicerces frágeis e fàcilmente destruídos por todos aquêles que sinceramente se elucidem da eloqüência dos factos narrados numa extensa bibliografia dedicada a essa grande interrogação da inteligência humana.

Numerosas foram as citações colhidas nessa biblioteca, para concluir com argumentos que aos crentes pareceram decisivos, embora os descrentes se mantenham na sua trincheira de cepticismo. Uns e outros, contudo, aplaudiram, no final, o sr. coronel Faure da Rosa, pela elevação e brilho da sua conferência.

O *Comércio de Leixões* transcreveu, em fundo, a apreciação do *Diário de Notícias*, dando, assim, o seu aplauso à conferência.

Emfim, o Espiritismo entrou no domínio

«Espiritismo para homens»

pelo Dr. Luiz M. di Cristóforo

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Buenos Aires)

NO momento em que o mundo vive um dos mais interessantes períodos da sua história e em que tudo convida a vivê-lo intensamente, o isolamento, — quer numa tôrre de marfim, quer num barco à deriva — pode ser muito cómodo, sem dúvida, mas transcende a cobardia e o cepticismo deprimente».

Eis aqui as palavras profundas dum nosso pensador contemporâneo. Muitas vezes temos meditado nelas, antes de emitir opinião, acabando, finalmente, por lhes dar o nosso inteiro apôio.

Nós, os espíritas, que lutamos por um objectivo superior para tôda a humanidade sem distinção: nós, que dispomos duma larga bandeira com a legenda «Tudo por um melhor conhecimento do homem», apoiamos as palavras acima expostas.

É necessário que fundamentemos o nosso intuito colaboracionista. Perante a ousadia sem nome de «O Espiritismo somos nós» que por aí se afirmou, declaremos — desde já — que isolar-se alguém, a pretexto de exercer qualquer acção, divorciando-se das graves questões primaciais que o Espiritismo contém, é, decidamente, emparedar-se.

Nós afirmamos que o fim do Espiritismo, quanto a ideologia construtiva, não é um fim melancólico. Não ensina a deixar morrer, mas a ser homem no melhor dos sentidos. E homem de idéias, que é duplamente difícil neste mundo em armas. Possuir idéias não significa estar uniformizado com as idéias. Idéias uniformes significa mimetismo de posição. Referimo-nos às idéias comprimidas na labuta de todos os momentos.

Sustentamos que o Espiritismo comprende e descobre o homem. E compreender é criar. *Ergo:* O Espiritismo cria o homem.

Eu não creio na transplantação do homem, mas sim no seu descobrimento, ou, melhor ainda,no descobrimento do homem no *sentido* de conhecimento criador.

Do Espiritismo não brotam ódios, mas amor, visto que, em vez de erro, dêle emana a verdade esplendente do conhecimento. O Espiritismo demonstra que o corpo pode ainda ser um lugar de honra para a alma, sobretudo quando se compreender que o corpo não pode dobrar-se, a expensas da dignidade. O Espiritismo ensina que, ajoelhar-se, quando é preciso atacar, é atraiçoar-se a praso fixo.

O Espiritismo é tanto causa de liberdade, como causa de conhecimento. Mal crê quem crê que o Espiritismo é símbolo de liberdade. O Espiritismo é causa vivificante de liberdade, é fôrça actuante de liberdade e de luta pela dignidade de viver livremente. O Espiritismo é reivindicação de idéias em função de liberdade criadora. O Espiritismo é fôrça e é consciência; é amor e responsabilidade; é justiça e verdade; é dignidade e civismo. Quer dizer: o Espiritismo é o novo homem. E a nova consciência do homem. É verbo e realidade ao mesmo tempo; é profundidade e elevação humana; é ideologia e procedimento, critério e responsabilidade; é meio e fim de elevadas aspirações de superação da dignidade de viver e saber para que se vive. É um credo filosófico e uma verdade científica; é um norte moral e uma atitude social, bem como assimilação de conhecimentos. É conhecimento e acção. Eis, porque cremos na função superior do Espiritismo e na função superior do homem. Um e outro são manifestações da mesma realidade.

---

público, como ciência filosófica e religião, dignas de estudo sério. Já lá vai o tempo do *credo quia absurdo* e do *magister dixit*. Hoje, há uma só fé admissível: a que é baseada no raciocínio e na lógica; e uma só autoridade reconhecida: a que deriva do saber e da experiência. Nesta conformidade, nem a Ciência, nem as religiões podem combater-nos com argumentos que valham, simplesmente porque uma e outras são falhas de argumentos.

O destino do Espiritismo não é o destino das coisas vãs. A difícil tarefa do Espiritismo é conservar o estilo do homem em bases mais elevadas.

Pode fazer do homem uma jóia de arte. É por isso que lhe insufla o sentido da imortalidade. Isto parecerá estulticia, mormente nas actuais circunstâncias, nestes tempos de desprêzo, característicos da decomposição de todo o sistema, sôbre o qual se tem desenvolvido a sociedade humana. Tempo de desprêzo — como disse Malraux: desprêzo de idéias, desprêzo de atitudes, desprêzo de virilidade, desprêzo de consciência, desprêzo da lei, desprêzo do direito. Até desprêzo desmascarado do homem. E como tudo necessita de compensações, pretende-se encher o vácuo dos desprêzos — oh presunção! — com qualquer leviandande que possa ser menosprezada por todos. Quer dizer: querem preencher aquêle vácuo com alguma coisa desprovida de valor. É então quando se fabricam idéias «cartonnées».

O Espiritismo aprende a sua lição. Decapitar as idéias, é decapitar o homem, o que equivale a matar uma nova galinha de ouro. Há que firmar a pontaria. Trabalhemos para decapitar o inimigo do homem. Decapitaremos o homem disfarçado de homem que quer decapitar o homem que não estava disfarçado de homem, porque sabe que é homem. Entre um cavernícola e um homem, vai uma distância respeitável: a distancia da dignidade e conhecimento desta grande virtude.

A mensagem de saüdação que o Espiritismo envia ao homem é, pois, uma mensagem de redescobrimento. O Espiritismo constitui uma nova experiência para a velha humanidade. É audaz e sereno nos seus objectivos. Mostra ao homem o que retarda a sua ascensão e o que pode fazê-lo avançar sem obstáculos. Explica-lhe leis e oferece-lhe soluções. O homem deve escolher livremente. Depois, veremos se gosta de ser antropóide ou se procura reivindicar a sua qualidade de homem.

O Espiritismo é um meio, dizíamos nós. Acrescentemos que o homem é um fim. O escôlho da compreensão salva a dignidade espiritual e intelectual da essência superior do Espiritismo. Com o Espiritismo, não valem as aparências. É-se ou não se é.

O Espiritismo vem clarear o horizonte carregado de pardacentas nuvens. E como o horizonte está carregado de nuvens, o Espiritismo pode servir de esteio ou de bússola. É que o Espiritismo é um apêlo espiritual em função de humanidade. ¿Passará o apêlo das opressões que matam, em função de interêsses criados?

O Espiritismo exerce-se a favor da não-agressão. É uma dignidade invulgar que deseja ser encarada de maneira que, em caso de defêsa, possa alterar a sua forma de agir. O Espiritismo é um caso de defêsa humana. Entenda, pois, o homem a mensagem que tal reivindica e lhe dá hierarquia. Semelhante conteúdo possui uma causa justa, natural e evolutiva. Natural e superior. Não perca o homem essa causa elevada por simples recursos processuais lançados na arena pelos interêsses mesquinhos. Equilíbrio e sensatez, eis os envoltórios da verdade e da dignidade. Digna função esta, a do Espiritismo que dignifica a função do homem, fazendo-lhe também compreender a sua natureza divina.

A luta do homem com o próprio homem ultrapassou a sua primeira espectativa, semelhantemente às coisas dos países que passam a ser coisas do continente. Seguindo o curso da onda, as coisas do continente são coisas do mundo. ¿Será por esta razão que a outra humanidade chama tanto a atenção desta humanidade, feroz e fratricida?

O Espiritismo é um sistema filosófico. E, como todo o sistema filosófico, é fácil de refutar. O pior é que o Espiritismo é uma coisa de laboratório. Aqui já não quadra aquela atitude tão comum e tão fácil de negar. É esta, meus senhores, a tremenda realidade do Espiritismo que nós possuímos, nestes transes difíceis que a humanidade atravessa.

¿Podereis, então, explicar, como eu explico, porque temos uma teia entre as mãos?!...

A MORTE

Morrer é tão fácil e simples, como o adormecer e o despertar. O nosso corpo etéreo escapa-se do corpo físico, levando consigo a mente e nós despertamos noutro meio, onde encontramos os amigos e os que connosco entretiveram relações, prontos a ajudar-nos e a instruir-nos na nova vida. A morte é apenas a separação entre êsse corpo ou estrutura etérea e o corpo físico. Êste volta para a terra; aquêle, dirigido pela mente, continua a agir no mundo etéreo, o qual, com e sem o físico, ainda não podemos avaliar, visto nos acharmos circunscritos no corpo perecível. O grau da nossa visão e do nosso tacto é muito restrito para apreciar vibrações mais subtis.

J. Artur Findlay

DO ALTO

NOVAS EXORTAÇÕES

por Repec-Siam

Comunicação recebida psicograficamente em 35 minutos no dia 12 de Abril, na presença da Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor, à qual foi destinada.

A todos vós, que acudistes ao meu chamamento, muito e muito obrigado.

A hora que passa é das mais difíceis para tôda a humanidade. Por isso, é necessário criar obstáculos à onda avassaladora de desânimo que invadiu alguns, à onda de revolta que assaltou outros e à inércia da maioria, os quais, semelhantes a burros de carga prestes a sossobrar, não dão conta dos perigos que os ameaçam.

O Espiritismo veio na hora própria, porque só a nossa filosofia tem raízes numa ciência racional e científica. As demais filosofias estão cheias de retórica inconsistente apoiada em metafísicas e coisas obsoletas.

Sendo assim, todo aquêle que uma vez encarou a luz, tem o indeclinável dever de trabalhar para a seara e quando, por qualquer motivo, o não possa fazer, deve apoiar os que o fazem, sem outro intuito que não seja o de ver progredir uma doutrina que redimirá os homens, não a exemplo da redenção que as igrejas preconisam, mas pelo trabalho e pela expiação de erros passados. Portanto, o caminho é um só e quem quiser tergiversar, quem quiser seguir por atalhos, já sabe que não segue bem.

Isto vem a-propósito do que se tem passado nas associações espiritas do vosso país. Os obreiros são poucos e, dêsses poucos, alguns há que são combatidos, que são caluniados, como se para trabalhar na nossa seara fôsse absolutamente necessário possuir as virtudes dum justo, dum santo, além das naturais qualidades de trabalho do homem. Como ninguém pode alterar o ritmo das coisas, temos que aceitá-las como elas são e caminhar baseados nesta realidade.

O Centro, — já vo-lo disse — está sendo vitima da maior intriga que se pode imaginar. Fôrças daqui mancomunam-se com outras daí, no sentido de vibrar terrivel golpe no maior baluarte dos que em terras portuguesas elevam a Doutrina. O obstáculo a opor a tão maus pensamentos é fácil de levantar. Basta que todos se unam na mesma idéia. Basta que fechem os ouvidos à calúnia e à mentira, porque o pudor já não encontra lugar nas almas torvas que empreendem tais desmandos .

Os dirigentes do Centro Luz e Amor, bem como todos aquêles que se interessam por êle, já tiveram um exemplo do que pode a maldade, quando encontra agentes sem escrúpulos. É preciso, pois, que se evitem escândalos, os quais, a continuar, deitariam a baixo todo o esfôrço dispendido nestes últimos tempos.

Pelo fruto se conhece a árvore e crêde, irmãos, que não há outra medida de aferição mais exacta e verdadeira.

Sejam quais fôrem os trabalhos prestados ao Ideal, sejam quais fôrem os diplomas e demais pergaminhos que alguns apresentem, isso de nada valerá, em face da acção nefasta que êsses mesmos estão produzindo.

Pelo fruto se conhece a árvore, repito. Assim, todo aquêle que não olha a meios para conseguir os fins e que já mostrou do que é capaz, quando a cegueira o arrasta, deve ser isolado e afastado, para que trabalhe quem pode e quer e sabe trabalhar.

* * *

Neste campo, todos os elementos devem ser aproveitados, visto que a obra necessita de todos os obreiros, ainda os mais humildes; mas aquêles que se transviaram, cometendo acções, como as que fôram presenceadas neste Centro e noutras colectividades, devem ser vigiados e afastados, já que não podemos modificar ninguém, dum momento para o outro.

Meus amigos, atendei no que vos digo: O Mal quer suplantar o Bem. Os homens tentam equilibrar-se em falsos tranpolins, sem saberem para que lado se hão de virar.

Os luminares vigiam, mas a onda não poupa ninguém. A torrente de maldade vai

penetrando nos tabernáculos e o Espiritismo não podia fugir ao estravazar da onda.

Uni-vos, pois, contra as armas traiçoeiras da intriga. Defendei o que vos foi confiado. É mais fácil defender o que já está erguido, do que recomeçar.

O Centro Luz e Amor é uma fôrça. O Centro Luz e Amor é um luzeiro. Usai essa fôrça e embebei-vos nessa luz, espalhando-a aos quatro ventos.

O Centro Luz e Amor é um tabernáculo do Senhor. Praticai nele a caridade, aliviando os desgraçados que aí afluam, e iluminai tôdas as almas errantes que por êste espaço enorme andam a praguejar, sem uma estrêla que as guie.

Tudo o que êste centro é susceptivel de produzir depende da maneira como o souberdes orientar. Em vez do Bem, só produzirá o Mal, se derdes ouvidos à intriga que tudo enegrece e deturpa, não obstante os actos puros que se pratiquem.

Vós já conheceis a fôrça dos que vos atacam. Não é necessário insistir. Mas sempre vos direi que não conteis com rasgos de justiça e de bom-senso dos que vos perseguem. Não conteis com a sua caridade, porque, encegueirados como se encontram, não verão o lodaçal em que cairam.

Abri os olhos e vêde o panorama que o Espiritismo vos apresenta: dissenções e coisas mesquinhas absorvem á actividade de quem devia trabalhar.

Daí, pois, o vosso apôio a quem trabalha, a quem deseja singrar nesse mar proceloso. A cada um, segundo as suas obras.

Bem sei que nem todos conseguirão produzir o que desejam; crêde, porém, que, auxiliando e apoiando quem trabalha, já prestais um grande serviço, um serviço meritório aos olhos dos Guias do Espiritismo Português.

* * *

O que aqui se passa é desolador. Dum lado, os espíritos dos recem-desencarnados, daquêles que encontraram o passamento, esfacelados no ribombar da metralha; do outro, a multidão daquêles que, há muitos anos, andam ao acaso, sem um pálido arrebol que lhes indique novas paragens.

A Terra apresenta um aspecto desolador: tudo em lama, tudo em trevas. Concorrei, pois, para essa obra redentora de que se fazem eco o Centro Luz e Amor e todos os que trabalham para o mesmo fim.

Transformai o vosso Centro numa oficina de trabalho e não deis ouvidos aos que ali pretendem espalhar a sizânia, arrastando os humildes, com palavras empoladas. Não deis ouvidos àquêles que se julgam os únicos competentes, os únicos fadados para mandar.

Não, irmãos e amigos. Estamos na época em que, quem manda, é quem mais trabalha. Portanto, o Centro Luz e Amor está na razão.

Perdoai, se não soube falar-vos melhor e expor mais claramente o meu pensamento; bem sabeis quão difícil é para um espírito manifestar as suas idéias através de terceiros. É preciso que aí se conte com as dificuldades que encontramos na comunicação. E a-propósito, quero referir-me a um facto recente e que, parecendo não ter importância, tem, na realidade, muita. Foi o caso de se exigirem provas da vossa médium, a-fim-de convencer determinada pessoa acêrca da veracidade dumas comunicações. Trata-se de infantilidades fora de tôda a discussão elevada.

¿Como pode um espírito dar provas dessas, através de médiuns incipientes, de médiuns que quando transmitem as nossas idéias já fazem muito?

Se soubessem avaliar as dificuldades da comunicação, não se cometiam tantas faltas, que muitas vezes desacreditam a Doutrina. É preciso que vos compenetreis de que a comunicação connosco é qualquer coisa de difícil. Com êsses desgraçados que andam apegados à Terra, é mais fácil, mas creio que semelhantes comunicações nada vos adiantam, nem deveis dar crédito a quaisquer informações que êsses espíritos vos dêem, quando elas estiverem fora do âmbito dos mesmos.

* * *

Irmãos espíritas, que estais ainda na infância: é tanto e tão grande o que há para revelar, que a revelação que já vos foi concedida representa um simples grão da areia na imensidade planetária. Por isso, sempre que um espírito vos diga coisas mirabolantes a respeito do Além, guardai tôda a reserva, porque tudo será dito a seu tempo. Por agora, aproveitai o pouco que vos é dado, mas verdadeiro. Aproveitai-o.

Causa tristeza o que se passa em muitos grupos. É deveras lamentável que no próprio seio do Espiritismo se faça contra-propaganda, atribuindo paternidade anónima a certas comunicações. Mas, a-pesar-de tantos abro-

CARTA AOS CONFRADES DE LISBOA

por Henrique Magalhães

É com viva satisfação que envio aos irmãos de além-mar a mais afectuosa saüdação, na hora amarga que atravessa o Mundo.

Terras áridas (a nossa pátria) para implantação do cristianismo primitivo, ou seja o Espiritismo, necessitam, por isso mesmo, de homens de inteligência forte e boa vontade para cavar o solo duro, adubá-lo e lançar à terra a boa semente, a qual frutificará a seu tempo.

Êsse trabalho é de difícil execução. As consciências, na sua quási generalidade, estão embrutecidas, pela falta de estudo do Evangelho do Cristo, em espírito e verdade. É preciso um esfôrço sobrehumano, da parte dos lavradores dessas incultas terras, para despertarem os homens da apatia e do indiferentismo das coisas da alma, inoculando-lhes a nova seiva, através do Espiritismo nascente.

Para obter êsse resultado, é necessário que os novos levitas se armem de brandura e humildade, resignação e desprendimento das coisas do Mundo.

Os que não possuirem essas virtudes, pouco ou nada poderão produzir, levando-se em conta que o exemplo é o maior ensinamento.

Para êsse ponto chamo a atenção dos confrades de Lisboa, — se mo permitem, — pois, pela leitura da Revista de Espiritualismo, *de Junho do ano passado, verifica-se que divergências existem entre os precursores da Boa Nova, e isso pode transformar-se em pedra de escândalo. «Ai do Mundo, por causa dos escândalos; porque é mister que venham escândalos, mas ai daquele homem por quem os escândalos vêm!...»* (Mateus, Cap. 18; vers. 7).

Jàmais deviam vir a lume tais questiúnculas, as quais darão em resultado fornecer armas aos contrários, que sempre aproveitam os mínimos pretestos para rebaixarem o Espiritismo. Assim sendo, a melhor resposta em casos tais, é o silêncio, pois, quem se humilha, eleva-se.

A doutrina dos Espíritos é baseada na tolerância, caridade e amor. Essas três virtudes nos levam à fraternidade. Assim, cumpre-nos cultivá-las, para não desmerecermos o nome de espiritas; e mais razão têm de as possuir os que ocupam lugares de responsabilidade no seu seio.

Neste transe doloroso devemo-nos lembrar das palavras de Jesus, dirigidas aos discípulos, horas antes de ser entregue aos verdugos: «Um novo mandamento vou dou: Que vos ameis uns aos outros como eu vos amei. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos» (João, Cap. 13; vers. 34 e 35).

É para êste amor que convido os meus irmãos, perdoando-se mutuamente, trabalhando, cada um no seu sector, para o engrandecimento da obra, sem se molestarem, pois que, desta ou daquela forma, todos trabalham para o mesmo fim.

Que o Pai Celestial envolva a todos, na sua infinita misericórdia, dando-lhes Luz e Amor para o discernimento das coisas santas, é o que deseja o pobre irmão

HENRIQUE MAGALHÃES

---

lhos, de tantos obstáculos, o Espiritismo tem que singrar. E creio que o Centro Luz e Amor caminhará na senda que traçou. Creio que o apôio não faltará. Creio que os colaboradores não traïrão. Bem sei que os traidores estão em tôda a parte; mas, se entre vós aparecerem, como é natural, nem por isso fraquejareis, nem por isso abandonareis a marcha. Um soldado que cai, só por si não impede a vitória. O que é preciso é resistir, o que é preciso é vencer, sejam quais fôrem os ataques.

Vós não podeis usar armas que o Senhor não aconselha; por isso, usai só as que vos aponto: vigilância, resistência e saber fechar os olhos e os ouvidos à intriga, seja qual fôr o manto de paz com que se disfarce.

Meus irmãos, os tempos chegaram; e aquêle que não aproveitar o que tem, chorará lágrimas de arrependimento.

Resisti, pois, afastando os perturbadores, não fazendo caso dos que fraquejarem a meio caminho.

Espero que sabereis compreender as minhas palavras, ditadas com acrisolada fé. Obrigado pela vossa atenção.

Defendei-vos com armas cristãs! Sempre para a frente! Depois, tereis a recompensa.

M/Jun./42

ESPIRITISMO E TEOSOFIA

por Haydi de Tebelen

II

O último profeta de Israel, como nós sabemos, foi Jesus de Nazaré.

Jesus foi o médium divino por excelência, foi o maior inspirado de quantos o sôpro divino enviou à terra.

Decorreram séculos, e, ainda no Oriente, no misterioso silêncio que emana do deserto, nessa serenidade que se comunica à nossa alma, e nos transporta às regiões do sonho, Mohamede, o fundador do Islam, escreve o Corão.

Mohamede era pouco culto, e escreveu êsse monumento da língua árabe inspirado por um espírito que lho ditou. Êle escrevia em transe, com vertiginosa rapidez, o que vozes misteriosas lhe ditavam.

Quem se der ao cuidado de estudar o que fôram as primeiras assembléias de cristãos verificará que elas fôram verdadeiras sessões de Espiritismo.

Nas Epístolas e nos Autos dos Apóstolos, S. Paulo dá instruções aos fiéis sôbre as regras a observar nas reüniões culturais; S. João ensina a distinguir os bons dos maus espíritos. Santo Agostinho e S. Tomás d'Aquino, comunicavam com os espíritos — logo, eram médiuns.

O cristianismo também baseia as suas manifestações no Além-Túmulo.

Cristo em sua vida andou sempre rodeado duma multidão invisível, e depois da sua morte física, aparece aos seus discípulos.

¿O que eram «as vozes» que levaram Joana de Arc a desempenhar na história da França um papel tão pouco em harmonia com a sua modesta condição social? ¿Como explicar que aquela criança de 18 anos, absolutamente inculta, pudesse colocar-se à frente da côrte de Carlos VII para o fazer coroar, e em seguida à frente de um exército e salvasse a sua pátria, ela que nada conhecia de política, nem de estratégia militar?

¿Como se explica a proficiência com que Joana respondia aos juízes, a ponto dêstes terem conferências para estudarem as suas réplicas?

A Donzela de Orleans tem a consciência da missão sublime que desempenha, e faço minhas as palavras de Léon Denis, quando afirma:

«A vida de Joana de Arc como médium e missionária, seria sem igual na história se não tivesse havido antes dela o Mártir do Calvário».

Ouçamos o que ela diz em face da morte, iluminada pelo clarão dum outro mundo, mais justo que aquêle que a estava condenando.

«Eu amo a Igreja e sou bôa cristã. Mas quanto às obras que tenho feito e à minha vinda devo confiar-me ao rei do Céu que me enviou. Eu vim da parte de Deus e dos santos e das santas do paraíso, da Igreja vitoriosa lá de cima, e por sua determinação; a essa Igreja submeto todos os meus actos e tudo o que tenho feito ou vou fazer».

E o místico Nuno Álvares Pereira, nos seus êxtases, tinha as intuïções precisas, matemàticamente exactas, sôbre as vitórias que sabia iria alcançar também para o engrandecimento da sua pátria.

É que a Virgem de Orleans e o Santo Condestável, sendo dois iluminados, eram conseqüentemente possuïdores de extraordinárias faculdades psíquicas, entre as quais a mediunidade indispensável para receberem directamente as instruções que lhes eram dirigidas pelo Astral Superior.

Assim se confirma o que no mesmo sentido nos diz o padre Le Brun: «As almas que desfrutam a bem-aventurança eterna, abismadas na contemplação da glória de Deus, não deixam de se interessar pelo que respeita aos homens cujas misérias suportam; e, como atingiram a felicidade dos anjos, todos os escritores sacros lhes atribuem o privilégio de poderem, sob corpos etéreos, tornar-se visíveis aos seus irmãos que ainda se encontram na terra, para consolar e lhes transmitir as suas vontades».

O que era o dom ou poder sobrenatural de Ana-Catarina Emmerich, de que nos fala

a Igreja Católica, pela pena autorisada do Cardial Gibbons, arcebispo de Baltimore, quando afirma: «Não tenho conhecimento de revelações tão ricas, tão profundas, tão maravilhosas e surpreendentes no seu género, como as da piedosa Ana-Catarina Emmerich. Descreveu a vida e morte de Jesus e de sua Mãe, assim como de vários santos. Era, além de extraordinária vidente, grande curadoura».

Nuno Álvares Pereira, Joana de Arc e Catarina Emmerich não estudaram Teosofia. Concedeu-lhes Deus as faculdades naturais que os dois primeiros utilizaram ao serviço das suas pátrias, e a última ao serviço do Cristianismo. Aquêles que vêm à Terra com o dom da mediunidade, devem praticá-la também em auxílio dos seus semelhantes, seja ao serviço da Ciência transmitindo ensinamentos e demonstrações, como Florence Cook, e ùltimamente de dois médiuns checos receptores de rádio, como os que praticam a caridade física, sendo médiuns curadores, ou a caridade espiritual, auxiliando a esclarecer aquêles que se encontram na perturbação, no Além, e ainda quando mitiga a dôr e a saüdade entre entes queridos que se encontrem separados nos dois mundos: o visível e o invisível.

¡Quanto amor, quanta caridade nas diversas modalidades da mediunidade!

A Igreja Católica de hoje reconhece o alto valor da mediunidade, e santifica aquêles que ela cobre com o seu manto, como Joana de Arc, Nunálvares, Catarina, etc.

O cardial Bona afirmou que: — «É motivo de estranheza que se possam encontrar homens de bom senso que tenham vindo negar, em absoluto, as aparições e as comunicações das almas com os vivos, ou atribuí-las a uma fantasia da imaginação ou á arte do demónio».

É pois de estranhar que no mundo profano, e em especial no meio teosófico, os médiuns sejam classificados de loucos. Já vimos que a mediunidade, longe de levar à loucura, cura-se e ela serve também de elemento condutor para altos espíritos virem até junto de nós, auxiliar-nos no pesado fardo que arrastamos na terra.

Voltando à Teosofia, dá-nos ela o lado teórico, místico ou cientifico, segundo o temperamento d'aquêle que por ela enveredou.

O Espiritismo apresenta-nos as provas da reencarnação. Explica-nos, ensina-nos a razão do nosso Karma, e sempre a Misericórdia Divina nos envia alguém para nos acalentar nas horas dolorosas da existência.

¿Quantos desesperados devem ao Espíritismo a sua salvação pelo encontro com um ente amado que lhes provou a sua existência no Invisível, e lhes indicou o caminho na terra, e os arrancou ao desespêro, à dúvida, e à descrença?

Eu sei que, ao que acabo de expor, os nossos irmãos teósofos argumentam ainda, dizendo que a mediunidade apresenta pontos antipáticos em extremo, tais como: — A passividade ou *renúncia da individualidade* do médium, e a *incerteza da autenticidade das comunicações.*

À primeira objecção direi que o médium exerce a sua mediunidade de motu-próprio, pois que a sociedade não obriga a ser médium. Nestas condições, oferecendo as suas qualidades mediunicas aos espíritos, faz uso do seu *livre-arbitrio.*

Além de que há pessoas, e eu conheço algumas, cujo estado de saúde necessita da prática da mediunidade. O contrário leva-as a doenças que os médicos consideram «incuráveis». Logo, há «alguma coisa» que obriga essas pessoas a cederem e a colocarem-se ao serviço do Mundo Invisível. São missões que têm de se cumprir, porque são ordens do Alto.

Quanto à incerteza da autenticidade das comunicações, direi que ela depende de nós próprios, fornecendo aos espíritos um ambiente propício às suas manifestações:

1.° — Se o médium fôr pessoa de bôa moral, procurando ou possuíndo elevação espiritual e a sinceridade indispensável ao cumprimento da sua missão, êle será sempre assistido por um Guia forte do Astral Superior.

Êste guia o rodeará de protectores, e dirigirá os seus trabalhos, tendo a fôrça precisa para impedir que o Astral inferior nêles venha imiscuir-se causando perturbações ou fraudes.

2.° — Os assistentes das sessões deverão acompanhar o médium quanto possível nos mesmos princípios, afim de criar a necessária corrente de homegeneidade para que os bons espíritos se possam manifestar. Só assim se evitam as fraudes.

Na Teosofia passa-se algo de semelhante. Para que uma concentração dê o resultado necessário é indispensável que todos os seus componentes pratiquem as mesmas regras.

Notas & Comentários

Personalidade...

Há no Espiritismo três ou quatro papagaios que repetem velhas árias, sempre empoleirados no mesmo nicho e obedientes à mesma ordem de comando... Essas almas-de-cântaro não admitem a personalidade, que distingue os homens uns dos outros. Para êles e para os seus mentores espirituais, ter personalidade é ser exclusivista, é ser violento. É mais ainda: É fazer-se obedecer por elementos passivos, sujeitos a estranhas leis biológicas...

De nós dizem êles que cultivamos a personalidade. E por isso nos atacam, e por isso desvirtuam as nossas melhores intenções.

¿Temos uma idéia razoável, útil à colectividade? Conspiração do silêncio.

¿Cometemos um êrro ou uma simples inadvertência? Cái-nos em cima o Carmo e a Trindade.

¿Fazemos triunfar uma tese, em concorrência com outras mais ou menos valiosas, mais ou menos oportunas? Aqui-del-rei que temos personalidade, a tal personalidade que êles não toleram.

E entram em acção os papagaios, os paroleiros, os verborreiros mal afiambrados, de relambórias atitudes... Obedecem a fôrças ocultas, cuja «chave» ficou à vista de tôda a gente. História de «gato escondido»...

Nós compreendemos uns, e outros — despersonalizantes e despersonalizados. Sabemos que espécie de receio os inquieta. Conhecemos-lhe a inteligência e o carácter. E procedemos segundo a consciência, harmonizando actos e palavras, procurando impor o Ideal pelo exemplo.

Temos personalidade? Ai de nós, se a não tivéssemos. Seríamos como os fungões, que se desfazem em pó, reduzidos a películas que o tempo inutiliza e destrói.

¿Porque nos atribuem personalidade? Que vem a ser personalidade?

Eis como Salazar a define, no seu notável discurso de 25 de Junho:

«A personalidade afirma-se por qualidades próprias, por vocações decididas, por serviços marcantes, pela forma inconfundível de pensar, de sentir, de actuar na colectividade, através de idéias, de fórmulas, de novas soluções. A personalidade não receia o estrangeiro ou o importado, porque não o copia, nem se lhe escraviza, tudo fazendo passar por êsse cadinho misterioso que é a alma dum povo; aproveita tôda a contribuïção útil ou conquista realizada, não como quem descansa em tarefa alheia, mas como quem se inspira e recebe incentivo para trabalho seu».

Se os papagaios, verborreicos e paroleiros nos atribuem semelhantes qualidades, só temos que lhes agradecer, reverentemente.

Em bôa verdade lhes dizemos que mais vale ter personalidade, do que ser acanhado e inepto como João Peança...

Afinal, somos quem somos, com personalidade ou sem ela. Ninguém pode acrescentar um côvado à sua altura. E se não partilhamos do «morra homem, fique fama», lembramo-nos muito bem que «dos fracos não reza a história»...

Onde está ela?

Nunca, como agora, o Espiritismo teve mais desenfreados inimigos. Nunca, como agora, êsses inimigos se desmascararam, quer nas intenções, quer na fraseologia, através de campanhas repugnantes e jesuíticas.

Falhos de autoridade moral, descem aos mais indignos expedientes. Misturam tudo, baralham tudo, deturpam tudo, aferrados à *ordem* que os manda abdicar do raciocínio e aceitar como bôa a *fé imposta*.

As *Novidades* são o arauto dêsses inimigos. Em nome do Cristo, agridem e caluniam. Em nome do Cristo, falseiam a verdade. Em nome do Cristo, promovem tenebrosos conluios, onde *executam* em efígie os que não pertencem à mesma confraria ou não comem na mesma gamela.

E no meio desta celeuma, única na história do Espiritismo, sai-nos da pena esta ingénua pregunta:

—¿Onde está a Federação Espirita Portuguesa? Onde está ela, que não esboça um

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

A alma dos animais

The Greater World publicou há tempos um artigo do coronel Esquirol, em que se demonstra que certos fenómenos psíquicos são extensivos aos animais.

— ¿Os cães podem ter o pressentimento da própria morte?

— Podem — responde o coronel — baseado no seguinte caso divulgado pela revista francesa *Psychica* e que levamos ao conhecimento dos leitores:

«Sou um grande apaixonado pela caça. O meu jovem amigo Paul H. tinha um lindo cão chamado Perdreau, com cêrca de quatro anos de idade.

«Há duas semanas, fomos os dois à caça. Dias depois, Paul chegou muito cêdo a minha casa. Vinha com sua mãe, em cuja propriedade se realizaria a nova caçada. Esta senhora era muito sensível e muito observadora das praxes religiosas. Eis o que ela me disse, logo que me cumprimentou:

— Não sei o que acho no nosso cão. Como sabe, quando êle compreende que vai partir para a caça, fica excitadíssimo, ao contrário do que hoje sucedeu. Ao fazermos os preparativos usuais, meteu-se no canil do jardim e não respondeu ao chamamento de meu filho. Teve que vir dentro do carro. Contudo, Perdreau está de perfeita saúde. Nunca o vi proceder assim.

«Olhei para o cão e acariciei-o. Êle nem sequer moveu a cabeça. Então, disse a madame H.:

— Realmente, é extraordinário!

O articulista confirma, a seguir, a enormíssima excitação do animal, ao mais leve sinal de preparativos de caça. Ladrava furiosamente e saltava de alegria, até que tôda a bagagem estivesse pronta. Depois, acrescenta:

«Chegámos à herdade às nove horas. Meia hora depois, começou a caça às perdizes. Às onze começou a chover e ficámos encharcados até os ossos, pelo que decidimos regressar à casa da herdade. Ao passar num campo de forragens que nos separava do caminho, ouvi um tiro e, a seguir, o latido do cão. A princípio, julguei que se tratasse da perseguição a qualquer lebre ferida, mas depressa compreendi que Perdreau gemia agonisante. Os uivos tornaram-se cada vez mais fracos, até que cessaram completamente.

«O jovem Paul correu para o animal e gritou muito comovido:

— Matei o meu cão!

«O meu amigo explica, então, que julgara ser caça escondida entre as plantas e que o cão se encontrava atrás dêle. Ficou tão consternado que até chorou. Sua mãe também ficou muito penalizada.

«Como é que o animal teve tão forte pressentimento? Não posso responder categòricamente; por isso me limito a expôr os factos, na sua clareza impressionante».

Psychic News também contou há poucos mêses um fenómeno bem curioso que nos leva às mesmas conclusões do coronel Esquinol.

Um dia, a senhora Howels, médium vidente, conversava com um rapaz que a fôra visitar e a quem disse que via um cão negro muito bonito.

— Deve ser o meu — respondeu o rapaz.

---

gesto, uma atitude? Ter-se-ia escoado por algum alçapão de mágica?

E, como o poeta da cantiga,

> Falo, ninguém me responde...
> Olho, não vejo ninguém!...

Ora, onde está! Hibernou ou encontra-se em estado comatoso, à espera de que um *cadáver* a tire de maus lençóis, dando os *ossos* ao manifesto. Um *cadáver* a empunhar o bastão de comando que os *marechais* abandonaram é qualquer coisa de inédito que leva às conclusões mais interessantes...

— É muito bonito e tem ganhado muitos prémios.

A médium informou que o cão tinha morrido, mas o rapaz não acreditou, afirmando que o cão estava bem vivo, pois ainda na véspera recebera carta de sua mulher, em que falava no animal.

No dia seguinte, porém, recebia nova carta da mulher, anunciando-lhe que o cão fôra morto pela sogra, por esta julgar que êle tinha mordido uma criança.

A aparição anunciara ao dono a morte do seu fiel amigo.

Há muitos exemplos que revelam a existência do princípio pensante nos animais. Na canhoneira *Lima*, que estacionou em Macau de 1907 a 1909, havia um interessante perdigueiro chamado *Gabiru* e pelo qual a guarnição tinha a maior estima. Não sabemos por que artes ou processos o animal foi amestrado, o certo é que aprendeu a contar até 12.

Quando a carne entrava para bordo, o bom do *Gabiru* aproximava-se da cozinha e ali permanecia em expectativa, até que um dos marinheiros incumbidos da distribuïção cortava um naco, passava-o pelas brasas e o dividia em 10 ou 12 bocadinhos, colocando-os em fila sôbre o convés.

— *Gabiru*, come dois bocados.

E o simpático animal comia dois bocados.

— *Gabiru*, come mais três bocados.

E três bocados desapareciam, imediatamente, nas suas goelas.

E assim sucessivamente, até comer tôda a carne escolhida para o efeito.

Se lhe mandavam comer só dois ou três bocados, comia-os, lambia-se... olhava para o resto... mas não lhe tocava.

Não roubava coisa alguma, sendo o que se poderia chamar um clássico «Fiel»...

Gabiru era dotado de grande espírito de observação. Sabia quando a maré enchia ou vazava. Às vezes, fugia para terra e quando sentia necessidade de regressar não tinha grandes preocupações: saltava para o primeiro «tankar» conhecido, dos que faziam serviço para o navio, e esperava que êste fôsse a bordo. Se a embarcação demorava a sair, atirava-se ao rio, mas sempre a favor da maré, para fazer a travessia com menor esfôrço. Muitas vezes surpreendiam o cão na margem, a olhar para a água, como quem está a calcular, lançando-se, finalmente, ao rio. Quando chegava ao portaló da canhoeira, começava a latir, pedindo auxílio.

Que dizem os leitores a êste *Gabiru*? Não será mais admirável do que muitos gabirus de dois pés que, infelizmente, todos nós mais ou menos temos conhecido?

Animais, nossos amigos! Para êles deve ir tôda a nossa estima e simpatia. (1)

Estranha operação cirúrgica...

São tantos os fenómenos comprovativos da existência do mundo invisível, que não há direito de fechar os olhos para não vêr.

The Greater World de 2 de Setembro de 1939, insere um pequeno artigo de Miss Jane Menzies, presidente da Missão Light Within, de Brooklin, em que descreve uma operação cirúrgica de que foi objecto e levada a efeito por médicos do invisível:

«Durante o mês de Julho dêste ano — escreve Miss Jane — fui submetida a uma experiência física pelos que vivem no Além. Tratava-se do início duma operação renal.

«Levara muitos mêses a sofrer horríveis dôres, a-ponto-de interromper a minha labuta diária. O mais leve esfôrço era muito pesado para mim, de modo que tive de recolher à cama. No princípio de Julho, encontrava-me, portanto, retida no leito; e um dia, por volta das doze horas, senti que ia mergulhar em profundo sono, embora mantendo a consciência do que se passava em tôrno de mim.

«Senti-me transportada para uma marquesa e verifiquei que me submetiam as costas a delicada intervenção cirúrgica. Médicos e enfermeiras cuidavam do meu rim esquerdo, espremendo-lhe ràpidamente o pús e concluíndo o seu trabalho sem proferir uma palavra. Foi experiência que nunca esquecerei.

«Fiquei imensamente impressionada e tive de adoptar as maiores precauções, visto que o outro rim se encontrava muito afectado e teria de sofrer igual tratamento, antes da necessária operação.

«Ao despertar do meu sono, vi que os espíritos curadores tinham levado mais de três horas no grato esfôrço de me restabelecer.

«Quando me levantei, notei ainda muitas dôres no rim direito, mas o esquerdo, que sofrera a operação durante o sono, encontrava-se no estado normal e assim continuou».

(1) Êste caso foi-nos contado por uma testemunha ocular que nos merece tôda a confiança.

Por êsse mundo...

Esta sucedeu a Mark-Twain...

O caso passou-se em 1858. Mark Twain teve um sonho tão vivo que, ao despertar, julgou que os episódios se haviam desenrolado na vida real. Sonhara que seu irmão Henrique jazia num ataúde de metal muito característico. No peito do morto, via-se um ramilhete de rosas brancas com uma rosa vermelha no meio. Mark Twain estava tão convencido da realidade da cena, que se vestiu imediatamente, dirigindo-se para o local onde seu irmão estava morto. Só após cinqüenta metros de caminhada se convenceu de que tudo aquilo fôra um sonho.

Duas semanas depois, a embarcação fluvial «Pensilvânia», em que Henrique viajava, foi destruída por uma explosão. Henrique sofreu queimaduras mortais.

Quando Mark Twain entrou na habitação onde o cadáver do irmão havia sido depositado, notou que tôdas as vítimas do acidente tinham sido colocadas em caixões de madeira, à excepção do irmão, que estava num de metal. Assombrado, dirigiu-se para o féretro, a-fim-de comprovar se, como vira em sonho, o corpo do irmão tinha no peito algum ramilhete de rosas brancas com uma rosa vermelha no meio. O ramilhete não existia. Contudo, enquanto ali permanecia, viu acercar-se uma velhinha com um ramo de flores brancas, vendo-se uma única rosa vermelha no meio, e que colocou no peito do cadáver.

De «Constância»

Director de orquestra de onze anos idade

Lorin Maazel, de onze anos de idade, dirigiu em Nova-York a Orquestra Sinfónica de Verão, precisamente a mesma orquestra que Toscanini converteu numa das melhores do mundo. Antes do primeiro ensaio sob a direcção de Maazel, os músicos da orquestra chalaceavam entre si, preguntando-se se o concerto seguinte seria dirigido por uma foca amestrada. Mas não zombaram mais. O menino-prodígio possuía dotes singulares, entre os quais o de conhecer de cór vinte e duas partituras sinfónicas, sem ter de recorrer ao texto, a não ser para citar, com exactidão, o número dalgumas partes em que elas se compõem.

Antes de Maazel, só Mozart e Fritz Reiner souberam dirigir com proficência uma orquestra para adultos. E Maazel demonstrou capacidade muito superior à que podia qualificar-se de «muito boa para uma criança». Com grande compreensão e talento musical, dirigiu a «Abertura do Rienzi», de Wagner, a «Sinfonia Italiana», de Mendelssohn, e uma obra escrita por uma sua amiguinha, Dika Newlin, quando tinha nove anos de idade.

Lorin Maazel nasceu em Neuilly, próximo de Paris, de pais norte-americanos. O seu progenitor era um professor de canto e levou-o a Los Angeles, onde Lorin aprendeu a tocar piano e violino. Interessou-se pela música sinfónica, quando seu pai lhe ofereceu uma partitura de Haydn, há cêrca de quatro anos. Foi quando o levaram a Vladimir Bakaleinikoff, director da Sinfonia de Pittsburgo, o qual lhe começou a dar lições e continua a ser seu professor.

Nos últimos três anos, Lorin Maazel dirigiu sete orquestras, a melhor das quais, sem falar na Orquestra Sinfónica da National Broadcasting, era a Filarmónica de Los Angeles.

De «La Nation»

Explicação necessária

Constando que alguns indivíduos, sócios e não sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor, se estão a servir do nome desta colectividade para atingir objectivos estranhos, declara-se que a ninguém foram outorgados poderes ou dadas credenciais para defender o Centro em pleitos ou assembléias que, porventura, venham a realizar-se.

A direcção do Centro é a única entidade competente para tratar e resolver todos os assuntos que se prendam com a vida desta agremiação.

A DIRECÇÃO DO CENTRO E. LUZ E AMOR

O descobrimenfo do homem

Com ingenuïdade assombrosa, ou coisa parecida, o conhecimento escolástico pretendeu apreender a essência do homem pelos caminhos periféricos da sua fisiologia, como se êste fôsse um mecanismo que tivesse o dom de gerar idéias, vontade, sentimentos e demais valores espirituais. E, nesse sentido, a cultura do mundo civilizado dirigiu o destino da humandade, sem notar que estava cega e que o homem ainda não tinha sido descoberto, a-pesar das suas manifestações visíveis no mundo exterior.

Só agora, que a psicologia transcende os limites do imanente, na esperança de alcançar as regiões da substância cósmica, de que partem todos os princípios, o homem começa a esclarecer-se, mostrando algumas facêtas do seu conteúdo espiritual, cujo destino assinala à humanidade outros meios de existência e outros pensamentos.

A profundidade espiritual do homem, em que se terão de basear os verdadeiros pensadores, é que contém as futuras formas de civilização e não o seu exterior efémero e transitório que dá corpo à cultura escolástica tão cheia de fealdade e injustiças e que hoje provoca crises na dor e na tragédia.

O homem deve ser descoberto. Suas manifestações morais são formas parciais do seu verdadeiro ser. A investigação fisiológica não alcançou tão alta conquista. Podemos dizer, então, que o Homem deve ser procurado pela investigação espiritual, mas não pela que se conforma com os métodos vagos, hipóteses e promessas, mas para que possa dizer: «Eis a verdade sôbre o homem».

Esta missão de pesquisa corresponde ao pensamento espirita, porque seus vôos poderão sulcar mares desconhecidos, onde outros certamente sossobrariam.

As velas espiritas serão enfunadas por dois ventos: os do mundo material e os do mundo invisível. Mas esta embarcação que há de descobrir o homem precisa e merece intrépidos navegantes e decididos capitães que se não assustem com os abismos do mar, nem com os furores da borrasca. Descobrir o homem é organizar a humanidade em novas bases sociais e outra carta geográfica espiritual do planeta. Por isso, vale a pena fazer-se navegador, fiel à verdade e confiando no homem que se vai descobrir.

De «La Idea»

Noticiário

Referências e transcrições

A *Gazeta do Sul* referiu-se em têrmos penhorantes à nossa revista, o que muito agradecemos. Esta referência é tanto mais valiosa, quanto é certo provir dum semanário, cuja orientação e aspecto literário o colocam na vanguarda das publicações congéneres, quer portuguesas, quer estrangeiras.

Região de Leiria continua a inserir artigos do nosso colaborador Faure da Rosa, sob o título: «O inverosímil... acreditável». Transcreveu também de *Estudos Psíquicos* «Uma cura interessante», «Fenómenos inexplicáveis» e «Um caso excepcional». Gratos pelas transcrições feitas.

Psychic News, de Londres, transcreveu as informações que demos acêrca do número de espiritas existentes no Brasil, segundo o último censo da população, referindo-se igualmente às obras sociais dos nossos confrades cariocas, avultando entre elas a construção do Hospital Pedro de Alcântara, num dos melhores sítios do Rio de Janeiro.

Grupo de curas «Reper-Siam»

Apesar de havermos desdobrado êste Grupo, que passou a trabalhar às terças e sextas-feiras, é cada vez maior a afluência de doentes desiludidos da medicina.

Sabemos que há pessoas bem intencionadas que se admiram de não tornarmos extensivos a tôda a gente os tratamentos ministrados no Centro Espiritualista Luz e Amor. Esquecem-se, porém, de que, se admitíssemos doentes *não sócios*, os *sócios doentes* não teriam vaga, quando necessitassem de tratamento. E, assim, verificando que os extranhos tinham maiores direitos que os sócios, estes acabariam por «requerer» a sua eliminação, afim de auferirem melhores benefícios...

¿Não acham interessante o paradoxo?

E o Centro prestes ficaria sem sede e sem doentes, reduzido à expressão mais simples que se pudesse imaginar.

Os grupos de curas organizaram-se com o fim de dar ao Centro maior vitalidade. Desde que se reconhecesse perquirirem fim oposto, o melhor seria extingui-los, pura e simplesmente.

Esta dos doentes entrarem pela porta, à medida que os sócios saíssem pela janela, faz-nos lembrar, em deficiente comparação, aquêle matuto que vendeu a camisa e foi comprar o sabão... para a lavar...

Esperamos dar a conhecer, brevemente, alguns trabalhos de grande interêsse para todos, comprovativos da vantagem do magnetismo animal aplicado à terapêutica.

«Natura»

Visitou-nos há pouco a revista *Natura*, dirigida por Bonifácio Antunes e tendo como redactores Luciano Silva e Napoleão Gonçalves. Revista de saúde e educação física, apresenta-se cheia de boa vontade

e de idéias sãs, disposta a promover a difusão do naturismo, através de todos os meios ao seu alcance. O 1.º e 2.º número vêm muito bem apresentados. À nova publicação, cuja sede é na Rua de S. Bernardo, n.º 84, Lisboa, apresentamos os nossos cumprimentos com votos de longa vida e merecidas prosperidades.

Os que nos deixam

Pelo nosso consócio e amigo Ricardo Lino Correia, de Vila Real de Santo António, soubemos da inesperada desencarnação de José Narciso Vieira, de Lagos, um dos mais acérrimos propagandistas do Espiritismo em Portugal e que há pouco ainda fundara, com outros amigos, a Sociedade Espirita de Lagos, a cuja direcção presidia. Narciso Vieira, que abraçara o Espiritismo em circunstâncias dolorosíssimas, era um verdadeiro cristão, um verdadeiro espirita, chegando, por vezes, a dar a própria roupa que vestia para agasalhar os desnudados. Muita gente em Lagos se lembrará dum anónimo que, vivendo modestamente, metia sobrescritos por baixo das portas, levando assim o indispensável a irmãos mais necessitados. Êsse anónimo era Narciso Vieira, alma de eleição, que todos os confrades algarvios conheciam e veneravam.

Nós conheciamo-lo há muitos anos e muitos anos convivemos com êle. Era homem dinâmico, tão dinâmico, que chegou a dirigir cinco grupos espiritas, em dias alternados da semana, e concorreu para a normalização de muitos obsediados.

Editou a novela espirita «Nos dois mundos», recebida psicogràficamente pelo médium Quintinha e que nós tivemos ocasião de rever, em provas tipográficas. A maior parte dos exemplares foram distribuídos gratuitamente, pois Narciso Vieira nada queria do seu esfôrço de propagandista.

Há pouco mais de dois meses, esteve no nosso Centro. Sempre o mesmo optimismo, a mesma boa disposição de espírito, a mesma fé acrisolada, a mesma esperança no futuro da Causa. Quando saiu, tencionava submeter-se a uma operação cirúrgica. Ignoramos se o desenlace teria tido origem neste facto. Desencarnou com mais de setenta anos. Que êle encontre no Além as compensações espirituais duma vida terrena cheia de abnegação e altruísmo, são os votos de quem muito o admirou e lhe quis.

À Sociedade Espirita de Lagos, apresentamos os nossos protestos de solidariedade.

P. S. — Já depois de composta esta notícia, recebemos uma carta da Sociedade Espirita de Lagos, comunicando-nos a desencarnação de Narciso Vieira, motivada pela referida intervenção cirúrgica.

Assembléia Geral

Após terem sido remodelados os estatutos do Centro E. Luz e Amor, realizou-se em 30 de Junho a Assembléia Geral para efeito de eleições.

Foram eleitos por unanimidade os seguintes elementos, que passam a constituir os Corpos Gerentes, no triénio de 1942-45.

DIRECÇÃO

Isidoro Duarte Santos, Joaquim Estêvão Rodrigues, Ernesto de Macedo, Rufino Augusto Lopes Bragança e Damião Teixeira.

COMISSÃO DE CONTAS

João José Alves, António Alexandre e Joaquim Borges de Meneses.

ASSEMBLEIA GERAL

Sebastião Elviro Martins, Fernando da Cruz Ferreira, João José Pilar e Amadeu Alves Diniz.

SUBSTITUTOS

José Augusto Faure da Rosa, Henrique da Silva Horta, Eurico de Castro Graça Zuzarte, Guilherme Miguel Afonso, Mário Alpoim de Azevedo e Joaquim Dias.

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

J. de Azevedo	100$00
Dr. Fred	55$00
Manuel de Araújo	15$00
Total	170$00

As nossas conferências

O nosso Centro continua a animar-se, mercê do concurso de bons amigos, sempre dispostos ao auxílio espontâneo e desinteressado.

Nos últimos dois meses, realizaram-se as seguintes conferências: «Espiritualismo místico ou científico?», pelo Dr. Fred; «Fenómenos espiritóides», pelo coronel Faure da Rosa; «O Espiritismo emancipador da mulher», por Yvone de Sousa. Tôdas elas foram concorridas e demonstraram claramente a existência dum veemente desejo de progresso que estimula e impulsiona os dirigentes desta Casa, alicerçada sôbre a rocha de convicções inabaláveis. Tôdas as conferências agradaram, especialmente a última, que tratou da obra da mulher através dos tempos e que será publicada oportunamente.

Férias

Durante os meses de Agôsto e Setembro próximos, ficarão interrompidos os trabalhos oficiais do Centro.

Programa dos trabalhos do Centro no mês de Julho de 1942

Dia 12, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 19, às 16 horas — Conferência pelo capitão José Gonçalves Losa, intitulada «Os habitantes do mundo astral».

Dia 26, às 16 horas — Sessão experimental a cargo do grupo *Allan Kardec*.

Um pedido

Leitor amigo: Se leres em jornais profanos qualquer coisa referente a Espiritismo, agradecemos que no-la envies, não esquecendo de mencionar a data e o nome da publicação.

Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO — ISIDORO DUARTE SANTOS

ANO 3.º LISBOA, JULHO-AGOSTO DE 1942 N.º 18

ESPIRITUALIDADE

INFLUÊNCIAS DIVERSAS DO SENTIMENTO

por De Veritas

CONFUNDE-SE trivialmente espírito com inteligência, como se confunde a razão com o entendimento; ora, pelo que tenho aprendido nesta minha vida, permito-me fazer certa distinção. Duas funções diferentes vejo na inteligência: a do «entendimento», ou seja o poder de apreensão daquilo que se observa, pelas impressões que despertam a actividade cerebral — esta nasce sempre de impressões — e a função de reflectir, de discorrer, sôbre o que o entendimento apreendeu, e esta pertence à «razão», que em regra só vem com a idade, — duas funções que nem sempre andam a par. Na minha longa vida consagrada ao ensino, — a ensinar também se aprende — freqüentemente observei que, entre os meus discípulos, nem sempre raciocinavam com inteireza e prontidão aquêles que mais ràpidamente o entendimento apreendia aquilo que ao cérebro de fora chegava, — e daí concluo que, na actividade mental, o primeiro trabalho é o de tomar conta de tudo que ao cérebro vem, seguindo-se-lhe o trabalho que pertence à «razão», — função esta a mais importante da inteligência.

Na intelectualidade há ainda a considerar a «intuição», que só excepcionalmente da imaginação participa, e que, quando chega à verdade real, atinge o poder máximo do trabalho mental, — aquilo a que chamamos «génio».

¿Qual o mecanismo por que essa função desperta, o mecanismo da sua formação?

Freqüentemente, está ligado à «razão», pois do trabalho desta, do raciocínio, ela resulta, e isto se dá na maioria dos casos; noutros porém, surge espontaneamente do que guarda o subconsciente.

O Espírito tem no seu domínio tôda a intelectualidade e o sentimento. Em função subjectiva, como, por exemplo, é a do espírito religioso, todo o domínio pertence ao sentimento; fora dessa função, em estado de actividade, dominam: na Ciência, a inteligência ligada à memória — ainda por vezes, de relance, a imaginação — na Arte, é essencialmente o sentimento, quási sempre ligado à imaginação, auxiliados pela inteligência.

Qualquer que seja a sua função, tôda a actividade do Espírito começa por um trabalho de reacção na intelectualidade ou no

sentimento, — reacção que resulta sempre de impressões, vindas de fora ou que nascem na imaginação, e também do que guarda o subconsciente.

É o Espírito que encaminha o homem na marcha da vida, — nas suas idéias, nas suas inclinações, a orientar sempre a sua actividade. Bem ou mal, na sua marcha segue, conforme sua razão e inclinações do sentimento. Entrando no caminho da Ciência ou no da Arte, em horas de superior inspiração, o Espírito levanta vôo, eleva-se alto, e atinge a função mais elevada do poder humano, — a função criadora, — aquela que na Arte, quando a inspiração vem de Cima, leva o homem mais perto de Deus.

Sei que essa distinção que faço está um tanto fora do que corre como certo; mas, dentro da ordem e da verdade, a expressão do pensamento é livre, e eu não oculto o meu. Não estarei porém muito longe do que, na actividade do Espírito, pensa um colega meu dos mais ilustres, cientista de muito fecunda cerebração — o prof. Pereira Forjaz — que em notável conferência recente — muito me honrou enviando-ma — «*A Ciência e a Concepção Naturalista do Homem*» — afirmou que... «a actividade cerebral não corresponde senão a uma parte muito restricta da actividade espiritual», — permitindo-me eu a isso acrescentar, que é esta de maior alcance para o bem da Humanidade.

Tais como são as verdadeiras criações do Espírito, poucas podem apontar-se dentro da Ciência, — não contando como criações as descobertas que tem havido, chegando a intuições de génio, tais as de Paracelso e de Göethe, e as sínteses químicas de Berthelot, e outras mais.

Já estão acima do normal poder de intuição aquela que conduziu Hahneman à criação da homeopatia, — pouco seguida em Portugal mas que noutros países progressivamente avança; e como criação se considerará aquilo, ainda mal conhecido entre nós, que, em âmbito de acção semelhante, lançou o génio de Steiner.

Como criação, sem dúvida se destaca a que se deve a Pasteur, pois da existência dos seres microbianos que descobriu — não sei se dela suspeitou Raspail — criou a Microbiologia, a ciência que mais benefício tem prestado à Medicina e também à indústria.

Nos domínios da Arte é que, nessa função superior, mais alto o Espírito se revela. Na tela, para lá e para cá da Renascença, nas escolas italiana e flamenga, para sempre ficou patente o que nela deixou o génio, na sua maior elevação. Aí ficaram consagrados os nomes de Rafael, Leonardo de Vinci, Van-Dyck, Rubens, Murillo, Fra Angelico, Velasquez, Tintoreto, Ticiano, Rembrandt, Giotto, o nosso Grão Vasco, também Josefa de Óbidos, e Miguel Ângelo — êste talvez acima de todos, pela variedade e elevação de tudo que concebeu, não só na pintura como em outros ramos da Arte — e, de entre os mais modernos, Millet que, a imortalizar-lhe o nome, bastaria êsse seu delicadíssimo e sugestivo *Angelus*.

Quem uma vez entra em museus de pintura, sobretudo nos de Itália, e que à Arte tem sua sensibilidade aberta, em si guarda sempre impressões dessa natureza, e certo prazer sente evocando tais recordações — além de que um espiritualista tem o dever de as despertar na memória de seus Irmãos.

Em outros ramos da Arte, também denunciados à vista, como são a escultura e a arquitectura, não dou eu conta — talvez porque para tanto me falta competência — senão de muitas raras criações na escultura, pois me parece que nem sempre este nome se pode dar a produções a que falta espiritualidade, — sendo elas em regra de carácter objectivo, na maior parte formas copiadas do natural.

Já o mesmo não pode dizer-se da arquitectura, pois criações são, nas suas linhas gerais, êsses estilos que nós todos admiramos, — como é o «gótico», fugindo na concepção a tudo que até então havia; na arquitectura e ainda noutras manifestações do Espírito criador, onde, em várias formas domina a linha curva, como,—além do «gótico», o «renascença» e nesse, o nosso «manuelino».

Mais numerosas e mais variadas as criações na música, — sobresaíndo, por seu número e valor, a escola italiana, na urdidura das suas composições de aparato — a «ópera» — que na Itália nasceu, de elevada concepção melódica — e em género semelhante a da forte escola de Wagner, surpreendente na harmonia da sua poderosa orquestração. Nessa arte, que pelo ouvido nos fala à alma, nomes que neste

momento recordo, para sempre ficaram consagrados. E em género menos aparatoso, de menor instrumental, — a «opereta», a «zarzuela» espanhola, que lhe é semelhante, e mais abaixo, os *sui generes* cantares andaluzes — alguns de acção um tanto depressiva, como o nosso «fado» e também as «zambas» argentinas — mas de singular delicadeza, muitas, em sua modesta melodia, dolente ou viva.

Entre os grandes compositores, espiritualistas deviam ter sido todos êsses cultores da Arte, pelo menos na inclinação e elevação do sentimento; e quem de espiritualismo em verdade vive, indo até êle neste momento o seu pensamento, dever é, prestado à sua memória, recordar aqui os nomes de todos êsses criadores. Mas, difícil é lembrá-los, tantos são, — desde Palestrina (em música religiosa, êste) Verdi, Donizetti, Puccini, Mascagni... na Itália, onde êles nasceram ou se criaram, — Gounod, Massenet, Bizet... em França — e, entre outros, na Alemanha e Áustria, da antiga e nova escola: Beethoven, Liszt, Bach, Glück, Mozart, Weber e Wagner... êste, nessas formas novas, o maior de todos. Muitos são, e felizmente tão conhecidos, que é desnecessário recordar seus nomes.

Na poesia, criações tem havido em todos os tempos, que através da sensibilidade, elevados estados de alma em nós despertam, — criações que ficaram célebres na literatura de todos os tempos. ¿Para que citá-las, tão conhecidas são? Nêsse género de criações, com grande destaque, na Inglaterra, ficou a vasta obra, género trágico, atribuída a Shakespeare, e em relêvo também ficaram os nomes de Byron e de Milton, sobretudo o último.

Na Alemanha, ficaram também consagrados Klopstock (autor da célebre «Messíada») e, entre outros de que não me recordo, Göethe e Schiller.

¿É entre os povos latinos, por mais elevada imaginação e sentimento, que na poesia teriam vindo ao mundo mais criadores? Aí, talvez em maior relêvo, dou conta, para cá de Homero, na Grécia, — se êle em verdade existiu, que já isso, como para Shakespeare, se contestou — Dante, Tasso, Petrarca, na Itália... Hugo, em França, entre muitos; e neste romântico Portugal heróico, povo cristão de grandes ideais, mas sempre romântico, e, por essa forma de espiritualidade, numerosos poetas líricos tiveram bêrço aqui; um porém, Camões — em todo o mundo se sabe — na epopeia, para sempre ficou na História.

É nas criações da Arte — penso eu, já o escrevi atrás, que o homem mais se aproxima de Deus. Mas, para a sua elevação, isso não basta. Melhor que a Arte, que o homem cultiva pelo traço ou pelo som, outra há, — música também, de superior melodia, que a Êle mais depressa nos conduz: é aquela que em nossa alma se eleva, em cântico espiritual à obra sublime da Natureza, e nela estando o «homem» como produto superior da Criação — o único sêr em que tem residência o Espírito — aqui evoquei, pela natureza dêste escrito, os nomes daqueles que, consagrando-se à Arte, tanto nela se elevaram, sendo dever nosso, por essa espiritualidade, lembrar sempre seus nomes.

Nos estilos que por linhas são definidos, elas obedecem, como em todos os ramos da Arte, a uma inclinação da imaginação e do sentimento, — assim, ninguém iria construir um templo que não tivesse a elevação arquitectónica que lhe é própria. Mas, êsses estilos da forma nem sempre deixam de estar em relações mais ou menos estreitas com influências exteriores, — e em alguns casos pode fazer-se o estudo psíquico de uma época histórica, pelo predomínio de linhas que em formas novas nela apareceu, — sobretudo em criações de arte modesta, como é, por exemplo — porque aí também há criações — a arte de marcenaria.

Não achamos, nesse género de construções, influências de qualquer ordem naquilo que da Inglaterra uma vez saíu, sob o nome de estilo «Elizabeth», mas vemo-las bem claras em França, representadas pela linha curva, em variadas demonstrações que, no reinado de Luís XV, e também um tanto no de Luís XVI, apareceram na côrte dêsse tempo. Cá esteve em Portugal — talvez por influências semelhantes — a mesma linha curva, em todo o predomínio, no mobiliário de luxo, do estilo D. João V.

É porém em França que essa linha em tudo aparece. Vê-se no conhecido mobiliário Luís XV, no de Luís XVI; vê-se em certas artes chamadas «decorativas», vê-se no vestuário de luxo da mulher — nas «anquinhas» da saia, e até no salto do sapato que usaram, vindo até nossos dias

com aquêle mesmo nome; e até nas danças do tempo, — a «gavotte» e o «menuet», o último até nós cá chegou chamando-se-lhe o *minuête*, — géneros de dança, em que a curva também se denuncia em repetidos compassos de grande mesura.

Tudo isso nasceu em meio do luxo da côrte dêsse tempo, havendo quem relacionasse o predomínio da linha curva com a indolência, a moleza e as tendências lascivas dos homens dêsse meio, nessa época. Talvez, porque, com a Revolução, tudo isso desapareceu, dada mudança que em tudo ali se deu, não ficando nada bem definido, durante anos, em modas e costumes.

Vem o segundo Império e, noto eu, com êle outras tendências assás diferentes. Na côrte, donde vem a moda, não há molezas, não há inclinações sentimentais: há firmeza, há aprumo, — e a linha curva, de que só havia vestígios, de todo desaparece, destacadamente nesses pequenos géneros de arte, — e aparece a linha recta, bem dominante, sobretudo assás representativa nesse mobiliário de luxo, de forma nova, que também cá chegou, — o estilo «Império».

Lanço aqui a recordação destas variações, em certos usos, em pequenas coisas que o homem concebeu, — insignificâncias para esta *Revista de Estudos Psíquicos*, mas que nela cabem, porque nos mostram que o Espírito, fora da elevação criadora na Ciência e na Arte — na Arte, aquela que por linhas se manifesta, colhidas da imaginação e do sentimento — outras lhe vêm de influências exteriores.

Naquelas que citei, foi meu objectivo mostrar até que ponto elas chegam na actividade do espírito, porque ao Neo-espiritualismo tudo isso interessa, — e êle está para nós acima de tudo, não devendo esquecer-se que, se o Espírito tem no seu domínio tôda a intelectualidade, tem também o sentimento, e muito dêle se alimenta, em muitas das nossas acções. Dêle vem tudo que é elevado e nobre, mas também o que é mesquinho: dêle pode vir a desordem na sociedade, a desordem na família, a desordem numa Irmandade, — ainda aquela que sôbre os mais elevados princípios se tenha formado.

Freqüentes são neste mundo as malquerenças que tanta vez vêm de uma interpretação errada, tomando-se como agravo aquilo que só na aparência é. Homens há que, por sua inteligência e cultura, em seu amor próprio se julgam superiores; se em verdade o são, e se não têm a inteligência fechada à análise psíquica, pesem bem aquilo que lhes parece agravo e, sobretudo, procurem a intenção, — e muita vez verão que, pelo menos, intenção não houve. Se alguma houve, analisem o estado moral e físico de quem ela partiu, e esqueçam tudo, se a dignidade não foi atingida.

Esqueçam, principalmente o que se deu no seio da família ou no de Irmandade espiritual, que também família é, — onde a união de todos, a solidariedade perfeita, é indispensável à sua marcha no mundo, como é, para a vida, o trabalho dos órgãos que compõem o corpo humano.

Agravos? ¿E quantas vezes não estarão êles marcados pelo Destino, como forma de provação? Esquecendo, perdoando, o homem para fora, para Cima, se eleva, começando por se elevar dentro da sua consciência.

O mundo atravessa — parece que sob influências diabólicas — uma fase única na sua história: a guerra espalhando a ruína em tantos pontos do globo, — e, fora dela, desastres de tôda a ordem. Na vida social, o ódio, a desconfiança, a intriga, a especulação, a hipocrisia... chegando esta até a invocar-se, em meio de palavras mentirosas, o santo nome de Deus, — causa assombro, mas já eu isso, escrito, mais de uma vez vi! Neste caminhar infeliz, não é fácil prever até onde tão grande abaixamento moral nos levará.

Só o Neo-espiritualismo, espalhando a luz da Verdade, da Justiça e do Bem, no caminho largo que segue, pode corrigir o triste estado que a Humanidade atravessa. Para isso, porém, necessário é progressivo apostolado, — e àquêles que a essa grande obra se consagraram — nela dois espíritos têm tido nos últimos tempos superior destaque entre nós, na palavra escrita e em conferência pública — lhes devemos, sem excepção, por tão alto serviço, reconhecimento e respeito.

Apostolado para fora, para todos, e cá dentro, na religião que seguimos, sã fraternidade, verdadeira para ser fecunda, verdadeira, como sua doutrina manda, — repelindo aquilo que em fundo cristão não

tem abrigo, desviando do nosso espírito a idéia de que somos superiores aos outros — êsse julgamento seguro, não o esqueçamos, só a Deus pertence — afastando-nos porém dos que nos exaltam — do mesmo barro somos nós todos — daqules que se servem da adulação.

Em nossos julgamentos, tanta vez falíveis, não condenemos sem provas seguras, naquilo que possa doer-nos — provas, aquelas que nossos olhos vejam, nem sempre as que nossos ouvidos oiçam — e, reparemos sempre na intenção.

Há ocorrências na vida em que o homem, sem tal pensar, fere o seu semelhante, — e pode isso vir até do nosso mais querido amigo, para tanto bastando que alguém de permeio se meta — podendo até ser ente de ambos amigo, ou que como tal se diz — que, para ser agradável àquêle a quem mais ligado esteja, ou de quem mais precise, lhe leve, exagerando-o ou deformando-o, queixume que, aliás sem malquerença, ao outro tenha ouvido. Não são necessários conhecimentos da psico-análise de Freud, para ver que isso pode despertar fogoso temperamento, e êsse despertar ir ferir injustamente alguém.

Reacções dêste género por um «ouvir dizer» são assás raras entre espiritas, — e assim sempre tem de ser. Porém, um caso dêsses recentemente se deu, motivado por interposta pessoa, duramente ferindo quem de tais dizeres foi vítima, — e grande desgôsto sofreu por vir bem injusta reacção daquêle que de há muitos anos tinha na mais alta estima, com o aprêço que a superior mérito se deve. Virá um dia, quando o seu espírito se desprenda da Terra, em que êle verá a extenção da grave injustiça. Mas... tarde será para ambos.

A Deus, porém a mentira não escapa. Êle a castiga, — por igual castigando intenções que interesse inconfessável guia.

Casos dêsse género podem na vida surgir, quando vaidade ferida ou a desconfiança se levantam, dominando o que há de melhor no sentimento e na razão, em hora má, daquelas em que o espírito reflexivo falha. Mas, segundo nossas crenças, *...Deus lá está, e a todos julga!*

Em tôdas as crenças, acordado o Espírito, impõe-se logo reparar o êrro cometido, como supremo dever de justiça. Nas nossas, que têm sua elevação no rigor em que são seguidas as máximas cristãs, não esqueçamos nunca o dever de perdoar, seguindo o exemplo do Cristo que, depois que tanto o flagelaram, esgotada a taça de fel, ao Céu os olhos ergueu, e a todos perdoou. Mas perdoar não basta: é necessário penitenciar-se cada um do mal que tenha feito.

Esse dever eu sigo, não hesitando em o cumprir para com quem, sem tal pensar, eu tenha magoado. Aquêles que o não fizerem, neo-espiritualistas poderão dizer-se, defenderem e propagarem grande doutrina, possuirem honesto carácter e, no trivial da vida, grande coração; mas, se acaso fogem a êsses grandes deveres de Fraternidade e Justiça,... «neo-espiritualistas», de facto, não são. E aquêles que assim procedem — que muitos serão talvez — ¿já pesaram bem a responsabilidade que assumem, se como tais se consideram? ¿Já pensaram na situação que criam a si próprios, na sua evolução?

Nem sempre, no seu percurso neste mundo, são maus aquêles que assim procedem: muitos há que procuram ser úteis ao seu semelhante, exercem a caridade, mas feroz orgulho nêles se levanta, que sufoca nobres sentimentos. ¿E haverá, no fundo da alma humana, pior raíz que o «orgulho»? ¿Não pode êle, por sua dureza e ramificações ao longe, desanimar crenças, não deixando que em muitas almas germine boa semente, dela saíndo, preparado o terreno, em viçosa árvore, a flor e o fruto?

Preparar, semear — dar o exemplo em tudo na prática do Bem — que do exemplo vem a Fé, com ela a Esperança, que nos guiam e iluminam na nossa passagem na Terra.

*
* *

Por certo esperava, quem nos pediu êste escrito, fôsse tratado o tema nêle seguido com elevação igual à que têm mostrado, em artigos, desta e outras Revistas e em conferências públicas, autores de há muito consagrados, aos quais o Espiritismo em Portugal grandes serviços deve. Não foi porém para êles que isto se escreveu, — nem êsses autores atenção lhe darão; foi

apenas para aquêles que — de entrada recente no Neo-espiritualismo — ainda não estão nos seus princípios bem integrados, conhecendo insuficientemente os deveres que a sua doutrina a todos impõe, — e útil pareceu aqui apontá-los.

Para êsses, que estas linhas lerem, desconhecido é o seu autor. Quem êle é, só o director desta Revista actualmente o sabe, — e do que lhe disseram, já o conhece pelo seu acrisolado amor à Verdade. Sabendo isso, também não ignora que, entre as suas insuficiências e defeitos — muitos terá — não há o aparato, e porque dêle foge sempre, até agora se tem esquivado a que o seu retrato e bibliografia fôssem nesta Revista publicados, — não por modéstia, mas por em alguma coisa se destacar, à falta de melhor, neste mundo de ambições e vaidades.

Como assim é, não receia dizer que, na iniciativa e urdidura dêste escrito, julga ter obedecido, sem dar por isso, a uma vontade superior à sua, a uma fôrça supranormal, havendo fortes razões para assim pensar.

A primeira é a natureza dêste escrito, em assunto de psicologia e arte, diferente de todos que, com o seu nome público o autor tem tratado, — para êste se sentindo há pouco sùbitamente impelido. ¿Donde lhe veio inesperadamente êsse impulso? Como doente que muda de ares, sentiu êle também — atravessando uma crise de intranqüilidade de espírito — a necessidade de mudar para o campo em que com êste escrito e outro anterior recentemente entrou, — e certo é que esta mudança muito melhorou o seu estado. Esta razão pouco vale, — uma coïncidência, talvez.

Segunda razão — esta já digna de nota — é virem-lhe à memória, já embaciada pela idade, nomes que no campo da Arte, atrás citados, ainda há pouco era incapaz de se lembrar quem — com excepção há pouco de um artigo de Revista — nada tem êle publicado fora da ciência materialista.

Mas, outra razão há — esta julga-a definitiva, tal ela é. Recorrendo a um dicionário — o pequeno Larousse — para tirar uma dúvida, abrindo o volume, saltou-lhe à vista, logo na página em que casualmente o abriu, o nome de Giotto, que atrás ficou citado, — nome de que não se lembrava. Mais adiante, aberto o volume noutra página, o mesmo sucedeu, nela surgindo o nome Schiller, que muito longe estava também da sua recordação; e ainda outro nome, nesse dicionário, também casualmente lhe apareceu, o de Milton, de que — fica mal dizê-lo — não se recordava. Tão surpreendido ficou, que disso deu conta a uma senhora de sua família, a santa mãe de seu filho, — que, rápida a escrever, costuma ajudá-lo, escrevendo o que dita, — como agora está fazendo.

O autor estimaria que os nomes que à vista lhe surgiram fôssem aquêles que — como Fra Angélico, entre outros — por sua notável elevação moral, também por êsse lado deixaram um rasto luminoso na sua história. Citar êsses, como tendo surgido, seria ferir a Verdade, bem gravemente agora.

¿Mas aquilo que relatou foi obra do acaso? Para nós, neo-espiritualistas, o «acaso» não existe, sendo legítimo pensar que uma fôrça superior hoje o impeliu para o assunto que tratou, e nêle o guiou, lembrando nossos deveres de fraternidade evangélica, que acima das paixões do mundo nos elevam e, fortificando todo apostolado, que dessa fraternidade carece, por ela abre caminho largo ao Neo-espiritualismo, conquistando para êle a confiança e respeito de todos.

MAGNETISMO ANIMAL

Tôdas as ciências ocultas, tôdas as experiências telepáticas e telecinéticas, os videntes, os visionários, vêm em linha recta do laboratório «magnético» de Mesmer. Uma ciência nova nasceu da convicção tão denegrida dêsse homem; a acção sujestiva torna possível o desenvolvimento das fôrças psíquicas do indivíduo em proporções que não se podem atingir pelo tratamento médico clássico dêsse homem, agora esquecido, cujo pressentimento foi justo e o esfôrço leal, que apenas errou na interpretação que deu aos resultados tão importantes da sua actividade.

Mas talvez — nós tornamo-nos prudentes numa época em que uma descoberta vem tão facciosamente suplantar outra, em que as teorias de ontem caem de um dia para o outro e em que as doutrinas, com séculos de existência, se renovam de repente — talvez êsses também se enganem, os quais, ainda hoje, chamam arrogantemente quimérica à idéia mais discutida de Mesmer, de um fluido transmissível de indivíduo para indivíduo, talvez o mundo faça sùbitamente disso uma verdade.

Stefan Zweig — «A Cura pelo Espírito»

Influência do naturismo no espírito

pelo Coronel Fauce da Rosa

II

SE assim se procede com o nosso semelhante; se o homem abarrotado de dinheiro com o qual tudo mercadeja, assim explora o homem, ¿que admira que crie e engorde animais e os mande matar para se banquetear com os seus cadáveres?...

Todos os bois se alimentam de erva e todos os leões se sustentam de carne; mas a nutrição boa para determinado homem, nem sempre pode convir a um outro. O mesmo acontece com os remédios que o médicos receitam aos seus doentes: certo medicamento cura ou melhora um doente e é ineficaz, ou nocivo até, em um outro.

Se, porém, se tratar de animais, verifica-se que o mesmo produto provoca resultados idênticos em animais da mesma espécie. É que os animais obedecem a todos os comandamentos do espírito-grupo e da lei cósmica, pelo que actuam de maneira semelhante quando submetidos a condições idênticas.

A individualização pertence ao homem: a cada um a sua idiossincrasia.

Só o homem — até certo ponto e dentro de certa medida — é capaz de seguir os seus próprios desejos. É verdade que comete tantos e tão graves erros, que a muita gente pode parecer que melhor seria que o bom caminho lhe fôsse imposto.

Mas, se assim acontecesse, o homem jamais aprenderia a discernir o bem do mal. Cabe ao homem a escolha da sua linha de conduta. Só ssim êle pode aprender a não praticar o mal. Se o homem procedesse correctamente por não ter por onde escolher, por não poder proceder doutra forma, ¿onde estaria o merecimento?... O homem não seria mais que um autómato.

É a Lei: só vale o esfôrço que cada um de nós produz livremente.

Os alimentos de proveniência animal são formados por partículas trabalhadas e penetradas por um corpo de desejo individual e, portanto, estão individualizadas num grau muito mais elevado que as partículas constituïtivas das plantas. Nos alimentos de proveniência animal, há uma alma-célula individual que está saturada de paixões e desejos do animal. Em primeiro lugar, é preciso dispor duma energia considerável para nos assenhorearmos dela e a assimilar; e, depois, nunca é completamente encorporada na economia do corpo como as partículas constituïtivas das plantas, as quais não têm tendências individuais tão pronunciadas. Daqui resulta que o homem que segue um regime cárneo, dev consumir maior quantidade de alimentos e comer com mais freqüência do que o vegetariano.

Por outro lado, a luta interna com as partículas da carne causa maior desgaste no corpo e torna quem segue o regime carnívoro, menos activo e menos resistente que o vegetariano, como o têm demonstrado todos os «matches» entre os partidários dos dois sistemas de alimentação; carnívoro e vegetariano.

Desde que a carne dos animais herbívoros oferece tão precária alimentação é evidente que se experimentassemos utilizar a carne dos animais carnívoros — cujas células têm muito maior individualidade — nós seriamos obrigados a ingerir quantidades enormes. Vejam-se, por exemplo, o lôbo e o abutre: a sua magreza e voracidade são proverbiais.

Se a carne dos animais herbívoros representasse a essência do que há de melhor nas plantas, a lógica exigiria que a carne dos carnívoros fôsse a quintessência. E, então, a carne do lôbo e do abutre seria o melhor petisco e o mais apetecível. Não é, porém, assim: os carnívoros hominais rejeitam, com repugnância, a carne dos animais carnívoros.

Quanto mais nos aproximamos do reino vegetal, mais energia nos fornecem os ali-

mentos. Se assim não fôsse, a carne dos animais carnívoros seria procurada, disputada pelos outros animais de prêsa. A Natureza, porém, poucos exemplos apresenta de os animais carnívoros se comerem uns aos outros.

O homem, depois de uma longa evolução de milhares de milhões de anos, alcança, enfim, um intelecto. E se havia de utilizá-lo em derramar o bem, em fazer aos outros o que quere para êle, — emprega a inteligência em engendrar máquinas mortíferas, engenhos de tortura, mil e uma maneiras de matar, de martirizar a maior quantidade possível e o mais ràpidamente possível.

O homem tem-se afundado, cada vez mais, na matéria. E, todavia, o homem devia saber que não morre, que a desintegração dum corpo humano é como a fôlha sêca que se desprende da árvore no outono: um outro corpo nasce em seu lugar.

O homem devia saber que a vida física não é mais que a parte mínima da vida real.

Há quem pretenda que a maldade é hereditária. Será; mas vem muito de trás; vem da mais remota ancestralidade animalesca, cujo potencial procura sempre sobrepor-se à fôrça psíquica. A hereditariedade opera desde o primeiro instante nos materiais do corpo físico e não nas qualidades da alma que são inteiramente individuais; mas o espírito que se encarna realiza, também, certa soma de trabalho no corpo físico pela quintessência das qualidades físicas adquirida em vidas anteriores. Não há corpo que seja uma mistura exacta das qualidades dos pais. É, certamente, por êste motivo, que o espírito dum músico de talento, por exemplo, só encarna onde possa encontrar os elementos necessários para objectivar os conhecimentos adquiridos. A tal alma, tal corpo.

Todo o sêr vivo tende a progredir. A biologia ensina que o progresso, na totalidade, consiste numa acção do indivíduo tendente não só a conservar, mas também a aumentar a sua energia. Se isto é um facto quanto ao organismo fisiológico, também o deve ser quanto ao organismo espiritual.

Os próprios filósofos distinguiram como motor central e profundo do sêr vivo, o «querer viver», ou, com mais propriedade, o *querer viver melhor*... melhor, tanto materialmente, como espiritualmente.

¡Quantos milénios, porém, terão ainda de decorrer para que a maioria esmagadora dos homens sinta a grandeza desta frase de Beethoven: «Nada conheço no mundo superior à Bondade!...» Bondade e egoísmo são fôrças contrárias: a Bondade gera fôrças de atracção; o Egoísmo gera-as de repulsão.

Afirmam biologistas consagrados que o regime alimentar ideal é o frugívoro. As árvores produzem frutos para que homens e animais os comam, e, assim, a semente possa ser disseminada; da mesma maneira que as flores atraem as abelhas por motivo análogo.

Os contraditores do regime frugívoro costumam objectar que quem come legumes e frutos também destrói vida, mas esta asserção baseia-se numa concepção errada. O amadurecimento do fruto significa que o seu objectivo se concluíu, objectivo que era servir de invólucro à semente até à sua maturação. Se o fruto não fôr comido, estraga-se e perde-se. De resto, a finalidade do fruto é alimentar o reino animal, pròpriamente dito, e o hominal, afim de dar à semente a oportunidade de se desenvolver em terreno fértil, visto que a semente, como o ovo, só de-per-si, está privada de vida. Se, porém, fôrem submetidos às condições apropriadas do incubador ou do solo, têm, então, oportunidade de produzir um corpo físico.

Duma maneira geral, os legumes e os frutos maduros contêm a mais elevada proporção de matéria nutritiva e a mais baixa de substâncias sólidas; donde se conclui que os alimentos de origem animal deveriam ser banidos.

Um óbice intransponível dificulta, impede até, a expansão do regime frugívoro: é caro, muito caro. Só os ricos ou aquêles que fôrem pinguemente remunerados o podem seguir. E isto acontece na nossa terra que é considerada farta de fruta de tôdas as qualidades. O Dr. Amílcar de Sousa também assinalava a gravidade dêste inconveniente: «A necessidade monetária, a inferior sujeição da luta pela vida — escrevia êle — só a raros proporciona meios e modos de chegarem a tentar os primeiros passos da reforma da existência»...

Regime alimentar que, pelo seu custo, não possa ser adoptado pela massa dos trabalhadores, está condenado a viver no meio

restrito da chamada «classe média», que — não poucas vezes, — ostenta na fachada *cordas de viola*... e Deus sabe o pão bolorento que lá vai por dentro!

E ainda bem, afinal, que as classes endinheiradas se não querem despegar da sua culinária carnívora. Imagine-se que todos êsses potentados do dinheiro ingressavam no regime frugívoro... — santo Deus! — onde iria parar o preço da laranja, da nespera... e até o da cenoura e do nabo! Se a desgraça acontecesse, semelhantemente ao que os ricaços hoje fazem dentro do regime carnívoro, no qual só deixam ao pobre a pele e o ôsso — quando não lhe arrancam também a pele — uma vez ingressados no regime frugívoro... só lhe deixariam o carôço, ou, quando muito, o fruto bichoso.

A saúde da alma pode subsistir sem a do corpo, mas a objectivação das determinações do Espírito é que fraqueja ou se anula até. Alma sã num corpo são, sem esquecer que é o Espírito que move a matéria.

O Espírito tanto existe na ínfima célula animal, como na ínfima célula vegetal, como na mineral.

¿Que vale o homem — um gigante em estatura e egoísmo — ao lado das tamaninhas formigas e térmitas que levam a solidariedade ao sacrifício máximo da personalidade individual?

¿Que função social humana pode equiparar-se à abnegação permanente da formiga e da térmita que tudo sacrificam em benefício da colectividade?

Diz um escritor que o homem só poderá igualar-se aos insectos quando souber, como êles sabem, que a morte não existe, que a morte não é mais que uma palavra infeliz.

A morte não é a antítese da vida. Tanto no homem, como nos insectos, não é mais que uma simples transformação de vida.

Tôda a vida é eterna: por tôda a parte há vida e onde há vida há alma.

A EVOLUÇÃO DOS SERES

Quando se observa a evolução ou a criação de um sêr vivo no ôvo, vê-se claramente que a sua organização é a conseqüência duma lei organogenética que preexiste segundo uma idéia preconcebida e que se transmitiu por tradição orgânica dum sêr a outro.

Claude Bernard

ESPIRITISMO

por F. Noconha

«Aquêle, que afirma o que bem sabe, é um manifestador de justiça; mas o que mente, é uma testemunha enganadora.

«O sábio de verdade será sempre constante; mas a testemunha que é inconsiderada, urde uma linguagem de mentira. — Provérbios, *cap. XII, 17 e 19.*»

Pela verdade, *verum est id quod est* (Santo Agostinho), afirma-se e enobrece-se o homem de carácter, ergue-se uma barreira inabalável contra veleidades de sofisma e assomos de ataque sistemático, revela-se e irrompe do arcaboiço do ser de razão mais alguma coisa do que o que denominamos sentidos. «Les sens ne sont que la cause occasionelle des impressions que les objets font sur nous (Condillac — *La Logique* — Paris, 1805, pág. 8).

Escapa à visão dos olhos o que só a consciência nos manifesta, sem embargo de não ser inibido de ver, mesmo de pálpebras cerradas, e de ânimo concentrado, quem se educa de verdade.

O acaso aqui não interfere em circunstância alguma. Tal vocábulo não passa de recurso desvalido para que apela a ignorância, pretendendo autorizar-se.

Em tôda a parte sobressai o ordenamento inalterável, revelador inconfundível de supremas leis que regem a natureza e o Universo, e em ponto algum de correlação e convergência assoma sequer a possibilidade do vago e de extra-natura ou sobrenatural. Incongruência absurda, em aberto antagonismo com o cenário eloqüentíssimo de movimento e de vida universal, aí dominando, em eternal conjugação de essência, espaço e tempo, que são, outrossim, idéias e noções de solidariedade inconcussa e também número, implicando percebimento da duração, incongruência absurda, repito, aquêles, que fazem do — *sobrenatural* — pedra de toque e baluarte de milagres, não comportam no interior de seus crânios luz científica de validade nobilitante e em sua índole aprumo de equilíbrio, repelindo má fé.

¡Nem compreendem que proclamando sobrenaturalidades e milagres associam er-

ratas ao Deus Omnisciente e legislador! *Errare humanum est.* Sim, cabe o êrro na fragilidade humana, sujeita a tôdas as enfermidades e miopias; mas, onde surde displicência e desvio na imponente máquina de peças que são mundos, que são sóis vezes e vezes de maior volume do que o astro centro que não podemos fitar sem precauções de defesa dos nossos órgãos visuais, ¿que são lâmpadas de caudal deslumbrantíssimo e de intensidade abrasadora, presidindo a velocidades inabordáveis e orientando massas gigantescas na imensidão ilimitada?!

¿Onde falha o comêta, perfeito vagabundo flutuante da amplitude insondável, às aparições que lhe são previstas, com pormenores de anos, meses, dias e inclusivé horas, minutos e instantes?

Quanto mais nos entranhamos na contemplação e estudo do existente e mais introduzimos nesse estudo a precisão das matemáticas, mais penetramos no chão firme das lições magistrais, mais deciframos os enigmas da matéria, menos complicações se nos deparam, menos esfôrço de contensão empregamos ou se nos impõe por necessário, de urgência, e maior, grandemente maior é o edifício dos nossos conhecimentos adquiridos e das contribuïções pasmosas, estupendas, com que os sábios brindam o Progresso e alargam a Civilização!

¿O Espiritismo acomoda-se neste meio, define-se na realidade sem atrito dentro dêle, será susceptível de plano inferioríssimo de contraste insustentável ou de merecer-lhe doestos depressivos pelo ridículo e injúrias dolorosas pelo cortante?!...

A verdade imprime-se pelo amor de saber, que as gerações confessam e radica-se na alma sã pela expressão do sentimento.

Ora, é isto que o espirita não ofende nem nunca pode ou poderá ofender.

«A operação espirita, grita-me uma brochura, que alguém me remeteu agora mesmo, sob rótulo de *O Espiritismo (Sua Natureza e Seus Perigos)* versão do original, da autoria de A. Jeanniard du Pot, é um satanismo sem mistura, e os fenómenos físicos de que ela se faz acompanhar eventualmente, como o sôpro frio ou a corrente de ar nos braços, que o sr. Paulo Gibier diz ter sentido muitas vezes, quando recebia ou largava a ardósia das mãos, tudo isto, não tendo constância nem relação física com o acto praticado, não é mais que uma sacrílega imitação dos símbolos que acompanham as operações divinas».

Não tomo a sério a prosa precedente, epílogo do último capítulo da brochura, assim rubricado: *Os maus espíritos, macacos dos mortos e de Deus.* E, viajando num intervalo através das oitenta e duas páginas de texto, incluíndo o prefácio de sua primeira edição, não fiquei abalado em qualquer aspecto e em qualquer conceito ou juízo já formado. O Espiritismo aponta factos comprovados com todo o rigor de verdade e com todo o testemunho insuspeito, e por seu lado moral inconcilia-se, irredutivelmente, com tudo o que é avêsso à lição sublime do peregrino iniciado judeu, despedindo-se dos seus discípulos com um mandato redentor: *Amai-vos uns aos outros!*

Se tivesse cumprimento e vibrasse em tôdas as almas, como vibrou na do evangelista, vidente apocalítico, por certo na presente hora do século vinte não rugiria a onda de fogo e de metralha em todos os continentes, em tôdas as latitudes, e de tôdas as maneiras hórridas e destruïdoras, semeando ruínas, alastrando cinzas, pestilenciando atmosferas!

Em sua bagagem e no activo que lhe toca, o espirita ama a paz, torna-se agente de bondade, aspira mais e mais ao regaço da Ciência e fortifica-se experimentalmente com factos, sendo certo, que contra estes não colhem argumentos.

Res, non verba.

E não está nas palavras o fundamento ou base do Espiritismo, que não contaria em suas falanges de renome em tôdas as pátrias por prestantes serviços em tôdas as províncias do saber e por benemerentes dedicações à causa da humanidade, se fenómenos não falassem aos seus talentos, às suas argutas inteligências, às suas potentes capacidades de exame reflectido, à sua indução e dedução impecável e luminosíssima de convencimento.

É claro que desprezo e abandono as falências de carácter, a ganância mercenária, o embuste e a fraude de tôdas as categorias que, se maculam o Espiritismo, não menos maculam e vexam outras modalidades e outros campos de finalidade honrosa.

Em espírito e verdade, é caminho de interpretação nítida e auge puro de filosofia triunfante.

PELA VITÓRIA DO ESPÍRITO

pelo Dr. Fred

VII

Que é a vida? Deve haver mil e uma definições, das quais as mais conhecidas são estas: a actividade especial dos seres organizados (Litré); a adaptação contínua das relações internas às relações externas (Spencer); a evolução dum corpo organizado dotado de actividade espontânea e imanente que o torna capaz de alimentar-se, crescer, propagar-se e adaptar-se ao seu meio (Beaunis).

O movimento assim compreendido, não distingue o ser vivo do não vivo, mas apenas separa propriedades de seres diferentes, isto é, formas de movimento, quer êste seja interior (automático), como na matéria bruta, quer exterior (espontâneo), como nos animais (1). Nunca o movimento define a vida. Qual é o sinal externo do movimento espontâneo? ¿Os órgãos de locomoção e de conservação...? Pois, há seres rudimentares de movimento espontâneo sem órgãos apropriados, há plantas de movimento espontâneo que ninguém iria classificar de seres vivos, há homens aleijados sem órgãos de locomoção que não podem ir à busca do alimento, e ninguém ousará negar-lhes a espontaneidade, isto é, a qualidade de sêres vivos. Comparando uma caneta a um bife, ¿vemos neste movimento espontâneo? Não; e, contudo, fêz parte dum sêr vivo. Ora, tanto um como outro, possuem o mesmo movimento próprio interior e precisamos de vencer a sua inércia para movimentá-los.

Já se vê que parece difícil distinguir a matéria inanimada da matéria animada. Tudo é vida, desde o primeiro átomo (movimento de translação) à matéria mais complicada do homem. E mais. Tudo é, não só animado, mas também consciente (panvitalismo ou pandinamismo e panpsiquismo). Veremos.

A vida mineral

O *mineral* revela eflúvio ódico, manifesta desejo, graças à matéria astral esboçada (afinidade química dos elementos, vontade de combinação, resistência, vontade defensiva), documenta sensibilidade (influenciabilidade dos metais estimulantes, venenos e narcóticos), revela fôrça organizadora e reprodutora, não só justapõe, mas também assimila e cresce por reconstrução (o ponto de partida é um núcleo primitivo, comparável ao ôvo do embrião), repara as suas mutilações (cicatriza) (2), tem sexo, é até imortal, porque a vida não o abandona, deixando o envólucro físico em decomposição, mas conservando-se permanente nos átomos e nas moléculas indestrutíveis, até mesmo que todo êle se desagregue (3). Leduc e outros conseguiram uma sementeira e uma colheita, — geração espontânea análoga à cultura das plantas.

Marcell Boll-Delmas («A personalidade humana») atribuem a todos os sêres vivos quatro propriedades fundamentais: nutrição, mobilidade, geração e receptibilidade, as quais, isoladamente, se encontram nos corpos não organizados: uma chama apresenta assimilação e desassimilação; uma pilha transforma as suas «reservas» de energia química em calor e movimento; os corpos cristalizados tornam a formar-se sempre idênticos a si próprios; o movimento é fenómeno geral; um imã e uma placa fotográfica conservam vestígios de acções a que foram submetidos. «Nunca foi possível pôr em evidência um só carácter definível

---

(1) Abel Salazar liga a noção da nossa vida a uma «espécie particular de movimentos espontâneos e livres». Todo o movimento tem liberdade, quando «ignoramos os seus determinantes». Logo que podemos «prever a modalidade das seqüências e descobrimos os determinantes, a sensação da vida desaparece», dando lugar a um simples automatismo. Apesar de o homem nos aparecer como «joguete de uma série de factores determinantes altamente complexos e instáveis, a sensação da liberdade mental do homem continua em nós». É isto que nos prova a autonomia do espírito.

(2) Tournaire («La Naissance de la Vie») escreve: «Certas substâncias minerais possuem estrutura celular, seleccionam entre reacções químicas, respiram, evoluem, podem ter um petroplasma do tipo do protoplasma. Há um fenómeno de memória e histerésia do ferro magnetizado, há prazer e dor e até uma patologia mineral. Muitos autores estabeleceram a identidade da morfologia e filologia elementar nos organismos e no mineral. (Cf. o capítulo «La vie de la matière» do livro de Dastre «La vie et la mort». Cf. os estudos àcêrca de cristais e metais de Rauber, Ostqald, Tammann, Spring, Stead, Ormond, Charpy, le Dantec («As rochas vivas»), Wiedemann, Warburg, Coulomb, Wertheim, Duguet, Duhem, Brillouin, Bouasse, Lord Kelvin (fadiga dos metais), Bose (fadiga do «tacto eléctrico» dos metais), Gernez, Rauber e Pasteur (reintegração dos metais mutilados).

(3) Lembramo-nos do diálogo entre d'Alembert e Diderot («Páginas Filosóficas» de Diderot), em que o autor mostra a fácil transformação do mármore em carne e diz que a transformação dos alimentos em substância viva seria transformação de sensibilidade inerte em sensibilidade viva.

que permita distinguir um fenómeno vital dum fenómeno material».

Em certos metais, reconhecemos sensações de fadiga e susceptibilidade a substâncias tóxicas. ¿E como poderia a matéria mineral e vegetal, se fôsse inerte e morta, passar a matéria viva, como conseqüência da alimentação? (1). ¿Como poderia o oxigénio do ar e o cálcio da natureza «animar» matéria orgânica, se não fôssem já animados, mostrando-nos assim a solidariedade de tôda a matéria e a pulsação de vida nos átomos simples?

Resumindo: o mineral tem vida, e, se a matéria inorgânica se distingue da matéria orgânica, é por outras propriedades e não pela vida. Nem mesmo, dentro da matéria orgânica, isto é, a partir da planta, podemos distinguir «sêres vivos». Por exemplo, falando duma característica fundamental que Beaunis exige para a vida, isto é, do movimento espontâneo: ¿não há plantas trepadoras e insectívoras? Claude Bernard («Fenómenos da vida comum aos animais e às plantas») considera a nutrição e a reprodução como «vida elementar», pois, certamente, a planta não só cresce, mas também se reproduz. ¿E o mineral não tem sexo? De certo, ninguém se admira de que o mineral, se bem que assimile, não coma, e, se bem que tenha movimento, não ande, e que a planta, se bem que se reproduza sexualmente, não actue a copula.

Formas semi-vivas

Passando, por fim, ao animal, cujo movimento espontâneo evidente levou erradamente a confundi-lo com a vida, entre matéria inorgânica e orgânica, podemos classificar várias formas semi-vivas de transição: plumagem, cascas, seiva, sangue, genes, fermentos (que são substâncias químicas catalizadoras elaboradas pelas células vivas, executando, sem se alterar, trabalho digestivo de elaboração — nutrição celular — ou de destruïção — autólise — e provocando reacções diversas e equilibradas) e o ultravirus (vida em forma cristalizada que até muta e é considerado como genes vagabundos). Há uma espécie de ultravirus, cientificamente analisado como molécula autocatalizadora de albumina, denominado bacteriófago (cf. os trabalhos de Herelde). É uma molécula que se alimenta de bactérias e mostra tôdas as propriedades dum «sêr vivo».

Definição da vida

Concluíndo: Não conhecemos sêres não vivos. Se bem que possamos distinguir de qualquer maneira matéria inorgânica de matéria orgânica, ou melhor, se bem que distingamos, visto que, filosòficamente, não há destrinça, não podemos distinguir matéria animada de matéria inanimada. A vida está em tôda a parte. Como, defini-la, então? ¿A vida será o conjunto de tôdas as faculdades mencionadas? ¿O simples átomo, por si só, já terá vida? De certo, que sim. O movimento de translação dos electrões em volta do núcleo, a fôrça intra-atómica, a afinidade, ¿o que são, senão vida? Se todo o mineral possui vida, ¿um átomo não ha de possuir, também, vida? ¿Será, então, o movimento, vida? Um átomo é um conjunto de fôrças. Portanto, a fôrça em movimento definiria a vida. Disto estamos convencidos. Tôda a realidade existente encontrou-se uma vez em repouso. Não era a morte. O que é a morte? Julga-se que é o fim absoluto de uma coisa que existiu e desapareceu por se haver totalmente extinto, que se pode pôr *ad acta*. Contudo, rigorosamente, a morte não existe com aquêle sentido e êste vocábulo podia ser eliminado dos dicionários em tôdas as línguas. Não há morte, mas apenas transformações, estádios transitórios, evolução. A opinião de Bichat é errada, quando define a vida como conjunto de funções que resistem à morte. Que explicação tão pouco científica! Explicar uma coisa, opondo-lhe o seu contrário, não é explicar coisa alguma. O repouso inicial não é a morte, porque tôda a realidade existiu à espera de passar a movimento. A vida não pode ter começado com a morte. No início era o repouso, sim; mas, êste repouso era a vida latente. Com o movimento, porém, isto é, com as primeiras vibrações, ainda não havia vida, mas apenas movimento.

A vida tomada como simples movimento é uma «vida morta», é movimento, mas não vida. Ao movimento temos de juntar alguma coisa que representa a vida-viva, que nunca mais parará, como nunca mais cessará o movimento, que é inerte (por isso, em oposição às leis do contraste, já não há senão mais ou menos movimento, mais ou menos vida; já não há repouso, nem morte. Muitos contrastes são apenas degraus e variações duma mesma coisa). Quando, com a simples perturbação do Cosmos, isto é, apenas com o movimento vibratório das fôrças iniciais, estas começaram a irradiar, passando do estado estático e potencial ao estado dinâmico ou cinético, e quando estas fôrças, assim despertando, começaram a desequilibrar-se, então nasceu a actividade da vida (cf. na parte filosófica e no capítulo «O problema biológico», a descrição da circulação da realidade absoluta, que substitui a noção de Deus). Mas, o desequilíbrio não leva ao caos; antes é compreendido dentro dum sistema harmónico. O nascimento dos fotões acarretou a individualidade, a descontinuïdade e, portanto, a variedade

(1) Segundo a Teosofia, graças ao segundo Logos, isto é, o segundo aspecto do Logos solar (que é um dos sete Logos planetários). A essência monádica do segundo Logos gera a vida-forma que, desenvolvendo as faculdades, permite a evolução para o vegetal, tal como uma criança aplicada ao estudo passa de classe.

que faz a vida. *Definimos, portanto, a vida como a tendência geral ao equilíbrio instável de fôrças aparentemente antagónicas.* E o valor desta vida está em as mesmas fôrças tenderem a conservar um equilíbrio neutralizador. Na matéria, esta vida exprime-se no antagonismo entre as fôrças plásticas de condensação centrípeta sintetizante, associativa (anabolismo integrante) e outras, funcionais, de irradiação dispersiva e desassimiladora, que emitem energia (catabolismo desintegrante) (1). Em resumo, a vida não pode ser compreendida sem antagonismo e sem desequilíbrio, embora harmónico. A vida não é um simples conglomerado de moléculas. A vida é comum a tôda a matéria, desde o cristal ao ultravirus, cujo estado semi-cristalino, incompatível com a vida orgânica, contém virulência dentro da sua matéria protoplástica, sendo, portanto, uma vitalidade que precedeu a formação do núcleo-citoplasma, desde o ultravirus ao ser unicelular e ao homem.

A origem da vida

Os antigos metapsiquistas, ocultistas e vitalistas dizem que a vida provém do fluido universal, de que resultam todos os outros fluidos espirituais, etéreos, magnéticos e eléctricos. Esta afirmação é baseada numa hipótese gratuita, porque nunca alguém explicou em que consiste tal fluído. O magnetismo e a electricidade não são fluidos e o eter é, como inicialmente demonstrámos, mera hipótese (2). A origem da vida está dentro de tôda a realidade denominada realidade absoluta e concebida como fôrça espiritual em essência. Admitimos uma fôrça espiritual, essência de todo o Universo e incluíndo dois aspectos fundamentais duma mesma fôrça: o princípio espiritual e o princípio vital, idêntico à vida. Esta fôrça, quando ainda repousava, albergou em si a vida latente, que nasceu, quando a fôrça começou a irradiar a sua energia intrínseca.

A matéria viva não é a vida

Já se vê que a matéria viva não é a vida. Tôdas as teorias vulgares acêrca da origem da vida explicam, apenas, a origem da matéria orgânica, confundindo-a com a vida. Ninguém nega que o protoplasma da matéria orgânica não tenha qualquer elemento específico impróprio do mineral e que seja um agregado de moléculas minerais, um mineral evolucionado, dêste diferindo pela complexidade da estrutura e tendo, então, surgido da matéria bruta, do ácido cianídrico ou duma origem qualquer. Contudo, não é lícito que a origem da vida se explique pela origem da matéria orgânica, sendo essa o elemento específico da vida. São inúteis tôdas as análises sofísticas dos materialistas, que pretendem demonstrar que tanto o mineral como o sêr animado libertam energia por modificação prévia da sua estrutura e por acções químicas, transformadas em irritabilidade. Querem êles, pois, tirar a conclusão de que os fenómenos biológicos do protoplasma não são mais que propriedades físico-químicas e que nos minerais a energia é simples propriedade da matéria, só se transformando diferentemente, no sêr orgânico em movimento e função e no sêr inorgânico em radiação. Tournaire («La Naissance de la Vie»), define a vida como fenómeno físico-químico e deduz, conseqüentemente, que seria possível os indivíduos nascerem de sínteses químicas, semelhantemente às espécies químicas. Já Haeckel julgava os primeiros organismos constituídos de precipitações cristalóides, dentro dum meio marinho, e julgava, assim, provar a origem da vida. O que provou, foi, apenas, a origem da matéria orgânica e contra a sentença de Harvey: *omne vivum ex ovo*. Rostand escreve («De l'Adulte au Veillard»): «Como actualmente se pensa

---

(1) Tournaire chama à vida o conflito de dois mundos, dualismo de dois factores complementares: exteriorização-interiorização, aquela relacionada ao físico, esta ao espiritual; uma ao espaço, outra ao tempo; uma à massa, outra à energia.

(2) Os ocultistas também consideram o espírito constituído por tais fluidos: Havemos de ver que estes fluidos talvez consistam em fotões, electrões, radiações ou em outra coisa qualquer que, por enquanto, ignoramos, mas que podemos englobar nos elementos com que contamos na física.

Tratando-se de matéria rarefeita, não se pode explicar a sensível perda de pêso observada nos médiuns durante as sessões. Sendo energia radiante (fotões), os fluidos podem estar fora das leis da gravidade terrestre. Sendo compostos de electrões, devem ser electrizados, manifestando atracções e repulsões. Se fôrem protões, devem ter pêso, e, conseqüentemente, estar sujeitos às leis da matéria e da gravidade, a não ser que uma fôrça superior neutralize a fôrça atractiva terrestre, ou, como diz Einstein, uma aceleração equivalha a uma gravitação, da mesma maneira que o ímã mantém um prego atraído, suspenso no ar.

Não discutimos agora a realidade dos factos anímico-espiritas cuja autenticidade é reconhecida mesmo por anti-espiritas, até por cardeais, pelo médico do Vaticano Joseph Lapponi, pelo arcebispo anglo-saxónico de Cantuária (ainda não oficialmente) e pelo próprio papa (cf. «O mundo invisível» do cardial Lepicier) e que só podem ser negados por ignorantes agnósticos, espiritófobos, aferrados a preconceitos. O que, na nossa questão, importa é explicar estes factos, e explicamo-los, de certo, de maneira diferente dos cardeais acima mencionados. Os produtos de materializações, dotados de vontade directora e de livre arbítrio, tomam contacto connosco durante e depois da vida terrestre dos manifestantes. Não é, por isso, de aceitar que estes produtos só sejam simples fluidos e compostos de algo sobrenatural. O que é natural para os nossos sentidos físicos, para o cérebro humano e para os nossos aparelhos laboratoriais, é matéria e energia, e as constituíntes unitárias destas devem explicar, tanto os fenómenos anímico-espiritas, como os da vida.

que as moléculas se polimerizam, graças a diversas acções catalizadoras, e assim se formaram compostos mais e mais complexos, a partir duma cultura de tecidos orgânicos, seria possivel formar sintèticamente um homem». Todos estes positivistas se esquecem de que, se isto fôsse possivel, não fariam mais do que quando sintetizam borracha ou qualquer outra matéria orgânica. Nunca criariam uma individualidade, nunca criariam a vida, mas só transformariam matéria viva noutra também viva, isto é, uma forma de energia em outra, fielmente ao princípio de Carnot-Clausius e às leis de Newton, Joule, Berthelot, etc. Pode mesmo ser que um dia se sintetize o homúnculo, a partir da matéria inorgânica, tal como a planta transforma as substâncias inorgânicas em seiva e em tecidos orgânicos (e todos os sêres). Mas, êste belo êxito duma ciência futura não forneceria argumento algum contra o vitalismo ou contra a autonomia da entidade-fôrça «Princípio espírito-vital»; seria, antes, uma bela prova para a continuïdade da matéria. Pois, certamente, o fenómeno físico-químico faz parte da vida e da fôrça espiritual, mas não é um fenómeno que possa explicar a vida.

Lemos a sentença dum materialista, segundo a qual «nunca, no protoplasma, se revelou a existência de um elemento específico da vida». Evidentemente: ¿como poderia revelar-se, se o protoplasma não é a sede da vida? ¿E que se compreende, afinal, por elementos específicos da vida? O princípio vital tem necessidade também do protoplasma para se manifestar e conservar-lhe a vida, mesmo quando esta — segundo os materialistas — deva, fatalmente, extinguir-se. Há yoghis que se deixam enterrar durante três meses com paralização completa da acção protoplásmica (nem os cabelos crescem) — e a vida ressurge (análise) (1).

Foi Driesch que nos mostrou, por meio de lúcidos ensaios com ouriços do mar, que a célula possui a faculdade de reconstituir um corpo por completo (enteléquia), ensinando-nos, assim, que o psicodinamismo domina o paralelismo psico-físico. Por conseguinte, a vida exerce-se, por assim dizer, dentro da matéria, sendo o mecanismo energético o seu conteúdo mais belo, e necessitando desta matéria para se evidenciar. O facto de o princípio vital necessitar do soluto coloidal, não quere dizer que êste seja vida, nem que o de floculação seja morte. Estes estádios condicionam a vida, como as teclas condicionam a música e o interruptor do circuito condiciona a corrente eléctrica. Sem estas condições, quer o princípio vital, quer a música, quer a electricidade, nem por isso deixam de existir (2).

Ora, hoje, já se sabe o que é um electrão. Não se trata de teoria, mas de realidade indiscutível. Foi estudado com os métodos da ciência e é facto autêntico. Há uma teoria nova do chamado fotão, que explica maravilhosamente os fenómenos da óptica, sem o fotão ser rigorosamente analisado e verificado. Contudo, é provável que esta teoria não seja condenada tão depressa como outras. Talvez não seja possível apresentar o fotão como o electrão, porque é um corpúsculo energético (mais energético do que a matéria, que é energia condensada). Mas a ciência acredita nêle, porque se evidencia. Acontece a mesma coisa com a vida. Temos a intuição do que ela é, mas não podemos conhecê-la; todavia, sabemos que existe ligada à matéria, como os *quanta* da energia estão casados com a matéria. O princípio vital não se vê; apenas se manifesta; e os efeitos da transfusão mecânica vital, obtida pelo magnetismo animal (humano), são a mais bela prova da sua existência (3).

---

(1) Esta morte aparente, também nos animais hibernantes se define, geralmente, por vida latente, e diz Dastre («La vie et la mort») que não há paragem da assimilação protoplásmica, mas paragem da formação e destruïção das reservas (supressão das relações com o meio-ambiente e dos actos funcionais). De resto, cf. as nossas explicações adiante àcêrca do papel etéreo, que faz o papel do vitalizador para o plano físico. O corpo etéreo guarda a vida, mesmo quando parece ter sido extinta no organismo. Havemos de demonstrar que nunca há autonomia completa, nem da alma, nem do princípio vital. Nunca há independência, o que é diferente de dependência. Se o princípio vital consegue guardar a vida por três meses, não quere dizer que seja obrigado a guardá-la por seis anos. Podemos deixar de respirar, debaixo da água, uns minutos; mas, não podemos, por isso, exigir que, pela mesma razão, devêssemos poder deixar de respirar algumas horas.

(2) Entretanto, dum modo estático ou dinâmico, condensado ou energético, a electricidade manifesta-se sempre na matéria.

(3) Basta ler o maravilhoso livro de Stefan Zweig «A cura pelo espírito» e o livro recente do espirita Dr. Lapponi, médico do Papa Leão XIII, que autorizou a sua edição.

Se os positivistas dizem que esta transfusão vital não se vê, mas que se mede, podendo, por isso, ser definida como a irradiação de matéria-energia dum sistema electromagnético mais intenso para outro menos intenso, que não pode existir se não fôr alimentado por outros sistemas (bifes, batatas, etc.), adiante veremos que o facto da apreensão quantitativa duma faculdade psíquica não contradiz que esta exista separada de propriedades físico-químicas. Isto dito ao grupo de neopositivistas que, embora não identifiquem a vida com a matéria físico-química, a definem como correlação de fôrças conjugadas, inseparáveis dos fenómenos físico-químicos. São os mesmos cientistas materialistas que não temem encontrar vida psíquica nos animais inferiores, compreendendo a psique não como alma autónoma, mas como propriedade físico-química mais diferenciada e fazendo parte dum conjunto de totalidade psico-física (ver adiante). Já se sabe que é mais fácil demonstrar só haver música com teclas e aparêlho apropriado, do que existir a mesma música também sem esta matéria, pela qual ela se evidencia aos nossos meios limitados de percepção.

A matéria condiciona a vida

A vida não reside nos grânulos do protoplasma, nem nos mitocôndrios, denominados bioplastos por alguns investigadores. O princípio vital serve-se apenas dêstes e dos plastosomas para as suas funções vegetativas. Não é bem assim, como diz Tournaire: «Um sábio que, em vez de estudar vinte livros de psicologia, se preocupa com os fenómenos da matéria viva (fenómenos que se medem e se numeram: índice de acidez-alcalinidade (PH), índice de oxidação-redução (rHa), a relação núcleo-plásmica, as medições do ponto isoeléctrico do colóide, etc.), descobre muito mais o que é o segrêdo da vida». Pois, engana-se. A vida não se define pelos fenómenos relativistas, quânticos, estatísticos, etc.

Comparemos a vida, o princípio vital, à electricidade. Poderá haver alguém que objecte ser a electricidade mais matéria que energia, visto se definir pelos electrões em andamento, que são semi-materiais, devido à sua inércia e à sua equivalência à massa ou mesmo devido à sua massa. Pois bem, comparemos, então, a vida ao som ou aos raios *gama*. Estes, embora não se queira admitir onda sem substracto material, isto é, sem corpúsculo material, são considerados, por todos os físicos clássicos, como energia «pura»; isto é, se tivessem algo de matéria, seria esta tão rarefeita que já seria como que energia pura (aliás, tôda a matéria é energia condensada). Mas, ¿como podemos nós ouvir o som sem aparelho musical? ¿Como podemos nós verificar os raios *gama* sem a matéria do rádio e sem os aparelhos que os registam? Todos os livros que nos ensinam a complexidade das funções da vida e da matéria de que êste se serve e tôda a físico-química da vida são altamente importantes e interessantes, mas nunca podem provar que, com as leis da matéria ou da energia físico-química, se explique a vida, e nunca podem refutar a nossa convicção: a vida, o princípio vital, está fora da matéria inorgânica e orgânica. A vida não é função da matéria e dos atributos desta (forma, densidade, impenetrabilidade espacial, capacidade de movimento); estes são produtos da vida. Assim como a luz e a electricidade pedem sempre uma explicação dinâmica (Schopenhauer), também a própria matéria a pede. A vida não fêz da matéria uma ilusão, uma construção mental (Nietzsche), mas formou a energia para esta matéria que realmente existe, porque a energia, de que é formada, é real. O facto de a matéria existir ao mesmo tempo virtualmente, sendo energia condensada, não se pode identificar com a ilusão (1).

A vida na matéria inorgânica e orgânica

Resta saber se a vida se evidencia igualmente ou diferentemente na matéria inorgânica ou orgânica. Ora, se, vulgarmente, se julga que a matéria inorgânica não se reproduz por si mesma, não tendo senso ou irritabilidade, nem órgãos apropriados para a sua locomoção ou conservação, nós já demonstrámos o êrro desta opinião. A matéria inorgânica, no tocante à vida, é inseparável da matéria orgânica. ¿E a respeito da sua estrutura?

Geralmente classificamos a matéria orgânica a partir do vegetal, isto é, diferentemente da classificação do sêr vivo que, assim, não é ligado à matéria orgânica. ¿Em que se baseia esta classificação? Apenas podemos falar duma diferenciação gradual, duma estrutura físico-química diferente da matéria inorgânica e orgânica. Já dissemos que não há distinção fundamental entre caneta e bife. As características clássicas da matéria orgânica, tal como a célula, o protoplasma (petroplasma no mineral), a irritabilidade, o movimento (auto-regulação), o crescimento, o metabolismo (2), o sexo, a reprodução, vimos que também a matéria inorgânica as possui. Se o protoplasma é um composto de carbono, ¿não há minerais com êste elemento? ¿A reprodução não é também uma forma de movimento, que não serve para distinguir um sêr vivo dum não vivo? (3). Certamente, o protoplasma difere do petroplasma e a célula mineral não se pode confundir com a célula vegetal; mas, a distinção rigorosa entre matéria inorgânica e orgânica é um falso treino nosso, um êrro psicológico, uma feição nervosa. A matéria orgânica não é senão matéria inorgânica, duma maneira geral mais complexa (4), duma outra arquitectura, doutro temperamento, doutra composição físico-química, devido a materiais privativos, ou seja a um pequeno número de elementos químicos especiais,

---

(1) ¿Como é possível que «a energia química potencial, a base das reservas de origem alimentar, seja a forma geradora da energia vital, fenómeno intermediário entre as manifestações de energia química e térmica» (Dastre, em «La vie et la mort»), se é a fôrça vital, entidade objectiva, que permite, por criação da matéria, que a energia química se possa manifestar? Não importa, para o facto da objectividade, que aos nossos fracos sentidos a energia vital pareça actuar ligada ao movimento e aos processos químicos da nossa matéria.

(2) Encontramos em certos vegetais saprófitas e parasitas (fungus, bacterium) uma nutrição heterotrófica que é característica para a célula animal, e encontramos em certos animais (stentor, hidra) uma nutrição autotrófica que é típica para a célula vegetal (clorofila, celulose).

(3) Em todo o caso, a reprodução e a hereditariedade são os factores mais aptos para uma destrinça gradual, não fundamental. Sabendo que o protista é sujeito às leis da transmissão hereditária, não é de julgar que, do mineral ao protozoon, haja uma brusca passagem da não hereditariedade à hereditariedade. A ciência moderna talvez descubra transmissão nos minerais(sabemos que o ultravirus mata).

(4) Duma maneira geral, visto haver matéria orgânica simples e inorgânica complexa.

Vantagens e inconvenientes das sessões espiritas

por José G. Losa

PORQUE êste assunto tem sido muito debatido nos últimos tempos, e porque eu, pela fôrça das circunstâncias, assisti durante alguns anos com a maior regularidade, sinceridade e fé às sessões espiritas realizadas em Braga e presididas pelo prático, previdente e meu dedicadíssimo amigo Sr. Joaquim Rocha, o que me levou a dedicar-me um pouco, primeiro ao Espíritismo e depois à Teosofia e ao Ocultismo, seja-me permitido mencionar aqui algumas das vantagens e inconvenientes das sessões espiritas, afim de que haja o maior cuidado e escrúpulo na formação dos grupos e funcionamento das sessões.

Escusado será dizer que as vantagens e inconvenientes são sempre proporcionais ao bom senso, pureza de intenções e preparação moral, espiritual e até intelectual dos assistentes a essas sessões.

Claro está que um grupo que se reúne com o fim altruísta de fazer o Bem, de auxiliar os que sofrem e de concorrer o mais possível para o bem-estar da Humanidade, deve naturalmente ser bem sucedido e a sessão a que se assiste deve com certeza ser benéfica, porque a ela foram atraídos os Sêres Superiores que trabalham constantemente para a evolução da Humanidade.

Porém, um grupo constituído por indivíduos que se reünem com o fim de passar o tempo, que procuram satisfazer a sua necessidade, que pretendem atrair ali, para satisfação dos seus sentimentos egoístas o pai ou a mãe, o irmão ou o noivo que partiram para o Além e de quem sentem naturais saüdades, sem se lembrarem nem compreenderem que essa atracção é extraordinàriamente prejudicial aos sêres atraídos, porque retarda e portanto prejudica a sua evolução espiritual, fazendo-os sofrer no mundo astral, que é um verdadeiro purgatório, para um grupo assim constituído, as sessões são bastante prejudiciais.

Os nossos pensamentos e os nossos sentimentos são verdadeiros ímãs que atraem aquêles que pensam e sentem como nós.

Posto isto, passemos a mencionar mais ou menos as vantagens e os inconvenientes das sessões.

Principiemos pelas vantagens. Fala-vos um espiritualista que se preza de ser sincero, que foi atraído para o Espiritismo, não pela curiosidade, mas levado por uma grande dor moral, que passou horas e dias de muito sofrimento e que recebeu enormíssimos benefícios com o estudo e prática destas sublimes doutrinas.

São decorridos vinte anos após a minha provação e eu nunca mais esquecerei os benefícios recebidos nem aquêles que me ajudaram a suportá-la, sendo também meu íntimo desejo concorrer para aliviar o sofrimento alheio, assim como me aliviaram a mim.

Vejamos então o que devemos fazer para que as sessões sejam benéficas:

Para isso, torna-se indispensável que quem preside às sessões tenha bastantes conhecimentos sôbre as Leis da Evolução e principalmente sôbre a Reencarnação e o Karma; que seja um regular magnetizador, afim de se saber impor ao manifestante, quando êste pretenda fazer mal aos assistentes ou esteja ludibriando; que tenha mesmo uma certa cultura espiritualista e filosófica para poder com-

---

e à grandeza dos edifícios moleculares e micelares. A aparência da complexidade depende de certas condições externas (cf. a era «azoica») e acarreta outras faculdades, podendo resultar propriedades mais desenvolvidas em sentido antropocêntrico e evolutivo. Estas propriedades físico-químicas não definem a vida, mas condicionam a sua manifestação mais apropriada no sentido do progresso geral.

A matéria organizada é também matéria inorgânica, obedecendo às mesmas leis gerais da matéria; mas, na sua constituïção, vai para além desta. E ainda mais além vai a matéria orgânica dos animais, e afinal, do homem. Com a complexidade da matéria e com a multiplicação de fôrças e fenómenos que se evidenciam numa matéria mais diferenciada, é natural que também a vida mais se possa evidenciar, tal como um piano de primeira qualidade melhor reproduz o som do que outro inferior.

preender quando os manifestantes pretendem iludir a boa-fé dos assistentes, fazendo-se passar por alguém de importância, como freqüentemente sucede.

É preciso também que o médium seja possuïdor de uma moral inconfundível, pois, como se sabe, cada sêr atrai a si os sêres que vibram e pensam mais ou menos em uníssono com êle. Portanto, se um médium vive duma maneira um tanto ou quanto censurável, não pode atrair a si senão elementos cuja presença deve ser prejudicial a encarnados e desencarnados.

Além disso, é preciso também uma rigorosa escôlha na admissão dos assistentes, pois são estes em geral quem, com os seus pensamentos, atraem os manifestantes ou assistentes astrais; são êles na maior parte que dão origem às fraudes e sessões turbulentas.

Ninguém devia assistir a uma sessão sem ter lido pelo menos o «Livro dos Médiuns», o «Livro dos Espíritos» e o «Evangelho segundo o Espiritismo», bem como os livros teosóficos: «O Plano Astral», a «Reencarnação» e o «Karma», para assim fazer uma idéia do acto a que está assistindo, do fim elevado para que estão reünidos e das entidades com quem está em convívio. Além disso, nos dias das sessões, todos os assistentes devem levar uma vida tão pura quanto possível, afim de não atrair a si as más influências.

Nas boas sessões, onde reina a pureza e a elevação espiritual, onde se cultiva o amor ao estudo, a Deus e à Humanidade, a prática da caridade e a cura de doentes, estes podem receber grande benefício, embora seja conveniente que êles não assistam; mas nas sessões mal orientadas e pouco elevadas, deve-se evitar sempre a assistência dos enfermos, porque êles podem ser grandemente prejudicados pelos desencarnados inferiores aí atraídos e que, por assim dizer, «vampirizam» os assistentes.

Seja-me ainda permitido lembrar que as sessões feitas com a célebre mêsa-de-pé-de-galo constituiram realmente o A. B. C. do Espiritismo e prestaram naturalmnete bons serviços, pois deram a prova de que as fôrças ocultas e inteligentes podem actuar e actuam constantemente na natureza. No entanto, parece-me que essas sessões são hoje não só desnecessárias como prejudiciais, visto que só os sêres de baixa categoria se manifestarão por êste processo.

Em-vez-da primitiva mêsa-de-pé-de-galo, procuremos antes preparar médiuns com saúde robusta e faculdades latentes, ou, se fôr possível, «sujets» convenientemente adestrados, por meio dos quais, depois de muito trabalho, poderemos conseguir ser informados com relativa verdade, com facilidade e sem o menor perigo, de qual a espécie de sêres que temos na nossa presença, observar com maior ou menor nitidez o que se passa no Plano Astral.

É êste um trabalho difícil e que exige bastantes conhecimentos, muito cuidado e paciência, mas de uma grande utilidade, pois os médiuns de escrita ou falantes substituem com vantagem as sessões com a velha mesinha, devendo porém haver o maior escrúpulo na escôlha dos médiuns e «sujets», quanto à sua moral.

As vantagens principais que me ocorrem são as seguintes: 1.ª — Um dos principais benefícios que elas podem proporcionar à Humanidade, é a de convencer os incrédulos, os materialistas, aquêles que estão sinceramente convencidos de que com a morte do corpo físico tudo acabou, provando a êsses sinceros descrentes que a vida é permanente e contínua e que, depois do desaparecimento dêsse instrumento a que se ligou tanta importância, a vida é muito mais real do que até êsse momento.

Na verdade, eu não conheço melhor maneira de convencer um materialista sincero do que a manifestação de um espírito desencarnado que tenha mantido relações familiares ou de íntima amizade com êsse materialista, relatando-lhe factos que só dos dois sejam conhecidos, não tendo, por vezes, o médium conhecido o sêr desencarnado, nem muitas vezes a pessoa a quem se dirige, e falando também algumas vezes em uma língua que é absolutamente desconhecida do médium.

2.ª — Doutrinar os espíritos desencarnados, ignorantes, e por êsse motivo votados ao mal, atraíndo-os à luz espiritual e ao conhecimento da existência de Deus e das suas sublimes leis.

3.ª — Demonstrar a certos espíritos que se julgam ainda vivos, que os seus corpos já pereceram, que já não devem sofrer os males que os consumiram em vida e que, como êles próprios verificam, a morte do corpo não põe têrmo à vida espiritual e que de si depende a sua felicidade.

4.ª — Propagar os ensinamentos espiritualistas da Involução e da Evolução do Homem, da Reencarnação e do Karma, leis cujo conhe-

cimento é indispensável ou pelo menos muito útil para o aperfeiçoamento da Humanidade e seu bem-estar geral.

5.ª — Combater o suïcídio e a pena de morte, demonstrando aos assistentes:

(a) Que com o suïcídio o homem nada remedeia e antes compromete o presente e o futuro, visto que aquela provação de que pretende fugir tem de a suportar inteiramente e em condições bem mais difíceis, visto que a sua próxima reencarnação se dará num corpo mutilado e antes de ter o descanso que lhe era devido, se não tivesse praticado êsse acto de loucura e de revolta contra as leis de DEUS.

(b) Que quando se condena um sêr humano à morte, se pratica um acto verdadeiramente insensato, porquanto o criminoso, que era considerado perigoso, estava muito mais seguro numa prisão com sentinela à vista, e seria mesmo muito mais útil a si próprio e à comunidade se o metessem em uma casa de correcção, onde se pudesse regenerar, do que em um túmulo. Êsse criminoso, depois da morte do corpo físico, fica em plena liberdade, e como o seu Eu se encontra revoltado pela desumanidade havida para com êle, tanto mais que se pode dar o caso de se encontrar inocente, entrega-se com ódio e actividade à prática do mal, de que agora as autoridades se não podem defender.

6.ª — Pode-se também, por vezes, receber certos ensinamentos que, por outro meio, não chegariam até certas pessoas, por falta de quem os ministrasse, iniciando-se por êste meio no estudo de leis que nunca pensaram que pudesse existir.

7.ª — Facilitar aos indivíduos que desencarnaram extemporâneamente e que não tiveram oportunidade de regularizar a sua vida antes de descerem ao túmulo, a comunicação da sua vontade aos sobreviventes, conseguindo que estes façam o que êles não puderam fazer por qualquer motivo, libertando-os assim de graves remorsos e facilitando-lhes uma paz que de outro modo dificilmente obteriam.

E agora, sem de modo algum querer ferir seja quem fôr, mas apenas com o fim de os prevenir e evitar prováveis desgôstos e desilusões, seja-me permitido mencionar alguns dos inconvenientes principais:

1.º — Atraír as más influências, prejudicando por esta forma os assistentes, visto que às sessões são quási sempre atraídos os espíritos terra-a-terra, e como êsses espíritos são de baixa categoria, agarram-se às diversas pessoas, principalmente às mais sensíveis, prejudicando-as e fazendo-as sofrer bastante.

2.º — Fomentar o fanatismo, o qual é muito mais perigoso no Espiritismo do que em qualquer das religiões existentes.

3.º — Predispor para a obsessão, pelo que as pessoas com tendência para serem obsediadas nunca devem assistir a uma sessão espírita.

4.º — «Vampirizar» os assistentes, principalmente os sensitivos e de saúde frágil, tendo-se mesmo chegado a verificar a diminuïção de pêso de algumas pessoas.

5.º — Retardar a evolução dos desencarnados atraídos às sessões, os quais, em vez de se irem desfazendo dos seus veículos inferiores para se elevarem ao mundo-céu, vão alimentando os seus vícios e agarrando-se à terra, contraíndo por vezes ainda maior karma, que terão de esgotar nas existências futuras.

E muitos outros inconvenientes se poderiam mencionar, mas estes são os principais. Também muito mais haveria a dizer sôbre o ambiente das sessões afim de atenuar êsses inconvenientes, mas não o posso fazer por falta de tempo e de espaço.

Direi apenas que, para que as sessões sejam úteis, para que aumentem as suas vantagens e diminuam os seus inconvenientes, é preciso que os assistentes sejam saüdáveis de corpo e alma, que tenham um mental puro, um raciocínio são e um desejo ardente de trabalhar para o bem geral, às ordens dos sêres superiores, onde a seara é grande e os obreiros são poucos.

DESCRENÇA

Os homens têm duvidado de tudo, mas nunca duvidaram da sua dor, e tem sido precisamente a dor que tem agitado o pensamento humano em convulsões de ideal, que o tem erguido às eminências de Deus. Nesta viagem de ilusões a que se chama vida, há a necessidade ingente duma idéia divina, onde o pensamento exausto possa apreciar as suas esperanças para subir mais alto. Se a vida pudesse existir sem Deus, aos nervos seria insuportável, caótica; por isso, a descrença é o maior de todos os males.

De *O Destino Humano,* do Dr. A. Lôbo Vilela.

O EVANGELHO DO CRISTO

por Fernando da Cruz Ferreira

V

O Cristianismo é a verdadeira escola positiva.

Nos ensinos de Jesus não há lugar para doutrinas acomodatícias.

O alvo visado pelo Mestre é uno e definido.

O Senhor jamais ensinou fragmentos de doutrina.

Sua escola, n Êle mesmo personificada, é uma obra completa, uniforme, perfeita.

Sua moral, como a túnica que vestia, não tem costuras nem remendos.

A crença dúbia divide a humanidade, gerando intolerâncias, dissidências e cismas.

A crença integral, é magnânima, é liberal, une e congraça os corações, fazendo da humanidade uma família.

A meia ciência incha, enfuna e confunde, originando o orgulho e criando peias à livre marcha da evolução.

A ciência integral aclara a razão e aformoseia os sentimentos, formando caracteres fortes e despretenciosos, verdadeiros factores do progresso e da civilização.

A meia arte abastarda e corompe os ideais, enquanto a arte perfeita e íntegra eleva e enobrece o espírito.

Por tudo isso, Jesus era inimigo de lacunas, de falhas e de mediocridades em matéria doutrinária: tudo pelo melhor, tudo no superlativo, «sêde perfeitos como nosso Pai Celestial é perfeito» — tal é o seu programa religioso, tal a divisa inscrita no estandarte do Cristianismo:

«Ide; olhai que eu vos mando como cordeiros entre lôbos». (Evangelho).

Um dos requisitos exigidos pelo Cristo, como condição indispensável àquêles que pretendessem seguir-lhe as pègadas, era a coragem moral.

«Eu vos envio, como ovelhas no meio de lôbos, disse êle aos discípulos».

Esta frase é bastante eloqüente e, por si só, define muito bem a posição dos Cristãos na sociedade actual.

«Sereis entregues aos tribunais por minha causa».

«Suportareis perseguições, açoites e prisão».

«Haverá delações entre os próprios irmãos».

«Atraïreis o ódio de todos».

«A nossa vida correrá iminente risco a cada instante».

«Todavia, não temais, pois até os cabelos das vossas cabeças, estão contados».

«Nenhum receio deveis ter dos homens, pois o seu poder não vai além do corpo».

«Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais a seus domésticos!».

«Portanto, nada de temores: o que vos digo em segrêdo, proclamai-o dos eirados».

«Nada há encoberto, que não seja descoberto»; «nada há oculto que se não venha a saber».

«Por isso, aquêle que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante dos homens, e o que se negar diante dos homens, eu o negarei perante meu Pai, que está nos céus».

Tais expressões são duma extrema clareza.

Para ser cristão é preciso coragem, ânimo forte, atitude varonil.

«Seja o teu falar: sim, sim; não, não».

Não há lugar para composturas dúbias, indecisas, oscilantes.

O verdadeiro crente tem que possuir convicção inabalável, têmpera rija, carácter positivo e franco.

Entre as virtudes não há incompatibilidades. A mansidão, a candura e a humildade são predicados que podem e devem coexistir com a energia, com a intrepidez, com a varonilidade.

O carácter do cristão háde ser forjado de aço de Tolêdo e de ouro do Transval.

Disse um filósofo — «ouro sôbre aço sejam a tua vontade e a tua conduta. Sôbre o aço do teu pensamento, há-de luzir o arabêsco de ouro das formas puras e gentis. Ouro e aço

será a tua vida, serão teus propósitos, serão teus actos.

Fraqueza, indiferença, marasmo, não são expressões de bondade.

«Não és frio nem quente; por isso quero vomitar-te da minha bôca»,—escreveu Paulo.

Passividade não é virtude.

Entre o bem e o mal, a verdade e a impostura, a justiça e a iniqüidade, não há lugar para acomodações, nem para neutralidade.

O cristão tem de se definir sempre em tais conjunturas, confessando o seu Mestre.

«Ninguém pode servir a dois senhores».

Que relação pode haver entre Jesus e Baal? Dobrar os joêlhos diante de todos os tronos, só porque são tronos; curvar-se perante todos os Césares, só porque são Césares, afazer-se às tiranias e às opressões, anuir directa ou indirectamente às vilezas da época, pactuar, enfim, com a injustiça, de qualquer maneira e por quaisquer motivos, é negar a Jesus Cristo no cenário social.

Não sejais escravos dos homens nem das paixões; não sejais, igualmente, nem parasitas, nem bajuladores, nem mendigos. disse um grande educador.

Não se triunfa na vida sem ânimo viril. É a covardia moral que faz o homem escravisar-se a outros homens; que o faz escravo de vícios repugnantes e de paixões vis e soezes.

É ainda por pusilanimidade e covardia que o homem bajula, mendiga e se torna parasita.

Sem uma boa dose de coragem (quási ia dizendo de audácia), o homem não cumpre o dever e menos ainda consegue sair-se airosamente das emergências difíceis da vida.

O suïcídio, seja por êste ou por aquêle motivo, é sempre um acto de covardia moral.

A sentinela valorosa jamais abandona o pôsto que lhe foi confiado.

Os altos problemas da vida, consubstanciados na sentença evangélica — «Sêde perfeitos como nosso Pai Celestial é perfeito» — requerem ânimo forte e vontade irredutível para serem solucionados.

Não é fugindo aos perigos e às dificuldades que o homem as háde vencer, mas sim fazendo-lhes frente. A coragem moral é a primeira virtude do homem de fé.

Cumpre, porém, não confundir a verdadeira coragem com as caricaturas de coragem que se ostentam por tôda a parte.

Enquanto estas são burlescas e vulgares, aquela é rara e cheia de nobreza.

A coragem não consiste em atitudes violentas ou belicosas. Nada tem de comum com a temeridade.

É serena e íntima. Não se ostenta em bracejos ou gesticulações espectaculosas, nem em frases ameaçadoras e ofensivas.

Revela-se antes em suportar, do que em repelir a ofensa recebida.

Energia não significa agressividade.

Ser franco, não é ser ferino, nem sequer contundente.

Quanto maior é a coragem, tanto mais calmo age o indivíduo. A consciência do valor próprio, aliada à fé no Supremo Poder, faz o homem tolerante, sofrido, paciente e tranqüilo.

Tal foi a atitude invariável de Jesus diante das conjunturas mais embaraçosas de sua vida terrena.

Suportou tôdas as injúrias, tôdas as humilhações, tôdas as iniqüidades que lhe foram infligidas, conservando imaculada e intangível a pureza do alto ideal por que se bateu até ao extremo sacrifício.

Tal é a coragem de que precisam revestir-se os seus discípulos de hoje, como fizeram os seus discípulos do passado.

Saulo, antes de ser Paulo, não denotou coragem nenhuma perseguindo, aprisionando e consentindo no assassínio dos primeiros adeptos do Cristianismo nascente.

Saulo tinha às suas ordens gendarmes municiados; as altas autoridades civis e eclesiásticas tinham-lhe conferido poderes discricionários.

Os perseguidos eram, na sua maioria, párias sociais, sem protecção, pobres e desarmados.

A atitude de Saulo era daquelas que confirmam o provérbio popular: «se queres ver o vilão, mete-lhe a vara na mão».

Após o célebre dia de Damasco em que Saulo se transformou em Paulo, a vilania daquêle converteu-se na coragem moral dêste. De algoz passou a ser vítima. A seu turno perseguido, tendo agora contra si as armas e o rancor das autoridades detentoras do poder: correndo os maiores riscos, suportando prisões e açoites, afrontando a morte a cada momento, Paulo caminha intrépido e destemido, na defesa da causa santa da justiça e da liberdade, personificadas no credo de Jesus.

O extraordinário apóstolo dos gentios oferece-nos em si mesmo exemplos da falsa e da

Jul/Ag/42

ESPIRITISMO E TEOSOFIA

por Haydi de Tebelen

III

INJUSTIFICADA e injustamente condenam os teósofos o Espiritismo, pois que, se M.me Blavatsky foi um grande espírito e um grande cérebro, foi também uma grande médium. As extraordinárias qualidades psíquicas de que fôra dotada, eram decerto o produto de passadas encarnações e da sua evolução no astral.

Mas não é menos certo que elas foram também o canal expressamente destinado às manifestações do Grande Mundo, para que nós, os habitantes do Mundo da Ilusão, despertássemos do sono em que estavamos mergulhados desde alguns séculos e passássemos a acreditar na existência e no poder dos habitantes do Invisível. Foi também através da mediunidade que esta Irmã pôde cumprir na terra a sua grande missão. A êsse respeito, P. Sinnett consagra-lhe páginas interessantes no seu livro intitulado «Mundo Oculto». Nêle é provada duma maneira indiscutível a mediunidade da fundadora da Sociedade Teosófica.

Vejamos na pág. 138: — «O adepto é a eflorescência rara duma geração de investigadores; e para vir a ser adepto é preciso obedecer-se ao impulso íntimo da alma, abstraíndo de considerações que a prudência dita acêrca da sagacidade do mundo. O seu desejo é comunicar connosco directamente, sem a intervenção de Madame Blavatsky ou de outro *médium*. A sua idéia principal parece ser obter comunicações, quer escritas, como esta, quer audíveis, que o possam guiar na direcção e principalmente na orientação da Sociedade». Refere-se à Sociedade Teosófica.

Na pág. 249: — Conta o coronel Olcott que um dia, em Nova-Iork, Madame Blavatsky pediu-lhe que lhe desse uma fôlha de papel, marcada de maneira que fôsse possível reconhecê-la. O coronel trouxe então uma fôlha timbrada com a designação dum clube dessa cidade, em que ela meteu papel absorvente entre duas fôlhas duma pasta. Daí a pouco, passando as mãos por cima da pasta, tirou o papel que o coronel lhe tinha dado, com o mesmo timbre do clube e com a figura dum faquir hindu. Alguns artistas, a quem mais tarde o desenho foi presente para apreciação, acharam o trabalho duma perfeição absoluta, o qual, como curiosidade artística, era de inestimável valor e interêsse, por lembrar as obras dos velhos artistas da Índia, cuja memória tanto veneravam. Era pois um trabalho obtido por meio de precipitação».

Na pág. 250, afirma ainda: — «No meio do almôço, Madame Blavatsky estremeceu, como de costume, sempre que a sua visão íntima reconhece a presença astral dum Irmão».

Como acabamos de ver, Madame Blavatsky, foi médium e praticou a mediunidade.

Seria pois natural que ela tivesse contribuído para o desenvolvimento do Espiritismo, dados os seus profundos conhecimentos das ciêncisa ocultas.

Estranho nos parece, pois, que no seu livro intitulado *Isis sem Véu* esta nossa irmã qualifique os médiuns de *sensitivos doentios*, pessoas aptas a receberem as influências do astral inferior. Os médiuns propriamente ditos são também por isso, na sua maioria, indivíduos em quem os elementos inferiores se manifestam por vezes, até ao próprio crime.

Mas, quando a fundadora da Sociedade Teosófica fala da mediunidade, «pura, cristalina, límpida, de côres opalinas como a au-

---

legítima coragem, antes e depois da sua conversão.

Convertamo-nos pois nós também, como se converteu Paulo.

Provemos em nós mesmos, com uma transformação radical do nosso carácter, a eficiência e o poder de Jesus Cristo, como Redentor da humanidade, como libertador do homem, mediante o exemplo de coragem moral que Êle nos legou como a mais preciosa das heranças.

rora, acrescenta que tudo depende do carácter do médium e logo nos cita Appolonius, Jamblico, Plotino e Porfírio, que condensavam êste ninho celeste», acrescentando que «êle era engendrado pelas suas próprias almas, em união estreita com os seus espíritos, e pela sôbre-humana moralidade e santidade da sua vida, que era auxiliada pela freqüente contemplação extática interior. As influências puras e espirituais podem assim agir sôbre os homens justos.

Fazendo brilhar em volta dêles uma atmosfera divina e benfeitora, é impossível a estes últimos existirem na sua aura; mas êles não podem de maneira alguma residir na aura das pessoas obsediadas, se o taumaturgo exerce a sua vontade ou mesmo se aproxima delas.

Isto é *mediação,* e não *mediunidade.* Tais pessoas são os templos em que reside o espírito de Deus vivo; mas se o templo fôr maculado pela admisão dum sentimento mau, dum pensamento ou dum desejo, o *mediador* recai na esfera da bruxaria.

A porta está aberta; os espíritos puros retiram-se e os maus nela fazem a sua entrada. Trata-se ainda de *mediação,* se bem que má; o bruxo, assim como o verdadeiro mago, prepara a sua aura, submetendo à sua vontade os espíritos interiores que lhe são simpáticos.

M.me Blavatsky admite o que ela chama a *mediação* ou *domínio,* e não a *mediunidade,* ou *passividade.* Pela mediação, entende esta nossa irmã que o espírito encarnado pode, — se é puro — guindar-se até junto das entidades superiores do Astral e dominar os espíritos inferiores.

Foi êste o programa que ela estabeleceu para a Sociedade Teosófica.

Condenou a mediunidade, que considerou perigosa pela *passividade* do médium, não admitindo que os bons espíritos baixassem até junto de nós, alegando que a passividade no médium é a porta aberta para os habitantes do astral inferior e para os elementos perigosos.

Enalteceu a mediação, como se a maioria dos pobres mortais, que constituem ainda hoje o estado geral da humanidade, pudessem praticá-la.

Passou um véu sôbre as várias modalidades da mediunidade, pois que ela soube, tão bem ou melhor que nós, que os espíritos elevados baixam em médiuns cujo carácter e aura se condensam — «num nimbo celeste», para utilizar, ainda, a sua já citada frase.

E ainda sob êsse véu ficou também envolto o muito que se contribuíu para a elevação espiritual, pelo auxílio aos irmãos em perturbação. Quanto mais ràpidamente o espírito fôr esclarecido, mais depressa enceta a sua tarefa evolutiva. E assim, seguindo a grande Cadeia da Vida, quanto mais rápido fôr o seu progresso no Além, mais rápido também e maior o será na terra, até que termine a sua cadeia de reencarnações.

¿Porque motivo é que êsse douto espírito que foi Ana Petrovna Blavatsky não quis reconhecer quanto é útil e sacrossanta a mediunidade, quando bem praticada?

Condenando a mediunidade, os nossos amigos teósofos baseiam-se em que os chacras dum médium funcionam em sentido contrário aos dum indivíduo normal e que as encorporações provocam no corpo astral uma grande brecha, ocasionando perturbações nervosas e mentais. Contudo, não nos consta que M.me Blavatsky sofresse por êste facto quaisquer pertubações dêsse género.

Não só os médiuns têm sido muitas vezes acusados de loucos, mas também os poetas, os artistas, os filósofos, todos aquêles que, enfim, saiem fora dos limites da rotina estabelecida pelas sociedades.

Além dos médiuns, profetas e missionários, de que já falamos, longa seria a lista se quisémos citar os nomes de artistas admiráveis que também foram incompreendidos, e por vezes mesmo perseguidos e martirizados.

O artista, mais que os outros homens, ama e sofre. Comove-se mais intensamente ante a dor, ou ante o ritmo da Natureza. Compreende-a melhor, porque a ouve, a vê e a sente mais profundamente em tôdas as suas manifestações.

Os poetas vêem no escuro duma negra noite — e ouvem no silêncio dum descampado... Por isso, os grandes poetas principiam os seus poemas num cântico de invocação aos deuses.

¡Loucos os poetas, loucos os médiuns — e loucos os que em seus vôos espirituais, não são compreendidos pelos materialistas!

A Ciência oficial também coloca o génio e a loucura a par. Talvez porque a característica principal dos homens de génio, dos loucos e dos médiuns, é a intermitência. A meu ver, isto procede de que o génio é também uma manifestação mediúnica, e que a lou-

Bibliografia

A DIVINA EPOPEIA, *por Bittencourt Sampaio* — Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira, 519 páginas, 1941.

BITTENCOURT SAMPAIO foi um dos mais belos poetas brasileiros do seu tempo e o seu nome corre mundo subscrevendo duas obras de índole mediúnica: «Jesus perante a Cristandade» e «De Jesus para as Crianças», autênticas joias doutrinárias em que a figura do Mestre Divino resplandece e avulta. O luminoso espírito de Sampaio quis enviar-nos do Além o seu depoimento e soube fazê-lo com devoção, imprimindo à narrativa a sobriedade e verdade que as obras requeriam.

Um dia, sentiu-se empolgado pelo Evangelho de João e traduziu-o em verso branco, dando-lhe o titulo de «Divina Epopeia». Na verdade, cada um dos cantos em que a obra se decompõe é um hino espiritual em louvor do Cristo de Deus.

A segunda parte do livro é dedicada à interpretação dêste evangelho.

Trata-se duma obra que se esgotara há muitos anos e só há pouco foi reeditada. A Federação Espirita Brasileira merece louvores por tão bela e útil iniciativa. Consignamos aqui a nossa admiração pelos operosos confrades que, do outro lado do Atlântico, trabalham afanosamente na dessiminação do Espiritismo, através de múltiplas e admiráveis emprêsas, sem cansaço, nem desfalecimento.

Esta obra de fôlego está destinada ao maior êxito de livraria, como sucedeu àquelas duas obras mediúnicas, de que se têm vendido muitos milhares de exemplares, no Brasil e em Portugal. Pena é que a dificuldade de comunicações no impossibilite, actualmente, de podermos êste livro à venda.

ORAÇÃO

Glória a ti, Senhor do Universo, criador de tôdas as maravilhas que existem no espaço infinito.

É por tua sabedoria inacessível que vive e cresce a erva rasteira na crosta escura da terra e que se acendem as constelações nos abismos do espaço sem fim.

Por ti, Senhor, foi criado o verbo do princípio.

Por tua grandeza inatingível e por tua justiça misericordiosa, abre o tempo os seus ilimitados tesouros para a evolução das almas.

Por teu amor sacrossanto e sublime, florescem todos os risos e tôdas as lágrimas no coração das criaturas.

Abençôa, Senhor, tudo o que vive, respira e palpita no Universo, e as nossas sagradas esperanças no teu reino de luz e de paz.

Jesus é para nós o teu verbo de amor, de harmonia e de beleza.

Fortalece, Senhor, as nossas aspirações de cooperar na tua santa seara!

Multiplica as nossas energias e faze chover sôbre nós o fogo sagrado da fé, para espalharmos na terra as divinas verdades que nos enviaste.

Basta, Senhor, uma gôta de orvalho da tua misericórdia, para que se purifiquem todos os corações mergulhados no lôdo dos vícios, das vaidades, dos pecados terrestres, e um só raio do teu poder para que todos os espíritos se convertam ao bem supremo.

Um Estudante do Evangelho

---

cura é, em muitos casos, a mediunidade descurada e possuída pelos espíritos inferiores.

O problema da mediunidade ainda não foi compreendido pela maioria dos psicólogos.

Nos tratados de fisiologia e de patologia do génio, os nomes mais célebres das belas-letras, os maiores pensadores e os mais inspirados poetas, enfileiram ao lado dos maníacos e dos tarados.

Vejamos o que nos diz o psicólogo e professor Dr. Júlio Lopes Cardoso, no seu livro *O Génio e a Loucura*, sôbre sintomas anormais quando se refere à inspiração: «Nada se assemelha melhor ao alienado preso dum acesso de loucura, do que o homem de génio quando medita e elabora as suas ocupações. Num, como noutro, se podem notar a pequenez e a contracção do pulso, a temperatura glacial da pele contrastando com o afogueamento da face, o brilho dos olhos, a congestão das conjuntivas, o desvairamento do olhar, etc. Passado o momento da inspiração, sucede muitas vezes que o próprio autor não compreende o que escreveu pouco antes — como o epilético que, terminado o acesso, perde totalmente a memória de tudo quanto durante êle se passou».

Facto semelhante se passa com os médiuns, como todos nós sabemos.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Por que creio no espiritismo

Antes da British Broadcasting Company estar entregue à direcção actual, que considera o Espiritismo o demónio da humanidade, Mr. Ernest W. Oaten, ex-presidente da Federação Espirita Internacional e director do semanário *The Two Words*, proferiu uma palestra ao microfone daquela companhia radiodifusora, palestra que produziu enorme sensação, mercê da sinceridade e desassombro do velho propagandista, altamente conceituado em tôdas as regiões do Reino Unido.

Por que são actuais e por que encerram grandes verdades que convidam à meditação, vamos transcrever alguns passos dêsse trabalho consciencioso.

Eis o que, em síntese, disse Mr. Ernest Oaten:

«Eu fui educado, no seio dos não conformistas e na minha juventude fui presa de sérias dúvidas a respeito dos problemas religiosos. Pareceu-me que tôda a religião girava em tôrno do ponto central: se havia, ou não, outra vida. ¿A nossa existência actual é completa em si ou é o segmento dum grande círculo? Se não existe outra vida depois desta, então, talvez possa haver lugar para uma ética e uma moral, mas de modo algum para uma religião; e, conseqüentemente, a existência dum mundo espiritual constitui o preâmbulo de tôdas as grandes religiões.

«O Espiritismo (Espiritualismo, como lhe chamam em Inglaterra) suscitou em mim, por princípio, incredulidade e desprêzo, e, não obstante, os homens que eu conhecia e que estavam associados a êste movimento eram sãos, decentes e íntegros. Escutava o que diziam sôbre as suas experiências nas sessões espiritas e cheguei à conclusão de que tinham sido enganados e que a mim apenas me restava denunciar todo o seu conteúdo.

Foi com esta atitude mental que, acompanhado de dois parentes, assisti à primeira sessão, em Cardiff, em Fevereiro de 1892. Os que estavam presentes, talvez uns 16, eram pessoas de inteligência regular. Fizemos a sessão com luz branca, suficientemente forte para se poder ler, e, no decurso dos trabalhos, uma mesa de nogueira, redonda e pesada, flutuou no ar, sem o mínimo contacto. Eu e um dos meus parentes explorámos, com um bastão, tôda a sua circunferência, enquanto esteve suspensa. Todos os circunstantes voltaram o espaldar das cadeiras para a mesa, ajoelhando-se sôbre elas, de forma que nenhum pé estava debaixo da mesa, e assim pude verificar que a mesa se elevou no espaço, permanecendo levantada durante alguns minutos.

Além disso, estava sob uma direcção inteligente. Obedecia às nossas preguntas, ao pedir-se-lhe que se movesse nesta ou naquela direcção; e, mais tarde, sempre sem contacto, deletreou mensagens ou comunicações, incluíndo o nome, enderêço e data do falecimento do meu avô, ocorrido havia alguns anos, no Oeste da Inglaterra. Disse-nos, também, a idade, a profissão, o nome de sua espôsa, etc. Realizei um pormenorizado exame da habitação e nada pude ver que justificasse o fenómeno. Estava intrigado. No dia seguinte, pedi a mesa emprestada e mandei pesá-la. Tinha uns 40 quilos. Foi esta a minha primeira experiência».

Então, Ernest Oaten referiu-se a uma das suas primeiras sessões, quando as mensagens se obtinham por pancadas com a mesa:

«Nesta altura, recebemos algumas informações àcêrca de um parente que vivia em Londes e de quem já havia cinco anos não tínhamos notícias. Referia-se a acontecimentos ocorridos naquele momento e que ninguém, por certo, podia saber em Cardiff. Tôdas as informações foram, plenamente, confirmadas. Estas experiências convenceram-me de que havia alguma coisa que exigia explicações; e entrei num largo período de leituras e investigações pessoais, que têm durado mais de 40 anos e me hão proporcionado uma felicidade indescritível, eliminando tôda a dúvida a res-

peito da existência duma Sabedoria e duma Finalidade nos propósitos da Vida.

«Tenho assistido a mais de 4.000 sessões, de tôda a espécie, muitas delas revestidas de simplicidade e muitas realizadas com rigoroso contrôlo científico».

Depois, afirma:

«Nas minhas experiências há um resíduo que prova que as inteligências que trabalham são de sêres humanos, como as que estão presentes, na matéria. Por outras palavras: como fruto de 40 anos de investigações, estou absolutamente seguro de que os chamados *mortos* podem comunicar-se com os vivos.

«Declaro que o grau de evidência que tenho obtido impede-me de duvidar da verdade da comunicação com os que transpuseram os umbrais da morte. E esta convicção é tão forte, que, mesmo que fôsse o único homem que, na terra, nela acreditasse, a minha fé permaneceria inabalável.

«Por clarividência tenho visto pessoas falecidas e obtido comunicações verídicas e informações desconhecidas dos circunstantes. Tenho fotografado formas de espíritos, sob rigoroso contrôlo. Tenho visto e estreitado nos meus braços formas materializadas à luz do candeeiro, do gás, à luz eléctrica e em pleno dia. Tenho-lhes apertado as mãos e mantido conversações com elas, à frente de testemunhas.

«Dêste modo, permiti que diga, enfática e categòricamente: Sei que há uma vida depois desta, pois falei com os sêres que nela vivem; e estou certo de que, pelo menos alguns dos seus habitantes, são pessoas que emigraram dêste mundo. Não se trata, simplesmente, dum caso de testemunho acumulado, que me permite sustentar esta crença; tão concludente é o valor da minha experiência, que seria levado a crer, mesmo se as minhas inclinações fôssem diferentes».

Passando a falar da vida futura, disse:

«A vida física é, de algum modo, o prelúdio da *vida*, e, neste sentido, é bem certo que só começamos, realmente, a viver, quando *estamos mortos*. De resto, pelas conversações mantidas com os espíritos, creio que a morte não exerce qualquer mudança imediata no nosso carácter, na nossa personalidade psíquica. No momento da morte, o homem passa a outra vida com a bagagem mental e espiritual que adquiriu na terra.

«Creio, como Gladstone, que o estudo dêstes problemas constitui o trabalho mais importante que se está fazendo no mundo. Existem, pois, duas coisas certas para cada um de nós: 1.ª, que viemos a êste mundo; 2.ª, que havemos de o abandonar. A nossa existência é passageira tarefa de uns 70 anos: em rigor, uma simples fulguração ante o sol da Eternidade.

«Um homem que se julgue prático, porque dedica tôda a sua atenção a esta vida, é a pessoa mais míope que existe, visto que os seus dias só representam um fragmento em relação a tôda a grande vida que nos espera depois. Estou convencido de que existe um mundo espiritual que se exerce à nossa volta «como uma atmosfera».

«Morrer é separar-se o espírito do corpo material. Durante a vida física, há uma interacção entre os dois corpos e que varia, segundo os indivíduos. Estou convencido de que o mais importante desta vida é vivê-la, sabendo que perdura, além das fronteiras da morte. O testemunho de todos os espíritos coïncide num ponto: na outra vida todos os sêres obtêm a «sua justa recompensa», nada mais, nada menos. Podemos dizer que «na casa de meu Pai há muitas moradas», mas cada um deve mobilar a sua habitação; e isto depende, não do credo ou religião que professe, mas da espécie de vida que tenha vivido. É penoso, portanto, que, aqui, na Inglaterra, a lei considere ilegal, nalgumas cidades, as sessões particulares com médiuns, e noutras não. Desta forma, o Espiritismo é a única tendência que não goza de liberdade religiosa.

«Em conclusão, direi que creio, como Vítor Hugo, que, ao descer à campa, poderei dizer que terminei o meu labor, mas não poderei dizer que conclui a minha vida. Os meus dias principiarão de novo, na manhã seguinte. A tumba não é uma encruzilhada, mas uma avenida. Fecharei os olhos no crepúsculo para os abrir na aurora».

Leis draconianas e obsoletas

Psychic News traz-nos frescas notícias àcêrca da perseguição aos médiuns na livre Inglaterra, tão livre, que até permite aos juízes a faculdade de desenterrar poeirentas leis, daquelas que, noutra região qualquer, já pertenceriam, há muito, ao museu da Histó-

ria. Nós não concebemos, nem compreendemos tão bizarro critério. ¿Questão de temperamento? ¿Questão de inteligência? Seja como fôr, é questão grave, segundo o nosso entender.

Em 1824 — há cento e dezóito anos — o parlamento inglês fabricou um diploma especial, dirigido contra vadios, mendigos e ladrões, que nesse tempo infestavam a Grã Bretanha. Êsse diploma foi baptizado com o nome de «Vagrancy Act» (lei da vadiagem) e pelos anos fora teve muitas vezes aplicação, no sentido de sanear a velha Albion duma praga maligna que tamanhas apreensões causava.

Pois bem: em 9 de Maio último, *Psychic News* inseria um longo e retumbante artigo de Maurice Barbanell, intitulado: «É pela liberdade que lutamos?» E abre com as seguintes palavras significativas:

«No meio das lutas britânicas pela liberdade, a guerra foi interrompida a semana passada, afim de permitir à polícia secreta um bombardeamento psíquico e espalhar o alarme e o desânimo entre os espiritas desta terra».

A grande médium Stella Hughes foi a vítima do ataque policial, nivelada com charlatães e vagabundos, ao abrigo duma lei arcaica, própria de cavernícolas. Duas mulheres-polícias telefonaram-lhe, pretextando grandes apuros na vida e pedindo-lhe que realizasse uma sessão particular para elas. Stella Hughes acedeu. E, pondo em acção as suas faculdades psicométricas, afirmadas em variadíssimas circunstâncias, revelou panoramas cósmicos relativos às duas visitantes, uma das quais declarou que ia ali recomendada por uma amiga.

Não foi preciso mais. Stella Hughes, médium oficial da Marylebone Spiritualist Association, é levada ao tribunal, sob a acusação de *predizer o futuro*, horrível crime que, na livre Inglaterra, a «lei da vadiagem» de 1824 não pode deixar impune. O juiz acreditou nas mulheres-polícias e rejeitou as declarações da médium, condenando-a em dez libras de multa e nas custas do processo.

A Inglaterra está cheia de «fortune-tellers» (leitores da «buena dicha»), segundo escreve o director do *Psychic News*.

«¿Porque não se administra imparcialmente a lei? — pregunta o articulista — Os jornais gabam-se tôdas as semanas de que os seus luminosos profetas revelam o futuro a milhões de leitores. ¿Porque é que Lord Beaverbrook não está no calabouço? Há muitos anos que o seu *Sunday Express* publica uma coluna intitulada: «O que as estrêlas anunciam». ¿Porque não está no calabouço Lord Rothermere? ¿Porque não está no calabouço Lord Kemsley? Todos os jornais dêstes magnates publicam colunas semelhantes. ¿Há, então, uma lei para os lordes da imprensa e outra para os médiuns?

«¿Porque não são perseguidos os grandes armazéns de West-end, que vendem chávenas de chá com «buena dicha»?

«Se a polícia invocou a seu bel-prazer a Lei da Feitiçaria», então, podiam ser presas centenas de milhar de pessoas que assistiram a sessões espiritas...

«Winston Churchill transgrediu a lei, obtendo comunicações nas suas experiências com a prancheta; e o seu substituto, Clement Attlee, também a transgrediu, por assistir a uma sessão espirita.

«Ernest Bevin transgrediu a lei, quando assistiu a uma reünião espirita no Queen's Hall, o mesmo sucedendo a Sir Kingsley Wood, assistindo a uma reünião no Fortune Theatre, em que Meurig Morris fez um discurso memorável, no estado de transe.

«E há duas ou três semanas, dois membros da família real transgrediram, igualmente, a lei, recebendo mensagens espiritas, numa sessão de voz directa.

«Uma sociedade clarividente gaba-se de que é consultada por pessoas reais e distintos homens de Estado —¡ Winston Churchill era um dos seus melhores clientes! — e tem sido recebida no S. James's Palace, sem que tivesse caído na alçada da «Lei da Vadiagem».

«E a própria polícia já tem utilizado algumas vezes certos médiuns, quando se lhe deparam crimes para os quais não encontra solução.

«É escandaloso que, em meio da nossa luta pela liberdade, os espiritas sejam o único corpo religioso, a quem se negue a sua liberdade legal.

«A Carta do Atlântico proclamou que um dos nossos objectivos *post-guerra* era: «todos os homens de tôdas as terras podem viver livremente e sem receio». ¿Êste preceito aplica-se também aos médiuns?»

E a terminar o artigo:

«Há milhares de espiritas nos serviços mili-

tares, na defesa civil e nas restantes frentes, auxiliando a Grã-Bretanha na sua *hora H*, com o fim de preservar a liberdade e a democracia. ¡Apesar disso, a lei continua a considerá-los como velhacos, vagabundos e ladrões!...»

É, realmente, estranho que em pleno século vinte se exerçam perseguições no género da que vitimou a médium Stella Hughes e principalmente num país disposto a aceitar todos os progressos da civilização moderna. Se exercer faculdades psicométricas é delito punível pelas leis, então está a jurisprudência muito atrasada, pois não defende os que têm fome e sêde de justiça e deixa impunes legiões de criminosos cujos tentáculos empolgam os que nasceram sob o rodado implacável duma falsa evolução.

Grande médium de clarividência

Psychic News de 2 de Maio faz importantes referências ao médium Harry Dyer, sócio fundador da Batham Spiritualist Society e um dos mais notáveis clarividentes da actualidade. É curioso frisar as palavras sacramentrais de Harry Dyer, quando lhe falavam de sessões espiritas: «Eu nunca quis ver espíritos e morreria de mêdo se os visse». Pois, hoje, não só os vê sem receio, nem temor, como ainda serve de agente em importantíssimas sessões de voz directa...

Antes de se lançar no estudo do Espiritismo, era prégador duma igreja metodista, no Sueste de Londres, onde, mais tarde, foi algumas vezes dar sessões de clarividência, depois de a ter abandonado. Já nos seus tempos ortodoxos realizava várias experiências psíquicas, que nunca chegou a compreender.

Na sua mocidade, sofria de gaguez e tinha receio de ler em voz alta. Pois algumas vezes se deu o caso de ler na sua igreja sem a mínima dificuldade, facto êste que o deixava assombrado.

Foi a «morte» dum amigo íntimo da sua igreja metodista que o levou ao estudo do Espiritismo. Êste amigo consultou um dia o famoso médium de curas psíquicas, F. J. Jones, e Dyer acompanhou-o, ficando admirado do rigor com que o médium diagnosticou. Infelizmente, o amigo não pôde continuar o tratamento e entrou num sanatório, onde desencarnou.

Na primeira sessão a que assistiu, foi logo escolhido pela médium, que descreveu o seu amigo, mencionando a data do falecimento, a sua causa, etc., e disse que êle tinha só uma perna. Depois, transmitiu a seguinte mensagem do Além:

— Agora, que conheces a Verdade, banha-te nela.

Era a expressão predilecta do seu amigo, quando desejava realçar um facto.

Apesar dos protestos dos seus amigos metodistas, Dyer realizou sessões com muitos médiuns, conseguindo salientes provas do médium fotográfico John Myers e do conhecido médium americano de voz directa Hazel Ridley.

HARRY DYER

Uma vez convencido das verdades espiritas, fundou um grupo familiar; e tão fortes eram as «vozes directas» ali obtidas, que os vizinhos reclamaram e as sessões foram suspensas. Mas depressa espíritos curadores começaram a controlar Harry Dyer, o que o levou a formar um grupo de curas, que trabalhou durante três anos.

Depois disso, deu início ao seu principal trabalho — o transe mediúnico, seguido pela clarividência, com a particularidade notável de dar nomes e sobrenomes dos espíritos manifestantes, coisa dificílima, considerada um dos maiores escolhos da mediunidade. E com tanta tenacidade e paciência diligenciou melhorar o seu trabalho, que as suas demonstra-

Notas & Comentários

Sinal dos tempos...

É grande a confusão dos homens, que se degladiam cegamente em lutas fratricidas. Perdeu-se a noção do Bem e do Belo e a dignidade humana escoou-se nos abismos insondáveis, onde se perdeu também grande parte do activo espiritual que parecia manter de pé a sociedade enferma e deliquescente. Tudo se vê ruir com estrondo, sem exclusão das obras que assentavam em sólidos fundamentos. ¡Civilização mórbida, inadequada aos princípios evolutivos que pretendem abrir caminho, insensíveis a comodidades e interêsses de povos ou de castas, impotente para manter em justo equilíbrio fôrças incoercíveis que não obedecem a decretos ou leis terrenas!

Neste ambiente indefinível, o Espiritismo teria de encontrar forte e dura resistência. Apesar disso, os adeptos proliferam extraordinàriamente, em tôdas as regiões do globo.

Há pouco ainda, os espiritas americanos deram testemunho da luta que é necessário enfrentar no mundo. Augustes T. Lockwood, de Filadélfia, deixou oito mil dólares (cêrca de duzentos contos) destinados a uma escola de médiuns a criar em Lily Dale, grande centro espirita, onde a propaganda tem sido realizada em larga escala. Ora, o govêrno de Pensilvânia havia contestado a validade daquela doação, atendendo ao facto dela «violar os costumes públicos». O próprio Delegado do Ministério Público afirmou que «estabelecer uma escola de médiuns equivaleria a fundar uma escola de gatunos»!... Assim, o juiz invalidou a doação. Mas os espiritas apelaram para o Supremo Tribunal do Estado e ganharam a questão, por cinco votos contra um. Infelizmente, mais de metade do dinheiro foi gasto nas custas e selos do processo.

Nota-se, pois, uma resistência tenacíssima, quer nos poderes constituídos, quer nas religiões oficiais ou oficializadas, contra a livre expansão duma idéia em marcha há mais de noventa anos e que abre caminho em tôdas as latitudes, destruindo superstições e preconceitos e fazendo constantes apelos ao raciocínio e à inteligência das pessoas de bom senso e de boa vontade.

Sinal dos tempos é êste que nos convida a exercer em tôda a extensão as nossas fôrças experimentadas em pugnas leais. Sabemos que é preciso sofrer, sentir vergar o dorso ao pêso de responsabilidades quási insuperáveis, mas sentimos na alma a reacção natural e providencial que aplana dificuldades e impulsiona as grandes emprêsas.

Essa reacção aparece sempre na altura própria, animando os batalhadores e dando aos factos estranha e imprevisível seqüência. Por isso, aguardamos tranqüilamente os acontecimentos, certos de que os saberemos enfrentar com denodo, pensamento ao alto e olhos no ideal sacrossanto que nos guia.

Todos os espiritas deviam constituir uma «frente» única, dispostos a defender o seu reduto espiritual, em vez de se entregarem a comodismos negativos e estéreis. Só assim poderiam dar merecida resposta ao sinal dos tempos que se faz ouvir em tôda a parte, gritado pela imponderabilidade das coisas...

Aplausos

A nossa reacção à campanha das *Novidades* trouxe-nos o aplauso de muitos confrades que ignoravam, em absoluto, o acontecimento. Souberam dêle por *Estudos Psíquicos*, que expôs o caso como lhe foi permitido e não como era seu desejo.

ções públicas de clarividência têm atingido cem por cento de exactidão, como, ainda há pouco, afirmou W. E. Harrinson, presidente da Balham Spiritualist Society.

Certo dia, predisse grave desastre a um assistente metodista e deu-lhe completos pormenores de tempo, lugar, bem como àcêrca das pessoas envolvidas no caso. O metodista achou muita graça à predição, mas quinze dias depois o desastre ocorreu, exactamente como fôra anunciado.

Há coisa de cinco anos, salvou a vida, em virtude de aviso dos espíritos. Quando se preparava para viajar em caminho de ferro, sentiu, inopinadamente, uma impressão estranha e não ocupou a sua carruagem habitual. Durante a viagem, esta carruagem foi destruída e muitas pessoas morreram na catástrofe.

Harry Dyer tem-se desenvolvido como médium de materialização e voz directa, apesar de não ter podido dedicar-se a esta missão, devido ao estado de guerra em que se encontra a Grã-Bretanha.

Numa fábrica de material de guerra, em que trabalha diàriamente, Dyer esforça-se por espalhar a nossa doutrina. Os companheiros chamam-lhe o *Inspector Fantasma*...

Embora a missão dum propagandista esteja à margem de aplausos e de vitupérios (¡tão intimamente o sentimos e compreendemos!), não podemos negar que nos sensibilizaram muitas cartas amigas, cujas palavras ecoaram no nosso espírito como estímulo salutar indispensável a quem encara a sério a faina que empreendeu e faz questão de levar ao fim, sem olhar a sacrifícios. Somos humanos... temos necessidade de apôio... Eis, porque as demonstrações de solidariedade nos são gratas. Todos os construtores, grandes ou pequenos, são sensíveis àquelas manifestações.

O trabalho isolado é bom, é útil, é meritório; mas precisa de auxílio que regenere fôrças, faça entrever esperanças, movimente energias latentes, dê origem a novas possibilidades.

Estudos Psíquicos não possui elementos que lhe permitam alargar a sua obra, pôr em prática idéias de renovação doutrinária, ligadas a programas há muito tempo delineados. Se tivesse aquêles meios, se alguém viesse em seu auxílio e lhe amenizasse a existência atribulada, então, sim, talvez os espiritas portugueses encontrassem a revista que sonhamos e de que o Ideal necessita. Até lá, contentemo-nos com o aplauso de alguns, o vitupério de outros e a indiferença injustificada de muitos. São os ossos do nosso *ofício*...

Todavia, a conspiração do silêncio que, mesmo nas fileiras espiritas, se está fazendo àcêrca da campanha das *Novidades* e da conferência de Faure da Rosa, é sintoma evidente da existência de sentimentos inconfessáveis que abrigam desígnios opostos à Doutrina.

¿Qual o dever de todos os arautos da propaganda, em face dum acontecimento que, durante muitos dias, manteve o Espiritismo no primeiro plano das actualidades lisbonenses? Era dar a maior expansão aos factos ocorridos, aproveitando o ensejo para enaltecer o Ideal, difundindo-o e propagando-o. ¿Pois não difundimos e propagamos nós as notícias mais salientes que, relacionadas com o Espiritismo, se publicam nas revistas e jornais estrangeiros? ¿Por que havemos de observar então determinado silêncio a respeito do que se passa entre nós, dentro do próprio movimento espirita? Oxalá que o bom-senso triunfe, evitando que as paixões destruam o que tanto custou a erguer e é necessário que se mantenha, para bem da Causa.

Consultório . . .

Nihil sub sole novum... Há gente capaz de tudo, até para andar no mar, — dizia o Marquês de Pombal, o grande ministro de D. José. Na verdade, assim parece, avaliando pelas cartas que temos recebido, a formular as mais disparatadas e estranhas preguntas, como se o *Rabestana* aqui houvesse instalado consultório... Tais cartas trazem o endereço errado. Aqui não se lê o futuro. Isso é com os industriais da *buena dicha*. Aqui não se fabricam talismãs. Isso é com os quiromantes. Aqui não se vendem panaceias. Isso é com os ervanários e «ferradores». Aqui não se fazem casamentos. Isso é com as *mulheres de virtude*. A nossa única «virtude» é trabalhar como um mouro, sabendo que nada devemos esperar dos homens.

Se nós tivessemos ciência e presciência para dar e... vender, ¿não acham que começariamos por debelar a crise que ameaça esta revista, descobrindo-lhe o mecenas que a fizesse andar noutro ritmo, noutra cadência? Não acham?!...

Essas cartas trazem o endereço errado. Nós também gostariamos de consultar algum *Rabestana* que aparecesse, disparando-lhe as mesmas preguntas que nos fizeram, tomando-nos por adivinho. Nós só adivinhamos que não adivinhamos nada.

Batam a outra porta, senhoras e senhores. Aqui fabrica-se «pão» diferente daquêle que vos interessa. E como cada um come do que gosta... ficamo-nos por aqui, para não estragar tôda a... cozedura.

Nihil sub sole novum. ¡Bem dizia o velho Marquês que há gente para tudo, até para andar no mar!...

Os comentários de «A Voz»

O sr. Denis da Luz ameniza de quando em vez as colunas de *A Voz*, mimoseando-nos com ataques melífluos, untuosos, como a cêra derretida da sua tocha. E dêstes «partos laboriosos» (mons parturiem) sempre alguma coisa fica a atestar a sua envergadura mental.

Agora, implicou com o que escrevemos sob o título: «A Campanha das *Novidades* contra o Espiritismo», queixando-se de que os *insultámos*, chamando-lhes «vociferadores, insinuadores, exteriorizadores de hipocrisia, censuradores das autoridades, escrevinhadores insolentes e irresponsáveis». Ora, a campanha que as *Novidades* e *A Voz* moveram ao Espiritismo e aos espiritas em geral é coisa difícil de qualificar, sem recorrer ao vocabulário do padre José Agostinho de Macêdo...

Convenhamos, sr. D. da L., convenhamos... Os senhores têm sido muito mausinhos. ¡Diga-nos aqui à puridade, como quem se confessa, se era coisa que se fizesse apontar a dedo uma *doutrina espiritualista* que defende a ordem social e o respeito pela pessoa humana! ¡Diga-nos lá se não foi uma grande *bota!* Que hão de dizer os profanos? Isto de *maçonismo* e *comunismo* é coisa séria, sr. D. da L. É coisa séria. Disparar assim tais apodos à queima-roupa, sem ao menos «doirar a pílula», chegando a pedir a cadeia para pessoas inofensivas, é coisa séria, sr. D. da L. ¿Meta lá a mão na consciência, a ver o que ela lhe diz?... Bem sabemos que as *Novidades* é que atacaram mais furiosamente. Mas «tão ladrão é quem vai à vinha, como quem fica ao portal». É por isso que o convidamos

a meter a mão na consciência. Ela lhe dirá se o que lhes chamámos foi muito ou pouco...

O sr. D. da L. reconhece que o Espiritismo é uma corrente filosófica com que se tem de contar. Em 5 de Julho, no seu artigo «À margem da reacção dos reencarnados», lêem-se estas palavras, a propósito da projectada repetição da conferência de Goemaëre:

«Ao que parece, o movimento espírita mobilizou as suas fôrças e, depois de ter obtido razoável publicidade nalguns diários, conseguiu impedir *(sic)* a realização de uma palestra anti-espírita no salão do *Diário de Notícias*».

Embora a penúria de assistentes (o bilhete custava 15$00) devesse ter sido a origem da devolução do dinheiro aos parcos compradores, o sr. D. da L. atribui o caso às fôrças que «mobilizámos». Enfim, sempre respeitámos as idéias dos outros. E como não vem daí mal ao mundo...

Transcreve, também, o nosso alvitre às *Novidades*, quanto à demonstração que lhe prometemos de que o Espiritismo não era obra diabólica e à qual chama «demonstração demolidora capaz de extinguir *imediatamente* o cristianismo tradicional».

¡Por quem é, sr. D. da L., deixe-se de eufemismos e diga o nome à coisa! Pelo *cristianismo tradicional*, apostólico, dos primeiros séculos, lutamos nós, os espíritas *indesejáveis* e *relapsos*. O que o sr. D. da L. quere dizer, é outra coisa...

Pois bem; o alvitre que apresentámos às *Novidades* e que êste jornal não aceitou, vamos pô-lo em prática nesta revista, por sugestão do sr. D. da L., não para que entrem *alguns vinténs* nos nossos cofres (não temos fins mercantilistas), mas para que os adversários do Espiritismo saibam que a semente que se pisa não fica perdida para sempre.

Como dizia Zweig, só a glória terrestre pode extinguir-se, como uma luz; uma idéia viva, nunca. Uma vez semeada no coração da humanidade, hiberna nas condições mais desfavoráveis, para rebentar inesperadamente. Nenhum impulso se perde para o espírito eternamente curioso da ciência.

Assim é o Espiritismo. Com ataques ou sem êles, caminhará sempre, alargando cada vez mais a sua esfera de acção, dominando as dúvidas e interessando as inteligências. Até o adorável cronista de *A Voz* não escaparia ao *contágio*, se quizesse ler com atenção os nossos livros. ¡Pois não tem sucedido o mesmo a tantos cépticos que não queriam ouvir falar de Espiritismo e são hoje os seus maiores defensores!?...

E até ao próximo número, se tivermos vida e saúde e houver pábulo com que entreter os leitores...

Nota final..

Dois amigos discutiam acêrca de Espiritismo e decidiram fazer uma combinação.

— Se houver vida após a morte — disse o primeiro — voltarei, para te contar o que se tiver passado comigo.

— E se não houver vida após a morte — acrescentou o segundo — voltarei também para to dizer...

Por êsse mundo...

A atitude de um cão numa sessão medúinica

Light contou há tempos um caso bem curioso, a-propósito do amor pelos animais, demonstrado por *Feda*, espírito-guia da médium sr.ª Leonard.

Eis o que narrou uma das suas correspondentes:

— Antes de assistir à sessão, pedi licença à sr.ª Leonard para levar um «terrier» que gostava muito de crianças, o que me foi concedido. Quando entrei, coloquei o cão em cima duma cadeira, próximo da janela. O animal estava contentíssimo, embora correspondesse com pouco entusiasmo às carícias da médium. Logo, porém, que o espírito-guia se apossou da médium, o cão precipitou-se para ela, saltou-lhe para os joelhos, cobriu-a de beijos, excitado e ruidoso. Durante o transe, o procedimento do «terrier» foi estranhamente claro, demonstrativo de haver notado uma nova personalidade.

Dois factos eferecidos aos negativistas

Mar. António Bragadin escreveu o seguinte em *Ali del Pensiero*, de que era director:

— Frequentando um curso de especialização como oficial da marinha, aluguei uma vivenda com alguns amigos, no jardim da qual se tinha enforcado uma mulher. Na cidade, corriam os mais desencontrados boatos àcêrca daquela casa assombrada, que permanecia sem locatário. Um nosso amigo incrédulo e dois companheiros galhofaram do caso e dispuseram-se a dormir na casa isolada, que ficava detrás de um jardim. Imediatamente as campainhas eléctricas desataram a tocar ao mesmo tempo, cessando o barulho, antes dos brincalhões poderem analisá-las.

«Como os rapazes recomeçassem a galhofa, abriu-se uma porta e ouviu-se um enorme e inexplicável ruído... de queda de água. Desta vez, os gracejadores desarmaram. Havia ali *qualquer coisa*...

— Quando da agressão etíope — continua Bragadin — tive que percorrer determinada distância em bicicleta e dei uma queda violenta, escalavrando a mão esquerda. O músculo da palma ficou desnudado.

«Alguns dias antes, tinha eu estudado as linhas

Noticiário

Jornais e revistas

Continuam a faltar os jornais brasileiros que, desde Outubro de 1941, deixaram de chegar a esta redacção. Eram êles que nos forneciam os melhores elementos para a organização das nossas secções de noticiário estrangeiro.

As principais revistas argentinas também se ausentaram. Apenas nos chegam *Cristianismo, Revelación, Alma, En la senda de Jesus,* etc., tôdas daquela república sul-americana.

Vale-nos o semanário *Psychic News,* de Londres, que chega pontualmente e do qual iremos extraíndo o noticiário que se prenda com aquelas secções.

De Portugal, recebemos: *Luz e Caridade, A Rosacruz, Osíris, Além, Região de Leiria, Comércio de Leixões, Vítimas da Guerra, Trás-os-Montes, Vida Mundial* e *Natura.*

A todos, os nossos agradecimentos.

Firmino da Assunção Teixeira

Segundo lemos no *Além,* a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas realizou uma sessão de homenagem em 22 de Julho último, comemorando o décimo aniversário da desencarnação do grande benemérito Firmino da Assunção Teixeira, cujos donativos permitiram construir o prédio, onde, durante algum tempo, esteve instalada a Federação Espírita Portuguesa. Presidiu à sessão a Mesa da Assembleia Geral, constituída pelos nossos confrades Artur José Pereira Braga, José Camilo de Almeida e Fernando Pereira Granjo.

Além dum número de variedades, composto de peças de música e de canto, foram recitadas algumas poesias espiritualistas.

Finalmente, o sr. Pereira Braga proferiu breve alocução, seguida do elogio do homenageado, que esteve a cargo dos srs. Camilo de Almeida e João da Costa Magalhães.

Esta reportagem insere fotogravuras do edifício da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas e da Federação, de aspectos da assembleia e alguns retratos, poucos, de obreiros que fundaram e mantiveram a Federação Espírita Portuguesa, desde 1925 a 1936.

«O Espiritismo e a Metapsíquica à luz dos factos»

Estudos Psíquicos acaba de editar a conferência «O Espiritismo e a Metapsíquica à luz dos factos», realizada pelo nosso colaborador coronel José Faure da Rosa, no Cinema Condes, em 17 de Maio último. A conferência é apresentada num elegante folheto de 64 páginas e será distribuída gratuitamente aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor e aos nossos assinantes.

Encontra-se também à venda nas livrarias e nesta redacção, ao preço de 2$50 cada exemplar.

«Estudos Psíquicos»

É muito apreciável o número de cartas e postais que têm chegado a esta redacção, em resposta às sugestões no sentido de transformar esta revista em publicação mensal. Embora haja opiniões divergentes, como é natural, pois uns opinam que deveria ser mensal com 16 páginas, e outros com 32, e outros ainda, poucos, que devia ficar como está, em virtude da grande crise que atravessamos; embora haja opiniões divergentes, dizíamos, nota-se certo interêsse por *Estudos Psíquicos,* o qual vem provar, de maneira insofismável, os bons serviços que ela tem prestado ao Ideal. Eis a opinião da nossa distinta colaboradora «Léo»:

«Em resposta ao alvitre de *Estudos Psíquicos,* com respeito ao seu desdobramento, tenho a dizer que, quanto a mim, não só concordo em que deve ser mensal, como entendo que deveria manter o mesmo número de páginas. Reduzi-la, nunca; pelo contrário, aumentá-la, se fôr possível. E se isso alguns sacrifícios exigir, como é natural, julgo que lhe são bem devidos.

---

da mão, conservando delas a mais perfeita lembrança. E preguntei então a mim mesmo se essas linhas seriam modificadas.

«Após a cura da ferida, dei segunda queda, escalavrando a mesma mão, de forma idêntica. Curada a ferida, verifiquei que as linhas apresentavam aspecto diferente do que tinham antes das quedas. Mas, coisa curiosa: as linhas da mão direita, que não sofrera contusão alguma, apresentavam seus traços modificados...

«Também ali havia *qualquer coisa* de misterioso, que só os mesmos «sabichões» poderão negar...»

«*Estudos Psíquicos*, elogiada por todos, com justiça, merece — sem favor — o nosso carinhoso auxílio. Esta revista tem defendido e honrado a verdadeira doutrina cristã. Será abençoada por Jeus».

Outros confrades alvitraram a constituïção de uma *Liga de Amigos da Revista*, formada por elementos que se pudessem cotizar, mensalmente, com quantia não inferior a 10$00, afim de atender à modalidade requerida, mas com 32 páginas, para que a revista não baixasse de categoria. Três dêsses confrades ofereceram a cota 15, 16 e 20 escudos, respectivamente.

Continuamos a aguardar a opinião de assinantes e leitores.

Notícias de Buenos Aires

Do nosso redactor-correspondente em Buenos Aires, Dr. Luís M. di Cristóforo, recebemos há pouco gratas notícias, bem como algumas revistas que só eventualmente visitavam esta redacção.

Eis alguns períodos dessa carta, datada de Janeiro:

«Acabo de receber um maço com vários exemplares do n.º 13 da nossa revista *Estudos Psíquicos*, tão criteriosamente dirigida por você. Vem muito variada e cada vez se lê com maior satisfação. Na *Agrupación Estudiosa «Camilo Flammarian*, é sempre aguardada com ansiedade e lida com atenção e interêsse. Em nome do Conselho Directivo desta colectividade, cuja presidência me honro em desempenhar, lhe transmito calorosas saüdações, por tão acertada obra de divulgação doutrinária».

O Dr. Cristóforo foi nomeado vice-presidente da Comissão Organizadora do Congresso Espiritista Pan-americano, como delegado daquela agremiação, mas informa não saber quando poderá realizar-se essa justa aspiração dos confrades argentinos.

À Agrupación Estudiosa «Camilo Flammarion», agradecemos os cumprimentos afectuosos que nos enviou por intermédio do seu presidente, a quem pedimos seja intérprete do nosso indelével reconhecimento.

Reüniões de estudo

Em Outubro, tencionamos inaugurar uma nova modalidade de trabalhos espiritualistas, aliás já previstos no Estatuto sob o nome de «Reüniões de Estudo», as quais funcionarão das 21 às 23 horas, em dias a fixar pela Direcção. Nessas reüniões versar-se-ão assuntos espiritas, naturistas, teosóficos, filosóficos, religiosos e científicos, só podendo assistir os sócios que se tenham inscrito e assumam o compromisso de *ser assíduos, pontuais e estudiosos*. Três faltas sucessivas ou cinco interpoladas sem justificação aceitável, implicarão a exclusão das reüniões. Os sócios devem inscrever-se até 3 de Outubro, pessoalmente, ou por meio de bilhete postal enviado à Direcção.

Inauguração do novo ano espirita

No dia 4 de Outubro, às 15 horas, iniciar-se-á o novo ano espirita 1942-43, com uma sessão solene em que falarão várias individualidades.

A segunda parte será preenchida com a conferência do nosso consócio coronel Faure da Rosa, intitulada «O Dr. Alexis Carrel e os Fenómenos Supranormais».

Como sempre, em reüniões semelhantes, as portas do Centro Espiritualista Luz e Amor estarão abertas ao público.

Novos conferentes

É com o maior prazer que comunicamos o facto de novos conferentes terem vindo espontâneamente ao encontro do nosso desejo, no sentido de reforçar os trabalhos de propaganda dêste Centro, que vai consolidando a sua obra desinteressada e honesta. Prova-se, assim, que continuamos a seguir o bom caminho e a prestigiar o Ideal Espirita, que, no momento que passa, está sendo assediado por adversários que lançam mão de todos os meios para o aniquilar.

Trabalhos a realizar no Centro, no mês de Outubro de 1942

Dia 4 de Outubro, às 15 horas — Sessão inaugural do novo ano espirita 1942-43, em que falarão várias indivualidades, seguindo-se a conferência do coronel Faure da Rosa, intitulada «O Dr. Alexis Carrel e os Fenómenos Supranormais».

Dia 11 de Outubro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 18 de Outubro, às 16 horas — Conferência por Costa Cabral, intitulada «A Paz Espiritual».

Dia 25 de Outubro, às 16 horas — Sessão experimental a cargo do grupo *Allan Kardec*.

Estatuto

Está impreso o Estatuto do Centro Espiritualista Luz e Amor, que brevemente vai ser distribuído a todos os sócios.

Com o presente número termina o terceiro ano de ESTUDOS PSÍQUICOS, que, por tal motivo, saúda cordialmente assinantes e leitores.

Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO — ISIDORO DUARTE SANTOS

ANO 4.º LISBOA, SETEMBRO-OUTUBRO DE 1942 N.º 19

O DR. ALEXIS CARREL
E OS FENÓMENOS SUPRANORMAIS

pelo Coronel Fauce da Rosa

I

O dr. Alexis Carrel é um dos mais eminentes fisiologistas da actualidade que mereceu o prémio Nobel de medicina, em 1912, pelas suas admiráveis experiências biológicas no Instituto Rockefeller dos Estados Unidos. Passou a maior parte da sua vida nos laboratórios a estudar os sêres vivos, e o resto do tempo disponível empregou-o a observar os homens e a procurar compreendê-los. Assim, pôde observar quási tôdas as formas da actividade humana. Conheceu os pequenos e os grandes; os sãos e os doentes; os sábios e os ignorantes; os fracos de espírito e os loucos; os hábeis e os criminosos. Deu-se com camponeses e proletários; empregados e homens de negócios; políticos e comerciantes; professores e soldados; mestres de escola, sacerdotes, aristocratas e burgueses.

Conviveu com filósofos, artistas, poetas e sábios. Algumas vezes deparou com génios, heróis, santos.

É êste o homem que apresento, com o seu depoimento àcêrca dos fenómenos chamados «supranormais», por excederem a normalidade, por serem inabituais, fenómenos que os espiritistas, na maioria dos casos, denominam «espiritas».

No curto prefácio que precede a sua obra magistral — *L'Homme cet Inconnu* — o dr. Carrel declara que o livro se destina a pôr ao alcance de todos um conjunto de elementos científicos que se relacionam com o ser humano da nossa época, àcêrca do qual pouquíssimo se têm ocupado por excessivamente se terem absorvido com as matérias inorgânicas e a maquinaria.

Os homens descuraram completamente o preceito — «Conhece-te a ti mesmo» — inscrito no frontão do templo de Éfeso e que constituía o resumo das directrizes impostas pelos sábios de outrora para a investigação humana.

Conquanto o dr. Carrel não se pronuncie sôbre a distinção cartesiana da alma e do corpo, e note que essas duas entidades constituem um ser complexo do qual não podemos, arbitràriamente, dividir as actividades em fisiológicas e mentais, afirma,

com clareza, a influência das actividades mentais nos órgãos. E como as actividades mentais são produzidas pelo espírito, o dr. Carrel acredita, firmemente, na supremacia do espírito sôbre a matéria.

Mais: Consta duma carta, que o Padre Herbert Thurston — da Companhia de Jesus e membro activo da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres — publicou no hebdomadário espirita *Light*, de 23 de Abril de 1936, que o dr. Carrel já em 1914 era tido por «católico não praticante», pelo que as suas convicções espiritualistas não podem ser consideradas de data recente.

O P.e Thurston diz nessa carta que as circunstâncias levaram o dr. Carrel a acreditar que nas curas de Lourdes há «transferência de fôrça vitalizante», seja pela fé energética do doente, seja pela dos assistentes.

E, a propósito, o P.e Thurston narra um caso intressante que lhe foi contado por Monsenhor Berson. Eis o caso:

«Monsenhor Berson citou-me um exemplo no qual a esposa de Carrel — ela própria ao corrente da medicina — desempenhou um papel.

«A sr.ª Carrel, durante a procissão do Santíssimo Sacramento, tinha nos braços uma criança de dois anos e meio de idade, cega de nascença.

«Quando a Sagrada Custódia passou por diante dela, lágrimas abundantes começaram a correr dos olhos da criança, até então fechados. Após a passagem da Sagrada Custódia, os olhos da criança abriram-se; seus olhos viam.

«A sr.ª Carrel querendo certificar-se da realidade do facto, agitou o bracelete diante da cara do bébé que, acto contínuo, estendeu as mãositas, mas não pôde alcançar o objecto por ainda não saber calcular as distâncias. No fim da procissão, a sr.ª Carrel — de quem também ouvi a narração dêste sucesso — sentiu-se invadida por um esgotamento extraordinário que os meios normais não podem explicar.

«Pela minha parte — acrescenta o P.e Thurston — eu transmito esta hipótese explicativa tal qual o sábio ma expôs; isto é, trata-se, apenas, duma espécie de «transferência de vitalidade». Nenhum outro comentário faço além dêste: que me parece que o acontecimento não está em contradição com as diferentes descrições do Evangelho, nas quais tanto a fé dos assistentes como a dos doentes, aparece no milagre como elemento integral...»

Efectivamente, o Evangelho abunda em narrativas de curas milagrosas. Por exemplo:

Em Marcos, cap. VII, 32-35: «E lhe trouxeram um surdo-mudo e lhe rogavam que pusesse a mão sôbre êle. Então Jesus, tirando-o dentre o povo, e tomando-o de parte, meteu-lhe os seus dedos nos ouvidos; e cuspindo, pôs-lhe da sua saliva sôbre a língua. E levantando os olhos ao céu, deu um suspiro, e disse-lhe: *Ephata*, que quere dizer: abre-te. E no mesmo instante se lhe abriram os ouvidos, e se lhe soltou a prisão da língua, de sorte que entrou a falar expeditamente.»

Em Mateus, cap. IX, 27-30: «E passando Jesus daquêle lugar, o seguiram dois cegos, gritando e dizendo: Tem misericórdia de nós, Filho de David. E chegando a casa vieram a êle os cegos. E Jesus lhes disse: ¿Crêdes que vos posso fazer isto a vós outros? Disseram êles: Sim, Senhor. Então lhes tocou nos olhos, dizendo: Faça-se-vos segundo a vossa fé. E foram abertos os seus olhos...»

Jesus não se limitou a exercer o seu poder de cura: transmitiu-o aos doze que o acompanhavam, como se verifica em *Marcos, cap. III, 14-15:* «E escolheu doze para que andassem com êle, e para os enviar a prègar. E lhes deu poder de curar enfermidades...»

Mais maravilhoso, porém, se me afigura o milagre de dar vista à criancinha cega de nascença, não só porque o curador não era visível, mas ainda porque não podia ter havido súplica da criança.

Certo é, entretanto, que também não é visível o milagre de todos os dias, o mais banal de todos os fenómenos psíquicos: a vida. Sim; a nossa vida é um verdadeiro milagre que mais se engrandece, se pensarmos nos inumeráveis órgãos constitutivos e no trabalho contínuo que desempenham hora a hora, dia a dia, ano após ano, com tanta regularidade e tão pouco atrito, que o homem normal — física e moralmente sadio — mal se apercebe de que possui um corpo.

No entanto, no corpo humano existem mais de duzentos ossos de formas compli-

cadas e variadas. Basta a menor irregularidade em um dêles ou o menor acidente, para constranger gravemente os nossos movimentos. Nós temos mais de quinhentos músculos; cada um dêles é nutrido por numerosos vasos sangüíneos e posto em movimento pelos nervos. Um dos nossos músculos — o coração — bate mais de trinta milhões de vezes num ano, e se pára, um instante que seja, a vida física termina.

A pele de cada um de nós possui órgãos maravilhosamente variados e complicados. Por exemplo: mais de dois milhões de glândulas de transpiração, as quais regulam a temperatura do corpo por meio de canais de comunicação com a superfície, canais cujo comprimento total é de cêrca de quinze quilómetros.

Lembremo-nos do comprimento das nossas artérias, das veias, dos vasos capilares e dos nervos; lembremo-nos do sangue com os seus milhões e milhões de glóbulos, dos quais cada um, de per si, é um microcosmo.

Consideremos os órgãos dos sentidos e a maravilha que representa o cérebro. Só a matéria cinzenta não contém menos de seiscentos milhões de células. Cada célula compõe-se de muitos milhares de moléculas visíveis e cada molécula de muitos milhões de átomos; e o átomo ainda se pode decompor numa infinidade de electrões!

O funcionamento dêste complexo maquinismo que, ao mesmo tempo, pensa, sente e quere, é das maiores maravilhas da criação.

E depois de considerar e de meditar em tudo isto, digam lá — se são capazes — que a vida não é um verdadeiro milagre...

* * *

O dr. Alexis Carrel afirma, sem ambages, a sua crença na telepatia, na clarividência—especialmente a clarividência premonitória — e na cura de doenças por meio da prece. Para êle, a ciência metapsíquica, que tantos negam, é um facto incontroverso. O seu livro — *L'Homme cet Inconnu* — causou grande sensação. Foi um assombro: — um sábio do Estado Maior do Instituto Rockefeller fazer tal profissão de fé! O *New-York Times* e o *New-York Herald Tribune*, analisaram-no demorada e minuciosamente.

Os sábios ortodoxos viram-se em grande embaraço. Alguns mostraram-se dispostos a rir da credulidade do dr. Carrel; outros lastimaram aquela «fraqueza» do sábio: acreditar na telepatia e na clarividência!...

Ultimamente, o cientista Marcel Boll, num pequeno livro editado em 1941, incluíu o dr. Carrel na lista já numerosa dos sábios que êle considera «débeis de espírito». Em contra-partida, outros sábios há que se mostram impressionadíssimos com o facto de um homem como o dr. Carrel, até àquela data muito reputado nos meios científicos, ter tido a coragem de proclamar a sua fé na autenticidade de tais fenómenos.

O dr. Carrel declara que fundamenta a sua crença nos trabalhos do dr. Charles Richet e nas coisas que viu e êle próprio experimentou.

A existência da clarividência e da telepatia é uma aquisição imediata da observação — escreve o sábio Carrel. Os clarividentes apreendem, sem ser por intermédio dos sentidos, os pensamentos de outra pessoa. Também percebem acontecimentos mais ou menos afastados no espaço e no tempo. Esta faculdade é excepcional e não se desenvolve senão num número muito reduzido de indivíduos; mas existe em estado rudimentar em muitas pessoas, senão em tôdas.

Exerce-se sem esfôrço e de maneira espontânea. Parece da maior simplicidade àquêles que a possuem, aos quais, de certas coisas, dá conhecimentos mais seguros do que os que obtêm pelos órgãos dos sentidos. É tão fácil aos clarividentes ver os pensamentos duma pessoa, como analisar-lhe a expressão do rosto. Mas, ser e sentir são palavras que não exprimem exactamente o que se passa na sua consciência. Os clarividentes não olham, não investigam: sabem. A leitura de pensamentos e de sentimentos parece estar ligada, ao mesmo tempo, à inspiração científica, estética e religiosa. Em muitos casos estabelece-se uma comunicação no momento da morte, ou dum grande perigo, entre um e outro indivíduo; por outras palavras, estabelece-se comunicação entre o agente e o percipiente.

O moribundo ou a vítima dum acidente, até quando o acidente não é seguido de morte, aparece, um instante, sob o seu aspecto habitual a um amigo.

Um funcionário superior de um dos Mi-

nistérios que não acreditava em aparições, disse um dia a um afilhado, estudante em Coimbra, que lhe expusera vários casos de aparição de moribundos e até de vivos: «Acredita, se eu um dia te aparecer!» Decorrido tempo, cêrca das três horas da tarde, o estudante que, no seu quarto, preparava uma lição, vê na sua frente, durante segundos, o busto do funcionário do Ministério, seu padrinho. No dia seguinte lê nos jornais de Lisboa a notícia do falecimento dessa pessoa precisamente à hora da visão.

«A auto-projecção — diz Myers — é o único acto definido que o homem parece capaz de executar, tanto antes como depois da morte corporal.»

Os jornais de Londres, *Daily Express, Evening News, Daily News* e *Umpire,* do mês de Maio de 1905 — o último de 14 e os três primeiros de 17 — narraram a aparição em plena sessão da Câmara dos Comuns, do fantasma dum deputado, o major *sic* Carne Taschse, retido em casa nêsse momento por virtude duma indisposição. Três deputados atestaram a realidade da manifestação. O próprio major Taschse não duvidava que o seu duplo tivesse aparecido na Câmara.

Há aparições que são vistas sucessivamente por várias pessoas nos diferentes andares dum prédio; outras impressionam animais, como cães e cavalos.

Em certos casos, os fantasmas actuam sôbre a matéria; abrem portas, deslocam objectos, deixam vestígios no pó que cobre os móveis; produzem vozes que dão informações a respeito de factos ignorados e que mais tarde se reconhece serem exactos. O próprio Carrel se refere a estes fenómenos.

Muitas vezes, a maior parte das vezes, talvez, — escreve o sábio — a personagem fica silenciosa, mas, às vezes, fala e anuncia a sua morte. Com maior raridade, o clarividente vê, a grande distância, uma cena, um ou mais indivíduos, uma païsagem que minuciosamente descreve.

Numerosas pessoas que, de ordinário, não possuem o dom da clarividência, têm, uma ou duas vezes durante a vida, a experiência duma comunicação telepática.

É certo — diz Carrel — que o pensamento pode comunicar-se directamente de um a outro ser humano, até a grande distância.

Estes factos que são da competência da nova ciência metapsíquica, devem ser aceites tais como são. Fazem parte da realidade; exprimem um aspecto pouco conhecido do ser humano. Explicam, talvez, a extraordinária lucidez que possuem certos homens.

¡Que penetração não teria o homem que, ao mesmo tempo, fôsse dotado duma inteligência disciplinada e da aptidão telepática! A existência da telepatia e da clarividência, como a de outros fenómenos metapsíquicos, é contestada pela maior parte dos biologistas e dos médicos. Esta atitude dos sábios — entende Carrel — não pode ser censurada, porque tais fenómenos são fugitivos e não se reproduzem à vontade de cada um; estão escondidos na massa imensa das superstições, das mentiras e das ilusões da humanidade.

Se bem que tais fenómenos tenham sido assinalados em todos os países e em tôdas as épocas, a ciência afastou-se dêles. Contudo, a observação mostra-nos que essa fenomenologia constitui uma actividade normal do ser humano, embora rara.

O dr. Carrel teve ocasião de examinar alguns dos seus aspectos. Compreendeu, há muito tempo, a insuficiência dos meios técnicos usados pelos especialistas de investigações psíquicas, de sessões onde os médiuns profissionais empregam ùtilmente, muitas vezes, o «amadorismo» dos experimentadores. A metapsíquica não difere da psicologia nem da fisiologia. O seu aspecto pouco ortodoxo provém de ser pouco conhecida.

É típico o caso de telepatia que teve por «agente» desencarnados e por «percepiente» um jovem sacerdote. A êste caso foi dada a denominação de «Cális da Perseguição». Eis o seu resumo:

O mosteiro inglês dos Beneditinos de S. Gregório, o *Grande,* fundado em Donai (Lille), em 1606, teve uma parte da sua comunidade prisioneira em Doullens por ocasião da Revolução francesa. Os monges tinham levado hóstias, vestes litúrgicas e um cális. Depois da meia noite, levantavam-se, em silêncio, tapavam as frestas da «cave» com as enxergas e celebravam missa.

Um dia, pelo Natal, sendo oficiante um jovem sacerdote, há pouco ordenado, a missa esteve para ser interrompida de maneira trágica por um bando de «sans-culotes», bando que vociferava diante da pri-

são dos monges. Emocionado, aterrorizado, foi necessária a intervenção enérgica do prior para que o jovem sacerdote terminasse o ofício da missa.

Quando regressaram a Inglaterra, a Dwonside, os beneditinos levaram o «Cális da Perseguição». E eis o que aconteceu no fim do século XIX, isto é, *cem anos depois da Revolução Francesa:*

Um jovem sacerdote, ordenado alguns meses antes, foi passar o Natal ao mosteiro. Soube que, em conseqüência do fanatismo religioso da vizinhança não católica, não era prudente, *desde há muitos anos,* celebrar a missa da meia-noite. Mas, naquêle ano, a despeito das ameaças dos exaltados, o Superior do Mosteiro decidiu que as missas se dissessem.

O jovem sacerdote aparamentou-se para dizer as três missas de Natal. Depois da consagração, ouviu um ruído confuso ao longe, como o de uma multidão em grita. O ruído aumenta. O padre, muito impressionado, a custo continua a oficiar. Supõe que, de novo, se manifesta a oposição da população à missa. Mas, o que o surpreende é não compreender a significação das palavras gritadas pela multidão hostil, apesar da sua proximidade; parecia-lhe que as palavras eram duma língua estrangeira — a francesa. Próximo da comunhão, de repente, o barulho, o alarido pára. Nota que o sacristão não se mostra comovido nem qualquer outra pessoa da assistência. Alguns minutos mais tarde, o sacristão contou-lhe a história do «Cális da Perseguição», cális de que o jovem padre se servira sem o saber.

Seja como fôr — escreve o beneditino de Dwonside que fêz esta narrativa — a situação é análoga à de cem anos atrás: dois padres, recentemente ordenados, dizem a sua primeira missa de Natal, com o mesmo cális, que parece ter constituído «uma experiência».

Esta história é contada nas «Voies Mystiques», de Roger Pater. O rapaz da aldeia que ajudou à missa, estava, em 1936, empregado no mosteiro de Dwonside; lembrava-se, então, de que o padre dera sinais de grande excitação durante a missa e que, em seguida, lhe preguntara se não ouvia o estrondo da multidão fora da igreja; mas, naturalmente, o rapaz nada ouvira.

¿Que interpretação autoriza a Igreja para semelhantes fenómenos?

Não esperemos que no-la dêem. Contentemo-nos com a do próprio padre beneditino: o fenómeno é devido... *à presença de almas desencarnadas.*

* * *

André Dumas — escritor espirita — entende que a teoria do «perispírito» ou organismo etérico, o qual desempenha nos sêres vivos o papel de «fôrça organizadora» e de «plano dirigente» do corpo físico, adquire grande evidência quando se estudam certos fenómenos biológicos. Suporte invisível das células vivas, o «perispírito» é um conjunto complexo de linhas de fôrça que assegura a forma, a estabilidade e o funcionamento do organismo físico.

A matéria viva obedece a êsse plano orgânico que lhe muda a forma e a função, se lhe impuserem aplicação diferente daquela para que foi organizada.

As experiências do dr. Carrel há muito tempo que deram relêvo a êste facto: a cirurgia moderna pode substituir, com bom êxito, um pedaço destruído da *aorta abdominal,* por um pedaço de *peritoneu,* e o pedaço de peritoneu *transforma-se em parede vascular!*

As reparações de fracturas de ossos são, também, fenómenos característicos: «Vê-se, por exemplo — diz o dr. Carrel — um bocado de músculo próximo do osso partido, transformar-se em cartilagem, e, depois, esta cartilagem, por sua vez, transformar-se em tecido ósseo».

Se da biologia passarmos à zoologia, ao estudo dos animais, verificamos grande número de factos muito importantes para os quais as teorias científicas da actualidade não fornecem explicações satisfatória. O caso do lagarto é bem conhecido: a cauda, depois de cortada, torna a crescer. E o mesmo acontece com as patas.

Segundo Milne-Edward, viu-se o mesmo membro do lagarto, depois de cortado, crescer todo inteiro, com ossos, músculos, vasos e nervos, muitas vezes de seguida.

Fenómeno idêntico se produz com a pata do tritão e com a da rã.

Se se amputar o ôlho à lagosta, o ôlho regenera-se. Entretanto, se se extirpar, também, o gânglio nervoso que está na base do ôlho, é uma antena que se reconstitui, como se, pela lei do menor esfôrço, a fôrça

vital insuficiente para reconstituir ôlho e gânglio nervoso, «preferisse» fabricar uma boa antena a um ôlho imperfeito.

São verdadeiros fenómenos de «materialização», e o «perispírito» é tão necessário para explicar estes fenómenos como as «materializações metapsíquicas».

No Homem não desaparece, de todo, a faculdade de regenração dos órgãos. Acontece, algumas vezes, quando cortam os dedos a um homem, formarem-se unhas nos côtos, embora imperfeitas.

A fôrça reparadora é muito mais activa nos animais inferiores do que no homem, porque, nêste último, o cérebro e o sistema nervoso abarcam e desviam, em seu proveito, a maior parte da fôrça vital.

O dr. Geley julgava que as *curas* chamadas milagrosas, eram o produto desta mesma fôrça reparadora, temporàriamente orientada por sugestão ou auto-sugestão, em sentido favorável às reparações orgânicas.

Êstes factos de reparações orgânicas, quer no homem quer nos animais, constituem um problema insolúvel para as actuais doutrinas científicas.

A idéia dum «plano dirigente» guiando os fenómenos da vida e o funcionamento do organismo—outrora emitida por Claude Bernard — cada vez se impõe mais aos fisiologistas modernos. O Espiritismo estabelece nìtidamente que *êsse papel dirigente* e reconstrutor é desempenhado pelo organismo fluídico ou perispírito, instrumento da personalidade espiritual, que, com ela, sobrevive à morte do corpo físico, e cuja existência os factos «metapsíquicos» provam.

Não obstante, a ciência oficial continua a desinteressar-se pelos trabalhos metapsíquicos. A respeito desta indiferença diz o grande filósofo espiritualista Henri Bergson:

«A ciência, desde o primeiro instante, dedicou-se à matéria. Durante três séculos não teve outro objecto. Ainda hoje o tipo do sábio é o físico. A sua atitude de legítima confiança na matéria que, evidentemente, não se diverte a enganá-lo, tornou-se, para nós, característica de tôda a ciência. É a custo que ainda hoje consideramos científica a investigação psíquica que exige dos investigadores que pressuponham em tôda a parte a mistificação. A sua desconfiança causa-nos mal-estar e a sua confiança mais o aumenta. Uma vez mais se explicam tais repugnâncias. Mas não se compreende a excepção preconcebida que verdadeiros sábios opõem à «investigação psíquica... Suponhamos que uma luzinha dêsse mundo desconhecido, por mais ténue que seja, chega até nós e é visível aos olhos do corpo. ¡Que transformação numa humanidade geralmente habituada, diga-se o que se disser, a não aceitar senão aquilo que vê e apalpa!

«A informação que, assim, viéssemos a obter, talvez não derivasse senão *do que há de inferior nas almas,* do ínfimo grau da espiritualidade.

«Mas não seria preciso mais para converter em realidade viva e actuante a crença no Além, que parece ser partilhada pela maioria dos homens, crença que, entretanto, a maior parte das vezes, se conserva verbal, abstracta, ineficaz. Para se avaliar o seu grau de influência, basta olhar a maneira como se atiram ao prazer. Não se lhe afeiçoariam tanto, se nêle não vissem um ascendente sôbre o nada, um meio de afrontar a morte.

«Na verdade, se nós estivéssemos seguros, absolutamente seguros de sobreviver, não poderiamos pensar em outra coisa. Os prazeres empalideceriam como a luz das nossas lâmpadas eléctricas ao aparecimento do sol da manhã. A alegria substituïria o prazer.»

Êste texto admirável justifica tôdas as impulsões místicas, desde a fé cristã à fé espirita.

REENCARNAÇÃO

Não necessitarei de lembrar-te aqui todos os argumentos que muitos autores têm aduzido em favor da autenticidade da reencarnação. Êles não bastariam, aliás, para convencer os que duvidam e que só poderiam render-se diante da prova material. ¿Já reflectiste, porém, demoradamente, sôbre a diferença enorme que há entre a criança e o velho? É fora de dúvida que de uma para outro nenhuma reencarnação houve; mas, apenas, lenta e ininterrupta transformação. Entretanto, no corpo do velho, nem um só átomo se encontra dos que havia no corpo do bébé. Nem uma só molécula resistiu a essa evolução.

«A Nova Luz», de George Déjean

MISTÉRIOS DA NATUREZA

A ESPIRITUALIDADE ACIMA DA CIÊNCIA

por De Veritas

PARA as conclusões a que quero chegar sôbre a vida do Espírito, nas inclinações a que o leva o sentimento, eu tenho de mostrar que tôda a espiritualidade verdadeiramente cristã vem do que em nós esteja aberto a tudo que tem elevação moral, — pouco dependendo aquela das conquistas que a ciência tem alcançado no conhecimento da vida na matéria inorgânica e da vida nos seres. Destas duas formas de vida vou tratar.

I — A vida na matéria

A Vida está por tôda a parte, porque existe em todos os corpos da Natureza, com a única diferença de que, naquêles que consideramos «sêres vivos», ela se revela imediatamente à nossa observação, e nos outros está oculta, de todo escapando aos nossos sentidos.

Mas nestes ela existe de facto, no permanente movimento turbilhonar em que, obedecendo às fôrças da Natureza, os últimos elementos da matéria — dizemos agora assim, — contìnuamente se agitam.

Ela aí está pois nisso que dizemos inerte, que assim à vista nos aparece, não sendo mais que o resultado de um equilíbrio entre as fôrças que agitam êsses elementos, e as fôrças também naturais que de fora sôbre elas actuam.

A Vida existe num bloco de granito como em insignificante grão de areia; num cêpo de madeira que já sêco saíu do monte, como em matéria metálica que da terra se extraíu, — não importa o aspecto rude, primitivo, informe, em que de lá veio, ou aquela que o artifício do homem depois lhe deu. Fundamentalmente se revela em acções triviais de atracção e por vezes de repulsão, determinadas por fôrças que na matéria residem, e que reagem contra as que tem na frente, de ordem física ou química, fôrças que definem cada espécie de matéria.

É porém na maneira como os corpos se comportam, uns para com os outros, que nêles a Vida melhor se manifesta. Há entre alguns atracções notáveis, simpatias, — aquilo a que chamamos «afinidade». Por essa atracção, um corpo se liga ìntimamente a outro — combinações químicas — e a energia é tal que freqüentemente dessa união se desprende calor, e por vezes calor e luz, — podendo a fôrça expulsiva para com um corpo, que a outro estava ligado, dar sinal violento dessa expulsão; chega essa violência até à explosão, que a presença de um corpo diferente é capaz de determinar, — como uma gôta de ácido sulfúrico sôbre misturas em que entra o clorato de potássio e o açúcar vulgar.

Fora dessas formas íntimas de união — os compostos quìmicamente definidos — outras há, embora ligeiras, em que também por certa atracção a Vida se revela, — tal a simples incorporação de matéria noutra a que fìsicamente se une — dissolução — mantendo-se a união conforme a capacidade de uma para outra, — a quantidade em que elas se *suportam*, mínima se um dos corpos é volátil, do outro se libertando por elevação térmica, abaixamento de pressão ou acção de fôrça doutra natureza. Afinidade também, mas de género diferente, de ordem física, existe aí, — como por afinidade física se dão triviais acções de fixação: a de um carvão para algumas matérias corantes, e de outro carvão para corpos aromáticos, — acção semelhante àquela que Frankneim estudou, dando-lhe o nome de «adsorção», a que tantos efeitos se devem, como, em coisas triviais, a fixação da tinta na pena e no papel, e a coloração dos tecidos nos solutos tinturiais que na indústria se usam.

Mas, ainda na matéria inerte, é nos corpos cristalinos onde a Vida melhor se re-

vela, — aí já, por certo fenómeno, a aproximar-se do que se passa nos sêres. Assim, observa-se que um pequeno cristal de sal marinho, lançado numa solução que contém êsse sal e outros sais diferentes, o cristal que aí se lançou atrai a si partículas do mesmo sal marinho, não outro, aumentando de volume. Êsse cristal cresceu, e para isso atraíu, *escolheu* para si aquêle que era da mesma natureza química. Há pois aí a revelação de uma notável fôrça que estava oculta, — e dêsse género, com alguns corpos cristalinos, condições há em que o cristal, não só cresceu, como também, podemos dizer se multiplicou, — como há anos, estudando a matéria, mostrou Le Bon.

Em todos êsses fenómenos, certa fôrça se mostra na matéria, a fôrça que resulta da Energia Universal, e que se manifesta em formas diversas de actividade que, no fundo, reparando bem, se reduzem a acções de atracção e de repulsão, — na matéria se destacam as primeiras. Nelas está tôda a química, nas acções postas em relêvo, — separações de corpos e descobertas que a análise deu, e em formações novas que deu a síntese; e está tôda a física, nas acções da electricidade, do magnetismo, do calor e da luz.

Mais notáveis ainda são as acções de catálise, que se manifestam com uma extraordinária energia — enorme velocidade de reacção, como assim se diz — que realizam os corpos no estado coloidal, — destacando eu agora a platina que, nesse estado, actuando na água oxigenada, a sua energia é tal (neste momento longe de minha casa, nada tenho à mão donde possa colhêr números exactos) é tal que 1 grama de platina decompõe alguns milhões de gramas de água oxigenada (1).

Como mostrei no que então se publicou, tratando dessas notáveis acções de catálise, não são elas devidas ao potencial da carga eléctrica dos corpos nesse estado, mas principalmente à extensão enorme da sua superfície de contacto — que atinge números fantásticos — por onde a carga se expande, e daí a rapidez ou velocidade dessas reacções.

À superior intuição de Gustavo Le Bon, ainda antes de Thompson, se deve o conhecimento da Vida em tôda a matéria. A Vida, sim, pois assim teria de ser. O Criador nada faria que não fôsse útil ao homem, e em tudo que à terra lançou há uma parte da Energia Universal, — uma forma da Vida, patente ou oculta, no que vem dessa energia eterna. Ela se revela nas fôrças que lhe são próprias, reagindo contra as fôrças externas, em fenómenos de ordem química ou de ordem física, — que corpos inertes na verdade não existem. Essas acções, que definem cada espécie de matéria, denunciam linhas da Vida que aí se conserva secreta.

Como ela em tôda a parte existe, está na matéria inorgânica, como nos sêres vivos, sujeita à morte, — não a que nestes resulta da rutura de certo equilíbrio essencial à sua existência, mas a que vem no desaparecimento da estrutura, senão também das formas, — a estrutura que trouxe do seio da Natureza.

Êsse desaparecimento é também uma rutura de equilíbrio, pelo menos no que está sujeito às fôrças de coesão, e que freqüentemente se acompanha de ruído particular a cada espécie de matéria e próprio dessas fôrças de atracção, correspondentes à quantidade de massa por unidade de volume. Nos corpos frágeis, delicados, que se despedaçam — tal uma peça de vidro — vem-nos ao ouvido, pela freqüência de vibrações, um ruído agudo, como se fôra um grito de dor dêsse delicado equilíbrio desfeito; e nas coisas grandes, pesadas, modificada a freqüência de vibração, o estrondo mostra o que foi necessário, segundo o tamanho e natureza do corpo, para desfazer mais sólido equilíbrio.

Temos aqui empregado a designação de «matéria inerte», que é falsa; com mais verdade devemos dizer «matéria bruta», pois a inércia em nenhum corpo existe. Ela tem até uma sensibilidade que lhe é própria, chegando ao que parece inverosímil. Basta reparar, que em determinadas condições,

---

(1) Seguindo o sentido largo de Ostwald, o prof. Robin deu há anos a todos êsses corpos, notáveis pela sua enorme energia catalítica (quantidades mínimas produzindo efeitos máximos) o nome de «fermentos metálicos»; mas, consagrado de há muito o nome «fermento» (que depois se chamou diastase e actualmente enzima) a um corpo criado pela Natureza, achámos preferível, em nota que se publicou, chamar-lhes «catalizadores metálicos», para não se confundir aquilo que por nosso artifício sai do laboratório com um corpo que sai da Natureza. (Boletim do Laboratório de Microbiologia F. Lapa — Lisboa. 1930).

uma fina haste metálica, melhor, um fio de platina, é sensível ao mais ligeiro raio solar, que dá a formação de uma corrente eléctrica.

Manifestação semelhante se observa, tocando com a mão o reservatório de um termómetro, suficientemente sensível para acusar elevação de temperatura.

A esta sensibilidade da matéria se ligam todos os fenómenos de resonância, alguns dos quais chegam a formidáveis distâncias, — que neles se funda a transmissão das ondas hertzianas, e, enfim, tôda a T. S. F. actual.

A matéria dá passagem, e também pode dar abrigo aos agentes naturais, mais ou menos franca para uns, conforme a sua constituïção, negando-a a outros, — isso de conhecimento vulgar no que respeita ao calor, luz e electricidade. Para a luz, há corpos opacos e corpos transparentes, como se sabe; mas relativa é essa transparência, pois o vidro, que deixa passar a luz de que dá conta a nossa vista, é opaco para as radiações ultra-violetas, — por isso são de quartzo as placas dos aparelhos onde essas radiações se produzem.

Também ela aos agentes naturais dá abrigo, — e, entre outras formas, isso penso das superfícies arenosas, durante o dia expostas à luz solar, onde há radiações que se sabe serem úteis à vida, — sendo convicção minha de que o reconhecido benefício colhido da permanência por algum tempo à beira-mar — sôbre o que resulta das emanações iodadas há hoje justificadas dúvidas — é êle principalmente devido a uma parte importante dessas radiações, que durante o dia essas extensões arenosas acumulam, emitindo-as depois (uma parte talvez em partículas impalpáveis das areias silicatadas) que a tôda a hora, do dia e de noite, até nós vém. (1)

Estudando a matéria que enche o Espaço, fora, perto ou longe da vida dos sêres — chegando a conclusões úteis ao bem-estar físico — longe foi o homem em suas divagações e estudo. Procurou conhecer todos os corpos da Natureza, para isso concebendo úteis instrumentos: conheceu-os pela análise, e corpos novos formou por síntese. Desceu ao seio da terra, e outras espécies de matéria aí colheu. Com elas construíu e alimentou máquinas, que lhe serviram para aperfeiçoar o trabalho humano e vencer distâncias; mergulhou nos mares, e sob êles marchou; elevando-se no ar, venceu em seu vôo a águia, e o Espaço por tôda a parte dominou. Ao mesmo tempo, aproveitando a refracção da luz, outros instrumentos concebeu, que lhe permitiram conhecer o infinitamente pequeno, por outros o infinitamente grande, — e então, indo longe, o seu pensamento subiu até aos astros, fêz cálculos e, ainda sem conhecer a amplitude que à relatividade deu Einstein, estabeleceu relações e traçou as leis da gravitação universal.

Foi ao fim dêsse estudo secular, sôbre a matéria inerte, o triunfo da Inteligência.

II — A vida nos sêres

Na vida dos sêres, porém, limitado resultado o homem de seu estudo colheu. Nas manifestações variadas de actividade em que êles nos aparecem, em tôdas as espécies vivas surgem formas inesperadas, assás estranhas, dessa actividade, e se algumas no decorrer do tempo têm sido explicadas, continuam outras dentro de mistério. Definiu-se nêles a Vida como um estado de equilíbrio entre as fôrças que no interior do ser se agitam. É certo. Notemos porém que êsse estado é o resultado de desequilíbrios permanentes, próprios dessa actividade, desequilíbrios na constituïção dos corpos que o ser no seu seio encerra, que trouxe da origem, e aquêles que de fora vão, e que em complexas reacções lá se transformam, para lhe fornecer os elementos necessários à sua manutenção, ao seu crescimento e reprodução.

É que, se na vida da matéria dominam as acções de atracção, na dos sêres em actividade há sempre, a modificar o que está, acções de atracção e acções de repulsão. Reparando com atenção, veremos que, quando um corpo no seio do ser entra, ali se transforma, de lá saíndo outro corpo ou corpos que para fora são repelidos, como prejudiciais à vida. Nisto, como em tudo, se manifesta a obra admirável do Criador.

Vê-se pois que a Vida, em plena actividade, segue uma série sucessiva de dese-

(1) Comunicando isto há anos a alguns médicos, entre outros, ao sábio radiologista Dr. Carlos Santos, por êle tive conhecimento de uma interessante experiência de laboratório, realizada na Alemanha, com o silicato de cálcio, cujo resultado inteiramente confirma a conclusão a que eu havia chegado.

quilíbrios, ordenada segundo leis naturais, cuja suspensão na ordem seguida é a morte, ou passagem a um estado particular, pelo menos, nos sêres em que êle é possível.

De todos os mistérios da Natureza, um dos maiores é êsse estado a que chamamos «latente», e ainda maior mistério, ao fim de algum tempo, o seu despertar. Repare-se nesse tão insignificante agrupamento celular que é uma semente — nela tudo em verdade insignificante à análise microscópica ou química — tudo imerso em secreto sono, que por largo tempo pode durar, — como o trigo que nas ruínas de Pompeia durante séculos conservou a Vida, e que depois, no seio da terra, nessa semente acordou, e à luz do dia a planta dela surgiu.

Mais variadas e estranhas são as manifestações da vida dos sêres microbianos — não é preciso ir mais longe — e notando o que aí se passa, nessas formas de constituïção tão simples, idéia se fará do que se passa nos outros sêres. Pois, sendo em todos a vida incompatível com as grandes descidas térmicas, ¿não há espécies que resistem à temperatura a que Pictet e Cailletet conseguiram a liquefacção do hidrogénio? Se não estou em êrro — não posso agora verificar — foi 252° abaixo de zero. ¿Como explica isto a ciência actual? Até hoje... mistério.

Na vida dêsses sêres, vê-se ainda que certos corpos antisépticos ou os de maior acção (microbicidas) manifestam seus efeitos por forma desconcertante, pelo que tem de inesperada. Assim, o álcool ordinário — que erradamente se considera desinfectante na graduação correntemente empregada — tem um efeito ainda sensível em algumas espécies microbianas, quando é utilizado na baixa graduação de 70° centesimais; na graduação porém em que geralmente se emprega (92 a 95°) o seu efeito em regra é nulo, e nulo é em graduação mais alta (1).

Mas já não pode dizer-se o mesmo de outros corpos, que se manifestam em efeitos inteiramente opostos. Na verdade, observa-se que alguns, destruíndo a vida dêsses sêres unicelulares, quando empregados em solução suficientemente concentrada, passam a exercer acção favorável sôbre a vitalidade dos mesmos sêres, empregando êsses corpos em soluções diluïdíssimas. É a acção oligodinâmica, que Naegeli observou, — tal o que se passa com o bicloreto de mercúrio, por exemplo, que em solução de 1 para 1.000 ràpidamente extingue a vida de algumas espécies *(Blastomicetas)*, sendo certo que em soluções de 1 para 300.000 estimula a vida dos mesmos sêres. Qual a causa de tão estranho fenómeno? Ignora-se. Terá sido, julgo eu, na observação de tão interessante acção de efeitos opostos que Hahnemann baseou — «similia similibus curantur» — tôda a homeopatia que concebeu.

Ainda dentro da microbiologia, vemos fenómenos de atracção entre indivíduos de espécies diferentes que entre si se associam — estados de metabiose ou simbiose — em que um auxilia a actividade de outro, ou que os dois sêres mùtuamente se auxiliam. Ao contrário, entre outros dão-se fenómenos de repulsão, denunciando um perfeito antagonismo — estado de antibiose — e casos há em que é tão grande êsse antagonismo — nêle assenta tôda a bactereoterapia — que quando, no século passado, a epidemia do cólera asiático entrou em Lisboa, o bairro menos flagelado foi o da Mouraria, e isso atribuíu-o anos depois a ciência ao antagonismo havido entre o *Bacilus virgula*, agente dêsse animal, e outra ou outras espécies da população microbiana que abundava nesse bairro, então o mais sujo de Lisboa.

¿Qual o segrêdo dessas notáveis fôrças de atracção ou repulsão que aí surgem?

Ainda considerando os mesmos sêres, vemos a luz — pelo menos nos unicelulares — a manifestar efeitos inteiramente opostos, havendo espécies, como o micróbio da difteria, ao qual a luz ràpidamente extingue a vida (2). Em nítido contraste, os sêres organizados, com excepções muito raras, procuram a luz, tão activamente alguns, que um meio simples de nos orientarmos no campo é observar para que lado — êsse em regra marcará o Sul — melhor se desenvolvem as ramificações de uma árvore isolada. Qual a causa dessa diferença entre os sêres vivos? Mistério.

---

(1) Tal acção não é daquelas que mais possam surpreender-nos — não é verdadeira anomalia, como tal apontada em tratados de bacteriologia — pois foi isso há anos explicado por um professor português.

(2) Oferece-nos realmente êsse notável exemplo o *Bacilus de Löeffler* (agente dêsse mal) que, resistindo a alguns desinfectantes, ràpidamente morre, expondo aos raios solares a espectoração dos doentes.

Nos mesmos sêres rudimentares, vendo como êles se comportam sob a acção do ar, notaremos que há espécies que dêle não prescidem (aerobiose); outros, demorados sob a sua acção, sucumbem (anaerobiose) e outros ainda há que indiferentemente vivem ao ar ou fora do ar (aeroanaerobiose) (1).

¿Como se explicam, em relação ao ar, necessidades também tão diferentes? Outro mistério.

É acima de tudo notável o que se passa no seio da terra, donde todos os sêres que nela vivem tiram tudo que lhes é necessário para a Vida se manter. Da minúscula semente sai tôda a população que constitui o «reino vegetal», em todos os seus extensos domínios. Para que aquela germine basta a humidade do solo; mas, para o crescimento e completa evolução dos sêres que dela vêm, nada ou muito pouco dá a matéria mineral e orgânica no estado natural em que aí se encontra, — estados químicos diferentes. Outros sêres, invisíveis à vista desarmada, têm de intervir, levando a novos estados químicos essa matéria, que na terra existe em formas que as plantas não podem absorver.

Complexas são essas transformações indispensáveis à evolução vegetal, — sobretudo as da matéria azotada, de origem orgânica, tão necessária à constituïção celular—realizadas por espécies microbianas que levam essa matéria ao estado amoniacal, seguindo-se-lhes nessa transformação a acção de outros sêres (2), de que resulta a passagem da forma amoniacal ao estado de ácido nitroso, e depois ao de ácido nítrico que, no meio mineral do solo, passa ao estado de nitratos, aquêle que as plantas podem absorver.

Por aqui se vê que a vida de todos os sêres à superfície da terra — a das plantas e a dos animais que, directa ou indirectamente delas vivem — se deve absolutamente à actividade microbiana. Indispensável em numerosas transformações industriais, útil ainda em aplicações da Medicina, — errado é pois o conceito de funesto, geralmente atribuído à palavra «micróbio», porque em verdade poucas são nestes sêres as espécies para a Vida funestas.

É esta a conquista mais notável da ciência, dentro da Biologia, porque o é de facto, pelo que ela contém de seguro, inteiramente alheia a dúvidas, e de utilidade real, — explicando-nos a necessidade de revolver o solo arável, (cavas), trabalho de charrua, etc.) antes das sementeiras, porque todos êsses micróbios úteis do solo são essencialmente aeróbios, — o ar é-lhes indispensável.

Indo mais acima, na escala da vida, observando os insectos, nêles vemos revelações que não escapam à nossa admiração, — como é a notável orientação dêstes sêres, em algumas espécies, — indo as fêmeas procurar os machos a latitudes assás distantes. Aí poderemos ter a explicação no transporte das ondas electromagnéticas — como Lackhowsky mostrou na orientação dos pombos correios — colhendo-as os insectos em apropriadas antenas. Mas, na origem precisa dessas ondas, de que só conhecemos seus efeitos, está um dos maiores segredos para a Vida, — o da Energia Universal.

A orientação das formigas fora do seu abrigo, por uma determinação semelhante se fará. ¿Como explicar, porém, a atenção que as abelhas dão, na sua colmeia, a uma parte limitada da postura, aquela, não outra, donde saïrá a «abelha mestra» ou a «rainha» — como também lhe chamam — que, para o seu melhor desenvolvimento, recebe do enxame cuidados particulares? Outro interessante segrêdo da Vida.

Ainda nessa ordem zoológica, não menos notáveis os fenómenos de adaptação e defesa que se observam, — entre êsses merecendo destaque o que se passa com um insecto de maiores proporções — *Kalima paralecta* — (não sei se assim se escreve) que, salvo êrro, vive na Malásia. É êle notável porque, na fase borboleta, tomam as suas asas a forma da folhagem das plantas em que se abriga, e, para melhor se disfarçar, a mesma coloração também tomam e ainda, para o disfarce ser completo, aparecem ao longo das asas finos traços, que se assemelham às nervuras da folhagem.

Que há aqui? Adaptação, forma de defesa? Mas, sôbre isso, nem Darwin nem Lamarck, e para cá dêles também ninguém

(1) O mesmo professor, para fugir a êsse complicado têrmo, substituiu-lhe há anos o nome de «anfibiose».

(2) *Bacillus nitrificans A* e *B*, cujo conhecimento da sua existência e importante função no solo, se deve principalmente a dois sábios polacos: Olmiansky e Winogradsky.

nada nos diz, que sequer de leve penetre nesse outro segrêdo da Vida.

Observando agora os sêres mais elevados da Criação, mais êsses mistérios avultam. Reparamos logo — na existência é fundamental — as várias formas de defesa que se revelam,—essas secretas reacções orgânicas de onde saem as «aglutininas», «precipitinas» daquelas semelhantes no resultado, as «lisinas», etc. — e todos êsses produtos a que se deu o nome de «anticorpos», atribuíndo-se-lhes há anos papel importante na defesa do organismo. Como forma de reacção, destaca-se, por ser nitidamente específica da célula viva, aquela que Beredska observou no envenenamento lento pelo arsénico, encontrando depois de abatidos os cães da experiência, no fígado analisado, ao lado do arsénico acumulado, um corpo novo, até aí desconhecido — «antiarsenina» lhe chamou — que, para destruir o veneno, a célula hepática aí havia criado.

¿Que é que no fundo, nesse seio da Vida se passou, para tão específica reacção de defesa? E as reacções que se utilizam na autohemoterapia? Um *choque* entre proteínas do mesmo sangue, diz-se proteínas em estado particular diferente. E isso, que como hipótese se admite, como ciência é bem pouco.

E a «reflexoterapia»? Tem-se estudado com aturado cuidado o funcionamento do sistema nervoso; no entanto, no emprêgo dêsse meio de tratamento, de uso secular na China, ainda hoje se ignoram as determinantes essenciais dessas reacções. Não se sabe mais que acção exterior, exercida em certo filête nervoso, daí vai a um centro, onde se dá misteriosa reacção, dela saíndo, como de uma central eléctrica, uma forma de energia, que vai a distância, também por fios condutores, regularizar um desarranjo em órgão doente. ¿Conhece-se no fundo êsse mecanismo? Tudo é aí misterioso, tudo é vago, como «vago» se diz dessa parte do sistema nervoso, conhecida sob o nome de «parassimpático».

¿E a «finsenterapia», que há anos da Dinamarca veio com o nome do seu criador, Finsen? Conhece-se a energia da luz que ela emprega, no efeito dos seus raios na actividade da vida; conhece-se o caminho que a sua acção no organismo segue, mas em fenómenos dos mais triviais, pois não sabemos por que é excitante a luz vermelha e depressiva a acção da luz azul ou violeta.

No tratamento de tantos males que afligem o homem — salvo a bacterioterapia, aproveitando a conhecida acção de antibiose microbiana, no tratamento racionalizado, um tanto também a soroterapia, e ainda o que se pôde aproveitar da toxicologia, e pouco mais — tudo assenta em frágil empirismo, sempre flutuante pelas variações da reacção individual, que tornam a profissão médica a mais difícil de tôdas, — e, a atestar essa flutuação, aí está essa aluvião das chamadas «especialidades» que se inventam, que para o mesmo mal se sucedem dia a dia.

Porque assim é, tudo exige no médico vastos conhecimentos e um escrupuloso cuidado clínico; felizmente entre nós, ainda nisso — pelo modelar ensino nas nossas Faculdades, e pelo que cá fora se revela na prática profissional — lugar de destaque, para honra nossa, conquistaram os médicos portugueses no justo apreço em que são tidos pelos seus colegas estrangeiros.

A correr se fêz esta rápida referência a alguns ramos da Medicina — não exerço eu essa nobre profissão — e isso me permiti, para mostrar que, recorrendo ela a vastos conhecimentos da vida dos sêres — não só da vida humana — ainda não pôde conseguir, não obstante persistente e escrupuloso estudo, desvendar tantos segredos da Natureza, — por aqui podendo medir-se a extensão da nossa ignorância. Nesses ramos das Ciências Biológicas, principalmente, em quási tudo, só fenómenos se conhecem, não sendo êles mais que efeitos, cujas causas conhecidas também só efeitos são.

De seguro, fundamentalmente, nada mais se sabe que a Vida está estreitamente ligada aos agentes naturais — nêles agora incluo tôdas as radiações da Natureza — nela influíndo pela freqüência da vibração, que nos seres atinge os elementos primordiais da célula, e essas radiações mantém tôda actividade normal da Vida, pela harmonia na freqüência de oscilação celular — segundo a notável teoria de Lakhowsky de todo se ignora o mecanismo de que resulta o seu efeito. A mesma ignorância existe sôbre as reacções da célula nervosa, — e a freqüência vibratória que de fora vem.

Descoberta importante foi esta, pois a

S/Out/42

AS ESCRITURAS SAGRADAS ATESTAM A MEDIUNIDADE E OS FENÓMENOS ESPIRITAS

pelo Dr. A. D. Prates

DESDE o seu início, ou, seja, desde quando, na América, por intermédio das irmãs Fox, se produziram os primeiros fenómenos tiptológicos, nunca mais o Espiritismo deixou de ser alvejado por tôda a casta de perseguições. Quer malsinando-o e deturpando-o, quer alcunhando de loucos os seus adeptos, quer perseguindo as criaturas dotadas do dom mediúnico, começando por essas irmãs que a não poucos enxovalhos foram sujeitas, quer queimando os seus livros em auto de fé, como acontecera a alguns da autoria de Allan Kardec, quer, enfim, — por não ser possível brigar contra a evidência dos factos —, atribuindo à fraude ou a Satanás a produção dêsses fenómenos, por tôdas as formas se tem procurado opor resistência ao seu desenvolvimento, sustar, em última análise, a sua expansão. Ao contrário, porém, do que os seus perseguidores esperavam, aconteceu que o Espiritismo, lavrando como fôgo em erva sêca, em breve abraçou o mundo inteiro, encontrando-se já na cifra dos milhões o número dos seus adeptos, apesar de apenas ter decorrido pouco mais de meio século após o dia em que os primeiros fenómenos foram observados.

Tudo isto demonstra quanto o Espiritismo é grande e elevado em tôda a sua estrutura; tudo isto demonstra, enfim, que o Espiritismo não é obra dos homens, mas sim de Deus. É que, desde sempre até hoje, nada de grande tem surgido neste planeta que não haja sido alvo de tôda a casta de objurgatórias e perseguições, não sendo pequeno o número dos mártires que têm sido sacrificados pelo ousado motivo de apregoarem e defenderem verdades que, depois de contraditadas, posteriormente se vieram a confirmar.

Tem isto ocorrido no campo das ciências; mas, se nos transportarmos ao campo das ideologias, sejam ou não de carácter religioso, não deixaremos de constatar outro tanto. Em face disto, ¿como poderia o Espiritismo furtar-se a essas mesmas pressões e opressões?

* * *

A mediunidade é um dos alvos mais fustigados no ataque, pretendendo-se assim, —

---

faculdade de todos sêres vivos emitirem radiações, e uma actividade semelhante e permanente da matéria bruta — em todos êsses fenómenos, dignos de nota os de resonância — nos desvendam segrêdos até há pouco impenetráveis, — como aquilo, entre tantos, que nuns casos chamamos instinto, ramo noutros. E em fenómenos de resonância vejo eu tôda a telepatia, — vejo a transmissão do pensamento e da visão a distância.

Enfim, vê-se que, por formas diversas das fôrças da Natureza, a tudo a Vida está ligada. É hoje o que de seguro se sabe; fora disso, nas teorias que se sucedem, tudo é mutável, tudo é frágil.

Assim, a uma rígida verdade se chega, que o resto é ilusão: se, no caminho percorrido, em estudo da matéria, os conhecimentos actuais nos bastam, dêles vindo resultados úteis, fora dêsse domínio, naquilo que até hoje continua oculto na actividade dos sêres—aspectos imprevistos, variações estranhas, que tanto da Vida importava conhecer — temos de concluir que, ao fim de um trabalho secular é, em sã filosofia, numa parte dêste campo, a derrota da Inteligência.

Triste derrota para a vaidade humana reconhecer que, depois de tanto tempo gasto no estudo da matéria e da Vida, impenetrável ficou até hoje de uma e de outra a sua origem, — e é êsse insondável segrêdo o maior mistério da Natureza.

No que aqui se deixou escrito, não foi meu intento acumular conhecimentos, — que não é isso da índole desta Revista. Naqueles, assás ligeiros, a que me referi, meu objectivo único foi dêles me servir para as conclusões que no fim tirarei.

por se reconhecer nela um dos focos alimentadores do incêndio —, vibrar o golpe de morte na Nova Revelação. É muito curioso êste facto, pois se verifica que muitos dos anti-espiritas pertencem ao número dos que fundamentam as suas crenças nas verdades expressas na Bíblia e muito particularmente nos ensinos e nas obras «miraculosas» de Jesus e dos Seus Apóstolos. É que, sendo o Espiritismo, no que respeita aos seus pontos de vista doutrinários, à sua moral, enfim, essencialmente cristão, é precisamente nêsses ensinamentos e nêsses actos, numa palavra, em tôdas as suas revelações, que vê confirmadas as suas crenças, a principiar pela realidade dos fenómenos mediúnicos, como poderemos verificar recortando alguns trechos da Bíblia, como, para já e a título de exemplo, o seguinte versículo, tão claro e elucidativo, dos *Actos dos Apóstolos* (II-4): «E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem».

Naturalmente, perante tal ocorrência, não deixaria a multidão dos seus ouvintes de sentir-se confusa, pelo que, como se lê ainda nos referidos *Actos* (II, 7 e 8), «todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê? ¿Não são galileus todos êsses homens que estão falando? ¿Como, pois, os ouvimos, cada um na nossa própria língua em que somos nascidos?».

De facto não era para menos essa estupefacção das massas populares que a tal acontecimento assistiam. Não conhecendo os Apóstolos, pela sua falta de cultura, outra língua além da sua, era evidentemente motivo de pasmo que êles, dum momento para o outro, começassem a exprimir-se em línguas tão diferentes, como as dos Partos, dos Mesopotâmios, dos Frígios, Egípcios, Líbios, etc., etc., sem terem recebido prèviamente a mais insignificante instrução. ¿Como explicar então êsse facto que todos os presentes observavam? Positivamente, êles não falavam por si; mas, se não falavam por si, ¿qual era o poder que maquinava uma tão assombrosa maravilha? ¿Seria Satanás, como actualmente se pretende inculcar? ¿Estariam «cheios de môsto», como alguns dos ouvintes pensaram, segundo o que se lê nos mesmos *Actos* (II, 12 e 13)?

Não; nem uma, nem outra cousa. O facto ocorrido, como se refere no citado versículo dos *Actos* (II, 4), resultara de estarem todos os Apóstolos cheios do Espírito Santo e, por isso, falarem consoante o Espírito lhes concedia que falassem.

Mas... ¿quem era êsse Espírito Santo? Incontestavelmente um Espírito de Luz enviado do Senhor, tal como hoje os Guias dos médiuns e outros Espíritos comunicantes nêles se manifestam por formas as mais variadas, incluíndo a *glossolália* de que faz parte o dom mediúnico que nos Apóstolos se revelara nêsse momento.

¿Fôra êsse dom única e exclusivamente concedido aos Apóstolos? Não; o próprio Pedro, respondendo aos que se maravilhavam e aos que os supunham cheios de môsto, esclareceu o caso, quando, «pondo-se em pé com os onze, levantou a sua voz e lhes disse (*Actos,* II, 14 a 17):

«Varões judeus, e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto conhecido, e escutai as minhas palavras.

«Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, — diz Deus, — que do meu Espírito derramarei sôbre tôda a carne; *e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões e os vossos velhos sonharão sonhos*».

Estão definidas nesta profecia de Joel, citada por Pedro, algumas das modalidades mediúnicas que, antes do Cristo e depois do Cristo, se têm evidenciado em várias criaturas, ainda mesmo naquelas que os homens não santificaram, como sejam os pastorinhos da Fátima e, bem assim, todos os médiuns, por intervenção dos quais se produzem fenómenos similares que tantos «engulhos» causam a certa gente que, apriorística e misoneísticamente, nega tudo quanto esteja fora do seu alcance.

* * *

Entre os variadíssimos fenómenos produzidos nas sessões de estudos psíquicos, contam-se os de materialização e desmaterialização de pessoas e objectos. Dêste grupo de fenómenos importa aproximar o que a Bíblia nos refere àcêrca do aprisionamento de Pedro pelo rei Herodes.

Segundo o que nos *Actos dos Apóstolos* (Cap. XII) se descreve, tendo Herodes matado à espada Tiago, irmão de João, e verificando que êsse gesto agradara aos judeus, resolveu mandar prender Pedro.

Tendo-o encerrado numa prisão, guardada por quatro ternos de soldados, para ser apresentado ao povo depois da Páscoa, aconteceu que, na noite anterior ao dia em que Herodes havia de tirá-lo, estando Pedro dormindo entre dois soldados, ligado com duas cadeias e com guardas diante da porta da prisão, foi acordado por um anjo, após o que, sob sua indicação, tendo-lhe caído as cadeias das mãos, se levantou, preparou e saíu na sua companhia; «e... — *palavras textuais da Bíblia* (*Actos*, XII, 9 e 10) — não sabia que fôsse verdade o que era feito pelo anjo, mas cuidava que via alguma visão.

«E, quando passaram a primeira e segunda guarda, chegaram à porta de ferro, que dá para a cidade, a qual se lhes abriu por si mesma; e, tendo saído, andaram uma rua e logo o anjo se apartou dêle», após o que se dirigiu Pedro a casa de Maria, mãe de João, onde, com espanto geral, foi visto por todos. Pedro, porém, acenando-lhes com a mão para que se calassem, contou-lhes o que se havia passado; e, pedindo-lhes que anunciassem isto a Tiago e aos irmãos, saíu e partiu para outro lugar.»

Como vemos, existe uma paridade absoluta entre êste fenómeno e as desmaterializações de pessoas, seguidas da sua rematerialização, que têm sido produzidas em algumas sessões e por virtude do que pode o médium desaparecer do local da reünião para aparecer noutro, mais ou menos distante.

Fenómenos idênticos de desmaterialização e materialização de objectos são, por exemplo, aquêles que se classificam sob a designação de «aports», — transportes de objectos de um ponto para outro através mesmo de paredes espessas que os isolam — e dêste grupo de fenómenos faz parte a transformação do ouro em rosas que os documentários agiológicos atribuem à Santa Rainha Isabel de Aragão.

* * *

No facto acima relatado, — o da evasão de Pedro da prisão, onde Herodes o tinha enclausurado —, revela-se a manifestação dum outro fenómeno a que a bibliografia espírita alude, quando descreve êsses multiplos factos de aparição de espectros, quer expontânea, quer provocada em sessões experimentais, quais sejam os que William Crookes conseguiu, quando lhe foi permitido estabelecer relações com o fantasma de Katie King. Refiro-me ao aparecimento do anjo na prisão, onde Pedro se encontrava; e às frases que lhe dirigiu e que comprovaram a sua presença. A tal respeito, lê-se nos *Actos* o seguinte (Cap. XII, 6 a 10):

«E, quando Herodes o havia de tirar, naquela mesma noite, estava Pedro dormindo entre dois soldados, ligado com duas cadeias, e os guardas diante da porta guardavam a prisão. E eis que sobreveio o anjo do Senhor, e resplandeceu uma luz na prisão; e, tocando em Pedro na ilharga, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa. E cairam-lhe das mãos as cadeias. E disse-lhe o anjo: Cinge-te e ata as tuas alparcas. E êle o fêz assim. Disse-lhe mais: Lança às costas a tua capa, e segue-me.

«E, saíndo, o seguia. E não sabia que fôsse verdade o que era feito pelo anjo; *mas cuidava que via alguma visão.*

«E, quando passaram a primeira e segunda guarda, chegaram à porta de ferro que dá para a cidade, a qual se lhes abriu por si mesma; e, tendo saído, andaram uma rua, e logo o anjo se apartou dêle».

¿Que fenómenos se teriam produzido, pois, em face desta narrativa da tão maravilhosa fuga de Pedro?

Quanto a mim, — e salvo melhor e mais autorizada opinião —, o primeiro fenómeno a registar foi a aparição do fantasma dêsse Espírito superior, — o Anjo do Senhor —, tão real que Pedro conseguira não só vê-lo, mas também ouvir a sua voz e sentir-se tocado por êle. O segundo teria consistido na desmaterialização de Pedro, devido ao que se libertara tão fàcilmente dos ferros que o prendiam e, bem assim, passara pelos guardas sem ser visto por êles e transpusera as portas da prisão em que se encontrava. O terceiro foi o da sua rematerialização perante os seus irmãos em crenças que, tomados de geral assombro e estupefacção, puderam vê-lo e ouvir a sua recomendação para se calarem e anunciarem o facto a Tiago e aos irmãos.

¿Deverão êstes fenómenos ser atribuídos à fraude ou a manejos de Satanás, — se tal entidade existisse? — ¿Como pretender-se então que os fenómenos similares que hoje se produzem, — e que são tão reais como aquêles —, sejam de origem fraudulenta ou provocados pela intervenção da satânica personalidade de Lucifer? ¿Que coerência atestarão aquêles que por forma tão heterogénea se pronunciam?

Compulsando as Escrituras, certificar-nos-

emos de que a moderna fenomenologia, produzida em sessões espiritas ou fora delas, não oferece novidade alguma, pois que em tôda essa literatura se encontram descritos factos do mesmo género, a que dão pleno crédito muitos dos contraditores e deturpadores das vastas manifestações anímicas e espiríticas até hoje observadas e devidamente controladas.

Como exemplo, seja-me permitido focar ainda os seguintes factos relatados nos *Actos dos Apóstolos* (V, 8 a 25), embora sejam do mesmo género dos que se passaram com a fuga de Pedro:

«E lançaram mão dos Apóstolos, e os puseram na prisão pública. Mas de noite um anjo do Senhor abriu as portas da prisão e, tirando-os para fora, disse: Ide apresentar-vos no templo, e dizei ao povo tôdas as palavras desta vida.

«E, ouvindo êles isto, entraram de manhã cêdo no templo, e ensinavam. Chegando, porém, o sumo sacerdote e os que estavam com êle, convocaram o conselho, e a todos os anciãos dos filhos de Israel, e enviaram ao cárcere, para que de lá os trouxessem.

«Mas, tendo lá chegado os servidores, não os acharam na prisão, e, voltando, lho anunciaram, dizendo: *Achámos realmente o cárcere fechado, com tôda a segurança, e os guardas que estavam fora diante das portas; mas, quando abrimos, ninguém achámos dentro.*

«Então o capitão do templo e os principais dos sacerdotes, ouvindo estas palavras, ficaram perplexos ácêrca do que viria a ser aquilo.

«E, chegando um, anunciou-lhes, dizendo: Eis que os homens que encerrastes na prisão, estão no templo e ensinam o povo».

Como vimos, correspondem absolutamente estes factos ao da libertação de Pedro, a que já nos referimos, e aos de desmaterialização que em muitas sessões experimentais se têm verificado.

Abundam, porém, nas Escrituras, descrições de fenómenos de outro género, tais como transfigurações, visões, previsões, levitações, encorporações, «aports», etc., etc., absolutamente idênticos àquêles que presentemente se têm produzido, quer espontâneamente, quer em sessões experimentais.

Mas um dos aspectos mais interessantes da mediunidade, pela sua utilidade prática e humanitária, é o que se relaciona com as curas obtidas, tanto pelo Cristo e Seus Apóstolos e discípulos, como ainda por outros tantos santos que a Igreja canonizou e que actualmente os nossos médiuns curadores reproduzem.

Recordemos alguns dêsses casos, transcrevendo textualmente as respectivas passagens bíblicas que a êles se referem:

«E, tendo chegado à outra banda, à província dos gergesenos, sairam-lhe ao encontro dois endemoninhados, vindos dos sepúlcros, tão ferozes que ninguém podia passar por aquêle caminho. E eis que clamaram, dizendo: ¿Que temos nós contigo, Jesus, filho de Deus? ¿Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?

«E andava pastando distante dêles uma manada de muitos porcos. E os demónios rogáram-Lhe, dizendo: Se nos expulsas, permite-nos que entremos naquela manada de porcos.

«E Êle lhes disse: Ide. E, saíndo êles, se introduziram naquela manada de porcos; e eis que tôda aquela manada de porcos se precipitou no mar por um despenhadeiro; e morreram nas águas» (Mat. VIII, 28-32).

Demonstram-nos êstes versículos a possibilidade de sermos perseguidos pelo astral inferior, não só em nós próprios, tanto na parte física, como na moral, mas até em prejuízo da parte material respeitante aos nossos haveres. E assim é que êsses dois endemoninhados, — ou possessos, como hoje diríamos —, se encontravam tão furiosos que ninguém podia passar por aquêle caminho; mas encontravam-se furiosos por virtude da influência exercida nêles por Espíritos inferiores que absolutamente os dominavam. Por êste mecanismo se produzem muitas loucuras que a Ciência materialista não pode, nem sabe, curar, embora êsse resultado se possa obter pelas práticas espiritas, o que demonstra encontrar-se o Espiritismo num plano de relêvo que o futuro respeitável e digno da consideração de todos, e não nêsse plano charlatanesco ou diabólico em que os seus deturpadores, inconscientemente ou de má fé, teimam em querer colocá-lo.

Mas... adiante.

Vendo que não podiam resistir à vontade de Jesus, — que consistia em libertar os dois infelizes da sua nefasta influência —, mas sentindo ainda em si os estímulos do mal, rogaram-Lhe que lhes permitisse introduzirem-se na manada dos porcos, provocando assim a sua destruïção nas águas do mar, obedecendo ainda à intenção de prejudicarem alguém, ou sejam, nêste caso, os porqueiros a quem a manada pertencia.

Ainda hoje isto acontece e acontecia sempre:

Há muita gente que se esforça por endireitar a vida, — como se costuma dizer —, sem o conseguir, única e exclusivamente por efeito das perseguições que o astral inferior lhes move, embora, por vezes, sem qualquer motivo que, pelos menos aparentemente, as justifique. São Espíritos movidos ainda por instintos inferiores, que, por êsse facto, sòmente se comprazem com o mal que possam causar às suas incautas ou desprevenidas vítimas.

* * *

Entre a imensa variedade de curas obtidas por Jesus e, bem assim, por Seus apóstolos e discípulos, figuram as de criaturas influenciadas pelo Astral inferior. Como exemplos, recortaremos o da cura do lunático e as de possessos, às quais os Evangelhos fazem referência, como podemos ver:

«E, quando chegaram à multidão, aproximou-se-Lhe um homem, pondo-se de joelhos diante d'Êle, e dizendo: Senhor, tem misericórdia de meu filho que é lunático e sofre muito, pois muitas vezes cai no fôgo e muitas vezes na água; e trouxe-o aos Teus discípulos e não puderam curá-lo.

«E Jesus, respondendo, disse: Ó geração incrédula e perversa! ¿Até quando estarei eu convosco e até quando vos sofrerei? Trazei-mo aqui.

«*E repreendeu Jesus o demónio, e saiu dêle, e desde aquela hora o menino sarou*» (Mat. XVII, 14-18).

A causa, neste caso, das extraordinárias perturbações que levavam êsse menino a atirar-se para o fôgo e para a água, encontrava-se na influência maléfica que sôbre êle exercia um Espírito atrazado, um Espírito das trevas; e tanto assim que o menino se normalizou, curando-se, a partir do momento em que êsse Espírito obsessor, repreendido por Jesus, abandonou o corpo de que se tinha apoderado.

Do mesmo género são as curas dos possessos, levadas a efeito, em nome de Jesus, pelos Seus discípulos, facto que muito os alegrou, como consta do seguinte versículo do Evangelho de Lucas (X, 17): «E voltaram os setenta com alegria, dizendo: Senhor, em teu nome até os demónios se nos sujeitam».

Mas nem tôdas as curas se efectuam em possessos como conseqüência da sua libertação dos Espíritos inferiores que os dominam. Não. Há curas que resultam da acção dos fluidos irradiados do médium, seja por contacto, seja sem contacto. Deu-nos o Cristo bastantes provas do que afirmamos, na cura da mulher que sofria dum fluxo de sangue, na cura de cegos e leprosos, etc., etc.

A par destas categorias de casos, não deveremos esquecer uma outra: — curas de doenças devidas a um Karma saldado em determinado momento —. É o caso, por exemplo, da cura do paralítico, ao qual Jesus dissera, quando o encontrou no templo (João, V-14): «E eis que já estás são; não peques mais para que não te sucede alguma coisa pior», esclarecendo assim que a sua doença era uma resultante de dívidas passadas que, pela sua resignação, acabára de saldar, convindo por isso não pecar mais, para não contrair novas dívidas que lhe imporiam, no futuro, novos e mais pesados compromissos.

Verifica-se, em face do exposto, quão irreflectida é a campanha dos que negam a realidade dos fenómenos espiríticos, ou mediúnicos, e dos que, quando não os negam, os atribuem a artes diabólicas ou a «pantominices» com que os médiuns tentam engrolar os papalvos.

Posto isto, — e para terminar —, não será descabida a apresentação da seguinte opinião do cardeal Bona, que muito a-propósito acabamos de ler em *Estudos Psíquicos* (n.º 17 — 1942), num artigo firmado por Haydi de Tebelen: «É motivo de estranheza que se possam encontrar homens de bom-senso que tenham vindo negar, em absoluto, as aparições e as comunicações das almas com os vivos, ou atribuí-las a uma fantasia da imaginação ou à arte do demónio». De resto, tudo isso é resumidamente confirmado no Símbolo dos Apóstolos, quando por êle se impõe aos fieis a crença na comunicação dos Santos, demonstrando-se assim quão integrada se encontra a doutrina espirita nos cristãos princípios das verdades evangélicas enunciadas por Jesus.

AVISO

Informamos os prezados assinantes de que vamos proceder à cobrança das assinaturas em débito. Pedimos a todos o melhor acolhimento para os recibos, o que antecipadamente agradecemos.

O SONO DA MORTE

por F. Noronha

«... até que te tornes na terra, de que fôste formado. Porque tu és pó, e em pó te hás-de tornar.

«... para que não suceda que êle lance a mão, e tome do fruto da árvore da vida, e coma dêle, e viva eternamente.

«O Senhor Deus o pôs fora do Paraíso, para que cultivasse a terra, de que tinha sido formado.» — Gesesis, *cap. III, vers. 19, 22 e 23.*

¿Volve inteiro o homem à circulação perpétua de elementos, fluxo e refluxo em que tudo muda e se transforma?

«Nuestra anima, diz com elegância o célebre prègador seráfico, Frei António Alvarez *(Primera Parte de la Sylva Spiritual de varias consideraciones, para entretenimiento del alma christiana* — Lisboa — Con licencia, en casa de Simón López, Impressor de libros — Ano MDXCIV, pág. 104) como el paxaro se escapo del lazo de los caçadores, el lazo preto, pero nosotros quedamos libres. Y es como si dixessem: Aunque cayamos en el lazo de la tribulación, el lazo no nos toco: las plumas pudo coger, pero el paxaro del alma escapose volando.»

A afirmação contida nas linhas imediatamente precedentes, de fé e para a fé, consoladora para os de crenças arraigadas, não responde entretanto à interrogação formulada como título do presente divagar.

Ernesto Vinet (*L'Art et L'Archéologie* — Paris, 1874) pregunta: «Qu'y a-t-il dans les régions de la mort?» e êle próprio acrescenta: «Nul n'est revenu, nul reviendra pour nous le dire. Toutefois, la croyance à l'immortalité de l'âme sillone les ténèbres comme une lueur consolante. Les religions en ont fait un dogme, celui de la récompense au delà du tombeau. Ce dogme raffermit les esprits que la pensée du néant épouvante. Il s'élève sur les derniers horizons de la vie comme une de ces constellations bénies des matelots» (pág. 4).

De facto, «Justice! justice!», como diz F. Huet (*La Science de L'Esprit — Principes Généraux de Philosophie Pure et Appliquée,* — Paris e Bruxelas, 1864), c'est la loi des lois, la plus absolue, la plus inflexible; c'est le cri du temps et de l'éternité!» (pg. 435 do tomo 2.°).

Não satisfeito de justiça no cenário tragi-cómico da existência, revelando-se-lhe a idéia de prémio e de castigo, de que dão notícia as civilizações e as pègadas dos grandes vultos iniciados, por entre os séculos, atentando e considerando nos casos numerosos de heróicos sacrifícios de vidas, apagadas no e pelo mesmíssimo acto de intrínseca modalidade meritória, ficando completamente irremunerados, o homem, por ascenso de raciocínio, tanto lógico quanto sensato, elevou-se à concepção de Além, justo e equitativo, onde a preeminência moral do indivíduo transcenda, com solução remuneradora.

Interrogarei, a-propósito, perfilhando uma frase de Louis Liard *(La Science Positive et La Métaphysique* — Paris, 1888): «¿Pourquoi l'immortalité ne serait-elle pas la conséquence et la récompense de valeur d'un être par lui-même?» (pg. 472).

Em qualquer hipótese, porém, é sempre verdade, que por mais habituados e afeitos que nos encontremos ao fenómeno trivialíssimo mortuário, alguma cousa nos segreda, em presença dum cadáver, que nem tudo se aniquilou do que em vida o animara.

E, então, ¿quantas vezes mergulhamos o pensamento em páramos aparentemente fantasiosos, mas porventura com funda base inabalável nos recônditos mistérios da consciência humana?!

¿Pois, é lícito admitir que a mínima partícula se perca no Universo, laboratório imenso e inesgotável do Infinito?

Nós avançamos sem cessar, vamos descortinando véus, varrendo enigmas, cons-

tituíndo ciências novas, e não há píncaro agudo que não tentemos vencer e transpor com resultado prático autêntico.

Em frente! — brada-nos a vontade e requere-o a própria natureza, incitando-nos constantemente!

Abriu Magendie prefácio notável por estas palavras inconcussas: «As ciências naturais tiveram, como a história, os seus tempos fabulosos. A astronomia partiu da astrologia; a química era recentemente a alquimia; a física, durante muito tempo, não passou de vazio conjunto de sistemas absurdos, etc. ¡Singular condição do espírito humano, que parece forçado a haver-se demoradamente com êrros, antes de atrever-se a atingir a verdade! Tais foram as ciências naturais do século XVII. Na data, apareceu Galileu, e admiráveis descobrimentos ensinaram ao mundo que para conhecer a natureza, não bastava **presumir** ou **acreditar** o que dela tinham **dito** autores antigos, mas que era preciso **observá-la** e superior a tudo **interrogá-la** mediante **experiências.** Esta filosofia fecunda foi a de Newton, que o inspirou ininterruptamente em seus imortais trabalhos.» *Precis Élementaire de Physiologie,* precedido de *Traité Abregé de Physique Médicale,* pág. 163 — Bruxelas, 1838).

Não julgo deslocado, agora, o remate, na versão francesa da obra de insigne inglês, que foi espirita e coevo de William Crookes. Aludo a John Lubbock (*L'Homme Avant l'Histoire — Etudié d'Après les Monuments et les Coutumes Rétrouvés dans les Différents Pays de l'Europe, Suivi...* etc. — Paris, 1867, pág. 506):

«Em nossa época, podemos lisonjear-nos de assistir a alguns progressos, mas um espírito aberto encontrará a sua mais subida satisfação em acreditar que, ocorra o que ocorrer à geração contemporânea, os nossos descendentes compreenderão muitas coisas de que não possuímos o senso, avaliarão melhor as belezas do mundo em que vivemos, evitarão bastantes dissabores a que estamos sujeitos, fruïrão venturas de que ainda não somos dignos, e poupar-se-ão a múltiplas tentações que lamentamos, mas que não conseguimos sacudir inteiramente.»

É, assim, uma verdadeira marcha triunfal a realizada pelo ser humano desde as suas auroras, e é indubitável que sem embargo dos quadros lancinantes que se registam com características de recuo ou retrocesso, o sol permanece irrompente de tôdas as sombras e escurentezas e a sua áurea juba fulgentíssima desprende eflúvios vitalizadores de luxuriante exuberância e alegra os espectáculos da natureza com adôrno esmeraldino.

¿Fenece o homem, corpo e alma, quando a vida se retira?

Se assim é, ¿que exprimem ou significam aparições asseveradas e comprovadas com perfeita certeza matemática?

Eu sei que tais aparições são classificadas por não poucas pessoas diplomadas nos domínios da fisiologia e da patologia nervosa. E leio em livro de prezado amigo, que é poeta e director clínico de manicómio, Luiz Cebôla. (*Almas delirantes* — Livraria Central Editora — Lisboa, 1925, pág. 47): «¡Funesta veleidade pretenderem os homens mudar o Imutável! Resignem-se a viver sonhando, a morrer sonhando... Sim! Enquanto o pensamento dos ocultistas flutua num mar vago de visualidades, miríades de seres nascem, multiplicam-se e continuam as suas sucessivas metamorfoses sôbre a Terra, em cujos braços materiais êles viajam eternamente, através da amplidão infinita do Universo.»

Sobrepõe-se o facto categórico à própria análise pericial de íntegro rigor incisivo.

Como coonestar o procedimento de um negativista intransigente que abandona o seu credo científico e se apresenta no campo exactamente oposto que impugnava?

Abundam nas fileiras dos espiritas egrégias exemplificações dêste quilate.

¿E verificam-se elas *ad hoc,* sem motivo sério, sem causa convincente, evidentemente demonstrada?

¿Será negável o sonambulismo?

¿Os fenómenos, quási incríveis, de precocidade prodigiosa, permitem sequer dúvidas?

A êste respeito, afigura-se-me que só o Espiritismo dá razão cabal de argumento e de conseqüente acêrto.

Essa razão transporta-nos à Grécia da antiguidade clássica; mas ¿haverá novidade debaixo do sol?

Lá diz que não o Velho Testamento.

¿Não temos, num dia, em nosso frágil discernimento, como disparatado e utópico, o que no outro nos empolga com a clareza do axioma?

¿Previram os construtores das Pirâmides do Egito os porvindoiros guindastes, ou os que ostentaram aos olhos de massas de homens de desvairadas procedências, na Ásia de Bagdad e do Eufrates, as soberbas edificações da famosa Babilónia desaparecida?!

E, em outro aspecto: «¡Quantas gerações não passaram, como se exprime Tod Franck *(Moral Para Todos,* versão portuguesa de Cândido de Figueiredo, pág. 11 — Lisboa, 1874), sôbre a terra, antes que se suspeitasse a circulação do sangue, a acção dos pulmões sôbre o ar que absorvem, as transformações sucessivas dos alimentos que renovam a substância ao nosso corpo, a acção do sistema nervoso no movimento geral da vida! Mas isso não obstou a que a circulação, a respiração, a nutrição, a innervação, se realizassem de uma forma tão constante e regular, como em nossos dias.»

Quando M. V. Regnault declarava — *Divisibilité de la Matière — (Premiers Éléments de Chimie* — Paris, 1890): «Les chimistes ne regardent cependant pas la divisibilité de la matière comme indéfinie; ils admettent que les corps sont formés, en dernière analyse, de particules excessivement petites et indivisibles par les moyens mécaniques, ils donnent à ces particules le nom de *molécules* ou *d'atomes*», quando isto declarava, ¿entreveria que o átomo, considerado e definido como partícula pequeníssima da matéria, seria, em menos de um século, reconhecido como estupendo continente de mínimos incontáveis, dotados de propriedades e atributos que ultrapassam a imaginação?!

Todavia, o facto é de posse nossa; o hoje desbancou ou suplantou o ontem, sumido no sorvedouro do pretérito, como é destino do presente, em relação ao amanhã, que já desponta em albôres de esperança, embora com laivos sangüíneos, provenientes das tempestades cruentas da guerra.

¿A coerência constituïrá ou representará testemunho de vesânia, macabrice ardilosa ou cálculo de egoísmo insidioso?

«Cogito», — penso; «ergo sum», — logo, sou, existo. ¿Quem se atreveria, em são juízo, a apoucar ou a sofismar a legitimidade desta forma silogística?

¿E não estão objectivamente relatadas aparições e materializações de idos, cujos corpos foram restituídos à **mater** comum, a terra?

¿Não vingam atestados minudentes de personalidades, com linhas e feições irrefragáveis, inclusivamente reproduzidas e reveladas com sucesso perdurável pela máquina fotográfica?

Portanto, semelhantes premissas conduzem, nitidìssimamente, a uma conclusão formal: ¡Tem acordar o sono da morte, não volve inteiro o homem à lousa funerária, dilatada retorta de acções e reacções sem termo, produto de energias combinadas e unificadas sob a aura envolvente do todo físico minúsculo, mero ponto insignificantíssimo de referência por nós habitado, rolando no Espaço imbalizável com velocidade esmagadora, num oceano sem barreiras em que emergem esferas de tôdas as dimensões e grandezas, executando simultâneamente, obedecendo a leis supremas, revoluções totalitárias em suas órbitas, que as reflectem!

As derradeiras expressões de A. de Quatrefages na última página do seu livro, *Charles Darwin et ses Précurseurs Français,* são estas: «ne rêvons pas *ce qui peut être;* acceptons et cherchons *ce qui est*».

Assiste direito ao espirita de sustentar a sobrevivência da alma ao corpo, **nuestra anima** ao mortal inanimado, dissolúvel prêsa a contas com a decomposição cadavérica; êle está forte de multidão de factos averiguados e de milhares de provas rigorosamente documentadas.

¿Pode exigir-se mais do que isto, para que **«aceitemos o que é?!...»**

Repito a palavra de Descartes, atrás citada: *Cogito, ergo sum.*

¡Caminha homem, albergue temporário de uma cíntila inconsumível!

Concluo com Topinard, fechando *L'Anthropologie* (Paris, 1870): Só tu investigas e queres, o teu horizonte «est indéfini», como as tuas faculdades mentais, «lorsqu'» elles s'exercent sans entraves».

A pedido de alguns leitores, revelamos que os artigos publicados em «Estudos Psíquicos» subscritos por Adolfo Ramires e *De Veritas* são da autoria do ilustre professor Dr. Baptista Ramires, antigo lente do Instituto de Agronomia. Estes trabalhos e outros que do mesmo autor publicaremos foram escritos há tempos e cedidos obsequiosamente a esta revista.

5/Out/42

ESPIRITISMO E TEOSOFIA

por Haydi Tebelen

IV

PLATÃO dizia: «O poeta e o profeta, para receberem a inspiração, devem entrar num estado superior em que seu horizonte intelectual se dilate e ilumine por uma luz mais alta. Não são os videntes, os profetas ou os poetas que falam, é Deus que, por êles mesmos, fala.»

E assim nós verificamos que o espírito brilhante que ilumina a antiguidade, aparece resplandecente: na Poesia Lírica, Anacreonte, Píndaro, Safo, Corina; na Poesia Dramática, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Aristófanes; na Música, todos os precedentes; na História, Heródoto, Tucídio, Xenofonte; na Eloqüência, Demóstenes, Esquínio; na Filosofia Vulgarizadora, Sócrates, Platão, Aristóteles; na Medicina, Hipócrates; na Arquitectura e na Escultura, Fídias, Policleto, Miron, Lisipe, Praxíteles; na Pintura, Zeuxis, Apeles. O mesmo espírito continua a manifestar-se na Idade Média, na Renascença, na Idade Moderna e Contemporânea, em nomes já citados nêste trabalho.

Assim, o génio e a mediunidade são tão antigos como a espécie humana. Os médiuns pròpriamente ditos, bem como os génios, têm sido e são desdenhados, perseguidos como bruxos, charlatães e loucos.

¡Que importa, se é pela mediunidade que o Mundo Superior nos envia o divino fluido da inspiração que leva a humanidade a progredir intelectualmente e a espiritualizar-se, guiada pelos seus predestinados instrutores!...

Como disse Platão, é Deus que por êles se manifesta no sábio, no santo, no artista, no poeta, no missionário, no profeta, no inventor, mercê da Inspiração que lhe vem através da mediunidade.

Virgílio também foi considerado profeta. Dante Alighiere foi um médium incomparável, dando-nos a Divina Comédia, essa extraordinária viagem através do Invisível. Dante também era médium vidente, como se vê na descrição que êle fêz dum dos seus sonhos, na qual se refere à visão que teve da sua amada e ao encontro que teve com ela.

«Entrando na parte mais solitária da minha casa — diz êle —, pus-me a pensar nessa pessoa que se tinha mostrado tão cortez comigo; e, muito preocupado com ela, fui tomado por um suave sono, durante o qual tive uma visão maravilhosa. Pareceu-me ver uma nuvem côr de fogo, e, no meio, um Senhor, com aspecto terrível para aquêles que olhavam para êle. Quanto a êle, — coisa admirável! — pareceu-me alegre. Disse-me muitas coisas, de que apenas compreendi estas palavras: «Sou eu o teu senhor». Pareceu-me vê-lo tendo nos braços uma pessoa envolta num lençol côr de sangue: Reconheci imediatamente a Dama que me tinha inspirado um sentimento tão puro e que se dignara saüdar-me no dia antecedente. Aquêle que a levava tinha uma coisa que estava a arder, e êle disse-me estas palavras: Vê o teu coração. Alguns instantes depois, eu vi aquela que dormia, e que êle despertou por meio de processos extraordinários, fazendo-a comer aquela coisa ardente que êle tinha na sua mão. Ela obedeceu com receio e repugnância. Mas não se passou muito tempo sem que a alegria do Senhor se mudasse em prantos; e, sempre chorando, êle apertava esta Senhora nos seus braços e se dirigiu com ela para o céu. Eu senti então uma viva angústia no coração, e o meu sono, como era leve, foi interrompido e despertei.»

No mesmo dia em que a conhecera, Dante viu a perda dessa Senhora, da sua terna e querida Beatriz, que no Além continua a ver, com o «esplendor da viva luz eterna» — que iluminou tôda a vida do grande poeta.

Shakespeare, estoutro génio, é também médium, quando escreve o «Hamlet» e o «Macbeth».

Goëthe também bebeu nas fontes do Além, e Lamartine, o delicado poeta do amor eterno, diz-nos: — Eis o que eu quis atacar criando «Jocelin», ou antes escrevendo sob a inspiração do meu génio, génio fecundado e enri-

quecido pelos Espíritos Superiores que quiseram insuflar-me os seus pensamentos.»

Alfred de Musset, também tinha visões, via aparições e ouvia vozes.

Como nos médiuns, a inconsciência e a instantaneidade acompanha os homens de génio nos seus momentos de inspiração. Alguns descrevem-na como uma febre suave e arrebatadora, durante a qual o pensamento se torna rápido e involuntàriamente fecundo.

Mozart confessava que a inspiração lhe despontava no espírito, mesmo contra sua vontade, como se fôra um sonho. Hoffman repetia muitas vezes aos seus amigos: «para compôr, sento-me ao piano, fecho os olhos e toco o que ouço ditarem-me de fora».

Alguns homens de génio declararam sentir-se sob o domínio do Invisível, tais como Chopin, que tinha visões que o aterravam. As suas mais célebres composições — «A Marcha Fúnebre», — e os seus «Nocturnos» — foram escritas em plena escuridão. — Não são menos célebres o «Requiem» de Mozart, que teve a sua origem numa inspiração celeste —. Na obra do revolucionário R. Wagner também se encontra muita espiritualidade. E Rafael, o grande mestre de pintura da Renascença Italiana, declarava que as suas mais belas obras lhe tinham sido inspiradas por visões.

Pois, tanto na fisiologia e patologia do génio, como na psicose degenerativa ou epileptóide do génio, encontramos, uns por taras, outros por degenerescência, todos ou quási todos os nomes célebres, desde a mais remota antiguidade.

Génio e mediunidade, são ainda sinónimos de loucura para muitos dos nossos irmãos. Se Rafael, Miguel Ângelo, Camões, Vítor Hugo, etc., Não foram considerados loucos, não deixaram, contudo, de lhes atribuir algumas taras.

Depois do que acabo de expôr, digo como o poeta Teixeira de Pascoais:

«São bem raros aquêles que *teimam* em viver sob a excomunhão do *maior número,* que os crisma de malucos, poetas, criminosos e mágicos. Eu vos abençôo, malucos, lunáticos, mágicos, criminosos, poetas, e os que saiem para a rua sem chapéu por divino esquecimento, e os que vão a falar sós pelos caminhos, e os que olham a lua latindo ìntimamente».

Eu também vos abençôo, médiuns; bendigo a vossa mediunidade, quer ela se revele em manifestações de génio, ou em comunicações mediúnicas que o Astral nos envia para auxílio espiritual da humanidade. Não querem os teósofos reconhecer a utilidade das comunicações dos espíritos perturbados. ¡Não vêem quanta caridade existe no médium que generosamente oferece o seu corpo ao irmão que no Além está sofrendo, por vezes, as torturas magistralmente descritas no «Inferno» de Dante, a que já aludi! ¡Não compreendem também quanto carinho e inteligência são necessários a um bom doutrinador para levar suavemente, ao esclarecimento, essa alma sofredora! Não aceitam como nobre, como augusta, esta missão, de colaboradores dos Gurus, ou Guias Espirituais.

Compete, pois, aos vanguardistas do progresso e verdadeiros espiritas esclarecer os irmãos do Além e do Aquém...

É essa a missão daquêles que prègam, aconselhando o caminho da Verdade.

A mediunidade verdadeiramente bela e nobre, como disse há pouco, deve ser praticada com o respeito que nos merecem as comunicações que recebemos do Alto.

É por ela que a humanidade tem recebido a luz dos ensinamentos, desde Elohim até aos nossos dias, com Pasteur, Édison, Flammarion, Rodin, Marcóni, os esposos Curie, Einstein, etc.

Bendigo a mediunidade, pois é por ela que os nossos Auxiliares Invisíveis, êsses queridos amigos que todos nós temos no Além, vêm mais fàcilmente junto de nós, dar-nos a luz e o reconfôrto, para melhor cumprirmos as nossas missões, ajudando-nos a esgotar o karma e a transportar, com mais facilidade, a nossa cruz.

Aproveito a oportunidade e a honra que devo a esta revista, de escrever agora pela primeira vez nas suas colunas, para agradecer aos meus venerados guias, a graça de me terem facultado o caminho do Espiritismo.

Nêle encontramos um vastíssimo horizonte de luz e um campo ilimitado para a ciência positiva.

Gabriel Delanne, que foi, na terra, e ainda é, no Além, um dos nossos mais queridos Mestres, a quem eu presto o meu culto, num dos seus livros que compõem a obra admirável que nos legou, escreveu: — «O Espiritismo tem direito ao nome de ciência».

Esta afirmação foi confirmada pelo ilustre sábio e professor Dr. Grasset, na sua declaração: — «O Espiritismo será a ciência do futuro século.»

Repito a minha firme convicção de que, se

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Parish, médium curador

Paul Miller publicou um grande artigo no *Psychic News* àcêrca do médium curador Parish, cujas experiências têm ultrapassado tôda a expectativa.

Já nos quisemos referir a êste homem extraordinário, modesto em extremo, cheio de generosidade e piedade pelos sofredores. A insuficiência de espaço é que no-lo tem impedido. Êle terá, porém, o seu lugar nestas colunas. Êle e outros, que se estão a notabilizar lá fora, em institutos e santuários, donde irradia a verdade e o bem e onde estudiosos e aflitos procuram alento e refrigério.

No artigo acima referido, transcrevem-se cartas curiosíssimas, dirigidas ao médium, e nas quais os enfermos contam o seu «caso», de tal forma, que não deixam dúvidas no espírito do leitor.

Tomás Stirling, de 43 anos de idade e natural de High Riggs, Edimburgo, fôra submetido a intervenção cirúrgica. Tinha um cancro na bexiga e os médicos, verificando as grandes ramificações do mal, resolveram pontear a incisão e fazer-lhe tratamento radiológico, como paliativo usado em casos semelhantes.

«A história não é minha — diz o articulista —. Foi escrita pela espôsa do enfêrmo em duas cartas muito elucidativas que eu li. Eram dirigidas a Parish e tinham a data de 17 de Janeiro de 1942».

Segue uma delas:

«Em 10 de Janeiro, uma amiga emprestou-me o *Psychic News* para ler. Nêsse mesmo dia, o médico do hospital onde meu marido se encontrava disse-me que a doença não tinha cura possível. A operação não fôra coroada de êxito, como esperavam, pois, ao abri-lo, descobriram-lhe um cancro em desenvolvimento e com profundas ramificações, pelo que resolveram cortar-lhe um pedaço para análise e coser-lhe a incisão.

«O seu sofrimento é grande e julgo que

PARISH, O MÉDIUM CURADOR

não podem aliviá-lo. Por isso, lhe peço, senhor, que venha em meu auxílio.

«Êles também falaram em usar o rádio; mas eu tenho muito receio dêsse tratamento, pelas dores que provoca nos doentes. Imploro o seu auxílio nesta desesperada emergência. Ajude o meu marido. Alivie-lhe um pouco o sofrimento.

«Naturalmente, êle ignora o que tem e julgará ser outra coisa que me infunde terror, quando iniciarem as sessões de rádio.

«Tem 43 anos, é novo ainda e está no hospital há seis semanas. Só fala em voltar para casa.

«Sei que pensam em mandá-lo para

---

a Teosofia nos leva a aceitar a teoria da reencarnação, o Espiritismo dá-nos as provas da imortalidade da alma. Para essas provas trabalharam no século passado e ainda hoje os maiores cientistas.

Termino, fazendo votos para que o Espiritismo seja, não só a ciência, mas também a religião do futuro século.

um hospital de doenças incuráveis, mas parece-me horrível. Estou a preparar a minha casinha, para lhe aliviar o sofrimento.

«Depois de ler *Psychic News*, sinto que o sr. o incluïrá na lista dos seus tratamentos a distância e tentará fazer alguma coisa, imediatamente.»

Em 27 de Janeiro, isto é, dez dias depois, escreve a segunda carta. No intervalo, Parish escreveu-lhe. Eis a resposta dela.

«Quero agradecer-lhe do fundo do coração, não só a sua carta, como, também, o grande alívio que me causou e a meu marido.

«O seu grande poder curador pareceu-me entrar imediatamente em acção, pois meu marido sentiu grandes melhoras, na segunda-feira. Na terça de manhã, descobriu que tinha a cama enxuta, coisa muito rara, como se pode calcular. Veio a enfermeira e ficou aturdida com êste grande milagre. Desde então... nenhuma dor ou qualquer outra perturbação... O médico disse-me que êle nunca mais urinaria sem tubo. De facto, puseram-lhe um tubo adequado, na última sexta-feira, mas meu marido urinou sem o aparêlho. Na quarta-feira, parecia um novo homem.

«Quando eu soube disto, já tinha a resposta na minha mala, precisamente quando me dirigia ao hospital.

«Na quinta-feira, recebi um bilhete de meu marido, dizendo-me que se tinha levantado, durante dez minutos. Aqui vai a carta dêle, para que o sr. avalie. Continuo a esperar e a orar.»

Eis o que o enfêrmo escreveu à espôsa:

«Chegou o meu instante decisivo. Levantei-me, durante dez minutos. Estou em pé — podes acreditar —. Mantenho-me nas pernas e sinto vertigens. Mas estou admirado da fôrça que tenho».

Êste bilhete não tem data. Apenas traz o carimbo do correio com a data de 21 de Janeiro, quere dizer, três dias depois da espôsa escrever a Parish.

Paulo Miller conclui:

Eu não sei como é que os médicos explicarão o caso; o facto é que Tomás Stirling e sua espôsa testemunham o poder da cura psíquica, depois de o médico a ter reputado incurável. Posso imaginar a felicidade que vai naquela casa, pois conheço muito bem High Riggs. Conheço-o desde criança, assim como Edimburgo, que está cheia de hospitais e tem uma famosa escola médica de grande freqüência, onde se fazem investigações de tôda a espécie, menos de mediunidade curadora... Seria difícil explicar-lhes o caso de Tomaz Stirling, sem auxílio do rádio, e apenas com o poder espiritual veïculado por um médium. O cancro é a palavra fantasmática dos médicos, com o qual marcha outra palavra semelhante — o rádio. Talvez um dia tenhamos o prazer de assistir ao lamentável funeral da doença e do rádio, que não consegue debelar o mal.

As curas psíquicas

Psychic News de 1 de Agôsto último, insere bem elaborado artigo àcêrca das curas psíquicas em face do novo Código Penal Brasileiro, e intitula-o assim: *O Brasil anatematiza as curas psíquicas. Nove milhões de espiritas prejudicados por um novo decreto.* Vamos transcrever, resumidamente, êsse interessante trabalho.

«O Brasil, onde existem 9.000.000 de espiritas militantes, acaba de anatematizar as curas psíquicas, devido à oposição combinada dos católicos romanos e dos médicos ortodoxos. O movimento espirita brasileiro está largamente interessado na difusão das curas, pois em quási tôdas as cidades há centros, onde os tratamentos mediúnicos são feitos livremente. No Rio de Janeiro, por exemplo, os espiritas construiram um grande hospital, onde os doentes eram tratados gratuitamente e onde se forneciam, igualmente, diagnósticos e medicamentos aos enfermos desenganados da medicina. Durante muitos anos, os espiritas brasileiros enfrentaram, nos tribunais ordinários, violentas perseguições dirigidas contra os seus médiuns. Uma estação rádio-difusora emitia programas de propaganda espirita (1).,

(1) Não havia apenas uma estação que emitia programas espiritas. Eram cêrca de oito ou nove. Há dois anos, foi inaugurada a *Rádio Piratininga*, nos subúrbios de S. Paulo, com 20 kilovátios de potência na antena e para a manutenção da qual se exercia a campanha «pro-milhão de sócios». Actualmente, não sabemos o que se passa no Brasil, em virtude da censura inglesa interceptar as malas postais da grande república irmã.

«Um dos principais médiuns protestou contra o novo decreto, em carta publicada na imprensa carioca e subordinada ao título de «Charlatanismo», declarando haver recorrido para o presidente da república, Dr. Getúlio Vargas, firmando a posição dos centros espiritas perante o novo código.

«Os artigos 282, 283 e 284 — afirma o articulista — proíbem aos espiritas o exercício da sua religião, isto é, a difusão do que tem sido livremente apresentado e praticado, com resultados benéficos para os nossos concidadãos».

E depois de concordar com a interdição dos processos menos idóneos de cura, dá a palavra ao conhecido médium sr. Shalders, de S. Paulo, que há longos anos pôs as suas faculdades curadoras ao serviço dos necessitados.

«O novo Código Penal — escreve o sr. Shalders — proíbe aquilo que apelida de «métodos charlatanescos de cura». Eis o que prescreve o artigo 284:

«São considerados métodos charlatanescos de cura: 1) Prescrever, ministrar ou aplicar habitualmente medicamentos ou dar quaisquer indicações: 2) Fazer uso de movimentos, palavras ou outros meios. 3) Diagnosticar. *Pena* — prisão de seis meses a dois anos».

«É claro que eu não posso adivinhar o que teria levado o legislador àquela redacção, visto que se pretende evitar a exploração de inocentes com fins mercantilistas e aquêle artigo parece ter o fim de prejudicar inúmeros indivíduos de idéias generosas e caritativas que ficam expostos à prisão, que pode ser requerida pelos que se sentirem prejudicados nos seus interêsses e pelos obscurantistas de várias escolas.

«Para menosprezar o facto de haver pessoas com faculdades psíquicas que as habilitam a curar por simples aposição das mãos, chega-se a afirmar que o médico está sempre habilitado a curar, desde que possua o respectivo diploma.

«No seu livro intitulado «O Homem, êsse Desconhecido», Alexis Carrel demonstra muito claramente a dificuldade de compreender o que se passa no organismo humano e, conseqüentemente, como se pode restabelecer o equilíbrio, quando êste último seja perturbado, mercê de razões absolutamente desconhecidas. O médico tem na sua frente um doente e não uma doença. O que pode restabelecer a saúde num ser, causará noutro sérias conseqüências.»

A seguir, narra o caso de um amigo que necessitava de operação e que não a fazia, com receio do sofrimento. Um dia, pediu ao médico qualquer medicamento que lhe evitasse a intervenção cirúrgica e aquêle deu-lhe a cheirar um pouco de cloreto de etil. Resultado: o seu amigo caíu redondamente. Estava morto.

«¿Foi êrro da parte do médico? Ninguém diria que aquilo teria sido a causa da morte. Todavia, se um dos tais médicos «charlatães» o houvesse tratado por aposição de mãos, isto é, por meio de «passes», a glândula afectada descongestionar-se-ia, libertando pus, e uma preciosa vida teria sido salva, embora o «charlatão» permanecesse meio ano na cadeia.»

«Uma senhora minha amiga sofria de cólicas hepáticas, que lhe apareciam de quinze em quinze dias, resolvendo, finalmente, submeter-se a operação. Eu soube do caso e pedi-lhe licença para tentar a cura, por meio de «passes magnéticos». Pois, em menos de um mês, estava absolutamente curada. Além disso, não sofreu a mínima dor com o tratamento. Já lá vai um ano. A doença não voltou a perturbá-la. Não só ficou curada, como também evitou as despesas da operação. Eu, porém, que nada lucrei monetàriamente e que lhe consagrei muitas horas do meu precioso tempo, corri os riscos de ser condenado.

«Poderia citar inúmeros casos semelhantes e os médicos saberiam que 90 % das doenças que afligem a humanidade são de origem nervosa e podem ser curadas pela sugestão ou mesmo sem tratamento, deixando agir a natureza. Sendo assim, ¿porque se proíbe até o tratamento sugestivo, com o fim de socorrer os nossos irmãos enfermos?

«Eu não duvido de que os «passes magnéticos» exerçam às vezes influência sugestiva; mas o movimento dos braços produz efeitos que não podem ser explicados pela sugestão.»

Em seguida, cita dois casos de fortes dores de dentes, em que os pacientes foram aliviados após alguns minutos de aplicação de «passes». E remata com os seguintes parágrafos:

«Ainda há pouco, nas proximidades de Póa, apareceu um sacerdote que atraía milhares de pessoas. Não há dúvida de que

podia aliviar, senão curar as doenças de centenas de irmãos. Dava-lhes água, que, prèviamente, abençoava em nome de Deus. ¿Exercia êle as faculdades de médico «charlatão»? ¿Deveria ser condenado pelo art.º 284 do Código Penal? ¿E qual a pena que lhe seria atribuída? Se Jesus voltasse hoje à terra e repetisse as curas psíquicas que lançaram sôbre êle o ódio dos sacerdotes dêsse tempo, talvez tivesse que entrar no Brasil, para escapar à vigilância policial. Mas os médicos brasileiros, ciosos da saúde moral do povo, não o deixariam em paz.»

Não temos dúvida em corroborar os arguentos que antecedem. Também connosco se têm passado coisas semelhantes, que provam a eficácia dos passes magnéticos na cura de várias doenças, sobretudo nervosas. A carta que segue é bastante elucidativa e convincente e foi-nos enviada há meses pelo pai da pessoa beneficiada:

Ex.mo Senhor

Faltaria a um dever de consciência, se não viesse manifestar a V. os meus agradecimentos pelos alívios que deu a minha filha Maria Helena, de doze anos de idade, e que, em Fevereiro último, apareceu com a garganta muito inflamada, o que lhe alterou profundamente a voz. Desejo expor o caso, pedindo para êle a necessária publicidade, afim de demonstrar o poder do tratamento magnético.

«Pois bem; fiz alguns tratamentos a minha filha, que não deram resultado. E assim andou mais de trinta dias, até que em 14 de Março resolvi ir ao Centro Luz e Amor, assistir às sessões de curas que então lá funcionavam. Minha filha manifestou desejos de me acompanhar, mas eu disse-lhe que, logo que entrasse na sala dos trabalhos, se ocultasse o mais possível, para que V. a não lobrigasse. Ela assim fêz. Ficou junto à porta de entrada. Ora, findos os tratamentos, V. fêz passes magnéticos a tôda a assistência; e qual não foi o meu espanto, quando, ao passar junto de minha filha, parou um pouco, declarando que «aquela menina sofria da garganta»!... Depois de preguntar quem era o pai da doente, disse-me que voltasse daí a três dias, para nova observação magnética, a qual foi feita, efectivamente, na data aprazada, na presença de D. Maria Santana Pinheiro e outras pessoas que ali se encontravam. Pois não só causou grande admiração o que se passou na primeira sessão citada, em que V. descobriu minha filha, entre perto de 40 pessoas, sem que ninguém lha apresentasse, como, também, na segunda, em que, sem eu dizer palavra, me declarou que a doente sofria do pulmão esquerdo.

«Efectivamente, em 1939, ela adoecera com grande abatimento e falta de apetite, pelo que consultei um especialista de coração e pulmões no Hospital de Santo António dos Capuchos, que lhe mandou tirar a radiografia dos pulmões, a qual acusou pequena lesão no pulmão esquerdo. E embora, nessa altura, ela tivesse sido bem tratada e julgada livre de perigo, todavia, quando se constipava, sempre dava sinal de si.

«Minha filha recebeu nove tratamentos magnéticos aplicados por V. e encontra-se inteiramente curada, duma coisa e doutra.

«Esta carta não é reclamo. É a narração rigorosa de factos que estão patentes, a quem os queira examinar. E a prova é que, findos os tratamentos em questão, voltei à presença do mesmo especialista, que considerou a doente absolutamente curada e que apenas receitou um tónico para a fortalecer. Como, porém, as suas fôrças se restaurassem a olhos vistos, desisti da compra do medicamento, por desnecessário.

«Com os meus sinceros agradecimentos, me subscrevo, — *Joaquim Dias.*

Já decorreram muitos meses sôbre esta interessante experiência, sem que a doença reaparecesse. Maria Helena é uma rapariga forte e sadia, que respira saúde e depressa se esqueceu do mal que há nove meses a dominou tão gravemente.

AS COMUNICAÇÕES ESPIRITAS

Até os nossos dias, as narrações dos espíritos pareceram, mesmo aos pensadores ponderados, sem distinção de escola, de tal modo absurdas, inverosímeis, antropomórficas, pueris e ridículas, que os induziram a negar todo o valor ao conjunto das revelações transcendentais. Mas as últimas descobertas no domínio das fôrças psíquicas, até aqui ignoradas, prepararam subitamente o terreno para a compreensão e apreciação daquelas narrações. Com efeito, a pretensa inverosimilhança dos fenómenos encontrou paralelo em experiências análogas, que se realizam no mundo dos vivos.

Ernesto Bozzano

Notas & Comentários

Novo ano!

Com o presente número, entra *Estudos Psíquicos* no seu quarto ano de existência. Se não meteu, a bem dizer, uma lança em África, revelou, no entanto, certa vitalidade que muitas outras publicações desejariam ter. Sim, porque, depois do aparecimento desta revista, já nasceram e morreram determinados periódicos que pareciam fadados para longa vida: uns, não tinham ambiente próprio; outros, não puderam enfrentar as despesas inerentes à sua manutenção, dia a dia mais elevadas, em virtude da pavorosa crise mundial.

Estudos Psíquicos conseguiu viver até hoje, mercê de uma razão elementar, ao alcance de tôdas as inteligências: não gastou um centavo com honorários de espécie alguma e tem recebido apreciáveis donativos. Além disso, outros sacrifícios têm sido feitos e se fazem para garantir a sua existência como órgão independente do Espiritismo, embora ligado a várias agremiações, cuja defesa reinvindicará, sempre que sejam atacadas injustamente. Tais sacrifícios representam um esfôrço verdadeiramente hercúleo, que só poderá ser avaliado por quem o conheça de perto. De resto, manter uma revista dêste género, sem recorrer à publicidade, não é coisa de somenos importância, — dizemo-lo francamente, visto esta afirmação corresponder à verdade. As nossas economias particulares há mais de ano e meio que entraram em acção e vão novamente exercer efeito moderador nas dificuldades que se levantam.

Isto, porém, não basta. É necessário que novos assinantes acorram ao chamamento, fornecendo-nos elementos materiais, além do apôio moral que requerem os nossos objectivos.

Podíamos diminuir o número de páginas, como certas publicações fizeram, e manter o mesmo preço de assinatura. Era, enfim, expediente transitório, mas não está nos nossos desígnios. Preferimos manter o mesmo número de páginas e apelar para todos os amigos, no sentido de angariarem assinantes, como alguns estão fazendo. Se nos auxilarem, poderão contar connosco. Se não souberem compreender êste esfôrço desinteressado e leal em proveito duma causa que tantos ataques tem sofrido, seguiremos o rumo dos que fenecem à mingua de alimento, mantendo até o fim a atitude iluminada daquêle visionário que procurava na terra as flores do céu.

Contudo, temos fundadas esperanças de que poderemos encarar de frente as vicissitudes que se aproximarem. Sentimos à nossa volta amigos sinceros que não deixarão morrer o que tanto custou a criar. A afluência de colaboração é o mais belo sintoma da nossa fôrça. Temos muitos e valiosos originais que dariam para cinco ou seis números desta revista e que só na devida altura serão publicados. Isto é satisfatório, é animador. E não falamos nos nossos trabalhos próprios, retidos também, para dar saída aos trabalhos dos amigos. Colaboração, portanto, não nos falta. O que nos falta, o que falta, em suma, a tôdas a publicações dêste género, é a expansão indispensável ao seu triunfo definitivo. Êsse triunfo chegará, porque o esfôrço não deixa de se exercer, contìnuamente, incessantemente.

Desde o n.º 18, que *Estudos Psíquicos* se encontra à venda em todo o país, ilhas e colónias. E outra surpreza surgirá brevemente, em holocausto ao Ideal que servimos com todo o entusiasmo, não obstante a guerra que nos movem e que não chegará para amortecer a fé que impulsiona os que aqui trabalham.

Audaces fortuna juvat.

«Pela Vitória do Espírito»

Cremos dar uma boa notícia aos leitores, informando-os de que o trabalho do nosso colaborador Dr. Fred, intitulado «Pela Vitória do Espírito» e que tem sido publicado nesta revista, vai ser brevemente editado em dois grossos volumes pelas Edições Couto Martins, da Rua da Prata, sem fins lucrativos, como tantas vezes têm feito, em benefício da Doutrina Espirita. Só por isto, Couto Martins merece a admiração e o reconhecimento dos que mourejam na grande seara da Terceira Revelação.

Todos os altos problemas que interessam ao Espiritismo ali são estudados à luz dum novo critério racionalista, susceptível de originar acesas polémicas entre os filósofos positivistas e espiritualistas. Obra arrojada, de extraordinário dinamismo, abarca grande soma de conhecimentos humanos relacionados com a nossa doutrina e chega a ser exaustiva nas citações e análise dos assuntos ventilados.

Embora discordando, em parte, de certas afirmações do autor, não podemos deixar de lhe reconhecer envergadura mental para trabalhos de grande fôlego, como se verá, quando o livro fôr posto à venda.

Ignorância atrevida

Não há nada mais atrevido do que a ignorância de certa gente que se julga predestinada. Fala e escreve sem tom nem som, pelo bel-prazer de escrever e falar. Assim sucede com o director de *A Beira Baixa*, semanário que se publica em Castelo Branco. O pobre homem só agora descobriu a nossa revista (êle próprio o confessa) e abre desmesuradamente os olhos ao verificar a existência de «tantos pataratas» que tornaram possível a circulação de *Estudos Psíquicos*. Diz êle, com grandes ares:

«Sim, porque, se os pataratas o não sustentassem com o seu dinheiro, o berimbau desde logo teria deixado de nos zunir aos ouvidos. Não se esqueçam os católicos dos perigos que o Espiritismo traz consigo e de que a Igreja o condena...»

E mais abaixo, noutra nótula, chama-nos «maluco perigoso» e pregunta: «¿ Não haverá para êle um lugar vago em qualquer manicómio ?».

Não se assuste, homem. *Estudos Psíquicos* não lhe zune aos ouvidos, porque vive em ambiente, onde os seus ouvidos não *ouvem*, mesmo porque não podem *ouvir*. Esta revista não se fundou para inúteis polémicas, nem para jornalismo de meia tijela, marca Palma Cavalão.

Se o director daquêle jornal se habituou à linguagem livre de quem se julga predestinado e sente o apôio de pessoas que gritam e gesticulam por contágio, nada mais temos a fazer do que deixá-lo entregue à sua própria condição. Quem exibe tão bela fraseologia, terá direito a tudo, menos a dirigir um jornal.

Que sabe êle de nós ou de Espiritismo? Nada, não sabe nada. Se soubesse, não se admirava de dizermos que os Evangelhos são um verdadeiro código de Espiritismo, como provaremos, a partir dêste número. Se soubesse. talvez conhecesse as vantagens da educação para uso próprio e alheio e não agitasse os tarsos em movimentos dignos do seu *vernáculo* de importação espúria...

«Arcades ambo...»

Há tempos, o *Correio de Coimbra*, na ânsia de acolitar as *Novidades* na sua campanha contra o Espiritismo, publicou as seguintes palavradas, subscritas pelo sr. Dr. Marinho da Silva que, pelo diploma, não perca:

«Na verdade, o Espiritimo não passa de máscara grotesca com que a maçonaria — escorraçada, profiláticamente, do seu palacio, tabuletado de «Grémio Lusitano» — se encobre para levar a água ao seu moínho diabólico. O meu prezado colega Dr. Cunha Dias possui larga e preciosa documentação àcêrca do assunto e julgo que pensa em publicá-la. Por aí se verificará, sem dificuldade, que o centro espirita de Lisboa é, nem mais, nem menos, do que a séde encapotada do Grande Oriente Lusitano».

Efectivamente, é necessário ter perdido a compostura, para escrever semelhantes diatribes. O fundibulário é desleal e conspurca, assim, o bom nome do jornalismo português. O «centro espirita de Lisboa», diz êle. Mas em Lisboa há diversos centros e ficamos sem saber a qual se refere. É o nosso? ¿ É o Centro Espiritualista Luz e Amor? Seria interessante que alguém obrigasse o ilustre dr. a concretizar a sua afirmação... gratuita e que o seu colega Dr. Cunha Dias apresentasse a «larga e preciosa documentação àcêrca do assunto».

Pelo dedo se conhece o gigante. A prosa do ilustre bacharelado deixa entrever os surtos grandiosos do seu espírito. Quanto ao outro, já conhecemos as suas «documentações» e as suas «críticas», que principiam em tom de guerra e acabam em jeremiadas...

Faltam-nos palavras para qualificar a objurgatória do *Correio de Coimbra*, digno émulo de *A Beira Baixa*. Cada um dá o que tem, é certo, e a nada mais é obrigado .. Pobres leitores! ¡ Devem ter estômago de avestruz para digerir o que lhes oferecem certos plumitivos, que não têm mais que dar, além do seu ódio e da sua vacuïdade!...

Senhor! Senhor!

por Maria Veleda

No mistério da noite, transcendente,
As almas puras libram-se nos ares...
Vão longe, muito longe, entre cantares,
Colhêr do Ideal a flor evanescente.

Mas o imã que as atrai à dôr ingente,
Dêste mundo aos horríficos palmares,
Arranca-as à pureza dêsses lares
E prende-as ao martírio novamente.

Senhor! Senhor! se a vida é tôda um êrro,
Para quê prolongar êste destêrro,
Longe da pátria do Divino Amor?!

Às almas que vislumbram outros sóis,
Dá-lhes a luz de elíseos arrebóis,
— E que não voltem mais, Senhor! Senhor!

S/ out/42

5/Out/42

Por êsse mundo...

O triunfo dum médim curador

Após vinte e cinco anos de paralisia quási permanente, uma senhora de Leicester conseguiu ir à igreja com regularidade fazer o serviço de casa e muitas pessoas a têm visto a passear na aldeia.

Chama-se Annie Gregory, de Great Dalby, Melton, cuja história foi publicada no *Leicester Mercury*. Durante vinte e cinco anos andou aflita com dores na espinha dorsal.

«— Muitos médicos a trataram sem resultado — diz o jornal — e ela resignou-se inteiramente a uma vida de inactividade.» Foi submetida a diferentes operações na Enfermaria Real de Leicester, mas nunca conseguiu recuperar a saúde abalada.

Há dezoito anos, teve a visão duma figura humana envolvida em grande resplendor. Tinha semelhanças com o Nazareno e mantinha-se de braços abertos em pé e junto do leito da enfêrma.

Meses depois, Miss Gregory recebeu a visita dum padeiro que era médium curador. Êste convenceu-a a fazer tratamento magnético. A-pesar-de não sentir inclinação para tratamentos desta natureza, aceitou o oferecimento. O tratamento começou. Duas vezes por semana Annie Gregory recebia passes magnéticos e «esperava ansiosamente o dia em que pudesse andar» — diz o jornal. E êsse dia chegou mais depressa do que ela julgava...

De «Psychic News»

Um sonho estranho

Igor I. Sikorsky, director da Companhia Sikorsky, que fornece os «Clipers» à *Pan American Airways*, muito conhecidos do público de Lisboa, escreveu o livro «The Story of the Winged», em que narra um sonho que, a nosso ver, pode e deve classificar-se de premonitório.

Tinha onze anos de idade e sonhou que avançava por um estreito corredor de luxuosas decorações e ladeado por muitas portas de nogueira, parecidas com as dos modernos transatlânticos. Em cima, no teto, havia um globo de luz azulada e sentia trepidar o soalho de forma diferente da dos combóios e dos navios. Parecia-lhe que estava num grande navio voador, apesar de, nesse tempo, nada disso existir.

Trinta anos depois, em 1931, o primeiro «Cliper» era entregue pela Companhia Sikorsky à *Pan American Airways* e foi o próprio Sikorsky quem o inspeccionou no acto da entrega, isto é, ainda sem mobília e sem decorações. A *Pan American* convidou-o logo a voar sôbre Novaiorque e Sikorsky viu-se sentado na cabina de vante, contemplando a enorme cidade à hora do crepúsculo. Ao anoitecer, levantou-se e dirigiu-se para a pôpa do aparêlho. Quando entrava na sala de fumo, as luzes foram estabelecidas e êle ficou surpreendido, pois lhe parecia que já tinha visto aqui tudo, havia muitos anos: o corredor, as luzes azuladas, as portinholas de nogueira e a própria sala de fumo. Foi então que se lembrou do seu sonho de criança...

Resposta de Bernard Shaw

Há tempos, o *Strand Magazine* abriu nas suas colunas um inquérito, sintetizado na seguinte pregunta:

— *Acredita na vida futura?*

Entre os respondentes, apareceram quatro homens notáveis, um dos quais muito conhecido dos humoristas e da gente de teatro: Bernard Shaw. Êste irlandês inconformista tem dado que falar em quási todos os departamentos da actividade humana. Eis a sua resposta:

— Naturalmente, creio na vida futura — disse êle. É uma das poucas advertências do Credo Apostólico, em que posso, honestamente, colocar a minha assinatura.

Não acredita, porém, na sobrevivência da personalidade.

Shaw já uma vez descreveu como sua mãe, espírita sincera, recebeu desenhos através da sua mediunidade de escrita automática, e como êle a enganou numa sessão.

Há anos, Hannen Swaffer convidou-o a assistir a determinada sessão de voz directa e trocaram correspondência relativa ao assunto.,

— Desde a minha infância que faço sessões com a mesa-de-pé-de-galo, — escreveu o dramaturgo.

— Agora, que se está aproximando da segunda infância, — respondeu Swaffer — pensei que gostaria de experimentar segunda vez...

Um cão fiel até à morte...

Em 18 de Setembro de 1940, publicava o *Diário de Notícias*, o seguinte telegrama de Roma:

«Os jornais desta cidade referem hoje um episódio comovedor, comprovativo da fidelidade dos cães e, principalmente, da grande afeição que êles têm pelas crianças.

«Morreu, últimamente, ao engenheiro Patrício Favora, um filho de 12 anos, de nome Aldo. Dois dias depois do entêrro, desapareceu-lhe de casa um cão-lôbo de grande estimação. Procuraram-no inùtilmente. Do «Doro» — assim se chamava o cão — não restavam vestígios.

«A mulher do engenheiro foi há dias ao cemitério visitar a sepultura do filho. E teve a surprêsa de encontrar o cão, morto, sôbre o coval do seu jovem amo.

«É estranho que êle, ao fugir de casa, se tivesse dirigido ao cemitério, onde nunca fôra; que conseguisse lá entrar, apesar da vigilância dos guardas e que tivesse encontrado a sepultura do seu grande amigo, cuja desaparição lhe causou a maior das dores — aquela que dá a morte».

¿Haverá alguém que ouse negar a existência do princípio pensante nos animais? Esta pequena história encerra grandes ensinamentos, que todos podem, fàcilmente, aprender, apesar do seu estanho laconismo.

¿Como teria conseguido entrar o cão num cemitério, a despeito da vigilância dos guardas? ¿Que sentido oculto o teria guiado para o coval do seu jovem amigo?...

O que ressalta da notícia — e é, precisamente, o que importa frisar — já os leitores compreenderam: o sentimento de fidelidade está mais arreigado em certos animais do que no homem.

Há tantos monumentos a afrontar a consciência e a dignidade dos povos, que bom seria perpetuar a memória dêste fiel «Doro». Que mais não fôsse, para lembrar à humanidade a prática de acções generosas, indispensáveis à marcha progressiva da evolução individual.

«Seria brincadeira?!...»

O *Notícias de Évora*, de 21 de Julho, publicou a seguinte notícia, que deixou muita gente intrigada:

«Ante-ontem à tarde, a rua Gabriel Vítor do Monte Pereira esteve em completo alvorôço por um caso que deixou intrigados todos os moradores. No prédio n.º 34 reside o seu proprietário, sr. Roberto Francisco Ferreira, carpinteiro, casado com a sr.ª D. Leocádia da Rocha Ferreira, e dois filhos do casal: Alda, de 12 anos, e um pequeno, de 9, que presentemente se encontra com a mãe em Évora Monte, onde aquêle foi submetido a uma operação.

«Ante-ontem, cêrca das 18 horas, encontrava-se em casa a pequena Alda com uma amiga de 13 anos, de nome Ana Maria Félix, residente na mesma rua.

«Em dada altura, os garotos notaram com espanto que dois chapéus que estavam dependurados num bengaleiro e duas floreiras começaram a oscilar. Assustadas, correram para a rua, chamando a sr.ª D. Raquel Lopes Félix, tia da Alda e que, ao ser informada do sucedido, correu a casa do irmão e viu algumas garrafas, copos, floreiras, molduras, etc., deslocarem-se do seu lugar habitual e alguns dêstes artigos no chão.

«Não perdendo o sangue frio, colocou tudo no seu lugar; porém, momentos depois e já na presença do sr. Quirino José, vizinho da casa, verificou que tudo havia sido novamente deslocado do seu lugar.

«Foi chamada a polícia e o proprietário do prédio. Passada uma busca minuciosa, nada encontraram de anormal. Voltando, contudo, a uma dependência do 1.º andar, que, minutos antes, tinha sido vistoriada, notaram que uma cama estava completamente desmanchada e o seu colchão e a lã espalhados pelo chão.

¿Serão estes factos alguma brincadeira de mau gôsto? Não sabemos. O que é certo, é que tôdas as pessoas que presenciaram o estranho caso e no-lo relataram, ficaram intrigadas».

Não temos elementos que nos habilitem a formular opinião. Todavia, seria interessante que se fizessem experiências, no sentido de verificar onde terminaria a «brincadeira» e teria começado o «fenómeno».

Se fôr excluída a idéia de brincadeira, então é possível que uma das garotas tenha sido a médium inconsciente que deu origem ao estranho caso.

Extraordinárias levitações

Há tempos, a revista *Constancia*, de Buenos Aires, publicou algumas transcrições dum editorial de Ernest Oaten inserto em *The Two Worlds*. O conhecido publicista inglês recordou um caso de levitação experimentado por êle próprio, na presença do médium John Taylor, muito conhecido em Lancashire. E acrescentava que poderiam julgar ser única aquela experiência, mais que a história do Espiritismo Moderno estava cheia de exemplos de levitações.

Certo número delas produziram-se com a sr.ª Guppy, que era freqüentemente levitada, apesar do seu pêso considerável, flutuando sôbre a cabeça dos assistentes, na sala de experiências.

A sua mais notável levitação produziu-se em 3 de Junho de 1871, quando a foram buscar à sua casa de Highburg e a transportaram no meio dos experimentadores para o edifício n.º 61 da Rua Lamb's Conduit, a mais de três milhas de distância, onde se realizava uma sessão com os famosos médiuns Herne e Williams. O caso foi testemunhado por onze pessoas e faz lem-

brar um dos factos bíblicos: aquêle em que Filipe foi levitado, desde Gaza a Azotus. É curioso verificar que um certo número de factos bíblicos são confirmados na vida moderna, quando se descobre que tais factos se produzem também nos nossos dias.

Ernest Oaten cita, então, o notável caso de levitação do marquês Vittorio Centurione Scotto no Castelo de Millesimo em 29 de Julho de 1938, na presença do ilustre experimentador Ernesto Bozzano. O marquês, oficial da Armada italiana, desapareceu durante uma sessão; e depois de ansiosas pesquisas por tôdas as dependências do castelo, durante mais de duas horas, uma mensagem espírita indicou o lugar onde êle se encontrava: um celeiro fechado à chave (foi necessário procurar a chave).

O marquês, que se encontrava adormecido, tinha sido levitado e transportado, através das paredes, à distância de 50 ou 60 metros.

A surpresa de um artista

O médium pintor A. Lesage contou que, na sua primeira viagem ao Egito, foi visitar o Adeus das Rainhas, onde fôra descoberta uma aldeia que existira há 3.500 anos. Num dos túmulos escavados encontrou-se um grande «fresco» muito bem conservado, em que Lesage e os seus companheiros viram uma cena dos trabalhos de ceifa que o mesmo Lesage executara, antes de empreender a viagem.

Um arqueólogo declarou aos viajantes que era impossível a qualquer artista executar a reprodução, sem ter à vista o original.

— Segundo informa *Psychic News*, há nos Estados Unidos mais de doze federações espíritas nacionais, cento e sessenta e sete estadoais e cento e doze mil, duzentos e cinqüenta sociedades, centros e clubes espíritas. Em virtude das enormes distâncias a vencer dificultarem muito o intercâmbio da doutrina, a National Spiritualist Association acaba de organizar cursos por correspondência em trinta lições semanais, divididas em quatro secções: científica, histórica, filosófica e religiosa.

— A International General Assembly of Spiritualists, que trabalha sob a presidência do conhecido médium Arthur Ford, recomendou aos médiuns que não fizessem quaisquer ligações com o «Scientific American Commitee», o qual havia sujeitado alguns dêles a «indesculpável ridículo». Resolveu pedir também a todos os médiuns que não aceitassem desafios feitos por alguma pessoa ou grupo, a trôco de recompensa monetária. É assim que respondem aos 15.000 dólares que a tal «Scientific American Commitee» *ofereceu* aos médiuns que se submetessem a determinadas e ridículas experiências...

Noticiário

Inauguração dos trabalhos do Centro Espiritualista Luz e Amor

Como fôra anunciado, realizou-se em 4 de Outubro a abertura solene do novo ano espiritualista, no Centro E. Luz e Amor.

Ás 15 30, com a sala sóbriamente decorada e repleta de assistentes, assumiu a presidência o sr. Dr. Sebastião Elviro Martins, presidente da mesa da Assembleia Geral, secretariado por Isidoro Duarte Santos e Joaquim Estevão Santos, respectivamente, presidente da Direcção e secretario.

Em breves, mas elo¡üentes palavras, o sr. Presidente justificou aquela pequena e humilde festa e enalteceu a missão difícil e fecunda do Espiritismo em Portugal, exortando todos os sócios a unir-se e a trabalhar no sentido de fortalecer a Direcção do Centro. Depois, referiu-se ao facto de *Estudos Psíquicos* se encontrarem à venda em todo o país, «o que demonstra — disse êle — a tenacidade nunca desmentida do seu director», repetindo o seu apêlo aos assistentes, visto que do esfôrço comum é que surgiria a consolidação da obra realizada.

Falaram a seguir os confrades João José Alves, Filipe Furtado de Mendonça, D. Eugénia Rodrigues Esteves (que leu uma bela alocução de D. Maria Veleda), Dr. Fred, Haydi de Tebelen, Joaquim Estêvão Rodrigues e o Presidente da Direcção, Isidoro Duarte Santos, enaltecendo a obra do Centro e incitando os presentes a propagar a Doutrina e a angariar novos associados.

Estêvão Rodrigues recitou três sonetos filosóficos e Isidoro Duarte Santos saüdou os confrades brasileiros na pessoa do benemérito consócio sr. José Carlos de Chelmicki Afflalo, que tanto nos tem auxiliado.

E como a hora já fôsse adiantada, passou-se imediatamente à segunda parte da sessão, com a conferência do sr. Coronel Faure da Rosa, nosso querido companheiro de trabalho, tão apreciado por todos os que têm o grato prazer de ouvi-lo.

«O Dr. Carrel e os Fenómenos Supranormais», foi o título da sua magnífica dissertação. Como de costume, manteve os numerosos ouvintes suspensos da sua palavra agradável e convincente. Uma extraordinária ovação coroou merecidamente o seu estudo, cuja primeira parte vai publicada noutro lugar desta revista.

Enfim, o Centro vai cumprindo a sua missão sem desfalecimentos, apesar dos inúmeros obtáculos que pretendem retardar-lhe ou mesmo impedir-lhe a marcha triunfante.

A *Ordem Esotérica Iniciática* esteve representada pelo nosso amigo sr. Capitão José Gonçalves Losa, e a *Sociedade Teosófica de Portugal* pelo sr. Dr. Délio Nobre Santos, aos quais apresentamos os nossos agradecimentos.

Do *Instituto Espiritualista Português*, recebemos amável carta, informando que lhe fôra inteiramente impossível fazer-se representar, em virtude de ter recebido o convite demasiado tarde.

Agradecemos-lhe, igualmente, a atenção e enviamos-lhe as nossas fraternais saüdações.

Estudos Psíquicos

Continuamos a receber cartas, àcêrca do alvitre apresentado para que a nossa revista passase a sair mensalmente. Lavra confusão no ânimo dos correspondentes, como foi dito no último número. A maioria é de parecer que *deveria ser mensal com o mesmo número de páginas*. Como os sócios do Centro a recebem gratuitamente, esta agremiação veria duplicadas as suas despesas de propaganda, o que não é exeqüível nêste momento. Portanto, há que aguardar outra ocasião ou outro alvitre mais praticável.

Como as despesas aumentam constantemente e a nossa capacidade de resistência tem limites, resolvemos organizar um *Núcleo de Amigos de «Estudos Psíquicos»*, com a contribuïção mensal mínima de 5$00. Fica, pois, aberta a inscrição. Sócios e assinantes, todos podem fazer parte do *Núcleo* e a recepção das suas cotizações será acusada em secção especial.

Dêste número em diante, *oferecemos uma assinatura* a quem nos angariar *seis assinaturas* e nos envie a respectiva importância.

Sócios, assinantes e amigos: movimentemo-nos e façamos desta revista o que ela deve ser — *um verdadeiro órgão de propaganda!*

Notícias do Brasil

Ao cabo de quási um ano de silêncio, chegam-nos notícias do nosso querido amigo e prestante consócio José Carlos de Chelmicki Affalo, residente no Rio de Janeiro, onde exerce a sua actividade há perto de 40 anos.

Apesar de ter vindo de avião, a carta demorou dois meses e 10 dias. Como «mais vale tarde, que nunca», o que importam são as notícias agradáveis e reconfortantes. Verificamos com prazer que continuamos a ter no Brasil amigos que pensam em nós e nesta obra. Tanto nos basta, para que continuemos a trabalhar entusiasticamente e cheios de fé no futuro.

No início de nova jornada, faz nos bem a companhia de bons e puros elementos. Chelmicki Affalo sabe quanto o estimamos e admiramos e por isso não se esquece dos amigos sinceros e devotados que tem aqui. As suas cartas trazem-nos sempre alegria e incitamento.

Que Deus o inspire e proteja!

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos:

D. Maria Soares, de S. Tiago de Castelões	5$00
D. Maria Cecília, de S. Tiago de Castelões	5$00
Aníbal Gonçalves Portugal, de Mamodeiro	5$00
D. Leontina Cabral Hogan, de Lisboa	5$00
Total...	20$00

Auxílio aos necessitados

Aproxima-se o Natal. Como nos anos anteriores, tentemos reünir alguns donativos destinados a aliviar os que padecem. A crise económica alastra cada vez mais e a guerra mundial ameaça prolongar as dificuldades e a miséria dos pobrezinhos. Uma lágrima que se estanque, um corpo que se vista, um estômago que se acalente, é meritório e dignifica as almas que sofrem com a desventura alheia.

Centro E. Luz e Amor	60$00
Isidoro Duarte Santos	10$00
Estevão Rodrigues	10$00
António Castanheira de Moura	20$00
D. Maria G. Duarte Santos	10$00
João José Alves	5$00
Dr. Fred	20$00
A transportar....	135$00

Programa dos trabalhos do Centro nos meses de Novembro e Dezembro de 1942

Dia 1 de Novembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 8 de Novembro, às 16 horas — Conferência por Bonifácio Antunes, director de *Natura*, intitulada «As Fôrças Ocultas da Natureza na Vida e Saúde Humanas»

Dia 15 de Novembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 22 de Novembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 29 de Novembro, às 16 horas — Sessão experimental a cargo do *Grupo Allan Kardec*.

Dia 6 de Dezembro, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «O Médium Pascal Forthuny».

Dia 13 de Dezembro, ás 16 horas — Sessão esperimental.

Dia 20 de Dezembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 27 de Dezembro, às 16 horas — Sessão experimental a cargo do *Grupo Allan Kardec*.

Mais um assinante

A todos aquêles que nos têm acompanhado e compreendido o nosso esfôrço em prol do Ideal Espirita, nos dirigimos hoje, certos de que atenderão as nossas palavras.

Irmão e amigo: angaria-nos mais um assinante. Dêste modo, ajudarás esta revista e contribuïrás para a expansão da Doutrina.

Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS

ANO 4.º LISBOA, NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1942 N.º 20

CIÊNCIA E VERDADE

por F. Noronha

«NÃO queirais julgar, para que não sejais julgados». Tal é o texto do versículo 1.º do Cap. VII do Evangelho de Mateus; e, se não houvera prosápias e vaidades inquinando caracteres, por certo não assomariam em nossos meios espíritos contraditórios, sempre dispostos, aliás, a investiduras de julgadores.

Entendem-se predestinados a ajuïzar, sem escrúpulos de ponderação, sem normas de equivalência e até sem a mínima sombra de análise! Não se contentam com negar apenas assertos de terceiros. Conspurcam intenções alheias, invertem e desfiguram argumentos que lhes não pertencem, traduzem e aquilatam por processos de dúvida metódica, inferem a seu modo ao favor das falas dogmáticas a que recorrem como a baluarte inexpugnável, sofismam, em suma, quando vazios de alicerce e esterilizados de hermenêutica, ou fogem à luz de factos consumados com sorrisos que improcedem e com ridículos desoportunos.

Se tivessem pelo menos capacidade de antagonismo suasório ou aparente lógica de conceito equilibrado, talvez conseguissem alguns êxitos de momentânea deturpação ou qualquer acêrto de vitória, falaz em pontos fracos surpreendidos. Não, porém. Continua a ter autenticidade plena e respiração alta aquêle famoso princípio fulminante, de molde invocável em numerosas conjunturas: *Contra factos, não colhem argumentos.* A verdade é o que é, como definiu Santo Agostinho, e nunca o que, porventura, desejaríamos que fôsse.

E é não só em verdade, mas em espírito, que a Ciência — saber, conhecer —, partindo de véu recôndito de idades remotíssimas, transpondo espaços, vencendo obstáculos, devassando atmosferas, amontoando tesouros de preclaridade inconcussa, dilata constantemente os horizontes do pensamento consorciado com visões novas, adquiridas e consolidadas.

Mil hipóteses deixam de o ser, dia a dia, passando ao predomínio de conquistas realíssimas.

Entre os habitantes das cavernas e a actualidade, entre o ontem primitivo, que supomos descortinar mediante o raciocínio e a teoria de Einstein e as ascensões de Piccard, distam, na relatividade, abismos não vazios mas completamente preenchidos por sistemas, doutrinas e edifícios, revelando-se no dobar dos séculos, de maior e menor persistência, com fio, tenuíssimo ou

não, de continuïdade parcelar de determinados elementos.

É vida ideológica, fora de partículas de matéria, como poderá conceber-se condicionada, mas com faculdades directrizes ou de orientação desta, quer por *similia* simpática, quer por espontâneo impulso complementar, quer por natureza instintiva, quer por desagregamento, ou conjunto também, de pressão iónica e electrónica, quer por acções de fôrças e energias ainda latentes e não por isso menos positivas, numa palavra, é vida de verdade, sem eiva de absurdo, que a ciência não comporta.

E aqui surge ou cabe de maravilha a máxima evangélica: «não julgueis, para não serdes julgados», tanto mais, quanto, sendo definir o desenvolvimento dos caracteres da idéia, é óbvio ser expediente sério, razão cordata e atitude simultâneamente nobre e digna abstermo-nos de precipitações sem congruência conducentes a desfazer enganosas miragens, a apagar sonhos delirantes de vigília a embriagar adormecidos, a desordenar, confundir e dispersar aquilo mesmo que em nexo de essência disciplinada irradiaria fulgor condutivo de mentalidade e atraïria incidências de aplauso consciente.

Guiar-se alguém por superficialidades, é errar no caminho e em tôdas as viagens, de antemão. É sujeitar-se a um verdadeiro despenhadeiro de reabilitação irredutível ou dificílima e tardia. Acasos não existem. São vocábulo sinónimo de ignorância, lêdo comodismo de estultos insipientes e outrossim mero apêlo de raquitismo cerebral.

Não há ciência infusa, sem sobrenaturalidade. O Universo obedece a leis e o trabalho, que é uma destas, participa de tôdas, é intrumento necessário, sinal de vida pululante e indefectível, garantia de civilizações, penhor de progressos incontáveis, diamantino luzimento e glória imortal da humanidade terráquea.

Terráquea?!... Eterna é a duração, infinito o espaço. De nada, nada; e impõe-se à inteligência, sedenta de verdade, animosa de aspirações e alcandorada de espírito, a afirmação categórica de que não são ermos de sensibilidades próprias êsses biliões e biliões de corpos povoadores da imensidade, em que há sóis e sóis de sóis, perante os quais o astro-centro do nosso sistema planetário nem sequer atinge proporções de miniatura meteórica!

É inquadunável com o ser, a idéia de não ser.

Existir é palpitante de evidência, certeza matemática de sempre, impossibilidade absoluta do nada!

De nada, nada. Tentar concebê-lo ou imaginá-lo é por si um esfôrço, alguma coisa, que o nega.

Envolve-se no ser o testemunho de energia e na imponência das grandezas, na exuberância das formas, no imarcessível de virentíssima finalidade original o ordenador supremo, o foco dessa energia, tal qual o relógio montado com tôdas as suas peças manifesta o relojoeiro, o artista, o poder de senso e de vontade de que brotou o complicado maquinismo regulador e indicador das horas.

Pareceu-me um dia tudo isto falível e dispensável, como excrescência ou lobinho reclamando bisturi e, inclusivamente, encontrei-me num terreno de discussão em ribalta da imprensa, durante mais de um ano, defendendo o meu ponto de vista de puro materialismo absorvente contra o que intervieram adversários, desviados da pugna por várias circunstâncias, de tal modo, que me tocou a réplica derradeira.

Muito antes percorrera «Factos Espiritas», de William Crookes, e tivera entre mãos labor impresso de Allan Kardec; mas, ou por muito *in albis* de preparação ou por leitura desatenta, não liguei sentido de maior a semelhantes exteriorizações de tais autores, o primeiro dos quais, todavia, já era do meu conhecimento, como justo orgulho da Inglaterra científica e nome ilustre mundial nas galerias do saber.

Posteriormente, no pretérito frio aquêle disputar e no álgido silêncio dois dos contendores, verifiquei-me falho de premissas em minhas cogitações, assaltando-me um *quia* e um *cur*, a que não me davam resposta eficiente ou cabalmente satisfatória numerosas obras procedentes de escolas afamadas e de igrejas preponderantes.

Por felicidade, não me escaparam as filosofias em suas fontes primaciais e as literaturas em seus escrínios de beleza rara. Emocionava-me e comovia-me com freqüência estranha ao meu querer, sem contudo despedir o meu desesperador anseio de plenitude axiomática e apagar ou

saciar a sêde ardente que me levava a inquirir e me punha na pista de um solucionamento decisivo e esclarecedor.

A física, a química e as denominadas ciências naturais nunca me faleceram nem me falecem de encanto arrebatador e de lição profunda.

Há misticidade intraduzível em seus pormenores de radical movimentação e genuínas alavancas de pedras preciosas valorizando mais e mais essa movimentação, que é insustável de sugestões prestantes e não muda e quêda ao interrogar humano.

Nesta altura, a palavra física, que acabo de traçar, faz-me recordar o vulto prestigioso do professor Arsène d'Arsonval, contado no mundo espirita, um dos imortais da Academia Francesa e egrégia expressão de proeminência médica. É de sua autoria êste dizer: «Je suis persuadé que la thérapeutique de l'avenir n'emploiera comme moyens curatifs, que des modificateurs physiques (chaleur, lumière, électricité, ou autres agents encore inconnus); le moyen barbare qui, sous prétexte de nous guérir, consiste à nous empoisonner avec les drogues les plus vénéneuses de la chimie, devra céder la place aux agents physiques dont l'emploi a au moins l'avantage de n'introduire aucun corps étranger dans l'organisme».

É dêle também êste asseverar:

«A mon avis, le progrès scientifique n'entraîne pas forcément le progrès moral; il n'y a rien de commun entre eux, pas plus qu'entre l'esprit scientifique et l'esprit religieux. Ce sont des variables indépendantes parce qu'elles ont pour base l'une le sentiment et l'autre la raison, qui font rarement bon ménage... L'humanité perdrait beaucoup en sacrifiant le sentiment à la raison, la religion à la science, ou inversement».

Posto isto, prestada aqui homenagem, pelas precedentes transcrições, ao mestre de mérito e ao sabedor insigne, vou prosseguir.

* * *

Antigo seminarista, seduzido pelo verbo oratório e enamorado da eloqüência e unção do púlpito católico, tanto em data próxima anterior à minha admissão no seminário, como quando lá se me proporcionou ensejo e ainda mais tarde, saído por desistência de ordenação, foram-me familiares as orações sacras de Bossuet, Massilon, Bourdalone, Lacordaire, Vidon, etc., não exclusivamente do idioma de Voltaire, Rousseau e Montesquieu, mas de pátrias diversas, em que distingo a nossa com o estilo peregrino de António Vieira, águia irrivalizável em tôdas as línguas, com a pureza e dicção empolgante de Silveira Malhão, Aires de Gouveia, António Cândido, Alves Mendes, adjectivador pasmoso, Sena Freitas, etc., etc.

Professor oficial de escola de instrução primária elementar, a sopé do típico e feiticeiro Caramulo, de cumeadas arabescas, aproveitei diurnos intervalos de aulas e alguns feriados para levar a efeito, com sistema e vagar, a leitura de uma apologia do cristianismo, versão portuguesa, de autor alemão, em cinco volumes, quási fólios.

Não fiquei catequizado, apesar de dois anos após, 1888, redigir e fazer imprimir um folheto, advogando a divindade de Jesus. Outros folhetos e artigos publiquei, de carácter religioso pronunciado.

Outras apologias consultei na íntegra e não poucos tomos, isolados, de crítica e de controvérsia.

Comte, Stuart Mill, Littré, Büchner, Feverbach, Vacherot, Renan, Bossi e tantos outros, até o presente, perpassaram por mim, em algumas de suas obras capitais.

E não me estão em olvido a Bíblia, em mais de uma edição e autoria, bem como o famoso livro traduzido e espalhado enormemente, que se intitula «Da Imitação de Cristo».

Em dada ocasião, travei relações de amizade jornalística com um espirita, proprietário e director, ao tempo, seguramente três dezenas de anos, de publicações do género, colaborando com assiduïdade em suas colunas, em assuntos e matérias de livre escôlha, visto, como não iniciado, só me competir essa linha de conduta, ainda mantendo as mesmas boas relações com a estimada pessoa a que aludo.

Outra pessoa, uma veneranda octogenária, agora, que de certo modo conquistou a minha gratidão, por sua maternal delicadeza no momento em que a morte me arrancou filha dilectíssima, abriu-me as

portas da sua seleccionada e não escassa biblioteca de espirita, cujo miolo disposto nas prateleiras das estantes apreciei detidamente.

E, nota curiosa, renovei, nêsse período, a leitura do que possuo, impresso àcêrca de Espiritismo, ou mais de cem volumes, abrangendo livros, folhetos e revistas.

Confesso, leal e desassombradamente, que se operou em mim, a partir de então, uma sensível modificação psíquica reforçada com ocorrências íntimas pessoais, sem explicação em qualquer outra província ou ramo da esfera dos conhecimentos humanos.

Essas ocorrências, umas de associação de idéias comprovada, outras de transmissão do pensamento e ainda outras superiores ao alcance das faculdades, de vidência manifesta, de que dou fé em minha consciência, com saúde normal e inteira tranqüilidade, inclinaram-me ao reconhecimento, no Espiritismo, de argumento fundamental, sem contestação possível.

Avulta mesmo de verdade em seu abôno um facto, de grandíssimo pêso. A afirmá-lo e sustentá-lo, assinalam-se, definitivamente, não simples anónimos sem biografia ou pobres desta, mas envergaduras de elevado coturno intelectual, com directas responsabilidades docentes universitárias e de laboratórios-modêlo, sem o mínimo interêsse mercenário de ganância, sem vislumbre de embuste ou fraudulência de qualquer espécie e avêssos a ufanias ou orgulho de pavoneamento balôfo, sendo certo que uma grande parte dessas envergaduras tinham desprezado anteriormente o Espiritismo, a que eram completamente indiferentes, haviam ridicularizado os espiritas ou não lhes ligaram importância e algumas o combateram pela palavra oral e escrita; não faltando quem veja nêle malefício diabólico, porventura por tacanhez de espírito, por miopia agre ou por temor de perda em campo eclesiástico.

Em verdade, Jesus permanece longe dos nossos dias, que não conservam nos cultos e nas obras aquela doçura fraternal dos ágapes primitivos, aquela conformidade de amor puro do novo mandamento messiânico, aquêle sublime ideal de união perfeita dos primeiros séculos da cristandade!

Tomei a sério o Espiritismo perante quadros de adesão inconfundíveis e o espectáculo genérico de afluências irrecusáveis por valores éticos de sólida procedência.

Em dias recentes, conversando com cavalheiro respeitável que me merece o tributo de afeição sincera, talentosamente perspicaz, meticulosamente estudioso e senhor de vasta ilustração, com exercício de altos cargos na metrópole e no além colonial, sócio da patriótica e benemérita Sociedade de Geografia de Lisboa, cuja tribuna tem honrado, lembrei-me de rogar-lhe a sua opinião sôbre o Espiritismo. S. Ex.ª de pronto respondeu ter assistido a duas sessões num centro da capital, sem resultado algum, fora de normalidade que o interessasse e que, em cenário público de exibições profissionais, formulando por escrito duas preguntas que endereçou a artista que se achava em palco afastado do seu lugar de espectador, obteve resposta imediata a ambas com rigôr de exactidão identificadora, comum transmissão do pensamento; mas que seu falecido pai, homem de pujança mental invulgar, de carácter austero e de tino criterioso e atilado, acreditava no Espiritismo por haver presenceado um caso de levitação em condições iniludíveis.

Desta congruência não participa o dr. Kernahan, autor de uma brochura de distribuïção gratuíta que li há meses, na qual, apesar de referir um fenómeno de materialização que testemunhou numa sessão a que assistiu, põe em dúvida o Espiritismo, procurando deprimi-lo e inutilizá-lo com repugnante obstinação e grosseira incoerência, provocando por parte do dr. Sebastião Elviro Martins, em artigos sucessivos a lume nesta revista, uma brilhante e definitiva escalpelização.

Aquêles que atribuem o Espiritismo a acção diabólica não são mais felizes em seus propósitos e intentos de ataque. A. Jeanniard du Dot conclui, por êste teor, a sua objurgatória:

«Que se duvide do hipnotismo, *(O Espiritismo — Sua Natureza e seus Perigos*, versão de Gomes dos Santos — Póvoa do Varzim — Livraria Pòvoense — Editora) admite-se, desde que se viu a mão do homem perturbar a água onde um invisível pescador há-de vir lançar as suas rêdes. Mas na mesa girante e falante, como em outros factos do Espiritismo, é preciso ter feito um pacto com a ciência, para que se perca tempo a procurar leis físicas novas,

fechando obstinadamente os olhos a essa causa livre e desordenada, tão patente todavia, que se chama o demónio».

Fechou os olhos Jeanniard du Dot e os fecham quantos comungam em sua *mesa*, para não notarem no Espiritismo o mais firme e abnegado empenho de aperfeiçoamento moral do homem, por esmerada educação de bondade e por anunciadas provações conducentes de sua entidade imortal ao eterno gôzo de felicidade insexuada e imácula.

¿Ajeita-se ou concilia-se neste fito de virtude nobilíssimo o imaginado tentador e detentor de almas, que o génio do Dante pintou, ditado por sua própria fantasia, em antro infernal de horrores?!

A lágrima é livre, digo como comentário, e o espírito de contradição velho como o nosso mundo corrompido.

¿Que oporão os contraditores, ou que opõem a factos desta categoria? Na Alemanha, o nome de Zöllner é autoridade nas ciências físicas. Eis alguns dos factos por êle observados e discutidos em 1878:

«A agulha magnética mudava de direcção segundo a vontade de Slade (médium americano). Um lápis escrevia num papel colocado sôbre uma mesa. Nós faziam-se ou desfaziam-se por si mesmos numa corda cujas duas extremidades estavam fixas e seladas. Corriam-se cortinas sem que se lhes tocasse. O som de uma campainha invisível percorria a sala; um harmónium, isolado de todo o contacto humano, executava árias de música; diversos objectos apareciam ou desapareciam conforme a vontade, até mesmo um tamborete que se via em seguida caír da altura de dois metros, com os pés para o ar. Certa mão invisível beliscou os braços dos espectadores e, a convite de Slade, essa mão mergulhava os dedos num vaso com farinha, deixando-os impressos da maneira mais delicada.

«—Cêrca de meados de Agôsto de 1849, um inglês, o sr. Garling, fôra passar alguns dias a uma casa de campo, situada a vinte milhas de Londres. Aí, na ocasião em que passeava sozinho numa estrada, pelas três horas da tarde, e sob um sol radioso, teve uma estranha visão: «Achava-me, diz êle, perfeitamente disposto, com o espírito despreocupado; em volta de mim nada havia que pudesse excitar-me a imaginação; naquêle próprio momento estavam, não muito distantes, alguns camponeses. De repente, ergue-se ante meus olhos um fantasma, tão perto que me teria tocado, se, na realidade, fôsse um ser humano. Via que os seus lábios se moviam e murmuravam qualquer coisa, fitava-me e os seus olhos cravavam-se nos meus com uma impressão de tal modo intensa, que recuei alguns passos. «Santo Deus, — exclamei — é Harrison!», conquanto até àquêle instante eu estivesse longe de pensar em Harrison. Passados alguns segundos que me pareceram séculos, o espectro desapareceu; fiquei pregado durante algum tempo no mesmo lugar: sentia que o sangue se me gelava nas veias e, durante uma hora, sofri uma sensação de frio mortal. Jámais senti sensação semelhante!» Dois dias depois, o sr. Garling regressou a Londres e voltou aos seus escritórios. Vieram imediatamente comunicar-lhe: O sr. Harrison foi, há três dias, atacado de cólera e suplicou-nos que o mandássemos procurar, mas ignorávamos onde o senhor estava.

«O sr. Garling apressou-se a responder ao chamamento do sr. Harrison, mas êste já havia falecido antes da sua chegada».

«— Em 1855, o irmão do capitão G. T. Colt, de Gartsherrie, Coatbridge (N. B.), achava-se na Criméia, em frente de Sabastopol, na qualidade de tenente do 7 de carabineiros reais. «Em a noite de 8 de Setembro de 1855 — escreve o capitão G. Colt, — fui bruscamente acordado e vi, em frente da janela do meu quarto, junto do meu leito, meu irmão, de joelhos, envolto numa espécie de leve e fosforescente vapor. Tentei falar, mas em vão. Ocultei a cabeça sob a roupa da cama, não por causa do terror, mas para coordenar as minhas idéias. Concluí que isto devia ser um caso de imaginação provocado pelos efeitos da lua sôbre um guardanapo ou sôbre outro objecto. Mas, erguendo os olhos, vi ainda, no mesmo sítio, meu irmão, encarando-me com um olhar afectuoso, suplicante e triste. Tentei ainda uma vez falar; a minha língua, porém, parecia prêsa. Saltando para fora do leito, olhei através da janela e vi que fazia luar. Estava escuro e ouvia a chuva a bater fortemente nas vidraças. Voltei-me e percebi ainda meu pobre irmão Oliver. Fechei os olhos, atravessei a

aparição e cheguei à porta do meu quarto. No momento de saír, quando segurava o puxador da porta, voltei-me de novo. A aparição girou lentamente com a cabeça, fitando-me ainda com um ar suplicante e afectuoso e, pela primeira vez, notei-lhe na fonte direita um ferimento, donde se escoava um fio vermelho. A face era duma palidez de cera, transparente; jámais esquecerei semelhante visão.» Volvidos quinze dias, as notícias da Criméia confirmavam esta aparição. Oliver Colt havia sido morto no ataque do Redam; recebera uma bala no temporal direito e fôra achado trinta e seis horas depois como que ajoelhado no meio de um montão de cadáveres que o mantinham nesta posição.»

Repito: ¿Que oporão os contraditores, ou que opõem a factos desta categoria, plenamente averiguados, sem a menor míngua de precauções?!

Estes, que inseri, constam de páginas 10 *(in fine)* — 111, 116, 117 e 118 *(in fine)* — 119 do livro, *Para Onde Vamos? — Estudo sôbre a Vida Futura*, original de P. Lodiel, tradução de Avelino de Almeida e edição de Couto Brandão — Lisboa, 1900.

De mais factos existe relato ou notícia no livro mencionado, insuspeito. Em sua última página, *post-índice* e erratas principais, lê-se esta nota do editor falecido, bem como o vernáculo tradutor, para os quais remeto a minha saüdade: «*Esta obra tem a aprovação do rev.mo A. Platel*, S. J., In Provinciae Franciae Provincialis, e do *Em.mo Cardeal Richard, arcebispo de Paris*».

Encheria grossos e compactos volumes, se pretendesse registar a fenomenalidade espirita indicada e documentada em milhares de publicações de todos os países cultos e em tôdas as línguas.

Uma só vida não bastaria para tanto e nem a tarefa, singular ou colectiva, alcançaria esgotar a matéria.

Concentrando-nos, meditando e examinando, experimentando, se viável, muito e muito realizamos de verdade que transluz por si mesma e não deslisa da Ciência óvante.

Entorpecem-nos enigmas? Supomo-los, presumimo-los. Não há nem haverá para a inteligência, que é soberana dominadora, mais do que segredos relativos. A luz com que ela nos ilumina em subitâneos relampagos de génio, abrindo-nos o desconhecido de instantes precedentes, liberta-nos e emancipa-nos do domínio de superstições e fanatismos ou preconceitos, que o Espiritismo repele em seu laboratório de factos verificados.

Não quero julgar, para não ser julgado. Obedeço à voz de imo recôndito, ao que tenho de consciência certa e ao impulso de vontade desoprimida de pesadêlo, em presença de bases fidedignas.

Estudos Psiquicos e os leitores

«Estudos Psíquicos, *cuja leitura é um bálsamo periódico para o meu espírito, apresenta-se sempre interessante e melhorada. É uma esplêndida revista que vai em sublime cruzada. Muito bem. Sobretudo nas condições actuais em que vive a imprensa, mais e mais é de apreciar tudo: a inteligente exposição, a tenacidade bem equilibrada, etc., que os nossos* Estudos Psíquicos *revelam. Muito, muito bem. Um grande e apertado abraço de parabens*».

Major Eurico de Castro Zuzarte, de Elvas.

❖

«*Siempre me ha llegado regularmente el paquete conteniendo ejemplares de nuestra revista* Estudos Psíquicos *de la que estoy, en verdade, enamorado; dias atrás, en una reunión de dirigentes del Espiritismo argentino, he sostenido que es la mejor entre todas las revistas espiritas con que se cuenta actualmente en nuestra doutrina*».

Tradução: *Tenho recebido sempre com regularidade o maço com os exemplares da nossa revista* Estudos Psíquicos, *de que sou grande admirador. Há dias, numa reünião de dirigentes do Espiritismo argentino, sustentei que é a melhor revista espirita, entre tôdas as que actualmente defendem a nossa doutrina.*

Dr. Luís M. di Cristóforo, de Buenos Aires

O DR. ALEXIS CARREL
E OS FENÓMENOS SUPRANORMAIS

por Faure da Rosa

II

EM Maio de 1913, Bergson fez uma conferência na Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, da qual traduzo os períodos que seguem:

«O que os senhores despenderam de engenho, de penetração e de tenacidade na exploração da *terra incógnita* dos fenómenos psíquicos pareceu-me sempre admirável. Mas, mais do que êsse engenho, mais do que essa penetração, eu admiro a coragem que vos foi necessária para lutardes contra as prevenções duma grande parte do público e para arrastardes com a zombaria que amedronta os mais valentes...

«Nada é mais desagradável ao sábio profissional do que ver introduzir numa ciência da mesma categoria que a sua, processos de investigação e de verificação de que êle sempre se absteve. Ora, os fenómenos psíquicos são, incontestàvelmente, do mesmo género daquêles que constituem o objecto da ciência natural, mas o *método* que os senhores seguem, e *são obrigados a seguir,* não tem, muitas vezes, nenhuma relação com os métodos das ciências da natureza.

«Êsse método é o meio termo entre o do historiador e do Juiz de Instrução, como é, por exemplo, a *telepatia,* fenómeno tantas vezes observado que põe em comunicação brusca, em volta dum facto concreto, pessoas separadas por centenas ou milhares de quilómetros.

«Pela minha parte, quando recordo os resultados do magnífico inquérito pelos senhores seguido, incansavelmente, há mais de trinta anos; quando penso nas precauções que tivestes de adoptar para evitar o êrro; quando avalio o enorme número de factos e, sobretudo, a semelhança de uns com os outros, do seu ar de família, da concordância de tantos testemunhos independentes... eu sou levado a acreditar na telepatia, da mesma maneira que creio, por exemplo, na derrota da Armada Invencível. Não é a certeza matemática que me demonstra o teorema de Pitágoras; não é a certeza física que me dá a certificação da lei de Galileu. É, pelo menos, a certeza que se obtém em matéria histórica e judiciária.

«Mas, eis o que desconcerta um grande número de espíritos: estranham êles que se tratem històricamente ou judiciàriamente factos que, a serem verdadeiros, certamente obedeceriam a leis e deveriam, então — parece — prestar-se aos métodos de observação e de experimentação usados nas ciências naturais. Consigam produzir o facto num laboratório, acolhê-lo-ão da melhor vontade; mas até que isso se obtenha, consideram-no suspeito. Da circunstância da «investigação psíquica» não poder agir como a da física e a da química, concluem os sábios que não é científica; e como o «fenómeno psíquico» ainda não tomou a forma simples e abstracta que dá a um facto acesso ao laboratório, gostosamente o declaram irreal.

«Tal é, creio eu — conclui Bergson — o raciocínio «subconsciente» de certos sábios».

* * *

Jean Labadié, jornalista, escritor e experimentador de fenómenos psíquicos, bateu à porta de alguns mestres da Ciência consagrada para que fizessem experiências, ou, pelo menos, que a elas assistissem.

Quási todos reclamaram a apresentação do fenómeno no domicílio e ainda com a condição de lhes ser facultada a repetição do fenómeno... à vontade do freguês. Mas precisamente porque o espírito não é um sistema de repetição e porque os fenómenos psíquicos — a maior parte das vezes, até agora, denominados «sobrenaturais»—serão sempre anómalos, excepcionais, contraditórios das leis

físicas e dos meios estabelecidos... aos olhos do físico são impossíveis.

Labadié, um dia encontra o dr. Carrel, e ao cabo duma conversação àcêrca de fenómenos de telepatia e do conhecimento «supranormal», pregunta ao corajoso sábio se não seria inconveniente, êle, Labadié, falar dessas coisas. Que não era, respondeu Carrel; tanto mais que êle, Labadié, realizara várias experiências.

— Mas os sábios, pelo menos os sábios ortodoxos, os sábios oficiais, vão dar pinotes — objectou Labadié.

—¡E você a ralar-se! ¿Tem a certeza que daqui a vinte anos alguém se preocupará com a opinião dêles?... Ao passo que do espírito e da alma...

Labadié compreendera. Do espírito e sua existência, falar-se-á sempre, seja qual fôr a oposição irritada daquêles que — sábios ou não — consideram a discussão como injúria pessoal.

Labadié recorda a reacção dum seu amigo, doutor em ciências, universitário, que êle, uma vez, pôs diante duma «mesa falante». Era uma mesa de jantar enorme, com seis pés e tinha o pêso de sessenta quilogramas. Cêrca da uma hora da madrugada, duas jovens senhoras faziam-na dançar sòmente com o contacto de três dedos de cada uma das mãos.

O móvel dançava uma sarabanda impetuosa para a direita e para a esquerda e em redor da sala. O físico, como conhecedor, avaliava o número de quilogrâmetros (1) representados por aquêle *movimento*, feita a conta do atrito e do volume da massa deslocada.

O universitário — um dos ases da Sorbonne — pasmava diante daquela loucura e exclamava:

— ¿Você não repara que tudo isto representa o trabalho dum motor dum quarto de cavalo?... Donde vem esta energia?... ¡Você olha para isto com tôda a fleuma!...

Labadié observou que dentro de oito dias, êle, físico, retomaria os seus queridos e necessários estudos de motores de aviação e fàcilmente se esqueceria do fenómeno anti-físico a que acabava de assistir.

— Daqui a seis meses, se eu lho lembrar, você responderá: «Seria bom tornar a ver, antes de me pronunciar». Decorrido um ano, talvez negue que viu tal fenómeno.

¿Que dizer do mimetismo, isto é, da semelhança que certos seres vivos adquirem, quer com o meio em que se encontram, quer com outras espécies mais protegidas ou com aquelas, à custa das quais vivem?

Há três qualidades de mimetismo:

— A *homocromia mimética*, que é a semelhança dos animais com o meio em que vivem, como o pêlo branco dos animais que vivem na neve, os peixes que tomam a côr da areia ou cujo ventre prateado se confunde com a luz que irradia da água transparente, etc.

— O *mimetismo protector*, pelo qual os animais inofensivos, especialmente as fêmeas, tomam o aspecto das espécies perigosas ou repulsivas.

— O *mimetismo ofensivo*, em virtude do qual certas espécies carniceiras revestem o aspecto das espécies de que fazem prêsa.

A víbora dos areais toma a côr da areia; as «fílias» — insectos das regiões tropicais — têm as asas exactamente como as fôlhas das árvores; os «fasmas» — insectos da América tropical — têm o corpo e as patas tão semelhantes à última extremidade dum ramo, que a confusão é facílima.

Há os gafanhotos-fôlhas americanos, (um dos inigmas mais aliciantes da natureza) que são insectos cujas asas imitam as fôlhas com minúcias surpreendentes: nervuras naturais, vegetações parasitas e arabescos diversíssimos.

Tudo isto não é mais do que a manifestação psíquica da espécie; manifestação em certos casos utilitária, assinaladamente nos peixes, mas, com certeza, desinteressada — assim se julga, pelo menos — na maioria dos insectos... A verdade, porém, ainda é mais linda do que se possa imaginar. Os insectos miméticos exteriorizam simplesmente a sua representação no mundo. O seu «estado de alma específico» — se é permitido empregar esta expressão — pinta-se nas asas, esculpe-se na própria matéria do corpo, exactamente como a visão emotiva dum artista se inscreve na argila ou na tela. É esta a tese do professor Vignon, um dos raros biologistas bergsonianos do nosso tempo. Longe de ser utilitário, o mimetismo prodigioso e alucinante dos insectos, não correspondeu a nenhuma necessidade física.

O mimetismo é a primeira prova científica, biológica, da existência duma «alma» *em todo o ser vivo*. Vignon não hesitou em escrever:

---

(1) Unidade de medida de trabalho, equivalente ao esfôrço necessário para elevar o pêso dum quilograma à altura de um metro.

«está ali alguém!». «Êsse alguém» não pode deixar de significar um «espírito». O do indivíduo? O da espécie?... O da Natureza, prima co-irmã do «chamado Deus», como disse Bouvard.

Estes insectos excepcionais, de espécies raras, podemos compará-los aos médiuns com estigmas, que não rareiam. S. Francisco de Assis, Olga Kahl, Catarina Emmerick, Terêsa Neumann e muitos outros.

Mais que os outros animais, nós somos independentes do nosso meio.

O dr. Carrel nota que cada época deixa a sua marca no ser humano. Vemos desenhar-se, sobretudo nos latinos — diz êle — um tipo novo produzido pelo automóvel e pelo cinema. Êsse tipo é caracterizado por um aspecto adiposo, tecidos moles, pele desbotada, ventre volumoso, pernas delgadas, marcha incerta e face inexpressiva, brutal. Um outro tipo aparece simultâneamente: o atlético, de ombros largos, busto franzino e cabeça de passarinho.

E àcêrca de banhos de sol de que tanto se usa e abusa, presentemente, a tôdas as horas e temperaturas, sem conta, nem pêso, nem medida, diz o mesmo sábio: «Nós não sabemos, exactamente, qual é o efeito da exposição ao sol da superfície do nosso corpo. Até ao momento em que êsse efeito seja conhecido, o nudismo e a escuridade da pele pela luz natural ou pelos raios ultra-violetas, não devem ser usados, cegamente, pela raça branca.

«E isto não é indiferente porque, evidentemente as actividades mentais dependem das actividades fisiológicas. Observamos modificações orgânicas correspondentes à sucessão dos nossos estados de consciência. E a inversa não é menos verdadeira: alguns estados psicológicos são determinados por certos estados funcionais dos órgãos. Em resumo: o conjunto formado pelo corpo e a consciência, é modificável, e é-o tanto pelos factos orgânicos como pelos mentais. O espírito confunde-se com o corpo, como o molde com a estátua; não se poderia alterar o molde sem quebrar a estátua».

Ora, tal molde não pode ser outro senão o corpo etéreo ou perispírito dos espiritas.

O prazer ruboriza a pele. A cólera, o mêdo, tornam-na branca. Há indivíduos a quem uma má notícia pode provocar a contracção das artéria coronárias, a anemia do coração, portanto a morte súbita.

A vista e o desejo dum alimento provocam a salivação. Êste fenómeno produz-se até na ausência do alimento. Parlov observou nos cães, com fístulas salivares, que a secreção pode ser determinada, não pela vista do alimento, mas simplesmente pelo som dum sino, se anteriormente o sino tocava enquanto o animal comia. As emoções fazem agitar mecanismos complexos. Quando se provoca o sentimento lo mêdo em um gato, os vasos das glândulas sub-renais dilatam-se; as glândulas segregam adrenalina; a adrenalina aumenta a pressão sangüínea e a rapidez da circulação e põe todo o organismo em estado de actividade para o ataque ou para a defesa. Mas se os nervos grandes simpáticos tiverem sido extraídos, o fenómeno não se produz. É por intermédio dêstes nervos que as secreções glandulares são modificadas. Concebe-se, pois, como a inveja e o ódio podem provocar mudanças orgânicas e verdadeiras doenças.

As emoções determinam nos indivíduos, particularmente sensíveis, notáveis modificações nos tecidos e nos humores.

Os cabelos duma mulher belga condenada à morte pelos alemães durante a Grande Guerra, embranqueceram, de repente, na noite que precedeu a excução. No decurso dum bombardeamento apareceu uma erupção de pele — urticária — no braço duma outra mulher. Após o rebentar de cada obus, a erupção aumentava e avermelhava mais.

A expressão popular «criar mau sangue» é literalmente verdadeira. O pensamento pode gerar lesões orgânicas.

«As actividades fisiológicas devem conservar-se inconscientes — escreve o dr. Carrel; perturbam-se quando a nossa atenção incide nelas. Assim se explica que da psicanálise — que exige a fixação do espírito do doente em si mesmo — resulte, às vezes, maior desequilíbrio. É preferível, para ter saúde, sair de si mesmo, graças a um esfôrço que não disperse a atenção... A unificação dos desejos, a tensão do espírito em direcção única, dão uma espécie de paz interior. O homem concentra-se tão bem pela meditação como pela acção. Mas não basta contemplar as belezas naturais, as maravilhas dos artistas e dos poetas. O homem deve ser, também, a alma que luta para atingir um ideal de moralidade, a alma que busca a luz no meio da obscuridade das coisas, e até aquela luz que, percorrendo o caminho da mística, renuncia a si mesmo para alcançar o substracto invisível dêste mundo.

O ESPIRITISMO NA BIBLIA

por Isidoro Duarte Santos

I

Aquêle que responde antes de ouvir, mostra ser um insensato e digno de confusão.

Provérbios, XVIII, 13

S. Tomás de Aquino comunicava com os habitantes do outro mundo, com mortos que o informavam do estado das almas pelas quais êle se interessava, com santos que o confortavam e lhe patenteavam os tesouros da ciência divina.

Abade Poussin (O Espiritismo perante a Igreja)

ESTES artigos nasceram de um alvitre inocente. Alguém se admirou de termos afirmado que os Evangelhos narravam tantos fenómenos supranormais, que podiam ser considerados um verdadeiro código de Espiritismo, com premonições, levitações, materializações, visões proféticas, previsões, etc., etc. A nossa asserção foi imediatamente combatida, através de comentários irónicos, dando a entender que havíamos ensandecido. Oferecemo-nos logo para, em determinado sector ideológico, demonstrar a veracidade da afirmação. O alvitre não foi aceito. Que o puséssemos em prática nas colunas desta revista, visto que, no local a que nos referimos, não havia lugar para isso.

É o que vamos tentar. Sabemos que nos faltam elementos para expôr o assunto com mestria. Mas quem não alcança o maior, alcança o menor. Já dá provas de esfôrço e boa vontade.

Quando dissemos que os Evangelhos eram verdadeiro código de Espiritismo, esperávamos que nos convidassem a demonstrá-lo, principalmente aquêles que pretendem deter o exclusivo da exegética e discordavam, por isso mesmo, das nossas «estranhas» palavras. Preferiram seguir rumos diferentes, ironizando, chasqueando, pondo em dúvida tudo o que saísse de nossa pena. Com tais prejuízos, dava-se a discussão por encerrada. Todavia, se êles, os contendores, estavam satisfeitos, fugindo à controvérsia, não estava satisfeita a Justiça. Era necessário *provar* o que se *afirmara*.

* * *

A comunicação dos espíritos é o maior problema que se apresenta à consciência humana. Não é de hoje; é de todos os tempos. Ocupou as mais luminosas inteligências, atraíu os mais refractários pensadores, encheu volumes e volumes de esplanação e crítica severa; e se não podemos dizer, como César, que «chegou, viu e venceu», o que é certo é ter suscitado a atenção de grande número de elementos, que se contam por muitas dezenas de milhões em todo o mundo. E continua a avançar vitoriosamente, insensível aos ataques que lhe dirigem, aos calços que lhe opõem. Porque a sua essência é imortal, reside no ámago do homem. Porque a sua fonte é imponderável, não pode ser atingida, nem inquinada. Se hoje destruíssem tôda a bibliografia espirita, a doutrina continuaria a sua marcha triunfal, visto que os ensi-

---

«A maior parte dos grandes místicos sofreram física e moralmente, pelo menos durante uma parte da vida. A contemplação extática pode ser acompanhada de fenómenos nervosos que se assemelham aos da histeria e da clarividência. Muitas vezes, na história dos santos, lê-se a descrição de êxtases, de leituras de pensamentos, de visões de acontecimentos ao longe, e, às vezes, a história dá conta de levitações. Muitos dos grandes místicos cristãos teriam manifestado êsse estranho fenómeno, segundo o testemunho dos seus companheiros. O indivíduo místico, absorvido na oração, totalmente insensível às coisas do mundo exterior, eleva-se suavemente muitos decímetros acima do solo...».

namentos do Alto hoje mesmo se exerceriam, espontaneamente.

As Escrituras Sagradas falam com exuberância do intercâmbio de idéias mantidas com os invisíveis desde os tempos mosaicos. O Velho Testamento é vasto arquivo de fenómenos, que se multiplicam flagrantemente nos Evangelhos, sendo fácil a qualquer pessoa verificar a origem espirita do Cristianismo, baseado, como está, em manifestações de tôda a espécie.

O Espiritismo tem sido mal compreendido por muita gente, aliás bem intencionada, mas irreflectida, melhor diríamos insensata, por *julgar* antes de discutir a *causa*. O bom julgador não deve escudar-se na *vox populi* que, se muitas vezes terá fundo de verdade, quási sempre deturpa os factos, em virtude da tendência do indivíduo para aumentar ou diminuir o que lhe inspira simpatia ou merece repulsão.

O bom julgador, repetimos, deve cingir-se ao «processo», analisando tôdas as peças que o constituam e procurando, se possível, novos elementos que o habilitem a formular o julgamento. Enquanto não surgirem tais juízes, tôdas as sentenças serão arbitrárias e iníquas, sem direito à consideração do público.

Infelizmente, os juízes insensatos ultrapassam o número dos juízes conscientes e honestos. E o Espiritismo continua a sofrer lapidação e injúria de inadvertidos que «respondem antes de ouvir», e que um dia, depois de se fazer luz em seu espírito, confessarão como Richet: «Pater, peccavi!», ou como Ochorowics: «Quando me lembro de que, em certa época, me admirava do valor de William Crookes em sustentar a realidade dos fenómenos mediúnicos; e, quando me recordo, sobretudo, de que li as suas obras com sorriso estúpido semelhante ao dos colegas do ilustre sábio, quando ouviam a sua opinião a respeito do Espiritismo, sinto infinita vergonha de mim mesmo, ou, antes, infinita vergonha por mim e pelos outros».

Da proïbição de evocar os mortos

Quási todos os católicos e protestantes se estribam no capítulo XVIII, 10-12, do *Deuteronómio* para atacarem a doutrina espirita. Em geral, transcrevem parcialmente êsses versículos, para chegar a conclusões preconcebidas. É conveniente, pois, copiá-los aqui e analisá-los à luz fria da razão e do bom-senso. Ei-los, segundo a versão do padre António Pereira de Figueiredo, que seguiremos no decurso dêste trabalho (1):

> Nem se ache entre vós quem pretenda purificar seu filho ou filha, fazendo-os passar pelo fogo; nem quem consulte adivinhos ou observe sonhos ou agouros, nem que seja feiticeiro ou encantador, nem quem consulte aos pitões ou adivinhos, nem quem indague dos mortos a verdade. Porque tôdas estas coisas abomina o Senhor e por semelhantes maldades exterminará êle estes povos *à tua entrada* (o sublinhado é nosso).
>
> (*Deuteronómio*, XVIII, 10 a 12)

Estas determinações devem ser ponderadas, tendo em vista, não só a época, como também o sentido histórico que contêm. Moisés legislou acertadamente, como vamos ver, e queria referir-se aos *feiticeiros, adivinhos* e *encantadores*, que pululavam em terras egípcias e evocavam os mortos para fins ilícitos, explorando a ignorância e a superstição (2). Os hebreus preparavam a invasão do Egito, e era necessário industriar o povo no sentido de combater aquelas práticas. Todos os hábitos e costumes que pudessem aproximar êste povo dos seus inimigos, deviam ser proscritos em legislação apresentada como proveniente da divindade, para ser aceita mais fàcilmente.

Com efeito, os povos antigos usavam fazer adivinhações (3) e encantamentos (4). A vinda do Cristo, por exemplo, foi predita por vários profetas, entre os quais, Isaías (5), Malaquias (6), Jeremias (7),

---

(1) Edição aprovada em 1842, pela rainha D. Maria II, com a consulta do Patriarca-Arcebispo eleito de Lisboa.

(2) A proïbição de Moisés era justíssima, porque a evocação dos mortos não tinha origem em sentimentos de respeito, afeição ou piedade para com êles, sendo antes recurso para adivinhações, tal como os agouros ou preságios explorados pelo charlatanismo e pela superstição. Essas práticas, ao que parece, também eram objecto de negócio, e Moisés, por mais que fizesse, não conseguiu desentranhá-las dos costumes populares. (*O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec, pág. 161).

(3) Génese. XL, 12, 13 e 23 (José adivinha os sonhos do Faraó) XLI, 8; XLIV, 5; Daniel, IV, 6-7).

(4) Êxodo, IV, 2, 4, 6; VII. 10 a 12.

(5) Isaías, VII, 14.

(6) Malaquias III, 1.

(7) Jeremias, XXXI, 22.

etc., etc. E muitos dêsses indivíduos que tinham *espírito adivinhante* eram tenazmente perseguidos pelas autoridades constituídas. Uns foram assassinados, como Zacarias, filho de Baraquias (1), outros lapidados, como Estêvão (2), e outros erravam de terra em terra, sob o pêso do azorrague (3).

¿Quem se lembraria, em 1942, de observar as leis arcaicas do mosaísmo, eivadas de truculências, para conter os ímpetos dum povo ignaro e indisciplinado?

A idolatria, de que falam as Escrituras Sagradas (4) e a própria História Antiga, era o reflexo da ignorância dum povo com mêdo ao sobrenatural. O deus Moloch infundia tal pavor às gentes supersticiosas, que vulgares fenómenos naturais, como o vulcão, a trovoada, a cheia dos rios, etc., eram considerados castigos impostos ao mundo.

Os sacrifícios em holocausto aos deuses cruéis e vingativos tornaram-se verdadeiramente contagiosos e milhares de crianças morreram queimadas no ventre dos ídolos (5). Por isso, Moisés ordenou medidas severas contra o fanatismo brutal que obsecava o seu povo.

O simples facto, porém, da proïbição de evocar os mortos, prova que êles podiam comunicar-se; e, se o faziam nesse tempo, nada obsta a que o façam hoje e no futuro.

Em nossa opinião, não é irreverência evocar os espíritos, desde que se mantenha recolhimento e elevação moral. Mas o caso é que êles se apresentam espontâneamente, sem necessidade alguma de evocação. Portanto, se se manifestam, é porque têm interêsse em o fazer, visto possuirem livre-arbítrio e não estarem subordinados à nossa vontade.

De resto, o cristianismo nunca se regeu pela lei mosaica; e embora o Messias houvesse declarado que *não vinha destruir a Lei, mas a dar-lhe cumprimento,* adaptou-a à sua época e usou de parábolas, pela necessidade de ocultar muitas coisas sob o véu da alegoria. Nenhuma autoridade, pois, têm aquêles que se escudam no *Deuteronómio* para justificar a necessidade de prescrever as sessões do Espiritismo que, em resumo, têm o fim de estabelecer a comunicação entre os habitantes da Terra e do Espaço e obter dêstes últimos informações preciosas e belos ensinamentos.

A comunicação dos espíritos

A crença na existência dos espíritos perde-se na noite dos tempos pre-históricos. Dela se ocuparam muitos filósofos e bom número de doutores da igreja. Se os factos não falassem por si, se não abalassem o cepticismo de uns e a dúvida angustiosa de outros, o Espiritismo não teria caminhado vertiginosamente, criando raízes na consciência do homem e fazendo ruir velhos preconceitos.

Aquêle que tem ouvidos, oiça o que o Espírito diz às igrejas.

(*Apocalipse,* II, 29; III, 3?)

A revelação vinha do Alto, através de profetas escolhidos, semelhantes aos médiuns hodiernos e sujeitos, como estes, a percalços e a dificuldades. Por isso, era necessário o maior discernimento, a mais rigorosa precaução para interpretar as

(1) Mateus, XXXIII, 34-37.
(2) Actos dos Apóstolos, VI, 10.
(3) Aos Hebreus, XI, 36 a 38.
(4) Isaías combateu a idolatria: «Todos os artífices de ídolos são nada e as suas imagens tão prezadas não lhes aproveitarão; êles mesmos são testemunhas para sua confusão, de que os seus ídolos não vêem, nem entendem» (Cap. XLIV, 9). «Metade dêste pau queimou êle (o homem) no fogo e com a outra metade cozinhou as carnes que comeu; acabou de cozer as suas viandas, fartou-se delas e aquentou-se; e do que ficou do mesmo pau fêz êle para si um deus e um ídolo, diante do qual se prostra, e o adora, e lhe roga dizendo: «Livra-me, porque tu és o meu Deus» (Idem, idem, 16-17). Ezequiel também se lhe referiu em termos enérgicos: «Isto diz o Senhor Deus: Convertei-vos e retirai-vos dos vossos ídolos e apartai os vossos rostos de tôdas as vossas contaminações. Porque se um homem da casa de Israel se alienar de mim, e puser os seus ídolos no seu coração e colocar o escândalo da sua iniqüidade diante dos seus olhos, e vier buscar algum profeta para saber por êle a minha resposta, eu, o Senhor, lhe responderei e porei o meu rosto sôbre o tal homem e fá-lo-ei ser escarmento e provérbio e o exterminarei do meio do meu povo e vós sabereis que eu sou o Senhor» (Cap. XIV, 6 a 8).
O apóstolo Paulo diz (I aos Coríntios, VIII,): «Sabemos que os ídolos não são nada no mundo e que não há outro Deus senão só um».
(5) Os cartagineses, os moabitas e os amonitas, fundiam grandes estátuas ôcas e, dentro delas, acendiam fogo em fornalha e lhe sacrificavam vítimas humanas. Quando Moloch estava furibundo, deitavam pela bôca da estátua incandescente as inocentes crianças, filhos ou filhas dos fanáticos idólatras, afim de acalmar a raiva de Moloch, que sòmente satisfazia a sua vingança devorando e digerindo no ventre de fogo crianças indefesas. (*O Protestantismo e o Espiritismo,* por Benedito A. da Fonseca, pág. 205).

mensagens e sobretudo conhecer a natureza dos comunicantes:

Caríssimos, não creais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque são muitos os falsos profetas que se levantam no mundo.

(*I, João*, IV-1)

Os falsos profetas apareceram em todos os tempos. Ezequiel apontou-os à execração pública:

«Ai dos profetas insensatos, que seguem o seu próprio espírito e não vêem nada! Êles vêem coisas vãs e adivinham a mentira, dizendo: O Senhor assim o disse; sendo que o Senhor os não enviou; e êles perseveram em afirmar o que uma vez disseram».

(*Ezequiel*, XIII, 3-6)

Jeremias abominou-os:

Não queirais ouvir as palavras dos profetas, que vos profetizam e vos enganam; falam as visões do seu coração, não da bôca do Senhor. ¿Até quando se achará isto no coração dêles, que vaticinam a mentira e que profetizam as seduções do seu coração? Eis-me aqui contra os profetas que forjam a sua linguagem e pronunciam: «Diz o Senhor».

(*Jeremias*, XXIII, 16-26 e 31)

Mateus e Lucas também se põem em guarda contra os impostores que se diziam enviados de Deus e se metiam a revelar coisas ocultas acêrca da vida material e espiritual (1).

Melhor do que Ezequiel, Jeremias, Lucas e Mateus, o Espiritismo vibrou o golpe decisivo nos falsos profetas, que se aproveitavam de suas faculdades para produzir fenómenos a que chamavam sobrenaturais, em virtude de se lhes desconhecer a origem.

À medida que a ciência avança, diminui o sobrenatural e, por conseguinte, a mistificação. O Espiritismo limitou a acção dos fabricantes do maravilhoso, perscrutando a causa de muitos fenómenos, evitando assim que se explorassem coisas que não deixavam de ser naturais, embora subordinadas a leis desconhecidas.

Os falsos profetas podiam ser fàcilmente desmascarados, pois viviam ombro a ombro com os homens de bem, que lhes conheciam os hábitos e o valor. Há, porém, outra espécie de enganadores mil vezes mais perigosos, que se encontram desencarnados: são os espíritos grosseiros, hipócritas e orgulhosos, que se fazem passar por altas personalidades, afim de mais fàcilmente iludir a boa-fé dos incautos. Estes, porém, devem ser reconhecidos, segundo os ensinamentos que transmitirem, pois «não se colhem figos nos espinheiros, nem cachos de uvas nos silvedos».

Há, portanto, que orar e vigiar. A vigilância e a prece são as melhores armas usadas no comércio com o invisível. Os médiuns, principalmente, devem observar a maior prudência, evitando que espíritos maus se introduzam subrepticiamente e perturbem o ambiente das sessões experimentais:

Lembra-te, pois, do que recebeste e ouviste e guarda-o e faze penitência. Porque, se tu não vigiares, virei a ti como um ladrão e tu não saberás a hora a que eu virei a ti.

(*Apocalipse*, III, 3)

Se não houvesse verdadeiros profetas, não poderíamos conhecer os maus. Tôda a medalha tem o seu reverso. A verdade anda sempre ao lado da mentira, obediente à eterna lei dos contrastes.

O apóstolo Paulo dá testemunho disto, quando escreve:

Conheço um homem em Cristo que foi arrebatado, se foi no corpo não o sei, ou se foi fora do corpo, também não sei, Deus o sabe, até ao terceiro céu e que ouviu lá palavras secretas que não é permitido a um homem referir.

(*II aos Coríntios*, 2-4)

E mais abaixo, na mesma Epístola, queixa-se de ter sido atacado por espíritos inferiores que o atormentaram:

Para que a grandeza das revelações me não ensoberbecesse, permitiu Deus que eu sentisse na minha carne um estímulo, que é o anjo de Satanás, para me esbofetear, por cuja causa roguei ao Senhor três vezes que êle se apartasse de mim. E então me disse: «Basta-te a minha graça, porque a virtude se aperfeiçoa na enfermidade.

(*Idem, idem*, 7 a 9)

A igreja retira aos anjos a faculdade de comunicar com os homens, no intuito de

(1) Mateus, VII, 15 a 20; XIII, 5, 6, 21 e 22; XXIV, 44, 5, 11 e 13. Lucas, VI, 43 a 45.

atribuir a Satanás as mensagens recebidas nas sessões espiritas (1). Mas quem é Satanás (2)?

A opinião dos teólogos tem corrido mundo, como expressão de fé ortodoxa, em sermões e pastorais diversas. Pintam-no com as côres mais tenebrosas e pelo que dizem de seus domínios, onde há eterno chôro e ranger de dentes (3). Admitir a existência de Satanás e do inferno é amesquinhar a omnipotência e misericórdia de Deus, retirando-lhe os atributos que o exornam e distinguem. Na verdade, se houvesse um poder que rivalizasse com Deus, teríamos dois deuses em luta permanente e a criação resultaria em desequilíbrio, em caos inconcebível.

Satanás é o símbolo do mal (4) e tanto pode residir no coração do homem, ateiando nêle fogueiras de ódio, provocando guerras sangrentas e fratricidas, como no mundo dos espíritos, de vez que os seus habitantes são as almas dos que viveram na Terra e se despojaram do seu envólucro material. Por isso, tanto espíritos elevados, como espíritos atrasados, todos estão sujeitos às mesmas leis imutáveis.

Hermas escreveu há dezóito séculos o *Livro do Pastor* que, até ao quinto século, era lido nas igrejas, como hoje sucede com o Evangelho e as Epístolas. Orígenes e S. Clemente de Alexandria fazem-lhe elogiosas referências. Vejamos o que êle diz àcêrca dos espíritos que se comunicam nas sessões. Vale a pena ler êste velho escritor:

> O espírito que vem de Deus é humilde e pacífico. Afasta-se da malícia e do vão desejo do mundo e paira acima dos homens. Não responde a tôdas as preguntas, nem a coisas particulares. O espírito que vem de Deus não falla, quando o homem quere, mas quando Deus o permite. Quando um homem tem um espírito de Deus e vem à Assembléia dos fieis, desde que se fêz a prece, o espírito apossa-se dêsse homem e fala na Assembleia como Deus o quere.
>
> «Reconhece-se, pelo contrário, o espírito terrestre, frívolo, sem sabedoria e sem fôrça, naquêle que se agita, se levanta e toma o primeiro lugar. É importuno tagarela e não profetiza sem remuneração. Um profeta de Deus não procede assim.

O *Apóstolo dos Gentios* apreciava muito êste escritor. Na sua *Epístola aos Romanos*, XVI, 14, envolve-o na saüdação a Asíncrito, Flegonte e outros.

O que Hermas disse há mil e oitocentos anos verifica-se hoje, em pleno século vinte. A única diferença está em terem surgido muitas espécies de mediunidade que não existiam naquêle tempo. O Neo-espiritualismo veio tirar a luz debaixo do alqueire e difundir os seus raios poderosíssimos através de centenas de publicações que se editam em tôdas as regiões do globo. Hoje, a ciência procura estudar e compreender os fenómenos insólitos que se exercem no campo da física transcendental e chegou a conclusões que muito importa revelar para edificação dos incrédulos ligados ao materialismo.

Façamos uma pausa neste pequeno intróito e tomemos fôlego para continuar a viagem que iniciámos. Desculpe o leitor as citações que fomos obrigados a fazer. Nem doutro modo conseguiríamos provar o que afirmámos e que tamanhos engulhos produziu nos arraiais adversos. Com exemplos a citações bíblicas, calmamente e paulatinamente, demonstraremos que o Espiritismo é revelação divina e não obra demoníaca, como pretendem os que nos combatem sem conhecer o terreno que pisam.

---

(1) cf. Pastoral de Monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo de Reims, na quaresma de 1864 e «O Mundo Invisível», do Cardeal Lépicier.

(2) cf. «Telemaco», de Fenelon, e «O Inferno», de Augusto Calllet.

(3) Muitos teólogos não se atrevem a descrever os horrores dessa morada e limitam-se ao lago de enxôfre do *Apocalipse* e aos vermes de *Isaías*, que formigam eternamente sôbre os cadáveres de Thophel. Santo Agostinho, porém, não crê que tais sofrimentos sejam só reflexos de sofrimentos morais e visiona um verdadeiro lago de enxôfre, em que vermes e serpntes se saciam nos corpos, misturando as suas picadas às do fogo. (*A. Grellet*, op. cit.).

(4) «Êle, voltando-se para Pedro, lhe disse: Tira-te diante de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não tens gôsto das coisas que são de Deus, mais das que são dos homens. (*Mateus*, XVI, 24).

«Disse-lhes Jesus: ¿não é assim que eu vos escolhi em número de doze e contudo um de vós é o diabo?» (*Marcos*, VI, 71).

«Em verdade vos digo que um de vós me há de entregar. E tendo-lhe preguntado quem era êsse, respondeu Jesus: É aquêle a quem eu der o pão molhado. E tendo molhado o pão, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. E atrás do bocado entrou nêle Satanás. E Jesus lhe disse: o que fazes, faze-o depressa. (*João*, XIII, 21-27).

A maior descoberta das ciências modernas, aquela em que se resumem tôdas as outras, é a unidade do plano orgânico da Natureza.

A. Langel

N/Dez/42

O ESPIRITISMO EMANCIPADOR DA MULHER

por Haydi de Tebelen

I

«A essência da espiritualidade é a liberdade»

Hegel

ÊSTE pensamento tão profundo, tão vasto, permite-me trazê-lo para o campo das origens, conseqüências e conclusões do sentimento e da lógica humana.

Meditando nêle sentimos despertar a nossa consciência e nela encontramos fôrças novas, desconhecidas da maioria dentre nós. O orgulho humano, todos o sabemos, reside na inteligência mental, — mental inferior — que Larousse definiu como sendo «a faculdade de conhecer, compreender». «A inteligência superior ou Espírito, essa é ao mesmo tempo intuitiva e emocional, porque só ela possui a faculdade de compreender, abranger, abraçar ou envolver», diz George Barbarin.

É à inteligência superior que devem recorrer todos os que se orgulham de ser espiritualistas.

É nela que residem as fôrças do entendimento que permite *vêr claro*. É preciso que essa inteligência espiritual facilite a dupla faculdade de assimilação sentimental que tôdas as religiões apresentam: — «Abri os vossos corações à bondade e à plena aceitação dos preceitos da Verdade».

Os dogmas das muitas religiões existentes deturparam a verdadeira espiritualidade, se bem que o Amor Divino se manifeste para todos os seus filhos com essa magnificência que só a Deus pertence.

O verdadeiro espiritualista procura identificar-se com Deus residente na sua própria alma. E nestas condições, sentindo vibrar o seu coração pelas emoções da bondade, ¿poderá êle aceitar preconceitos arcaicos, bárbaros e contrários ao que Deus determinou nas suas Divinas Leis de Amor?

Na alma de todos os homens existem possibilidades de adquirirem conhecimentos que lhes permitam praticar a espiritualidade, modificando e aperfeiçoando a sua vida terrena.

É na existência cotidiana que o espiritualista, como diz Adolfo Steiner:—«Deve começar por dar um lugar à devoção da sua vida mental. Quando no silêncio duma meditação calma, nos aplicamos a afastar da nossa consciência tudo o que ela encerra de censurável que desacredite os nossos semelhantes, cada momento dêsses aproxima-nos da consciência espiritual. ¡E progredimos tão ràpidamente nesses instantes em que nos sentimos penetrados de admiração, estima e respeito pelas coisas e pelos homens! Aquêles que têm a experiência dêstes assuntos, sabem que, nesses momentos, as fôrças até então adormecidas despertam na alma humana. Os olhos espirituais abrem-se no homem e êle vê os objectos que não podia ver no estado normal. Começa a compreender que dantes só conhecia uma parte do universo. Os homens que encontra apresentam-se sob um aspecto novo».

Êste treino para a perfeição prepara a alma para as correcções e transformações que os neo-espiritualistas devem exercer na sua própria vida individual, familiar e social.

É necessário modificar o ambiente em que nascemos e fomos criados, porque temos o dever, que nos é indicado pelo Alto, de prepararmos a geração futura dentro dos nossos princípios. Para isso temos de corrigir os antiquados preconceitos sociais e religiosos, que, como já referi, deformam as leis de Deus, impedindo o progresso espiritual da humanidade.

Os pensamentos de Hegel e de Steiner conduzirão a uma época mais espiritualizada, o que só se poderá conseguir quando a mulher fôr também um ser livre como o homem.

É necessário não confundir a emancipação da mulher com essa falsa educação que a torna por vezes uma ridícula *garçonne*. Não! A mulher verdadeiramente emancipada é a que sabe aliar a graça feminina ao seu desenvolvimento físico, intellectual e espiritual.

Pertence aos espiritas esta missão, na constante prática dos filosóficos princípios de V. Hugo, que «Instruir é construir» e de Hegel, que acima citei.

* * *

Só assim educada a mulher será um ser consciente e, conseqüentemente, liberta do jugo a que desde as origens do mundo tem sido submetida nos povos selvagens ou meio civilizados, onde ela tem vivido não como igual, mas como escrava do homem.

As leis religiosas existentes nos povos primitivos, quási tôdas ainda em nossos dias dão ao homem o direito de vender a sua mulher ou as suas filhas, ou de tirar delas o melhor proveito em tôdas as ocasiões e conforme lhe aprouver.

Curioso é de notar que nos países onde vigoram as leis laicas também a mulher é subordinada ao homem. Nas raças civilizadas uma filha não pode ser vendida por seu pai, mas fica, contudo, sob a sua tutela até à sua maioridade, ou, o que quási sempre acontece, até ao seu casamento. Tornada espôsa, passa para a tutela marital durante todo o tempo do casamento, a não ser que enviúve ou se divorcie.

É certo que em muitos povos o pai não tem o direito de vender suas filhas, mas verificamos com desgôsto que, tanto pais, mães, maridos, ou outras pessoas em virtude de certos regulamentos da polícia, podem tirar grandes benefícios dos encantos, da juventude inexperiente e da beleza das próprias espôsas?

É incontestável que nos países civilizados a situação da mulher se modificou consideràvelmente desde a grande guerra de 1914.

A subordinação legal que lhe é imposta está na realidade muito atenuada, pois que, actualmente, o chefe de família deixou de ser vis-à-vis de sua mulher e de seus filhos, o déspota e o senhor e dono doutros tempos.

Hoje, e muito menos para quem é espirita, não se aceita o princípio de Napoleão Bonaparte: — A mulher pertence ao homem, tal como a oliveira que êle cultiva». Não! Porque é um princípio de Direito Humano permitir às almas que baixam à terra revestidas dum corpo feminino, que encontrem no plano físico os necessários elementos para a sua evolução.

A espiritualidade não é uma prerrogativa masculina, não é uma qualidade inerente ao sexo; é a elevação por vezes máxima que a alma atinge, e o homem não tem o direito de impedir à mulher essa ascenção.

A alma é dos céus, disse o poeta Mayer Garção. Não corteis as asas à alma da mulher! Deixai-a voar, voar bem alto, para que ela suba às altas culminâncias.

Se a mulher tem encontrado detractores, também tem sido laureada pelos homens mais célebres, desde Plutarco até ao visconde António Feliciano de Castilho, que escreveu no seu riquíssimo drama «Camões» àcêrca dos talentos feminis:

«Digo a verdade: quando me ponho a considerar o que as mulheres são pela natureza e o que deixam de ser pelas preocupações e tiranias da sociedade; quando me lembro de tantas, que em todos os tempos e lugares se assinalaram por talentos e ombrearam com os grandes varões, tendo para isso que vencer mil dificuldades, que para êles não existem; quando encontro êste meu conceito, não só inteiro, senão ainda avantajado em tão grave e sizudo autor como é o do Teatro Crítico», doe-me o coração de vêr como tais almas se desaproveitam; como se mete um sexo (metade da espécie humana!) na roda dos engeitados! É pecar contra a justiça e a natureza; é defraudá-las de sua herança, — e a nós, de mais prazeres e mais delicados, que elas nos poderam dar; as ciências e as artes, de novos lustres; e as gerações ulteriores, a pobre infância, das suas instituïdoras naturais e mais profícuas.

«Instruídas, animadas, laureadas as mulheres distintas e sublimes, que estímulo para os lidadores no campo da inteligência! no carcaz do amor, que novas setas enfeitiçadas!»

Enquanto a mulher, geradora e educadora da criança, não tiver a liberdade de consciência e o conhecimento dessa mesma consciência, e estiver legalmente subordinada ao homem, não será possível realizar a verdadeira unidade de acção e de espírito na família e, por conseqüência, na educação da criança.

Enquanto a mulher, que tem na humanidade os mesmos deveres que o homem, não tiver os mesmos direitos, o progresso social não estará de acôrdo com o progresso científico.

¿Quantos leitores não terão tido corpos femininos em passadas encarnações e outros os não virão a ter no futuro?

Por isso eu digo que no progresso espiritual não há homens nem mulheres: há almas que precisam de luz; há Espíritos que aspiram ao que é Belo e Puro, que desejam caminhar na Grande Evolução.

* * *

Lancemos agora um rápido olhar para a humanidade primitiva. Era penosa a vida na-

quelas regiões inóspitas. O homem nada conhecia para além dêsse curto horizonte sempre mergulhado na eterna noite polar. Diz-se que um dia, em pleno desespêro, não podendo e não sabendo onde ir buscar novas condições de vida, uma mulher afirmou ver ao longe uma luz radiosa.

Se bem que o seu nome não tivesse ficado gravado na história da humanidade, essa mulher parece ter sido o primeiro médium. Por ela se manifestaram os espíritos-guias dessa primitiva raça, dando-lhe a inspiração, a intuição, a vidência, enfim, para revelar aos seus Irmãos que o Criador lhes reservara recursos que lhes permitiriam melhor existência.

Dizia ela ser essa luz bela e quente, iluminando um extraordinário país, para além daquelas montanhas. Mas era-lhes necessário afrontar o desconhecido, caminhar para bem longe, arrostar com grandes perigos, em busca dêsse Éden. Subjugados pelas palavras daquela mulher, seguiram-na e ficaram extasiados perante o que encontraram.

O astro-rei subia radioso e, no alto do seu trono, embelezava as maravilhas que Deus preparara para o homem.

A terra era como uma mãe fértil e linda de plantas, flores e frutos.

Pareceu-lhes estarem sonhando num verdadeiro paraíso, e, desde êsse momento, a mulher passou a ser alvo dum grande culto que se perpetuou durante séculos. Fôra ela a escolhida para mensageira das fôrças desconhecidas, tinha sido nela que os deuses se haviam revelado.

E durante séculos, nas tríbus de então nada se deliberava sem o seu consentimento, porque os homens e mulheres, suportando igualmente a rudez do viver da época, mútuamente também estabeleciam as regras dessa mesma existência. É assim que mais tarde vamos encontrar as primeiras sociedades fundadas na Sinarquia, onde se mantém a igualdade de sexos, dentro dos três conselhos que então governavam. Neles brilhou a israelita — Deborah, como chefe do conselho dos Deuses, profeta e Grande Juiz. Pelo seu vastíssimo saber ganhou uma esplêndida vitória sôbre Pirard, general das tropas do rei Azor, facto êste que motivou um famoso canto que é uma das mais belas produções da literatura hebraica.

No mosaísmo primitivo existia a instituïção feminina das almas e das nazarenas. Nelas encontramos Maria, irmã de Moisés e membro do Conselho dos Deuses. Moisés estabeleceu a igualdade social na união do Masculino e do Feminino, como expressão da Verdade e num princípio de Direito Humano.

Os seus continuadores deformaram estes princípios, iniciando a escravidão da mulher.

Apesar disso, o Nazareado continua e nêle encontramos mais tarde outra Maria ou Miryam, também iniciada, êsse espírito elevadíssimo que foi a mãe de Jesus.

Ecos da Imprensa Espirita

Da revista *Cristianismo*, órgão da Associação «Providência» de Buenos Aires, extraímos os seguintes períodos que, por estarem de harmonia com o nosso pensamento, achamos de utilidade dar-lhe arquivo nestas colunas:

Em tôda a parte se fala com freqüência na necessidade de praticar o bem e cumprir os preceitos cristãos, analisando-se o que será o «além da morte» e convém, naturalmente, reflectir em tão momentoso assunto, a-fim-de observarmos os nosso deveres, segundo a conveniência da nossa elevação espiritual.

Muitas vezes se estudam os fenómenos espiritas como simples factos físicos, abstraíndo o seu verdadeiro sentido, como se aquêles respondessem a leis matemáticas que pudessem incluir-se em fórmulas invariáveis, compreendidas no nosso vulgar entendimento.

Prescinde-se da fé, pondo-se de lado a parte principal de tais manifestações. Deus, motor activo e verdadeiro de tudo quanto existe, fica na penumbra, quando, em realidade, é o autor do Universo. Eis, porque os resultados são precários, já que se prescinde do fundamental, para analisar o acessório.

É corrente deixar também de lado a idéia do Bem, como coisa secundária, prescindindo-se dêsse aspecto das coisas, que é uma das facetas em que talvez mais claramente se revela a existência de Deus.

Fazer bem em todos os sentidos, praticar a caridade bem entendida é coisa difícil no nosso planeta, mas um dia virá em que tais práticas serão possíveis e até naturais.

Entretanto, que todos os espiritas juntem os seus esforços, dando alento aos que fraquejarem ou queiram renunciar ao Ideal, ajoujados pelo materialismo ambiente, que é uma lousa muito pesada, e pensemos sempre e em tôdas as circunstâncias que só com Fé, Caridade e Amor Cristão, atingiremos a méta almejada da nossa perfeição.

O EVANGELHO DO CRISTO

por Fernando da Cruz Ferreira

VI

«Vós sois o sal da terra» — disse Jesus aos seus discípulos e acrescentou: Se o sal se tornar insípido, ¿como se poderia restituir-lhe o sabor? Para mais nada presta, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens.

Do «Evangelho»

Sois o sal da terra! ¡Quanta sabedoria em palavras tão simples, tão singelas!

Consideremos certas qualidades ou propriedades características daquêle mineral.

O sal é um elemento que guarda invariàvelmente a sua pureza; nada o altera, nada o contamina, nada o corrompe, ainda mesmo quando em contacto com as maiores impurezas. É, por excelência, incorruptível.

Assim deve ser o cristão: bom no meio dos maus; justo no meio da iniqüidade; probo no meio dos desonestos; prudente no meio dos insensatos; humilde no meio dos orgulhosos; altruista no meio dos egoistas; sincero no meio dos hipócritas; fiel no meio dos infieis; resignado no meio dos revoltados; pacífico no meio dos belicosos; virtuoso, numa palavra, no meio de todos os vícios e de tôdas as paixões.

O sal, além de se conservar puro, preserva da corrupção, impedindo a decomposição dos corpos com que se acha em contacto: tal deve ser o cristão no meio em que vive.

O sal jamais está inactivo. Onde quer que se encontre, está sempre agindo, visto que exuda aquela essência que lhe é peculiar.

Tal qual deve ser na sociedade a atitude do cristão. Seus actos devem atestar, sem intermitências, a fé de que se acha impregnado.

O sal nunca recebe: dá sempre.

Misturai-o com açúcar; êste receberá a essência daquêle, tornando-se salgado; porém o sal jamais se deixará adoçar, recebendo a influência do açúcar.

O cristão, como o sal, está no mundo para dar e não para receber. Êle, do céu é credor, da terra é devedor. Cumpre-lhe, pois, receber lá do alto para distribuir cá em baixo.

O sal não se faz conhecer pelo exterior. Em aparência, êle se confunde com muitas outras substâncias; no entretanto, logo que se entra em contacto com êle, dá-se a conhecer distintamente.

Assim há de ser também o cristão: «pelos seus frutos os conhecereis» e nunca por qualquer insígnia ou sinal exterior.

Pela aparência confundir-se-á com o comum dos homens; mas desde que se entre em contacto com êle, revelar-se-á prontamente, manifestando suas qualidades.

O sal tem uma função distinta, especial, inconfundível: não se presta a vários fins, mas de um modo definido e positivo, a um fim determinado.

De modo idêntico há de ser o cristão, cujo ideal definido na Vida deve consistir na obra da redenção do seu espírito e do de seus irmãos.

Se o sal se tornasse insípido, isto é, se perdesse as qualidades especiais que o caracterizam, tornar-se-ia de todo imprestável, visto que não poderia empregar-se para outros fins além daquêle que lhe é essencialmente próprio.

Outro tanto sucede com relação à fé que faz o cristão. Se ela se desnaturar dos predicados que a exornam, tornar-se-á de todo anódina, inválida, inútil.

A religião que não promove o aperfeiçoamento do espírito, que não constrói e não consolida o carácter do homem, não é religião.

É sal insípido que, mais cêdo ou mais tarde, caïrá fatalmente no desprêzo.

* * *

«Disse Jesus à Samaritana: Se conhecesses o dom de Deus e quem te diz: dá-me de beber, tu, antes, lhe terias pedido, e êle te haveria dado água viva».

A humanidade, em sua maioria, encontra-se nas condições da Samaritana: só tem bebido água da cisterna.

Essa espécie de água é a fiel imagem da Fé sectária, dogmática, que herdámos dos nossos antepassados, tal como à Samaritana sucedera. Os homens bebem-na de há longo tempo, porém, nunca se sentem satisfeitos.

O número de cisternas tem-se multiplicado: a linfa é distribuída largamente, todos bebem, mas todos permanecem sedentos.

Por mais que encareçam seu valor e prestígio, por mais que apregôem suas propriedades refrigerantes e salutares, ela nunca sacia a sêde ardente que confrange os corações.

E assim iludida tem vivido a humanidade: bebendo sempre, e, todavia, sempre sedenta.

«Mas a hora vem, e agora é», *em que a água viva de que falou o Senhor, está sendo ministrada aos homens de boa vontade. sem distinção de raça, classe ou credo.*

É o dom de Deus, a doutrina do Amor, a fé lúcida e vívida exemplificada pelo Verbo Divino. Quem bebe dessa água jamais terá sêde; e mais ainda: vê brotar de si mesmo uma fonte límpida e pura, manando para a vida eterna, sempre fresca e sempre nascente, graças à renovação do espírito que a alimenta. Só a religião do Amor refrigera o coração.

Não há outro manancial, fora do Amor, onde o nosso Espírito encontre novidade sempiterna de vibrações, conforme requere sua natureza imortal.

Na vida do espírito, como na do corpo, uma Lei impera imutável: a da renovação.

O amor nunca enfada, porque nunca envelhece. Nêle não há monotonia, porque seus aspectos são infinitos. Só por meio dêle podemos satisfazer os anseios da nossa alma, podemos realizar as aspirações do nosso espírito.

A religião do Amor é a religião da revelação. Permanece em novidade de vida. Os que a professam entram em comunhão com o Infinito. As revelações que dali fluem, agindo no interior de nossas almas, refluem em fontes inexauríveis, manando para a eternidade.

O cristianismo diverge de tôdas as demais religiões.

É fruto de uma revelação contínua e progressiva, enquanto as outras são concepções humanas, cristalizadas em postulados e fórmulas, cujo valor e prestígio refulgem em dada época, esmaecendo e ofuscando-se depois, à medida que a razão humana vai firmando o seu império.

Jesus é a Luz do Mundo.

O cristianismo é um Sol que não tem ocaso: acompanha a humanidade em sua evolução e cujo surto, através dos séculos, determina, regula e mantém o espírito do homem em constante novidade de vida.

O Céu de Jesus-Cristo é diferente do todos os outros céus. Nada tem de comum com os Campos Elísios *dos gregos, o* Nirvana *dos hindus, com o* Seio de Abraão *dos judeus, ou qualquer outro.*

O Céu de Jesus-Cristo é um campo de acção, um teatro de actividades, é um meio onde a vida se ostenta sob aspectos cada vez mais intensos, mais belos.

E, por ser assim, êle o compara, no seu Evangelho, com a semente e com o fermento.

A semente contém em seu âmago fortes energias latentes, que só aguardam ocasião propícia para entrarem em acção.

O fermento, a seu turno, é uma fôrça condensada que leveda, que põe em actividade a massa, em cujo seio é introduzida, determinando o seu crescimento.

A semente e o fermento são, pois, imagens de potências ocultas, de poderes latentes, tal como se verifica no espírito do homem.

O Céu de Jesus é o reinado do Espírito, é o estado da alma livre que, emancipando-se do cativeiro animal, ergue altaneiro vôo sem encontrar mais obstáculos ou peias que a entravem.

PREGUNTAS...

Neste crânio estreito onde por vezes o génio cintila, há de extinguir-se, um dia, a labareda divina; ¿mas quererá isso dizer que aquilo que em nós pensa e sente e quere se extinguirá também? ¿Então a consciência há de perder-se, para todo o sempre, na noite erma do não-ser, quando não se extinguem os reflexos do seu brilho e não se perde um só átomo de pó? ¿No limiar da morte serão tão densas as trevas, que a luz do pensamento de todo se apague? Então, porque brilhou? O Universo é feito de Harmonia; ¿e só a vida não teria finalidade quando realiza o prodígio da consciência? Se é função do cérebro o génio que cintila e cujas fulgurações iluminam o mundo, ¿porque se manifesta apenas em momentos raros e fugazes? ¿Há de ficar-nos a lembrança dos que amámos e a sua imagem ser viva para nós, quando êles não mais existem? ¿Será a ilusão mais duradoira que a realidade, a sombra mais luminosa que a luz?...

A. Lôbo Vilela

MISSIONÁRIOS

por Léo

Estudar, aprender dos outros o resultado de suas experiências, de suas deduções, é o dever de tôda a gente, pela necessidade de se instruir. Mas pensar, reflectir, aprender consigo mesmo, pelo seu próprio esfôrço, a sós com a sua meditação atenta, é a justa ambição daquêles que querem saber porque vivem e compreendem. É a sabedoria («la sagesse»), tirada da nossa observação directa, dos nossos pensamentos reflectidos, do nosso sentimento.

Há casos em que prefiro esquecer, ou pôr de lado, tudo o que tivesse aprendido dos outros, mesmo os melhores, mais lógicos ou mais elevados ensinamentos, como se os desconhecesse, para apenas encarar os factos segundo a minha observação, sujeitando-os exclusivamente ao meu critério, à minha maneira de ver. Assim, por exemplo, tendo feito o meu estágio neste mundo mais a observar a vida do que pròpriamente a vivê-la, o resultado dessa observação, que já vai longa, faz-me acreditar que o impulso que determina os grandes acontecimentos de cada país, como aquêle que resolve os mais decisivos factos de que resulta a situação de cada pessoa, é em regra superior à nossa vontade e dirigido de mais alto. Tive sempre a impressão, muito pessoal e livre de quaisquer sugestões, que o livre-arbítrio de cada um de nós era limitado. Hoje, continuo acreditando que êsse limite não ultrapassa a nossa disposição para o bem ou para o mal, e que dêsse movimento para a direita ou para a esquerda, dependerá o género de fôrça ou fôrças que connosco trabalham, e que nos inclinam para o sofrimento, para a inconsciência, ou para a paz.

Os grandes acontecimentos que impõem a um país o descalabro ou a renovação, a desgraça ou a vitória, são obra dos homens, é certo, que os realizam à custa dos seus esforços, por sincero entusiasmo, por egoísmo apenas, ou por qualquer outra razão ou influência, mas agindo estas de harmonia com os sentimentos dêles, bons ou maus, pois que só os poderiam conduzir na direcção do seu próprio carácter, nunca forçando as próprias tendências, os sentimentos naturais. Não sendo assim, o criminoso não seria um culpado, mas uma vítima.

Acredito que esta guerra, contra a vontade de todos os homens de bem, que para a evitar empregaram os maiores esforços, desencadeada à fôrça, saltando por cima de tôdas as convenções e de tudo que até hoje o mundo estava habituado a considerar e a respeitar, foi lançada por vontade daquêles que, obedecendo aos seus instintos, teriam obedecido também às leis do Destino. Pois a humanidade esquecera que a vida não era apenas destinada ao prazer e ao luxo. E fôra necessário fazer-lhe lembrar que acima de tudo, na nossa alma devia fixar-se, e aí se manter, a idéia de Deus e o respeito pelas leis divinas.

Quando nós, portugueses, nos lamentávamos, envergonhados do atraso que ao regressar do estrangeiro notávamos em Portugal, «sempre atrasado pelo menos 20 anos, em relação ao resto do mundo civilizado», mal supúnhamos nós que deveríamos, em certos casos, abençoar essa falta duma aparente civilização, que afinal só servia para corromper costumes, inferiorizar almas, destruir bens morais. Bendito atraso, que nos terá valido a clemência de Deus, livrando-nos da calamidade que caindo sôbre os grandes civilizados, os obrigará a pensar que não vieram à terra unicamente para se inebriarem de gozos, considerando como único bem da vida um luxo desmedido, uma orgia de prazeres. Abençoada inferioridade, que nos manteve no respeito pelas mais respeitáveis manifestações da nossa ligação com o Espírito Divino e que nos conservou, no nosso atraso, fora da fogueira incendiada de civilização corrupta.

Como senhora — apesar do meu pseudónimo — não me interessa a política. Com um pseudónimo masculino — que de modo algum significa a pretensão de me confundir, mas apenas aproveitado o nome familiar que me dão os meus, feito das três primeiras letras

Amigos de «Estudos Psíquicos»

A crise da imprensa e os sucessivos aumentos de despesa que assoberbam a Administração desta revista, obrigaram-nos a organizar um núcleo de amigos que se disponham a auxiliá-la, no sentido de lhe mantermos o ritmo e assegurar-lhe a existência.

Até hoje, ainda pudemos viver, embora com sacrifício, não só em virtude de rigorosa administração, como também dos donativos recebidos e do papel que tínhamos em depósito, adquirido há muito tempo e a preço convidativo. Mas as condições actuais são muito diferentes; podem, mesmo, considerar-se pavorosas. O papel aumentou extraordinàriamente e não se encontra no mercado. Além disso, estamos em vésperas de grande aumento na mão de obra, que nos poderá obrigar — quem sabe? — a aumentar o preço da assinatura.

Agora, por exemplo, vamos abalançar-nos à encomenda de mil quilogramas de papel, por não nos facultarem encomenda mais pequena. Teremos, assim, de pagar cêrca de 8.000$00 (oito mil escudos).

Esperamos, pois, que todos saibam cumprir o seu dever, quer inscrevendo-se neste núcleo com qualquer cotização ao seu arbítrio, quer pagando a assinatura a tempo ou angariando novos assinantes. Os «amigos de «Esudos Psíquicos» ficarão na história do Espiritismo a atestar um elevado conceito de solidariedade e dedicação ao Ideal que nos guia.

Inscreveram-se nêste Núcleo os seguintes confrades, a quem apresentamos os nossos melhores agradecimentos.

Um Amigo, de uma só vez	500$00
Major Eurico de Castro Graça Zuzarte, de Elvas, cota mensal de...	10$00
Francisco Rezende, de Espinho, cota mensal de	5$00
José Pais de Carvalho, de Mangualde, cota mensal de	5$00
Dr. Fred, de Lisboa, cota mensal de	5$00
Jaime Pereira, marinheiro, «Lancha Bicuda», cota mensal de	5$00
Alfredo Lopes Xisto, de Coimbra, cota mensal de	5$00
António da Silva Braga Júnior, de Coimbra, cota mensal de	5$00
José Augusto Gonçalves, de Lisboa, cota mensal de	5$00
Uma camponesa, de Lisboa, cota mensal de	2$00
Dr. José de Campos Pais do Amaral, de Oliveira do Hospital, cota mensal de	
Francisco Elias de Carvalho Simão, de Ovar, cota mensal de	2$50
José de Morais Dias, de Braga, ano de 1943	50$00
Capitão Américo Pires, de Braga, ano de 1943	20$00

---

do meu nome pessoal — sou todavia muito feminina e nunca consentiria em trocar, mesmo que possível fôsse, a minha situação. Mas se a política me não interessa, impossível me será deixar de ver o que se apresenta diante dos meus olhos, como impossível me tem sido esquecer o que até aqui tenho visto. E êsse homem que para bem do seu país dedicou a sua vida, exclusivamente, a um trabalho intenso e sem tréguas, é para mim, perante a minha observação e o meu mais íntimo sentir, um missionário. Não me deslumbra a inteligência de Salazar, o seu tacto, a sua diplomática serenidade. Vi-o sempre como um enviado do Senhor. O seu modo de ser, a abnegação de tôda a sua pessoa, entregue a uma missão superior, indiferente a tudo que não seja o seu dever, — ¿que mais seria preciso para distingui-lo, e nos provar que se o temos, foi porque o Senhor no-lo enviou? Êle sabe que não está no mundo para viver a sua vida, mas unicamente para realizar a missão que lhe foi confiada. Marcado já pelo Destino, duma têmpera invulgar, trouxe consigo tôdas as qualidades necessárias a fazer cumprir o programa difícil de revolução social, elevação espiritual e evolução material.

É um crente. Não é espirita, mas eu compreendo-o; e tenho a certeza de que êle também me compreenderá.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

¿Será doloroso o momento da morte?

O *Reader's Digest* de Agôsto último insere o resumo dum artigo subordinado ao título desta nótula, da autoria de Lester Howard Perry, director do *Pennsylvania Medical Journal*.

Vamos transcrevê-lo:

Algum dia, leitor, terás que morrer, e, se fôres como a maioria dos mortais, terás mêdo da morte, pensando que ela é penoso transe. Garanto-te que não há fundamento para êsse mêdo.

Não há sensação desagradável na morte. O moribundo perde a consciência, tal como nos sucede quando adormecemos.

Que não há dor no fim, os médicos o afirmam, bem como aquêles que se aproximam da morte. Os moribundos e os raros que voltam da morte concordam com esta afirmação.

Não negamos que haja sofrimento antes da morte. Contudo, a lenta sufocação da pneumonia, a luta do afogado para respirar — tôdas as dores das doenças ou ferimentos mortais — tudo isso faz parte da vida e não da morte. Mas a palavra «agonia» assusta-nos a todos e faz acreditar que os últimos instantes, devem ser horríveis. Ouçamos o testemunho de *Sir* James F. Goalhart, grande médico inglês que acudia de propósito à cabeceira de todos os doentes, quando prestava serviço no Guy's Hospital. Chegou êle à conclusão de que «a morte nada tem de horrível para quem vai morrer, pois o véu que separa os dois mundos é uma pequena nuvem que se atravessa inconscientemente». Esta opinião é igualmente sustentada por outros grandes médicos, como, por exemplo, *Sir* Benjamim C. Brodie e *Sir* William Osler.

«Morrer, — diz o dr. Alfred Worcester, antigo professor de Higiene em Harvard, — é sempre fácil no fim».

O cancro é sempre dolorosíssimo na última fase; no entanto, o dr. Shelton Horsley, conhecido cancerologista de Richmond, Estado de Virginia, disse que «a morte do canceroso é aparentemente desacompanhada de qualquer dor ou sensação de desconfôrto».

Um dos factos que, realmente, nos consolam na vida é êste: as coisas que mais tememos perdem o seu horror, quando acontecem. Isto é verdade também a respeito da morte: quando se aproxima, não vem com inimiga.

Há 15 anos, Irvin S. Cobb, homem forte e jovial, caiu gravemente enfêrmo num hotel de Boston, quando realizava uma série de conferências. Sofrera uma hemorragia interna e fôra desenganado.

«Compreendi finalmente, — disse o conhecido humorista, — que estava muito perto da fronteira entre a vida e a morte. Comecei a ter sensação de afundamento, sensação lenta, suave e fácil, que me fazia cair na escuridão, numa nuvem que subia ao meu encontro, em que havia qualquer coisa de calmo e quási atraente. Estava prestes a ser envolvido, quando uma fôrça se afirmou em mim: «Se desistir agora, serei um cobarde. ¡Deixo tantas coisas inacabadas!» Devagar, cansado, lancei-me na luta para viver de novo. Alguns contemplam a morte com terror e repugnância em suas almas. A todos êsses, eu, que passei pelo Vale das Sombras, digo que nos encontraremos com ela sem mêdo e sem amargor, sem sofrimento, físico ou mental. Será uma transição pacífica, mudança eterna, mas misericordiosa.

Bruce Barton fala-nos de um drama semelhante. Num quarto de hospital estava um homem culto, sofrendo de pneumonia. Veio a crise. Nem o doutor, nem a enfermeira que segurava a mão do enfêrmo, sabiam bem se êle estava morto ou vivo. Passou o grande momento. O homem escapou.

— O doutor disse que o sr. esteve quási a passar desta para melhor, — contou-me Bruce Barton, algum tempo depois —. ¿Que sentiu ou pensou?

— Nada, — respondeu êle, — Não tinha interêsse algum em viver ou morrer. Estava apenas muito cansado e pensei: agora vou dormir.

Estes pacientes viveram bastante para contar as suas experiências. ¿E que dizer dos que

o não puderam fazer? Fez-se cuidadosa análise das últimas palavras de 1.229 indivíduos de certa importância: no máximo, um, em cada 60 dizeres, poderia ser interpretado como de mêdo ou dor; os outros 59 seriam desde a indiferença até ao êxtase.

Estudo fora do comum foi o dr. Edward Mammond Clark, no seu livro «Visões». Um dos seus doentes concordou em descrever as suas sensações, durante a descida para o inconsciente da morte. Um sistema de sinais pelos movimentos dos dedos foi combinado para que o paciente pudesse responder quando êste lhe preguntava: «Sofre»?.

Milhares de pessoas que agora vivem, já estiveram mortas — legal, biológica e verdadeiramente. É o que afirma o dr. Alexis Carrel, famoso cientista e cirurgião, detentor do Prémio Nobel e autor do livro O *homem, êsse desconhecido*.

«A morte, — diz êle — não é instantânea. Tem duas fases: geral ou morte do indivíduo, e local ou morte dos órgãos. A morte geral dá-se com a útima pulsação do coração, porque então tôdas as funções vitais cessam e a personalidade desaparece. Mas cada órgão morre a seu tempo. O cérebro morre em minutos e os rins vivem mais de uma hora ainda».

Carrel chama à primeira fase «morte reversível», porque a vida pode ser de novo insuflada por socorros de urgência, se os órgãos vitais não estiverem doentes. A segunda fase é «irreversível».

Um nadador é trazido para a praia sem sentidos, um motorista é encontrado caído sôbre o volante, com o motor a funcionar e as portas da garagem fechadas: o médico não sente pulsação, mas pede que lhe apliquem um pulmotor. Às vezes, a vida retorna.

Entretanto, segundo Carrel, aquelas vítimas já tinham, de facto, morrido... Haviam passado a fronteira da vida — pelo menos no que se refere à totalidade do seu corpo, inclusivé os sentidos e a percepção. As pessoas que volvem à vida pela respiração artificial só diferem das que permanecem mortas em virtude dos órgãos vitais não terem sido destruídos.

¿Que nos contam aquêles que reviveram depois do afogamento? Quási sempre dizem que não experimentavam sofrimento algum, após a luta inicial. O sofrimento do comêço transforma-se numa sensação de confortável sonolência. Assim é que um dêles, Grant Allen, conhecido escritor, escreve:

«O conhecimento que tive da sensação da morte é a causa da minha total indiferença física por ela». Morrer é tão indolor, como adormecer. Sòmente a luta preliminar, a sensação da sua proximidade é um pouco desagradável; mas, mesmo assim, muito menos do que arrancar um dente ou qualquer braço. Não tive nenhum impulso para recuar covardemente».

A razão sã e científica explica a nossa atitude em relação à morte, quando ela se aproxima. O simples processo de degenerescência fisiológica é o responsável. Cada pulsação do coração impele o sangue com um pouco menos de fôrça que a precedente. Enquanto a pressão arterial baixa cada vez mais, o cérebro é adormecido pela suave anestesia da queda de vitalidade. A onda turbulenta da vitalidade individual vai em maré descendente para o mar da vida universal de onde veio, fluxo que se dirige para o fundo tão tranqüilo, bem lá debaixo da superfície agitada. Descansamos, e, nesse repouso, encaramos com serenidade a maior aventura da vida.

Tocante prova de sobrevivência

A transcrição que vamos fazer de *Psychic News* é das mais incisivas que conhecemos na fenomenografia espirita, tais e tantas foram as provas dadas pelo espírito comunicante, através do médium Joseph Benjamim, em sessão particular realizada em fins de Agôsto, na residência de Maurice Barbanell.

«Eu tinha usado de tôdas as precauções — escreve o director daquêle semanário —. Nem apresentei ao médium um amigo presente, nem revelei o objectivo da sessão. Pois, não obstante a minha natural reserva, as provas da sobrevivência não se fizeram esperar. Benjamim descreveu rigorosamente um jovem aviador que desencarnara durante a capotagem dum aparelho, descrevendo os seus últimos momentos, em frases curtas, incisivas e tocantes. Em seguida, o espírito descreveu a queda no espaço, os ferimentos que recebeu na cabeça, e, por fim, a escuridão em que mergulhou...

«Sem a menor hesitação, Benjamim dirigiu-se ao meu amigo, dizendo-lhe: «o aviador é vosso filho», como, na verdade, era. Com efeito, a morte de tão belo soldado deixara os pais inconsoláveis, sobretudo a espôsa do meu amigo que ainda não recobrara o sangue frio, após oito meses da tragédia.

«Tudo isto revelou o médium, que, em menos de uma hora, provou àquêle pai angustiado que o seu filho estava ali connosco.

«Depois de descrever o aviador em questão, — até chegou a referir-se ao bigode à Clark Gable usado pelo comunicante — Benjamim disse que gostaria que o meu amigo tivesse trazido uma fotografia do filho, para verificar se as suas afirmações eram verdadeiras. Acto contínuo, o pai do aviador mostrou a fotografia pedida e reconhecemos imediatamente a veracidade das descrições feitas. Benjamim acrescentou que em casa do

Joseph Benjamim

meu amigo havia uma fotografia maior do «morto», o que era verdade.

«Mas não foi só o aviador que veio provar a sobrevivência. Uns após outros, alguns parentes deram provas claras, iniludíveis. Ali foram vistos pelo médium o avô e a avó do aviador, cujas características individuais Benjamim descreveu inteiramente. Além disso, notou a presença de outros parentes e amigos e descreveu também a casa em que o comunicante vivera, outrora, com a família.

«Depois, indicou a data do aniversário do «morto»: 10 de Maio. lembrando algumas cenas da sua infância e apresentando minudências acêrca da sua antiga profissão.

«O pai estava boquiaberto, em presença de tantos e tão rigorosos pormenores. A cada nome revelado pelo médium, exclamava. «É verdade», ou «absolutamente exacto».

«O espírito descreveu a última reünião que tivera em sua casa. Lembrou-se da sua paixão pela música e deu o nome das canções que mais o haviam impressionado. O seu hábito de ligar o receptor de telefonia, o fato que usava e o cão de que mais gostava, — tudo isto era comunicado inesperadamente.

«Soletrou, letra por letra, o sobrenome do pai, apenas com um êrro, e deu o seu nome de família, só conhecido de familiares e amigos íntimos. Chegou, mesmo, a dizer que vira sua mãe entrar num quarto sozinha, a chorar a desencarnação dêle, comunicante.

«O médium continuou a identificação: viu-lhe três listras no braço e acabou por declarar que era sargento piloto-aviador. Depois, aludiu a um anel de onix que o aviador recebera, como presente de seu avô.

«Não posso mencionar todos os pormenores dados pelo médium e que aludiam, até, a uma larga fenda existente no teto dos baixos, onde vivem actualmente os pais do aviador e de que Benjamim nunca tivera conhecimento, mas a que o «morto» se referira, para demonstrar que conhecia inteiramente certas particularidades do seu antigo lar.

«Muitas coisas relacionavam-se intimamente com a família e eram muito íntimas e sagradas para serem publicadas num jornal, mas tôdas elas podem considerar-se provas da existência do aviador noutro mundo diferente do nosso.

«Eu conheço êste meu amigo há muitos anos, mas não estava familiarizado com as referências dadas pelo médium Benjamim, que até indicou o nome da rua onde o aviador tinha nascido.

«O mais impressionante da sessão foi quando o aviador «morto», de 18 anos de idade, controlou o médium e se dirigiu directamente ao pai, pedindo-lhe que não andasse triste e explicando-lhe que vivia uma gloriosa aventura. Êle estava vivo. As lágrimas magoavam-no».

E o articuilsta termina assim a sua bela exposição:

— ¿Mas quem poderia impedir lágrimas de dor e de alegria, quando pai e filho se reüniam através do abismo nevoento da morte?...

Mediunidade artistica

Ainda do *Psychic News*, mas agora de 5 de Setembro último, vamos transcrever a interessante carta que o sr. Arthur Smith, de

Walverhampton, enviou àquela redacção, àcêrca las faculdades mediúnicas de Frank Loah, conhecido artista, cujos retratos de «mortos» atingem tal perfeição, que muitos amigos e parentes dos falecidos se têm convertido à doutrina espirita, absolutamente convencidos da sobrevivência da alma humana.

Segue a carta:

Sr. Director:

«Lembra-se, com certeza, da carta que lhe escrevi, há tempos, a pedir-lhe o enderêço do sr. Frank Leah, conhecido artista psíquico.

«A solicitação vinha do espírito de minha mulher, desencarnada há dois anos. A comunicação foi recebida por minha filha, em escrita automática e à mesa do chá, enquanto discutíamos a respeito da fotografia do Dr. Letari (guia de W. A. Lilley) obtida pelo médium acima citado.

Desenho psíquico de Frank Leah

Fotografia normal para comparação

«Passado algum tempo, o sr. Frank Leah dedicou-me uma sessão especial; e embora eu tenha presenceado várias espécies de fenómenos, creio que êste médium nos dá mais admirável concepção da mediunidade do que outro qualquer dos que tenho encontrado.

«Enfim, consegui que o artista me fizesse aquêle retrato; contudo, antes de o desenhar completamente, reconheci nêle qualquer preocupação estranha, uma espécie de dificuldade causada por excitação nervosa que impediu a conclusão do trabalho naquêle dia. Eu, porém, estava em Londres e pude voltar no dia seguinte, a-fim de receber o magnífico retrato, cuja prova remeto, inclusa.

«A clarividência de Frank Leah foi, realmente, maravilhosa, a começar no cabelo apartado ao meio, coisa que eu podia verificar muitíssimo bem. A respeito da bôca, nota-se que a fotografia normal mostra os lábios entreabertos, sendo verdade que minha mulher a considerava diferente, por apresentar a bôca afectada e não como era de seu natural. Esta idéia deve ter influído no seu espírito, ao saber que Frank Leah ia fixar-lhe os traços fisionómicos, através da sua clarividência.

«Os olhos, êsses, são tão parecidos, que ultrapassam, em expressão e realidade, a própria fotografia normal.

«Talvez eu seja dêsses maus observadores que possam viver sempre com uma mulher, sem lhe conhecer a côr dos olhos; mas o médium é que me deu êste retrato, que foi confrontado com o do passaporte de minha mulher, tirado em 1939.

«Garanto-lhe, sr. Director, que nenhum auxílio prestei ao artista, chegando até a notar algumas falhas na sua clarividência, por exemplo, na maneira como êle dizia que minha mulher usava o cabelo, embora êle se mantivesse firme, a respeito do que via.

«A mediunidade de Frank Leah revelou-se absolutamente correcta, até nos mínimos pormenores.

«Não se julgue que fui pedir provas a Frank Leah. Não senhor. Fui ter com êle, a pedido do espírito de minha mulher, para que êle fizesse um retrato igual ao que existe em nossa casa.

«Ela disse-me também que não sofrera alteração alguma desde a sua desencarnação e que estava mais viva do que antes. Muitas vezes me falou da causa da sua morte física, o que foi totalmente corroborado por Frank Leah.

«Como espirita convicto, creio nessa causa,

embora a certidão de óbito indicasse uma causa diferente.

«Os meus amigos julgar-me-ão com «aduela a menos», por me dedicar às curas psíquicas. Façam o que quiserem. Tenho obtido as maiores provas e esforço-me por transmitir aos outros o conhecimento e a realidade do Espiritismo».

Analisando bem o desenho de Frank Leah, à esquerda, e a fotografia normal, à direita, teremos de concordar com as palavras do sr. Arthur Smith. As faculdades psíquicas dêste médium notabilíssimo são únicas no género, como teremos ocasião de demonstrar, pois voltaremos a falar dêle brevemente, quer em nótulas desta secção, quer em artigo especial.

Descarga anímica de extraordinário significado..

Eugénio Fioravanti descreve em *Constância*, de Buenos Aires, um caso digno de vulgarização e estudo, subordinado ao título desta nótula. Vamos resumi-lo e oferecê-lo à meditação dos leitores.

Corria a primavera de 1902. O articulista era uma criança de tenra idade, entregue a jogos infantis. Um dia, estava êle entretido num «jôgo de roda» com outras crianças, quando um velho de barbas brancas e bela estatura se deteve junto dêles. O seu olhar sereno e a sua figura docemente paternal inspiraram confiança ao pequeno Fioravanti. Doutro modo, não teria consentido que êle o tirasse da roda e o convencesse a segui-lo até a casa.

— Recordo-me perfeitamente — diz Fioravanti — de que tinha a cara cheia de pequenos tumores e a comichão me obrigava a coçar sôbre as bostelas.

«Um dia, aquêle homem estranho apareceu no pátio da minha casa e teve o seguinte diálogo com minha irmã:

«— De quem é êste rapazinho?

«— É meu irmão. Que desejava?

«— Curar-lhe aquêles tumores. Êle vai à escola?

«— Sim, senhor! Às evangélicas de William Morris.

«— Caramba! Então a sr.ª Morris não lhe deu um remédio para aquilo? Ora, traze-me lá uma palangana com água fria...

«Minha irmã obedeceu prontamente, sugestionada pela palavra convincente daquêle homem, que depressa me colocou diante de si, aplicando-me banhos sôbre a cabeça, ao mesmo tempo que proferia qualquer oração que eu não compreendia. Após alguns minutos, fez qualquer recomendação e assegurou que, no dia seguinte, eu estaria livre de tudo. Depois, saiu, com os agradecimentos de minha irmã».

O articulista voltou aos jogos e regressou a casa para se deitar. No dia seguinte, todos os tumores do corpo lhe haviam desaparecido e seus irmãos estavam verdadeiramente assombrados pelo milagre da cura. Pouco depois, tôda a gente o visitava, a-fim-de se certificarem da realidade do fenómeno.

— Na verdade — escreve êle — foi coisa bem rara e só muito tempo depois pude tirar as minhas deduções, quando estudei certos aspectos da fenomenologia espírita.

O tempo passou e na memória de Fioravanti apenas ficara a imagem do homem das «barbas brancas», bem como a casa, o número, a rua, a disposição dos quartos, a côr das paredes e o pátio com frondoso parreiral. Esta particularidade é importante. Muito tempo depois, foi habitar outra casa com a mesma disposição de tudo e o mesmo passeio lateral. Só a rua e o número eram diferentes.

Nessa altura, Fioravanti estudava química e costumava visitar uma farmácia próxima, onde realizava práticas de laboratório, que eram do conhecimento das senhoras do bairro. Uma delas dirigiu-se-lhe um dia com um filho cheio de pequenos tumores na cara e na cabeça. E disse-lhe, sem mais preâmbulos:

— Você, que é «farmacêutico», quer curar os tumores do meu menino?

— Embora não seja farmacêutico — disse êle — vou curá-lo imediatamente. Traga-me uma palangana com água fria...

A senhora obedeceu; e logo que veio a água, o improvisado farmacêutico pegou na criança e lavou-lhe a cara e a cabeça. E voltando-se para a mulher, exclamou:

— Àmanhã já não terá sinais da doença...

A pobre mulher retirou-se com pouca fé no êxito da cura.

O facto é que, no outro dia, o garôto não tinha sinal algum da doença.

Daí a pouco, apareciam a Fioravanti inúmeros «clientes» espontâneos, que vinham em busca da saúde perdida... Alguns fôram beneficiados com aquela «água jordânica», mas o «facultativo» resolveu dar por finda a sua tarefa, não fôsse cair, inadvertidamente, na alçada da lei...

— O mais curioso — escreve ainda Fioravanti — é que, ao lavar a criança, uma estranha recordação me aflorou, instantaneamente, à memória: era a figura daquêle homem que me curara quinze anos antes, pelo mesmo processo que eu aplicava. A êste facto, raríssimo nas suas manifestações, outros se juntaram, todos dignos de estudo. Após um quarto de século, comentei a significação duma carga anímica a pessoas de grandes conhecimentos metapsíquicos e espiritas, entre os quais estava uma senhora com faculdades mediúnicas, que caiu em transe e facilitou a comunicação duma entidade espiritual que revelou ter sido a mesma que, havia quarenta anos, me curara os tumores da cara e da cabeça. E deu pormenores da rua e do número da casa, além de outros dados que reconheci serem exactos. Aquela entidade maravilhosa era Pancho Sierra. Por isso, formulo esta pregunta:

«— ¿As cargas anímicas provenientes de espíritos superiores mantêm-se por largo tempo como cargas virtuais do espírito, ou sofrem interferências que insensibilizam as manifestações mediúnicas?»

Eis um novo e grande problema posto à consciência e à inteligência dos filósofos. Dia virá em que estas e outras incógnitas desfarão os enigmas que acicatam a humanidade, abrindo novos horizontes à ciência hodierna.

As interferências a que alude o autor do artigo insensibilizam, certamente, as faculdades mediúnicas, sempre subordinadas a factores que possibilitam o fenómeno.

No caso sujeito, tanto podia ter havido «carga virtual do espírito», como eclosão subitânea de mediunidade.

A existência de Deus

«*Não há efeito sem causa* — disse Allan Kardec — e *todo o efeito inteligente tem forçosamente uma causa inteligente*». Eis o princípio sôbre o qual repousa o Espiritismo inteiro. Êsse princípio, quando aplicado às manifestações de além-túmulo, demonstra a existência dos espíritos. Aplicado ao estudo do mundo e das leis universais, demonstra a existência duma causa inteligente no universo. Eis porque a exstência de Deus constitui um dos pontos essenciais do ensino espirita.

Léon Denis

UMA CARTA

O nosso confrade e amigo Major Eurico de Castro Graça Zuzarte, pioneiro da velha-guarda que tantos e tantos serviços tem prestado à Causa, num incansável e voluntário apostolado, enviou à Federação Espirita Portuguesa a seguinte carta, reveladora do desânimo que dêle se apoderou, no tocante à confiança que lhe merece aquela agremiação, detentora de pergaminhos que não tem sabido respeitar e de responsabilidades que sistemàticamente engeita em holocausto a desígnios inconfessáveis que muito hão contribuído para o descontentamento dos espiritas sinceros.

Ex.mo Sr. Presidente da Direcção da F. E. P.
Rua de S. Bento, 640, Lisboa

Considerando que a F. E. P. falhou por completo aos fins para que foi organizada, não levando há muito, através de Portugal, a propaganda da Verdade que é o Espiritismo; não sendo a sua acção caracterizada por qualquer actividade que, sequer, ao menos, levasse aos seus filiados o confôrto e amparo da Idéia Espirita, periòdicamente, por meio de publicação conveniente; não constituíndo o núcleo federativo que devia constituir, sendo o apôio e recurso de tôda a família espirita; considerando que antes a F. E. P. vem vivendo há anos de forma apagada, o que sobressai dos considerandos precedentes, e não aparece a defender pùblicamente o Espiritismo, quando atacado, o que é seu primordial dever, como elemento máximo, que devia ser, da Organização Espirita em Portugal; tudo visto e serenamente por mim ponderado como sócio fundador da F. E. P., pelo próprio respeito que me merece a Idéia Espirita, é meu dever abandonar essa colectividade, pelo que informo V. Ex.as que nesta data me considero eliminado de sócio da F. E. P.

Solicito que, pelo correio, à cobrança, me seja enviado recibo das cotas mensais que eu tenha em divida. E, sem mais, e reservando-me o direito de dar a esta carta a publicidade que entender, sou,

De V. Ex.a
Att.o e Ven.

Eurico de Castro Graça Zuzarte
Major de Cavalaria 1
(Sócio n.º 38 da F. E. P.)

n.º 20, Nov.º/Dez.º/42

Notas & Comentários

A fúria do Padre Roque

Lemos há pouco certo aglomerado de palavras, alinhadas e comprimidas em forma de livro, onde se vê uma capa e pode ler-se, em caracteres vermelhuscos, como belfas de nédio abade: «O Espiritismo e a Reencarnação em face da Bíblia». Ao alto, um nome: Padre Roque do Nascimento.

Aqui estão duas coisas que a «coisa» tem: título e autor.

E já não é mau, como disseram os dois aboletados ao somítico da «Sopa de Pedra», quando êste os informou de que só podiam contar com água e lume...

Padre Roque leu o livro de Fernando da Cruz Ferreira, intitulado «Amor, Vida e Evolução». Leu-o e ficou furioso (1.º êrro intelectual). Rapou da pena (João, embaínha a espada!) e, travestido de Catilina, verteu em tôrpe linguajar a revolta, justa ou injusta, de que se achava possuído (2.º êrro intelectual). Finalmente, perdeu a compostura e desceu ao ataque directo. É isto um livro? Não é. Pasquinada é o seu nome.

Padre Roque adverte assim os possíveis leitores: «Se algum êrro de doutrina fôr achado nas páginas que se seguem, o autor dá-o desde já por corrigido consoante as instruções emanadas da autoridade competente. Não podia ser outra a atitude de quem sabe que o «Depósito da Fé» não foi confiado ao capricho de **qualquer**, mas, sim, ao juízo superior de um Magistério eleito e formado por Cristo». E logo no prólogo começa a chamar «inconsciente, paroleiro e burlão» ao autor do livro criticado, acrescentando, em observância da sua doutrina: «Convém, pois, expô-lo à troça, mostrá-lo tal qual é». Para isso, grita «um alerta a pleno pulmão a todos os portugueses para os pôr *em sentido* e prontos a dar combate à obra de sapa dos espiritistas, empenhados, consciente ou inconscientemente, em converter Portugal num grande manicómio»

A seguir, brama, como um possesso, já candidato ao hospício que tanto receia:

«Alerta! aos governantes do país, a quem incumbe tanto a defesa da saúde mental do povo contra a sementeira de doutrinas perniciosas, como a da sua saúde física contra a falsificação de géneros alimentícios, pois não merecem menos compaixão as vítimas da loucura que as da tuberculose: Alerta! aos ilustres psiquiatras portugueses que, por dever profissional, não podem calar por mais tempo uma das principais origens do enlouquecimento dos seus concidadãos: Alerta! aos sacerdotes e católicos cultos para que acabem com o encolher de ombros da indiferença e se resolvam a desmascarar a turba de lunáticos, que por tôda a parte espalham êrros grosseiros, pretendendo autorizá-los com sacrílegas deturpações da Escritura: Alerta! ainda, aos cristãos menos instruídos para que sem detença virem costas aos emissários de Satanás e lancem ao fôgo, por anti-religiosos, os seus desconcertados e desconcertantes aranzéis: Alerta! enfim, a todos os portugueses amantes da verdade e da Pátria».

¿Por onde andaria o coitado do Padre Roque, que não teve tempo de ler a Escritura? São de comício suas falas, que não de soldado de Jesus Cristo. E então a crítica fica desarmada, sem fôrças quasi para anunciar a obra. Porque ela é tôda assim, em forma de sátira. A sua divisa é esta: *O Espiritismo, eis o inimigo!* e os espiritas são «antropopitecos evoluídos, amigos do diabo, forjadores de mentiras, fautores de perversas doutrinas.»

Que truanice! Que lástima!...

Abra a Escritura nas Epístolas de Paulo e leia connosco, sr. Padre Roque.

«Foge de contendas de palavras, que para nada aproveitam, senão para perverter os que as ouvem. Apresenta-te digno de aprovação, como operário que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.» «Evita igualmente questões desassisadas e que não servem para instrução, sabendo que produzem contendas. Porque não convém que o servo do Senhor se ponha a altercar, mas que seja manso para com todos». (II Paulo a Timóteo, 14, 15, 23 e 24).

Em vez dêste panfleto furibundo, devia ter escrito um livro ponderado, analisando com razão lógica, emendando os êrros, quando, em boa verdade, os houvesse. Enfim, que «as tuas palavras sejam sãs, irrepreensíveis, para que os nossos adversários se envergonhem, não tendo que dizer de nós mal algum» (Paulo a Tito, II, 8), «fugindo de questões impertinentes e de disputas e de contestações sôbre a lei, porque são inúteis e vãs» (Idem, III, 9).

E para terminar, diremos: «Se alguem ensina doutrina diferente desta, e não abraça as sãs palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, e aquela doutrina que é conforme a piedade, é um soberbo que nada sabe, mas antes titubeia sôbre questões e contendas de palavras, de onde se originam invejas, bulhas, blasfémias e más suspeitas» (I Paulo a Timóteo, IV, 3 e 4).

Que lástima tudo isto! Que lástima!...

¡A que homem foi confiado o «Depósito da Fé»!

¡Que os puros espíritos tomem à sua guarda o destino do padre Roque!

A propósito duma arenga

Há pouco, as antenas da Emissora Nacional vibraram intensamente, quando ao respectivo microfone falou o sr. Raul Machado, tentando expor o que entende por Espiritismo e Metapsíquica. E foi logo explicando, em oportuno introito: «Não se pretende aqui molestar os espiritas: — seria atiçar um vespeiro! Deseja se apenas dar idéia geral e hodierna ácêrca das relações entre o espiritismo e a metapsíquica».

O locutor tenta definir, assim, o Espiritismo:

«Todos os espiritas e não espiritas concordam nesta definição: — o Espiritismo é um conjunto de factos (naturais ou extra naturais, provocados ou espontâneos, fictícios ou verdadeiros) e de doutrinas (teorias ou deduções) baseadas naquêles. A doutrina espirita afirma a evolução progressiva, no

tempo e no espaço, da parte espiritual do homem, sobrevivente após a morte, e a comunicação activa com os espíritos por meio de pessoas dotadas de qualidades especiais — os médiuns. Esta definição descritiva engloba os elementos essenciais do espiritismo: fenómenos e médiuns, como elementos basilares, positivos; supervivência e comunicação, como elementos deduzidos e doutrinários. Por outras palavras: é uma doutrina científico-religiosa, baseada nos fenómenos mediunísticos.

«Não há dúvida de que a construção espirita, como qualquer outra teoria ou hipótese, alicerçada nos factos, se lhe faltar o fundamento seguro e sólido dos fenómenos, desaba em ruínas, esfarela-se em pó, volve ao nada.»

A seguir, diz que a «Metapsíquica se ocupa em primeiro lugar em estabelecer, com exactidão científica, a autenticidade dos fenómenos mediunísticos e só depois é que constrói hipóteses e teorias. Ao contrário, o Espiritismo intenta, como objecto primacial das suas preocupações, dar uma explicação e interpretação das manifestações ocultas, que devem, conforme a sua doutrina, atribuir-se aos espíritos».

Finalmente, num rebate de consciência, declara: «É certo que o Espiritismo também se entrega, por acréscimo, à verificação da realidade nas sessões espiritas.»

Se em teoria, — como quere o sr. R. Machado, — «a Metapsíquica não trata com o mundo dos espíritos, mas com os fenómenos do desconhecido», na prática e «segundo Paul Heuzé, fenómenos espiritas e fenómenos metapsíquicos, são uma só e mesma coisa».

Mais adiante, o crítico toma a iniciativa de «pôr de banda os fenómenos espiritas, por não merecerem crédito científico» e passa a «ver» as «categorias de fenómenos metapsíquicos», para observar, finalmente, «que existe um paralelismo perfeito entre as categorias dos fenómenos espiritas e dos fenómenos metapsíquicos. Para isso, o Espiritismo procura apoiar-se com firmeza nas manifestações da Metapsíquica».

Após tão enxundiosas cogitações, descobre que a Metapsíquica se resume «em criptestesia, telecinesia e ectoplasmia», mas que a realidade é outra, «pois ainda não se verificou, até o presente, nem sequer um fenómeno verdadeiro, autêntico, indubitável e convincente, nas sessões de metapsíquica, fiscalizado com rigor científico».

Aqui está o que, em resumo, disse o reverendo Raúl Machado. Compreenderam? Nós não compreendemos lá muito bem. Então, se o Espiritismo é uma *doutrina científico-religiosa*, no consenso de «espiritas e não espiritas», ¿com que direito põe êle de banda os fenómenos espiritas, «por não lhe merecerem crédito científico»? Não diz êle, pouco depois, que existe perfeito paralelismo entre os fenómenos espiritas e metapsíquicos, como já dissera atrás que «fenómenos espiritas e fenómenos metapsíquicos são uma e a mesma coisa»?

Se na Ciência êle encontra lugar para a Metapsíquica, que «se ocupa a estabelecer, com exactidão científica, a autenticidade dos fenómenos», também o deve encontrar para o Espiritismo, que, segundo a frase que proferiu acima, «se entrega à verificação da realidade dos fenómenos espiritas».

Em que ficamos, pois?...

Lamentamos que o reverendo Machado chegue a tão peregrinas conclusões, em seu perfuntório comentário. ¿Não há, então, fenómeno algum verdadeiro e convincente, nas sessões metapsíquicas fiscalizadas com rigor científico!?... Não haverá para êle, que é cego de nascença e, quando discreteia, o faz sem verdadeiro conhecimento de causa, nem probidade científica.

Basta folhear o seu livro «Segredos do Espiritismo», publicado há cêrca de onze anos, para se avaliar o estofo crítico do reverendo.

Na pag. 20, por exemplo, e depois de transcrever uma frase do grande sábio William Crookes, em que êste se declarava convencido da realidade dos fenómenos, depois de assistir a doze sessões, «aplicando nelas tôda a perspicácia que possuía», o ilustre autor afirma: «Infelizmente, a perspicácia crítica de Crookes, que *nas suas experiências de física não deixa nada a desejar*, foi lamentavelmente cega nos fenómenos com o médium escocês» (refere-se a Donglas Home).

Na pag. 35, ao referir-se às experiências do mesmo sábio com Miss Cook e achegando-se à opinião gratuita de A. Lehmann, segundo a qual os relatórios de Crookes «são novelescos», tem esta tirada piramidal: «Não se pode esperar de um sábio experimentador mais ingenuïdade, nem mais parvoíce».

O crítico não se escudou em elementos sérios para aventar afirmações terminantes e simplistas a respeito do maior físico dos tempos modernos, cuja meticulosidade e rigor científico eram proverbiais nas investigações do grande sábio, que declarou, uma vez, na Real Sociedade de Londres: «Tendo verificado a realidade dos fenómenos espiritas, seria cobardia moral recusar-lhe o meu testemunho. Após seis anos de experiências rigorosamente científicas, não digo que os fenómenos são possíveis; digo que são reais». Isto foi o que disse Crookes. Tudo o mais é farelório, é especulação, é pacotilha. Mais tarde, constando que êle se retractara, afirmou no Congresso de Bristol: «Mantenho as minhas afirmações já publicadas. Poderia até acrescentar-lhes muito».

Quando Crookes diz que *viu*, *mediu* e *pesou os fantasmas materializados*, nada há a opor-lhe. Há que acreditar; aliás, teríamos de opor a mesma reserva às suas pesquisas no campo da física, da química, da matemática, da astronomia e da electricidade. Tôdas as suas investigações obedeceram ao mesmo critério dedutivo.

O livro citado baseia-se em obras anti-espiritas, perdendo, assim, tôda a importância crítica. Para se fazer uma idéia clara dos seus intuitos, basta ler a primeira frase do prefácio: «O Espiritismo alastra em Portugal, como grama em campo sem cultura». E assim por diante...

Não vale a pena lavar o ébano, esperando vê-lo da côr do marfim. Por isso, o ilustre reverendo perdeu o seu tempo a negar o que está à vista de todos.

Pretender negar a realidade dos fenómenos, no ano da graça em que vivemos, é insensatez e loucura. Pois se êles não existissem, se não constituíssem uma base verdadeiramente sólida, as conversões de sábios eminentes não se tinham verificado às dezenas. Quem duvida de Lodge, Crookes e Richet, terá direito de exibir a sua parolice e a sua incredulidade, mas não de falar ao microfone da Emissora Nacional, cujos ouvintes merecem respeito e exigem que se lhes fale outra linguagem.

Para fecho destas linhas, esbocemos uma pregunta:

— ¿Porque diria o reverendo R. Machado que

Por êsse mundo...

Notícias do Brasil

Após um ano de ausência, chegaram os jornais brasileiros que estavam retidos pela censura, desde Novembro de 1941. Nesta remessa, ainda faltam muitos números que, oxalá, nos venham parar às máos.

Habituados, como estávamos, ao convívio desta fogosa e honrada imprensa, dela extraíndo, com regularidade, muito noticiário que esmaltava as nossas secções em cambiantes de alegria e de côr, sentíamos profundamente essa falta, motivada pela anormalidade das comunicações. Hoje, exultamos. Temos na nossa frente muitos arautos que correm mundo, espalhando a boa nova do Espiritismo e dando conta de esplendorosas realizações sociais na grande pátria de Além-Atlântico. A estes amigos sinceros, o nosso afectuoso abraço de boas-vindas! Pensávamos nêles. E êles vieram, para nos matar a saüdade. Bem hajam!

Chegou *Mundo Espírita*, o belo semanário de Henrique Andrade, que entrou no décimo ano de existência dinâmica, generosa e cavalheiresca, a pugnar pela fundação da «Gráfica Mundo Espirita», afim de assegurar a sua publicação e a doutros órgãos espiritistas; chegou o *Reformador*, orgão da Federação E. Brasileira, cada vez mais interessante e remoçado, onde penas consagradas continuam a afirmar-se, como Leopoldo, Imbassahy e Quintão; chegou a *Revista Espirita do Brasil*, dirigida pelo espírito moço de Deolindo Amorim, a quem nos ligam grandes afinidades espirituais; chegou *Revelador*, órgão da União Federativa Espirita Paulista, revista moderna, animada por Odilon Negrão; chegou a *Revista Internacional de Espiritismo*, onde José da Costa Filho continua a obra do saüdoso Cairbar Schutel...

E chegaram outras mais modestas, embora de igual temperamento combativo, como *Estrêla do Bem*, *Conquista-Espirita* e *Amor à Verdade*.

Deixámos para o fim uma interessante e magnífica revista de Recife-Pernambuco, órgão da Federação Espirita Pernambucana, da Cruzada Espirita Pernambucana, da Liga Espirita Suburbana e da Casa dos Espiritas de Pernambuco. Intitula-se *A Verdade* e é dirigida por B. M. Verri. Com apresentação gráfica esplêndida, esta publicação apresenta um texto variadíssimo e podemos considerá-la uma das melhores revistas doutrinárias brasileiras.

— A Federação Espirita Brasileira resolveu não dar «passes» nem receituário medúinico aos necessitados que lhe batiam à porta, por estar convencida de que o novo Código Penal proíbe êsse direito, durante longos anos exercido.

Mundo Espirita, em nota do seu director, é de opinião que os médiuns se encontram, perante o Código, na mesma situação em que estavam. Só serão punidos, como dantes, os exploradores e mistificadores. Os bons, os sinceros que praticam a mediunidade por amor ao próximo, nada terão a receiar. Poderão ser atribulados e perseguidos — assim foi sempre — mas receberão justiça.

Com efeito, a Liga Espirita do Brasil requereu ao Chefe da Polícia do Distrito Federal fôsse esclarecida a doutrina dos artigos 282, 283 e 284 e seu

---

molestar os espiritas era atiçar um vespeiro? Até agora, só uma «vespa» apareceu a enfrentar os inimigos do Espiritismo... Foi *Estudos Psíquicos*. E tem-no feito com correcção e aprumo, sem excluir a firmeza que deve à sua posição ideológica. A não ser que as nossas palavras tenham o condão de ressoar como um clarim, levando a inquietação às hostes adversas...

O Burro Canário

Um dia que já vai longe, o *Diário de Notícias* anunciou a existência de famoso asno em terras do Brasil, vidente como a sua colega de Balaão e que, por acréscimo, adivinhava tudo, menos o número da «sorte grande», que faz gemer as «esferas», frente à ansiedade dos interessados na lotaria. Muitos cotidianos portugueses glosaram o mote, em maior ou menor dissonância, e até os microfones vibraram intensamente à vista de certos mentores que bebiam do fino e guardavam com enorme interêsse a chave do mistério.

A nova foi correndo mundo, sempre em aumento, como os «pontos» do conto, e chegou às revistas de ano, de mês e de semana, mais actualizada do que a falta de limões. O *Burro Canário* excedia tudo o que «a antiga musa canta», ultrapassando em muito os «barões assinalados», os cães sábios e os cavalos de Elberfeld, que tanta celeuma produziram no campo da psicologia animal... até que há poucos dias o nosso vizinho *Diário Popular*, o mais simpático dos diários portugueses, descobriu o «jôgo» aos farsantes que ganhavam a vidinha à custa do pobre jumento que só *adivinhava* na presença do tratador, ficando mudo e quêdo quando o afastavam do homenzinho. Já se deixa ver que a adivinhação era exacta, quando se referia a qualquer coisa do conhecimento do tratador que, neste caso, o mesmo é dizer, do charlatão. Fora disso, isso adivinha êle, que é curioso! E tudo conjugado com propaganda jornalística paga a dinheiro de contado, tinha de produzir efeito surpreendente.

Felizmente, *Estudos Psíquicos* foi avisado a tempo e por isso nem uma só linha escreveu a tal respeito. Sabíamos de antemão o que iria suceder, bem como o que se havia passado. Tudo foi previsto a tempo, com precisão matemática. E, dêste modo, ventilamos o assunto, não através da psicologia asinina, mas da psicologia humana, tão cheia de ingenuïdade e... maldade. Acareando os comparsas desta comédia burlesca, talvez pudéssemos saber qual teria sido mais «burro» ou mais «filósofo». Por agora, chegámos, naturalmente, a esta conclusão extraída da sabedoria popular:

— Quem o alheio veste, na praça o despe...

parágrafo do novo Código, em face da prática religiosa observada nos Centros Espiritistas, no tocante a «passes» e água fluídica, e preguntou se poderia continuar o exercício dessas práticas. O despacho foi o seguinte: *Nada ha que deferir em face do que estatui a Constituïção da República.*» A Constituïção diz que «todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para êsse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum, as exigências da ordem pública e dos bons costumes.»

Contudo, a Liga Espirita é de opinião que os «passes» e a água fluídica não devem ter carácter terapêutico, mas ser aplicados simplesmente nas sessões, como prática religiosa. Quanto ao receituário mediúnico, foi banido dos seus trabalhos.

— O nosso colaborador Leopoldo Machado fez uma excursão de propaganda ao norte do Brasil, realizando muitas conferências em Alagôas e na Baía, sua terra natal. Como nos anos transatos, o seu trabalho despertou enorme sensação e trouxe milhares de adeptos para a Causa. Segundo o correspondente da *Revista Espirita do Brasil* na Baía, Leopoldo Machado realizou ali 16 conferências. O mesmo correspondente acrescenta: «O exito foi completo e sem precedentes no meio espirita da Baía. Recintos amplíssimos, como o do Liceu de Artes e Ofícios, onde se realizou a 2.ª conferência, o da União Espirita Baïana e o do Instituto Kardecista, tornaram-se exíguos para conter a avalanche de povo que acorria a ouvir o verbo altiloqüente do famoso paladino do Espiritismo no Brasil.»

Os nossos cumprimentos ao colaborador e ao amigo.

— O Hospital Espirita Pedro de Alcântara foi entregue em Março último ao seu proprietário, pela respectiva firma construtora. A *Associação Espirita Obreiros do Bem,* à frente da qual está o nosso estimado consócio Agostinho Pereira de Sousa, deve rejubilar com o êxito de tão belo e generoso empreendimento. Que encontre novas facilidades para conclusão da sua obra, são os nossos sinceros votos.

— O nosso consócio Dr. Henrique Andrade, director de *Mundo Espirita* foi eleito presidente do Conselho Deliberativo da Associação Espirita Obreiros do Bem. Acertada nomeação que muito contribuïrá para atingir ràpidamente os objectivos colimados.

— Fundou-se no Rio de Janeiro a Coligação Brasileira de Assistência Social, agremiação que tem por fim estudar os fenómenos espiritas, prègar os Evangelhos do Cristo e praticar a caridade por todos os meios ao seu alcance. O seu Conselho Directivo é composto pelos seguintes confrades: Presidente, General Amaro de Azambuja Vilanova; 1.º vice-presidente, General Manuel Arriaga de Faria; 2.º vice-presidente, Professor Dr. Domingos Magarinos; secretário Dr. Fernando Bastos; sub secretário, Capitão Silva Pinto; tesoureiro, contador Dr. Claudionor Fraga; sub-tesoureiro, Uriel Sérgio Cordeiro; consultor jurídico, Dr. Celestino Vasques de Freitas; bibliotecário, Rogaciano Montes; presidente secretário geral, David Lopes.

Esta colectividade propõe-se organizar uma Corrente Mental Espiritual três vezes por semana, afim de beneficiar todos os seus filiados que se encontrem em dificuldades.

Noticiário

Auxílio aos necessitados

Damos hoje a lista geral dos donativos recebidos e destinados a levar um pouco de confôrto aos protegidos por êste Centro:

Centro Espiritualista Luz e Amor, 60$00; Isidoro Duarte Santos, 10$00; Estevão Rodrigues, 10$00; Antonio Castanheira de Moura, 20$00; D. Maria Gonçalves Duarte Santos, 10$00; João José Alves, 5$00; Dr. Fred, 20$00; Dr. Sebastião Elviro Martins, 7$50; Rufino Augusto Lopes Bragança, 5$00; Damião Teixeira, 5$00, Ernesto de Macedo, 10$00; Major Eurico de Castro Graça Zuzarte, 20$00; Guilherme Miguel Afonso, 10$00; Hermínio Augusto Neves, 5$00; D. Maria de Vasconcelos, 5$00; Frederico Pereira, 5$50; Antonio Alves Bartolomeu, 2$50: Uma camponesa, 10$00; Armando Mendes Madeira, 5$00; X, 5$00, Z, 5$00, Mario de Jesus, 5$00; José Antonio Vitorino, 10$00; Bernardo Correia de Almeida, de Alcobaça, em intenção do espírito de sua falecida espôsa, 10$00; Aires dos Santos Pinto, de Malange, 200$00; Sócio Amigo, 5$00; D. Beatriz de Barros e Sousa Amaral, 10$00; Anibal dos Santos Lopes, 5$00; G. M. 5$00; José Gonçalves Losa, 10$00; D. Cecília de Figueirêdo Pais, 5$00; D. Maria de Jesus Fernandes Silva, 5$00; D. Emília da Cruz, 10$00; D. Maria Joana Varela, 2$50; Raúl de Figueirêdo, 5$00; Um dos Novos, 5$00; José Tarriño, 1$50; Jaime Nunes Teixeira, 1$50; D. Maria Alda, 2$50; Anónimo, 5$00; D. Micaëla, 2$50; D Rosa da Conceição Lourenço, 16$00; E. F. M., 20$00; Antonio Proença Barata, de Gonçalo, 2$50; D. Joana Salazar, 5$00, Por intenção do espírito de Manuel Parada, filho, falecido em 11-11-942, 2$50; Uma senhora, 6$00; Adelino A. Fernandes, 2$00; M. Costa, 10$00; D. Silvina A. Rodrigues, 5$00; D. Emília A. R. dos Santos, 5$00; Manuel Caetano. 2$50; D. Maria Calado, 1$00; Guilherme M. Jorge, 5$00; F. M. 5$00; Gaspar Dôres, $50; D. Francisca da Assução, 7$00; Francelino Marinho, 1$00; Manuel Augusto Valdigem, 5$00; Manuel Ferreira, 5$00; coronel Faure da Rosa, 10$00; Eduardo Manuel Cortes, 5$00; D. Maria de Lourdes, 1$00; Carlos Silva, 5$00; Manuel P. Barata, 2$50; D. Vitória, 2$50; D. Albertina Freire, 5$00; D. Ester de Oliveira, 2$50; D. Margarida de Carvalho Silva, 2$50; Grupo Espirita «Allan Kardec», 55$00; D. Delfina do Nascimento Silva, 5$00; D. Laura Valdez, 5$00; A. Parreira, 10$00; Francisco Elias de Carvalho Simão, de Ovar, 20$00; Dr. José de Campos Pais do Amaral, de Oliveira do Hospital, 14$00; Albano Antònio Ribeiro, do Porto, 5$00; Torcato Cardoso Ferreira, de Almeirim, 5$00; Outro dos Novos, 5$00; Anónima, 1$00; D. Maria Emília Teixeira, 5$00; D. Aida Fernandes, 1$00; Cerqueira, $50; Anónima, por alma de seu pai, 3$00; Uma senhora, $50; António Saraiva, 1$00; Anónima, 1$00; Anónimo, 10$00; D. Maria do Rosário, 1$00; D. Maria Santana Pinheiro, 5$00; D. Ermelinda Valente Silva, 5$00; D. Aurora da Conceição Monteiro 20$00; D. Virgínia Neves Antunes, de Besteiros, 2$00 e Constantino Brites, do Cartaxo, 10$00. — Total 873$00.

Foram contemplados 57 pobres com géneros de mercearia.

Jornais e revistas

Como dissemos no penúltimo número, continuam a faltar muitos jornais e revistas estrangeiras que nos honravam com a permuta.

Da Argentina, faltam-nos *Constancia* e *La Idea*; De Venezuela, *Evolucion*; de Cuba, *Rosendo*; Do Brasil, só vieram algumas até Abril de 1942.

Permanecem as dificuldades, que se refletem na organização da nossa revista.

Chegaram *Revelacion*, órgão oficial da Associação «Alas Blancas», de Estudos e Culto Cristão; *Claridade del Alma*, órgão da Associação Espiritista do mesmo nome e *Cristianismo*, órgão da Associação Cristã «Providência», Centro de Estudos Psicológicos, tôdas de Buenos Aires.

Recebemos *Psychic News*, de Londres, que se afirma pela pontualidade britânica.

De Portugal, chegaram *Luz e Caridade*, *A Rosacruz*, *Além*, *Região de Leiria*, *Comércio de Leixões*, *Vitimas da Guerra*, *Trás-os-Montes*, *Vida Mundial* e *Natura*.

As nossas saüdações fraternais.

Dr. Inácio Ferreira

Recebemos há pouco uma carta dêste nosso amigo, redactor de *Estudos Psíquicos* em Uberaba, Brasil, datada de 3 de Janeiro de 1942. Entre outras coisas, informava-nos estar a concluir um trabalho destinado à nossa revista, o qual devia ser expedido no fim do mesmo mês. Estamos no fim do ano... e a correspondência não aparece. A guerra leva-nos tudo, ate a satisfação de receber notícias dos amigos.

As nossas conferências

No dia 8 de Novembro, o director de *Natura*, sr. Bonifácio Antunes, realizou no Centro Espiritualista Luz e Amor a sua anunciada conferência, intitulada «As fôrças ocultas da Natureza na Vida e Saúde Humanas». Ouvido com grande interêsse por numerosa assistência, tratou largamente do magnetismo no tratamento das doenças e referiu o seu «caso» pessoal, citando a seguir a opinião de muitos investigadores, entre os quais o Dr. José Ribeiro Alves Junior e outros, e terminou por tecer um hino ao naturismo e ao espiritualismo, entrelaçando na mesma grinalda *Natura* e *Estudos Psíquicos*.

Em 6 de Dezembro, coube a vez ao nosso colaborador, sr. coronel Faure da Rosa, que leu um interessantíssimo trabalho acêrca do *medium Pascal Forthuny*, mantendo o auditório em constante espectativa. A sua dicção impecável e o natural aprumo com que costuma apresentar-se, grangearam-lhe há muito tempo a simpatia de todos os nossos confrades. A sua conferência representou, portanto, um novo triunfo da sua acção de propagandista.

Transcrições

Estudos Psíquicos continua a ser honrada com transcrições de vários artigos.

O Comércio de Leixões teve a gentileza de transcrever em fundo o artigo «Espiritualismo — (Alma Espiritual)» da nossa colaboradora *Léo*; a *Revista Internacional de Espiritismo*, o artigo de M. Tavares, intitulado «¿ Mortos ou Vivos ?» ; *O Reveladór*, «Camilo Flammarion — Um carácter», do nosso redactor-correspondente em Buenos Aires, Dr. Luís M. di Cristóforo, e «Mecânica Psíquica», de Faure da Rosa.

A todos, os nossos agradecimentos.

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

Destinados a *Estudos Psíquicos*, recebemos os seguintes donativos que muito agradecemos:

F. M. G., do Rio de Janeiro	1.000$00
Antonio P. Barata, de Gonçalo . . .	2$50
Maria do Rosário Nascimento, de Castro Verde	5$00
Joaquim Augusto André, de Almeirim .	5$00
D. Maria Ferreira Soares, de Santiago de Castelões	15$00
D. Cecília de Carvalho, de Santiago de Castelões	5$00
Antonio da Silva Braga Júnior, de Coimbra	25$00
Alfredo Lopes Xisto, de Coimbra . .	25$00
Francisco Elias de Carvalho Simão, de Ovar	20$00
Total.	1 102$50

Programa dos trabalhos do Centro durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 1943

Dia 3 de Janeiro, às 16 horas — Conferência por Filipe de Sá, intitulada: «O Profeta Daniel e os Quatro Impérios Universais».

Dia 10 de Janeiro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 17 de Janeiro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 24 de Janeiro, às 16 horas — Conferência por Isidoro Duarte Santos, intitulada «A Morte e os seus Fantasmas».

Dia 31 de Janeiro às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 7 de Fevereiro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 14 de Fevereiro, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «Viver com Alegria».

Dia 21 de Fevereiro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 28 de Fevereiro, às 16 horas — Sessão experimental.

Estudos Psíquicos

saúda tados os seus colaboradores, amigos, assinantes e leitores, desejando-lhes feliz Natal e um Ano Novo muito próspero, cheio de felicidade espiritual.